

Meu

Clichê



A n a V i t o l a



Meu Clichê

Ana Vitola

Copyright ©

Capa: Natyelle Pinho

Revisão: Valéria Avelar

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Agradecimentos

Agradeço a todas às minhas leitoras no Wattpad que com os comentários, votos e incentivos me deram todo o apoio que precisava para levar esse projeto à diante.

Ana, Lidi, Jaci, Dora e Tiara, por todas as vezes que me aguentaram falando sobre o trabalho. Vocês sabem que são as minhas irmãs de outros estados, e que eu não seria nada sem vocês ao meu lado nesses 8 anos. As palavras certas não existem no universo inteiro.

Às “*Vacas da Ana*” e ao grupo no facebook por todas as ameaças possíveis e impossíveis para que eu postasse mais capítulos, trechos ou spoilers.

À minha família.

Me sento no banco baixo e abro a tampa do piano vertical preto que faz parte dos instrumentos

da banda que estava tocando. Oitenta e oito teclas, três pedais e eu. Trio perfeito. Corro a mão delicadamente sentindo as teclas nas pontas dos meus dedos e um arrepio corre a minha espinha. Não é um arrepio de coisa ruim e sim daquela sensação de estar conectada ao instrumento. Começo testando umas notas aleatórias vendo sua afinação. Uma, duas, três, quatro, e sinto que a afinação está do jeito que eu gosto.

Começo tocando uma música aleatória, sem me preocupar com o nome dela, como se estivesse me apresentando a ele. Conhecendo seu som, textura, peso ideal e distância entre as teclas. Depois de um conhecimento prévio, começo a tocar para valer, deixando meu corpo descansar com a música que produz. Todo o estresse, cansaço e dores são libertos nas teclas e eu me sinto mais leve.

Estou nesse ramo de promotora de festa, recepções, aniversário, casamentos e afins há pouco mais de quatro anos, desde que me formei na faculdade de administração e com algum dinheiro que eu já estava guardando há um tempo, montei meu próprio negócio. No início, levei muitos tombos e críticas, e me levantei depois de todos. Limpei a poeira da roupa, ergui a cabeça e fiz de novo, ou como diz o meu tio, teimosia nata, mas que agora reflete em bons frutos. Já estou fazendo de três a quatro eventos por mês, que para uma principiante é um ganho e tanto.

Meu tio é minha estrela guia, minha âncora. Com certeza se não fosse por ele estaria perdida em algum canto da cidade sabe-se lá fazendo o que. Me adotou quando eu tinha pouco mais de cinco anos e desde então me trata como uma filha, ao contrário de sua querida e amada esposa, que me detesta. Acho que pelo fato de ela nunca conseguir engravidar, e o meu tio me tratar desse jeito, piora a situação, mas ela também não faz o caminho do meu afeto. É uma vaca vestida com marca. daquelas que a Cruela Devil deveria ser discípula. Eu relevo, o que ela fala nem me afeta, e nem me abala mais, principalmente quando ela se faz de minha amiga na frente do meu tio, só sorrio e aceno, como fazem os pinguins do Madagascar.

Depois do meu trabalho, minha segunda paixão é o meu trabalho voluntário no orfanato do meu bairro. Cada vez que entro lá, deixo todos os meus problemas de fora e percebo que eles são mínimos. Cada sorriso desdentado das crianças menores, me dão forças para continuar o que eu faço. Dou aula de música duas vezes de semana para eles, é a minha paixão. Não troco por nada, nem por um milhão de reais. Meu maior orgulho de todos.

Embalado uma música mais rápido no piano, ele não tem a maciez do meu de cauda preto brilhante, que quase não cabe no meu minúsculo apartamento. Troquei a minha festa de formatura por ele, e o revestimento do meu quarto musical para abafar o som, pela melhor festa de formatura do mundo. Sem os meus instrumentos eu estaria perdida e sem chance de resgate. Enquanto todos os meus amigos brincavam na rua ou na adolescência iam a festas, eu me trancava no meu quarto e ficava tocando música, trocava uma balada por uma sessão de piano sem pensar duas vezes.

Talvez por isso, eu quase entrei em uma obesidade mórbida. Cheguei a pesar quase 110 kg e o médico me deu três opções, uma com cada grau de dificuldade: emagrecer com regime, exercício físico, do jeito difícil, cirurgia bariátrica para reduzir o estômago, médio, e o fácil, continuar a comer como uma doida e morrer de um ataque cardíaco. Optei pelo jeito difícil, teimosia nata não é? Comecei aos poucos, reduzi algumas coisas, uma caminhada leve, uma bike às vezes e voilá, quase dois anos depois e 30kg a menos.

Segundo a Elis, eu passei de gorda fofinha para gostosa, com carne para ser agarrada, pois é disso que os homens gostam. Sim claro, entre uma magrela e eu, quem eles iriam escolher? Mas eu não me importo, já diz o velho ditado, antes só do que mal-acompanhada, eu e eu mesma estamos bem assim. Toda a vez que tem alguma pessoa envolvida comigo, elas caem fora como surgem, do nada. Elis diz que é o meu jeito hostil e sutil como um elefante andando entre corredores de peças de cristais e eles se assustam comigo e pelo meu jeito de ser. Pouco me importa, nunca mudaria por ninguém.

— Su? — uma voz me chama e eu dou um pulo da cadeira me tirando dos meus devaneios.

— Que susto, Carla — falo rindo do meu pulo para a minha garçonete.

— Desculpa — ela dá um sorriso. — Achei esse celular em uma das mesas.

— Ah! Obrigada — ela me entrega o aparelho e sai para terminar de recolher as mesas.

Se eu vendesse tudo o que é recolhido depois das festas, não precisaria trabalhar tanto assim. iPhones, iPads, celulares, chaves de carros importados, carteiras com dinheiro, e outras coisas são comuns esquecerem nos eventos. É só o pessoal passar um pouco no champagne ou vinho, que eles só não esquecem da cabeça porque está colada ao corpo.

Analiso esse que a Carla me entregou. Não sou muito ligada à tecnologia de ponta, mas esse aqui não chega nem aos pés do meu Android 4.1. Pelo jeito, esse deve ser um daqueles que acabaram de serem lançados, nem sei como se liga isso. Aperto o botão no meio e o visor se acende, deslizo meu dedo e a tela inicial aparece, senha para quê? A tela inicial ainda está sem personalização, sem foto do dono dessa geringonça, ótimo. Procuro pela agenda desse dispositivo que nem a Nasa deve saber utilizar e vejo se tem algum contato para quem eu possa ligar para dizer que estou com esse aparelho e onde posso entregá-lo.

— Achei — falo sozinha, o nome Pai, aparece nos contatos e eu não sei como faço para chamar. Hilário, tenho partituras e mais partituras de cor na cabeça e não sei usar isso. Mexo até eu achar que está fazendo a ligação. Coloco no ouvido e espero ser atendida.

— Hello? — uma voz masculina me atende, exótico, mas deixo de lado e começo a falar.

— Alô, oi eu achei esse celular em um evento e... — sou cortada do nada por essa pessoa que está falando em inglês comigo e eu não falo nem the books is on the table! — Oi, desculpa, mas eu não... — desligam na minha cara, sem mesmo eu saber como entregar esse celular para o dono.

Fico olhando para aquele celular na minha mão pensando em como posso voltar para a agenda de novo, para achar outro contato desse estilo. Que coisa! Deve ser mais fácil fazer uma lobotomia do que usar isso. Fico tão concentrada que nem reparo na porta abrindo e uma pessoa entrando.

— Não te ensinaram que é falta de respeito mexer no celular dos outros sem sua permissão?

Viro e encaro a pessoa que me falou isso. Um cabelo castanho escuro, um par de olhos azuis que, com certeza é um novo tom, pois nunca vi uma cor tão viva em contraste com seu

rosto tão moreno, perto de mim que sou branca como papel, e uma cara fechada intimidante para caralho. Só que comigo não funciona.

Levanto meus 1,65, que perto daquele, 1,90, ou menos, não faz diferença nenhuma. Ele empina a cabeça a eu caminho mais irritada do que eu já estou por ele chegar assim e ainda falar com esse tom comigo! Quem ele pensa que é?

— Não quando se quer descobrir quem foi a inteligente pessoa que esqueceu o maldito celular em um evento e ainda quer chegar colocando ordem na casa! — Estou a menos de cinco passos dele e ele me olha com se quisesse me esganar.

— Bom, se fosse eu quem achasse um celular em um evento, não ficaria mexendo na propriedade alheia, e esperaria ela entrar em contato.

— Oh! Que pessoa sensata! — Ele cruza os braços na frente do peito fazendo o seu casaco do paletó se esticar e seu peito inflar e aumentar de tamanho, não dou bola para a intimidação física e recomeço a falar. — Só que as pessoas que geralmente esquecem as coisas, estão bêbados ou interessados em outra coisa a ponto de esquecer o próprio celular! — Estou quase na ponta dos pés, até me arrependi de ter tirado o salto. Mentira, não me arrependi nada!

Atiro o celular nele e dou meia volta e caminho para o piano de novo. Amo o meu trabalho, mas lidar com pessoas mal-educadas, ou nesse caso, mal-agrafedecidas, me faz deixar a profissional de lado e deixar a Su irritada assumir.

Percebi que ele ainda está aqui, me observando. Chego ao banco do piano e viro para encarar aquele rosto que quer me esganar, e dou a cartada final.

— Dá próxima vez, coloca uma senha se não quer que ninguém mexa no seu precioso celular, e de nada por me agradecer por ter cuidado dele e não roubado como outras pessoas sensatas fariam. E uma boa noite!

Viro e me sento no piano e recomeço a tocar novamente, mas não a tempo de escutar ele bufando e saindo porta a fora. Sorrio para as teclas do piano. Quem ele pensa que é para vir aqui do nada e ainda querer colocar ordem no meu evento e ainda sobre mim. Só digo uma coisa, ainda está para nascer a pessoa que vai me dobrar.

Capítulo 2

Acordo com o meu gato caminhando sobre o meu rosto e a campainha tocando, mas que diabos!? Olho para o relógio e vejo que é pouco mais das oito da manhã. E Elis me deixou aqui eram quase quatro horas, até eu tomar banho e me arrumar, já eram quase cinco.

— Já vai! — Grito assim que me levanto. Pego um casaco para não abrir a porta e a pessoa que estiver lá morrer com a visão de eu só de pijama e sem sutiã. — Vem gato? — espero ele passar com toda a sua calma e tranquilidade de gato malandro que pensa que vai dominar o mundo, e me acompanhar.

Passo em frente a minha mesa de trabalho e pego uma caneta ali atirada e faço um coque rápido e prendo meu cabelo, pronto, agora estou mais apresentável para quem quer que seja a essa hora em pleno sábado de manhã.

Abro a porta e me deparo com um rapaz com cerca dos 18 anos, mais ou menos, com um arranjo de flores e já aviso antes mesmo que ele abra a boca.

— Porta errada, amigão — ele faz uma cara estranha e olha o recibo.

— Apartamento 412, senhorita Morelli?

— Sim... — confirmo desconfiada.

— Então está certo sim — ele me empurra o arranjo tão rápido que mal tenho tempo de pensar se aceito ou não. Pego aquilo e o guri me alcança a prancheta com o recibo e uma caneta para eu assinar o recebimento.

— Tenha um bom dia — fala antes mesmo que eu termine de entregar a caneta a ele.

— Ok... — fecho a porta tendo a certeza que ele não escutou eu falando essa última palavra.

Analiso o arranjo gigante de margaridas e penso, quem foi que me mandou isso? O Gato mia na cozinha perto do seu pote de comida. Sempre morrendo de fome, não é a toa que está uma bola de pelo gorda e de regime.

— Tu não vai morrer de fome se esperar dois minutos! Calma o coração aí que eu já vou sua bola de pelo gorda! — Grito para ele.

Ele mia novamente e começa a entoar mais alto que um gato que não vê comida há cinco dias, mas ele comeu ontem à noite e não é de propósito que a veterinária me deu uma ração light para ele.

— Ok, sua bola de pelo gorda, já vou aí. Não precisa chamar o prédio todo para reclamar que eu não estou te dando comida!

Corro até a área de serviço, pego a ração dele e vou para a cozinha onde ficam seus potes.

— Calma, deixa eu colocar primeiro, depois tu começa a comer seu esfomeado lindo da mamãe! — Faço um carinho na cabeça dele e ele ronrona, coisa fofa!

Aproveito para limpar a caixa de areia e trocar sua água. Volto para o arranjo misterioso e fico parada no meio da sala olhando para ele na minha mesa de centro e pensando: quem nesse mundo me mandaria isso?

Primeira opção: pessoal do orfanato, mas geralmente vem vários cartões das crianças e é em uma data significativa, o que não é o caso de hoje, que eu me lembre. Puxo na memória o dia de hoje se ele tem alguma coisa a ver com isso, mas nada vem.

Segunda opção: Elis, mas por quê? Eu sei que ela me ama e a única que sabe que margaridas são as minhas preferidas.

Terceira opção: ok, não há terceira opção. Fico só com as duas mesmo.

Pego o meu celular e ligo para ela, espero tocar e nada, toca até cair na caixa postal. Tento de novo e caixa de novo, vamos lá maluca, acorda! Tento pela terceira e última vez e ela me atende antes da última chamada.

— Espero que o orfanato esteja pegando fogo ou tu sendo sequestrada para estar me ligando a essa hora em pleno sábado! — Sua voz sai como eu já esperava, de quem acabou de acordar de um sono profundo.

— Bom dia para ti também, Elis, dormiu bem?

— Até isso aqui começar a tocar, sim — a escuto bufando de raiva. — O que tu quer, Vaca?

— Recebi um arranjo de margaridas, foi tu?

— Porque eu ia te dar um arranjo assim do nada? — ela pergunta indignada.

— Sei lá, porque percebeu que eu sou a pessoa mais importante da tua vida e tu me ama?

— Eu já te disse que não sou lésbica! — Começo a rir.

— Também não sou, mas que falei a verdade, eu falei — agora ela ri.

— Ok, tu está certa, é a pessoa mais importante da minha vida, afinal assina o meu cheque no final de todos os meses.

— Viu só! Eu sempre tenho razão! Mas se não foi tu, quem foi que me mandou essa coisa?

— Sei lá, algum admirador secreto?

— Maluco e cego?

— Não, gato, sarado, gostoso e podre de rico! — Ela ri.

— Menos Elis, bem menos!

— Nada gata gostosa — detesto quando ela me chama assim! — Muitas olhadas para ti no evento ontem, estava lá na cozinha só de olho nos gatos em ti.

— Para Elis, antes que eu comece a rir e a vizinha acorde!

— Tu me acordou, gata, agora aguenta! Ou melhor, desliga isso e vai descobrir que me mandou isso!

— Ok! Se eu achar o louco que fez isso, te aviso. Certo Vaca? — nosso apelido quando estamos de bem.

— Tchau Vaca!

Desligo o celular e o gato vem para o meu colo e se deita nas minhas pernas como se ordenasse “ok humana, hora de você me amar”, coço suas orelhas e ele ronrona.

— Gato, agora não posso dizer dane-se ao mundo e te amar, preciso descobrir que me mandou aquilo ali — aponto para as flores.— Hoje à noite quando eu estiver assistindo um filme eu te amo incondicionalmente, mesmo tu sendo um chato de galocha. – Ele olha para mim, como se entendesse o que eu acabei de falar e caminha em direção aos raios de sol que entram pela janela, depois de comer, dormir sob o sol é o seu programa favorito.

Saio do sofá e caminho cautelosamente como se aquelas lindas margaridas fossem uma bomba de Hidrogênio e o futuro do planeta dependesse que eu desarmasse aquele troço. Toco uma das flores e sinto sua delicadeza em minhas mãos, aproximo meu rosto e deixo seu aroma me invadir. Perfeito, sorrio como uma idiota e curiosa querendo saber quem me mandou aquilo.

Começo a revirar no meio das flores e nada, mas que droga! Quem me mandou isso não se prestou nem para me mandar um maldito cartão? Começo a cavocar mais um pouco e nada de uma porcaria de papel de bala com o nome dessa incógnita que se passa por pessoa. Até que...

— Que coisa é essa aqui? — falo para o nada ao ver um papel entre o vaso de plástico e o papel brilhante que o envolve.

Pego o envelope e puxo uma cadeira e me sento observando aquele papel branco. Abro e um papel amarelo sai de dentro, mas que coisa é essa? Com uma caligrafia e poucas frases eu tremo nas bases.

Cara Sensata,

Obrigado por achar o meu precioso celular.

NJB

Obs: Aproveitando a oportunidade, informo também, que adicionei uma senha para que futuramente, nenhuma pessoa mexa em propriedade alheia.

Ai, droga!

Como ele conseguiu o meu endereço?

Ok, estou em surto! Me levanto e sento de novo. Será que o cara é um perseguidor e eu não sei? Devo ligar para polícia? Afinal ele sabe onde eu moro e o meu sobrenome e eu nem sei de onde ele saiu.

Vamos Su, te acalma mulher, foi só um agradecimento por tu ter encontrando a porcaria de um instrumento da Nasa que ele chama de celular, não é nada demais. Mas por precaução, vou avisar o porteiro que se alguém procurar por mim é para ele não deixar subir e me chamar pelo interfone.

— Gato! — Falo para ele que está se lambendo no sol. — Se algum maluco entrar aqui, tu vai me proteger? — espero a resposta dele, mas a única coisa que ele faz é levantar a pata e retomar o seu trabalho árduo de se lambar.

Estou muito bem de segurança!

Capítulo 3

— Certo... — fala Elis. — Me explica direito essa interação de vocês que rendeu essas flores.

Estamos sentadas no meu apartamento assistindo um filme, que eu nem sei qual é, e com algumas gordices na nossa volta. Geralmente fazemos umas duas vezes por mês, vamos ao mercado aqui perto e compramos tudo que é doces e afins, fora o que eu faço um dia antes para nós. Afinal, trabalhamos como loucas, eu nos meus eventos e ela junto comigo e no seu consultório.

— Vou explicar de novo... — Me sento e puxo o Gato para o meu colo — Eu estava tocando piano te esperando para irmos para casa e a Carla me chamou me entregando o celular perdido.

— Tá isso eu entendi — ela fala de boca cheia de brigadeiro de panela que fizemos agora a pouco. — Conta da parte que interessa.

— Se tu calar a boca eu falo — faço uma cara de brava e continuo. — Mexi até achar algum contato para quem eu pudesse ligar, liguei, um cara me xingou em inglês e desligou na minha cara e...

— Em inglês! — Ela grita que faz o Gato pular do meu colo. — Continua! — Eu reviro os olhos e quase pego a panela e atiro na cabeça dela. — Está bem! Agora eu calei a minha boca! — A vejo meter uma colher cheia do doce e eu continuo, outra vez.

— Aí... ele apareceu e meio que quis me xingar por que eu tava mexendo em “propriedade alheia” — enfatizo.

— Trouxa!

— Sim... mas, como tu me conhece, — ela ri e concorda — não deixei barato não, virei as costas e praticamente o deixei falando sozinho e bem irônica.

— Su, já disse que tu assusta os homens assim, amiga! — Ela me repreende e eu agora pego uma colher do doce e coloco na boca, coisa boa!

— Mas dessa vez foi diferente, ele foi mal-educado comigo e eu não sou de levar desaforos de graça pra casa.

— Eu sei — ela me alcança a panela e pega um pacote de bolacha recheada Bono, nosso vício. — Mas mesmo assim, o cara era bonito?

Pego mais uma colherada e levo a boca pensando naqueles par de olhos azuis e aquela cara de bravo. Com certeza não era um homem de se jogar fora e mereceria uma segunda olhada se eu cruzasse com ele na rua.

— É... não era de se jogar fora não — solto uma risada e a Elis me dá uma almofadada no rosto.

— Tu vai morrer solteira e com uns quarenta gatos! Só faltam trinta e nove! — Começo

a rir mais alto.

— Para Elis, sério. Quarenta gatos? Eu já quase vou a falência com o Gato, imagina com mais um monte assim! Que exagero.

— Gata, sério, tu tem que ser mais delicada, não tão durona — levanto uma sobrancelha para ela que continua. — Uma gata, manhosa mais arisca — e imita um gato e suas garras com as mãos.

— Do jeito que eu estou comendo, só se for uma gata obesa como o Gato. — pego um pacote de balas e abro e começo a comer.

— Chega disso! Sem neuroses gordurísticas essa noite!

— Essa palavra nem existe, sua doida — atiro uma bala nela.

— Acabei de inventar, foda-se o português!

— Ok, chega de loucuras, semana que vem temos outro evento grande — pego o controle remoto e desligo o filme, já que não estamos assistindo mesmo.

— Amiga, hoje é sábado e a noite ainda, deveríamos estar na rua com roupas lindas e a caça de alguns gatos perdidos pela noite — ela geme e se atira para trás no sofá. — E não aqui comendo doces como crianças e a única coisa masculina aqui é o Gato, e tu ainda quer falar de trabalho? Cadê a faca para eu cortar os pulsos?

— Dramática — ironizo quando ela se atira para trás e se finge de morta. — Sério — puxo as pernas para cima do sofá e Elis se recompõe com uma cara de quem não gostou nada do meu assunto. — É um evento de caridade para a alta sociedade, tem que sair perfeito.

— Relaxa Gata — ela vai até a mesa e pega uma lata de coca-cola e toma um pouco. — Vai dar tudo certo! Somos fodas!

— Eu sei que somos, mas esse evento a Cruela vai com o meu Tio... — Elis me corta.

— Então vamos sambar na cara dela com um salto 15, com giletes na sola e encharcados em ácido. Vai dar tudo mais que certo.

— Acho bom, senão... — Elis arrota do meu lado. — Viu, para que eu preciso de homem comigo se tu faz as mesmas nojeiras que eles — dou uma almofadada nela que se curva de rir.

— É amiga, se fossemos lésbicas seríamos um casal e tanto — ela chega para o meu lado e eu a empurro.

— Sem lesbicionismo, ok? Posso ser solteira, sozinha, abandonada com um Gato, mas ainda prefiro o sexo oposto — com a palavra sexo ela se ilumina.

— Falando em sexo, preciso arranjar um para mim. Urgente!

— E o cara do posto de gasolina? — ela estava de caso com um frentista até algumas semanas atrás.

— Bonitinho, mas quando abria a boca era um desastre, e fora que o cheiro de gasolina não é muito sexy — ela faz uma cara de nojo. — E tu?

— Não gosto muito do cheiro também — respondo no automático e ela me atira uma bolacha Bono nos peitos. — O quê?

— Tu deve ter virado virgem de novo! — Ele grita.

— Ah isso? Com certeza! Acho que nunca deixei de ser mesmo — rio.

— E não vai fazer nada para mudar isso? — sua expressão de questionamento quase me faz rir a ponto de convulsionar. Eu amo essa maluca.

— De novo essa conversa Elis? — me levanto para ir à cozinha e buscar o pote de sorvete caseiro do congelador, não disse que era a noite das gordices?

— Sim! De novo e novamente até tu achar alguém que te faça de quatro, literalmente! — Me sento e coloco o pote de sorvete entre nós e começamos a atacar.

— Vai morrer perguntando então — reviro os olhos para ela.

— Gata! Já te disse, vamos sair um sábado desses e ver o que arranjamos por aí, vai que algum te atráia? — vejo ela colocar a colher no sorvete e olhar para mim com um sorriso de criança no rosto. — TEM BIS BRANCO AQUI! — Ela grita do nada me fazendo dar um pulo no sofá.

— Sim tem branco e preto aqui! — Falo e ela bate palmas de felicidade. — E duvido que ache alguém interessante em uma noite qualquer. Só tu que consegue achar até em posto de gasolina — rio e ela me faz uma cara de desdenho.

— Já disse que ele era bonitinho, fazia o máximo para não manter ele falando, ele compensava em outras coisas — Elis faz uma cara de safada e ela começa a me falar de tudo o que o frentista fazia, e eu só ria.

Conheci a Elis na faculdade e um dia, na fila do Xerox, nós conversamos e não nos desgrudamos mais. Ela é uma maluca de carteirinha, mas como não amar? Sempre teve uma vida boa e a melhor, e se rebelou quando ao invés de seguir a carreira de veterinária dos pais decidiu cursar nutrição. Sempre amou cozinhar e comer, e para o meu desespero é magra de ruim, nunca vi uma pessoa comer tanto na minha vida e sempre estar com fome.

Quando me formei e resolvi montar o negócio, precisava de alguém para comandar a cozinha dos eventos e não pensei em outra pessoa. De dia ela trabalha em seu consultório e quando tem evento, comanda a cozinha. Não penso nela como minha funcionária e sim como minha quase sócia, com certeza eu não teria a metade dos eventos se a comida não fosse de primeira.

Ficamos até às quatro da manhã rindo e falando besteiras, já somos meio doidas por natureza imagina com quilos de açúcar correndo nas veias? Nem o Gato nos aguenta.

Fecho a porta para a Elis e começo a arrumar a bagunça que fizemos, nem quero fazer o levantamento de tudo que comemos. O Gato sobe no sofá e se senta e olha para mim.

— Eu sei — falo para ele. — Comi demais, mas eu posso não posso? — ele me encara com aquela cara séria. Como se estivesse me julgando. — Tá! Não posso, mas dane-se, tu não manda em mim, eu que mando em ti.

Ele desce do sofá, vou para o banho quente e me preparo para ir para a cama. Escovo os

dentes, coloco o aparelho móvel, fruto de anos de ortodontia, e me deito. Quando fecho os olhos para tentar dormir, o Gato começa a miar e eu gemo de frustração. Fico em silêncio para tentar enganar ele, mas não adianta ele continua miando. Atiro as cobertas para um lado, saio em passos duros pelo apartamento e chego a cozinha, ele está parado olhando para mim e mia como que dissesse “Isso responde a tua pergunta? Eu mando aqui nessa casa!”

Capítulo 4

Falta menos de meia hora para o horário programado para começar o evento e eu acabo de receber uma ligação de um dos meus garçons está doente e não vai conseguir vir trabalhar. Que ótimo! Não que eu ligue para o fato de que ele me avisou de última hora, conheço bens (bem) os meus funcionários e para eles faltarem, algo de muito grave deve ter acontecido.

— E agora? — Elis me pergunta com o nosso uniforme padrão, uma calça social preta, um casaco do mesmo estilo, uma touca para não deixar os cabelos soltos e para completar ela está de salto que só de ver já me da dor nos pés. — Vai ficar com um a menos na equipe?

— Não — falo passando por ela e colocando o avental verde-musgo para indicar os garçons dos outros ajudantes — vai ficar sobrecarregado para a equipe, então eu vou ajudar.

— Mas e o resto? E se precisarem de ti? — ela me pergunta enquanto viro e ela amarra as tiras traseiras.

— Tiro o avental e resolvo.

— Tem certeza? Teu tio te queria ao lado dele e da Cruela — pego a minha bolsa e caminho para o banheiro para prender os cabelos e Elis vem atrás de mim com o barulho dos seus saltos.

— Prefiro juntar o lixo a me sentar ao lado dela em um evento de caridade assim, muito caridosa que ela é! — Elis ri e eu começo a pentear meus cabelos com o nosso reflexo no espelho. — E outra, não há nada que possa dar errado essa noite, não vou ser solicitada, e tem tu para comandar a cozinha.

— Certo Vaca — ela pega o elástico que sempre carrego na minha bolsa e começa a puxar os meus cabelos para um rabo de cavalo alto. — Mas se eu me apertar, vou no meio do salão te puxar pelo braço para resolver as coisas.

— Vaca hoje só a Cruela! — Ela ri e termina com os meus cabelos. — Pelo menos hoje eu vim de sapatilha, vamos lá arrasar!

O evento de hoje é contra o câncer feminino, então todos os convidados irão ganhar uma flor vermelha para simbolizar a luta, e também porque é o símbolo da entidade que está dando a festa. O salão tem as paredes brancas, amplo e com um chão amadeirado de cor escura e brilhante. As mesas estão ordenadas em toalhas brancas e vermelhas com um arranjo simples em cima. Foram colocadas nas laterais, deixando o meio livre para se algum casal quiser dançar ao som da banda que está postada no palco. No fundo há um painel de folhagens e flores vermelhas formando a flor símbolo. Estou correndo de um lado para o outro vendo as coisas de última hora quando sinto umas mãos me puxando pela cintura.

— Minha Linda! — Viro e me atiro nos braços do meu tio.

— Tio! — ele me beija na cabeça e eu me afasto olhando para ele que está com smoking preto e uma gravata borboleta da mesma cor. — Tá elegante!

— Óbvio que sim, uma festa que tu planejou, como eu não estaria? — seu sorriso é o melhor que eu possa receber hoje, é um misto de orgulho e alegria.

— Bobo! Cadê a flor? — pergunto.

— Está aqui — ele puxa do bolso. — Ia esperar a Regina chegar — minha esperança que a Cruela não viesse esvaiu-se como fumaça em dia de vento. — Mas, tu pode colocar em mim.

— Claro — pego a flor e coloco em sua lapela.

— Pronto — ele me dá o braço e eu pego e começamos a caminhar pelo salão para que eu o leve até a sua mesa.

— E a Elis? — ele me pergunta e abro um sorriso.

— Deve estar comendo antes da festa como sempre. Daqui a pouco ela aparece — como ela diz, é a provada final da comida antes de ser servida, só que ela faz isso do início ao fim do evento, direto da fonte.

Chego a sua mesa e meu tio senta e fica me observando. Pego o cartão com o meu nome que indica o lugar que eu iria me sentar e retiro guardando no bolso do avental, se alguém vier sem convite ou quiser sentar em outra mesa, esse lugar estará disponível.

— Não vai se sentar comigo? — meu tio pergunta.

— Mudança de planos, um dos meus garçons adoeceu e eu vou trabalhar hoje — vejo o desânimo em seu rosto e completo. — Mas eu prometo que fico na área dessa mesa aqui, pode ser?

— Não, te queria ao meu lado, como minha filha — ele faz uma cara de emburrado e eu sorrio.

— Bom, só que eu conheço uma pessoa que me ensinou que em primeiro lugar vem o trabalho e depois a diversão não é? — ele sorri e acena com a cabeça.

— Correto.

— E fora que esses eventos são umas chatices, só a causa que vale — complemento falando como se não fosse nada demais perder o evento.

— Su, Fofa querida! — Ouço aquela voz enjoada da Cruela e viro com o sorriso mais falso que possuo.

— Regina, como está? — ela me abraça e me beija como as ricas dos filmes, sem encostar na pessoa. Prefiro não levar para o lado de que ela não quer encostar em mim mesmo.

— Ótima! — Ela passa pelo meu tio e senta-se ao seu lado. Seu vestido azul brilhante é decotado demais para um evento social e está na hora de ela retocar o botox. Dou uma gargalhada dentro da minha cabeça.

— Regina, viu como está tudo ótimo para o evento de hoje? — meu tio pergunta e ela da uma olhada por cima para o salão com uma cara de indiferente.

— É, está bonito mesmo — claro que ela iria falar isso sem nenhuma emoção na voz. — Mas eu mudaria algumas coisas, nada demais. — Ótimo agora ela quer fazer o meu trabalho, sorrio falsamente, de novo.

— Bobagem querida — meu tio pega sua mão e beija — está tudo lindo, mas só ficaria

melhor se ela pudesse nos acompanhar hoje.

— Não vai ficar conosco, Su? — sua pergunta escorre falsidade em cada letra.

— Não posso, o trabalho me chama. Vou ajudar os garçons.

— Ah! Por isso a roupa — ela me olha de cima abaixo.

— Sim, aliás, já vou para o meu posto — beijo meu tio no rosto. — Aproveitem por mim.

Cruela sendo Cruela como sempre, vaca! Só quem não está por dentro das coisas, não percebe que ela está com o meu tio por causa do dinheiro, ah, e ele também não vê isso. Ele não é de se colocar fora, Elis tem uma queda por ele desde que o viu a primeira vez, olhos azuis, alto, magro, bem-humorado, bondoso, amoroso e rico. Casou-se com a Regina uns dois anos depois que eu fui morar com ele e desde então a minha vida se tornou uma coisa. Ela sempre implicou comigo, desde as minhas aulas de músicas, ao jeito que eu andava, vestia, comia e se deixassem até respirava. Fizeram milhares de tratamento para ela engravidar, e se fixar mais a família, mas nunca conseguiu e ai descontava em mim.

Entro na cozinha industrial do salão e o cheiro de comida me invade, passo pelos funcionários que estão esperando o “ok” para começarem a servir e outros arrumam as bandejas e as taças para servir vinho e champagne. Procuro Elis e a encontro assaltando uma das caixas de canapés que estava perto dela.

— E aí? — ela me pergunta quando me vê, ainda de boca cheia.

— Tudo tranquilo, meu tio e a Cruela já chegaram, vamos começar a servir daqui a pouco — ela concorda e pega mais um canapé.

— Meu Deus, esse troço tá divino!

— Para de comer! — implico.

— Não consigo! — Ela pega um e me entrega, eu nego.

— Não como em serviço, tu sabe — ela engole e come o que estava me oferecendo.

— Problema é teu, eu como por ti — ela pega mais um e começamos a rir.

O evento está indo as mil maravilhas, ainda não parei para me sentar um segundo correndo de um lado para outro. Quando não é atendendo as mesas com as bebidas, é o pessoal que me contratou para realizar o evento, que me apresentam para outras pessoas, contatos futuros, isso é sempre bom. Agora estou com uma bandeja de taças indo para uma mesa que é de outro garçom que foi ao banheiro e eu estou cuidando para ele. Chego à mesa e começo a colocar as taças cheias e retirar as vazias quando sinto uma pessoa me observando na outra ponta da mesa.

Não pode ser, de novo?!

Sentado à mesa está o senhor mal-educado de olhos azuis me fitando com muita intensidade e um sorriso enigmático, vestindo um smoking preto, gravata borboleta bordô e a flor vermelha do evento. Engulo a seco e tento focar no meu trabalho, sem levantar os meus olhos em sua direção. Mas não consigo, no momento que levanto a cabeça e olho em sua direção, o vejo sorrindo para mim. E para a minha surpresa, me pego sorrindo de volta. Vendo o papel de trouxa

que fiz, pego a minha bandeja vazia e saio corendo de lá. Encontro o garçom responsável pela mesa dele e entrego o posto. Foco na minha área e tento esquecer que o vi e rezo para ele não ter me reconhecido.

Ledo engano, minha cara Su.

Pouco depois o rapaz que cobri vem até mim e me entrega um bilhete, nem preciso saber de quem é. Agradeço e o dispenso, seguro o papel dobrado pensando se abro ou não. Suspiro e encaro o papel que está em minhas mãos, penso nas opções que eu tenho, posso abrir e ver que não é nada demais, ou ficar na curiosidade e jogar fora antes de me dar ao trabalho de abrir. Tenho a sensação de estar sendo observada e quando olho para frente, percebo que ele me reconheceu mesmo, e está sorrindo, mais uma vez para mim. Com toda a certeza do mundo, ele é um jogador nato e deve usar esse sorriso sacana em todas as suas conquistas. Depois de dar um belo chute no seu ego aquele dia, vou dar uma de pessoa delicada e resolvo abrir de uma vez. Deixo ele pensar que ganhou dessa vez.

Cara Sensata,

dessa vez não pretendo perder o meu celular, mas caso eu perca, a senha que coloquei é 123.

NJB

Olho para mesa dele e ele ainda está me observando. Mostro o bilhete e guardo dentro do bolso, ele sorri e levanta a taça de champagne e retribuo de volta e continuo a trabalhar. Eu mereço! De maluco já basta a Elis na minha vida no momento.

O movimento da equipe foi intenso, não paramos por um instante sequer. E agora, o evento está quase chegando ao fim e eu já estou morta de cansada, corro na cozinha para pegar mais algumas taças e olho para Elis que não me parece bem.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto abrindo uma garrafa de vinho branco e começo a colocar nas taças.

— Acho que comi canapé demais — vejo ela colocar a mão sobre a sua barriga lisa.

— Viu... isso que dá comer como uma vaca.

— Ain — ela geme. — Cala boca Su!

— Vai embora — digo a ela. — Está quase acabando mesmo.

— E tu vai como? — é a vez dela dirigir, sempre revezamos.

— Taxi 24h, inventaram ontem, não sabia? — ironizo.

— Certo, não aguento mais esse cheiro de comida daqui — ela tira a touca e solta os cabelos. — Acho que vou vomitar se ficar aqui mais cinco minutos.

Me despeço da Elis e volto para o salão, agora com meia dúzia de gatos pingados que só estão bebendo e conversando alto. Sirvo a mesa e fico a espreita junto com os outros garçons em um canto específico quando eu vejo ele se aproximando de mim.

— Sensata! — Ele me chama e caminha em minha direção.

— Olá... — Cumprimento educadamente, ele pega a minha mão esquerda e leva boca e a beija, oi? álcool faz mal e as pessoas ainda não sabem?

— Olá — ele abre um sorriso. — Acho que não me apresentei direito aquele dia — arqueio as sobrancelhas e ele ri. — Está bem, primeiro de tudo, minhas desculpas, senhorita Morelli.

— Desculpas aceitas — falo e ele sorri, e que sorriso, benza Deus!

— Noah James Backer, ao seu dispor — sinto o seu olhar em mim, como se e eu fosse um mistério que ele quer decifrar, e isso está me deixando completamente incomodada. Se ele continuar a me olhar assim, vou dar uma patada nele.

— Su Morelli — respondo friamente.

— Su de Suzane? — ele questiona só que não vai funcionar, detesto o meu nome e não revelo a ninguém. Só a Elis quem sabe e aí dela se contar para alguém.

— Su de Su mesmo... — Olho para frente dando a entender que não quero conversa, ele acena com a cabeça percebendo a minha reação.

— Então Su, trabalha há quanto tempo nesse ramo? — agora vem à puxada de papo, pelo visto ele não vai desistir tão fácil.

— Uns quatro anos — olho para as minhas unhas, pintadas de rosa Pink, bem desinteressada no assunto mesmo.

— Sempre de garçom e às vezes de pianista? — agora quem sorri sou eu. Olho para ele e respondo.

— Não, na verdade sou a promotora mesmo.

— Interessante... — Ele me olha de cima à baixo e eu fico meio desconcertada com isso. — Então, acho que aquele dia eu fui mal-educado, recebeu as flores? — até tinha me esquecido disso.

— Sim, muito obrigada — sorrio em agradecimento. — São as minhas preferidas, mas como conseguiu o meu endereço?

— Digamos que eu tenho os meus meios — seu sorriso presunçoso entra em cena novamente, e nessa hora eu sinto uma coisa gelada descendo a minha cabeça.

— Mas que porra é essa? — falo me virando e dando de cara com uma loira alta de vestido vermelho.

— O que é isso Lícia! — Noah fala. — Tá doida?

— Doida!? — a tal de Lícia grita enquanto eu tento passar a mão nos meus cabelos e percebo que ela derramou uma taça cheia de vinho tinto em mim. — Doida é a mãe Noah, tu passou o tempo todo olhando para essa vadiazinha aí e agora eu escuto tu falando que deu flores para ela?

— E desde quando eu te devo alguma explicação? — ele se vira para mim. — Su, desculpa eu...

— Esquece — falo e saio para em direção à cozinha e ele vem atrás de mim. Eu tentei

me controlar, aguentei o seu papo furado e aquelas olhadas, mas agora eu não aguento mais. — Sai de perto de mim! — Falo para ele que se assusta comigo, pela cara que está fazendo e para de me seguir.

Entro com o diabo no corpo na cozinha e tento me limpar, puta que pariu, meu cabelo e o uniforme estão puro vinho, estou quase voltando lá, para dar umas boas porradas na cara daquela doida. Que culpa eu tenho se ele estava me olhando o evento todo e.... Como assim me olhando o tempo todo? Merda, depois eu penso nisso, de preferência após um banho!

Chamo uma das meninas de confiança, a Carla, e aviso que estou indo embora e que ela está no comando até o fim do evento. Saio porta a fora fritando de raiva, eu juro se alguém parar na minha frente, eu dou umas boas patas estilo coice de mula, e eu sou doutorada nesse aspecto! Puxo o meu celular da bolsa e ligo para o táxi mais próximo dessa região, que para a minha sorte, só vai chegar aqui em cinco minutos!

Porque eu não aceitei a carona do meu tio a mais de uma hora? Ah claro, porque a Cruela também estava junto.

— Su, por favor!

Ai não, de novo?!

Viro e ele está aqui, era só o que me faltava. Será que ele não percebeu que eu não estou para conversa? Só não destratei ele lá dentro porque estava no meu trabalho e não posso fazer isso. O encaro pronta para responder com palavras nada educadas e vejo seu rosto bem próximo de mim. Seus cabelos já não estão tão arrumados como estavam antes, e o seu casaco está aberto.

— Não tenho nada que falar contigo — já falo antes que ele comece a falar.

— Me desculpa, a Lícia é uma amiga e se excedeu na bebida, aliás, muito boa as bebidas do evento — me recuso a agradecer.

— Tchau Noah — viro para a rua, cadê a porcaria do táxi?

— Espera — ele pega no meu braço. — Deixa-me desculpar corretamente, janta comigo? — me viro para ele e faço uma cara estranha.

— Porque eu faria isso? Capaz de sair morta desse jantar — puxo o meu braço das suas mãos e ele ri.

— Sem chance, vamos, é só um jantar? — ele faz uma cara de coitadinho e eu reviro os olhos — eu sei onde tu mora e posso ser muito persuasivo quando eu quero. — Droga, ele sabe mesmo onde eu moro, não vou conseguir me livrar disso.

Se ele é tão persuasivo assim, imagina se eu negar. Capaz dele ir até o meu apartamento e ficar de plantão até eu aceitar. Ainda mais que o Gato não vai me proteger de um possível ataque. Vejo as minhas opções para me livrar desse cara, e a única que vejo, é aceitar esse pedido sem noção nenhuma.

— Certo — ele sorri percebendo que ganhou essa luta. — Um jantar e nada mais — aviso.

— Fechado — meu táxi chega, abro a porta e entro. — Amanhã te ligo para dizer o dia e o local.

— Tchau Noah — ele fecha a porta do táxi para mim.

— Até logo Su — vejo o seu sorriso voltar, ele acena e o táxi arranca.

Falo o meu endereço ao taxista, que pelo menos não perguntou de onde era aquele cheiro de vinho, e se ele perguntasse ia mandar ele longe. Olho as horas no celular e vejo que são quase duas da manhã, pelo menos o trânsito vai ser calmo e eu vou conseguir chegar rápido em casa e tirar essa roupa e esse cheiro de mim. Minha cabeça lateja, meu estômago embrulha pelo forte odor, e pelo visto o álcool afetou o meu pensamento também por ter aceitado jantar com ele.

Droga, onde foi que fui me meter!

Capítulo 5

Saio do meu carro atolada de partituras, minha bolsa em um ombro e o case do meu violão no outro. Empurro a porta com a bunda e fecho o carro com o alarme quase como uma ninja. Toco a campainha do Orfanato e o Yago vem me recepcionar como sempre.

— Tia Su! — Ele vem animado para o meu lado, abre o portão e pega as partituras das minhas mãos para me ajudar.

— Bom dia Yago, como tu está?

— Bem, mas com saudades, semana passada eu senti falta das aulas de música.

— Eu sei, mas hoje eu compenso até mais tarde pode ser? — ele abre um sorriso faltando um dente na frente e o meu coração derrete por ele.

São 7:30 de uma segunda-feira e não há nada melhor do que começar o dia, e a semana, com as crianças do orfanato, ensinando música para elas. Dou aulas aqui duas vezes por semana, segunda e quarta. Na parte da manhã com os pequenos e na parte da tarde com os maiores. Yago sempre é o primeiro a me receber, ele tem seis anos, cabelos loiros e uns olhos verdes que quando entrar na adolescência vai fazer estrago em muito coração alheio por aí. Ele é o meu aluno prodígio desde os quatros anos, quando eu comecei a ensinar violão e teclado a ele, já se destacou do resto da turma. De cara eu percebi que ele tem potencial e gosta de música, se continuar dedicado e ensaiando fortemente terá um futuro brilhante na música e com toda a certeza poderá tocar melhor que eu.

— A tia Renata (Cris) já chegou? — pergunto a Yago enquanto abro a minha sala onde ficam os instrumentos doados pela comunidade.

— Não vi — ele coloca as partituras na mesa e me olha. — Hoje vocês vão discutir a música que nós vamos tocar e os outros cantarem? — Renata (Cris) é a voluntária que ensina técnicas vocais as crianças, ela é uma cantora de bares e pubs.

— Sim — respondo e começo a abrir as janelas para o sol entrar e Yago me ajuda ligando os teclados.

Pouco antes das oito horas, algumas crianças começam a chegar com caras de sono e bocejos. Recebo cada uma com um beijo na bochecha e eles vão para seus instrumentos e começamos a aula.

Não troco esse trabalho voluntário por nada nesse mundo. Ver o sorriso dessas crianças e a felicidade em seus olhos quando conseguem tocar alguma música que está na moda, vale qualquer coisa. Esse pingo de atenção que as dou é muito importante a elas que vivem aqui e, com o sistema de adoção desse país, será muito difícil que consigam um lar futuramente.

Quando comecei a dar aulas aqui, logo fui advertida para não criar laços mais profundo com as crianças, pois elas podem ser adotadas a qualquer momento e outras não. Ser imparcial com todas e não levar o que acontece aqui para o lado sentimental ou problemas para casa. Isso é muito complicado, ainda mais para mim que praticamente me vejo neles. Mesmo sendo criada

pelo meu tio, também sou teoricamente órfã e poderia ser muito bem eu quando criança em um orfanato esquecida pela sociedade e leis do país.

Perto das dez da manhã, dou uma folga de quinze minutos para as crianças irem ao banheiro, tomarem água e algumas irem assaltar a cozinha. Caminho até a sala da Renata (Cris) e a escuto liberando os seus alunos e espero eles saírem, alguns passam e me dão um beijo, pois fazem aula comigo em outro dia.

— Oi Su — Renata (Cris) me cumprimenta enquanto abre uma garrafa de água e senta na mesa da sala.

— Oi — entro na sala e me sento ao seu lado.

— Já escolheu a música para a apresentação desse ano?

— Sim, tenho umas em mente, quer discutir agora no intervalo? Já queria começar a passar aos meus hoje.

— Sim também quero — ela larga a garrafa de água e começamos a discutir sobre as músicas e qual podemos escolher para adaptar instrumento e voz das crianças.

Todo o ano, somos convidados pela prefeitura para fazer uma apresentação na praça principal em comemoração ao aniversário da cidade. Escolher a música sempre é um dilema, pois muitas letras não são adequadas ou não se adaptariam a realidade deles. Esse ano estou com três opções para ensaiar com as crianças e espero que depois de aprovadas pela Renata e a coordenação do orfanato, dê tudo certo nos ensaios. Geralmente eles são cansativos e estressantes, as crianças ficam nervosas por se apresentarem em público, algumas desistem, outras não conseguem acompanhar a turma no aprendizado da música e assim vai.

Escolhemos a música sem problemas, volto para minha sala e vejo o Yago sentado tocando a música que estávamos ensaiando no violão no teclado. Como eu disse, ele tem futuro nesse ramo, não é muitas crianças que conseguem converter uma música assim de um instrumento para outro.

— Muito bom Yago! — bato palmas quando ele termina e ele fica com as bochechas vermelhas de vergonha.

— Obrigado tia Su.

— De nada querido. Não quis sair hoje para o recreio?

— Não, prefiro ficar aqui — me vi nele quando ele disse isso.

— Quando eu tinha a tua idade também preferia ficar tocando música ao invés de brincar, não é a melhor coisa a se fazer, mas eu sei como é isso — dou uma piscada para ele que ri. — Como foi o fim de semana?

— Chato, nada para fazer — ele me responde voltando olhar para as teclas na nossa frente.

— Nada mesmo? Ninguém ficou brincando no pátio ou lição de casa para fazer?

— Terminei a minha lição na sexta à noite mesmo — ele me responde e começa a tocar o teclado de novo. — E eu não gosto muito de brincar com as outras crianças.

— Por quê? — pergunto e me sento ao seu lado e começo a tocar com ele só uma escala mais baixa.

— Não sei, não vejo graça nas brincadeiras deles — toco mais rápido e ele me acompanha sem dificuldade.

— E aí o que tu faz para passar o tempo?

— Vou para a biblioteca e leio os Gibis da Turma da Mônica.

— Adoro a turma da Mônica — comento e acelero mais uma vez o ritmo da música que estamos tocando — acho o Mingau da Magali muito parecido com o Gato.

— Gato? — ele pergunta.

— É o meu gato se chama Gato e é branco igual ao Mingau.

— Legal, será que ele também conversa em pensamento igual ao Mingau?

— Com certeza, ele deve pensar igual ao Mingau ou até mais — ele ri e terminamos a música. — Yago, se eu te passar algumas partituras tu gostaria de ensaiar no fim de semana? Eu peço para uma das monitoras colocar no teu quarto um violão e um teclado, o que tu acha da ideia? — ele me olha e seus olhos verdes se iluminam.

— Sério tia Su?

— Sim, desde que tu não deixe de fazer as lições de casa para ficar só tocando — advirto para não ele não ter problemas na escola. — Não vejo problemas, tu pode dar uma ajuda para os colegas mais atrasados da turma também.

— Claro — ele me abraça, e eu aproveito e retribuo com um pouco mais de afeto do que eu deveria.

— Então está fechado, vou avisar as gurias e tu pode ensaiar nos finais de semana e com o tempo vou te dar alguns exercícios para tu fazer com os colegas, combinado?

— Sim — ele se ilumina e o meu coração se derrete. Levanto a minha mão e ele faz um “Hi Five” comigo.

Perto do meio-dia, libero as crianças para almoçarem e se arrumarem para a aula à tarde. Arrumo a sala e a bagunça que eles fizeram e tranco a porta da sala de música. Aviso na coordenação do meu trato com o Yago e elas aceitam numa boa e dizem que é uma ótima ideia, pois ele fica sempre mais feliz depois de uma aula de música comigo.

Entro no meu carro, um Volkswagen New Beetle prata, 2011, ou como diz a Elis, um fusca estilizado. Foi amor à primeira vista e foi uma das únicas loucuras que eu fiz na vida, um financiamento em milhares de prestações, mas não me arrependo, amo ele e ele me ama!

Coloco o carro em movimento e saio para almoçar em um restaurante a poucos quilômetros de distância para voltar e dar aula à tarde aos meus alunos maiores. Ensinar a eles é mais complicado, pois eles não querem as músicas que eu dou a eles. Eles estão na faixa dos 13 aos 16 anos, rebeldes por natureza e acentuado pela condição que vivem. Cabe a mim ficar de olho nas estações de rádio da cidade e escutar as músicas e passar para eles as que eu acho decentes e eles concordam.

Estaciono o carro em uma vaga oblíqua e saio para o restaurante, meu celular toca e eu começo a catar ele de dentro da minha bolsa. A minha é gigante e estilo buraco negro, cai lá dentro não se acha mais. Caneta, carteira, escova de dente, escova de cabelo, elásticos para prendê-los, pasta de dente, absorvente para casos de urgência, papel higiênico, uma touca de cozinha (não sei o que isso está fazendo aqui) e finalmente, o celular.

Olho o número e não conheço, será que é algum cliente? Na dúvida atendo mesmo assim.

— Alô? — tento soar desinteressada.

— Su, minha sensata — paro no meio da calçada e me assusto, só uma pessoa me chama assim.

— Como tu conseguiu o meu número? — ele ri.

— Consegui o teu endereço, teu celular foi mais fácil.

— Isso é perseguição — falo e volto a andar e entro no restaurante. — O que tu quer Noah?

— Me desculpar corretamente pelo banho de vinho... — ele fala e eu me lembro que tenho que mandar fazer outro avental para mim, o vinho tinto não saiu nas duas lavagens que fiz nele.— Com o jantar que tu aceitou aquele dia — droga tinha me esquecido disso.

— Certo qual o dia e o local — falo deixando minha bolsa em uma das mesas perto da janela.

— Amanhã às sete da noite e quando eu te pegar em casa, te digo o restaurante — jura que eu vou de carro com ele.

— Não precisa me pegar em casa, tenho carro e sei dirigir, me passa o endereço que eu vou até lá.

— Não tem graça nenhuma nisso Su — ele fala e eu reviro os olhos. — Moramos perto, vamos para o mesmo lugar, vamos juntos.

— Noah — eu começo. — Não sei onde eu estava com a cabeça quando eu concordei em ir nesse jantar contigo, mas eu vou, cumprio a minha palavra. Mas eu não vou no teu carro. Não te conheço para saber o que tu tem na cabeça para me fazer esse tipo de convite, certo?

Ele fica mudo, toma uma respiração e começa a falar

— Certo dona osso duro de roer, você (tu) está certa, posso ser um assassino procurado pela Interpol, CIA e afins — ouço a sua risada fraca pelo celular e tento não me deixar abalar com isso.

— Isso mesmo — recobro a minha sanidade e coloco os meus pensamentos em ordem novamente. — Amanhã as sete, seja lá onde for o jantar, eu apareço, combinado?

— Sim, te mando o endereço mais tarde.

— Aguardarei!

— Até amanhã Su...

— Até amanhã Noah — e desligo o telefone, sem dar mais nenhum papo a esse maluco.

Fico olhando para o meu celular por alguns instantes querendo saber onde foi à parte que eu me deixei levar por esse cara desconhecido. Muitos malucos já estiveram na minha vida, mas esse está ganhando nesse quesito, mais até que a Elis.

Só um jantar. Falo para mim mesma enquanto almoço como uma pessoa que não come há uns três dias. Passo essa noite com esse tal de Noah e depois, tiro ele da minha vida e volto para a minha rotina.

Capítulo 6

Não sei onde eu estava com a cabeça quando contei para a Elis que o Noah tinha me convencido para jantar com ele. Ela teve um surto adolescente no meio do meu apartamento hoje pela manhã, pulou, gritou e bateu palmas como se fosse ela quem tivesse sido convidada para o jantar com o Sr. Mal-Educado.

Mas cá estou eu, com ela puxando o meu cabelo para alisá-lo, mais do que ele já é. Posso considerar esse liso um novo tipo: liso, liso escorrido e liso Su by Elis. Sua maleta de maquiagem, daquelas de inox que devem pesar no mínimo uns 5kgs, está em cima da minha cama com o Gato deitado ao seu lado. Todas as repartições abertas e algumas maquiagens que eu nunca vi na minha vida.

Ela me fez sair mais cedo do trabalho para achar alguém que fizesse as minhas unhas, mesmo ela sabendo que eu mesmo as faço desde que eu comecei a me virar sozinha. Percebi como era caro pagar para fazê-las sendo que eu mesma poderia fazer a mesma coisa... Certo, admito, a mesma coisa não, ainda tiro uns bifes lindos e às vezes chego a ter umas hemorragias bem severas, mas dá para o gasto.

Minhas roupas estão todas espalhadas pelo quarto e a Elis ainda não decidiu o que eu vou vestir. Como se eu tivesse concordado com ela escolher o que eu vou usar, mas quando ela coloca uma coisa na cabeça, nem eu consigo fazê-la mudar de ideia.

— Fazer uma escova nos cabelos, não mata ninguém Su — ela me fala com o secador encostado nas raízes, queimando a minha cabeça e puxando uma mecha com uma escova.

— Não mata, mas se tu continuar assim vou ter que usar uma peruca, não puxa Elis — reclamo.

— Cala a boca que eu to trabalhando aqui, se começar a reclamar eu vou puxar mais — reviro os olhos e ela ri. — Nem acredito que tu vai sair para jantar com o cara das flores.

— Não vou sair, e sim um jantar de desculpas por tudo — falo indo com a cabeça para trás de tanta força que ela faz puxando os coitados dos meus cabelos, se eu me olhar no espelho nesse momento, aposto que vou estar com o rosto todo repuxado por causa disso.

— Que seja — ela desliga o secador. — Pelo menos vai desentocar de casa. Levanta — levanto e me olho no espelho, não posso negar que meus cabelos estão liso e brilhantes.

— Certo — falo e olho para o relógio —, temos trinta minutos para escolher uma roupa e maquiagem.

— Ainda são seis horas — Elis vai até onde está um vestido branco e começa a analisá-lo.

— Então, seis e meia tenho que sair para chegar lá — Elis joga o vestido por cima da cabeça e pega um preto com um decote um pouco exagerado demais para o meu gosto, que ela me deu no natal passado.

— Nem pensar, o restaurante é há dez minutos daqui, vai sair às sete e chegar lá às sete

e quinze no máximo. Atrasar é sexy baby — ela traz o vestido para mim e me dá um sorriso maquiavélico. — Hora exata para usar esse aqui.

— Justo esse? — faço uma cara de piedade para ela escolher outro, e claro que ela balança a cabeça negando. Que vaca!

— Vamos experimenta gata gostosa. E sem mais discussão.

Pego minha cinta modeladora mágica, estilo aquelas do Doctor Rey, que prometem o corpo de uma modelo, mas tira completamente a capacidade de locomoção e respiração da pessoa que a usa. Vou até o banheiro com o vestido, tiro o pijama, com cuidado para não estragar o cabelo, e começa a luta com a cinta.

Uma perna vai tranquila, a outra é um pouco difícil, mas consigo. Subir a parte da barriga é complicado, mas nada que trancar a respiração e puxar com força não ajude. Essa minha é estilo corpete, vem com a parte do sutiã junto, que é outro parto para colocar. Coloco um lado e tento ajustar o outro, coisa complicada. Quem mandou ter peitos gigantes Su?

Depois de um tempo lutando com eles, consigo acomodá-los naquele estilo, se der um espirro não me responsabilizo por quem estiver sentado perto de mim, pois vai saltar para tudo que é lado. Me estico toda para acomodar o resto que falta, coloco o vestido e saio para o quarto.

— Pronto, to ridí...

— Gata gostosa — Elis grita e me interrompe.

— Não exagera, to me sentindo um bujão de gás de capa nova isso sim — reclamo e me sento na cadeira para Elis começar a maldita maquiagem.

— Cala a boca Su, tá linda, ele vai babar em ti isso sim!

— De rir, só se for — ironizo. — Vamos Elis, termina isso de uma vez antes que eu desista!

Elis me maquiou de um jeito que eu nunca iria conseguir fazer nem parecido. Meus olhos castanhos ficaram destacados com a maquiagem esfumada em um tipo de tom de roxo escuro que eu não conhecia, absolutamente lindo. O rímel fez os meus cílios crescerem e curvarem de uma maneira que eu nem sabia que era fisicamente possível. E de quebra, ainda me fez usar um dos seus sapatos que eu mal consigo ficar em pé, pretos com o salto prateado, lindos, mas do estilo assassinos de pés.

— Viu só, gata, eu manjo das maquiagens — ela me fala quando estamos encarando o espelho com os nossos reflexos. — Vai arrasar com o cara.

— Eu estou até... — fico sem palavra e Elis se empolga.

— Maravilhosa? Gostosa? Ótima? — seu sorriso é contagiante, até eu me alegro vendo o resultado final.

— Sim, mas não tão exagerada assim como tu está falando.

— Exagerada nada, quantas vezes eu já te disse, Su te arruma, Su te maquia, Su faz isso, Su faz aquilo. Está mais do que na hora de aprender a escutar a amiga aqui, amore — sorrio.

— Está bem, vou começar a prestar mais atenção ao que tu fala para mim sobre isso —

começamos a rir, porque nós duas sabemos que isso nunca vai acontecer.

Não que eu não goste de me sentir bonita. Bem pelo contrário, quem não gosta? Mas eu prefiro ficar ao natural, acho essa a verdadeira beleza da pessoa, e não a que fica escondida por camadas e mais camadas de maquiagem e que podem sair no banho. Para mim, beleza interior vale muito mais do que a externa, do que vale a pessoa ser linda de rosto e corpo e um verdadeiro monstro nas suas atitudes?

— Ótimo, agora vamos à conferência — Elis me tira dos meus devaneios e eu olho para ela desconfiada.

— Conferência do quê? — pergunto indo até a bancada e pegando uma bolsa pequena para celular, cartão de crédito, chave do carro e documentos.

— De tudo — ela grita animada. — Vamos lá, depilação?

— O quê? — viro para ela e faço uma cara estilo “tu está louca?”.

— O que nada Su, alôu — A maluca estala os dedos na frente do meu rosto. — Isso é quesito básico, sempre tem que estar em dia!

— Como se isso fosse da tua conta ou da conta de alguém, sim, está em dia — reviro os olhos, Elis bate palmas e para a minha perdição, ainda continua com essa tal de checagem.

— Perfume?

— Não muito porque começo a espirrar.

— Certo e também pode sufocar o cara. Camisinha? — como, só pode ser brincadeira, não é? Ela fica me olhando esperando a minha resposta.

— Ai meu Deus Elis! Para de falar as coisas como se eu fosse dar para o cara hoje — ela ri.

— Não custa sonhar Su! Vai que...

— Que nada — replico para ela já furiosa. — É um jantar, para ele se desculpar de ser mal-educado e só, acabou, cada um vivendo suas vidas! Já vou deixar isso bem claro para ele assim que acabarmos.

— Ok — ela levanta as mãos como se estivesse se rendendo. — Não está mais aqui quem falou, mas por favor Su, eu te imploro — com expressão e tudo —, não seja delicada como coice de mula com ele!

— Desde quando eu sou delicada como coice de mula Elis?

— Desde que eu te conheço, tu trata os homens com essa delicadeza. Então, só essa noite, deixa de ser a Su mula e seja a Su delicada, doce e engraçada que eu tanto amo.

— Vou tentar — suspiro e abro a porta para sairmos —, mas não prometo nada — rimos e entramos no elevador até a garagem.

Chego ao estacionamento do restaurante o e meu celular apita uma mensagem.

“Está atrasada e eu sei onde tu mora”

Droga, detesto estar atrasada e a Elis ainda ficou me incomodando até que eu saísse no

horário que eu deveria estar chegando. Ela sabe disso, mas disse que eu não estava indo para uma reunião de trabalho ou uma consulta médica com um doutor que eu levei séculos para marcar a consulta. Atrasar tem o seu charme e faz o homem ficar imaginando o que tu estará vestindo, ela arrematou quando eu disse que não queria me atrasar pela última vez.

Maldita Elis.

Ao invés dele estar pensando em outras coisas, o Sr Noah Mal-Educado não me lembro de que, está querendo ir até a minha casa me buscar, eu mereço!

Dirijo um pouco mais rápido do que o normal, e chego até o restaurante com dez minutos de atraso. Dos males o menor.

Desço do meu fusca estilizado e aciono o alarme. Caminho até a entrada do restaurante, um chique com pianista tocando ao vivo e aqueles milhares de talheres e pratos diferentes para nos confundir. Um recepcionista de certa idade vestindo smoking e gravata borboleta está atendendo um casal e eu aguardo minha vez para ser atendida. Meu celular toca de novo e eu o pego para colocar no silencioso e vejo que é outra mensagem dele, me recuso a responder, já estou aqui mesmo.

Chega a minha vez e me identifico ao recepcionista. Ele olha para o meu rosto e desce até o meu decote, além de tudo um velho tarado! Depois de dar mais uma boa checada em mim, me indica a minha mesa e dessa vez eu o deixo falando sozinho. A Elis que me desculpe, mas dessa vez agi delicada como uma mula mesmo.

Corro os olhos pelo salão, um ambiente com uma iluminação clara no meio e perto do piano que toca uma melodia suave e fácil, as mesas são dispostas nas laterais deixando um pouco na penumbra. Garçons de calça social e camisa branca de botões, servem as mesas e eu procuro pelo Noah.

O encontro ao lado contrário do piano. Nossos olhares se encontram e ele sorri e eu me pego retribuindo de volta, não me perguntem o porquê, mas eu fiz isso. Caminho em sua direção me equilibrando nos saltos da Elis, falando mentalmente qual pé eu tenho que colocar na frente do outro, para não tropeçar nesses saltos.

Ele está vestido com uma calça social clara, um casaco de paletó cinza claro, quase branco e uma camiseta listrada branca e azul que ressaltam ainda mais seus olhos. Quando eu chego mais perto da mesa, Noah se levanta.

— Pensei que não ia vir mais — ele pega a minha mão direita e a beija, seu cavanhaque de poucos dias me faz cócegas. Quero lhe dar uma resposta bem atrevida, mas deixo essa passar para a Elis não dizer que eu assusto os homens.

— Desculpa, me atrasei no trabalho — sorrio como uma garota meiga e mentirosa.

— Desculpada — Noah puxa uma cadeira para mim e eu sento.

— Obrigada — agradeço baixinho e ele se senta na minha frente.

— Então, será que eu vou poder saber o teu nome completo, além do apelido Su? — seu sorriso é altamente persuasivo, mas eu resolvo brincar um pouco. O máximo que pode acontecer é ele entrar na minha onda e eu deixar ele se afogar lindamente.

— Não, é segredo de família, depois que tu souber, terei que te matar — dou de ombros e sorrio para ele que abre mais ainda o sorriso.

— Certo Su. Então, queria te pedir desculpas por aquele dia lá do celular e pelo o que a Lícia fez aquela noite — seus olhos me fitam com um ar de arrependimento genuíno.

— Sem problemas, até já esqueci — mentira, não esqueci coisa nenhuma, ainda mais ontem que eu tive que fazer outro uniforme para mim e foi uma pequena facadinha no estômago na casa de confecções.

— Certo — ele apoia os cotovelos em cima da mesa —, vamos falar de coisas diferentes, sei que trabalha com eventos e toca piano, o que mais? — certo esse é um ponto que eu detesto em conversas. Toco piano e trabalho, deu, isso é a minha vida, não há um a mais nesse quesito.

Sou uma pessoa completamente normal. Não faço nada de extraordinário e nem tenho uma vida aventureira ou baladeira. Algumas vezes, saio arrastada pela Elis, é só (e só). Trabalhar é a minha fonte de sustento e sem ele eu não recebo, então me dedico ao máximo nele para me render bons contatos para contratos futuros e assim se torna um ciclo vicioso. A única coisa que faço para mim mesma é as aulas para as crianças, mas não gosto de ficar contando para desconhecidos fatos tão íntimos da minha vida por nada.

— Só isso — ele franze a testa.

— Só isso mesmo?

— Sim — ele sorri e apoia o queixo com uma das mãos, sempre mantendo o contato visual, isso é meio assustador. Hora de virar o jogo Su. — E tu?

— Bom, sou modelo em final de carreira e vim de novo para o Brasil — final de carreira e de novo para o Brasil, como assim?

— Qual tua idade Su? — ele me pergunta e eu faço uma cara estranha. — Desculpa, mas não acho que tenha mais de 25 e não quero ser indelicado, mas acho que estou errado, não é?

— Tenho vinte e sete e tu?

— Trinta e quatro — o garçom ou maître, sei lá como se chamam eles aqui nesse ambiente, aparece com uma garrafa de vinho branco e serve a ele, e eu peço uma água sem gás.

— Certo, voltando ao assunto, como assim em decadência e de volta ao Brasil? — pergunto e ele sorri, de novo.

— Digamos que já passei da idade de modelar e minha mãe é brasileira e o meu pai inglês. Nasci na Inglaterra e agora voltei. Nada mais me segurava lá.

— Teus pais continuam lá? — vejo o seu olhar vacilar um pouco junto com a hesitação e ele me responde.

— Meu pai sim e a minha mãe faleceu há uns dois anos.

— Sinto muito — respondo automaticamente no segundo que escuto essas palavras. O garçom entrega a minha água e eu tomo um pouco. — Meu pai morreu quando eu era pequena e a minha mãe eu nem conheci. — desabafo, nem sei o porquê fiz isso, mas pelo visto essa noite

vai ser daquelas que eu faço as coisas sem entender as minhas ações e pensamentos.

— Eu que sinto muito — sorrio em agradecimento e pego a água de novo. E quem ia falar que nós temos alguma pequena coisa em comum assim?

O silêncio dos nossos pensamentos chega e fica em um nível conturbado onde ninguém sabe o que falar e ficamos como dois idiotas, eu com a água e ele com o vinho, vendo quem quebra o silêncio primeiro.

— Minha mãe era modelo também — ele volta a falar e eu a escutar. — Meu pai nunca gostou disso e nunca aprovou a minha escolha por essa profissão.

— Mas tu gosta de ser?

— No início era mais para afrontar ele, mas o cachê era fácil — ele pisca e eu aceno com a cabeça entendendo. Tudo começa a se encaixar nesse momento.

— Ai tu virou um modelo e agora não sabe o que fazer da vida? — a Su indelicada voltou. Até durou demais essa promessa para a Elis, já é um recorde mundial.

— É por ai — ele concorda e não me repreende.

Começamos a conversar, e eu percebo que ele é um chato, mimado que nunca teve ninguém que precisasse dele para alguma coisa importante. Em menos de uma hora de conversa ele me contou sobre viagens, festas, modelos e futilidades. Quando ele começou a falar sobre namoradas e casos eu quase levantei da cadeira e sai, só não fiz isso, pois estava com fome e a comida e o ambiente eram bons. Já viu gordo recusar comida boa? Não? Nem eu.

No final da noite eu já estou de saco cheio, e quando trazem a conta eu puxo o meu cartão de crédito, ele não aceita e quando começa a falar alguma coisa, eu deixo a Su normal vir a tona.

— Olha Noah, obrigada pela companhia da noite — falo para ele que arregala os olhos para mim —, foi muito legal da tua parte me convidar e aqui estou eu. Fiz a minha parte, vim e jantei contigo. Agora eu vou pagar o meu jantar e não há homem que me faça fazer o contrário. — Ele pisca diversas vezes os olhos e eu continuo falando. — Nunca alguém vai pagar alguma coisa para mim. Trabalho desde os meus dezoito anos para não ser dependente de mais ninguém. Pelo que tu me falou, eu já sei toda a tua vida, mimado, filho único que consegue tudo o que quer na vida — ele me observa, absorto com as minhas palavras e não fala nada, só escuta. — Clichê, é isso que tu é. Muito clichê! Rostinho bonito que faz assim, — estalo os dedos e ele sorri me deixando mais furiosa ainda. — E consegue a mulher burra e idiota que quiser.

Me levanto e vou até o recepcionista tarado, pago a minha conta e a dele, de quebra, e saio para o meu fusca. Dirijo para casa furiosa, detesto esse tipo de pessoa, que acham que sabem de tudo. A vida não é assim, dinheiro é bom, mas trabalhar e ver o suor nele é melhor ainda.

Abro a porta do meu apartamento, tiro um sapato em cada canto dele e vou para o meu quarto, tiro o vestido e quase tenho que pegar uma tesoura para tirar a cinta modeladora que está me cortando toda a circulação do corpo.

Tomo um banho para tirar a maquiagem, dou comida ao Gato, que mia para acordar todo o prédio pedindo comida e vou para cama. Quando estou quase dormindo, vejo a luz do meu celular dentro da bolsa tocando. Praguejo para o nada e vou ler a mensagem.

“Su, mesmo te conhecendo tão pouco, poso dizer que tu me conhece melhor que eu mesmo. Eu sou clichê, sim eu sei disso, mas quero mudar. Aceita ser minha professora anti-clichê? Noah.”

Capítulo 7

Sexta-feira, o melhor dia da semana para mim. Só a sonoridade da palavra já é agradável de escutar e já traz o prazer de poder dormir até mais tarde no outro dia e o domingo todo para mim, e isso que dizer, eu e o Gato atirados no sofá sem fazer nada, assitindo alguma besteira na televisão ou no meu quarto de música.

Estou sentada no meu sofá, tomando um chá de morango quente e doce, do jeito que eu amo. O Gato está deitado de barriga para cima roncando na outra almofada e eu com meu violão nos meus braços. Acabei de sair de um banho relaxante de sexta-feira, aquele que a gente pode ficar uns bons minutos a mais debaixo d'água e aproveitar para fazer uma faxina geral no corpo.

Estou linda! Vestida com uma calça de moletom do tempo em que eu era gigante e agora cabem duas Su nelas. Um moletom da Minnie rosa choque e os cabelos presos em uma piranha amarela fluorescente de se enxergar do outro lado da rua de tão chamativa, já que, seu eu comprar das normais, elas acabam sumindo ou a Elis pegando, desde que passei a usar essas coloridas, nenhuma mais sumiu. Mas dane-se o mundo, hoje é sexta!

Estou tocando violão há quase uma hora, já passei pelo rock clássico, MPB e algumas músicas para ensaiar com os meus alunos. Não as canto, só deixo a melodia sair livremente sob meus dedos e imagino o vocalista original entoando. Levanto para fazer mais uma xícara de chá e pegar um pão de queijo que comprei mais cedo no mercado e vejo o meu celular piscando com uma mensagem.

Elis: Vaca! Te prepara pq hj tem!!!

Su: Tem eu em casa de pijama! \o/

Elis: To subindo ai, abre essa porta!

Pronto, tudo que eu queria é uma sexta tranquila com o meu violão e o inútil do Gato roncando ao meu lado, mas pelo visto, não vai ser. Deixo a minha caneca com outro chá para outro dia e me preparo psicologicamente para enfrentar o furacão da minha melhor amiga.

Desde que ela terminou com o frentista, há menos de quinze dias, ela está surtando. Sério, não sei qual é a dela, fala mal, mas no fundo paga pau. E quem agora vai falar isso para ela? Já tentei diversas vezes, como sempre, tentar argumentar alguma coisa e é a mesma coisa que falar com o Gato. Então eu relevo e só aguento.

A campainha toca diversas vezes como se uma criança tivesse a apertando até então ela começar a apertar repetidamente, e eu abro a porta e a vejo segurar a campainha mais alguns segundos. Claro que a vaca faz isso de propósito para me irritar.

— Oi Eli... — Falo depois que tiro a mão dela da campainha.

— Que roupa é essa? — ela me corta entrando porta adentro, sem mesmo me cumprimentar. Pelo visto já está pronta, calça jeans colada, botas altíssimas e uma blusa xadrez com um decote para ninguém colocar defeito. — Vamos, tenho que me maquiar ainda.

— Vamos aonde Elis? Eu já estava quase pronta para ir para cama, isso sim.

— Deixa de ser louca! — Sigo ela até o meu quarto e ela abre as portas do meu guarda-roupa sem cerimônia nenhuma. Intimidade é uma merda. — Hoje é sexta e temos que desentocar de casa.

— Amanhã trabalhamos, lembra? — ela me atira uma calça jeans, no rosto, que comprei semana passada depois dela me incomodar para levá-la, é muito grudada e a minha bunda fica gigante nela.

— Temos que estar lá, às cinco da tarde. Temos vinte horas até lá. Vamos Su.

— Vamos aonde sua maluca? — ela me atira uma blusa preta e eu desvio a tempo.

— Consegui dois ingressos VIP numa festa sertaneja com dose de tequila livre — vejo ela bater palmas de felicidade e eu continuo com a minha cara de poucos amigos em sua direção.

— Desde quando eu gosto de sertanejo e tequila? — olho para ela com uma expressão, “já está bêbada?”.

— Tu não gosta, eu gosto e tu é minha amiga e vai comigo. — Ela sorri para mim, se dá por vencida e volta para procurar alguma coisa no meu guarda-roupa.

— Não porq... — Tento argumentar que só quero ficar em casa curtindo a minha solidão em paz, mas ela me corta.

— Porque coisa nenhuma, tu me deve depois de não responder o cara clichê. — Ah não! Essa discussão de novo?

Mal eu acordei no outro dia e o meu celular estava recheado com todos os tipos de mensagens dela. Até um “aposto que tu está dando para ele até não querer mais” estava no meio. Liguei para ela enquanto tomava o meu café da manhã e me preparava para mais um dia de trabalho, mas o que acabou acontecendo foi nós brigando por quase meia hora pelo telefone. A maluca queria que eu desse papo para alguém pior que ela, óbvio que isso nunca iria acontecer. Aquele cara só estava brincando comigo, ele é bonito, rico e pode ter qualquer mulher que aparecer na sua frente. E eu não teria nenhuma chance e acho ridículo quem brinca com os sentimentos dos outros por diversão. Desliguei o telefone com a promessa da Elis que nunca mais iria falar comigo novamente. E em menos de meia hora ela estava me ligando para conversar sobre o evento de amanhã...

— E nem vou responder — coloco as roupas em cima da cama.

— Por isso mesmo que agora vamos sair! Nem que eu te coloque essa roupa a força e te leve amarrada, mas tu vai — ela abre a maleta de maquiagem e começa a tirar coisas lá de dentro, discutir com ela sempre que alguma balada está envolvida é causa perdida.

Já que a minha noite da preguiça foi altamente cortada dos planos da Elis, pego aquelas roupas de cima da cama e saio como uma criança emburrada para me vestir. Até eu vou, mas pelo simples fato de que se tem tequila liberada, ela quer tomar um porre e vai precisar de mim para dirigir de volta para casa.

Depois de a Elis me maquiar, de um jeito sutil, e brigarmos pelo salto que ela queria que eu colocasse, dessa vez eu ganhei e coloquei uma bota sem salto, estamos entrando na tal balada sertaneja. A sorte que ele fica a poucos quilômetros da minha casa, vamos no Fusca e deixamos o carro dela na outra vaga do meu apartamento.

O som é alto com uma música de batida constante, ambiente com aquela fumaça artificial sufocante que chegam a dificultar a respiração. Pessoas fumando, para piorar a situação, uma escuridão com aquelas luzes piscando de forma aleatórias e empurrões para cada lado que me mexo. Mostramos as pulseiras verde limão da área VIP ao segurança gigante e subimos a escada. Menos pessoas, mas o barulho e a confusão caótica continuam os mesmos.

Pegamos uma mesa do lado esquerdo do palco e perto da grade da sacada. Um pessoal se arruma com alguns instrumentos, pelo visto vai ter música ao vivo aqui. Assim que eles começam a minha esperança de uma música melhor se esvai mais rápido que essa fumaça artificial. A batida ruim não muda muito, só tem um compasso diferente e vejo as pessoas dançando com o vocalista cantando com alguma letra mal escrita e sem poesia nenhuma e sim palavras aleatórias de duplos sentidos.

Sério que elas chamam isso de música? Não que eu tenha preconceito musical, mas tem coisas que não dá para se comparar com música. Tocar qualquer tecla, corda ou até pelo computador, não é música para mim. Bom, de letras nem falo, desde que a Elis me levou a um show de funk eu não comento mais nada, pois ela ameaçou de me bater. Tá, ok. Talvez eu tenha um preconceito musical básico, mas quem não tem?

— Quer tequila? — Elis pergunta me tirando dos devaneios musicais que me assombram e me perguntam “o que tu está fazendo aqui Su?”.

— E quem vai dirigir o fusca? — pergunto a ela.

— Beber uma não vai te pegar na lei seca amiga.

— Não quero Elis, vai lá, toma uma por mim — ela dá de ombros e sai para o bar. É Su, a noite vai ser longa!

Lá pela quinta rodada de tequila da Elis, ela já está cantando sozinha e rindo sem parar. Bêbada. E eu até me divirto rindo das loucuras dela. A observo dançando com um cara que tirou ela ao som dessa banda com o guitarrista secundário desafinado e o baixista fora de compasso. Não que eu esteja notando, longe disso. Continuo a olhar a Elis e o cara desengonçado e começo a rir para a cena, se a iluminação não estivesse tão ruim, pegaria o meu celular para gravar e mostrar para ela amanhã.

— Oi... — Alguém se senta à minha mesa e eu olho para a pessoa. Loiro, olhos verdes e alguns dentes tortos. Faço uma comparação mental com o Clichezinho, apelido que eu e a Elis demos ao Noah, e vejo que não vou encontrar alguém no mesmo padrão dele aqui. Paro e pisco algumas vezes. Dá onde veio esse pensamento?

— Precisa de alguma coisa? — volto a ver o cara sorridente na minha frente.

— Sim — ele sorri demais para o meu gosto. — Toma uma dose comigo?

— Não — respondo sem hesitar.

— Uma dança? — ele insiste.

— Desculpa, mas não — evito o contato visual e olho para a Elis e sua dança sem nexos nenhum.

— Não mesmo? — cara chato!

— Não — viro para a grade e o deixo falando sozinho, até que ele vai embora.

Não me levem a mal. Mas sou assim, ainda mais com quem eu nem conheço. Sou desconfiada por natureza e não deixo qualquer um entrar na minha vida.

— Su sua vaca! — Elis se atira na cadeira e eu dou um pulo de susto. — Eu vi o cara saindo daqui.

— Cara chato — pego minha água e abro, ela a tira de mim e começa a tomar. — Ei!

— Ei nada, já to bêbada e a amanhã eu trabalho, não posso estar de ressaca — vira e termina com a garrafa.

— Acho bom mesmo, ninguém te aguenta de ressaca, já podemos ir embora? — faço um sorriso de boa menina, na esperança que a convença.

— Não e eu vou lá buscar mais água e outra dose — droga.

Quando estávamos na faculdade, eu via a Elis bêbada quase todos os finais de semana, mas nos que ela tinha decepção amorosa, eram os piores, sempre e em todos os sentidos. Banhos de vômitos seguidos por choros intermináveis em banheiros sujos eram normais nessas ocasiões. Acompanhava todos eles e depois os curava no meu apartamento. E hoje estamos revivendo nossos tempos de faculdade.

Pelo menos esse banheiro não é tão sujo como os que nós íamos naquele tempo. Estudantes e pobres, não tínhamos muitas opções de ambientes que respeitassem as leis sanitárias assim. Elis está de joelhos no chão e eu segurando seus cabelos e dando água aos poucos para ela.

— Eu nunca mais vou beber tequila na vida Su — sua voz sai chorosa e ela volta a vomitar.

— Ah se eu ganhasse dinheiro para cada vez que eu escutasse isso Elis — brinco afastando mais ainda seus cabelos, e ela geme.

— Não ri da minha desgraça!

— Está bem. Já vomitou tudo o que queria? — pergunto e alcanço a água para ela.

— Acho que sim — com uma cara quase verde ela tenta se levantar e eu a ajudo.

— Espero que não vomite no meu fusca — brinco mais uma vez e ela não me responde. Mal sinal. Agora sei que o estofamento do meu carro está correndo grande perigo de ficar fedendo por um bom tempo.

Estou saindo com a Elis sendo arrastada por mim, ela tropeça nos saltos e eu tenho que parar de rir para ajudá-la a não cair. Depois de vários quase tombos da Elis, conseguimos chegar ao meu carro.

— Su, eu acho que vou... — Elis cai em minha direção e foi o quanto eu a segurei e ela desmaiou.

— Droga Elis! — Xingo para o nada e uma pessoa vem me ajudar.

— Está tudo bem? — merda, conheço essa voz.

Escuto a voz que vem assombrando os meus sonhos desde aquele jantar. Olho para o meu lado e vejo o dono dos olhos mais azuis que eu já vi na minha vida, e a última pessoa que eu poderia querer encontrar na saída de uma balada sertaneja com tequila liberada e a maluca da Elis em uma espécie de coma alcoólico. Realmente é tudo o que uma pessoa sempre sonhou na vida.

— Su? — claro que ele iria me reconhecer. Minha sorte está ótima nessa noite.

— Oi Noah... — Falo por fim e já que ele está olhando para a Elis com uma cara estranha, peço para me ajudar e eu me livrar dessa situação de uma vez. — Pode abrir a porta do carro para eu jogar ela ali dentro? — falo querendo que um raio caia sobre mim e me leve desse lugar. Justo ele aparece para me ajudar? alguém que mexe os pauzinhos do destino tá de sacanagem com a minha cara, só pode!

— Ela está bem? — vejo ele tentar ver o rosto da Elis, já que o seu cabelo está sobre o seu rosto.

— Sim, só bêbada, nada que eu já não tenha visto e cuidado — ele pega a chave que está na minha mão e abre a porta do carro. — Puxa o banco, por favor? — com a maior facilidade do mundo ele empurra o banco para frente e eu joga a Elis ali com uma delicadeza extraordinária. Com certeza ela vai estar com um roxo amanhã, ai dela que me incomode por isso. — Pronto, obrigada Noah — ele me entrega a chave do carro e fica me olhando.

— Tu não respondeu a minha mensagem — sua voz sai baixa e eu consigo ver o seu rosto. O cavanhaque está mais acentuado que terça, calça jeans azul clássica e uma camiseta preta básica.

— Estava sem tempo... — Su mentirosa vindo à tona de novo, não queria responder mesmo.

— Bom, pode responder agora — ele me encara e me deixa sem escapatória, droga.

— Noah, não entendi o que tu quis dizer com o termo “professora anti-clichê”, a que tu se referiu, e... — Elis geme dentro do carro e eu corto o assunto — olha, eu tenho que levar ela para casa, depois nós nos falamos.

— Como tu vai levar ela para casa? Sozinha? — ele faz a volta no fusca.

— Sim, como eu sempre fiz — ouço ele destrancando a porta do carona do meu carro e entrando sem cerimônia nenhuma.

— Eu te ajudo e já conversamos — Noah fala já dentro do carro. — Vamos antes que ela vomite dentro do carro, vai ser bem pior.

Olho para o céu e espero uma resposta divina para o que eu tenho que fazer, nada me aparece, ótimo. Tomo uma respiração e entro no carro.

Capítulo 8

Coloco o cinto de segurança, ligo o carro e começo a dirigir. Noah se mexe todo tentando colocar o cinto e eu percebo que ele é um pouco grande para o carro e solto uma risada.

— Vai ter que colocar o banco para trás para se ajeitar aí — digo enquanto ele tenta arranjar algum espaço para as pernas.

— Agora eu sei como as sardinhas se sentem dentro da lata, não tinha um carro maior não? — faço uma careta, ninguém xinga o meu New Beetle assim, ainda mais dentro dele. Só a Elis pode fazer isso, mas ela não conta. Noah coloca o banco todo para trás e ainda continua com as pernas flexionadas.

— Ninguém fala mal do meu fusca, muito menos dentro dele — o aviso, e ele sorri.

— Certo, não está mais aqui quem falou — fala rendido. Elis geme de novo e eu vejo ela se levantando no banco de trás.

— Su... onde eu tô... — ela pergunta com os cabelos na frente do rosto e a maquiagem escorrendo, parece um urso panda.

— No carro Elis... — Informo e ela desata a chorar como uma criança. Reviro os olhos e Noah me olha assustado e faço uma expressão como se dissesse “não dá bola para ela”.

— Passa... num... posto de gasolina amiga? — ela engasga entre lágrimas e soluços. Gemo no volante de frustração e o Noah se vira para mim.

— Para que ela quer ir num posto de gasolina? — ele tenta disfarçar que não está se divertindo com tudo isso, mas pelo brilho nos seus olhos, falha miseravelmente.

— O ex dela era frentista — explico sem entrar muito em detalhes. — Deve estar sentindo falta do cheiro — começo a rir e ele balança a cabeça, mas com um sorriso junto.

— Quem é tu? — Elis se apoia nos bancos frontais e encara o Noah. Vejo o seu reflexo no espelho e o seu estado está deplorável, seu nariz escorre e as lágrimas a deixaram pronta para uma festa de dia das bruxas. E pelo cheiro de Tequila e vômito que ela exala essa noite eu vou dormir no sofá, não vou aguentar ela ao meu lado na cama.

— Ele é o Noah, Elis — falo e ela para de chorar.

— O que o clichezinho está fazendo aqui, Vaca? — ela se vira para mim e eu fico bêbada só com a presença dela. Sempre fui fraca para bebida, só o cheiro me basta para ficar mal.

— Clichezinho? — Noah olha para mim e eu sinto minhas bochechas ficarem cinquenta tons de vermelho.

— É — Elis vira para ele e eu começo a procurar um poste para atirar o carro para acabar com isso. — Te apelidamos assim, de tanto que a Su falou de ti — alguém cala a boca da Elis para mim?

— Sério Elis? — ele vira no banco para falar diretamente com ela. Rápido Su, pensa,

vale a pena jogar o fusca num poste, parada de ônibus ou coisa similar? Aproveita que o seguro do carro está em dia, pode pegar o dinheiro, juntar mais um pouco e pegar o Fusca, o original, que relançaram. Não é má ideia! Sempre quis um vermelho brilhante...

— Sim... — Elis, a vaca de boca grande, começa a falar e eu não acho nenhum poste sem um carro estacionado na frente, droga — mas agora eu quero ir num posto de gasolina, tô com saudade dele. Su, me leva em um?

— Levo, deita aí que eu já estaciono em um, certo?

— Certo — ela fala e se atira no banco de novo. Noah se ajeita ao meu lado e eu sigo olhando fixamente para a rua. Ele sorri, mas não fala nada.

Chego a minha garagem e estaciono o carro na minha vaga. Tiro o cinto, abro a porta e saio do carro, Noah todo sem jeito consegue de desentalar do banco e eu não deixo de rir da cena. Ele estava certo, uma sardinha prensada na lata, igualzinho. Ele faz uma cara de quem não está entendendo o porquê do meu riso e eu empurro o banco para tirar a bêbada de lá.

— Como vamos tirar ela daí? — Noah faz a volta e fica ao meu lado.

— Puxando ela, do jeito que ela está bêbada, nem vai notar — puxo as pernas da Elis até a cintura dela estar quase caindo do banco.

— Acho melhor eu pegá-la no colo, não é? — ele está escorado no fusca me observando.

— Tu consegue? — ele fecha a cara como se estivesse ofendido com a minha observação, faz uma cara como “está brincando comigo não é?” e vem em direção ao carro e tira Elis de lá como se não pesasse nada. — É... consegue — fecho a porta do carro, aciono o alarme e vamos em direção ao elevador.

Aperto o botão para o meu andar e a Elis acorda, de novo. Isso está ficando cada vez melhor! Ela olha para o Noah e depois para mim e começa a falar o que não deve de novo.

— Miga, o clichêzinho é cheiroso! — Ela encosta no pescoço dele, eu sei que ele é cheiroso, estava ao meu lado enquanto eu dirigia e foi o que me salvou para não passar mal com o cheiro da Elis. Não que eu estivesse com inveja dela em seus braços e sentindo o perfume com mais intensidade, mas se eu estivesse bêbada e sem condições de caminhar, não recusaria. Claro que ele não conseguiria me levantar com toda a facilidade. — Mas eu ainda prefiro o cheiro da gasolina — Noah solta uma gargalhada alta e eu quero me atirar no poço do elevador.

— Pelo amor de Deus Elis, cala a boca! — Falo entre dentes de tanta raiva que eu estou dela, mas ao mesmo tempo segurando uma risada.

— Deixa ela Su, obrigado Elis — Noah a incentiva.

— Verdade — sua voz sai muito enrolada. — Mas tu já é da Su e eu quero o meu frentista — ELIS SUA VACA ABORDATA! Quero socar a cabeça na parede, a minha e a dela. Vamos elevador, rápido, antes que ela comece a falar o que ela queria que eu fizesse com o Noah depois do nosso jantar. Coisas que com certeza não devem ser escutada por pessoas cardíacas, puritanas e muito menos por menores de idade.

— Ok Elis, chegamos — a porta do elevador abre e eu saio correndo para abrir a porta

do apartamento. Não quero ver a cara do Noah e nem ser responsável pela morte lenta e terrível da Elis se ela continuar a falar o que não deve.

Eles entram rindo e eu abrindo caminho para o meu quarto. Meu apartamento é pequeno, uma sala, cozinha com um pequeno espaço para a máquina de lavar e secar roupa, corredor que de um lado fica o banheiro e do outro o quarto com os instrumentos e no fundo o meu quarto. Para eu e o Gato, está ótimo.

Droga! Me esqueci que o dia de arrumar o apê é amanhã ele está uma bagunça! Meu quarto então, nem se fala, parece que um pequeno furacão passou nele, toalha jogada em cima da cama, maquiagens atiradas, meu guarda-roupa aberto com as revirações da Elis a mostra, e aquilo ali no canto é um sutiã?

Noah entra sem cerimônia com uma Elis semi-inconsciente nos braços, só dá tempo de eu chutar o sutiã preto de bolinhas brancas para baixo da cama e tirar a toalha molhada do caminho. Ele a coloca na cama e eu começo a abrir o fecho de suas botas.

— Onde fica a cozinha? — ele pergunta, saindo pela porta.

— Segue em frente — indico tirando um pé com muito sacrifício.

— Te espero lá — ele sai e pelo visto, para o meu desespero, não vai desistir dessa tal conversa.

— Tinha que ser tua culpa Elis — falo para ela que dorme e ronca enquanto tiro seus jeans embalados a vácuo do seu corpo. — E agora, o que eu faço, me responde? — minha vontade é bater na cara dela, mas não vai ter graça, pois amanhã ela não vai se lembrar disso. — Tu apronta as coisas e eu que pago o pato depois? Ainda vai me pagar com juro e correção monetária, Vaca! Eu prometo que dessa tu não me escapa!

Termino de tirar a roupa e acomodá-la na minha cama, pego a toalha, que ainda está meio úmida, e tento limpar um pouco do rosto dela. Não consigo fazer milagres, mas o excesso que escorreu eu consigo tirar. Saio do quarto e sigo para a cozinha. Noah está sentado em uma das minhas cadeiras com o Gato no colo dele, até tu Brutus? O Gato é bem antissocial, não é muito de pessoas estranha, aliás, acho que ele só convive comigo e com a Elis. Mas pelo visto, está se dando muito bem, até demais para o meu gosto, com ele.

— Qual o nome dele? Ou dela? — Noah pergunta enquanto eu entro na cozinha e o traidor de quatro patas ronrona no seu colo com as carícias na barriga.

— Gato, e é ele — sento na cadeira a sua frente com a mesa nos separando.

— Teu gato se chama Gato? — ele faz uma cara esquisita e eu começo a rir.

— Sim, meu gato se chama Gato — confirmo.

— Coitado — ele solta o Gato no chão que vem em minha direção.

— Coitada de mim aguentando ele — pego Gato no colo e faço carinho também. — Quando o ganhei, não passava de uma bola de pelo branco, eu e a Elis pensamos em tantos nomes para ele que acabou ficando Gato mesmo. E agora está grande e gordo demais. Tem algum também?

— Um cachorro, vira-lata, mas ele não se chama Cachorro — seu sorriso aparece e eu

me perco um pouco nele. Droga!

— Qual o nome? — limpo os meus pensamentos desviando os olhos dele enquanto coloco o Gato no chão.

— Jelly Beans. Ou JB para facilitar as coisas — seu olhar fixa em mim e para não me perder de novo resolvo fazer um chá para acalmar os meus ânimos. Não disse que sou fraca para bebidas? Só o cheiro de tequila da Elis já me deixou meio desconcertada com tudo isso.

— Sério? — levanto e pego uma xícara roxa para fazer outro chá de morango. — Quer chá?

— Qual? — ele pergunta virando para mim.

— Morango — respondo e ele fica me olhando sério. — O quê?

— Sou de descendência Inglesa, morei lá, e tu me oferece chá de morango? — vai começar a arrogância, a Su mandona ganha vida dentro de mim e revido à altura.

— Agora tu está no Brasil e eu tomo chá de morango, vai querer ou não? — coloco as mãos na cintura e olho para ele séria, ele revira os olhos.

— Certo, pode ser — pego mais uma caneca, de bichinhos, bem enfeitada e colorida e coloco na frente dele. Ponho uma chaleira a esquentar e me sento novamente.

— Então... — começo a falar.

— Então Su... — ele me corta e apoia na mesa me olhando profundamente. — Antes de tudo, obrigado por me pagar o jantar, primeira vez que uma mulher faz isso para mim — sua voz sai altamente irônica e eu sorrio triunfante. — Mas o meu ponto é... — ele faz uma pausa e me encara — o que tu me falou aquele dia no restaurante, é verdade. Depois que tu saiu eu percebi isso.

— Desculpa Noah é que....

— Não estou te criticando ou coisa assim, estou te agradecendo — faço uma cara de espanto misturada como quem não entendeu o seu ponto. — Su, naquela noite em que eu te encontrei com o meu celular, mexendo nele, eu surtei — levanto e começo a colocar as coisas para o nosso chá em cima da mesa e ele continua falando, não consigo ficar parada com pessoas me encarando assim com toda a intensidade que ele faz —, e o jeito que tu falou comigo me transtornou de um jeito que eu só pensava em ti. Tanto que eu mandei as flores depois.

— Como tu conseguiu o meu endereço? — pergunto empurrando a xícara de bichinhos coloridos para ele e pegando a roxa para mim, a chaleira apita, levanto e a coloco no apoio de coisas quentes em cima da mesa. Ele se serve de água e pega um saquinho com o chá e começa a mergulhá-lo na água.

— Tenho os meus métodos — ele pisca enquanto leva a caneca à boca e toma um gole do seu chá. — Lady Grey é melhor, mas esse aqui dá para o gasto — reviro os olhos para ele enquanto preparo o meu. — Voltando ao assunto... Aquele dia no evento, eu te vi assim que cheguei ao ambiente e não acreditei que tinha te reencontrado. Lícia estava certa quando disse que eu passei o tempo todo te observando. Não parecia a mesma pessoa que tinha me tratado daquele jeito poucos dias antes — sorrio lembrando do meu “chega para lá” nele, e pego um saco

de pão de queijo que está dentro da fruteira no meio da mesa, ofereço a ele, que aceita. — Tu parecia uma pessoa completamente diferente, como se a tua personalidade tivesse mudado da água para o vinho.

— E eu nem estava de TPM — confesso, nesses dias sim eu fico bipolar.

— Que seja — ele morde o pão de queijo, mastiga e geme. — Esse aqui é dos bons.

— Comprei no mercadinho aqui perto, te passo o endereço depois.

— Obrigado — ele termina de comer e pega outro. — Quando te vi trabalhando e feliz fiquei intrigado contigo. Me perguntei a noite toda, como ela consegue ser uma fera comigo e ser toda sorridente com os outros?

— Geralmente eu sou uma fera com quem me trata mal, só isso — dou de ombros.

— Percebi isso — ele sorri e eu aproveito a deixa para começar a falar.

— Quando eu, ou algum dos meus funcionários, acha algum pertence perdido, sempre pego e ligo para algum contato avisando ou deixo quem me contratou sabendo, para não haver nenhum problema com isso — ele acena com a cabeça. — Eu estava terminando de falar com alguém, pelo teu celular, e tu chegou querendo bancar o sabe tudo. Tive que te colocar no teu lugar. — Dou de ombros e ele sorri.

— E foi exatamente isso que tu fez Su, olha — ele se ajeita na cadeira e se inclina para frente —, me fez ver que eu não sou nada além de um rostinho bonito. — Quase concordo com isso, mas soco um pão de queijo na boca para não falar besteira — e que não tenho nada a oferecer aos outros com isso. Cheguei em ti como eu chego em todo mundo que não faz o que eu quero ou como quero. Aquele dia foi uma revelação para mim e por isso preciso da tua ajuda.

— Como? — quase cuspo o meu chá quando ele fala essa última frase. — Como assim ajuda?

— Quero que tu me coloque no lugar, me faça uma pessoa melhor — seu sorriso volta com força total.

— Eu? — fico espantada e sem reação.

— Sim, em trinta e quatro anos só tu conseguiu fazer isso. Por isso tem que ser tu — ele abaixa a voz e completa —, e meio que eu tenho medo de ti — solto uma risada.

— Certo Noah, eu coloco medo nas pessoas mesmo, Elis me diz isso sempre. Mas não entendo, como vamos fazer isso?

— Passando algum tempo juntos, tu me contando as coisas que faz e...

— Já jantamos uma vez e não deu certo, só tu falou — falo séria.

— Eu sei, prometo ficar quieto dessa vez. Podemos fazer isso funcionar. Uma parceria, tu tem a minha companhia e eu aprendo a ficar no meu lugar como uma pessoa normal e não como... como tu me chamou mesmo aquele dia?

— Mimado?

— Isso, mimado. Temos um acordo? — ele estica a mão para selar e eu penso comigo mesma, colocar ele no lugar vai ser uma tarefa mais que prazerosa. Ele entra um mimado e sai

um cidadão exemplar. Vai aprender que a vida não é fácil. Temos derrotas e vitórias com cada uma delas, seus respectivos sabores.

Coloco minha mão na sua e aperto, olho nos seus olhos azuis brilhantes e solto um sorriso confiante, aquele mesmo que faço quando fecho o contrato de um evento, que demonstra que eu sou capaz de qualquer desafio.

— Temos um acordo Noah.

Capítulo 9

— Posso morrer? — Elis me pergunta quando entra no seu carro ainda estacionando na minha garagem.

São quase três da tarde e ela está um trapo. Ressaca pura. Dormiu até agora pouco, só acordei porque temos que trabalhar daqui a pouco. Ela continua com um pouco de maquiagem no rosto e colocou as mesmas roupas de ontem, que eu lavei hoje pela manhã. Estamos indo até o seu apartamento para ela pegar o seu uniforme e tentar ficar apresentável a tempo para o aniversário de hoje. Como ela mora no outro lado da cidade, temos que fazer um desvio que entra num parte quase abandonada. Morro de medo de passar esse trecho à noite.

— Só depois de hoje à noite — aviso quando saímos da garagem e entramos no asfalto.

— Aiiiii, maldito sol! — Ela abaixa a viseira do lado do motorista e eu começo a rir.

— Bem feito! Isso é por tudo o que tu me fez passar ontem.

— Não pragueja Su, estou morta demais para entender o porquê disso — com movimentos lentos, ela abre uma garrafa de água que entreguei quando acordei e toma uns comprimidos para a dor de cabeça que deve estar sentindo.

— Amnésia alcoólica? Não te faz Elis — depois de tomar mais um pouco de água ela sorri para mim.

— Certo, lembro sim. Clichezinho comigo no colo, impossível esquecer disso — reviro os olhos e ela continua. — Cheiroso que só.

— Mesmo com o teu cheiro de vômito e tequila, ainda consegui sentir o perfume dele — meu carro vai carregar o seu cheiro por um bom tempo ainda. Conto para ela tudo o que aconteceu ontem, desde como ele nos achou, a carregou no colo, loucuras que ela falou e como ele fez a proposta para aquele acordo idiota. Elis tenta dar pulos de animações, mas a ressaca não deixa.

— E tu, para de ser arredia com ele — soando mais uma ameaça do que um pedido. — Se der sopa, vai de colher. Te joga como carro velho sem freio descendo uma ladeira — balanço a cabeça e começamos a rir.

Elis ainda está bêbada, só pode. O que o Noah, um modelo, lindo de morrer, iria querer com uma mulher como eu? Baixinha, uns bons 10-15 kg a mais do que o normal, irritada e que não está nem aí para a moda e coisas desse tipo.

Nada.

Nem em livros isso acontece. Geralmente a mocinha é linda, esbelta, determinada, sem medo de nada ou uma sonsa completa. Ou seja, um mundo quase perfeito, onde não há nada que o amor não supere. Bem diferente do mundo real. Onde por exemplo, os pneus dos carros furam do meio da rua.

— O que foi isso? — Elis me pergunta quando o carro dela, um Ford Fiesta, faz um barulho estranho e eu sinto a direção dando um pulo na minha mão.

— Eu espero que nada — estaciono o carro em um acostamento, no meio do nada.

Descemos do carro, eu já estou pronta para encarar a noite trabalhando, uniforme preto e sapatilhas, Elis usava um par de havaianas que eram meus para não ter que usar os saltos. Vou até a frente do carro e ao lado do carona, o pneu completamente sem ar. Nada que ligar para o seguro e esperar um pouco, não resolveva.

— Liga para o seguro Elis, o pneu dianteiro furou — Elis arregala os olhos e me olha.

— Não surta — ela avisa.

— Não me diz que tu não pagou o seguro Elis! — Óbvio que eu começo a surtar.

— Não, está pago sim — solto o ar aliviada. — Mas o cartão com o número está na outra bolsa.

— Como é? — pergunto pensando que estou surda, ou louca, para escutar isso o que ela me disse.

— Eu disse para tu não surtar...

— ELIS cala a boca! Estamos no meio do nada e tu está me dizendo que não tem o número do seguro aqui contigo? — ela me olha e entra dentro do carro, e fecha a porta. — Vem aqui Elis! Agora como vamos resolver isso?

— Não sei — ela abre o porta luva e começa a procurar algum papel, cartão, diabo a quatro, que possa ter o número da seguradora. — Chego a janela da sua porta e me apoio. Começo a suar de calor, ou de raiva.

— Sabe o nome pelo menos? — falo baixo tentando me acalmar. Ela levanta o olhos para mim e faz uma carinha de cachorro sem dono.

— Não Su... eu nunca pensei que isso poderia acontecer, juro — ela abre a porta do carro e sai.

— Meu Deus Elis, como assim, tu pensou que isso nunca fosse acontecer? — grito com ela, dane-se sua dor de cabeça.

— Eu não sei, desculpa — começo a caminhar de um lado para o outro. Nenhuma maldita alma aparece em nenhum dos lados da rodovia. — E agora? — olho para o céu e solto uma respiração.

— Vamos trocar nós isso de uma vez, até alguém vir nos socorrer, já teremos feito o trabalho — Elis me olha espantada. — Te mexe Elis, vamos de uma vez!

Abro o porta-malas para procurar o estepe. Elis aparece do meu lado e eu entrego o pneu novo para ela, pego o macaco e a chave de roda e lá vamos nós.

— Já fez isso alguma vez? — Elis me pergunta quando eu coloco o macaco embaixo do carro e começo a impulsionar e o carro a subir.

— Não, mas deve ser fácil. Para os homens fazerem, não deve ser muito difícil — nos olhamos e rimos juntas.

Deixo o carro em uma altura que eu acho que deve ser suficiente e Elis encaixa a chave de roda. Óbvio que não temos a força para fazer aquele troço girar sozinha.

— Calma aí — falo para a Elis que está rindo como uma hiena — Se apoia em mim e pula em cima disso.

— Eu vou cair Su, se apoia tu em mim então!

— Não, eu vou quebrar a roda, o parafuso e a chave. Vem!

Começamos a rir até a Elis parar e subir em cima da chave. Ela dá uns pulos pequenos e nada daquilo se mexer. Digo para ela pular com mais vontade até que a chave dá uma volta e ela quase cai no chão de bunda. Agora mesmo que não conseguimos parar de rir.

Depois de quase meia hora, conseguimos trocar o maldito pneu. Minhas mãos estão sujas de graxa e Elis tem uma marca na bochecha também. Entramos no carro e vamos até sua casa para ela tomar um banho e eu tirar a sujeira das mãos.

Chegamos ao evento, só meia hora atrasadas, ainda bem. Elis está nova em folha e eu ainda atulhada de perfume que ela colocou em mim para disfarçar o cheiro de graxa. Já espirrei umas quatro vezes, por causa da mistura de odores em mim. Terminamos de arrumar o que faltava e começamos a ajeitar a parte de comida do aniversário. Como sempre, Elis está debruçada sobre uma caixa de doces, comendo e falando ao celular.

— Já disse para ti parar de comer as comida das festas Elis — Chego falando e ela coloca o celular no viva-voz.

— Elis essa tua patroa é uma estressada — ouço a voz do Noah saindo pelo celular, que agora vendo melhor, é o meu.

— O que tu está fazendo com o meu celular? — falo e Elis coloca mais um doce na boca.

— Oi Fofa! — Noah fala pelo auto-falante e eu olho para Elis, que está morrendo de rir de mim.

— Desculpa amiga, mas ele queria um apelido para ti, já que o chamamos de clichézinho. Nada mais justo que eu contar o que tu mais odeia ser chamada.

— Eu estou bem de vida com vocês dois juntos, não é? E o que tu quer Noah?

— Só saber como vocês duas estavam — sua voz sai um pouco mais delicada do que eu esperava, me quebrando completamente.

— Clichézinho, tu sabe trocar pneu? — Elis pergunta e eu começo a rir me lembrando de nós duas no meio da estrada.

— Não, por quê? — escutamos ele sorrir pelo telefone.

— Eu e a Su sabemos!

— Como? — um funcionário chama Elis para ver alguma coisa, ela me empurra o telefone e sai correndo. Desligo o viva-voz e começo a falar.

— Oi — falo timidamente, por quê? Não sei.

— Fofa, me conta essa história direito. Vocês estão bem? — ele me pergunta rápido demais.

— Calma clichêzinho, estamos bem, sãs e salvas. O pneu do carro da Elis furou no meio do caminho e nós trocamos, nada de perigo.

— Porque não chamaram o seguro?

— Porque a Elis não tinha o número deles, aí até nós chamarmos alguém para nos socorrer... Mais fácil nós mesmo trocarmos.

— Nossa... — ele fica em silêncio por alguns instantes, toma uma respiração e começa a falar novamente. — Eu mesmo nem sei onde é o espete (estepe) do meu carro. Se um dia furar o pneu, vou chamar vocês duas para resolver isso, então.

— Nem inventa Noah, estou uma mistura de graxa com perfume que a Elis jogou em mim — ele ri.

— Certo Su... Então, o que vai fazer amanhã?

— Dormir. Amanhã é domingo, único dia para fazer isso, por quê?

— Ia te convidar para fazer alguma coisa, apesar de tu me colocar medo. Gosto da tua companhia — essa última frase sai como um sussurro fraco.

— Sei... — desconfio.

— Então, almoço? Jantar? Cinema? Alguma coisa? — sinto um misto de imploração com ansiedade nesse convite.

— Não sei que horas eu vou sair daqui Noah, conforme for, te mando uma mensagem, pode ser? Tem WhatsApp?

— Nem sei o que come — ele ri. — Vamos fazer assim, amanhã quando tu acordar e estiver disposta tu me liga, aí vemos o que faremos, pode ser?

Se sexta-feira para mim é o dia de alegria, domingo é o dia de tristeza. Só o fato de ser o único dia da semana que eu posso realmente descansar, e que depois dele a rotina volta, já da uma preguiça completa. Geralmente, nesse dia, eu tiro para ficar trancada no meu quarto tocando piano e os meus outros instrumentos. Preparo algumas partituras para as crianças e fico de bobeira o dia todo. Eu e o Gato. À noite ficamos um olhando para a cara do outro não querendo fazer nada, só mofando no sofá tendo a televisão ligada em algum canal aleatório. Não estou a fim de sair, nem com o Papa, o que dirá com o Noah, mas pelo visto, ele é uma pessoa que consegue o que quer com o seu poder de persuasão padrão mutante.

— Pode Noah.... — falo pensando em todas as coisas que eu vou deixar de não fazer amanhã.

— Perfeito — a animação na sua voz é perceptível. — Te aguardo amanhã, Fofa.

— Tchau Clichêzinho — ouço ele sorrir pelo telefone e desligo.

Elis vem até mim mastigando alguma coisa e com um copo de refrigerante na mão.

— E aí? — aposto que ela daria o rim esquerdo para saber o que eu conversei com o Noah. Sorrio, pego o copo da mão dela e tomo um pouco.

— E ai, o quê? — respondo e saio caminhando sorrindo, óbvio que Elis vem atrás de mim.

— O que vocês falaram? — viro para ela.

— Nada demais, contei a nossa façanha e ele me convidou para sair amanhã.

— Não acredito! — Elis grita, faço um sinal para ela parar de gritar e ela se recompõe.

— Amiga, ele tá na tua! Para de se fazer de garfo.

— Garfo?

— Sim, ele tá dando sopa e tu ao invés de ir de colher nele, tá indo de garfo. Não vai dar certo assim Su!

— Tu está bêbada ainda, só pode — volto a caminhar pelo salão, mas ainda escuto ela dizer ao fundo.

— Vai que dá certo amiga. Tem que arriscar mais para saber — entro no salão e não deixo as palavras da Elis me fazerem pirar a cabeça.

Literalmente o Noah é muita areia para o meu caminhãozinho e olha que eu não sou tão pequena assim.

Capítulo 10

Mau humor, isso me define agora. Juro que quando ver o Noah na minha frente vou matá-lo.

Eu estava dormindo, quase babando no travesseiro e ele começou a me mandar mensagem e ligar. Quase atirei o telefone na parede, mas relevei e desliguei. Ai o maldito descobriu o meu telefone fixo e eu quis morrer. Eu sei que disse para ele que iria ligar para combinar alguma coisa, mas eu estava, e estou, podre de cansada. O aniversário terminou mais de cinco da manhã. Até arrumar algumas coisas e afins, Elis me deixou em casa quase as sete da manhã.

A festa estava ótima, o pessoal se animou com a boate e no final todos estavam dançando na pista. Até eu, por livre e espontânea pressão dos funcionários. Nos divertimos bastante, Elis me fez até dançar uma música, se não dissesse que ia convidar o Noah para sair um dia com nós duas a noite, não teria escapatória, tive que ceder.

Tudo que eu mais queria era ficar em casa, deitadinha, dormindo ou no sofá com o Gato assistindo alguma porcaria na TV. Mas aqui estou eu. Jeans, all star azul e uma blusa preta, indo para a praça do meu bairro com o sol batendo no rosto. São quatro da tarde e eu estou com uma cara de zumbi, poderiam me contratar para o The Walking Dead sem gastar com maquiagem tranquilamente.

Me sento num banco e espero o Clichezinho chegar. Puxo meus fones de ouvido do bolso da calça e plugo no celular. Estou estudando uma música para passar aos alunos amanhã, já que não me deixaram dormir mesmo.

Fecho os olhos para me concentrar na melodia. A vibrações que as cordas do violão fazem seus altos e baixos, acordes e efeitos. Poderia ter trazido um para testar, se o que eu estou pensando está certo. Fico repetindo a música até que...

— Acorda Su — dou um pulo no banco e vejo Noah rindo de mim.

— Que susto! — ele senta ao meu lado. — E eu não estava dormindo.

— Imagina, só descansando os olhos?

— Sim — abafo uma risada, porque eu tava dormindo mesmo, eu disse que estava cansada. — Isso mesmo.

Ouçõ um latido e um cachorro, de porte pequeno, branco com uma mancha marrom no torso pulando nas minhas pernas. Olho para o Noah que dá de ombros.

— Jelly Beans? — pergunto e o puxo para o meu colo.

— Sim e se eu fosse tu não dava tanta liberdade, senão ele se aproveita demais.

— Tipo o dono, então? — começo a brincar com as orelhas dele e ele vem para me lambar.

— Não sou tão chato assim — Noah tenta puxar ele do meu colo e eu não deixo. Olho

para ele intensamente e ele entende o recado. — Certo, mas não tão irritante como ele.

— Coitadinho do Jelly Beans — falo como uma retardada para o cachorro que começa a se retorcer de felicidade. Já viram como as pessoas agem assim com animais? Falamos como se eles entendessem tudo. Eu sou uma que faço isso direto com o Gato, e parece que não só com ele. — Aprendeu com o papai como ser chato, não é?

Coloco ele no chão que logo começa a correr atrás de um pássaro, ou algo que se mexe adiante, até onde sua guia deixa e dá um puxão no Noah ao meu lado. Começo a rir olhando para ele, aquele baita homem sendo arrastado por um cachorro, uma cena que não vemos todos os dias.

— Vamos caminhar, se não ele vai ficar doido correndo na volta — Noah levanta e eu faço uma cara de cansada. Ele revira os olhos e me oferece a mão. Relutante, coloco a minha na dele e ele me puxa. Pensava que ele ia só me dar apoio e não quase me arrancar o braço assim. Literalmente fui de cara ao peito dele, não deu tempo nem de colocar as mãos na frente.

Não que seja uma pessoa muito íntima da anatomia muscular masculina, mas a do Noah é firme a ponto de parecer uma parede de concreto. Chegou até a machucar a minha testa, se eu estava dormindo há trinta segundos, agora estou bem acordada.

— Desculpa... — sussurra quando eu me desvencilho dele. — Te machuquei?

— Não — minto. Minha testa está doendo pra caramba, sorte que eu não tenho um nariz tão avantajado assim, senão ia manchar a camiseta branca dele de sangue.

Começamos a caminhar lentamente com o Jelly Beans esticando toda sua guia chegando quase a se sufocar. A praça está movimentada, crianças brincam nos balanços e outros brinquedos ali disponíveis, jovens tocam violão, mães com carrinhos de bebês e eu abro um bocejo.

— Cansada? — Noah me pergunta quando passamos por uma criança correndo de skate puxando uma menina de patins.

— Podre.

— Pecebe-se, está até quieta hoje.

— Cheguei em casa as sete da manhã — passamos pela fonte que jorra água em movimentos rítmicos. JB, agora entendi o porquê do apelido, o nome do cachorro é gigante, sobe na borda e fica latindo para a água que sobre e desce.

— Evento? — ele me pergunta enquanto eu começo a rir do cachorro fazendo isso.

— Aniversário de 15 anos com boate — uma menina, não mais de cinco anos, loura, chega ao lado da fonte e começa a brincar com o cachorro que abana o rabo com uma velocidade incrível.

— Sucesso então?

— Geralmente os aniversários são mais tranquilos e acabam tarde. Foi-se o tempo em que os jovens dormiam cedo. Ainda mais se o ambiente tem WiFi. Eles ficam mais tirando fotos e postando nas redes sociais do que incomodando.

— Júlia deixa o cachorro em paz — Nos viramos e uma mulher loura, alta e bonita de

corpo, vem correndo, deve ser a mãe da menina. — Desculpa, ela ama cachorros.

— Sem problemas — Noah fala com a mulher —, ele não é muito de sair e ter atenção assim em casa, então quando vê uma criança que dá bola, se sente uma estrela. — A mulher ri e fica encantada com o Noah. Também quem não ficaria? Além da sua camiseta branca apertada nos braços, está usando um jeans, não tão justo e não tão largo, e um par de botas daquelas que estão na moda, ou pelo menos eu acho que estão.

Eles engrenam uma conversa boa, que eu nem fui incluída nela. Não que eu esteja reclamando, observo de perto o jeito que a mulher se atira em cima do Noah, tanto que eu estou até enjoada. Se tivesse um latão de lixo aqui perto, já estaria com a minha cabeça ali e esvaziando o estômago. Pelo visto ela é mãe solteira, pois nem se lembra da criança, que já esqueceu o JB e está quase se atirando dentro d'água.

— Acho que ela vai cair dentro da fonte — me meto no assunto. A mulher, pela primeira vez, me notou do lado do Noah e fez uma careta, virou para a criança e gritou para ela sair de lá de um jeito não muito carinhoso.

Jelly Beans puxa Noah para o outro lado e recomeçamos a caminhar. Ele está quieto e eu de mau humor, então melhor eu manter a minha boca fechada para não falar besteira.

— Certo, primeira ação anti-clichê... — ele começa a falar ao meu lado, nem me dou o trabalho de o encarar. — Não se emocionar conversando com pessoas que estão dando em cima de mim em locais públicos.

Começo a rir.

— Ainda bem que tu percebeu — falei ainda olhando para a frente.

— Ciúmes? — paro. Não, ele não me disse isso, não é? Me viro lentamente para ele com um olhar mortal. Vejo ele engolir a seco.

— Como é que é? — seus olhos azuis se arregalam de um jeito impressionante. — Escuta Noah, não sei mesmo o que tu quer dizer com essa coisa de “anti-clichê” — enfatizo essa última palavra —, mas se for algum tipo de sacanagem ou coisa parecida, está perdendo o teu tempo — saio caminhando deixando ele parado lá.

— Su, espera! — Óbvio que ele dá três passos e consegue parar na minha frente. Olho para seu rosto e o meu sangue ferve, estou na posição certa para um joelho nele se inventar de se aproveitar de mim. Infantil? Muito, mas que resolve, ah resolve. — Desculpa, eu estava brincando.

— Olha Noah... — começo a falar, mas ele me corta.

— Escuta, sei que eu sou um pouco evasivo e compulsivo — concordo. — Mas olha — ele passa as mãos no cabelo e na barba —, eu quero mudar o meu jeito de ser e preciso de um modelo de pessoa para eu me espelhar.

— Porque eu Noah? — gemo. Tudo o que eu mais quero é a minha cama sossegada, e ficar na minha vida sem ninguém para me incomodar além da Elis e o Gato.

— Por que... — ele hesita e eu começo a andar de novo. — Porque tu é a única, desde que eu cheguei aqui que consegue me calar a boca e ver que eu sou um pedaço de merda — JB

pula nas minhas calças e eu me abaixo para pegá-lo, sem ainda encará-lo.

— Eu não sou nada Noah, só uma pessoa comum, com uma vida comum e com sono — brinco com as orelhas do cachorro que me lambe.

— Eu vi dois eventos que tu organizou Su, sendo que em um tu estava trabalhando junto com o teu pessoal, presenciei o jeito que tu cuidou da Elis bêbada aquele dia, e como que tu tentou encontrar alguém para entregar o meu celular. No mundo de onde eu vim e vivi, não existem pessoas assim como tu — ele me observa de um jeito assustador no início e agora suaviza a voz. — A primeira coisa que fariam era retirar o meu chip e adeus celular. Nunca iriam se misturar com os empregados para ajudar em um evento daquele porte, e a principal, iriam deixar o amigo bêbado por conta. Eu já fui deixado por amigos em estado pior que o da Elis.

— Então eles não eram teus amigos — coloco o Jelly Beans no chão e pego a guia da mão do Noah. — E o que eu fiz não foi nada demais, em nenhum dos casos.

— E o principal Su... — dois passos para frente e ele fica na minha frente e pega o meu queixo e ficamos olhos nos olhos, seus azuis fitando os meus castanhos — é humilde. Não precisa de pessoas puxando o teu saco para dizer que é a melhor no que faz. Bem, pelo contrário, naquele dia, quando te chamaram para agradecer o evento, tu ficou com vergonha de subir no palco. Eu vi, lá de onde eu estava, eu vi! E isso é humildade Su, uma coisa que eu invejo de ti e quero, que um dia, pelo menos eu consiga ser um pouco assim.

Fico sem palavras, acho que essa é a primeira vez na vida que eu fico sem ações, reações e coisas do tipo. Não sou tudo isso que o Noah disse, sou tímida, isso sim, eu assumo. Faço as coisas do meu jeito, e espero que elas saiam perfeitas, pois é o meu nome que está em jogo em cada evento. Se meu nome cai na lama, quem vai sofrer com as consequências sou eu.

Ele quebra o nosso olhar intenso e recomeçamos a caminhar, JB está caminhando lentamente ao meu lado.

— E ainda consegue acalmar o meu cachorro — Noah resmunga ao meu lado e eu começo a rir.

— Certo Noah — ainda rindo me viro para ele —, só tu mesmo para me tirar de casa, escutar essas coisas em pleno domingo e ainda me faz rir.

— Mas é verdade, Fofa...

— Não começa Clichezinho...

— Está bem — ele coloca as mãos para cima como se rendesse a mim. — Estou com fome, conhece algum lugar bom aqui perto?

— Tem uma barraca de cachorro-quente aqui perto, é um dos melhores da cidade.

— Barraca de cachorro-quente? — seus olhos aumentam de tamanho espantado.

— Sim, nunca comeu?

— Não... É anti-higiênico e... — o interrompo.

— Besteira Noah, como sempre ali e ainda estou bela e gorda. Vamos! — Puxo ele por uma mão e o JB pela outra.

Se ele quer ser mais humilde e coisas assim, nada melhor do que começar pela comida e desse quesito eu entendo. Troco fácil um jantar chique cheio de pompa por um cachorro quente da barraquinha da praça.

Capítulo 11

Chegamos à barraquinha de cachorro quente, Jelly Beans ainda está calmo ao meu lado. Desde pequena sou apaixonada por animais, mas nunca tive o prazer de ter um de grande porte. A Cruela tinha alergia. Então, satisfazia os meus desejos de animais com peixes em um aquário.

Tive vários, alguns não duravam uma semana, outros, alguns meses e o meu último, o Sr Rick, uns seis meses. Ele se chamava assim pela minha paixonite de adolescência pelo Rick Martin. Um peixe Beta Azul, enterrei ele no quintal quando morreu, primeiramente ele ficou paralisado de uma nadadeira, nem sabia que isso poderia acontecer com peixes, mas o Sr Rick só mexia a esquerda depois de um tempo.

Quando sai de casa, logo depois dos meus dezoito anos, comecei a estudar e trabalhar como uma doida e esse vazio foi ocupado pela Elis. Lembro-me da primeira vez que fui à sua casa, quase morri de felicidade com tantos cachorros e gatos a minha volta. A clínica veterinária dos seus pais é junto com a casa e eles tinham um hotel para as famílias que viajavam e não tinham onde deixá-los e lar de adoção para os filhotes. Tive que sair de lá arrastada pela Elis, até hoje quando vou lá, sempre tenho que dar uma passada na ala dos filhotes.

Há um ano atrás, com a vida mais calma e ajeitada, decidi pegar o Gato. Fomos até os pais da Elis um fim de semana e eu me apaixonei no primeiro olhar por ele, mesmo ele sendo hoje um arrogante e mandão. Não passava de uma bola de pelo, era o menor da ninhada, tinha dificuldade para se alimentar e quase não resistiu a isso. Cabia na palma da minha mão. Trouxe ele dentro de uma caixa de papelão enrolado em pedaços de panos velhos que ainda continha o cheiro da sua mãe. Estava um inverno daqueles aqui, um frio que dava pena de deixar ele dormindo sozinho na cozinha fria do meu apartamento e então, eu colocava a caixa dele no meu quarto. Acho que foi aí que ele começou a se achar o máximo e melhor gato de todos.

— Um centavo pelos teus pensamentos? — Noah fala ao meu lado me tirando dos meus devaneios com a adoção do Gato.

— Nada não, só pensando em nada — dou um passo à frente e o atendente me pergunta o que eu quero. — Dois pequenos, por favor — caminhamos para o lado e esperamos enquanto ele prepara os nossos pedidos.

— Pequeno? — Noah pergunta.

— Sim, o grande tem 30cm, o médio 20 e o pequeno 15. Quer um maior? — Noah arregala os olhos.

— Sério? Trinta centímetros? — sua cara de espanto é engraçada.

— Sim — concordo e ele ainda está espantado. — Mas como não somos esfomeados e nem morrendo de fome, assim peguei um pequeno. Quer trocar o teu?

— Acho que nem conseguiria encarar um de trinta centímetros assim — seu rosto suaviza e ele começa a rir baixinho. Mal sabe ele que antigamente eu comia um desses e ainda ficava com fome. Coisas que eu não quero voltar a fazer.

O atendente nos entrega os pedidos e eu peço uma Coca-Cola para mim e o Noah uma Sprite. Puxo do meu bolso uma nota de vinte reais para pagar e o Sr. Chato me para.

— Dessa vez é comigo Su — Noah abre um sorriso, que deve funcionar com todas, menos comigo.

— O meu tu não vai pagar — aviso, e ele fecha o seu semblante.

— Pelo jantar Su, eu te devo...

— Não — corto antes que ele fale mais alguma coisa. Está para nascer o homem que vai pagar as coisas para mim. Trabalho duro para me sustentar. — Então eu pago o meu e tu o teu. Ficamos certos e ninguém deve a ninguém.

Entrego a nota para o rapaz do caixa que já estava confuso para saber quem ia pagar os cachorros-quentes. Pego o meu troco e vejo um Noah com raiva pegando a carteira e pagando o dele. Puxo o Jelly Beans para me acompanhar até uma mesa de plástico e cadeiras brancas. Menos de dois segundos depois, ele puxa a outra cadeira e senta a minha frente, bravo.

— Isso não se faz Su — sua advertência vem enquanto abre sua latinha de Sprite.

— O quê? — dou uma mordida no meu lanche e quase tenho um orgasmo alimentício gorduroso no meio da praça.

— Isso, de não aceitar que eu pague para ti — reviro os olhos e mordo de novo. Mastigo calmamente e ele fica me olhando, engulo e começo a falar.

— Comigo é assim Noah... — pego a latinha de Coca-Cola, abro e tomo assim mesmo. — Eu pago as minhas coisas. Ninguém vai mudar isso.

— Mais um motivo para eu te admirar, geralmente as mulheres que eu conheço nem se mexeriam para pagar a conta — ele sorri e olha para o seu cachorro-quente, o meu já está quase na metade.

— Isso aí. E elas não eram mulheres e sim parasitas, então — Noah dá uma risada que até o JB, que estava deitado aos meus pés, levantou as orelhas.

— Parasitas, nunca tinha pensando nesse termo, mas encaixa direitinho.

— Sim... E come de uma vez senão eu como o teu também — se ele deixar, eu como mesmo, amo esses cachorros-quentes de barraca, já deu para perceber, não é?

— Como eu como isso? E não tem um copo? — quase engasgo com o refrigerante, agora eu deixei o Jelly Beans em estado de alerta. Começo a rir como uma maluca, tanto que o Noah olha para mim incrédulo.

— Nunca comeu assim? — tomo outro gole para tentar me acalmar e enquanto ele nega com a cabeça, até fica bonitinho assim, meio vulnerável. — Ai Noah, tu não sabe o que está perdendo. Toma — alcanço uns guardanapos de papel que tem na mesa e dou a ele, pelo visto a bagunça vai ser grande —, pega isso aqui para não te sujar e bebe assim mesmo.

— Mas se eu pegar uma doença, salmonela, botulismo e outras coisas assim? — Sua cara de nojo me faz rir.

— Vaso ruim não quebra, como diz a Elis. Noah vai fundo, como aqui desde que me

mudei para cá e até hoje não morri. E estou aqui bem viva. Vai fundo.

Ele me olha, depois para o cachorro-quente e se rende a tentação. Sério, um cachorro-quente, desse tipo é uma tentação, das boas. É daqueles para os dias estressantes ou desejos de TPM, sabe? Que parece que só depois de comer aquilo até os olhos saltarem para fora das órbitas as coisas melhoram.

— Até que é bom... — Noah me fala e eu abro um sorriso vitorioso.

— Eu disse que era. Agora temos que aperfeiçoar a técnica, porque o teu rosto tá pura maionese — ele pega mas guardanapo e começa a tentar limpar a bagunça que ele fez em pouco mais de duas mordidas.

— Como tu consegue, comer sem se sujar?

— Anos de prática e depois que tu aprende a comer dentro de um ônibus lotado, depois do trabalho, cheia de livros e indo para a faculdade, isso é barbada — dou de ombros e termino o meu cachorro-quente.

— Fez faculdade de que, Su? — Noah me pergunta.

— Administração na Federal, e tu?

— Nunca fiz — paro a latinha a meia distância da minha boca e olho para ele.

— Sério?

— Sim, comecei a modelar com 17 anos e desde então nunca parei. E não dava tempo para conciliar as duas coisas.

— Hum... — fico sem palavras, aliás não há o que comentar depois disso.

— Trabalhava onde?

— Um pouco em cada lugar — dou de ombros. — Passei por secretária, auxiliar administrativo, garota do Xerox... E assim eu fui até me formar.

— Garota do Xerox? — Noah me olha e eu sorrio me lembrando daquele tempo.

— Sim, era numa empresa grande, eu e a Elis conseguimos o mesmo emprego, mas não deu muito certo nós duas juntas.

— Por quê? — ele toma um gole de seu refrigerante, sem nunca desgrudar os olhos de mim.

— Digamos que a Elis não é uma pessoa muito normal para os parâmetros de uma empresa séria como aquelas. E meio que ela sentou na máquina de Xerox e mandou para o pessoal do RH.

— Ela fez o quê? — vejo ele quase engasgar com o refrigerante.

— Só para constar, ela estava de roupa. Mas o emprego era chato demais, ficávamos o dia todo enfurnadas em uma sala minúscula e quente fazendo cópias. Mas sim, ela fez isso — Noah ri. Elis sempre foi uma doida e eu ia junto com ela. Mesmo que nos ferrássemos, a diversão era garantida.

— A Elis é bem louca. Como vocês se conheceram? — JB começa a latir e a subir nas

minhas pernas, pego ele no colo e começo a falar.

— De um jeito que só poderia ser da Elis. Eu estava na fila do Xerox nos primeiros dias de faculdade e ela estava na minha frente, faltava vinte centavos para ela pagar as suas cópias e eu emprestei. Desde então ela não se desgruda de mim. Por mais que eu mandasse ela para longe.

— Ela fez administração? — interrogatório da Cia, mode on!

— Não, ela é formada em nutrição — coço as orelhas do Jelly Beans e vejo sua mancha preta no corpo. — Chega de falar de mim, porque ele tem esse nome? — Noah se endireita na cadeira. De certo, também nunca sentou em uma desse tipo.

— Quando eu peguei ele, a mancha parecia um feijão. Aí coloquei esse nome nele e eu acho que ele aprovou. Melhor que Cachorro.

— Oh, não fala do Gato. Ele pode ser uma bola de pelo sem coração, mas ele me esquenta no inverno e eu o amo.

— Certo, sem mais falar do Gato — rimos juntos.

Ficamos conversando até quase o sol se pôr. Por incrível que pareça, quando quer, o Noah pode ser agradável e engraçado. Contamos algumas de nossas histórias, tristes, hilárias e sem nexos. Para falar a verdade, nunca tive um amigo homem para comparar, mas acho que apesar de tudo, ele pode se tornar um bom amigo futuramente.

— Vou para casa — me levanto esticando os braços. — Amanhã o meu dia começa cedo.

— Trabalho? — ele me pergunta e eu decido contar o que eu faço todas as segundas e quartas, além da Elis e do meu Tio, são pouquíssimas pessoas que sabem do meu trabalho no orfanato.

— Sim e não... — sorrio estilo Monalisa, escondendo um enigma. Noah percebe e me olha como quem dissesse, conta mais, que eu não entendi. — Faço trabalho voluntário em um orfanato, todas as segundas e quartas.

— Su.... isso é incrível! — Ele abre um sorriso gigante que até me contagia. — O que tu faz lá? — começamos a caminhar lentamente.

— Ensino música: piano, violão e outras coisas básicas.

— Uau.... isso é lindo, mesmo. Poucas são as pessoas que fazem isso.

— Sim e é uma coisa que me faz bem, ensinar e ver o sorriso de felicidade das crianças, vale qualquer coisa.

— Sabe Su, quanto mais te conheço, mais me surpreendo. Tu é uma caixinha de surpresa, mas das boas — ok, já estou ficando sem jeito com tantos elogios assim.

— Não é nada de mais Noah, sério...

— Fofa — Ele para na minha frente. — Vamos fazer assim, eu aprendo contigo a ser mais humilde e tu a escutar elogio. Aprender um com o outro — ele pega a coleira do JB, que ainda estava na minha mão e leva mais tempo do que necessitava para fazer isso.

— Certo Clichezinho — seus olhos brilham.

— Nos vemos quando de novo? — ele solta a minha mão, mas não tira os olhos dos meus, é meio que hipnótico isso. O azul dos seus olhos me atraem, dá até medo.

— Não sei.... — Penso na agenda da semana e me lembro de uma coisa, não sei se ele vai topa, mas não custa falar. — Sexta é dia de pizza lá em casa, eu, Elis e o Gato. Tu e o JB, estão convidados.

— Pizza é? — sua hesitação começa a falar por ele. — Não é um dos meus pratos favoritos, mas nós vamos.

— Olha que eu já provei que de cachorro-quente eu entendo, posso provar que pizza também pode ser bom — brinco o desafiando e ele sorri.

— Certo Su! Vou me render à pizza. Sexta?

— Sexta — confirmo.

Noah se aproxima de mim e me beija no rosto. Abre um sorriso meio torto de um lado e sai caminhando com o Jelly Beans, que agora está descansado e ativo de novo, puxando ele.

E eu?

Eu continuo parada aqui, como uma estátua. Minha bochecha ainda está sentindo a pressão do cavanhaque do Noah, meu olfato trabalhando a mil para não perder o resto do seu perfume que ficou no ar. O que está acontecendo comigo?

Balanço a cabeça rapidamente para deixar de ser doida e ficar variando no meio da praça. Começo a caminha rápido, para tentar esquecer essa loucura e focar no que me interessa realmente.

Capítulo 12

Sexta-feira, meu dia favorito, eu sei que já disse isso, mas vale a pena repetir, hoje é sexta-feira!

Acabei de sair do banho e me vestir. Nada de muito sofisticado, calças me moletom cinza, uma blusa rosa clara e meias listradas. Cabelos presos com a minha piranha de cor psicodélica e sentada no sofá com o Gato ao meu lado olhando para o nada.

A semana foi corrida e estressante, mas ao mesmo tempo produtiva. Minhas aulas no orfanato renderam bem mais do que eu esperava, só o Yago que não as frequentou, pois estava doente. Fui os dois dias visitá-lo no seu dormitório e vendo ele naquela cama sem conseguir se levantar direito para conseguir ir às aulas me deixou com o coração na mão de pena. Espero que segunda ele esteja melhor para me ajudar com os alunos que estão um pouco mais para trás nas lições e me fazer sorrir durante as aulas.

No trabalho foi a correria e loucura de sempre, amanhã temos um casamento para realizar e digamos que esse tipo de evento sempre é bem mais cansativo do que qualquer um outro. Noivas são neuróticas. Ou como diz a Elis, uma cruza de Godzilla com Tiranossauro Rex. Mudam de opinião sobre as coisas a cada dez minutos, desde a decoração à escolha das flores. Eu tento acalmá-las e dar a minha opinião profissional sobre o que elas mudarem, mas quem disse que elas escutam?

Porque fulano, ou uma celebridade, fez, eu tenho que fazer. Se eu ganhasse R\$10,00 por cada vez que eu escuto isso em um casamento, não precisaria trabalhar mais. Certo, vamos fazer como essa tal pessoa fez. Faço, de birra como uma criança de cinco anos, mostro o resultado para a Noivazilla Rex e ela não aprova. Óbvio que ela não aprova, pois geralmente é caro pra caramba ou fica horrível com a decoração inicial. Eu aviso, não escutam. Tem que sentir na pele mesmo.

Mas as mães, sogras, amigas e madrinhas, são as piores. Ficam colocando minhocas na pobre cabeça da noiva e a Su aqui, que padeça. Já entrei em atrito muitas vezes por causa disso, como por exemplo, uma que quis mudar toda a cor da decoração com menos de 24h para o casamento. A amiga me ligou, nem foi a noiva pois ela já estava com dúvidas de mudar, a decoração, de amarelo claro para roxo desde o início, me ligou e propôs isso. Quase subi na minha mesa com a doida falando isso. Impossível! O salão quase todo arrumado, flores sendo colocadas e a louca queria mudar. Respirei fundo umas quatro vezes e pedi para falar com a noiva, pois ela é a responsável pelo casamento e pelo meu cheque no final do evento. Expliquei para ela que era possível sim mudar, mas com certeza não ficaria com a perfeição e harmonização dos enfeites, luzes e decoração do que a que já estava sendo feita e quase concluída. Claro que, além disso, teria um baita acréscimo no valor, já estava tudo pago e agora eu teria que comprar e alugar tudo de novo. Isso fez a noiva desistir da nova decoração e a amiga não ir ao casamento depois da briga. Lá foi todo o planejamento de entrada e lugares nas filas. Vareei a madrugada reorganizando isso. Mas no fim, deu tudo certo, o casamento foi lindo, uma beleza e eu fiquei dois dias trancada em casa, dormindo de tão cansada que estava.

A campainha toca e eu me levanto para atender. Pelo jeito fora de ritmo e repetido, só pode ser a

Elis. Já pedi para ela parar de fazer isso milhões de vezes, qualquer dia os vizinhos vão incomodar. Abro a porta e ela toca mais uma vez e segura a capinha a fazendo gritar sem parar.

— Para criança — dou um tapa na mão dela.

— Ai Gata, isso doeu. Tem que cortar as garras — ela entra no apartamento com milhares de sacolas do supermercado. Sigo-a até a cozinha.

— Fiz as unhas essa tarde — mostro para ela o azul elétrico que pinteí dessa vez.

— Lindas! Quero fazer as minhas amanhã, mas estou com o espírito de vermelho essa semana — ela só pinta de vermelho as unhas, ao contrário de mim que cada semana estou com uma cor diferente. Começamos a retirar as coisas das sacolas e preparar as pizzas.

— De que vão ser hoje? — pergunto e a campainha toca de novo. Elis me olha e levanta uma sobrancelha do estilo safada.

— É ele? — seus olhos brilham como uma adolescente vendo o ídolo pela primeira vez.

— Sim, mas não começa Elis, por favor — imploro.

— Certo, não está mais aqui quem falou, Gata Gostosa — viro e ela me dá um tapa na bunda. Faço uma cara de brava e ela ri de mim. Estou achando que foi uma péssima ideia ter convidado o Noah para o mesmo recinto que a Elis.

Estou nervosa, não sei o porquê, mas estou. Desde aquele domingo fatídico, me pego pensando nele às vezes durante o dia, e a noite ante de dormir também. Talvez seja pelo fato de que estamos trocando várias mensagens durante o dia, mas no que eu mais me pego lembrando, é daquele maldito beijo na bochecha de despedida. Loucura total!

Caminho até a porta e tomo um fôlego antes de abrir. Puxo a maçaneta e o vejo, e a respiração que eu puxei ali antes, se esvai toda dos meus pulmões. Camiseta azul, cabelos meio desgrehados e óculos. Óculos? Nem sabia que ele usava óculos. Sinto alguma coisa querendo me escalar pelas pernas e olho para baixo.

— JB — me abaixo e pego ele no colo antes que ele se mije todo de felicidade por me ver.

— Oi Su, ou vai cumprimentar só o cachorro? — Noah me fala e eu tento acalma Jelly Beans que se retorce como um peixe fora d'água no meu colo.

— Oi Noah, entra — ele dá um passo para dentro do meu pequeno apartamento e eu empurro a porta com a bunda enquanto sou lambida na cara.

— Meu Deus, que cachorro louco — Noah pega ele do meu colo e eu consigo respirar novamente.

— Ele é bebê, por isso. Coitadinho do JB — olha a vizinha de retardada ai de novo. — Ele só quer brincar com a tia Su, não é?

— Se deixar ele vai ficar a noite toda te incomodando — Noah fala e eu mexo nas orelhas do cachorro. — Onde posso deixá-lo?

— Solta ele por aí mesmo.

— Ele vai subir no sofá — Noah adverte e eu viro os olhos.

— Já tenho PHD com pelo espalhado por ai, tenho uma bola ambulante, lembra?

— Ah sim, o Gato. Vou ficar com pena dele hoje.

Noah solta o JB no chão que corre para cima do sofá onde o Gato está deitado como um Rei planejando a dominação mundial. Ele começa a cheirar o Gato que se torna arisco, mostra os dentes e dá uma patada no focinho do Jelly Beans e sai correndo para a cozinha. O cachorro espira umas três vezes e sai correndo atrás dele, achando que o Gato está brincando com ele.

— Praticamente igual ao nosso primeiro encontro — Noah fala e eu começo a rir.

— Igualzinho...

— AI MEU DEUS TEM UM CACHORRO AQUI! — Elis grita da cozinha e Noah e eu trocamos um olhar assustado e corremos até lá.

Elis está sentada em cima da bancada com os dois aos seus pés brincando. Certo, Jelly Beans está brincando e o Gato batendo nele, ou seja, estão se divertindo.

— Eles vão se matar? — Elis pergunta.

— Não, acho que o Gato é mais dos que agem escondido, não por impulso. Mas vai passar a noite planejando algum ataque a ele — falo enquanto Elis desce.

— Oi Elis... — Noah vai até ela e lhe dá um beijo na bochecha, sim, o mesmo que ele deu em mim aquele dia. Não que eu esteja sentindo falta dele hoje, capaz.

— Oi Noah, ainda não desistiu da Su? — ela pisca para mim e eu fecho a cara.

— Não, sou persistente — Noah entra na brincadeira e eu bufo. A noite vai ser longa.

Elis já começou a fazer o molho das pizzas enquanto eu e o Noah conversávamos lá na sala. O cheiro de molho de tomate já começa a me transformar na Su com espírito de gorda e eu quero atacar as panelas agora mesmo. Começo a abrir as portas dos armários e ajudar a Elis com as massas das pizzas.

— Então — Noah se senta —, pizza de quê?

— Elis, o Noah não é muito de pizza, acredita? — Falo para Elis que vira a cabeça como a garota do exorcista incrédula.

— Como assim Clichezinho? Não gosta de pizza? Deve ser porque nunca comeu as nossas né Su? — Elis levanta a mão em minha direção e fazemos um hi-five.

— Já provei que de cachorro-quente de barraca eu entendo, agora é a vez da pizza.

— O cachorro-quente foi aprovado. Agora quero ver a pizza — ele esnoba.

— Nem inventa, se aquele cachorro-quente passou, nossas pizzas nem vão deixar tu te lembrar daquilo. E olha que aquela é a melhor barraca da cidade, eu e a Su já percorremos quase todas da cidade atrás do cachorro perfeito.

— Nossa, nem me lembra disso que eu já passo mal Elis. — Faço uma cara de nojo me lembrando de cada coisa que nós já comemos naquela vida de estudante pobre.

— Lembra daquele que tinha perto do teu antigo apartamento? Era nojento demais.

— Não, aquela vez que saímos em um bar às quatro da manhã mortas de fome e comemos o

primeiro que vimos na frente, a fome falou mais alto que comemos ele sem nem pensar duas vezes, e no outro dia ficamos só no banheiro vomitando — Elis começa a rir e o Noah está com uma cara de assustado.

— Sério? — ele pergunta.

— Sim Noah, nosso dinheiro era pouco para manter, apartamento, transporte e os malditos Xerox.

— Nem me lembra deles, que eu ainda estou pensando seriamente de largar essa vida e comprar uma máquina de Xerox, vou enriquecer mais fácil, estraga as unhas com mais frequência, mas o dinheiro recompensa — Elis fala mexendo uma das panela no fogão.

— Acho que até hoje deve ter gente pagando as contas de lá — falo pegando as formas dentro do armário. Coloco elas em cima da mesa e Elis desliga as panelas.

— Vamos montar! — Ela grita de felicidade, só porque ama comer os molhos e o queijo antes de eles irem ao fogo.

— Vocês não vão encomendá-las? — Noah fala, eu e Elis nos olhamos, seguramos o riso por três segundos e depois explodimos.

— Não Noah, são caras e horríveis — explico depois do acesso de risos. Sério essas pizzas encomendadas são péssimas, mal recheadas e parece que estamos comendo isopor. — E trata de lavar as mãos, porque tu vai ajudar aqui também.

— Não sou muito chegado na cozinha Su...

— Nem inventa Clichezinho — Elis corta ele mais rápido que eu. — Vamos ao trabalho, é rápido e simples. Tu e a Su montam uma e eu a outra, ela te ensina. — Elis pisca para mim quando o Noah pensa na questão. Maldita seja ela!

— Certo... — ele responde meio desconfiado. — Mas não sei fazer muita coisa não — ele passa por nós e vai até a pia lavar as mãos.

Elis faz uns sinais de mímicas loucos que eu não consigo entender. Até que ela me mostra um garfo, faz cara feia e atira na pia e pega uma colher e sorri. Balanço a cabeça rindo para Elis, entendi o recado, parar de ser garfo e ir de colher. Ela não vai parar de insistir mesmo.

Noah volta e senta ao meu lado. Tem uma massa de pizza média na nossa frente. Elis derrama o molho de tomate e eu começo a colocar o queijo enquanto ela mostra a ele como cortar o presunto para fazer a pizza mais básica de todas. Ao total vamos ter seis, essa normal, stroganoff, fricasse, alho e óleo, minha favorita de todas, vegetariana para não dizerem que só comemos besteiras e uma doce por último. Para acompanhar, nada melhor do que um refrigerante bem gelado para ninguém colocar defeito.

Capítulo 13

Estamos nós três sentados na minha cozinha com duas, das cinco (seis) pizzas, assando. Só o cheiro já está me dando água na boca. Estou tomando um copo de Coca-Cola com limão e gelo. Um hábito que a Su boneco da Michelin não consegue se livrar. Sabe aquele mascote dos pneus, todo branco com trocentos mil pneuzinhos no seu corpo. É esse mesmo. Cópia exata de mim há uns tempos atrás.

Noah está sentado ao lado da Elis, e eu estou sentindo que eles armaram um complô para me fazer passar vergonha, ou melhor, isso é a cara da Elis. Ela já falou de tudo que é mais vergonhoso que passamos juntas em menos de uma hora.

— Dá para vocês pararem de rir de mim? — falo enterrando as mãos no cabelo querendo que essa tortura pare. Elis está falando de um dos primeiros eventos que organizei, foi um desastre total. Não por minha culpa, claro.

Era um casamento, não disse que era o evento mais estressante que havia? E na naquela hora em que o padre anuncia “fale agora ou cale-se para sempre”, uma louca invadiu a igreja com uma criança de arrasto. O “noivo” tinha outra e estava dando o golpe do baú na pobre noiva. Barraco daqueles, que eu, tive que resolver. Elis teve um mal súbito de ataque de risos comendo as coisas da cozinha e nem se prestou para me ajudar.

Lá foi a Su, cuidar das coisas, apartar a briga da noiva com a mulher, levantar a mãe da noiva que desmaiou, o pai que queria matar o suposto noivo e afins. Hilário segundo a Elis, trágico para mim. Tanto que até hoje, quando chega nessa parte da cerimônia, eu olho para todos os lados rezando para ninguém aparecer e estragar a festa.

— Para Su, deixa a gente se divertir — Elis se vira para o Noah que está só rindo e me olhando. Reviro os olhos e vou para o forno ver as pizzas.

— Está quase pronto aqui — falo, mas nenhum dos dois me escuta, Elis monopolizou a atenção do Noah. Não que eu esteja preocupada com isso. Capaz, não mesmo.

Vou até a sala ver como Gato e o JB estão. Muito silencioso para estar tudo calmo. Sabe aquele ditado que quando criança está quieta demais é porque a bagunça é grande? Com animais é a mesma coisa. Chego ao sofá e olho para os dois, dormindo, cada um em cima de uma almofada. Milagre. Jurei que iria chegar aqui com o meu sofá despedaçado com o JB com uma almofada roída e o Gato afiando as garras na lateral dele, como ele faz quando está entediado e quer me incomodar.

Volto para a cozinha para ver se eles já pararam com a sessão tortura com os eventos mais constrangedores que a Su já passou. Atravesso o corredor e entro na cozinha e vejo o Noah sorrindo para mim. Bem à vontade na minha cozinha, como se vivesse ali há mais tempo que eu.

Elis está com uma faca na mão e com o meu celular no ouvido. Nem escutei ele chamar. Ela me avisa e faz uma cara de quem sente muito e eu já imagino quem seja no telefone.

— Ela acabou de chegar Regina, vou passar para ela — gemo. O aniversário do meu tio está chegando e ela de certo deve estar planejando alguma coisa.

Elis me passa o telefone com uma cara de cão arrependido e se senta ao lado do Noah. Pego o celular e coloco no ouvido. Só rezo para não ter que escutar algum desaforo dela, minha noite está perfeita demais para ter que aguentar o bullying da Cruela.

— Oi Regina — expresso uma animação falsa, que até o Noah me olha estranho quando eu digo isso.

— Su, fofa querida — pelo visto a animação falsa é mútua entre nós. — Pensei que estivesse trabalhando hoje.

— Hoje estou livre, amanhã que tenho um casamento — informo, para ela não pensar que eu sou como ela e não faço nada da minha vida.

— Sim... — fala ela sem dar importância — Então, só avisando que sem ser essa sexta, na outra é aniversário do Theo.

— Eu sei...

— Vamos fazer uma jantinha básica aqui em casa — Entenda-se cheia de pompa e frufus, um exagero só, que nem eu colocaria nos meus eventos mais chiques. — Contamos com a tua presença, se a Elis quiser vir também, ou outra pessoa contigo — ela solta uma risadinha, porque sabe que eu não tenho ninguém, maldida Cruela!

— Ah, obrigada pelo convite Regina, vou ver na minha agenda como estou na sexta e dou um jeito de aparecer por lá, nem que seja para dar um abraço nele.

— Certo fofa, nos vemos nesse dia então. Bye bye... — e desliga o telefone. Solto um suspiro e me sento na frente dos dois que me fuzilam espantados com os olhos.

Nunca fui uma pessoa de desejar mal a ninguém. Acho isso o cúmulo do egoísmo e a falta de bom-senso, afinal só a pessoa mesmo para saber quais os problemas que ela enfrenta. Mas a Regina, eu tenho uma vontadezinha de ver ela pagar por tudo que sempre fez comigo na minha infância e adolescência.

— Pensei que fosse o teu Tio Su... — Elis começa a se desculpar, mas eu faço como se não me importasse.

— Está tudo bem? — Noah pergunta preocupado, alternando o olhar entre nós duas.

— Sim... Era só a esposa do meu tio me convidando para um jantar na casa deles daqui a quinze dias. Elis? — viro para ela faço aquela cara conhecida, de que ela tem que me salvar dessa em nome das tantas que eu já a livre.

— Ai! Não me diz que é no mesmo dia que eu vou para a cidade dos meus pais? — droga! Tinha esquecido disso. É no mesmo fim de semana que não temos nenhum evento e ela vai aproveitar para visitar os seus pais.

— Que legal — bufo. — Vou ter passar uma noite inteira lá sozinha — cruzo os braços na frente dos peitos e emburro a cara como uma criança de 5 anos.

— Vai com o Noah — Elis sugere e enquanto ele toma um copo de Sprite. Sim eu me lembrei desse detalhe e comprei uma garrafa para ele, olha que pessoa maravilhosa que eu sou.

— Quando é? — um sorriso mínimo no seu rosto se apresenta.

— Sexta, daqui a quinze dias — ele arruma os óculos e pensa um pouco.

— Quase certeza que não vou estar aqui — e a minha última esperança se esvai, assim como o sorriso que ele havia esboçado. — Tenho uma campanha para fazer na Espanha nessa semana.

— Ui chique — Elis fala se levantando e pegando aquele troço de pegar as formas quentes do forno. A minha é rosa de gatinho, de orelhinhas e tudo.

— Já adiei essas fotos umas três vezes, se eu pudesse transferia de novo Su... — ele me fita com aqueles olhos azuis, como se fizesse um pedido de desculpas.

— Sem problemas... — dou de ombros e me levanto pegando os pratos e talheres. — Se sobrevivo a vocês dois de complô contra mim — aponto para os dois que riem de mim e complemento —, tiro de letra esse jantar.

Comemos as pizzas e eu juro que o Noah foi o que mais comeu de nós três. Meu Deus acho que nunca vi uma pessoa comer tanto na minha vida como ele comeu hoje, ele conseguiu ganhar da Elis! Certeza que vai passar mal em casa.

Estamos sentados no meu sofá, catatônicos de carboidratos dentro dos nossos corpos. Não sobrou nenhuma migalha de pizza para contar história, até mesmo da vegetariana que sempre sobrava mais da metade para o outro dia, nem rastro deixou.

— Eu tenho que parar de comer com vocês — Noah fala atirado no meu sofá olhando para o teto. — Vou engordar desse jeito.

— Elis, bate no Noah por favor, não tenho ânimo para isso agora — peço. Maldito seja ele em falar de engordar, e logo para mim.

— Parem vocês dois — ela se levanta animada. — Vamos fazer alguma coisa.

— Dormir? — sugiro.

— Concordo com a Su — Noah se aproxima de mim e me abraça pelos ombros e eu escoro minha cabeça no seu pescoço. Cheiroso.

— Ah não Noah. Já basta a Su com essa alma de septuagenária e cheia de gatos.

— Fica quieta Elis — gemo. — Esqueço que ela fica elétrica com açúcar nas veias. Parece criança.

— Sim. Vamos! — Ela para na nossa frente e coloca as mãos na cintura — Noah, já viu a Su tocar alguma coisa?

— Sim, piano, mas foi rápido — não Elis, para. Não quero tocar e nem ir no quarto de música. Tá uma bagunça só!

— Não inventa Elis — advirto. Noah me olha e aceita o desafio com um sorriso.

— Vamos Su — ele se desvencilha de mim e eu caio deitada no sofá de preguiça para me levantar.

— Não — falo com o rosto abafado no sofá.

— A Elis já foi... — ouço ela ligar as minhas caixas de som e começar a tocar as teclas

aleatoriamente no meu piano.

— Que vaca! — praguejo e o Noah ri. Ele estende a mão e dessa vez eu não espero ele me puxar e dar de cara com o peito dele, de novo.

— Vamos Fofa — gemo e começo a caminhar com ele com as mãos no meu ombro, me empurrando até o meu quarto adaptado para os instrumentos.

Chego ao meu mundo particular. Meu piano de cauda preto brilhante ocupa quase metade de toda a sala. Entramos e eu fecho a porta. Noah fica abismado com o que vê, eu acho, pois abriu a boca e não fechou mais.

Elis está sentada no banco do piano tentando tocar uma música que eu ensinei, o mais básico, “brilha, brilha estrelinha”. Se Mozart fosse vivo e escutasse isso, teria cometido suicídio na mesma hora. Bethoveen está se revirando no caixão nesse momento.

Meu quarto de música tem as paredes e janelas revestidas para manter o som aqui dentro e não importunar os vizinhos. Todo branco com suportes nas paredes para alguns instrumentos, minha bateria, da minha fase rebelde, desmontada em um canto. Teclado e um sintetizador no outro. Duas caixas de som e vários pedais de efeitos espalhados. Uma mesa com folhas de partituras preenchidas e outras em branco misturado com canetas e marcadores de texto, minha bagunça arrumada.

— O que é aquilo ali? — Noah pergunta.

— É um Sitar... — dou de ombros e continuo explicando. — Um instrumento indiano — ele é gigante. Estilo um mini-violão com um braço gigante, pesado e com 18 cordas.

— Como tu toca isso?

— Sentada, mas é um saco de tocar e está desafinado — já aviso. Comprei ele em um dos meus devaneios musicais, me dediquei a aprender ele por um mês e o encanto passou e a preguiça venceu.

— Certo... Para que tantos violões?

— Não são muitos — depois do meu fusca, ninguém fala mal dos meus babys. — Um normal de corda de Nylon, um de corda de aço, seis cordas, 12 cordas, acústico. Nada de mais. Ah e um Les Paul simples.

— Nem inventa de tocar nesse — Elis para de tocar e olha para nós. — Ela quase me matou da última vez.

— E a guitarra Gibson preta também — Aponto para ela que está na parede.

— Acho que nunca vi tantos instrumentos juntos. Aquilo ali é um violino? — Noah chega mais perto, mas não toca, já ganhou pontos comigo.

— Sim.

— Olha ali então Noah — Elis aponta para o outro lado onde o meu trompete, saxofone e clarinete estão atirados. — E abre essa porta atrás de ti.

— Meu Deus! — Ele exclama quando dá de cara com as gaitas, 8 baixos, diatônicos, concertina e a piano, meu xodó.

— Pois é... — fico sem jeito. Menina que prefere seus brinquedos de fazer música a ficar com as pessoas ao seu redor.

— Sabe tocar tudo isso? — Noah pergunta e eu empurro Elis do meu banco do piano.

— Sabe — ela se intromete antes mesmo de eu conseguir pensar no que responder. — E muito mais, ela não toca, ela arrasa.

— Cala a boca Elis — faço uma cara de brava para ela se tocar que está falando demais. — Toco Noah, mas a Elis exagera — olho para ela e complemento. — Demais.

— Imagino, para ter tudo isso. — Ele caminha para um lado e outro e fica observando os instrumentos.

— Só sei que alguém me prometeu que ia tocar uma música para mim... — Elis se senta em uma das caixas de som e cruza as pernas. Pelo visto não vou ter escapatória.

— Certo — coloco as mãos sobre as teclas e olho para ela. — É aquela do feio do Marron 5, não é? — provoco.

— Não fala mal do Adam — ela grita e eu começo a rir. Noah olha para nós como se fossemos loucas e eu explico. — A Elis tem uma pequena queda pelo vocalista. Queda não, ela se atira do 10º andar de um prédio por ele.

— Shiu! Não fala mal dele e toca — solto uma risada e começo a tocar.

A escolhida dela é Maps, o último lançamento deles. Confesso que depois de escutar tanto eles, até já comecei a gostar e a passar algumas aos meus alunos, como This Love e Sunday Morning.

Começo a tocar a adaptação que eu fiz para o piano e a Elis começa a gritar como uma doida ao meu lado e a cantar toda desafinada. Olho para o Noah que está sentado em outra caixa de som e sorrio, recebo um sorriso sincero de volta, aquele que me fez perder por um segundo o compasso da música e errar umas duas ou três teclas, mas pelo visto passou despercebido por eles.

Elis canta, ou tenta, com uma felicidade sem igual. Como diz o ditado, quem canta seus males espanta. Ela vai pedindo as músicas e eu tocando. Noah observa tudo sentado rindo das maluquices delas.

— Cansei — Elis fala depois da décima música sem parar. Até eu estou cansada de tocar. — Noah, quer cantar uma? Vou lá pegar uma água.

— Acho que não.... — fala se esquivando do que Elis deixou para ele.

— Deixa de ser bobo, já basta a Su aqui que não canta. Decidam, não se matem, que eu já volto — ela sai e nos deixa sozinhos no quarto. Começo a tocar uma melodia aleatória com um tom mais agudo e sinto o Noah sentando ao meu lado.

— Então... minha pequena e ameaçadora amiga, além de saber das melhores comidas, também toca música. Interessante...

— É... eu tento fazer de tudo um pouco — brinco. — nunca se sabe de que vou precisar amanhã. Se nada der certo, posso virar crítica de comida de esquina ou tocar em alguma banda qualquer.

— Fofa...

— Clichezinho.... não começa — ameaço.

— Certo, sem apelidos hoje. Toca uma música para mim? — seu pedido sai um pouco mais forte que um sussurro.

— Se eu conhecer, claro. Depois de ouvir a Elis cantando pior que uma gata no cio miando, é o mínimo que eu posso fazer.

— O inglês dela é perfeito. Mas como cantora...

— É uma excelente cozinheira — completo e ele sorri acenando a cabeça e concordando.

Ele chega mais perto de mim, quase colando ao meu lado, tanto que o seu perfume começa a fazer parte da minha respiração. Fico um pouco nervosa com essa aproximação física e intimidadora, mas ao mesmo tempo com uma sensação de tranquilidade que é muito rara para mim. No momento em que ele pede a música, um sorriso confiante se abre em mim.

— Clássica... — respondo para o seu pedido e começo a tocar no piano.

Toco a melodia, de cabeça, fazendo os arranjos na hora. Noah não canta, só acompanha a batida da música com uma mão apoiada no encosto do piano. Ele me observa fixamente, eu sinto o seu olhar me perfurando, tanto que já estou ficando vermelha de vergonha. Toco até a última nota e olho para ele timidamente. O sinto se aproximar perto mais de mim, sua mão afasta uma mecha do meu cabelo do meu rosto. Ai droga! Acho que ele quer me beijar. Noah chega cada vez mais junto ao meu corpo e eu não tenho escapatória disso, não é uma coisa que eu quero. Mesmo estando na seca há um bom tempo, não quero isso, não com ele, não com ninguém!

— Amiga — Elis abre a porta do quarto tão rápido que e eu dou um pulo de susto, Noah se afasta e eu me levanto, como se o meu banco do piano estivesse mais quente que uma chapa de restaurante, queimando a minha bunda.

— Fala Elis — digo com ela olhando para o telefone.

— Estou saindo, mais tarde nos falamos. Tchau Noah — e fala rapidamente, sem desgrudar os olhos da tela e digitando ferozmente.

— Tchau Elis... — Noah responde se levantando, bem mais lentamente que eu, mas ela já tinha ido embora.

Ficamos nós dois nos olhando, mas ao mesmo tempo nos evitando. Estranho, mas só nós dois para conseguirmos ficar assim. Sei lá, esse vai para o livro das coisas estranhas que acontecem comigo.

— Acho que eu já vou embora também — ele levanta. — Já é tarde.

— Sim... — evito o contato visual e fecho a tampa das teclas do meu piano, o que eu já levei de susto no meio da noite com o Gato passeando em cima dele quando eu esqueço a porta aberta, não está no mapa. Uma vez a Elis estava aqui e quase chamou o exorcista pensando que era uma alma penada.

— Eu viajo na sexta, nos vemos antes? — saímos do quarto de música e caminhamos no

corredor até a sala.

— Não sei — estou confusa com aquele quase beijo. — Geralmente só tenho as sextas ou sábados de folga.

— Nos falamos por mensagem então? — droga, esqueci do WhatsApp.

— Não — falo rapidamente. — Me dá o teu celular. — Ele faz uma cara estranha — rápido, não vou roubar.

— O que tu vai fazer com ele? — ele tira de dentro do bolso da frente do jeans, droga ele está quente. Nem quero imaginar o porquê disso. Limpo os meus pensamentos e respondo.

— Instalar um aplicativo no qual eu não precise recarregar o meu celular com créditos a cada dois dias. A senha ainda é 123, como tu me disse no bilhete?

— Sim — ele sorri triunfante porque eu lembrei do bilhete com a inteligentíssima senha dele.

Mexo naquela nave da CIA até conseguir digitar o WiFi e a minha senha. Procuro na store o aplicativo e espero baixar. Ainda estamos no corredor, ele me olha e eu explico para ele o que estou fazendo. Depois de alguns minutos, ativo o programa e testo com o meu celular. Tudo pronto! Entrego a ele e vamos atrás do JB. O encontramos dormindo em cima do meu sofá com o Gato em cima dele também dormindo.

— Olha, ainda parece nós dois. Eu embaixo e tu acima de mim — ele fala.

— Deixa de ser besta Noah, esse gato é um folgado. Pobre do Jelly Beans, isso sim.

— Pobre do dono dele isso sim — ele fala baixo, mas eu não viro para questionar, já estou confusa demais com essa situação toda. Puxo o Gato para o meu colo e ela pega o JB.

— Quem vai cuidar dele? — pergunto com ele acordando no colo do Noah e eu fazendo carinho nas suas orelhas.

— A mulher que cuida da minha casa — ele faz carinho no Gato, que de tão imprestável, não serve nem para acordar.

— Se precisar, algum dia, pode deixar ele aqui também.

— Obrigado.

Caminhamos até a porta e eu destranco. Ele me olha profundamente e vem me beijar de novo. Droga, Noah, não estraga as coisas entre nós. Somos amigos, mundos diferentes. Isso não acontece na realidade, meu foco é o meu trabalho, meus alunos no orfanato e a minha música. Não tenho tempo para joguinhos, ainda mais com alguém como ele. Viro no rosto no último segundo e recebo um beijo na bochecha. Ele entende o recado e vejo os seus olhos perderem um pouco do brilho. Continuo firme na minha decisão sem vacilar no olhar ou em algum movimento corporal em falso.

— Boa noite Su... — finalmente ele fala com um pouco de tristeza na sua voz.

— Boa noite Noah — ele se vira e começa a caminhar em direção ao elevador enquanto eu fecho a porta.

Que noite! O que deveria ter sido uma noite calma e tranquila com ele e a Elis, quase se

transforma em uma tragédia grega. Imagina se eu deixo esse, ou melhor, esses beijos acontecerem? É o meu atestado de óbito adiantado. Me escoro na parede e aperto o Gato no meu colo.

— Ai Gato — Largo ele no chão depois do arranhão na mão que ele me deu.

Ele sai caminhando em direção ao meu quarto como se debochasse de mim. Se o Gato me machuca, quem dirá o que outros estranhos farão.

Capítulo 14

Meu celular vibra em cima da mesa onde estou sentada vendo as crianças treinando a música que eu passei para elas. A aula esta quase acabando e daqui a pouco eu as libero para tocarem o que quiserem. Elas amam essa liberdade que dou no final de cada aula, mas isso só acontece se o ritmo da aula fluir como eu quero, senão nem dou essa chance. Desbloqueio a tela e puxo a aba de notificações.

Noah mandou uma imagem.

O narcisista começou a mandar as fotos que tirou hoje. Desde que ele foi viajar, tenho mais fotos dele no meu celular do que minhas. A cada parada para ver os trabalhos, ele me manda algumas. E não é que o desgraçado é lindo? E o pior de tudo, ele sabe e não faz questão nenhuma de esconder.

Espero a imagem abrir com a minha Internet 0,5G de tão boa que ela anda hoje. Puxo as pernas para cima da mesa em uma posição de lotus e aguardo. Passo os olhos na turma e vejo todos de cabeças abaixadas com os fones para não atrapalhar uns aos outros, alguns fazem uma careta a cada nota tocada errada, outros apertam uma de cada vez e param para ler a partitura e voltam a tocar e a repetir o processo.

Volto para a tela e vejo que a foto já abriu, dessa vez é dele sozinho, que convenhamos é melhor do que as de ontem, que ele estava acompanhado de uma modelo loira oxigenada estilo barbie de boca aberta. Ainda quero perguntar para ele, porque todas as modelos de hoje em dia tiram fotos assim como umas retardadas. Sou muito mais de sorrisos do que essas poses ridículas de songa-mongas.

Olho atentamente para a foto, cabelos esvoaçantes, terno cinza, camisa branca por baixo e uma gravata um tom mais escuro que a roupa em si. Por cima um casaco comprido marrom e uma cara de quem está meio sorrindo meio pensando, altamente enigmático. Saio do aplicativo e puxo a internet do celular em busca de um trecho de um texto para ele. Pesquiso no Tio Google, pai dos burros dessa geração, copio e colo para ele e envio.

Su: Narcisismo, mais popularmente conhecido como "Complexo de Dora", descreve a característica de personalidade de paixão por si mesmo.

A palavra é derivada da Mitologia Grega. Narciso era um jovem e belo rapaz que rejeitou a ninfa Eco, que desesperadamente o desejava. Como punição, foi amaldiçoado de forma a apaixonar-se incontrolavelmente por sua própria imagem refletida na água. Incapaz de levar a termos sua paixão, Narciso cometeu suicídio por afogamento.

Não dá nem tempo de eu bloquear a tela e recebo a resposta.

Noah: Engraçadinha.

Su: Kkkkkkkk

Noah: Fazendo o quê?

Su: No orfanato, dando aula, pq?

Noah: hj não eh sexta?

Su: sim... troquei pq tinha compromisso ontem...

Noah: hmmm... ansiosa por hoje?

Su: Como uma pessoa que está entrando em um bloco cirúrgico...

Noah: Mesmo aqui, pelo celular, tu consegue ser irônica...

Su: algum problema com isso?

Noah: Não, bem pelo contrário, já estava sentindo falta disso, isso sim ;)

Su: sei.... tanta coisa melhor por aí em tu com saudades da minha ironia?

Noah: eh um charme baby, e altamente viciante. Não posso fazer nada contra isso, já está no meu dia a dia e tenho que ter as minhas doses diárias de "ironias da Fofa".

Su: HAHAAHAHAHAHAHA certo Clichezinho... só tu para me fazer rir hoje...

Noah: Sempre as ordens, vou sair, mais tarde nos falamos.

Su: ù

Coloco o celular em cima da mesa ao meu lado. Desdobro as pernas que já estão cansadas de ficar nessa posição, também com o tamanho das minhas coxas, impossível de não ficarem dormentes. Por mais que eu tente fazer alguma coisa para diminuí-las nada adianta. Nem todo o exercício que eu faço é suficiente para que isso aconteça, é um e stress, dependendo da numeração de alguma calça, não passa nelas. Elis diz que isso me deixa gostosa, eu acho horrível, mas não pretendo fazer algum procedimento cirúrgico sobre isso, como lipoaspiração.

Aliás nem comentei ainda, hoje é sexta! Mas, uma sexta atípica, tenho que sair daqui correndo e passar no Shopping para comprar o presente do meu tio ainda. Adiei o máximo que pude para fazer isso, sei lá, síndrome de brasileira e de deixar tudo para a última hora. Quem nunca fez isso?

Começo a andar por entre os teclados e as crianças e pedir para eles tirarem os fones para eu falar. Yago, que ainda está doente, pediu para acompanhar a aula de hoje à tarde, pois não aguentava mais ficar trancado no quarto e deitado. Com muita dificuldade para a liberação, conseguimos trazer ele para ficar uma meia hora aqui comigo. Ainda não se sabe o que ele tem, levaram ele ao médico no início da semana e estamos aí aguardo do resultado dos exames. Rezo todas as noites para que não sejam nada de grave, mesmo tendo que ser imparcial e não apresentar favoritismo a nenhum deles, por dentro, tenho uma queda pelo Yago. Talvez seja pela afinidade musical que temos, não sei, mas cada vez que o vejo, assim, cabisbaixo e tristonho, me corta mais ainda o coração.

Chamo a atenção de todos que se voltam para mim. Digo que o nosso tempo está acabando e como ela rendeu como eu gostaria, vão ter 10 minutos de aula livre. Eles vibram de felicidade e recebo sorriso de todos os lados, me fazendo sentir a mulher mais feliz desse mundo por isso. Começo a arrumar as minhas coisas, recolher as partituras, guardando o meu violão no case e pertences pessoais.

Meu celular toca de novo e eu olho para ver se é mais uma foto do Noah, já posso fazer um mural delas para mim, não que eu vá fazer isso, mas que se seria divertido fazer um e dar de

presente ao narcisista seria. Dessa vez é uma mensagem da Elis dizendo que já chegou a fazenda dos pais, ando preocupada com ela nessa última semana. Terminou de vez com o frentista e ficou arrasada, a ponto de termos que invocar o código vermelho e comprar chocolates e sorvetes para discutir a relação. Ela me pergunta pela trigésima vez, só hoje, se eu estou tranquila para a recepção do meu tio, e eu pela trigésima primeira vez, respondo que sim. Termino de falar com ela e encerro a aula. Dou um beijo em cada um dos alunos, e um mais demorado no Yago, peço para ele me ligar se precisar de alguma coisa e saio correndo para o fusca.

Ah, sexta-feira. Ainda mais perto das 18h. As pessoas ficam loucas, possuídas pelo espírito de liberdade provisória que as fazem esquecer de tudo, inclusive de como se dirigir e suas regras básicas, em menos de cinco minutos guiando o carro, já fui cortada umas duas vezes, uma delas, se não fosse o cinto de segurança iria bater com a cabeça no vidro.

Consigo, sã e salva, achar uma vaga no estacionamento do shopping, no quinto dos infernos. Começo a andar nos corredores e percebo que estão lotadas, será que amanhã é alguma data comemorativa e eu não sei?

Me enfio na primeira loja de roupas masculinas e procuro uma camisa e uma gravata que combinem. Não sou muito criativa para presentes, ainda mais para homens, mas sei que com o meu tio isso deve bastar. Ele nunca foi daqueles que se importa em ganhar nada, aliás, ele já tem tudo, mas só o fato de ele receber, já fica feliz e abre um sorriso sincero. Diferente da sua ilustre esposa a Cruela. Com um vendedor, escolho as cores sóbrias do catálogo, nada muito chamativo ou extravagante para não ter erro.

Pago, espero o embrulho e saio da loja, olhou para o meu relógio e está mais cedo do que imagino, mudo o trajeto para a praça de alimentação e me vejo na fila do Burger King. Sou filha de Deus também é por tudo que passei essa semana e vou passar hoje à noite, mereço uma bomba calórica, danem-se as minhas coxas gigantes.

~

Saio do fusca, pontualmente às 21h e saio em direção à porta. Estou usando uma calça social azul marinho, uma blusa clara e sapatilha preta, mais confortável impossível. Nem a pau usaria salto hoje. Toco a campainha e o Mário, o porteiro, abre a porta.

— Su, minha menina — atiro-me nos braços dele. Se eu tinha a Cruela para me infernizar, também tinha o Mário e a Rosa, sua esposa e cozinheira, para me ajudarem e me consolar em meus momentos difíceis. — Como tu está? — solto ele do abraço de urso.

— Bem e vocês aqui?

— A mesma coisa de sempre, e porque anda tão sumida de nós aqui? E a Elis, onde está? — sorrio.

— A Elis está na fazenda dos pais hoje, e eu ando trabalhando como uma louca, nem tempo de vir aqui mais tenho. Onde está a Rosa?

— Na cozinha, arrumando as coisas. Teu tio já veio duas vezes aqui perguntando se tu já tinha chegado — ele informa com um sorriso no rosto.

— Vou atrás dele e da Rosa então, daqui a pouco eu volto para te fazer companhia — dou mais um abraço nele e caminho em direção à sala.

Me lembro dessa casa de cor e posso caminhar nela de olhos fechados e no escuro sem tropeçar em nada, anos de experiência de fazer isso quando era criança. Saía escondida na calada da noite para a rua com o meu violão e me sentava nos bancos de baixo das árvores com um acolchoado velho para tocar em paz, no verão mesmo, era normal o Mário me achar adormecida no chão agarrada nele. Apesar de tudo, eram bons tempos.

A sala já está cheia de amigos do meu tio e de aprendizes de Cruela, passo por alguns e cumprimento de longe para que não venham conversar comigo, sou totalmente antissocial nas festas dela pela futilidade dos assuntos.

— Su — ouço meu tio me chama, e viro para ele.

— Tio! — Ele me pega em um abraço apertado. — Parabéns pelo aniversário, tudo de bom hoje e sempre e aquelas coisas que todo mundo desejam em aniversário — ele ri, me beija na testa e me solta.

— Obrigada minha linda — entrego o presente, estou para ver uma pessoa mais sem jeito para essas coisas do que eu.

— É pouca coisa, mas é de coração — falo baixo para ninguém escutar, principalmente a Cruela.

— Não precisava Su...

— Claro que precisava. O que seria de mim se não fosse tu? — perguntou em tom de brincadeira, mas que no fundo é a realidade, o que seria de mim sem ele?

— A mesma mulher guerreira que é hoje — ele fala e sorrio timidamente, sabendo que isso não é verdade. Alguém o chama em algum canto na sala e ele me dá um sorriso fraco. — Tenho que falar com esse homem, a Rosa está na cozinha falando para todo mundo que te encontrar, para você ir lá dar um oi para ela.

Meu tio me dá mais um beijo na testa e agradece de novo, consigo me desvencilhar dele e corro para a cozinha e encontro a Rosa. Entro devagarzinho e a vejo de costas, caminho silenciosamente e chego por trás dela dando o maior susto.

— Rosiiiiiiiiinha! — Ela vira para mim e me abraça!

— Menina. Não me assusta desse jeito que eu não tenho mais coração para isso — ela ri, me solta e me analisa de cima a baixo. — Está linda — e faz eu dar uma volta.

— Que nada, continuo a mesma coisa.

— Não mesmo, está com o brilho no olhar diferente e mais feliz. Conta tudo para a tia Rosa aqui — solto uma risada.

— Não tem nada para contar, só de trabalho e as loucuras da Elis.

— Me engana que eu gosto, Su. Finjo que acredito. Mas mesmo assim, me conta tudo.

Começo a ajudar a Rosa com as comidas e conto tudo o que aconteceu na minha vida desde a última vez que nos vimos. Das loucuras minha e da Elis, de nós no meio do nada trocando o pneu e outras coisas mais.

Conversar com ela, me remete à minha infância. O casal eram os únicos que conversavam e se preocupavam comigo. Não que o meu tio tenha sido completamente relapso, só que trabalhava

até altas horas da noite e saia antes de eu acordar. Praticamente o via só nos finais de semana. A Cruela e nada dava no mesmo. Rosa e Mário foram o mais próximo de pais que eu já tive.

— Su? — Mário entra na cozinha enquanto eu e a Rosa estamos enchendo uma bandeja de canapés.

— Oi — viro e limpo as mãos no pano que está ao meu alcance.

— Tem um homem na porta dizendo que está contigo, só que como tu não me disse nada, vim te perguntar.

— Quem? — pergunto sem entender. Quem diabos iria dizer que veio comigo.

As únicas pessoas que sabiam que eu estaria aqui é a Elis e o Noah. A Elis está com os pais e é mulher, pelo menos até ontem a noite era. E o Noah está em outro continente e só volta amanhã.

— Vamos lá Mário, e eu vejo quem é essa pessoa que está aí na porta.

Passo pelo salão, que está bem mais lotado do que na hora que eu cheguei, e caminho em direção à porta. Mário abre a porta e eu predo a respiração de surpresa.

Por Noah

Elis: Vai conseguir?

Elis: Vai conseguir?

Elis: RESPONDE NOAH!

Elis é uma vaca, Su está certa. Estava fazendo o check-in no guichê para pegar o avião de volta e ela me manda milhares de mensagens ao mesmo tempo. Desde que mudei o meu voo antes de ontem para tentar conseguir chegar a tempo de ir no jantar com a Su e inventei de contar, ela me manda uma mensagem a cada cinco minutos.

Noah: Fazendo check-in, acho que vou.

Elis: Já falou com ela?

Noah: Sim, mas não isso.

Elis: Ela vai te matar.

Noah: Eu sei :)

Elis: Pegou o endereço?

Noah: Sim, vou de táxi.

Elis: Certo

Noah: Estão me chamando, tchau. Me deseja sorte.

Elis: Boa sorte, ou nos vemos no teu funeral :P

Desligo o celular e embarco no avião.

Estou cansado, aliás, podre de cansado. Quase 10 horas de voo matam qualquer coluna, mesmo

na primeira classe. Fotografei horas a mais para poder sair um dia mais cedo para voltar ao Brasil, não sei onde eu estava com a cabeça para fazer essa loucura. Aliás, eu sei.

Nela.

A maldita que nem quer saber de mim. Isso é altamente irônico. Sempre tive a disposição todas às mulheres que eu quis na minha vida, mas a que eu realmente quero, não está nem aí para mim. Naquela última vez que nos vimos ela não recusou um beijo e sim dois. E olha que se for comprar com o que eu quero com ela, é coisa bem pouca, o que eu estava pedindo.

E agora eu estou aqui me matando para tentar chegar a tempo para esse jantar na casa do tio que ela não queria ir sozinha. Noah, o que está acontecendo contigo, meu amigo?

Naquela primeira festa em que eu perdi o meu celular e a conheci, eu estava puto. Frustrado por estar naquele evento com uma mulher que estava me incomodando desde umas três horas antes com as futilidades delas. Sim eu já sai com muitas mulheres fúteis, a ponto de nem saber o número exato, mas essa me incomodou de um jeito que eu não suportava nem ouvir mais a sua voz.

Quando o evento terminou e saímos, fiz questão de deixar ela em casa sem nem tentar um algo a mais. Estressado por isso, procurei o meu celular para ver se eu conseguia algum número de uma parceira para ir dormir mais relaxado, mas não o encontrei.

Voltei ao evento e dei de cara com ela. Vestida de preto, pés descalços e com uma cara estranha mexendo no meu celular. Fiquei mais puto do que eu já estava. E para que prestou? Ela me tratou como um lixo, um maldito pedaço de merda que não vale nada. A ponto de eu ficar calado e a deixar descontar em mim. E não é que isso mexeu comigo?

Entrei no carro com uma raiva dela que nem me lembrei de ligar para alguém vir me acalmar. Maldita Su! Passei a noite toda rolando na cama pensando nela, a ponto de ter que sair do quarto e ir à academia para malhar essa indignação.

Lá pelas tantas, eu desisti! Liguei para minha agente e pedi para ela descobrir quem era ela. Às sete da manhã ela me liga me passando telefone, endereço e o nome da maldita: Su Morelli. Peço para ela mandar umas flores e o cartão de agradecimento. E vou para cama, e finalmente consigo dormir um pouco.

Su, ou a Fofa, é uma pessoa que eu nunca convivi na minha vida. Inteligente, sarcástica ao máximo e durona. Cada vez que eu fico perto dela me sinto um nada completo. A todo instante quero decifrá-la, aos poucos, saboreá-la a ponto de deixar ela louca, ou ela me enlouquecer.

Acho mais fácil ela me deixar louco primeiro do que ao contrário. E não só ela. A Elis é uma louca que eu tenho medo. Muito medo, diga-se de passagem. Naquela noite das pizzas, uma hora que a Su saiu, ela me ameaçou. Perguntando qual eram as minhas intenções com ela e que se eu saísse da linha por um milímetro que fosse, ela me cortaria com o primeiro instrumento afiado que achasse. Fiquei sem ação, expliquei para ela que nem eu sabia o que queria, mas prometi que me comportaria, fui salvo de mais uma enxurrada de atentados verbais ao meu corpo quando o celular da Su tocou e ela atendeu.

Desembarco no aeroporto e pego um taxi para casa, pelo menos um banho antes de sair eu mereço. Chego em casa e sou recebido por um JB ensandecido pulando e me lambendo como

doido, chegou até a mijar de felicidade. Dou um pouco de atenção a ele e corro para me arrumar.

Agora aqui estou eu, de cara com essa porta gigante em frente dessa casa monstruosa de grande. Ouço o barulho da porta se abrindo e ela aparece na porta. Droga, ela está tão linda com essa cara de assustada que até esqueci o que eu vim fazer aqui mesmo. Ahh sim. Acompanhá-la.

— Noah? O que tu está fazendo aqui? — ela me fala ríspida e com uma cara de poucos amigos. Elis estava certa, ela vai me matar!

— Eu... — minha voz falha eu tenho que me recompor para falar direito. — Cheguei agora a pouco e a Elis me passou o endereço, e aqui estou eu — sorrio como se isso fosse uma grande conquista.

Ela me olha de cima à baixo e faz uma cara estranha. Será que ela vai me chutar daqui como um cachorro de rua? Vamos Noah, para de ficar olhando ela como se estivesse a ponto de prensá-la na parede e atacar a merda fora dela. Essa combinação de calça social preta, sapatilhas e uma blusa clara com um leve decote estão me deixando malditamente perturbado.

— Pode deixar entrar Mário — ela finalmente fala e o homem me deixa passar.

Ela caminha na minha frente e eu a sigo. Seus passos são duros e com os punhos fechados, irritá-la se tornou o meu hobby favorito ultimamente. Su abre uma porta e manda eu entrar. Entramos em uma espécie de escritório, no momento em que ela fecha a porta, eu tenho que engolir a seco quando ela vira para mim com uma cara de serial killer.

— Su eu... — como a tentar me explicar, mas sou interrompido por ela, que se atira nos meus braços a ponto de eu ter que dar uns dois passos para trás e não cairmos no chão. Aperto ela nos meus braços e beijo sua cabeça e ela suspira. Com um suspiro cansado meu corpo relaxa como se dissesse “finalmente em casa”.

— Como tu conseguiu chegar aqui? — com uma voz baixa ela pergunta, enquanto sua cabeça está enterrada no meu peito.

— Avião e táxi — ouço sua risada e a minha vontade é beijá-la ali mesmo.

— Eu sei, quero saber dos passos. Até horas atrás tu estava enviado fotos tuas para mim — Sinto ela se afastar de mim e com isso meu corpo reclama. Relaxa Noah, antes que ela te dê uma boa joelhada ou te corra da tua vida por completo!

— Eu estava quase embarcando para cá naquela hora — sorrio. — Trabalhei umas horas a mais por dia e me liberei um dia mais cedo.

— Tu não fez tudo isso por mim, não é? — seu rosto fica com um ar de desconfiada.

— Não — minto descaradamente e vejo ela desviar o olhar de mim. — Não tenho mais saco para ficar longe de casa — e de ti completo mentalmente, mas para não parecer desesperado —, e do JB.

— Sim o Jelly Beans, sei... — ela caminha até a porta de novo e eu vou atrás. — Quero que conheça duas pessoas. Vamos — ela me estende a mão e entrelaço a minha com a dela. Sinto-me um adolescente idiota.

Caminhamos por uma sala cheia de pessoas. Ternos, gravatas, vestidos longos e chiques. Se eu soubesse teria colocando pelo menos um casaco de paletó, e não de jeans, botas e uma camiseta

preta. Entramos na cozinha e Su me apresenta a Rosa, uma senhora de idade, mas que pelo visto trata ela como filha. Conheço seu tio também, e conversamos por um bom tempo.

Ela me mostra algumas partes da casa e quando voltamos para o salão ela para de repente quase me fazendo bater nas suas costas.

— Está tudo bem? — pergunto a vendo tomar uma respiração profunda.

— Sim, vamos... — ela me puxa de novo, mas não a tempo de uma mulher vir em nossa direção.

— Fofa querida! — Fofa? Elis me disse que ela detesta que chamem ela assim.

— Oi Regina... — uma Su que eu não conheço, mostra a cara e uma voz quase sem emoção, e eu percebo que essa deve ser a esposa do seu tio.

Regina chega com um vestido vermelho brilhante e com um decote um pouco exagerado a meu ver. Dá dois beijos no ar na Su, que está como uma estátua e um sorriso falso.

— Não tinha te visto antes, querida — ela percebe a minha presença ao lado da Su e eu me aproximo. — E quem é esse rapaz?

— Ele é um amigo... — realmente confirmo que essa não é a minha Su, confiante e líder de todos em sua volta. Resolvo tomar as rédeas da situação.

— Prazer Noah — estendo a minha mão e a mulher me analisa de cima a baixo e abre um sorriso malicioso, dos quais eu estou acostumado a receber a todo o momento de mulheres.

— Olá Noah, Regina, esposa do Theo, tio da Su.

— Estamos de saída Regina — Su intervém e nem isso faz a mulher desgrudar os olhos de mim.

— Que pena — com um sorriso sarcástico ela olha para a Su. — Bom, foi um prazer te rever Su.

— Tchau Regina — Su pega a minha mão de novo e me puxa em direção à saída com uma força exagerada e quase correndo.

— Tchau Fofa. Ah Su — abruptamente ela para e eu quase dou de cara nela, sua mão aperta a minha como se tivesse esperando um soco ou algo do tipo e precisasse de algum tipo de apoio —, cuidado querida, parece que tu está engordando de novo. E o rapaz não merece andar com uma pessoa do teu tamanho.

Mas que porra? Viro para responder alguma coisa para essa mulher, mas a Su me puxa para a saída rápido. Ela acena para o homem da porta, que escutou tudo e abre um sorriso fraco para ela. Caminhamos em silêncio até o seu carro, se quando eu cheguei ela estava brava, agora ela está preste a explodir. Destranca o carro e entramos.

— Su... — começo a falar.

— Não fala nada — ela me corta. — Vamos embora, depois conversamos.

Saímos do estacionamento e entramos no trânsito. Olho para ela dirigindo, sentada reta e sem expressão nenhuma no rosto. Quero falar alguma coisa, mas fico impossibilitado. Preciso colocar as palavras em ordem na minha cabeça para não falar alguma besteira e piorar a situação. Não concordo com o que aquela mulher horrível falou.

A Su não é gorda, é linda. E olha que eu sei quando vejo alguma. Uma beleza nata, sem aditivo

nenhum e muito menos intervenções. Se os padrões de beleza de hoje em dia não fossem tão extremos, ela poderia ser muito bem, mais bem-sucedida como modelo do que eu.

— Desculpa — ela fala quase sussurrando.

— Pelo quê? — busco os seus olhos que estão fixos na estrada.

— Por ter que passar por isso — visivelmente ela está abalada com tudo isso.

— Posso te fazer uma pergunta? — ela acena, mas não me olha. Me endireito no banco pois as minhas pernas não foram feitos para esse acento e começo a falar. — Tu acredita no que ela falou? — sua risada sai sarcástica. — Estou falando sério Su, tu acredita?

— E quem não acreditaria na verdade Noah? Olha para ti e me olha — fala ríspida e sem emoção nenhuma.

— Su, não é assim que as coisas funcionam...

— E como é Noah? — ela me corta no momento em que eu buscava o ar para falar algo para amenizar o ambiente. — O mundo é assim, eles te julgam pela aparência e não pelo o que tu faz — a vejo apertar o volante a ponto de deixar seus dedos brancos.

— Não Su... não generaliza.

— Não generalizei Noah — sinto que ela está a ponto de explodir, ela respira fundo e tenta se acalmar —, é só a verdade. Olha tu mesmo, não te dei a chance de me levar a um restaurante e me provar o contrário do que tu era?

— Sim, mas...

— Mas nada! — Sua voz falha. — Não é a toa que eu te chamo de Clichezinho.

— Eu quero mudar, tu sabe.

— Mas e se não quisesse Noah? Tu estaria aqui comigo agora? Sairia comigo para os locais de festa? — fico sem palavras, e a minha hesitação foi a resposta que ela precisava. — Viu só! Tu mesmo faria a mesma coisa que ela. Todos iguais.

— Eu estou mudando — aviso. — Nunca ofendi uma pessoa pelo que ela é Su, e nem vou fazer isso na minha vida.

Posso ser um desgraçado sem moral nenhuma, mas nunca vou deixar a aparência julgar o caráter de nenhuma pessoa. Se uma coisa que aprendi com o meu pai, foi isso

— Certo Noah, mas no fundo, todo mundo é assim — e ela encerra o assunto, sem ao menos ele chegar na metade.

Ficamos em silêncio por um momento só com o som do motor do fusca estilizado dela. Ela dirige por um tempo sem nem desviar o olhar. Forte, guerreira e sem derramar uma lágrima sequer. Se fosse numa das que eu tinha saído antigamente, já tinham se desmanchando em choro há tempos. Isso é uma das maiores qualidades da Su que eu já pude observar nesse pouco tempo em que a conheço. Não se deixa abalar por nada, e isso é uma das maiores qualidades que eu admiro nela.

O que ela falou sobre o que faria a pouco tempo atrás me faz ver o maior idiota que eu sou. Será que eu faria isso mesmo? Deixaria a sua impressão corporal falar mais alto do que a

personalidade? Eu não sei o que responder. Mas se ela não tivesse me ignorado completamente aquela vez, não sei se eu estaria aqui hoje e mudado uma viagem inteira para estar na sua companhia.

Ela estaciona o carro na praça, na mesma em que comemos cachorro-quente aquela vez. Tira o cinto e olha para mim.

— Sei que tu mora aqui por perto, vou dar uma volta e ir para casa. Se quiser ir para a tua, e descansar, não tem problema — jura que eu vou deixá-la sozinha em plena sexta-feira a noite nessa praça sem segurança nenhuma. Retiro o cinto e abro a porta.

— Vamos caminhar Su.

O clima está agradável para essa época do ano, nem quente nem frio demais. A lua está alta, iluminando as árvores e a fonte que tem bem no meio da praça. Caminhamos um ao lado do outro olhando para baixo, eu ainda pensando no que falar para ela. Automaticamente, minha mão procura a dela, e para a minha surpresa, ela aceita e a aperta delicadamente.

— Fui morar com o meu tio com uns cinco anos mais ou menos — ela começa a falar sem eu ter pedido nada, nos sentamos em um banco perto da fonte e eu faço o trabalho de ombro amigo a deixando desabafar. — Minha mãe morreu no meu parto e o meu pai meio que surtou e começou a beber, morreu engasgado com o próprio vômito e só estava eu em casa. Meu únicos parentes vivos são eles. Meu tio tinha duas opções, me adotar ou me enviar para um orfanato até que tivesse 18 anos — aperto firme sua mão, ela levanta a cabeça como se estivesse com vergonha, eu peço, silenciosamente, para ela prosseguir. — Eu não me lembro de muito dessa época, mas eu acho que era feliz. Dois anos mais tarde ele se casou com a Regina e ela veio morar com a gente. No início ela era até legal, me levava na escola, andava de mãos dadas comigo no shopping me comprando roupas e brinquedos, mas depois que ela tentou engravidar e não conseguiu, descontou tudo em mim. Brigava com as coisas mínimas que eu fazia, como estudar no chão da sala — ela solta uma risada irônica. — Me falava que eu deveria trabalhar para ela, por tudo o que o meu tio e ela faziam por mim, e que se eu não me comportasse como uma pessoa invisível, eles me levariam para um orfanato e ninguém ia me tirar de lá e ficaria para sempre.

— Su isso é... — ela me olha e eu calo a minha boca.

— Eu era criança Noah, não entendia essas coisas, e com o tempo fui cada vez me isolando mais no meu próprio mundo, só a Rosa e o Mário que escutavam isso e me ajudavam.

— Ela te batia? — tenho vontade de vomitar só por pensar em algum tipo de violência que ela poderia ter sofrido.

— Não... Acho que se batesse iria ficar na cara e o abuso moral não deixa marcas visíveis — internamente, solto um suspiro de alívio. — Na entrada da adolescência ela começou a me chamar de gorda, baleia e outras coisas. Eu sempre fiquei quieta Noah, quando ela começava, eu me trancava no quarto e ficava tocando piano, violão ou estudando. Na frente do meu tio ela me tratava como uma filha, nas festas me arrumava para que eu não deixasse eles passarem vergonha com uma feia e ridícula, como ela me dizia — Su fala de cabeça baixa e olhando para as mãos, minha vontade é de voltar naquela maldita festa e expor aquela mulher ao ridículo. — Quando terminei o ensino médio, passei na faculdade de primeira, federal e sem cursinho

nenhum. Tinha uns horários meio doidos nos primeiros semestre, chegava em casa quase de madrugada. Às vezes, ela me esperava só para dizer que eu andava com homens e dando para quem quisesse, até parece que eu conseguiria fazer isso. Me disse uma vez que se eu aparecesse grávida ela ia me levar a uma clínica para abortar. Eu nunca fiz nada mais do que estudar Noah. Nunca nem namorei quando morava com eles para não ter problemas piores — ela suspira. — Arrumei um emprego porque não aguentava mais aquilo na minha vida, um mês antes de eu fazer dezoito anos ela me prensou na parede e disse que não via a hora desse dia chegar para que ela pudesse me jogar para fora de casa sem nada. Eu já previa isso, e estava juntando um dinheiro para poder alugar qualquer coisa onde eu pudesse morar e trabalhar para sair de lá.

— E foi isso que tu fez? — ela levanta a cabeça para mim e acena lentamente.

— Sim, Elis me ajudou a procurar o meu primeiro apartamento — ela ri e me olha. — Nem imagina o cafofo que era Noah, mas eu me sentia tão bem nele. Era meu, pobre, sem luxo, mas meu. Podia chegar e sair à hora que bem entendesse, tocar violão no chuveiro se eu quisesse que ninguém ia me incomodar. Foi libertador e a melhor coisa que eu já fiz na minha vida.

— Teu tio nunca percebeu isso que ela fazia?

— Não, ela é uma atriz, nunca deixou ele perceber isso.

Ficamos em silêncio por alguns instantes, escutando os barulhos dos grilos e do trânsito nas ruas próximas. Ainda estou trabalhando com as palavras dela. Ninguém merece passar por isso, e como ela disse abuso moral não deixa marcas físicas, mas internas elas são horríveis. Por mais que a pessoa tente, não consegue esquecer esses abusos, fica marcado na mente como uma tatuagem. Por isso ela se sentiu daquele jeito na presença dela, agora eu entendo tudo. A reação quando a viu, a raiva bonitinha, de quando eu a chamei de fofa a primeira vez pelo telefone e outras coisas mais. Como eu sempre disse para mim mesmo, quanto mais eu conheço ela, mas a admiro.

Vemos esse tipo de abuso todos os dias e são poucas pessoas que conseguem levar uma vida normal depois de sofrerem constantemente com isso. Mas a Su é a Su. Única. Olho para ela que volta a falar.

— Quando eu me formei na faculdade meu tio quis fazer uma festa gigante, mas eu recusei. Mas ele foi irredutível, queria comemorar a todo custo essa minha conquista, então pedi o piano e o revestimento acústico naquele quarto. Já estava morando ali há quase um ano, peguei o dinheiro da minha herança, comprei o apartamento e o resto eu doei nas instituições de caridade da cidade, por mais que eu precisasse do dinheiro, não conseguiria ficar em paz comigo mesmo sabendo que ele veio de uma participação dela.

Não aguento escutar mais nenhuma palavra dela, sem expressar o que eu sinto por ela.

— Sabe Su, quando eu te conheci, percebi que tu era diferente de qualquer pessoa que eu já tinha visto na minha vida — ela sorri fraco, mas já é alguma coisa. — Escutando tu contar a tua história para mim, me faz ver o quando eu sou um nada mesmo. Muitas pessoas que sofrem esse tipo de abuso na infância não conseguem vencer na vida assim. E olha tudo o que tu tem hoje. Uma agência de eventos conceituadíssima na cidade, teu trabalho voluntário no orfanato, que tu ama, e não te deixa abalar por nada. Isso é incrível. O que vemos de pessoas se abaixando no primeiro obstáculo que encontram na vida, mas tu não, minha guerreira... — solto a mão dela e

passo por cima do ombro. — Tu é um exemplo de vida para mim, Su. Já disse que quando crescer quero ser parecido contigo. Fazer o bem para os outros, levantar a cada tombo que a vida te dá com a cabeça mais erguida ainda e tudo mais.

— Não exagera Noah — sua cabeça cai no meu ombro.

— Não to exagerando nada. Se eu estou dizendo, é porque é verdade.

— Convencido! — Ela me dá um tapa no peito e eu seguro sua mão.

— Sim, muito. E agora eu vou te beijar — não consigo evitar, escutar tudo isso dela, ver o sofrimento ao vivo quando a mulher falou aquilo para ela me fez mais de quatro por ela do que eu já estou. E isso não é pouco. Preciso demonstrar que não importa o que dizem dela ou o que ela pensa, eu a quero mesmo assim. Ela sai do meu ombro e arregala aqueles olhos castanhos.

— Não... — uma resposta que eu já estava esperando dela, mas hoje eu não vou desistir facilmente.

— Sim e tu não vai negar isso, peguei dois voos hoje e o mínimo que eu mereço é um maldito e bom beijo teu — solto sua mão e coloco a minha no seu pescoço e me aproximo.

— Isso é algum tipo de ONG? Faça uma gordinha, com o dia de merda, feliz? — com uma rapidez assustadora, como se eu fosse a agarrar a força, ela se desvencilha e levanta. Salto junto ficando na frente dela, a poucos milímetros daquela boca que eu sonho há tanto tempo.

— Não. É só nós dois fazendo o inevitável — colo a minha boca na dela que está firme e não me deixa avançar, recuo.

— Pronto, beijado — um sorriso vencedor toma conta do seu rosto.

— Deixa de ser besta, isso não foi um beijo e sim um selinho colegial — coloco minhas mãos na cintura dela. — Vamos Su, um beijo a um cara cansado, que já teve isso negado duas vezes da última vez.

— Implorando por um beijo Noah? — sorrio. Por ela eu imploraria muito mais.

— Sim, para ti ver o estado que eu ando, agora cala a boca e me beija decentemente mulher — puxo ela de novo, aproveitando que ela está rindo de mim, e a beijo.

Capítulo 15

Pego o violão e começo a ver como está a afinação para música que vamos tocar agora. A turma, ao invés de tocar aleatoriamente no final da aula hoje, resolveu que era dia de relembrar uma que já tinha passado para eles. Fizemos uma votação para ver qual música ganharia. A da vez foi uma que eles tocaram no ano passado na apresentação em praça pública no centro da cidade. Vento Negro de José Fogaça. Melodia simples, mas eles insistiram que eu teria que cantar junto para acompanhar.

Eles sabem que eu detesto cantar, odeio a minha voz em músicas. Para não me perder no ritmo, canto mentalmente, assim eu não preciso me esconder em um ambiente acusticamente isolado para não deixar as pessoas surdas ao redor.

Mas eles me ganharam, hoje. Sabiam que a música era cantada pela turma da Cris e eles faziam o apoio no refrão e em algumas outras partes. Alguém teria que compor a voz principal e coube a quem fazer esse papel? A tia Su aqui.

Todos estão a postos com os violões no braço, animados para ver o meu desempenho vocal e só esperando a minha contagem para eu começar a tocar. Faço a introdução inicial e eles me acompanham aos poucos. Tomo uma respiração profunda e começo a cantar.

Termino a primeira parte e deixo a turma continuar.

Tua vida o tempo

A trilha o sol

Um vento forte se erguerá

Arrastando o que houver no chão

Vento negro, campo afora

Vai correr

Quem vai embora tem que saber

É viração

(Vento Negro – José Fogaça)

Sorrio com eles cantando e tocando ao mesmo tempo e recomeço a minha parte.

Me empolgo com a música, foi umas das minhas primeiras, que eu tirei sozinha no violão, aos 9 anos e sou simplesmente apaixonada por ela. Canto o refrão junto com as crianças e sigo com todas as firulas que ela tem até o terminar. Tocamos todos juntos os acordes finais da música e escuto aplausos e assovios vindo da porta. Viro e dou de cara com a Elis e o Noah . Elis com dois dedos na boca e assoviando alto, daquele jeito, que fazem em estádios de futebol que eu nunca consegui imitar, mesmo depois de várias tentativas dela me ensinar.

— O que vocês estão fazendo aqui? — pergunto com as minhas bochechas, com certeza, subindo um vermelho de vergonha.

— Cheguei agora a pouco na cidade e vim fazer a dieta da semana — Elis fala e aponta para o Noah. — Esse aqui estava me incomodando ao telefone enquanto eu dirigia. Disse que estava vindo para cá e ele se intrometeu e apareceu junto.

— Oi — seu sorriso e o seu intenso olhar sobre mim, não melhora em nada a minha vergonha.

— Só vocês mesmo — viro para turma para disfarçar. — Dispensados pessoal, lembrem-se que quinta eu vou tirar o couro de vocês com a música da apresentação, certo? Aproveitem para descansar bem os braços!

Todos passam por mim e pela tia Elis, como as crianças a chamam e nos dão um beijo. Elis sai com eles para arrumar a dieta da semana do Orfanato. Quando eu comecei a lecionar aqui, ela, como não tinha tanto tempo sobrando como eu, resolveu ajudar como pode. Toda a semana passa aqui e balanceia a dieta com a lista de alimentos que eles têm. Diversificando todos os dias e auxiliando aqueles com algum problema ou distúrbio alimentar. Por menor que seja a ação, aqui é bem-vinda.

— Além de tocar ainda canta? — Noah fecha a porta e vem em minha direção.

— Geralmente eu não canto, detesto a minha voz, mas me empolguei hoje — ele para na minha frente e eu tento sair para pegar o case do violão, mas ele me segura.

— Tua voz é linda — ele vem me beijar e eu saio.

— Aqui não, qualquer um pode abrir a porta — me desvencilho dele que sorri.

— Então, melhor ainda. Correndo perigo é melhor, já diz o ditado. Ainda mais em uma sala de aula, eu aluno e tu professora. Altamente excitante — saio da sua frente para pegar umas partituras e ele vem atrás de mim.

— Para Noah, não inventa — começo a rir e batem na porta, olho para ele. — Viu só! — Exclamo para ele baixo que sorri maliciosamente, viro para a porta e grito — Entra.

— Su? — Cris coloca a cabeça dentro da sala. — Vi a Elis, e ela me disse que tu ainda estava aqui, posso entrar rapidinho para conversar?

— Claro, entra — me desvencilho do Noah, e claro que ele vem junto. Estão faço as apresentações. — Cris esse é o Noah, meu amigo. Noah essa é a Cris, que dá aula de canto para as crianças.

— Prazer Noah — ele estica a mão para a Cris que está de boca aberta olhando para ele, é, eu sei como ela se sente. Ela acorda do seu devaneio momentâneo e retribui o aperto de mão.

— Cris, muito prazer — ela se volta para mim e começa a falar. — Su, estou com um problema com a música.

— Qual?

— Eu não canto e nem falo inglês. Por mais que entrasse em vários cursinhos, nunca consegui sair do básico. Vamos ter que trocar.

Droga, passei ontem a tarde toda fazendo a partitura dessa música, não aguento mais ver o Pharrell Williams cantando “Because I’m happy”. O Gato chegou a me abandonar na sala e ir dormir no meu quarto em função disso. Seu eu fechar os meus olhos posso ver todos os meus instrumentos tocando essa música de tão cheia dela que eu estou.

— Para qual? Alguma em mente? — pergunto vendo o meu trabalho todo escorrer pelo ralo da pia.

— Não! — Ela geme. — E agora? — me escoro na parede e de volta a estaca zero de preparativos. Temos que começar a ensaiar o mais rápido possível, temos menos de 3 meses para a apresentação.

— Que música é? — Noah pergunta, nem me lembrava mais da presença dele com a gente.

— Happy do Pharrell Williams — Cris fala.

— Conhece? — pergunto.

— Sim, não parava de tocar lá na Espanha semana passada. De que vocês precisam? — Cris não hesita e já começa a responder.

— Na realidade, só precisamos de uma ajuda na pronuncia das crianças, o resto eu consigo arrumar — Noah escutando tudo atenciosamente e abre um sorriso demoníaco e cheio de segundas intenções.

— Eu ajudo — viro para ele e o vejo todo decidido e cheio de convicção que pode ajudar. Ele só pode estar de brincadeira, não é?

— Sério! — Cris exclama alegremente, eu ainda estou espantada e sem conseguir falar nada decente. — Obrigada, isso seria incrível. As crianças estão tão animadas com essa música, ia ser uma tristeza sem fim dizer a elas que teríamos que trocar.

Ok, pausa de um segundo aqui? Alguém me explica o que está acontecendo na minha frente, porque eu tenho a nítida impressão que o Noah, um modelo internacional que acabou de voltar de uma campanha da Espanha e agora está se oferecendo para ajudar a Cris com as crianças do orfanato. Não que isso não seja maravilhoso, mas é um senso de responsabilidade imenso, e ele não pode simplesmente dizer que vai ajudar e depois deixá-las na mão! Eu não permitiria isso com essas crianças.

— Noah... — me intrometo. Preciso colocar algumas coisas nessa cabeça maluca, até pior que a Elis.

— Conversamos depois Fofa... — e ele vira para uma Cris empolgadíssima. Ele me cortou? Na frente de Cris? Tá ficando abusado ou é impressão minha?!

Eles conversam por um tempo acertando dias e horários de ensaio e eu saio e começo a arrumar as minhas coisas. Quem ele pensa que é para me cortar assim? E ainda na frente da Cris e onde eu trabalho? Ele está brincando com fogo, só porque abri meu passado a ele e nos beijamos ele acha que tem esse direito? Não mesmo. Vejo eles se despedindo e a Cris fechando a porta. Ele vem em minha direção caminhando e sorrindo, e quando vê a minha cara de poucos amigos e vai desmanchando o sorriso presunçoso.

— Certo, o que eu fiz agora? — dou um passo para perto dele.

— Primeiro de tudo, não me corta na frente das pessoas, ainda mais no lugar onde eu trabalho. Só não te mandei para a puta que pariu porque a Cris estava aqui — ele cruza os braços na frente do peito e volta a sorrir aos poucos, idiota. — E segundo o que acha que está fazendo? — agora ele não se aguenta e abre um sorriso largo.

— Já disse que tu fica extremamente encantadora com essa carinha de emburrada? — coloca as duas mãos no meu rosto e me dá um selinho e eu o empurro.

— Para Noah! Estou falando sério.

— Eu também, me deixa louco quando tu faz isso — o empurro mais e saio. — E eu não posso ajudar? Não faço nada mesmo, não me custa vir aqui duas vezes por semana ajudar as crianças.

— Não é bem assim que funciona Noah. As crianças tem uma certa expectativa quando alguém vem ensinar alguma coisa para elas — Noah me observa em silêncio e eu continuo. — Elas vivem quase sem contato com outras pessoas, além de nós e na escola, então qualquer pessoa que possa dar um pouquinho de atenção para elas é uma alegria sem fim. E se comprometer em ajudar a Cris vai ser um alto grau de compromisso com elas, e se tu te cansar de ajudar, eu não vou aguentar ver elas tristes, como ficam quando as pessoas que se comprometem falham com elas.

Noah acena com a cabeça como se entendesse o que eu falei com todas as vírgulas e pontos em questão.

— Se eu me comprometi, eu vou cumprir Su — vejo a sua expressão totalmente serena, como se não estivesse mentindo. — Posso não saber como funcionam as coisas por aqui, mas posso aprender e eu preciso fazer alguma coisa mais produtiva além de ficar na academia do meu prédio ou então correndo atrás do JB que está roendo alguma coisa — penso em alguma coisa para responder, mas ele me cala quando retorna a falar. — E pode esquecer de tentar de me fazer desisti, se tu é teimosa, eu posso ser bem mais.

Ficamos nos encarando por um tempo até eu ceder, solto um meio gemido, meio suspiro. Ele está certo, se eu sou teimosa, ele pode ser bem mais. Noah se dá por vitorioso, vem e me abraça. Eu, me dando por derrotada, deixo os meus braços envolverem seu pescoço e me enterro no seu peito.

— Não quero nem saber se vocês estão se agarrando ai dentro ou não, eu estou entrando — Elis entra porta a dentro sem cerimônia nenhuma.

— Ninguém está se agarrando aqui, Elis — falo saindo dos braços do Noah.

— Porque ela não quer, deixo isso bem claro — completa Noah para o meu desespero de ter que aguentar a Elis me torrando a paciência com perguntas mais tarde, sendo que, muitas delas, eu nem vou saber responder.

— Chega desse complô e vamos almoçar — pego as minhas coisas e nem olho para os dois que a essa altura, pelo andar do campeonato, formaram um time contra mim.

Noah vem comigo no Fusca e Elis vai no carro dela para o shopping mais próximo, só tenho que estar as duas da tarde em uma reunião com um possível cliente e Elis tirou o dia de

folga, então nos damos o luxo de almoçar sem pressa e sem correria.

Entramos na praça de alimentação e está lotada. Cada um começa a procurar uma mesa onde podemos comer, ficamos uns bons dez minutos rondando até a Elis achar uma. Noah e eu estávamos cada um em um canto da praça de alimentação. Até que vemos a Elis sentada em uma mesa distante. Quando eu estou chegando perto, dois caras chegam nela e pedem para sentar, jogando charme.

— Desculpa, mas já estou acompanhada — vejo ela se faz de meiga para eles. — Minha amiga acabou de chegar — coloco a minha bolsa em cima da mesa e um deles me olha de cima a baixo e fala.

— Somos dois, vocês duas, uma mesa com quatro cadeiras, dá certinho. Dois pares — o amigo está olhando intensamente para Elis, moreno magro e esse que falou me encarando, é baixinho e loiro, quase subnutrido perto do Noah.

— Amigo... — Elis ri. — Se eu fosse tu nem tentava nada com essa aí. Com o tamanho do namorado dela, ele te faria de poeira — arregalo os olhos para a Elis que continua. — E outra que ele é modelo e no mínimo uns bons trinta centímetro maior que tu...

— Algum problema aqui? — Noah chega nesse exato momento e eu peço para me esconder em baixo da mesa e só sair de lá quando o shopping estiver fechado.

— Nada não Noah — Elis fala enquanto o Noah olha para mim e faz uma cara estranha. — Os rapazes já estão de saída não é?

Eles encaram o Noah e se olham entre si e saem como dois cachorros com os rabos entre as pernas. Elis começa a rir como uma hiena velha.

— O que houve aqui? — vendo essa reação exagerada pergunta.

— Nada — respondo rapidamente. — Noah, fica aqui que eu e a Elis vamos pegar nossos almoços.

Puxo Elis, que limpa as lágrimas de tanto rir, por um braço e deixamos um Noah confuso se sentando enquanto vamos para algum lugar pegar comida.

— Tu está doida? — pergunto para ela.

— Não, mas é a verdade não é? Vocês estão juntos — seus olhos brilham de alegria e que comece o interrogatório.

— Não surta Elis, não estamos nada.

— Amiga, quem está surtando é tu. Aguento o Noah o dia todo me incomodando pelo celular por tua causa. E agora tu tem que fazer a tua parte. Está deixando de ser garfo para ser uma colher de chá, mas já é alguma coisa. Agora só falta virar colher de sopa.

— Doida, não fica colocando coisa na minha cabeça, mais do que ela já tem. Mc Donalds, Burger King ou outro? — Sugiro querendo mudar de assunto. Por mais que alguma coisa esteja acontecendo comigo e com o Noah, não quero pensar nos seus porquês e razões agora.

— BK picanha e bem gorduroso.

— Em plena segunda?

— TPM e TPV!

— TPV? — essa é nova até para mim.

— Tensão Pós Vó — ela me puxa para o Burguer King e fazemos o nosso pedido para aqueles atendentes de fila. — Te conto na mesa.

Esperamos um pouco na fila e somos atendidas, pegamos os nossos lanches e vamos para a máquina de refrigerante. Coloco meio copo de gelo e completo com Pepsi, prefiro Coca-Cola, mas já que não tem tu, vai tu mesmo.

Elis ficou quieta nesse meio tempo, estranho demais para ela, mas se tem a sua avó no meio, coisa séria deve ser. Chegamos à mesa e Noah sai para se servir.

— Desembucha — falo abrindo o meu hambúrguer.

— Ela está louca, doida de atar Su. Não parava de falar que quer um bisneto antes de morrer. Não sei o que eu faço — vejo a cara sacana que ela faz e completa. — Ou melhor eu sei, mas não sei como fazer isso!

— Como assim? Ela quer que tu tenha um filho?

— Sim, me passou o fim de semana falando nisso, Su. Tu sabe que eu faço tudo pela minha avó, mas agora ela pediu uma coisa impossível — Elis come uma batata frita.

— E agora?

— Não sei. Eu já tenho quase 28 anos e ela me dizendo que nessa idade já tinha a minha mãe com quase 5 anos. Eu não sei nem o que eu vou fazer da minha vida ainda e ela quer um bisneto. Isso é loucura demais!

— Já falou isso para ela? — dou uma mordida no meu hambúrguer e tenho uma overdose de gordura na minha boca. Eita segunda-feira!

— Sim. Disse que nem namorado eu tenho, quem dirá um para ser pai!

— E ela?

— Disse que é problema meu, mas antes de morrer ela quer um bisneto!

— Quantos anos ela está mesmo?

— Oitenta e três. Sou filha de velhos lembra? Meus pais se formaram primeiro e minha mãe só engravidou com mais de trinta.

— Tem tempo ainda Elis. Diz que quer ser como a tua mãe, só depois dos trintas que vai pensar nisso.

— Sim — ela fica pensativa. — Tenho mais de dois anos para pensar nisso. E se nada der certo, vou recorrer à produção independente.

— Maluca... — pego o meu copo enquanto o Noah chega a nossa mesa com uma bandeja de comida japonesa.

— Quem é maluca? — ele pergunta se sentando.

— A Elis, quem mais? — falo.

— Não sou nada. Aliás, Noah, se daqui a uns dois anos, mais ou menos, eu não estiver casada ou com alguém, tu me engravida? — Noah para o que estava fazendo no meio do caminho e olha para a Elis que come como se não tivesse acabado de falar algo desse tipo. E o pior de tudo, nenhum de nós foi capaz de pegar uma faca para eu poder matá-la.

— Como é que é? — ele pergunta.

— Não dá bola para ela Noah — advirto enquanto Elis começa a rir.

— Brincadeira Noah — ela fala e ele fica olhando para nós duas como se fôssemos loucas. Pego a fama da Elis só por andar com ela.

— Ainda bem. Vindo de ti, eu não duvido de nada — ele fala me roubando uma batata frita.

— Hey! Não toca nas minhas batatas! Se quiser pega umas para ti.

— Ok! Não mexer na comida da Su, anotado — sorri e volta para a Elis. — Agora me explica que história é essa?

Elis conta toda a história com a avó. E Noah escuta com uma atenção que poucos homens teriam. Fico comendo e acompanhando a conversa como quem assiste a uma partida de ping-pong.

— E fora que é caro criar um filho — ele fala enquanto eu termino de tomar o meu refrigerante. Estou mais que satisfeita, não preciso comer pelo resto da semana.

— De caro — Elis toma um gole e continua —, eu e a Su temos PHD em economia caseira. Nos tempos de faculdade fazíamos o nosso salário durar um mês inteiro. Quase milagre.

— Bons tempos — falo me lembrando. — Pagávamos o aluguel e fazíamos malabarismo com o que sobrava.

— Trezentos reais era festa — Elis fala.

— Trezentos reais por semana? — Noah limpa a boca com um guardanapo e eu e a Elis nos olhamos por alguns segundos e começamos a rir.

— Não, por mês — falo e ele me olha espantado.

— Impossível. Como vocês faziam isso?

— Não dissemos que fazíamos milagres? — Elis fala. — Ainda tínhamos que comer e andar de ônibus. Completamente ninjas!

— Não iria sobreviver. Sou consumista demais.

— Sim, às vezes nos últimos dias do mês andávamos a pé mesmo — completo o pensamento da Elis e viro para o Noah. — Devia tentar fazer isso Noah, duvido que depois dessa experiência, tu não dará mais valor ao que tu tem hoje.

— Seria uma boa isso Noah — Elis termina de comer.

— Uma semana Clichezinho, trezentos reais no bolso, sem cartão, talão de cheque ou afins. Topa? — Elis olha para mim e estende a mão para um hi-five.

— Complô? É isso? Elis, pensava que estava do meu lado?

— Sou melancia nesse jogo, amigo, sirvo para os dois times — ela dá de ombros e eu sorrio triunfante, por pelo menos, dessa vez ela estar do meu lado. Noah franze a testa e fica olhando para nos duas.

— O que eu ganho com isso? — questiona, dando uma chance para topar o desafio.

— Nada, só prova que consegue viver com trezentos reais por uma semana — falo.

— Não tem graça nenhuma — Noah rebate.

— E quem disse que é para ter? — Elis fala. — Já sei — ela coloca as palmas das mãos em cima da mesa como se fosse levantar e dá a cartada final. — Não vai ser nesse, mas no outro fim de semana, sexta é feriado e nenhum evento — olha para mim e pisca. — Se tu conseguir Noah, vai com a gente para a fazenda dos meus pais, se perder, eu e a Su vamos e tu fica aqui na cidade sozinho.

— Não entendi ainda.

— Não vamos levar celular. Três dias sem poder entrar em contato comigo, ou com a Su — ela se atira na cadeira e com um olhar triunfante para ele que pondera.

— Três dias? Não posso perder as ironias da Fofa por tanto tempo. Injusto!

— Não é não Clichezinho, se tu conseguir, e não pedir arrego com isso, vai junto. E ainda pode levar o JB — falo. — Ele vai amar aquele campo para correr como um doido e mais os outros animais que tem lá. Pegar ou largar — estendo minha mão para ele que hesita.

— Cooooóó cóóóó cóóóó — Elis imita uma galinha em plena a praça de alimentação do Shopping, lotado.

— O que é isso Elis?! — pergunto percebendo que várias pessoas nas mesas ao redor se viraram para ver a doida e sua imitação de galinha.

— Noah está arregando, nada mais justo de imitar uma galinha — e ela recomeça. — Cóóó cócócóóóóóóóó.

— Ok — Noah fala vendo o escândalo que isso está virando e aperta a minha mão. — Até segunda que vem com trezentos reais?

— Sim — confirmo.

— Sem cartão de crédito?

— Nem débito, nem talão de cheques e nem charme para ganhar descontos — Elis fala.

— Posso ir ao caixa eletrônico para sacar os trezentos reais pelos menos?

— Sim, mas nós vamos também para ver se não vai ter maracutaia — Elis se levanta. — Vamos que eu quero ir para casa e dormir ainda. Viajar e comer como uma vaca me deixam com sono.

Caminhamos até os caixas eletrônicos e Elis, a enxerida, fica em cima do Noah para não haver fraude. Fico mais de longe só observando os dois brigarem. Parecem duas crianças no meio do shopping.

— Pronto Elis — ele mostra as três notas de cem para nós duas e pega a carteira no bolso da calças.

— Certo, tira os documentos e entrega a carteira para a Su.

— O quê? — Eu e o Noah falamos ao mesmo tempo.

— Sim ou tu acha que eu vou te deixar ficar com os cartões? Não nasci ontem Noah. Vamos, três, dois, um... entregando tudo — ele revira os olhos e retira a carteira de motorista e me entrega o resto.

— Não adianta me olhar feio desse jeito, quem está inventando as regras é ela — aponto para Elis que está sorrindo triunfante.

— Elis tu é uma vaca — ele fala sério.

— E tu uma galinha. Pronto? Tudo entregue? — confirmo com a cabeça, eu que não vou me meter entre esses dois. — Certo, segunda que vem nós te entregamos. Agora vou para casa dormir. Beijos e depois nos falamos — e sai rebolando como se nada tivesse acontecido.

Noah e eu ficamos nos olhando com dois idiotas tentando entender o que aconteceu ao nosso redor. Menos de dois segundos depois, começamos a rir.

— Ela é sempre assim? — Noah passa um braço pelos meus ombros e beija a minha cabeça.

— Ela já foi pior, mas com o tempo foi melhorando — passo a minha na sua cintura e olho no relógio. Droga, tenho menos de meia hora para ir para a reunião.

— Algum problema? — ele me pergunta.

— Tenho que ir, reunião daqui a meia hora. Possível novo cliente — preciso parar de ficar babando nesse sorriso bobo dele para mim.

— Boa sorte então. Não que tu precise, vai ser mais um evento de sucesso.

— Obrigada — falo sem jeito. — Tem como ir para casa?

— Vou de táxi.

— Não esquece que tem só trezentos reais até semana que vem, desse jeito não vai conseguir — brinco.

— Suas maléficas. Estou vendo que vou ficar louco com vocês duas desse jeito.

— Vai caminhando, levo uma meia hora até a minha casa daqui, é rapidinho — olho de novo no relógio rezando que eu ainda tivesse umas três horas para ficar com ele de bobeira no shopping, mas infelizmente não dá. — Tenho que ir.

— Tchau Fofa — ele tira o braço dos meus ombros e pega na minha mão me puxando para ele.

— Tchau Noah — deixo ele se aproximar e me beija, carinhoso e sem pressa nenhuma. Sabe aqueles beijos que tem nos filmes de época onde os mocinhos, na última cena, declara todo o seu amor para a donzela e eles ficam felizes para sempre. Mais ou menos assim, ou eu acho que deve ser assim.

— Nos falamos mais tarde — ele distribuindo beijos até o meu ouvido e eu acordo do meu sonho, onde me imagino nessa cena de filme. Sorrio e nos soltamos.

Saio em direção à escada rolante para a garagem onde o fusca está e com um sorriso de quase um quilômetro estampado no rosto. Acho o carro e entro soltando um suspiro. Olho-me no retrovisor com essas bochechas de bolacha Trakinas vermelhas e espero que, para o caminho que eu estou seguindo, ainda tenha caminho de volta, caso der tudo errado.

Capítulo 16

Abro a porta do meu apartamento, atiro a bolsa e os sapatos, um para cada lado enquanto caminho para o meu banheiro. Vejo no relógio da cozinha quando passo pela porta que são quase três horas da manhã, madrugada de sábado para domingo.

Morta é o meu nome do meio, e cansada é o meu outro sobrenome. Su Morta de Cansada Morelli. Será que algum cartório está aberto a essa hora para poder me registrar? Se bem que agora eu já cheguei em casa e o que eu mais quero é descansar.

Elis acabou de me deixar em casa depois de uma comemoração de bodas de ouro. Um sucesso total. Com direito a renovações de votos e tudo. Vários convidados, e membros da minha equipe, emocionados ao extremo. Tenho que me lembrar para o próximo, de colocar alguns lenços nas mesas para poderem enxugar as lágrimas que rolavam soltas.

Elis foi uma das que chegava a soluçar, a ponto de ter que voltar para a cozinha e se recuperar. Ela colocou a culpa na TPM, mas no fundo não passa de uma romancista de mão cheia, que não admite nem sob tortura do mundo. Acredita no amor e no seu papel de superação para todas as coisas.

Eu tinha, na minha adolescência, essa fase. Sonhava que um dia encontraria um príncipe encantado que me tirasse todo o medo e o peso da alma e me faria a mulher mais feliz do mundo. Hoje, aos vinte e sete anos, vejo esse ideal de amor cada vez mais distante e utópico. Com a sociedade atual, o amor foi banalizado. O ato do casamento em si, virou uma encenação teatral para sentimentos que supostamente eram para existir ali.

Trabalho com casamentos e sei como isso funciona. As noivas ficam mais interessadas na festa do que o sentido de tudo aquilo. E o que mais vemos nos dias de hoje é relacionamentos superficiais e desintegrados por pequenos problemas cotidianos.

E é isso. Três horas da manhã e eu filosofando sobre amor e casamento. O cansaço em si é tão grande que eu já estou quase variando.

Preciso de um banho. Nem tanto para ficar limpa e sim para relaxar. Deixar a água quente cair nos músculos tensos para acalmar alguns, e para outros voltarem ao lugar certo. Chego ao meu quarto sem nenhuma luz e abro a porta do guarda-roupa, um trovão, acompanhado por um relâmpago, que ilumina parcialmente o ambiente, me mostra onde está a toalha.

Atiro as roupas em cima da cama e vou só de calcinha e sutiã para o banheiro. Quer coisa melhor do que morar sozinha? Poder andar do jeito que quer e como bem entender? Quando saí da casa do meu tio, Elis sugeriu morarmos juntas e dividir as contas. Eu quase aceitei. Quase. Pensei muito, mas no fim do balanço final, esse preço de liberdade falou mais alto. Fiquei em um apartamento bem pobre, mas podia fazer o que eu quisesse.

Tiro o resto da roupa e deixo atirada ali mesmo. Amanhã cuido disso. Ligo o chuveiro no quente, espero chegar à temperatura ideal e entro. Solto um gemido de prazer e felicidade por estar em casa e pronta para dormir. Se a vida é feita de pequenos prazeres, esse é um dos meus.

Termino o banho e vejo que começou a cair uma chuva em exponencial lá fora. Dormir com barulho de chuva, prazer dobrado!

Coloco meu pijama rosa de bolinhas roxas, sem sutiã, já passo o dia todo com os peitos presos neles, pelo menos a noite os coitado merecem serem livres, e me deito, meu corpo chega a bater palmas ao entrar em contato com a espuma macia do colchão. Gato já está dormindo na parte que sobra da cama, outro dos meus delírios de consumo, uma gigante, para que eu possa me esparramar sem perigo de cair em nenhum dos lados.

Agora que venha o sono...

Que nada! Sabe quando tu fica tão cansada, mas ainda está elétrica? Pois é. Estou podre, arrebatada ou como dizem, morta com farofa, e não consigo dormir! Detesto isso. O Gato chega a roncar aos meus pés e eu aqui, invejando ele. Desisto, vou recorrer ao truque velho e barato do leite quente.

Levanto, descalça mesmo, e vou até a cozinha. Pego uma caneca de listras roxas e rosas e coloco leite e dois minutos programados no micro-ondas. Olho pela janela da cozinha o tempestade que cai. Muita chuva. Só espero que não de enchente ou destruição. Abro a geladeira e vejo-a cheia, fui às compras hoje de manhã e fiz a festa de coisas saudáveis, iogurte natural, frutas, pão integral, queijo branco, mas o que eu mais queria agora era um pacote de bolacha recheada e de preferência Bono.

Escuto o barulho do micro-ondas e pego a caneca. Exatamente no ponto que eu gosto. Começo a tomar e espero que com isso, o meu sono venha. Quando estou na metade da caneca minha campainha toca e eu dou um pulo na cadeira de susto. Será que aconteceu alguma coisa com a Elis? A única que entra no meu prédio sem o porteiro me avisar.

Corro para a porta pensando no pior. Acidente com a chuva, alguma coisa estragou no carro e ela está sem o número do seguro, de novo, assalto e roubaram o carro... Abro a porta.

— Noah?

O que ele está fazendo aqui às três e meia da manhã no meio de uma tempestade. Ele nem me responde. Entra direto, todo molhado da chuva deixando poças por onde passa.

— Está tudo bem? — pergunto nem me lembrando do meu estado atual, de pijama e sem sutiã. Vejo que ele está tremendo. — Está com frio? — ele me olha com aqueles olhos azuis gigante e acena que sim.

Pego ele pela mão e o puxo para o banheiro. Coitado está sem ação. Sento ele no vaso sanitário e abro o chuveiro no quente.

— Acabou a gasolina do carro — murmura batendo os dentes.

— Onde? — pergunto e começo a tirar a camiseta molhada dele.

— Não sei — ele fala baixinho e começando a ficar meio roxo —, estava vindo caminhando e começou a chover. Entrei aqui porque era mais perto do que a minha casa.

— Levanta — tiro a camiseta dele e nem tenho tempo de cobiçar aquilo tudo. Noah levanta e tira os sapatos. — Porque não foi num posto pegar mais?

— Porque eu gastei todo o dinheiro — emburrado ele abre as calças e fica só de cueca

branca, no meu banheiro. Oh deuses. Mantenho-me olhando para o seu rosto para não ver nada a mais da sua anatomia.

— Banho — empurro ele contra o box aberto para o chuveiro que já deve estar mais quente que o necessário, pois está um calor desgraçado aqui dentro, ou sou eu prendendo fogo?

— Eu juro que quando eu ver a Elis, eu vou matar vocês duas — ele fala e eu fecho a porta do box e começo a rir.

— A vida é assim Clichezinho, quem nunca ficou sem gasolina ou tomou um banho de chuva que atire a primeira pedra — junto as roupas deles e vejo a minha calcinha e sutiã atirados em um canto. Espero que ele não tenha visto isso!

— Eu nunca tinha feito nenhum dos dois — ele grita e eu começo a rir.

— Sempre tem a primeira vez. Vou lá colocar as tuas roupas para secar e te trazer uma roupa seca e toalha.

— Calma aí — ele fala e eu paro na porta do banheiro. — Já leva a cueca junto, porque eu não vou usar ela molhada mesmo — ele abre a porta do box, não toda, para o meu alívio, ou desespero, e me entrega. Branca, cós preto e da Dolce & Gabanna.

Pego, completamente sem jeito, e saio correndo para a área onde ficam as máquinas de lavar e secar roupa.

Ai meu Deus! Coloco as roupas dentro da máquina de lavar e me escoro na de secar. Quando nos meus vinte e tantos anos de vida imaginei que teria um homem, como o Noah, nu no meu banheiro? Nunca! Não nessa vida. Ah se eu tivesse um pouco da loucura da Elis e me atirasse lá dentro para um banho junto?

Acorda Su. Nunca que isso ia acontecer, Noah deus grego da mitologia e tu mais para medusa, não acontece na vida real, só em filmes e livros. E olhe lá!

Só sei que ele está lá dentro. Do meu banheiro. Pelado. Sem roupa. Com água caindo sobre o corpo. Se ensaboando. E eu aqui. De pijama rosa com bolinha roxa, sem sutiã e com os cabelos mais emaranhados do que ninho de pássaro. Deixo a máquina trabalhando e corro para o meu quarto. Ligo as luzes e abro as gavetas dos sutiãs e pego o primeiro que encontro, tiro o pijama de qualquer jeito e coloco o segura peitos "faz-milagres". Penteio os cabelos e levo uma toalha, lilás, e deixo em cima da pia e saio correndo quando eu vejo que ele desligou o chuveiro. Tá parecendo que estamos brincando de gato e rato. Ele o gato, literalmente, e eu o rato me arriscando a ver um gato escaldado.

Roupas. Aonde eu vou achar alguma coisa que sirva nele? Ai meu Deus!

Respira Su, respira. Vamos lá, como diz o ditado, respira, inspira e não pira. É só o Noah, sem roupa, na tua casa e nesse exato momento entrando no meu quarto só com a toalha lilás enrolada na cintura.

— Tudo bem? — ele me pergunta, de certo devo estar com uma cara de louca assustada. Mais que o normal.

— Sim, sim.... ãn... passou o frio? — pergunto olhando para o corpo dele, Puta que pariu, que corpo. Braços fortes, ok, peitoral definido, ok, tanquinho super ok e o V!? Meu Deus! Agora eu

entendo quando a Elis diz que essa é na melhor letra do alfabeto no mundo inteiro.

— Passou, mas se tu continuar a olhar para mim como um leão com fome e eu sendo o último pedaço de carne do deserto, ele vai voltar — opa, indiscrição total de minha parte. Limpo a minha cabeça dessa imagem do Noah só de toalha e viro para o guarda-roupa. A minha sorte é que tenho algumas roupas antigas, de quando eu tinha meus centos e tantos quilos para me lembrar do jeito que eu era e ver o quanto eu venci nesse assunto.

— Não estava olhando assim não — tento sair e disfarçar o vermelho que sobe para as minhas bochechas.

— Estava sim — ele vem e me abraça por trás, passa os braços pela minha cintura e se aproxima do meu pescoço, beija e fala, deixando um arrepio correr por todo o meu corpo. — E se continuar, quem vai virar um leão sou eu, e tu o pedaço de carne que eu vou cobiçar.

Uooooooooaaw! O que foi isso? Meu Deus, isso é um perigo ambulante, se eu não me cuidar vou acabar destruída. Droga, como eu me lembro de falar, pensar com ele agindo assim? Esfregando a barba no meu pescoço e suas mãos subindo na minha cintura em direção aos meus peitos? Epa zona proibida aí meu amigo. Me desvencilho dele e saio pelo lado. Ele ri maliciosamente, e vira para mim.

— Das duas uma, ou tu me veste ou eu deixo essa toalha cair e te levo para a cama e depois que isso acontecer eu não me responsabilizo por nada. Nem pelo teu pijama rosa de bolinhas, e nem pela tua cama — medo.

Pego uma das calças de Yoga, gigantes, que eu vejo dentro do guarda-roupa atiro nele.

— Não tenho cueca, mas se quiser tenho umas calcinhas estilo shortinho, rosa, que vai ficar lindo em ti — afasto-me para a porta. Noah me olha de um jeito estranho e balança a cabeça.

— Fofa, se eu consegui colocar a calça já vai ser uma vitória, cueca não vai passar nem a força — não entendo o que ele quis dizer com isso, mas nem perco o meu tempo tentando interpretar. Minha cabeça está a mil!

— Tua roupa deve estar limpa — olho para a porta e aponto para o corredor. — Vou lá colocar na de secar. Eu... — Ele coloca as mãos na toalha, faz um sorriso safado e eu saio correndo esquecendo completamente o que eu ia falar.

Chego à área de serviço onde estão as máquinas e abro a de lavar. Ok Su, sem pensamentos impuros. Respirações controladas e contínuas. É só o Noah, aquele chato que está na tua cola já a um tempinho. Nada demais.

Pego as roupas e coloco na máquina de secar. Programo e vou para cozinha, fazer um chá de morango para me acalmar. Coloco a água para esquentar e o Noah chega. Olho para ele e começo a rir.

— Pena que a minha câmara não está aqui — as calças ficaram pelas canelas, legítima calça pega-pinto e detalhe a ser bem frisado aqui, sem camiseta.

— Rá rá rá — ele ri irônico. — Se tivesse outra opção, nem usaria nada.

— Engraçadinho — Noah ri e puxa uma cadeira e se senta. — Agora me conta essa história desde o início — pego mais uma caneca e coloco na frente dele.

— Chá de morango? — aceno que sim. — Certo, primeiramente, não sei como tu conseguia sobreviver um mês com trezentos reais. Parabéns Fofa, sempre soube que era uma guerreira, e agora eu tenho mais certeza disso.

— Obrigada — falo sem jeito. — Mas já gastou tudo?

— Sim. Além de tudo, essa foi a semana que o JB resolveu comer as coisas dentro de casa. Comeu o cabo do meu celular e uma parte do meu sofá.

— Coitadinho!

— Coitado de mim, não tem pena de mim não Su? — ele faz uma carinha de cachorro sem dono.

— É... um pouco só — ele ri e continua.

— Naquele mesmo dia resolvi encomendar comida à noite. Já foram quase 50,00. No outro tive que comprar o cabo do celular, mais setenta e nove reais.

— Ouuuuuuuuuuu! — Parem o mundo. — setenta e nove reais por um cabo USB?

— Sim, tinha mais caros, mas peguei esse. Voltando as contas... — levanto e começo a pegar as coisas para o chá. — Até aqui já foram quase cento e vinte, sobrando cento e oitenta.

— Sim — concordo e me sento de novo entregando a caneca pronta para ele.

— Quinta a ração do JB acabou e eu tive que levá-lo no veterinário. Foi-se oitenta e eu fico com cem no bolso — ele passa as mãos no cabelo e me olha. — E ainda, como eu quase não faço comida em casa, quase não tenho nada sobrando. Com esses cem eu ainda tive que comprar o que comer, que, aliás, acabou hoje! Não sabia que ir ao mercado era tão caro assim — ele franze a testa, leva a caneca aos lábios, e me olha sério. — Vou ficar aqui amanhã para comer, já avisando.

— Levou a risca o desafio então? — pego um pacote de bolacha integral e coloco na frente dele que ataca como se não visse comida há três dias. Credo.

— Sim, eu disse que ia levar.

— E como acabou sem gasolina no meio da cidade?

— Minha agente marcou uma reunião com uns anunciantes, e não tinha dinheiro para o táxi. Detesto dirigir nessa cidade, o povo é tudo louco no trânsito. Devia fazer uns quinze dias que eu não pegava o meu carro, nem vi o medidor de gasolina. Na volta ele começou a falhar, estacionei e percebi que tinha terminado a gasolina.

— Pelo menos ele não parou no meio da rua.

— Sim. Comecei a vir caminhando e os relâmpagos iniciaram, apressei o passo, mas com sapatos sociais não é confortável para uma corrida noturna — ele ri. — Dois minutos depois a chuva estourou e eu não podia fazer nada, a não ser continuar até chegar em casa.

— Mas tu parou aqui — questiono um pouco curiosa. Pelo que ele me disse a sua casa não fica tão distante assim.

— Sim, era mais perto do que a minha e eu sabia que tu não ia me negar um banho quente e uma cama hoje à noite — ele pisca.

— E se eu negar? — desafio.

— O sofá me serve também, mas a tua cama é bem grandinha e cabemos nós dois nela.

— Já está ocupada pelo Gato — dou de ombros. — E ele é bem territorial.

— Ahhh Fofa, não faz assim comigo — ele dramatiza me fazendo rir. — O Gato pode dormir em outro lugar hoje, não?

— Acho que hoje o Gato pode dormir na sala então.

Ele abre um sorriso como uma criança que acabou de receber o presente de natal. Safado. Deixamos ali os nossos chás, meio acabado, e vamos até o meu quarto.

— Lado esquerdo é meu — aviso puxando o edredom e me deitando.

— Combinado, durmo do direito mesmo — Noah se afunda ao meu lado. Literalmente afunda.

A única pessoa que eu já dividi, e ainda divido, às vezes, é a Elis. E digamos que não é uma experiência muito agradável. Ela se transforma em um polvo, quatro braços e quatro pernas, se vira a noite toda. Quando não começa a falar. Falar não, ela discursa, encena, ri, chora e o diabo a quatro.

— Já dormiu? — Noah me pergunta.

— Não, por quê?

— Nada não... — ele fica em silêncio e eu fecho os olhos e espero o sono vir. — Só acho que eu mereço um beijo de boa noite. — Reviro os olhos e viro para ele, que nem tempo tenho de respirar, pois ele gruda e sobe em cima de mim.

.

Calor. Muito calor! Acordo no susto. Estou morrendo de calor e aprisionada na minha própria cama. Mas que...?

Abro os olhos tentando enxergar com a pouca luminosidade que entra pela janela do meu quarto. Um braço na minha cintura e uma perna, gigante, em cima de mim. Noah.

Ele se engalfinhou em mim durante a noite. Como saio daqui agora? Se não levantar e rápido, vou mijar perna abaixo. Pego o seu braço e tiro para o lado, empurro a perna e ele se mexe. Tranco a respiração para não fazer barulho e ele vira volta a dormir.

Corro até o banheiro e me alívio. Acho que está para nascer uma sensação tão boa como esvaziar a bexiga cheia, solto até um suspiro de alívio. Lavo o rosto com água gelada, para acordar bem, e escovo os dentes. Penteio os cabelos e o prendo com uma piranha de cor extravagante, a da vez é rosa choque fluorescente.

Vou até a cozinha para ver da janela como está o tempo. O sol brilha sem nenhuma nuvem para acompanhar. Olho para a rua e tudo molhado, única evidência que choveu a noite passada. O relógio marcar um pouco mais das 10 da manhã, e eu estou com fome.

Pego o leite e coloco no fogão. Eu sei que poderia esquentar ele no micro-ondas, mas não é a mesma coisa. Uso ele só em ocasiões de pressa e extrema preguiça, como ontem à noite, senão esquento no fogão mesmo. Sei lá, pode ser paranoia minha, mas que não fica o mesmo

gosto, não fica.

Ligo a minha caixinha de som, aquelas que os funkeiros escutam a todo o volume nos ônibus. O som enche a cozinha com a música Por que Não Eu? o Leoni cantando com o Herbert Vianna.

Quando ela cai no sofá
So far away
Vinho à beça na cabeça
Eu que sei..

Quando ela insiste em beijar
Seu travesseiro
Eu me viro do avesso
Eu vou dizer aquelas coisas
Mas na hora esqueço...
(Porque Não Eu – leoni, Herbert Vianna e Paula Toller)

Abro a geladeira pegando algumas coisas e solto a voz, não me importando que esteja desafinada ou fora de compasso.

Viro e dou de cara com o Noah encostado na porta com os braços cruzados me olhando e sorrindo. A música recomeça e ele começa a cantar e a caminhar em minha direção.

— Bom dia — ele me prensa na bancada e me beija de leve nos lábios.

— Dormiu bem? — pergunto sorrindo para ele que se afasta em direção a mesa.

— Poderia ter dormido melhor — ele se senta e sorri maliciosamente para mim. — Mas dormi sim.

Safado! Depois de simplesmente subir em cima de mim ontem à noite, quase me ganhou com beijos e carícias. Tive que esquivar na última hora para conseguir me livrar dele antes que as roupas começassem a sair de cena.

— Com fome? — mudo de assunto.

— Muita, quer ajuda?

— Acho que não, se quiser mais alguma coisa que pão integral e café com leite, fique à vontade para abrir a geladeira e pegar.

— Certo, entendido — ele levanta e vai para a geladeira, sem cerimônia nenhuma.

Fico só observando ele, com as calças, pega-pinto, pés descalços e sem camiseta. Analisando o que tem ali para comer. Pego o meu leite quente e sento à mesa.

— Procurando alguma coisa em especial?

— Tem ovo?

— Ovo?

— É, vou fazer um café da manhã decente, melhor que leite com pão integral. Ovos mexidos e café puro é bem melhor que isso — reviro os olhos.

— Não é não. E tem ovo ali em cima. — Aponto para a bancada onde eles ficam.

— Certo. Agora senta e relaxa que eu vou fazer isso.

E é isso que eu faço. Fico observando o Noah se movimentando na minha cozinha. Muito atrapalhado com as minhas coisas tentando cozinhar. Ele se emociona e deixa um ovo cair no chão fazendo uma bagunça desgraçada, e eu continuo sentada, só observando. Depois de se queimar no fogão e colocar mais água no café que o necessário, fica pronto tudo pronto e ele se senta para me acompanhar no café.

Comemos brincando um com o outro. Ele me dando garfada dos seus ovos mexidos e eu mordidas no meu pão integral com queijo branco para ele. Acho que fazia tempo que eu não me divertia tanto com uma pessoa como o Noah, deixando claro que com a Elis não vale, ela já nem conta mais, é minha sombra, amiga-irmã. Termino de comer o meu café e olho para a pia. Lotada de louça suja, detesto lavar louça, mas depois de tudo o que já aconteceu hoje de manhã fico com vontade de lavar tudo.

— Agora vamos limpar a bagunça não é? — falo para o Noah que termina de tomar o seu café.

— Como?

— Lavar a louça e essa bagunça que tu fez — levanto e pego o meu prato. — Vamos Noah, eu lavo e tu seca — ele suspira e tira a bunda da cadeira, desanimado.

— Não tem máquina de lavar louça? — jura? ai meu clichézinho...

— Não Noah, só gasta água e luz. Tem pouca coisa — minto, ele usou todas as minhas colheres para fazer o café todo — rápido terminamos isso.

Viro para a pia e começo a lavar a louça. Noah vem e me abraça por trás e apoia a cabeça no meu ombro e começa a beijar o meu pescoço.

— Noah.... — repreendo.

— O quê? — ele ri entre um beijo e outro naquela região hipersensível. — Não tô fazendo nada.

— Está me desconcentrando da tarefa aqui — empurro ele com o meu cotovelo na barriga e ele ri e se afasta.

— Sem graça Fofa, assim tira a graça de tudo — resmungo ao meu lado me fazendo rir.

— Primeiro a gente trabalha Clichézinho, depois a diversão...

Ele faz um sorriso sacana e começamos a trabalhar em conjunto. Eu lavando e ele secando e me perguntando onde guardava as coisas. Ter ele aqui comigo fazendo isso como um casal normal me faz sentir um tipo de felicidade que me aquece, não sei explicar como isso acontece. É um sentimento novo que eu nunca senti na minha vida. Sei que não pode ser apenas

amizade, mas também, não sei se pode ser classificada como outra coisa. Sempre fui só eu, para tudo. Só eu sou responsável por mim mesma. Só eu para fazer as coisas para mim. Nunca tive alguém para dividir as tarefas cotidianas, como simplesmente lavar a louça do café da manhã de domingo. Com a Elis mesmo, geralmente eu deixo tudo atirado aqui para me preocupar depois, e quando arrumamos, não sinto essas mesmas coisas.

“É ele” uma vozinha interior sussurra para mim, “só amizade” outra responde. Como se fosse naqueles desenhos infantis onde se tem o anjo e o diabo, um em cada ouvido enchendo a cabeça de minhocas.

No meu caso, são apenas duas vozes, que no fundo tem a mesma ideia de final para essa questão. A da razão me dizendo que eu não tenho que ter esperança e não devo me arriscar a ver onde isso dá, e a outra, a da liberdade dizendo para aproveitar enquanto durar. Ambas falam, ao mesmo tempo, e fazem o meu coração saltar com a dúvida.

Termino de limpar a pia e viro para o Noah, à perfeição anatômica em pessoa. Ele me olha de um jeito que faz a voz da liberdade gritar um pouco mais alto que a da razão me deixando sem força para resistir a tudo isso. Caminha em minha direção com os olhos azuis e predadores, fixos em mim. Observo ele se aproximar e colocar as costas das mãos na minha bochecha esquerda, afastar a mecha de cabelo que caiu do coque desarrumado da piranha nesse meio tempo, e colocar atrás da minha orelha e se aproximar mais.

— Agora é a hora da diversão... — e começa o ataque ao meu pescoço em direção a minha boca.

Deixo a voz da liberdade falar mais alto dessa vez. Passo os meus braços ao redor da cintura nua do Noah e me entrego aos sentimentos e sensações novas que eu só sinto, e já senti, somente com ele.

Capítulo 17

Noah geme quando me levanta e me senta na bancada. Suas mãos estão em todas as partes do meu corpo. Nem sei como ele consegue fazer isso, tendo em vista as minhas dimensões. Agarro em seus cabelos sentindo a maciez e puxo com um pouco mais de força fazendo-o quebrar o nosso beijo e me olhar profundamente nos olhos.

Azuis, altamente perigosos e eu aqui completamente sem ação. Noah coloca as mãos na barra da camiseta do pijama e com um levantar de sobrancelhas me faz um pedido silencioso. Tiro as minhas mãos dele e levanto os braços ajudando ele para que a retire. Vejo ele atirando por cima do ombro e a parte de cima do meu corpo, só protegido com o sutiã, se revela. Uma onda de vergonha e vontade de passar os braços sobre o corpo para me esconder me atinge de uma maneira que ele até percebe.

— Nem inventa de fazer isso — ele pega as minhas mãos, beija ambas e coloca na sua cintura.

Voltamos a nos beijar e por onde suas mãos passa deixam um rastro de calor e arrepios. Minha cabeça cai para trás e ele aproveita para ir ao meu pescoço e deixar um estrago por lá. Minha perdição está com caminho certo, para o esquecimento de tudo o que me envolve.

O clima fica cada vez mais quente, já estamos aqui há um tempo, tanto, que eu já perdi a noção da minha posição no Universo. Noah começa a ficar mais abusado do que o costume, avançando sobre as minhas coxas em direção uma zona extremamente proibida. Gemo de novo na sua boca no meio do beijo. Ele toma isso como uma coisa positiva e avança.

E eu estou a ponto de deixar isso acontecer, na minha cozinha, de manhã, em pleno domingo e com o Noah usando a minha calça de yoga de quando eu era gigante que nele ficam curtas.

Tão perto, tão bom, tão quente, tão... Tão... Tão... Miado?

Mas que...?

Abro os olhos, quebro o nosso beijo, empurro o Noah um pouco pelos ombros só para que dê para olhar a porta da cozinha. E o que eu vejo? O Gato. Miando pedindo comida como se não visse comida há três dias. Noah descansa a cabeça no meu pescoço com uma respiração superficial e ofegante.

— Sério que isso está acontecendo? — pergunta, abraço ele, dou um beijo no seu cabelo e passo a mão por ali.

— Parece que sim — digo e ele distribui beijos no meu ombro nu.

— Maldito Gato — ele me abraça mais forte. O Gato olha para mim e mia como quem dissesse “larga ele e me dá comida de uma vez antes que eu morra?”.

— Acho que ele está com ciúmes. Me solta que eu tenho que resolver isso — rio e Noah se afasta de mim, passando as mãos nos cabelos.

Desço da bancada da cozinha e procuro a parte de cima do meu pijama roxa de bolina rosa. Coloco meio constrangida e saio para dar comida a um Gato esfomeado. Pego o saco de

ração da bola de pelo e me abaixo para colocar para ele que senta e espera.

— Qual é a tua hein? — falo baixinho para o esfomeado que chega a comer antes que a comida chegue ao fundo do seu pote. — Porque resolveu miar como se o mundo fosse acabar exatamente agora?

Termino de colocar a ração e ele continua a comer como um condenado. Faço um carinho na cabeça gorda dele e saio para a cozinha onde o Noah está me esperando. Sentado com a cabeça abaixada e com as mãos no cabelo, o deixando mais arrepiado e bagunçado.

— Algum problema? — abro a geladeira, nem sei para que, talvez para esfriar o clima que ficou aqui.

— Não — Noah olha para mim e sorri. — Só quero esgoelar o Gato. Posso?

— Não — advirto e pego uma maçã. — Quer uma?

— Obrigado, mas acho que eu tenho que ir buscar o meu carro. — Ele levanta e eu viro, para que ele não perceba o baque por ele não querer continuar da onde paramos. Óbvio Su. Claro que ele ia fazer isso, bem feito, gorda iludida. Respira e dá a volta por cima. Nada de se rebaixar ou mostrar algum sinal de quem se abalou por isso.

— Sem problemas, tenho algum trabalho para fazer — mentira, não tenho nada, mas falo para ele ver que isso não me afetou em nada. E, aliás, ele que se rale.

— Não rola uma carona até o meu carro? Vá que comece a chover de novo, se eu pegar uma pneumonia, tu e a Elis vão ter que cuidar de mim — viro para ele que venha em minha direção. Cruzo um braço sobre os peitos e na outra mão está a maçã.

— Não vai chover... — olho para janela e o sol brilha forte e sem nenhum resquício de nuvens no céu.

— Hoje em dia eu não acredito no tempo, a cada minuto pode mudar completamente, Fofa — ele invade o meu espaço pessoal não ligando para os meus braços cruzados, viro o rosto para morder a minha maçã, e ele me beija na bochecha.

— Não sei Noah. Acho que tu pode ir andando. Faz bem um exercício às vezes — coloco a maçã meio comida em cima do balcão e saio do lado dele. Caminho até as máquinas e abro a máquina de secar, ele chega, cruza os braços e começa a falar.

— Algum problema? — maldito.

— Nenhum, por quê? — tiro as roupas secas e emboladas e entrego para ele.

— Talvez pelo fato que a menos de cinco minutos tu estava toda derretida nos meus braços e agora está assim? — olho para ele com uma como sem perguntasse “tá doido meu filho”, ganharia um Oscar pela atuação hoje.

— Não aconteceu nada Clichezinho — passo por ele passando minha mão na sua bochecha com barba.

— Então me leva até lá? Até porque eu não tenho dinheiro para comprar gasolina — caminho no corredor até o meu quarto com ele atrás de mim.

— Vai arregar agora? Faltando pouco mais de vinte e quatro horas para conseguir

ganhar a aposta?! — viro para ele e sorrio ironicamente levantando uma sobrancelha.

— Não... — ele dá um passo em minha direção e eu empino o nariz para olhar nos seus olhos. — É só um empréstimo. Me leva no posto, compramos gasolina, enchemos o tanque e eu vou para minha casa e tu para tua — ele sorri lentamente. — Jogo rápido.

— Não sei não Noah. Acho que está bem grandinho para resolver os teus problemas, te empresto o dinheiro e tu coloca gasolina e vai para casa.

— Vamos lá Fofa — cara chato, reviro os olhos —, rapidinho, prometo, palavra de escoteiro!

— Tu já foi escoteiro? — imagino a cena, um Noah novinho, de olhos azuis, de farda de escoteiro. Aposto que fazia muitas escoteiras nos acampamentos suspirarem.

— Não, mas a promessa ainda é válida — começo a rir e fecho os olhos, ele me abraça e... droga!

Não sei o que eu faço, ele me confunde. Se tem uma coisa que eu detesto é estar nessa situação. Para mim tem que ser no oito ou oitenta, mas desde que o Noah chegou à minha vida e me faz essas coisas aflorarem, já descobri que às vezes um meio termo pode ser a razão de uma dor de cabeça constante.

Maldito Noah, só ele para me fazer mudar de ideia como uma idiota assim. Nunca fiz isso. Nunca mudei de ideia por uma coisa assim. Seja ela bobagem ou coisa séria. Vinte e sete anos e eu me sinto como uma adolescente, toda confusa e sem saber o que quer. Só que, quando eu estava nessa fase, não tive isso. Estava mais preocupada em ser invisível aos olhos da Regina e me esforçar ao máximo para aprender a tocar tudo o que produzia música a minha volta.

E agora estou eu aqui dirigindo o Fusca com um Noah vestido, de novo, com as suas roupas e pés descalços, porque os sapatos dele não secaram e eu acho que vão direto para o lixo quando ele chegar em casa. Estou a mais básica possível, jeans, meus all star preferidos azuis e uma camisa preta de botões para mostrar o meu humor. Puro Rock'n Roll.

Estaciono no posto de gasolina e olho para o Noah. Ele olha para mim e sorri alegremente.

— Vai lá comprar ou vou ter que fazer isso também?

— Tô sem dinheiro lembra? — Ele se atira no banco e sorri mais ainda. Tiro o cinto de segurança, irritada e saio do carro bufando.

Abro o porta-mala do fusca e tiro um galão de cinco litros que eu sempre tenho a disposição. Sim, eu já fiquei sem gasolina não uma, mas várias vezes no meio da cidade. Digamos que eu me esqueço de olhar a luz do tanque e já fiquei umas duas ou três vezes no meio da rua.

Falo com o funcionário do posto e peço para ele encher o galão e pago a gasolina. Maldito Noah, nem para isso serve. Recebo uma cantada barata do frentista e saio de lá, arrancando rápido.

Encontramos o carro dele e eu estaciono atrás. Descemos e eu nem me lembrava de que ele estava de pés descalços, por isso que ele não quis descer no posto. Hilário o ver caminhando

na rua sem sapato. Minha frustração até passou depois dessa.

— Para de rir de mim? — ele me fala.

— Não consigo. Além de cheiro de flores, do meu amaciante, agora sem sapato. Vai dizer que não é hilário?

— Não, não é — ele me prensa no carro dele e me beija.

— Cuidado, senão eu vou derramar gasolina em ti — me beija mais forte ainda, no meio da rua. Cena linda de se ver, eu com o galão de gasolina, ele descalço, nos beijando no meio da cidade, sendo encoxada em um carro importado de luxo. Se a polícia passar nesse momento, vamos ser revistados com certeza.

— Pelo menos vou cheirar como homem e não um mar de rosas.

— Olha que a Elis já foi atraída por cheiro de gasolina — o beijo e ele sorri.

— E tu, rosas ou gasolina?

— Com certeza rosas — o empurro. — Vamos Noah.

Ele abre o compartimento da gasolina e derramo o galão lá dentro. Fácil e rápido.

— Pronto Clichezinho, já pode ir para casa agora! — Falo cheirando as mãos e o cheiro de gasolina me deixa meio bêbada. Uoooou!

— Tudo bem? — ele vê a minha cara de nojo.

— Cheiro forte de gasolina, nada que um banho não resolva. Bom, vou para casa e tu para a tua — ênfase.

— Nenhuma esticadinha até a minha? — ele se escora no seu carro e roda as chaves entre os dedos.

— Não. Disse que ia para casa. E tu deu a tua palavra de escoteiro — Falo destrancando o carro.

— Também disse que nunca fui escoteiro — ele abre a porta do seu carro, da meia volta e vem para continuar a me atazanar as ideias. — Só para conhecer, já conheço a tua e tu nem sabe onde eu moro — ponto para ele. — E o JB deve estar com saudades.

— Noah... não sei, eu...

— Qual é Su, meia hora, rápido. Vamos? Eu vou na frente e tu me segue de carro.

Hesito. Olha a adolescente aparecendo de novo? Sério, isso já está me irritando.

— Tá pensando demais Fofa. Chego até ver as engrenagens virando aqui dentro — ele bate na minha cabeça com o dedo.

— Tu tem um alto poder de persuasão, sabia? — entro no carro e ligo o motor. Arranco o carro, paro ao lado dele e abro o vidro. — Meia hora Noah, meia hora — ele sorri triunfante e entra no carro. Deixo ele me ultrapassar e começo a seguir ele pensando em tudo que aconteceu desde aquele momento com as minhas vozes enquanto eu lavava a louça.

A voz da razão ainda é impertinente e fala repetidamente, “sai antes que tu te machuque” e a da liberdade “vamos, mais uma vez, vai fundo, depois resolvemos isso”. E eu

aqui escutando uma de cada vez e rezando por uma solução para esse dilema.

Meu Deus, não me reconheço nesse exato momento! Cadê a Su, pronta para o que der e vier? Cadê a Su que comanda tudo e todos ao redor? Cadê a Su que tem que ter tudo sobre controle senão surta?

Ela está aqui. Dentro de mim. Descansando da exaustão de ter tudo conforme as regras. Com uma plaquinha “férias” pendurada na sua frente, para quem vier acordá-la, ler o recado e dar meia volta.

Piração minha?

Total.

Acho que a Elis tem razão, tenho que parar de agir como garfo e começar a cair de colher no Noah que está dando sopa na minha frente. Mas e se...

Se nada Su! Relaxa e goza, diria a Vaca se eu estivesse com ela nesse momento. E eu acho que é isso que eu estou indo fazer agora. Vou aproveitar e viver um pouco. Sair do casulo que é a minha vida e dar uma de borboleta e voar por aí um pouco. Não devo explicação a ninguém, pago as minhas contas e lavo as minhas calcinhas. Se alguém merece aproveitar a vida agora, esse alguém sou eu.

Se nada der certo? O mínimo que vai acontecer é eu perder a amizade dele. Mas bola para frente que atrás vem gente. E o máximo? Eu pegar outro gato, aí ficarão faltando só trinta e oito...

Dou sinal para entrar em uma garagem onde o Noah está falando com o porteiro para autorizar a minha entrada. Sigo ele até uma vaga e estaciono. Noah me espera e abre a porta do carro para mim.

Saio e entramos no elevador, todo espelhado e gigante. Bem diferente do meu que nem espelho tem. Olho para os nossos reflexos. Noah uns bons trinta centímetros mais alto, e eu... bom, quanto a mim nem vale a pena comentar, vamos voltar a ele... Seus cabelos não receberam um pente ou escova desde ontem pelo jeito. O cavanhaque já está um pouco grande demais, e o resto da barba já está começando a cobrir o rosto. Charmoso.

Subimos até o décimo quinto andar. O elevador abre e um corredor branco, impecável, aparece na nossa frente. Se um fio de cabelo cai tenho medo que um alarme soe e um mutirão de limpeza, tipo aquele do Monstros S.A. apareça e desinfete tudo.

Caminhamos até o 1505 e o Noah abre a porta.

— Cuidado, o J... — ele nem termina de falar e o Jelly Beans aparece pulando como um doido em minha direção.

— JB! — Entro e me atiro de joelhos no chão para poder brincar com ele, que está alucinado.

— Cuidado que ele se mija todo.

— Coitadinho, não vai fazer xixi na tia Su, não é? — JB deita de barriga para cima e eu faço um carinho, ele levanta e sai correndo até o Noah pulando nele.

— Chato! Tava deitado no sofá de novo não é? — Noah pega ele no colo e eu me levanto para ver a casa dele.

Pelo prédio em si já dá para ver o nível dos apartamentos aqui, só a sala é quase do tamanho do meu. Uma televisão gigante dessas modernas em uma estante com uma caixa de som, que eu acredito ser do Blu-ray. Paredes todas brancas, uma janela de vidro gigante com uma vista linda da cidade. Um sofá, enorme, e mais duas poltronas, que parecem super confortáveis, além de um tapete branco, em frente à lareira.

— Pronto, conheci a tua casa, posso ir embora? — pergunto para ele que leva o JB até o sofá e o deixa lá. Pelo visto não é só o Gato que tem privilégios dentro de casa.

— Não passou nem dez minutos e tu já quer ir embora Fofa? Sou uma companhia tão chata assim?

Chato, um pouco. Mas o que mais me deixa sem ação é que eu sei que se ele vir em minha direção, eu não vou conseguir aguentar tanta tentação assim.

Olho para ele de cima a baixo, lembrando do nosso tempo na cozinha hoje de manhã.

— Tu está me olhando de novo daquele jeito. Como se eu fosse o último pedaço de carne do mundo — sim, eu devo estar com uma cara de carnívora louca, mas não ligo.

— E se eu estiver? — provoco. Ele me olha e sorri, maliciosamente.

— Vem — ele me estende a mão. — Vamos conhecer o resto da casa, e com uma parada especial no meu quarto.

Pego sua mão e caminhamos em direção ao seu quarto. E sim, eu estou completamente perdida, e não, eu não vou resistir. Que eu saia do casulo e vire borboleta. Nem que seja por essa única vez.

.

Por Noah

“Noah, eu espero que no dia que tu gostar de alguém realmente, te dê o maior trabalho do mundo para conquistá-la!”

Parece que eu estou com os meus dezoito anos de volta escutando a minha mãe falar isso para mim, mais uma vez, depois que ela manda outra garota embora chorando para casa.

E não é que dezesseis anos depois essa praga está se realizando? Estou eu caminhando em direção à casa da Su, com o JB puxando a coleira a ponto de quase se enforçar, porque ela simplesmente sumiu da minha casa enquanto eu dormia.

Sim nós transamos. Sim foi ótimo. Sim, eu dormi depois. E óbvio. Ela sumiu.

Acordei com o JB em cima da minha cama me lambendo. Aliás, hoje foi o dia de acordar com animais no meu rosto. De manhã foi o Gato passeando por mim e colocando o rabo dele na minha cara. Dei um pulo de susto e não me lembrando de onde estava.

Até que as memórias começaram a ganhar forma. Jantar com a Rebecca, carro sem gasolina, chuva, frio, casa da Su, ela me arrastando pelo seu apartamento para um banho quente, eu

entrando lá e vendo sua calcinha e sutiã atirado no canto do banheiro, nessa parte o frio passou e eu olhei para ela. Pijama rosa de bolinhas roxas, cabelos levemente desgrehados e linda. Queria arrastar ela para o banho junto comigo.

Provoquei entregando a minha cueca para ela que ficou abalada e correu do banheiro, reação contrária a que eu estava planejando. Mas a noite era longa e eu tinha minhas cartas na manga.

Que falharam todas.

Minha última esperança, trazê-la para minha casa. Consegui arrastar ela para o meu quarto e pronto. Noah 1 x Su já perdi as contas de tantos pontos de vantagem contra mim.

Ela é dura na queda. Me deixa louco de todos os sentidos possíveis da expressão. Nunca me senti assim na vida. A conquista nunca me foi desafio, era balela. Tanto que enjoei dessa facilidade, não do sexo, que fique claro.

Se eu estava à procura de desafios, consegui o pior de todos. Mas eu sou teimoso e quero ir até o fim.

Pego o meu telefone e mando uma mensagem para a única pessoa que pode me dar uma luz do que eu posso fazer daqui para frente.

Noah: Elis, ta aí?

Elis: Fala chato, aliás, nem precisa me falar, já sei de tudo.

Noah: Sério? E o que ela te disse?

Elis: Não sou fofoqueira não Noah. O que ela me disse eu não vou colar aqui para tu ver né.

Noah: Certo, posso contar a minha versão dos fatos?

Elis: Manda bala.

Noah: Ok. Vou resumir, levei ela para a minha casa, aconteceu o que nós queríamos e ela sumiu.

Elis: Ela teve os motivos dela.

Noah: Quais que não davam nem para esperar eu acordar e ter uma explicação?

Elis: Onde tu está?

Noah: Indo para casa dela, onde mais estaria Elis?

Elis: Sei lá. Vai saber. Posso falar o que eu penso?

Noah: Por favor, me explane seus conhecimentos antes que eu fique doido aqui.

Elis: Noah só tu para convencer a Su a fazer isso, sendo que ela nem te conhece muito. Calma, vai com calma que a ela não é como as fulanas que tu andava antigamente (sim, eu fiz uma pesquisa sobre ti no Google e achei muita coisa). Tenta lembrar que a Cruela fez uma tortura medieval na autoestima dela, ela pode parecer uma guerreira nos assuntos profissionais, mas o sentimental é um desastre. Eu mesma levei um bom tempo até conseguir fazê-la confiar em mim. Acho bom tu parar e pensar o que quer com ela, se é um caso passageiro, te aconselho a voltar para casa e deixá-la em paz, porque se eu a ver derramando uma mini lágrima que for por ti, eu juro que pego o meu cutelo da cozinha e arranco qualquer masculinidade tua.

Engulo seco. Elis sabe ameaçar como ninguém. Releio tudo o que ela me mandou e começo a pensar no que eu quero fazer daqui para a frente.

Sim, ela tem razão, a Su é muito diferente de todas que eu já andei na vida. Em todos os aspectos. Sem comparação nenhuma. Fiz muita festa na minha vida e não lembro nem da metade das mulheres que já passaram na minha cama. E vendo isso agora de onde eu estou um arrependimento bate e me faz ver como eu joguei a minha vida fora.

Um dos motivos de eu não falar com o meu pai depois da morte da minha mãe foi esse. Ele sempre foi contra eu ser modelo. Ele é um advogado renomado na cidade em que morávamos, conheceu a minha mãe em um dos eventos e se casaram pouco tempo depois, pois ela ficou grávida. Ela deixou o Brasil e foi morar com ele na Inglaterra. Viviam entre tapas e beijos, cada vez que a minha mãe saía para algum trabalho fora da região era um inferno.

Quando eu terminei os estudos, um ano antes de atingir a maior idade, fui para a faculdade de advocacia e vi que aquilo não era para mim. Detestava leis e não queria aquilo para minha vida, relaxei nos estudos e em um semestre não consegui aproveitar nenhuma matéria. Meu pai surtou quando eu sai da faculdade nas férias e disse que não ia nunca mais colocar os meus pés lá novamente. Foi aí que a agente da minha mãe apareceu e me ofereceu uma seção de fotos para uma agência que ela conhecia. Surto dois do meu pai, quando eu disse que iria começar a carreira de modelo.

Nosso relacionamento, desde sempre conturbado, terminou nesse momento. Só convivíamos por perto por causa da minha mãe. A última vez que eu falei com ele foi no velório da minha mãe, onde ele me disse que eu tinha tudo para ser o que eu quisesse na vida, mas o dinheiro e a facilidade da vida de modelo tinham me tirado isso, e no final não sobraria nada de mim como legado. Morreria como ela, com tantos amigos em vida e poucos para vir se despedir.

Foi um choque escutar isso com a minha mãe sendo velada a poucos metros de mim. Passei o resto da noite pensando sobre. No outro dia juntei as minhas coisas e vim para o Brasil. Sinto-me mais daqui do que de lá. Primeiro ela me alfabetizou em português para depois o inglês, por isso não tenho tanto sotaque assim.

Dei um tempo para tudo. Me isolei e aos poucos comecei a me sentir como um merda inútil. Entrei em contato com uma agência pequena aqui só para às vezes fazer algum trabalho e não passar os dias em casa sem fazer nada e sozinho. Nesse meio tempo, apareceu o JB e eu o peguei para me fazer companhia.

A Su chegou como um sopro de vida para mim e cada vez mais está se tornando um vendaval. Tê-la embaixo de mim, chegando ao ápice do prazer, foi à coisa mais quente que eu já vi na minha vida. Foi o fio final da corda do meu autocontrole arrebentando.

Sempre fui um bom apreciador da anatomia feminina, mas a da Su me deixou de boca aberta. Com certeza silicone está cortado da minha lista e de agora em diante vou ser um bom apreciador de curvas, de preferência as dela. Chega de peitos falsos e sacos de ossos, como tantas modelos que eu convivi até agora. Já tinha escutado de alguns colegas de profissão que não existe nada mais sexy de uma mulher que sabe comer mais do que uma folha de alface e depois ir no banheiro vomitar. E agora eu tenho a certeza disso.

Entro no seu prédio e aceno para o porteiro que já me conhece. Puxo o JB para o elevador e

aperto o botão do seu andar. Vamos lá Noah, tá na hora de mostrar que tu veio para ficar e não quer só um caso passageiro com ela.

Toco a campainha e ela me atende, de pijama de novo. Nesse fim de semana pijamas tem sido as minhas roupas favoritas, ainda mais esse, branco com detalhes amarelos e um decote leve.

— Oi — ela me fala fracamente e nem me olha nos olhos. JB já está puxando a coleira para entrar, solto e ele sai correndo. Uso a minha mão para levantar o seu queixo e fazê-la olhar para mim.

— Porque tu fugiu? — Su se afasta de mim e minha mão fica no ar, dá um passo para o lado me deixando entrar.

Entro. Passo por ela e vou em direção ao sofá onde o Gato e o JB estão em uma espécie diferente de briga e brincadeira entre eles. Olho para a Fofa com aquela cara de irritada e com as mãos na cintura.

— Tu percebeu que não usamos proteção nenhuma? — opa!

Droga, esqueci completamente. Estava tão emocionado de estar fazendo isso com ela que nem passou pela minha cabeça em colocar camisinha. Entrei no modo automático completamente quando eu vi que pela primeira vez, eu estava mais preocupado com o prazer dela do que com o meu. E isso foi a primeira vez que eu quis fazer isso por outra pessoa e não só por minha causa.

— Sempre esquece ou esse foi o acaso — ela caminha em minha direção como um onça que vai atacar alguma presa. — Responde Noah!

— Não — falo antes que ela avance no meu pescoço. — Foi relapso meu, nunca transei sem camisinha na vida.

— Até hoje? Certo, finjo que acredito nisso — Mas que porra...?

— Estou falando sério Su, se quiser tenho os últimos exames que eu fiz quando vim para cá, estão lá em casa — ela solta a respiração e se escora na parede como se estivesse aliviada.

— Menos mal — o Gato sai correndo com o JB atrás dele.

— Já respondi a tua pergunta, agora é tua vez. Porque tu fugiu? — sento no sofá agora liberado e espero a resposta. Su vem e senta ao meu lado.

— Eu não tomo anticoncepcional Noah, por isso sai, fui direto para a farmácia mais próxima e vim para casa — paro até de respirar agora. Como pude ser tão irresponsável assim? Droga! Tudo o que eu preciso agora com ela é isso.

— E agora? — pergunto querendo me bater, mas nenhum pouco arrependido de tê-la comigo.

— Tomei aquelas coisas do dia seguinte. Estamos a salvo, por hoje — alívio, volto a respirar novamente como se tivessem retirado um peso das costas.

— Por hoje é? — me aproximo dela no sofá, testando ver se eu ainda sou bem-vindo ou não.

— Sim, mas não inventa Noah. Já estou toda dolorida e amanhã quero me mexer sem gemer — não me provoca Su.

— Hey, eu gosto de te ver se mexendo e gemendo — coloco um braço sobre os seus ombros e começo a beijar o seu pescoço.

— Não Noah. Sério. Eu não consigo — continuo a beijá-la e a puxo até conseguir chegar a sua boca. Fico a beijando até que ela quebra o nosso beijo.

— Certo! Eu sei esperar um pouco — mentira, estou a ponto de pegar ela no colo e levar até aquele quarto e a fazer gritar o meu nome até todo mundo nesse prédio ouvir, mas vou seguir o conselho da Elis e ir com calma. — O que vamos fazer então?

— Não sei, eu estava tocando guitarra um pouco, até tu chegar — ela se levanta e pega a Gibson preta e vai em direção ao corredor para guardá-la.

— Pode continuar tocando, eu ia adorar ver isso — seu rosto se ilumina e ela sorri lindamente.

— Sério? Eu fico meio em outro mundo quando começo a tocar.

— Não tem problema. Eu começo a te beijar se tu ficar assim e tu volta para a realidade — um sorriso lindo se fixa no seu rosto. E agora fazê-la sorrir sempre que eu conseguir, minha nova meta de vida.

— Vamos fazer assim. Tu me pede alguma música e eu toco, pode ser? — ela se senta na ponta do sofá em uma posição estranha, meia de lótus e puxa a guitarra.

— Combinado — falo o nome da música que eu quero e ela começa a tocar, mas não canta. — Hey, pacote completo, tocar e cantar.

— Não! Nem inventa isso Noah! Detesto a minha voz — mais um desafio para eu vencer com ela.

— Sim, senão eu vou te pegar nesse sofá e não me responsabilizo por nada que nós vamos fazer — faço uma cara ameaçadora para ela que se emburra e aponta para mim.

— Tu é mal Noah, extremamente mal. Só vou cantar essa porque eu adoro, as outras eu não canto — sorrio triunfante.

Ela ajusta a afinação da guitarra e se senta direito, começa a tocar e a cantar baixinho. Escolhi essa música porque revela tudo o que eu sinto nesse momento por ela. Minha vontade é de mandar todos e tudo para aquele lugar e ficar só com ela, o resto dos meus dias. Nunca estive tão certo na minha vida de como estou com ela. Tudo faz sentido, tudo se organiza e parece perfeito.

Uma mecha do seu cabelo cai e vai para o seu rosto enquanto ela canta o refrão, me aproximo ainda mais e a coloco no lugar. Começo a fazer carinho pelo seu rosto, me aproximo do seu ouvido e canto junto com ela, a fazendo arrepiar toda.

E o tempo é só meu

Ninguém registra a cena de repente

Vira um filme todo em câmera lenta

E eu acho que eu gosto mesmo de você

Bem do jeito que você é

Eu vou equalizar você

Numa frequência que só a gente sabe

Eu te transformei nessa canção

Pra poder te gravar em mim

(Equalize - Pitty)

Ela toca o último acorde e me olha, estou a menos de cinco centímetros do seu rosto. Ela larga a guitarra e com a mão, passa pelo meu rosto me fazendo fechar os olhos para absorver o seu toque. Se aproxima e me beija castamente e eu não quero que esse momento acabe nunca.

— Noah — ela fala baixinho quase inaudível. Abro os olhos para ver os dela na minha frente.

— Eu acho que eu gosto de você, bem do jeito que você é — sorrio e dessa vez eu a beijo do mesmo jeito.

— Su... — coloco a minha mão nos seus cabelos e os solto para que eles caem em suas costas e termino o verso — Eu vou equalizar você numa frequência que só a gente sabe — a beijo novamente. — Eu te transformei nessa canção pra poder te gravar em mim.

Sua guitarra cai do seu colo fazendo um barulho desconexo com a batida das cordas. Su coloca os braços sobre os meus ombros e eu caio por cima dela, a beijando. Dessa vez, não é por luxúria e sim por um sentimento que eu nunca conheci na minha vida e eu espero que, se mudar, seja para melhor.

Capítulo 18

Acordo com o barulho do despertador tocando no meu celular. Tateio até encontrar o maldito em cima do meu criado mudo e tenho vontade de jogá-lo na parede. Sento na cama e uma dor muscular me arrebatava me fazendo gemer.

Ah sim, a atividade física intensa de ontem na casa do Noah.

Por falar nele, onde ele está? A última coisa que eu me lembro é de nós deitados, aqui na minha cama, conversando ontem à noite depois de sairmos para comer cachorro-quente de janta na praça.

Levanto. Ai droga, o dia vai ser complicado hoje com essa dor incomodando. Vou até a cozinha para ver se encontro a razão disso tudo e acho apenas um bilhete em cima da mesa.

Fofa,

Fui para casa levar o JB e tomar um banho, nos vemos mais tarde no almoço? Noah.

Ps: não quis te acordar porque tu estava linda babando no travesseiro ao meu lado e tive medo de ser trucidado por interromper o teu sono.

Hey! Eu não babo no travesseiro. Já corriji a minha respiração bucal com cirurgia de desvio de septo e adenoides hipertróficas há uns três anos atrás. Pego o meu celular e respondo a ele.

Su: Não babo no travesseiro!

Vou para o banheiro. Nada como começar o dia com um bom banho quente.

Ontem, quando cheguei da casa do Noah, percebi a loucura que eu fiz. Sim uma baita de uma loucura, mas a melhor de todas. Me permiti viver, deixei todos os medos e angústias em relação a mim e ao meu corpo irem embora. Realmente eu estou orgulhosa do meu feito. Foi muito diferente das outras experiências que eu já tinha vivido.

Duas e ambas horríveis, que me deixaram completamente arrasada com o que aconteceu depois, um bom e velho pé na bunda. Uma foi com dezoito anos, depois de uma festa e ele estava bêbado. Típica adolescente. Foi horrível, doeu, eu não aproveitei nada e o cara sumiu. A segunda foi quase, com 24, foi basicamente à mesma coisa, só que ele não estava bêbado, também doeu e também não aproveitei nada. O único diferencial foi que ele sumiu depois de me dizer que não queria mais nada comigo. Isso foi o meu fim, eu gostava dele e estávamos nos relacionando há um pouco mais de três meses.

Comparação entre os dois com o Noah? Impossível. Não chegam nem aos pés dele. Foi incrível, doeu para cacete também, mas ele foi compreensivo e fez no meu ritmo. Fora que ele soube me dar prazer de zonas que eu nem sabia que poderia.

Viva a nova Su e a experiência que ela teve nesse fim de semana.

Claro que quando eu acordei ao seu lado, com nós dois nus na cama, percebi que ele não tinha usado camisinha. Quase surtei. Fiz as contas mentalmente e eu estava correndo grandes

riscos de poder engravidar nessa brincadeira. Coloquei as minhas roupas o mais rápido possível e sai de lá correndo como uma doida para a farmácia mais perto para tomar aquelas pílulas do dia seguinte. Nem preciso dizer que morri de vergonha para comprar. Mas era um mal necessário.

Cheguei em casa e li a bula de cabo a rabo daquilo. Meu Deus! Que bomba hormonal! E os efeitos colaterais? Nunca mais pretendo tomar isso na minha vida. Um dia de loucura como esse já foi o suficiente para uma vida inteira.

Ligo para a Elis e conto tudo o que aconteceu. Ela grita como uma adolescente em crise. Pediu detalhes e me faz ficar com vergonha por telefone. Conversamos por um bom tempo, explico todos os meus medos e ela ameaça vir na minha casa me bater se eu não deixar de ser idiota e começar a curtir a vida. No final, ela me fala para não ter tanto receio com isso, que eu tenho que parar de ser tão certinha na vida e dar espaço para umas rebeldias as vezes.

Eu estou tentando, estou mesmo.

Saio do banho, me visto e vou tomar o meu café da manhã. O Gato já está de prontidão em volta do seu pote de comida me esperando. Converso um pouco com ele, sim eu sou louca mesmo e começo a me preparar para sair. Meu celular apita e eu vejo o que é.

Noah: Baba sim e da próxima vez eu vou tirar uma foto e deixar de plano de fundo do meu celular para comprovar.

Su: Duvido, tu é muito narcisista para tirar a tua foto de plano de fundo para por eu dormindo e, supostamente, babando.

Noah: Touchê gata, shopping para o almoço?

Su: Não, restaurante mais próximo, volto a tarde para a aula com os maiores, já não fui segunda passada.

Noah: Certo, rola carona até lá? Tô com medo de acabar a gasolina do carro até lá.

Su: Já estou saindo.

Noah: Te espero aqui embaixo.

Su: Certo.

Chego ao seu prédio em menos de dez minutos de carro, relativamente perto. Dou sinal e estaciono o fusca e espero ele entrar.

— Bom dia babona — ele me beija com um selinho.

— Eu não sou babona, e bom dia.

— Melhor ser babona do que roncar — olho para ele querendo trucidá-lo.

— Vou te deixar no meio da rua e tu vai ter que ir de a pé, se não parar de falar isso — ele sorri.

— Ah não fica assim Fofa, tava bonitinha dormindo hoje de manhã assim — fofo, mas ainda estou brava por ele ter me chamado de babona.

— Bonitinha é a gordinha ajeitadinha — arranco o carro e sinto ele me olhando de cima a baixo. Estou com uma calça legging preta, uma camisa azul clara, sapatilhas pretas e cabelos

soltos e molhados.

— Tá mais para gostosa, mas vou calar a minha boca porque não estou a fim de caminhar mais por hoje — fala, voltando a olhar para o trânsito a nossa frente enquanto eu paro em uma sinaleira com o sinal fechado.

Gostosa? Certo, essa é a primeira mentira do dia. Sério, eu? Nem vou retrucar porque estou dirigindo e com esse trânsito louco não posso ter a minha capacidade de dirigir alterada para pensar em respostas para ele. Eu vi as fotos dele em um painel ontem, várias modelos em campanhas com ele. E sim, aquelas eram gostosas e, com certeza, eu sou uma obesa perto delas.

Chegamos com cinco minutos de antecedência ao orfanato. Desligo o carro e olho para o Noah. Ele está, como sempre, muito Noah, jeans, botas e camiseta cinza solta.

— Tu está me olhando de novo daquele jeito... — ele sorri. — E não falou nada do meu comentário. Não estou te reconhecendo essa manhã.

— Vou fingir que não ouvi tu me chamar de gostosa Noah.

— Por quê? Não estou mentindo, só falei a verdade — reviro os olhos e olho para a frente.

— Na boa Noah... — coloco umas mechas laterais para atrás dos ombros. — Tu não precisa falar essas coisas para mim — ele franze o cenho.

— Que coisas? — questiona ainda intrigado. É burro ou muito idiota, só pode.

— Isso Noah, que eu sou gostosa. Eu sei que não sou, tenho espelho em casa e não precisa me dizer essas coisas, como vocês homens fazem para conquistar alguém — diminuo o tom de voz até quase parecer um sussurro — acho que depois de ontem esse já é um passo ultrapassado.

Noah está com o rosto inexpressivo. Sei que disse a verdade. Isso é real, homens abusam dos elogios para conseguirem o que querem. Não gosto disso, é falso. Prefiro a verdade nua e crua a ser iludida como fui das outras vezes. Se eu espero alguma coisa dele, o mínimo que possa ser, é franqueza.

Ele ainda me olha e aos poucos começa a esboçar um sorriso, que aumenta a cada segundo até soltar uma risada. Ele está rindo? De mim? Isso não vai prestar.

Começo a sair do carro sem nem dar tempo para que o Noah consiga me segurar. Passo pela frente do carro e quando estou passando pela lateral ele me puxa. Se eu não estivesse na frente do orfanato, daria um bom tapa na cara dele.

— Me solta Noah! — Me controlo para não gritar.

— Calma e olha para mim — olho para ele que parece estar se divertindo com tudo isso.

— Tu é um idiota — xingo antes mesmo dele começar a falar.

— Eu sei — tento me soltar, mas ele me puxa mais ainda, tanto que eu colido nele. — Já disse que tu me deixa louco quando age assim, parece uma tigresa, linda e feroz. Segundo, a Regina merece umas boas palavras sobre o que ela fez contigo.

— Do que tu está falando. O que a Regina tem haver com tudo isso? — ele me solta.

— Dessa tua autoestima ferida, Su — ele se aproxima me fazendo ter que levantar a cabeça para olhá-lo. — Eu juro que na próxima vez que eu a ver, vou falar umas poucas e boas. Para mim tu é gostosa, eu experimentei ontem e se tu deixasse, teria experimentado mais. E não vejo a hora dessa tua dor passar e nós fazermos amor de novo. Para de te menosprezar Su, és linda do jeito que é. Não me importa se tu não acha isso. Eu acho e quero te dizer toda a hora que eu puder. Linda, gostosa, gata e todos os adjetivos do mundo que eu achar que cheguem aos teus pés.

— Noah... — Suplico pedindo para ele parar.

— Sem palavras, vai pensar em tudo que eu te disse e vamos entrar que senão vamos nos atrasar.

— Tu não estava rindo de mim? — pergunto quando ele começa a andar.

— Nunca, estava rindo do que tu me disse, de eu precisar falar isso para conseguir te conquistar — ele ri de novo. — Se fosse tão fácil te conquistar eu já teria desistido — olho para o chão enquanto caminhamos. Depois dessa, decido me abrir com tudo o que está acontecendo em relação a nós.

— Às vezes eu me sinto a pessoa mais confusa do mundo ao teu redor. Nunca fui assim Noah, sempre tive tudo ao controle ao meu redor e desde que tu chegou eu não consigo mais fazer isso. É como se isso tivesse sofrido um bloqueio e uma nova Su surgisse para tomar conta. E isso me assusta muito.

— Eu também Su, tu me faz querer coisas que eu nunca esperei na minha vida — passamos pelo portão do orfanato e eu cumprimento o porteiro. — Já parei de contar quantas vezes eu perdi o sono pensando em ti e em tudo que te envolve. Não consigo evitar, é mais forte do que eu.

— Como lidamos com isso? Detesto ficar assim.

— Não sei, porque estamos na mesma posição Fofa, mas eu sei uma coisa — olho para ele que sorri.

— O quê? — Cris nos vê e vem em nossa direção, mas a tempo do Noah se virar para mim e dizer.

— Vamos passar por isso juntos. Confiando um no outro que, um dia, essa insegurança vai passar e mostrar que não passamos de dois medrosos com receio de nos entregar — ele pisca para mim e vira para falar com a Cris. — Bom dia Cris.

— Bom dia Noah — ela sorri e vira para mim. — Tudo bem Su?

— Sim... eu... eu vou para a minha turma.

— Tchau Su e pensa em tudo o que eu te disse — viro para olhar para ele, aceno um sim com o menor movimento possível e saio.

Pensar, pensar, pensar e pensar. Se é uma coisa que eu faço demais é isso. Quero parar de pensar por um dia, jogar tudo para cima e deixar a mente descansar de tudo e de todos. Minha vida era tão boa antes de ele aparecer e agora é uma montanha russa daquelas que dá medo só de ver.

Começo a minha aula e entrego as partituras das músicas para os alunos conhecerem as notas e as escalas. Me sento, maldita dor, e tento não pensar em tudo que o Noah me falou, mas é impossível, ainda mais na última parte em que ele falou que temos que confiar em nós e que um dia vai passar essa minha insegurança. E se...

Parô! Cansei! Preciso parar de pensar! Tenho coisas mais importantes do que essa relação louca, e boa, com o Noah. Foco Su, trabalho primeiro depois diversão. O que eu tenho para fazer essa semana? Organizar um chá de fralda amanhã, tenho que passar lá para ver a decoração se já está pronta, e um aniversário de 10 anos, com o tema dos Minions, na quinta. Mais uma festa para eu ter que expulsar a Elis da mesa de doces, senão, não sobra nenhum para as crianças. E depois...?

Ah sim! Sexta é feriado e a Elis me convidou para ir até a casa dos pais dela e o Noah, se vencer a aposta. Coitado, ele se esforçou, acho que merece ganhar essa viagem conosco, mas vou fazer ele sofrer e não vou avisar sobre a família da Elis. Se ela é louca, a sua família, em especial a sua avó, é pior.

— Tia Su? — ouço me chamarem na porta.

— Oi Yago. Tudo bem? Vem aqui — me levanto, ainda com dor, e vou ao encontro dele. Dou um abraço bem apertado.

— Estou com saudade das aulas — seus olhos verdes e tristes me dão um soco no estômago.

— Quando tu volta? — pergunto.

— Não sei, fui no médico agora de manhã e ele me encaminhou para outro.

— E o que tu sente? — não entendo nada de medicina, mas já estou ficando muito preocupada com a saúde dele, a perda de peso e ânimo já está bem visível.

— Algumas coisas e dores nos ossos, mas semana que vem eles vão me dizer o que eu tenho e me dar remédios tia Su e eu vou tomar tudo direitinho para voltar às aulas.

— Isso aí — levanto uma mão para ele e batemos no ar.

Dou mais uns abraços e beijos e ele sai no corredor. Olho para a porta mais a frente da minha e vejo o Noah escorado, com os braços cruzados olhando para mim e sorrindo. Ele pega o celular do bolso e aponta que vai mandar uma mensagem para mim.

Noah: Devo ficar com ciúmes dessa demonstração de afeto em pleno corredor?

Su: Muita.

Noah: Sabia que não era o único na tua vida. Estou arrasado Fofa.

Su: hahahahaha como está a aula?

Noah: :P tranquila as crianças aprendem rápido. Daqui a pouco falam inglês melhor que eu.

Su: Nunca vi tu falar inglês, devo me preocupar com isso?

Noah: Não, geralmente falo para impressionar alguém, mas sabia que contigo não ia adiantar.

Su: Ok...

Noah: Mas posso corrigir isso, falo em inglês para ti, no teu ouvido no meio da noite... O que acha?

Su: Acho que só vai sair coisas impróprias...

Noah: 3:)

Su: Idiota ¬¬ vou terminar de dar a minha aula, depois nos falamos.

Noah: ok.

É ou não é de deixar a pessoa confusa? Me diz? Minha vontade é de bater a cabeça na parede e a dele também. Numa hora me fala uma coisa e na outra está flertando descaradamente comigo. Ai Clichezinho, não surta a tia Su aqui!

Chamo a atenção dos meus alunos e peço para tocarem individualmente cada parte para corrigir os seus erros. Volto toda a minha atenção à música e esqueço de tudo o que está a minha volta.

~

— Comi demais — Elis empurra o pote com a sobremesa em cima da mesa.

— Tu sempre come demais, Elis. Parece uma vaca — falo. — Não sei como consegue manter esse corpo.

— Cansei só de ver tu comer — Noah complementa.

— Ai meu saco! Só porque vocês estão juntos vão se juntar contra mim? Noah tu era mais legal, tá virando chato igual à Su — Noah me abraça pelos ombros e me puxa para me dar um beijo no lado da cabeça.

— Fica quieta senão ela descobre a minha artimanha Elis — até eu começo a rir com essa.

— Essa é a tua jogada então? Que clichê Noah. Não esperava isso de ti — dramatizo e começo a rir depois.

— Sabe — ele tira o braço de mim —, no fundo, vocês duas são umas vacas.

— Falando em vacas — começo. — Elis, tudo certo para sexta?

— O que tem sexta? — ela fala voltando a pegar o pote de sobremesa com o resto de torta de chocolate que ela tinha deixado e volta a comer.

— Não vamos para a casa dos teus pais? E para de comer.

— Não consigo, to de TPM — Noah me olha assustado.

— Sem perigo na TPM, ela não é mortal só come e chora — aviso para ele.

— A Su é mortal, só para avisar.

— Meu Deus, onde foi que eu vim me meter? Uma esfomeada e outra mortal? Acho que

vou voltar para a Inglaterra no próximo voo. Se sem estar na TPM, a Su já é mortal, imagina quando entrar?

— É só não me irritar — aviso.

— Ou respirar ao lado dela — ela fala lambendo o porte agora. — Uma vez ela me expulsou da cama porque eu estava falando.

— Falando? Elis tu estava falando e rindo como se estivesse acordada às quatro da manhã e eu queria dormir! Óbvio que te expulsei da cama — olho para o Noah. — E ela sim, ronca e baba no travesseiro, eu não.

— Ouuuuuaa já estão nessas briguinhas de casais? Quem ronca e deixa de roncar e afins? — Elis faz uma cara de safada para nós.

— Eu não ronco, tu sabe disso — olho para a Elis que confirma.

— É Noah, ela não ronca. Nessa tu perdeu.

— Não disse que ela ronca, disse que ela baba no travesseiro — ai meu Deus, será que ele não vai desencanar disso?

— Bom, aí eu nunca percebi mesmo — Elis comenta e olha para a mesa de doces de novo. — Acho que eu vou pegar mais um pouco daquele creme de abacaxi ali.

— Não Elis, essa semana já temos aniversário de criança e tu chega a passar mal comendo as escondidas. Acho bom poupar calorias até lá — ela faz uma cara de quem não gostou do que eu estou falando e larga o pote em cima da mesa e cruza os braços.

— Nem queria mesmo. E voltando ao assunto, saímos sexta às 5 da manhã, para chegarmos a tempo de tomar café da manhã. Minha avó já me disse que às sete da manhã vai esperar a gente.

— Cinco da manhã? — Noah geme. — não é muito cedo?

— É isso ou perder o café da manhã da minha avó e ela ficar o fim de semana falando disso. E quem disse que tu vai?

— O acordo era esse, sobreviver uma semana com trezentos reais — ele começa a apalpar o peito —, e aqui estou eu vivinho da silva. Ganhei a aposta.

— Isso tá me cheirando a trapaça — Elis me olha fixamente. — Tu ajudou ele? — olho para ela e depois para o Noah que com os olhos suplica para que eu minta para a Elis. Agora é a hora, passar um fim de semana sozinha só com a Elis me incomodando e sem o Noah para me fazer companhia, ou mentir para ela e ter os dois o fim de semana todo, especialmente ele, só para mim? Olho para a Elis e falo.

— Não, não ajudei, ele se virou por conta — Noah pega a minha mão embaixo da mesa e aperta. Elis xinga Deus e todo mundo e não admite a derrota.

— Isso é impossível! Tu tinha dinheiro em casa Noah. Não mente.

— Não to mentindo Elis, pode ir lá em casa e revirar tudo, não tenho em casa, até porque tenho a impressão que o se o JB achasse iria comer todo — ele sorri triunfante e puxa as nossas mãos entrelaçadas para cima e trás até os seus lábios. — Parece que eu ganhei essa — e

pisca para mim.

— Su tem certeza que tu não ajudou ele? — Elis olha para mim querendo arrancar alguma coisa que o incriminasse, mas eu continuo séria e convicta na minha personagem.

— Não em nenhum momento e ele nem pediu.

— Admite Elis, eu ganhei e tu perdeu.

— Se tu não tivesse feito a Su feliz esse fim de semana... — como assim? Olho para ela que lê os meus pensamentos. — Amiga, já te viu no espelho hoje? Tá com a pele brilhante e linda, realmente o sexo faz bem para pele — Elis do céu, cala a boca que o casal da mesa ao lado está nos olhando. Faço uma cara de desespero para ela, mas ela continua. — Sempre disse isso para ela, mas nunca acreditou e quem diria, logo o cara que ela me disse que ia só jantar para ele parar de incomodar foi que conseguiu arrastar ela para a cama. Tu é o cara Noah — ela estende a mão para ele que aceita e aperta.

— Obrigado, sempre soube que não ia ser uma tarefa fácil, mas encarei até conseguir fazer ela se render aos meus encantos e foi bom não é Su?

— Pelo amor de Deus, dá para vocês dois calarem a boca? — já sinto as minhas bochechas de bolacha Trakinas vermelhas como um pimentão.

— Ela fica tão “bonitinha” assim, com as bochechas vermelhas — ele enfatiza o bonitinha para que só eu saiba o significado, gostosa.

— Certo — me levanto e pego a minha bolsa. — Se vocês vão continuar me zoando assim, uma boa tarde, que eu tenho que voltar para dar aula.

— Relaxa gata gostosa — Elis se levanta. — Estou indo também.

— E a minha carteira? — Noah pergunta levantando também?

— Comigo — abro a minha bolsa e procuro no meio daquela bagunça, escova de dentes e de cabelos, absorvente, a minha carteira, batom e... — Aqui! Achei — entrego para ele. — Pronto, vamos?

— Vamos. — Elis sai na frente e vai para o caixa deixando eu e o Noah sozinhos na mesa.

— Tu mentiu para ela, não consegui vencer a aposta — ele abre um sorriso.

— Eu sei, mas acho que valeu o esforço, não? — Noah pega a minha mão e vamos até o caixa.

— Valeu e vai valer ainda mais Su. Eu prometo.

Capítulo 19

Abro a porta do apartamento e junto com ela, um sorriso. Nada melhor do que chegar em casa depois de um dia atarefado e corrido. Hoje é quinta, e ainda tenho que arrumar as minhas malas para sair amanhã cedo.

Largo as sacolas do mercado em cima da mesa, as compras feitas de última hora para a viagem, uma escova de dente nova, filtro solar, remédios para dor de cabeça, maldita TPM chegando e outras coisas básicas que comprei antes de ir para o aniversário de dez anos que organizei.

Não quero ver os minions na minha frente por um bom tempo! Até com uma tatuagem de um deles na bochecha eu estou, quero ver tirar isso agora.

Caminho até o meu quarto vendo a bagunça em que ele se encontra agora, ainda tenho que dar um jeito nisso antes de sair. Roupas atiradas em tudo que é canto, contando por cima, três sutiãs embolados em cima da cômoda, tenho que parar com essa mania de ficar trocando de sutiã a cada roupa que eu mudo, abro o meu guarda-roupa e quase sou soterrada por roupas que caem aos meus pés, que ótimo.

Primeiro de tudo, vou tirar esse uniforme de trabalho e colocar algo mais confortável para começar a faxina geral. Uma bermuda velha que deixa a minha bunda uns dez centímetros maior do que já é, uma camiseta da turma da Mônica rasgada em baixo do braço, apertada, com um decote exagerado que eu fiz com a tesoura mesmo e manchada de água sanitária, que eu uso especialmente nessas ocasiões. Cabelos presos com uma das minhas piranhas psicodélicas, verde fluorescente a de hoje e pés descalços para reclamar de cólicas mais tarde. Su mendiga e doméstica entrando em ação em 3,2,1.

Começo a juntar as roupas por aonde vou passado e colocar para lavá-las, até chegar à área das máquinas já estou com as mãos cheias, atiro no chão e vou, primeiro de tudo, limpar a sala, que também está um caos.

Se eu fosse medir o grau de entropia, desordem e descaso, da minha casa hoje, com certeza teria nota máxima. Pego a vassoura e começo a varrer a sala, parece que não via uma boa limpeza há uns 20 anos e não a menos de uma semana. Não que eu seja uma relaxada e que não limpe a minha casa, é só que não deu tempo mesmo essa semana. Trabalhei até mais tarde todos os dias, não tive tempo nem para relaxar no meu quarto de música, que nem quero saber qual o tamanho da bagunça que deve estar lá dentro. Cinco novos eventos em menos de uma semana e eu quis deixar tudo organizado até ontem a noite para não deixar acumular com os que já tenho que projetar semana que vem, por isso a casa está essa bagunça, desordenada demais para o meu gosto.

Trabalhei tanto essa semana quem nem tempo para o Noah me incomodar eu tive. Almoçamos juntos ontem no mesmo restaurante de segunda, depois que saímos do orfanato. Mas sempre estamos em contato por mensagens, flertamos o dia todo praticamente. Claro que os meus flertes não chegam nem aos pés dos deles que são bem mais descarados e safados.

Ontem mesmo, estava deitada na minha cama, quase dormindo e ele começou a puxar

conversa, que acabou comigo recebendo umas fotos de campanhas dele só de cuecas, e algumas sem nada, não muito explícito, mas que deixou muito para a minha imaginação! Tanto que estava a ponto de pegar o fusca e ir até a casa dele conferir tudo àquilo ao vivo.

Duas delas, me deixaram completamente sem fôlego e com muito calor. Ambas preta e branca, uma com ele com os olhos fechados, com as mãos juntas como estivesse rezando e só de cueca branca, um pouco abaixada. A outra ele mordendo um tipo de cordão do pescoço com os braços sobre o peito e com a cueca pretas e bem mais abaixadas a ponto de ver um pouco do seu... AI MEU DEUS SU! Para de pensar nisso senão, não vai conseguir terminar de arrumar essa casa hoje ainda! Pega a vassoura, esquece as imagens do Noah quase pelado e começa a varrer!

Primeiras passadas da vassoura no chão e uma bola de pelo já pode ser formada, sério, ainda não sei como o Gato tem tanto pelo assim, cada vez que eu limpo a casa é isso. Quilos e mais quilos de pelos por toda a casa. Falando em Gato? Não o vi hoje ainda.

— Gatooooo, cadê tu meu filho? — Começo a procurar nos possíveis esconderijos dele, embaixo do sofá, atrás da geladeira, em cima dos armários e... nada. — Vou colocar comida para ti — Chego até o local que deixo a ração dele e nem sinal do Gato!

A campanha toca, pelo horário, deve ser o zelador a procura do lixo para levar até a garagem. Droga, nem tive tempo de chegar a essa parte, também me lembrando das fotos de ontem, quem conseguiria? Vou até a porta e abro e quem vejo é bem diferente do meu zelador e sim o meu sonho de dois minutos atrás em carne e osso, e que carne...

— Noah? — Ele está com o telefone no ouvido e, de certo, escutando o que a outra pessoa está falando, pois está com uma cara de quem presta a atenção nos mínimos detalhes. Me afasto da porta e a abro mais dando espaço para ele, sua mala e um JB na coleira entrarem.

Fecho a porta e o Noah vai direto para a cozinha me deixando na sala com o JB pulando em mim querendo atenção. Me ajoelho na frente dele e começo a fazer carinho nas suas orelhas.

— JB da tia Su! — Falo com aquela voz de criança idiota para ele, jurando que ele está entendendo tudo. — Como tá o meninão hein? Coisa fofa. O que tu e o papai estão fazendo aqui? — O cachorro se deita de barriga para cima e eu ataco sua barriga o fazendo balançar uma pata de felicidade no ar. Fico brincando com ele por um momento até o Noah voltar.

— Pelo menos alguém recebe carinho quando vem aqui — ele está parado na porta com o celular na mão e os braços cruzados sobre o peito na camiseta azul que ele está usando. Dou uma bela olhada de cima a baixo enquanto eu levanto do chão. Jeans, tênis e óculos.

— Pelo menos ele não tem como avisar que está chegando — caminho até onde ele está.

— Sem desculpas Fofa... E o que é isso na tua bochecha? — droga, me esqueci da maldita tatuagem dos Minions. Ele tenta limpar com a mão.

— Estava em um aniversário de criança e fiz essa tatuagem, me livro dela no banho.

— Combina com as roupas — droga dois, nem sabia que ele viria para cá e eu estou no meio da faxina, tá no meio porque eu perdi um bom tempo relembando as fotos de ontem, mas mesmo assim.

— Estou no meio da faxina Noah. E o que tu está fazendo aqui?

— Já que vamos sair amanhã cedo, pensei em adiantar as coisas, dormimos juntos e não perdemos tempo, de irem até a minha casa para me buscar. Vamos juntar o útil ao agradável — um sorriso se forma no seu rosto e me beija, forte, sem chance de escapatória. Aproveito um pouco e antes que isso comece a nublar a minha mente para pensamentos nada próprios, o empurro.

— Poderia ter me avisado pelo menos — pego a vassoura e começo a varrer de novo. Pelo visto o JB não é muito de vassouras, pois saiu correndo como um louco da sala.

— Pensei que já tivéssemos passado desse ponto Fofa — ele vem e tira a vassoura da minha mão. — Tu fica bonitinha vestida assim, ainda mais com essa coisa na bochecha.

— Noah...

— O quê? — Ele me abraça mais forte, quase quebrando as minhas costelas, mas eu não retribuo. — Estou com saudades de ti, minha Fofa. Me abraça — fala essa última parte rindo.

— Não posso rir, estou sendo sufocada por um perfume — ele me solta e me beija de leve.

— Vamos sair para jantar? Eu espero tu te arrumar.

— Não — me solto dele e indo para a cozinha para pegar uma garrafa de água.

— Por quê? — Sem cerimônia nenhuma, pega a sua mala e vai direto para o meu quarto, folgado é pouco para ele.

— Porque eu tenho que arrumar essa casa antes de sairmos amanhã. — Grito. Vejo o JB caminhando de um lado para o outro a procura do Gato. Ah esqueci que eu não achei ele ainda. — JB cadê o Gato? — pergunto para o cachorro que me olha e inclina o rosto um pouco e abaixa as orelhas, como se entendesse o que eu estava falando. — Procura ele para a tia Su, vai — abana o rabo e começa a fuçar os cantos da casa a procura do fugitivo.

Pego a garrafa de água e vou até o meu quarto ver o que o Noah está fazendo. Chego à porta e vejo ele espantando. Eu disse que eu tinha que arrumar tudo isso ainda.

— Passou um furacão por aqui? — Noah me pergunta. Tomo um gole da minha água antes de responder.

— Não, só eu sem tempo de arrumar a minha casa, e já estive bem pior, pode acreditar — mais um gole e....

— Tua faxineira está de férias? — faxineira? Sério Noah? Quero começar a rir, mas estou com a boca cheia de água e se eu fizer isso vai espirar água nele todo. Engulo com dificuldade e olho para ele que já franziu a testa, olhando a minha reação.

— Ai meu clichêzinho... — começo a rir e ele franze mais ainda e cruza os braços. — Eu não tenho isso.

— Porque não?

— Porque não — começo a juntar as roupas atiradas no chão. — Hoje em dia é caro e uma baita dor de cabeça achar uma decente. — Ele fica com uma cara de quem está pensando. Seu telefone toca, vejo por canto de olho ele pegar e ignorar a chamada.

— Acho que tu deveria ter uma Su, tu já trabalha demais e ainda tem que fazer o serviço de casa — sua expressão ainda está pensativa.

— Nem é tanta coisa assim — dou de ombros abrindo o meu guarda-roupa e caindo mais um pouco aos meus pés. — Só essa semana que eu passei um pouco nesse quesito, mas nada que daqui a pouco não esteja tudo no lugar. O apartamento é pequeno. Dois toques e tudo pronto.

Noah abre a boca para falar mais alguma coisa, mas escutamos o JB começa a latir do nada. Nos olhamos ao mesmo tempo com cara de assustados, acho que nunca tinha escutado ele latir desse jeito, como se estivesse desesperado. Saímos correndo pelo corredor em direção a ele. JB estava em frente a minha máquina de lavar latindo como um condenado.

— O que foi JB? — Noah pergunta e se abaixa para fazer um carinho na cabeça dele. O cachorro nem dá bola para ele e fica olhando para mim e latindo.

— O Gato! — Eu grito. Abro a tampa da máquina de lavar e olho lá para dentro, e o que vejo? O Gato dormindo como se não fosse nada com ele. — Meu Deus, cada vez essa bola de pelo me surpreende mais — pego ele no colo e tiro de lá. JB vê que ele está no meu colo e começa a pular em mim.

— O que ele estava fazendo na máquina de lavar? — Noah pergunta. Dou um beijo na cabeça do Gato e solto no chão para o JB começar a incomodá-lo.

— Não sei, às vezes dá a louca nele e ele se esconde em lugares impossíveis — olho para a pilha de roupas atiradas no chão, óbvio que as minhas calcinhas rosas de bolinhas branca estão bem em cima do montinho. Pego tudo do chão e soco na máquina nem me importando em separar as brancas das coloridas. — Tinha que ver quando ele se escondeu embaixo da geladeira e eu fiquei umas duas horas procurando ele dentro do apartamento.

— Ainda bem que o JB não é de fazer isso — Noah fala enquanto saímos de lá. Pego a vassoura de novo e termino de varrer a sala, só falta o aspirador de pó nos sofás e tapete...

— Vai ficar me olhando o tempo todo? — pergunto para ele sentado no sofá e com as pernas cruzadas cuidando cada movimento meu. Tive que me abaixar duas vezes para juntar uma coisa do chão e senti o seu olhar fixo na minha bunda em ambas às vezes.

— É uma boa coisa para se fazer — e abre um sorriso sacana.

— Não mesmo, tem o aspirador de pó para passar aqui, tu vai passar ele aqui para mim e eu vou arrumar as minhas roupas e a mala de amanhã.

— Prefiro ficar olhando tu trabalhar Fofa é mais... — ele olha para as minhas pernas nuas e vai subindo até os meus peitos quase saltando do decote improvisado. — Interessante. — Conclui e eu coloco as mãos na cintura e começo a incorporar a Su delicada como coice de mula.

— Para de me olhar assim — Noah ri e eu fico mais brava ainda. — Se tu não fizer isso que eu estou mandando — sim, não pedindo —, vai dormir ai mesmo nesse sofá. — Noah fecha o sorriso rapidinho e fica me estudando para ver se eu estou brincando ou não. Passam alguns segundos e a minha expressão continua igual.

— Tu não está brincando, não é? — Quase gemendo, ele pergunta.

— Não. É isso — aponto para o aspirador de pó — ou o sofá.

Noah joga a cabeça para trás gemendo em frustração. Passa as mãos no cabelo e se levanta. Ele passa por mim me olhando, penso que ele está indo em direção ao meu quarto para pegar a mala para ir embora. Ele deve estar me testando para ver se eu corro atrás dele e mudo de ideia, mas não. Hoje não vou mudar, vou ser firme. Noah vai até o aspirador de pó, analisa ele por alguns segundos como se fosse um cálculo de matemática financeira aplicada e depois vira para mim.

— Como é que se liga essa coisa? — bem mandado! Caminho até ele com a mesma autoridade de antes, que, mesmo vestida desse jeito e com o Minion amarelo estampado na bochecha, funciona e ligo na tomada o aspirador. Noah desliga de novo e me olha nos olhos. — Até faço isso Fofa, mas essa noite, na tua cama, tu vai me pagar.

— Com juros e correções monetárias? — pergunto mantendo o contato visual fixo e sem vacilar.

— Com certeza — ele abre um meio sorriso sacana.

— Fechado então Clichezinho. Honro as minhas dívidas — e saio em direção ao meu quarto e me dou à oportunidade de sorrir.

Chego ao meu quarto, vejo o JB e o Gato deitados na minha cama como se fossem os donos do pedaço. Corro eles de cima e tiro os lençóis e os jogo no chão, levando com eles os travesseiros e as cobertas. Coloco tudo limpo, são verdes com flores azuis e laranjas, amo essas roupas de cama coloridas, dão uma vida ao quarto.

Ligo a minha caixinha de som de funkeiro para abafar o som do aspirador de pó lá da sala. Arrasto o criado mudo até uma parte do guarda-roupa, subo em cima dele e pego a minha mala e aquelas caixas especiais para pets viajarem e desço. Coloco a caixa do Gato ao lado da mala do Noah e abro a mala em cima da cama e começo a colocar as roupas para a viagem.

Conheço a fazenda da Elis desde que viramos amigas. É gigante, com direito a um lago para tomar banho e tudo. Como os seus pais são veterinários, encontra-se de tudo por lá. Gatos, cachorros, coelhos, galinhas, porcos, cavalos e tudo mais que aparece pela volta. Além de lar para os desabrigados, alguns ficam para se recuperar ou quando os donos vão viajar. É um lugar que se eu pudesse ficaria para sempre. Elis diz que é uma chatice que só, mas, sempre que dá está lá de volta.

Fecho a mala e coloco junto com o resto. Não vou levar muita coisa, até porque são três dias só e vai estar quente. Roupas leves e simples.

Quando estou quase no final da arrumação das roupas, uma música que a Elis me fez aprender a tocar a todo custo começou a tocar, óbvio que é do Maroon 5, e claro que, eu decorei, ao meu modo. A música até que é legal e o clipe deixou a Elis vidrada no Youtube por quase uma semana. Começo a cantar baixinho com o meu “embromation”, lindo de se escutar. Como dizem, quem canta seus males espanta, não é? Sigo até o final da música, tentando acompanhar o Adam Levine e seus agudos infinitos e termino de cantar me dando de cara com um Noah na porta olhando para mim e sorrindo.

— Opa — deixo escapar e fecho a porta do guarda-roupa terminando o trabalho.

— Qual o nome dessa música? — ele me pergunta.

— Não sei, conheci ela por livre e espontânea pressão da Elis e agora eu a assassinei — Noah ri enquanto eu passo por ele.

— Não foi tão ruim, pelo menos é melhor do que a Elis cantando aquele dia — lembro-me da Elis cantando a nova deles enquanto eu tocava no piano e ele assistindo de camarote. Realmente, a Elis não sabe cantar.

— Digamos que eu e ela somos um páreo duro. Eu me salvo por conseguir tocar decentemente pelo menos — vou até a sala checar o trabalho do Noah e vejo tudo impecável. Olho para ele, que sorri triunfantemente.

— Aprovado?

— É... dá para o gasto — desdenho. Noah revira os olhos e vem em minha direção.

— Tão teimosa, tão frustrante, tão... — me beija e empurra-me até a parede, dessa vez não tenho escapatória, então decido aproveitar um pouco.

~

— Bom dia dorminhoca — sinto uma coisa pinicando o meu pescoço. Hummm a barba do Noah. — Levanta — e me dá um tapa na bunda que está virada para cima antes de sair.

— Ai! Só mais cinco minutos...

— Nem meio, senão eu vou até ai para te tirar da cama — gemo de sono.

— Que horas são? — sento na cama vestindo só a camiseta dele.

— Quatro e quinze, tem 45 minutos para tomar banho e tomar um café comigo — Noah fala alto da cozinha e eu volto a me deitar. — Nem inventa de deitar de novo ou eu vou aí.

Maldito! Levanto, a contragosto, e vou para o banheiro tomar um banho. Atiro a camiseta dele dentro da cesta de roupa suja e ligo o chuveiro que dá um jato de água fria me fazendo dar um grito. Ajusto o termostato até uma temperatura decente e vejo o Noah abrindo a porta do box do chuveiro do nada.

— Ah, sai daqui que eu tô pelada! — Fecho quase na cara dele e o escuto rindo do outro lado.

— Como se eu não tivesse te visto, aqui mesmo, assim há poucas horas atrás, e que eu me lembre, eu também estava pelado — ai meu Deus, agora as lembranças vem a minha cabeça como um filme. Beijos, toques, carícias até que não conseguimos nos segurar mais. Pelo menos dessa vez ele veio preparado com camisinha, e eu vi que não foram poucas não.

— Sai Noah antes que eu te molhe — falo pegando o shampoo.

— Pobre da Elis que vai ter que esperar dentro do carro por nós Fofa — escuto o seu riso do outro lado do box. — Só vim ver o porquê desse grito.

— Água gelada, quem mudou essa coisa aqui? — meus banhos são quentes quase a ponto de serem escaldantes.

— Eu, acordei contigo esfregando a bunda em mim, só um banho gelado para me

acalmar

— Sai daqui Noah, AGORA!

Ouço ele sair rindo. Pelo visto essa viagem vai ser longa.

Me arrumo e vou para a cozinha onde ele está, de costas, vestindo somente calça jeans e sapatos, mexendo na cafeteira. JB me vê e vem em minha direção me dar um bom dia canino, pulando em mim. Olho para o Gato que está muito entretido comendo.

— Noah tu deu ração demais para ele. Vai matar o Gato de tanta comida — chego ao lado dele na bancada olhando a bagunça de café que ele fez ali.

— Bom dia Fofa — ele se abaixa e me dá um beijo. — Ele tava me olhando com uma cara de fome, aí coloquei mais.

— Bom dia. É hoje que a mãe da Elis me tira ele então — vou até o Gato e tiro ele do pote de comida. Ele me olha com os olhos quase fechados como se estivesse arquitetando a minha morte e como sofrer nela. — Não adianta me olhar assim Gato, chega de comida.

— Coitado do bicho — Noah fala ainda tentando encaixar as partes da cafeteira.

— Coitada de mim que aguento. Olha o tamanho dele, gigante, gordo e isso faz mal para ele. Isso que essa ração já é light.

— Sério? — as peças se encaixam com um “clic”, liga e vira para mim. — A ração dele é light?

— Sim, ele estava muito acima do peso e a mãe da Elis me disse que eu tinha que cortar a ração dele pela metade e dar essa aqui. Ele não gostou muito da ideia.

— Imagino, por isso miava desesperado enquanto eu dava a do JB.

— Milagre ele não ter comido o JB, isso sim.

Arrumamos a mesa do café e quando experimentamos juntos, o que o Noah preparou, quase cuspiamos um na cara do outro.

— Droga! — Ele se levanta e despeja na pia o resto. — Acho que coloquei pó demais.

— Eu tenho certeza que tu fez isso — vou até a pia e faço a mesma coisa com o meu. — Acho que dá para consertar com leite. Quer?

— Não — Noah volta para a mesa e pega um pão de queijo. — Acho que não preciso de café por um bom tempo agora.

— Eu ainda não — coloco para esquentar, no fogão, o leite e me sento e começo a comer. Noah olha para mim e abre um sorriso meio suspeito e puxa o celular do bolso.

— Sabe aquela hora que eu te peguei cantando ontem? — concordo com a cabeça e mastigando um pedaço de pão integral. — Descobri qual era a música. Conhece a tradução? — faço que não, o que importa para mim é a melodia, pode estar falando de uma galinha sem uma pata que se apaixonou por um cavalo caolho, eu não ligo.

Levanto para pegar o meu leite quente e volto para mesa, Noah está mexendo no celular e procurando alguma coisa, fico quieta para descobrir o que é.

— Aqui — ele me entrega o celular e eu começo a ler o trecho que ele me selecionou:

Então caia

Eu preciso que você confie em mim

Vá com calma, não me apresse

Me ajude

Por que você não me ajudar?

Acordar você

No meio da noite para dizer

Eu nunca mais vou partir

Eu nunca vou deixar essa cama

Você diz: "Vá, não está dando certo"

E eu digo "Não, isso é perfeito"

Então eu continuo parado

Eu nunca vou deixar essa cama

(Nome da musica e cantos)

Leio e olho para ele como quem perguntasse “e daí?”, entrego o celular de volta e ele balança a cabeça e revira os olhos.

— Leu com atenção Fofa?

— Sim, não sou besta — retruco.

— Verdade, de besta não tem nada, só um pouco lenta para algumas coisas — como? Quinze para as cinco da manhã e ele me fala isso? — não surta, não é o que tu está pensando, só para te avisar que, independente do que tu faça para mim, eu não vou sair da tua cama.

Paro a caneca no meio do caminho. Uau! De tudo que eu pensava que poderia ouvir do Noah, essa, com certeza, não entraria na lista. Abro a minha boca para falar alguma coisa, mas sou interrompida pelo toque do celular dele, era a Elis dizendo que estava saindo de casa. Noah se levanta e diz que vai pegar as nossas malas e me dá um beijo na cabeça me deixando completamente sem fala.

~

— Bom dia Elis! — Noah salta na frente e vê uma Elis de cara amarrada abrindo o porta-malas.

— Bom dia para vocês que, pelo visto, transaram a noite toda.

— Bom dia Elis, e não começa logo cedo certo? — ela me entrega a chave do carro

rindo e entra no banco de trás.

Ajudado o Noah a colocar as nossas malas na parte de trás do carro, ele coloca a caixa com o Gato no banco de trás e eu olho para ele.

— Cadê a do JB?

— O quê? — ele me pergunta entrando no carro com ele no colo. Faço a volta e sento no banco do motorista.

— A caixa dele Noah. Ele não pode andar solto no carro.

— Comigo ele sempre anda, e ainda coloca o focinho na janela e a língua para fora.

— Isso é proibido — Elis se mete entre os dois bancos e fica no nosso meio. — Vamos de uma vez que eu quero chegar em casa logo.

Ligo o carro contrariada e percebendo o Noah olhando para mim e sorrindo de canto de boca.

— Elis — falo e olho para ela pelo espelho do retrovisor — arrumou o estepe?

— Sim, mãe — me responde revirando os olhos.

— Tem o número do seguro e os papéis do carro?

— Sim Su. Relaxa Gata Gostosa e dirige de uma vez antes que a gente se atrase e a minha avó surte.

— Gata gostosa é? — Noah olha para mim e eu mantenho o meu foco na estrada que ainda está calma. — Melhor apelido para ti Fofa.

— Não é Clichezinho? — Elis mete o rosto entre nós.

— Coloca o cinto Elis!

— Não incomoda, deixa eu ligar o som — ela se pendura no painel e liga o som bem alto e começamos a brigar pelo volume da música.

— Abaixa um pouco e te senta direito pelo amor de Deus, antes que a gente seja parado em uma blitz Elis.

— Noah acho que tu não está fazendo um bom trabalho — Elis senta no seu banco.

— Como assim? — posso sentir que coisa boa não vai sair dessa conversa, porque ele vira para ela questionando.

— Mesmo com toda essa função de vocês dois, ela ainda continua brava e de mau humor. Dizem que orgasmos não deixa a pessoa tensa assim — não disse que coisa boa não ia sair disso? Noah olha para a Elis e depois para mim que conto até mil para não responder a Elis. Ele começa a rir e para o meu desespero, entra na onda dela.

— Pois é Elis, só acho que ainda não foram suficientes, e eu espero em breve regularizar isso.

— Calem a boca, por favor — gemo.

— Tem um motel aqui por perto que é bem legal. Já fui várias vezes e saí de lá bem

feliz, altos acessórios e ambientes diferentes.

— Vamos Fofa? — Noah abre um sorriso sacana para mim e eu sinto as minhas bochechas começarem a ficar vermelhas. Elis apoia os cotovelos um em cada banco da frente e vem para frente.

— Olha como ela fica fofinha de bochechas vermelhas — e aperta uma das minhas bochechas.

— Deixem eu dirigir em paz antes que eu bata esse carro na primeira placa que eu encontrar.

— Tem que ver como ela fica quando eu começo a...

— Noah nem inventa de terminar essa frase! — Claro que ambos começam a rir de mim. — Mudem de assunto por favor!

— Tadinha da Fofa — ele vem e me dá um beijo na bochecha, mesmo com o cinto de segurança quase o enforcando.

— Que vontade de vomitar vendo vocês dois assim — Elis faz uma cara de nojo.

— Elis pelo menos uma vez na vida quem não está segurando vela sou eu, tu percebeu isso? — ela volta para o nosso meio.

— Só que eu não sou vela, sou um castiçal com umas quinze vendo vocês dois juntos. E para esse carro que eu preciso ir ao banheiro.

— Já? Não faz nem meia hora que saímos — olho ao redor para ver se encontro um posto às cinco e meia da manhã.

— Onde vamos achar um banheiro há essa hora? — Noah pergunta com o JB dormindo no seu colo.

— Já passamos pelo de sempre Elis — aviso e ela começa a se contorcer.

— Ai meu Deus, o próximo só daqui a meia hora de novo. Não vai dar tempo Su.

— Como assim não vai dar tempo Elis? Tu não fez antes de sair de casa? — quase grito no volante!

— Fiz. Mas já to com vontade de fazer de novo.

— Não consegue aguentar meia hora Elis? — Noah pergunta e me olha. — Ela não aguenta?

— Pior que não, ela é uma Maria mijona, paro o carro duas vezes todas as vezes que saímos para a fazenda dos pais dela — olho para ela que já está com uma cara estranha pelo espelho. — Vou ter que parar numa moita, pode ser? — ela só balança a cabeça e eu dou sinal para ir para o acostamento.

Mal paro o carro e ela sai correndo com a sua bolsa para o matinho ao lado da estrada. Noah olha para mim e começamos a rir a ponto de quase chorar.

— Já disse que eu me divirto muito com vocês duas?

— Com nós duas? Pensei que se divertia mais comigo — tento soar sexy mais saiu

como uma coisa muito estranha e nem um pouquinho sedutora.

— Sim, contigo eu me divirto de uma maneira bem diferente — ele solta o cinto de segurança, e põem o JB no chão do carro, passa uma mão sobre os meus ombro e fala no meu ouvido. — Mas da melhor maneira possível.

Começamos a nos beijar, em pleno acostamento às cinco e meia da manhã. Passo minhas mãos nos seus cabelos o fazendo avançar mais e vir em minha direção. Estou prensada entre ele e o vidro do carro.

Toc... toc... toc.

Empurro o Noah para o seu banco e olho na janela um policial rodoviário. Tudo o que eu precisava. Abaixo o vidro.

— Bom dia seu guarda — ele se abaixa para olhar para dentro do carro.

— Algum problema moça? Para estar parada nesse horário no acostamento.

— Nossa amiga estava apertada e...

— Amiga... Sei... Documentos do carro e carteira de motorista. Por favor.

Olho para o teto do carro e solto um gemido. Onde será que a louca da Elis guarda esses malditos documentos. Peço para o Noah em entregar a minha bolsa na parte de trás já que ele estava sem cinto mesmo. Procuro a minha carteira, entrego a minha carteira de motorista para o guarda impaciente e começo a revirar os possíveis lugares para encontrar os documentos da Elis, que pelo visto está mijando toda a água do planeta porque ainda não voltou.

— Algum problema Sr. Morelli? — o guarda nos pergunta e o Noah resolve se intrometer.

— O carro é da nossa amiga que estava apertada. Daqui a pouco ela está voltando e nos diz onde está os documentos.

— Olha aqui amigo. Conheço esses tipos de pessoas que veem para cá para fazer “coisas” dentro do carro. Só que vocês já são bem grandinhos para ter que usar um carro, que supostamente é de uma amiga de vocês e...

— Credo, não para mais de mijar! — Elis chega e olha para o guarda. — Seu Júlio? — O guarda se vira para ela.

— Dr.^a Elis! Tudo bem?

— Sim, algum problema? — ela abre a porta do carro.

— Elis onde estão os documentos do carro? — pergunto.

— Conhece esses dois? — o tal de seu Júlio pergunta apontando para mim.

— Claro! Essa é a Su, a minha amiga que eu trabalho nas festas que eu te disse e o namorado dela. Aconteceu alguma coisa?

— Eles estavam parados no acostamento sem pisca alerta acionado — Opa, esqueci completamente, ligo rapidamente e volto a olhar para o guarda —, e em um comportamento suspeito. Estava pedindo os documentos do carro, mas parece que a sua amiga não sabe onde

eles estão.

— Embaixo do tapete Su.

— Sério Elis — Noah fala. — De todos os lugares possíveis para guardar os documentos tu coloca embaixo do tapete? — ela entra no carro, bate a porta e eu me espremo para conseguir catar os malditos documentos.

— E eu ia colocar onde? — e ainda tem a capacidade de soar como se estivesse ofendida.

— Num lugar mais prático? — falo entre dentes para ela. — Aqui estão seu guarda — entrego os documentos para ele que caminha até a viatura escondida no outro lado da rodovia.

— Eu saio por cinco minutos e vocês dois se atacam como dois gatos no cio? — Elis pergunta.

— Foi mais forte que nós Elis — Noah fala. — Não conseguimos evitar.

— Parem, quietos que ele vai escutar, e calem a boca para eu não ter que pagar mais uma multa.

— Relaxa Fofa, uma multa não é nada. Vale pelo amasso que estávamos dando — Noah e Elis riem.

— É Su, quem nunca levou uma multa por estar de amasso dentro do carro não sabe o que é bom.

— Isso aí Elis. Dá próxima vez Fofa, vamos para um beco ou uma coisa assim. Te garanto que tu nunca mais vai esquecer.

— Uma vez só basta — falo para os dois.

— Tem um perto da minha casa que é ótimo para isso Noah — Elis fala.

— Altas dicas para nós — Noah pega a minha mão e me faz olhar para ele. — Vamos anotar tudo o que ela fala para poder usar depois — reviro os olhos e o guarda retorna.

— Tudo certo com o seu carro Dr.^a Elis, só peça aos seus amigos não fazerem mais isso. Além de perigoso estar no acostamento, sem nenhuma luz indicando, o horário não é propício para estarem assim e muito menos para o que estavam... — ele limpou a garganta. — Começando.

— Pode deixar seu Júlio, eles já entenderam o recado — Noah segura uma risada e eu juro que quero me enfiar no primeiro buraco que eu ver na minha frente.

— Boa viagem para vocês e até semana que vem Dr.^a.

Ele entrega os documentos e a minha carteira, nos libera enquanto eu guardo as coisas, e os documentos da Elis no lugar certo para eles, em cima do coisa que protege do Sol, não sei o nome daquilo, e começo a seguir viagem. Noah olha para trás para ver se já estávamos longe o suficiente do guarda e começa a rir.

— Como eu tinha dito para a Fofa, eu nunca me diverti tanto como eu estou com vocês duas!

— Coitado do seu Júlio — Elis fala. — Ele é todo mandão e certinho. Diabetes no último grau, conseguiu, só com a alimentação, emagrecer uns 20 quilos e controlar o índice de açúcar. Mas acho que nunca o vi tão sem jeito para falar como essas últimas frases de vocês se agarrando dentro do carro. Hilário!

— Hilário vai ser o meu IPVA sem desconto, isso sim!

— Deixa de ser besta Su, o que é uma multinha de vez em quando?

— Sempre tem a primeira vez Fofa — Noah pega a minha mão do volante e aperta.

— Vocês dois vão ser a minha ruína — desabafo. — Tudo que a Elis não conseguiu fazer, tu vai completar Noah.

— Hey! Quem vê diz que eu te levei para o mau caminho — Elis fala como se estivesse ofendida.

— Não me levou, mas eu te salvei dele várias vezes — ela se anima.

— Lembra daquela vez que eu fui parar numa festa muito doida?

— Qual delas? — relaxo e começo a me lembrar de todas as loucuras que nós fazíamos na época da faculdade.

Foi um tempo bom que não volta mais. Sinto saudade dessa época, mesmo com pouco dinheiro no bolso nos divertíamos como loucas. Olho para o meu lado e vejo o Noah interagindo com a Elis, que conta algumas das loucuras que ela se meteu e eu tive que salvá-la. Bons tempos que eu guardo na memória com carinho, mas às vezes, por um motivo, alto, lindo e gostoso, me faz pensar que os tempos bons estão só começando.

Capítulo 20

— Chegamos! — Elis fala animada já saindo do carro antes mesmo de eu parar totalmente.

— Me assusta ver que ela ainda está viva assim — Noah fala quando vê a Elis correndo em direção à porta da casa.

— Desde que eu a conheço, já quebrou duas vezes o braço esquerdo — completo tirando a chave da ignição e suspirando.

— Como ela conseguiu isso? — ele me pergunta pegando o JB no colo, o coitadinho estava dormindo e merece um mimo por não ter aparecido quando o guarda nos abordou.

— Elis sendo Elis, uma vez foi na escada e a outra no banheiro tomando banho. Mas pelo jeito ela pode bater a cabeça, quantas vezes quiser, e com a maior força do mundo que ela não fica normal. Bem pelo contrário, cada vez pior pelo que parece. Pronto para descer?

— Confesso que vendo a Elis, tenho um pouco de receio para conhecer de onde ela veio — JB já está um pouco impaciente no colo do Noah e começa a latir para a janela.

— Também fiquei assim da primeira vez, mas depois percebi que a Elis tem por quem puxar, ainda mais pela sua avó... — abro a porta do carro e saio, vou até a porta de trás e retiro a caixa do Gato e coloco ele no meu colo.

— O que tem a avó dela? — Noah sai do carro e me pergunta espantado.

— Acho melhor tu conhecer ela primeiro depois conversamos sobre isso — JB parece que está tendo uma convulsão no colo dele, se mexendo para tudo que é lado, igualzinho a Elis dentro do carro quando precisava ir ao banheiro, de novo, depois daquele inconveniente encontro com o guarda. — E solta o coitado do cachorro, ele deve estar se mijando aí, pior que a Elis!

— Não tem perigo dele se perder? — ele solta o JB no chão que começa a cheirar tudo na sua volta até encontrar uns passarinhos em uma poça d'água e ir atrás deles.

— Nenhum, aqui é o único lugar que eu solto o Gato também — solto ele do meu colo que começa a caminhar lentamente pela grama.

Estamos na frente da casa em um mar verde de grama fresca. A casa é bem ao estilo antigo, pintada de branca com as janelas azuis. O dia pretende ser lindo, são sete da manhã e nenhuma nuvem no céu se arriscou a sair ainda. Parece uma visão do paraíso. Eu amo isso, desde o cheiro da grama ao ar puro que consigo respirar.

— É lindo aqui — Noah fala passando os braços pela minha cintura.

— Muito, me apaixonei a primeira vista quando vim aqui — passo as minhas mãos por cima das deles. Noah suspira e beija a minha cabeça. Ficamos assim por cinco segundos até que sinto uma coisa vibrando na minha... Bunda?

— Droga! — Noah me solta e pega o celular no bolso da calça e nem atende. Confesso que das primeiras cinco vezes que ele fez isso ao meu lado no carro, sim eu contei quantas foram, não me incomodaram, mas agora eu preciso perguntar alguma coisa antes que eu exploda.

— Algum problema? — ele está com os olhos no celular e digitando alguma coisa. Olho para ele e espero... O vejo sorrir olhando para o celular, eu fico com uma cara de idiota olhando para a cena e desisto de receber alguma resposta. Saio caminhando em direção a casa.

— Fofa, espera. Calma aí — ele fala e eu continuo andando sem me virar.

A porta se abre, bem no momento que o Noah chega ao meu lado, não dando tempo de ele conseguir falar alguma coisa.

— Pensei que estavam se agarrando pelos cantos de novo — Elis fala isso bem alto com os seus pais atrás dela. Que comece o feriado prolongado.

— Su — Agnes, mãe da Elis, é a primeira que vem me cumprimentar com um abraço apertado.

— Como está? E o Gato?

— Estou ótima. O Gato está solto pelo gramado. E vocês como estão aqui? — abro um sorriso tímido.

— O mesmo de sempre!

— Su — o pai da Elis, Hélio, me abraça quase quebrando as minhas costelas. — Cada vez mais linda!

— Obrigada Hélio. Vocês também, sempre os mesmos.

— Só mais cansados com a velha incomodando sempre — Hélio fala levando uma cotovelada da Agnes.

— Para de implicar com a minha mãe — resmunga.

— Ela que implica comigo e... — Ele olha para o Noah atrás de mim. — Esse rapaz deve ser o amigo de vocês duas — ele olha sério para mim e para a Elis.

— Pai — ela vai até o lado do Noah —, esse é o namorado da Su — PUTA QUE PARIU ELIS. Namorado? Meu Deus ela enlouqueceu. Subiu muito xixi para a cabeça, só pode.

Olho para o Noah que me olha, abre um sorriso e pisca. Elis o apresenta para os pais e eu vejo a Dona Eulália entrando na sala. Pensem em uma vovozinha de cabelos brancos toda meiga com os convidados, que faz todos o tipos de comida e não nos deixa sair da casa dela sem uns bons 5 quilos à mais. Ela é assim, só que na parte de meiga, nem tanto. Ah, e surda, como uma porta.

— Menina Gordinha — e ela me chama assim, já que não consegue me chamar pelo meu nome certo, ainda bem, ou por Su. Mas eu não ligo, deve ser a única pessoa que eu não dou bola, de maneira nenhuma, por me chamar assim, desde que ela faça aquele arroz de leite que me deixa babando só com cheiro...

— Dona Eulália — falo bem alto para ela escutar. — Como a senhora está?

— Como é? Fala mais alto Gordinha — ela chega perto de mim.

— COMO A SENHORA ESTÁ? — grito mais alto ainda.

— Ahhhhhh — pelo visto agora ela entendeu. — Ando com uma dores nas costas e o meu olho esquerdo vive tremendo, se o imprestável do marido da minha filha servisse para alguma coisa, me levaria em um médico decente para ver o que é isso.

— Su — Hélio chega ao meu lado. — Não dá bola para o que ela fala. Já levei ela nos melhores médicos da região e ela não acredita neles, não posso fazer nada. O VELHA, A ELIS CHEGOU — ele grita quase me deixando surda.

— Eu vi, sou surda, imprestável, e não cega — Dona Eulália responde a ele e vai em direção a Elis.

— Oi Vovó — Elis fala a abraçando. — Vem cá que eu quero te apresentar um rapaz.

— Vai ser o pai dos meus bisnetos? — pelo visto a Elis não estava brincando quando me contou que ela estava louca por um bisneto

— Não Vó, ele é namorado da Su, o Noah.

— Quem?

— Da menina Gordinha — Elis fala e olha para mim que dou de ombros rindo, não dela apresentar o Noah como meu namorado, tenho que chamar ela de canto para resolver isso, mas sim pelo fato do meu apelido.

— Elis até a menina gordinha tem namorado e tu não minha filha? E qual é o nome dele mesmo?

— Noah, Dona Eulália. É um prazer conhecer a senhora — Noah fala.

— Noé? — Dona Eulália fala olhando para ele.

— Pode ser... — Elis fala. — Ela não consegue chamar a Su pelo nome certo até hoje, nunca que vai conseguir falar o teu nome.

Dona Eulália começa a falar de todas as doenças que ela tem ou alguma conhecida tem para o Noah enquanto eu chamo a Elis para um canto da sala para resolver esse assunto de uma vez.

— Fala gata gostosa.

— Namorado Elis? Apresentou ele como meu namorado?

— Melhor que apresentar como PA amiga, imagina eu chegando em casa e dizendo “oi pai, esse aqui é o Noah o pinto amigo da Su!”.

— Não piora as coisas Elis, só amigo tava mais que bom. Agora ele vai pensar que eu to esperando isso dele e...

— E nada, relaxa, ele tá na tua e não é nem de quatro e sim se arrastando. Confia no teu taco que esse aí tu já fisgou.

— Para de me falar isso — quase começo a surtar com isso. Eu e o Noah somos.... Sei lá o que somos, mas namorado não.

— Não paro e deixa de ser boba. Te joga.

— E dou de cara no chão, só se for — cruzo os braços e bato o pé como uma criança de cinco anos mimada.

— Tu tá merecendo umas pauladas para acordar isso sim!

— Não estou não, tu quem merece por me falar essas coisas. Aliás, tu nem percebeu que ele ficou desligando o celular a viagem toda?

— Não vi nada por quê?

— Porque ele chegou ontem lá em casa falando ao telefone. E agora, antes de entrarmos, ele recusou uma chamada de novo e ficou digitando no celular. Perguntei se era algum problema e ele fingiu que não me escutou e ficou sorrindo para o celular como um besta.

— Ciúúúúúúúúmes! — Elis grita e a puxo ela antes que o Noah perceba que estamos falando dele, olho para ele que continua a conversar com os pais e a avó de Elis.

— Fala baixo Vaca. Não é ciúmes é só... — droga, não sei como falar o que eu estou me sentindo.

— Ciúmes. Admite — ela sorri para mim como se estivesse vendo uma coisa nova.

— Não é ciúmes, é que eu não quero desconfiar dele, entendeu.

— Ciúmes — alguém me segura antes que eu bata nela.

— Elis eu juro que vou te afogar no riacho se tu não parar.

— Certo, se tu não admite, não posso fazer nada. Relaxa Su, para de ficar pensando demais nas coisas e aproveita o momento. Agora eu vou lá salvar ele antes que a minha avó comece a falar das trocentas cirurgias dela e de como o meu pai é um imprestável e não serve para a minha mãe.

Elis sai com a Dona Eulália para a cozinha e a Agnes me pede para mostrar o nosso quarto para o Noah. Pelo visto a Elis avisou que nós vamos ficar juntos. Maldita Elis.

Saímos para o carro, e eu continuo em silêncio olhando para a frente sempre.

— As ligações não são nada, certo? Só uma pessoa me incomodando e eu disse que ia estar viajando esse fim de semana.

— Não precisa me falar se não quiser — finjo que não dou bola.

— Preciso sim, se fosse tu recusando chamadas assim, já tinha pegado o teu celular para ver quem estava fazendo isso — chego ao carro e abro o porta-malas e pego a minha.

— Não teria coragem de fazer isso — eu nunca teria coragem de fazer isso com o celular dele. E se ele fizer isso com o meu eu mato ele é ainda esquartejo.

— Claro que teria, não sei como tu não fez isso ainda — ele pega a mala dele e eu fico na ponta dos pés para tentar pegar a porta do porta-malas e ele mal levanta o braço e fecha para mim.

— Não queria não — dou meia volta e começo a caminhar, só que ele me puxa para seus braços.

— Queria sim, eu vi o fogo saindo da tua respiração e não te respondi de propósito por que essa tua carinha de brava assim, me deixa louco. E eu gosto do perigo, ainda mais se quem vai me atacar é tu Fofa — Noah sorri maliciosamente para mim.

— Idiota — eu disse que agia como cinco anos? Mudei para três agora.

— Quanto mais tu me xinga, mais louco eu fico — Noah me puxa fazendo eu derrubar a minha mala no chão. — Agora chega dessa tortura e me beija.

— Não vou te beijar aqui no meio do gramado deles — Noah me solta e eu me abaixo para pegar minha mala e ele se aproveita para me dar um tapa na bunda. — NOAH!

— Não grita e vamos para o quarto que agora eu estou louco e frustrado. Caminha mulher!

Deixamos as nossas malas em um dos sete quartos da casa, todos com banheiro. A casa é gigante, era de uma família antiga com vários filhos, Elis me contou a história dela. Depois de um dos herdeiros perder a parte da herança com jogos, ela foi a leilão e o seu pai conseguiu comprar a preço de banana a uns vinte anos atrás. O início foi difícil à reforma de tudo e adaptação deles para saírem de um apartamento pequeno para essa monstruosidade. Além de gigante, ainda tem a parte do quintal onde fica os estábulos e galpões para os animais ficarem, que eles foram construindo aos poucos.

Depois que consegui me livrar do Noah no quarto e me trancar no banheiro para trocar de roupa, vamos até sala, onde tem uma mesa gigante para o nosso café.

— Caramba — Noah fala atrás de mim, vendo a mesa que foi posta para nós. Elis está sentada em uma cadeira.

— Não disse que a minha avó ia deixar o café pronto para nós? — ela fala já começando a se servir.

— Para nós e quantos mais? — Noah pergunta correndo os olhos em tudo que a mesa tem.

Eu já estou completamente salivando aqui. O cheiro de café passado recentemente e de leite tirado na hora fazem o meu estômago terem uma convulsão de antecipação. Pão caseiro, mel, pão de queijo, cuca de goiaba, queijo feito em casa e uma jarra de suco natural de laranja.

— Eu disse que ela é exagerada. Agora se sentem e comam o máximo que puderem antes que ela venha aqui e comece a falar que na casa dela ninguém come direito e ficam todos parecendo uns paus de virar tripa.

— Isso aqui é uma perdição — falo me sentando. Cinco quilos dessa vez vai ser pouco para mim. Pego um pão de queijo e mordo e quase morro ali mesmo. — Bem que tu poderia aprender a fazer pão de queijo como a tua avó Elis! Esse aqui tá de outro mundo.

— Não gosto de pão de queijo, enjoiei só do cheiro de tanto que comi quando era pequena — ela fala comendo um pedaço de cuca e com a goiabada escorrendo. — Droga.

— Come direito criança — Dona Eulália chega na porta com uma bacia de biscoitos.

— Tá quente Vó — Elis fala pegando um guardanapo e limpando a bagunça.

— Não fala de boca cheia na frente das visitas também. É bem filha do teu pai mesmo — e sai porta a fora excomungando o seu Hélio.

— Por que a tua avó sempre fala mal do teu pai? — Noah pergunta ainda olhando para as coisas da mesa sem saber por onde começar, já eu estou com o prato cheio e quase pegando outro para colocar mais coisas.

— Hum — Elis toma um gole do seu café com leite e começa a falar — minha avó nunca foi a favor do casamento deles, e piorou ainda, quando a minha mãe começou a trabalhar junto com o meu pai. Para ela lugar de mulher é na cozinha e cuidando dos filhos, e com eu sou filha única, mais um motivo para ela implicar com ele o tempo todo. Mas entre tapas e beijos eles se amam, no fundo, bem fundo mesmo.

— Na real — pego um biscoito, como, e começo a falar — chega a ser hilário escutar eles brigando. Os apelidos então...

— Imprestável, traste... e os da minha avó, velha, mandona, caduca...

— Nossa! — Noah exclama e Elis começa a falar histórias da família dela.

Terminamos de comer, e nem foi a metade do que estava na nossa frente, e eu já posso voltar rolando para casa como uma bola, de tanto que comi. Calma Su que a ainda é a primeira refeição aqui, ainda tem hoje, amanhã e depois.

— De quem é essa fofura aqui que estava correndo atrás de passarinho? — Agnes entra na sala com o JB no colo que quando vê o Noah fica louco para ir para o chão.

— Desculpa Agnes — Noah fala sem jeito enquanto coloca o JB no chão que vem correndo em sua direção, todo sujo de terra e lama. — Esse arteiro aqui é o Jelly Beans, mais conhecido como JB.

— Capaz, daqui a pouco tu vai ver os 17 que tem aqui em casa. Esse aí não faz nada perto dos meus — o Gato entra lentamente dentro de casa com a sua bunda gorda e se senta no meu colo.

— Su ele ainda está gordo demais, não está dando a ração Light dele que eu passei?

— Estou Agnes, mas alguém hoje de manhã caiu no conto do Gato de Botas pidão e deu ração a mais para ele — olho para o Noah que está evitando fazer contato visual comigo.

— Sim, se essa mesma pessoa não parar de dar comida ao JB ele vai para o mesmo caminho do Gato — Agnes fala.

— Eu disse que ela ia me xingar por tua causa — Noah olha para mim e levanta as mãos em sinal de rendição.

— Não posso fazer nada se eu sou vencido por eles — ele tenta se explicar e a Agnes começa a falar do risco com a obesidade dos animais.

— Então Su, já pensou na castração do Gato? — ela se volta para mim.

— Vai desbolar o Gato mãe? — Elis comendo mais um pedaço de cuca e a goiabada escorrendo pelos seus dedos fala. Isso parece bom, vou pegar mais um pedaço de cuca, ou dois.

— Não! — Noah fala antes que eu pudesse começar a falar alguma coisa. — Não vai fazer isso com ele não!

— Por quê? — pergunto vendo essa reação exagerada dele.

— Ora porque, onde já se viu castrar o coitado. Isso é... Isso é horrível! — Elis começa a rir como uma hiena.

— Noah — Agnes começa a falar calmamente. — Castração é super-recomendada e sem nenhum perigo para o animal nos dias de hoje. Só traz benefícios para o dono e o bicho.

— Mas mesmo assim, só de pensar em cortar as... — ele faz uma cara estranha, impossível de não rir.

— Ele não vai sentir falta Noah — falo. — Só para lamber eu acho.

— Mesmo assim Fofa, isso não se faz com gatos, e em nenhum animal, ainda mais se for macho é desumano e...

— Machista! — Elis fala jogando um biscoito nele. — Noah. Tu é machista?

— Elis, para de jogar comida nos outros.

— Mãe, ele acabou de falar como um machista, queria jogar um tijolo na cabeça dele, mas só tinha biscoito.

— Elis vai ajudara a tua avó — Elis sai bufando e marca o Noah com os olhos como se quisesse matar ele com isso.

— Desculpa Noah, minha filha é meio...

— Impulsiva, louca, desmiolada... — falo para Agnes rindo.

— Um pouco de cada Su, mas tu já está acostumada não é? — confirmo com a cabeça pegando mais um maldito biscoito junto com a cuca. — Noah, voltando ao caso da castração — ele geme.

— Deixa os animais mais calmos e eu ia te sugerir isso para o JB daqui uns meses. É uma mudança e tanto no comportamento dele.

— Mas corta tudo? — ele pergunta, e pela cara, eu acho que está imaginando a cena.

— Sim. Totalmente sem riscos nenhum — Agnes sorri para acalmar os ânimos do Noah.

— Acho que ele não gostou da ideia Agnes — falo. — Mas acho que o Gato já é calmo demais mesmo sem ser castrado, tenho medo que ele entre em coma por passar o dia todo dormindo se nós fizermos isso nele.

— Capaz Su. Ele fica assim porque está acima do peso. E tu mima demais, para de ficar fazendo as vontades dele que ele começa a ficar mais ágil — Gato ronrona no meu colo como sem quisesse me dizer “não escuta ela e continua a me amar como se eu fosse a única coisa importante na tua vida!”

— Eu sei, mas como disse o Noah, como resistir a ele? Ainda mais quando ele ronrona assim — levanto ele como um bebê deixando na altura do meu rosto e começo a falar como uma retardada.

— Não é coisa fofa da mamãe!

— Viu só. Continua a fazer isso com ele e eu te tiro ele. — Agnes fala rindo. Gritos da cozinha nos fazem olhar os três ao mesmo tempo para aquela direção. Agnes pede licença e sai para a cozinha ver o porquê que a Elis está gritando como uma doida com a Dona Eulália.

Noah larga o JB no chão que vem em minha direção cheirar o Gato. Largo ele no chão que deixa ser cheirado por instantes e dá um tapa no focinho do JB que começa a espirrar e começa a correr como um doido atrás do Gato.

— Tu vai fazer isso mesmo com ele? — Noah me pergunta.

— Não sei ainda. Algum problema com isso? — cruzo os braços em cima da mesa e faço uma cara interrogativa.

— Qual é Fofa, vai cortar as bolas do coitado? Não faz isso com ele — Noah geme e se atira na cadeira com uma cara de coitado.

— Como se ele usasse — bufo.

— Mesmo assim. Eu não cortaria as bolas do JB. Nunca.

— Deixa ele começar a montar na tua perna e se engatar. Aí quero ver tu não mudar de ideia.

— Compro uma cachorra inflável para ele. Diversão o dia todo — ele dá os ombros.

— Isso não existe Noah — falo rindo.

— Menina gordinha — Dona Eulália aparece e vem em minha direção. — Leva o Noé para dar comida para as galinhas lá atrás. Acordei com uma dor nas costas e não pude caminhar até lá. Vai com ele para mim, minha filha, vai.

— Claro Dona Eulália — respondo me levantando.

— O que foi minha filha? — ela me pergunta colocando a mão em concha no ouvido para escutar melhor.

— EU VOU SIM — falo pausadamente.

Puxo o Noah por uma mão e começamos a sair para a cozinha em direção à porta dos fundos. A cozinha, como a casa toda, é gigante. Um fogão antigo com oito bocas, um a lenha, diversos armários e prateleiras cheias de panelas de tudo que é tamanho. Algumas já no fogão preparando alguma coisa para o almoço ou até mesmo para o café da tarde. Elis está lavando a louça e começa a falar quando nos vê.

— Acredita que ela me disse para eu pedir para o Noah me apresentar alguns amigos? — indignada, quase quebra um prato lavando.

— Por isso vocês estavam brigando? — Noah pergunta olhando por cima de uma panela, o que estava ali dentro.

— Não estava brigando, só falando que eu não estava procurando ninguém. Ai ela me perguntou se eu tava virando uma moderninha.

— Como assim moderninha? — pergunto.

— Ela anda assistindo novela e tem um casal de lésbicas e ela me perguntou se eu estava virando uma — Noah solta uma risada.

— Tua avó tá muito moderna Elis. E aí tu explicou para ela que tu não era — falo tentando segurar o riso.

— Tentei, ela me disse que não tinha problema, mas que pelo menos eu arranjasse um para me engravidar e depois eu poderia virar o que eu quisesse, porque uma neta de uma amiga dela da igreja tinha um filho, mas namorava uma mulher. Que por ela, não tinha problema isso — ela vira para a pia e recomeça a lavar a louça. — Vê se eu posso com uma coisa dessas? Posso ser lésbica, mas tenho que deixar de ser por uma noite para engravidar! Eu mereço isso.

— Hilário tudo isso — Noah fala.

— Cala a boca machista. Ainda não esqueci esse teu episódio na mesa ainda — Elis aponta uma faca cheia de espuma que ela estava lavando.

— Dá para as crianças pararem? Vamos Noah, que temos que colocar comida para as galinhas ainda — o empurro até a porta antes que quem acabe castrado seja ele.

— Boa sorte Clichezinho com as malditas bicadoras — Elis grita da cozinha rindo.

— Como assim malditas bicadoras Fofa? — assustado ele fala me olhando com aqueles olhos azuis um pouco maiores do que o normal. Aviso ou não que as galinhas daqui são meio

doidas e dão bicadas em tudo que se mexe na frente delas? Acho que não, vou dar uma de má.

— Sem estresse, vem — pego a mão dele e o puxo até um dos celeiros.

O celeiro das galinhas é um dos primeiros que se vê quando se sai da casa. Passamos por uma parte cercada onde havia alguns cavalos pastando. Lindos, mas eu tenho um medo daqueles deles, talvez seja pelo fato de que eu tenho pena, vá que eu monte em um e arrio o coitado. Entramos no celeiro e umas vinte galinhas começam a vir nas nossas pernas, começando a bicar as nossas pernas.

— Jesus! — Noah começa a tentar se desvencilhar das galinhas e eu saio correndo, driblando elas, em busca da comida para acalmá-las. Ouço algumas começarem a cacarejar mais alto.

— Não chuta elas — aviso antes que ele me invente de matar alguma para servir de exemplo para as outras.

— Não tô chutando, não tenho culpa que elas não me deixam caminhar. Elas vão me comer vivo Fofa — uma dá uma voadinha por perto dele fazendo ele gritar e subir em um pacote de feno que tem lá.

— Fiasquento, vem aqui me ajudar de uma vez — grito tentando puxar o saco que está pesado.

— Daqui eu não saio antes que esses bichos se acalmem. Ai porra, uma bicou a minha perna.

— Me ajuda aqui Noah! Senão tu vai ficar aí para sempre — Noah geme e desce de onde estava, para o ferver das galinhas.

— Não acredito que a minha morte vai ser por galinhas — uma dá um grito. — Acho que matei uma agora esmagada. Ai! Isso dói para cacete — ele chega ao meu lado e me ajuda a pegar o saco de comida. Não sei como a Dona Eulália faz isso todos os dias, é pesado demais. — Porque elas não pulam em ti? — uma voa na minha frente e dou um grito.

— Talvez elas já me conheçam, não tô fazendo um fiasco pior do que o da Elis e talvez, elas saibam que tu não gosta muito delas.

— Quem disse que eu não gosto delas? Parem de me bicar — Noah pisa em mais uma que solta um grito e sai voando. — Ainda mais no meu almoço — abrimos o saco e uma galinha voa para dentro do saco. Pego ela por uma asa e atiro longe a coitada.

— Credo Noah — pego um punhado e atiro no chão fazendo umas pularem em cima das outras como se estivessem morrendo de fome, parecem o Gato.

— Verdade. Tem uma aqui que encarnou em mim, e uma pulou numa área altamente sensível aqui em mim — Noah se contorce todo tentando se proteger dos ataques.

— Pega a ração e atira nas galinhas que elas param de pular em ti!

Noah, completamente sem jeito, pega uma mão cheia e atira, quase um quilômetro longe das galinhas espalhando por tudo que é lado.

— Tá de brincadeira comigo não é? — falo olhando para ele que faz isso, de novo.

— O quê? To atirando para as galinhas — fala não sabendo agora se atirava ou se desviava de uma.

— Longe só se for. Não é assim Noah. Presta atenção antes que elas recomecem a te atacar — Pego um punhado do saco e mostro o jeito certo de alimentar as bicadoras malditas. — Viu, é só atirar nas galinhas. Entendeu?

Noah faz que sim e pega de novo um punhado de ração. Faz a primeira vez certo e começamos a alimentar os monstros juntos. Até que ele pega com as duas mãos e atira em mim.

— Mas que droga é essa Noah? — falo tentando tirar a ração de mim, até dentro do meu sutiã tem.

— Tu não mandou eu jogar nas galinhas, foi o que eu fiz!

— Tu me chamou de galinha? — olho para ele com o meu nível de raiva subindo a mil. Óbvio que ele começa a rir.

— Não, Fofa, imagina! — irônico.

— Tu acabou de me jogar ração de galinha e de me chamar assim Noah — largo a ração e caminho em direção a ele, que caminha de costas até bater em um engradado de feno e cai sentado.

— Ficou bravinha é? — ele me puxa pela cintura e eu caio em cima dele. Em um único movimento ele inverte a nossa posição e eu fico prensada entre o feno e ele. Noah aproveita a minha impotência debaixo dele e aproveita para prender os meus braços em cima da minha cabeça com as suas mãos. Começa a passar o cavanhaque dele do meu pescoço até chegar ao meu ouvido e geme.

— Humm, minha Fofa ta bravinha.

— Bravinha não. To puta isso sim, tu me chamou de galinha e atirou ração em mim. Queria o quê? Que eu me derretesse toda com essa declaração de afeto? — tento me soltar e não consigo.

— Verdade, queria tu assim mesmo. Só assim para conseguir te roubar um beijo no meio de um celeiro cheio de galinhas assassinas — começo a me mexer debaixo dele. — Cuidado que tu pode acertar o que não deve aí.

— Me solta Noah — ele me prende mais forte do que antes, estou uma mistura de feno com ração de galinha.

Consigo soltar uma mão e começo a empurrá-lo, que começa a usar artilharia pesada, me beijando e usando a mão que eu soltei para passear pelo meu corpo. Noah solta a outra mão e encontra o caminho da minha boca e eu começo a me render aos poucos. Passo os meus braços por seu pescoço e aprofundo o beijo, sinto ele gemer e prensar as nossas pelves juntas, até que uma galinha pula em cima do feno ao nosso lado.

— Quando não é o Gato é uma galinha? — Noah pega a coitada por uma pata e atira longe fazendo ela dar um cacarejo estranho e eu começo a rir a ponto de chorar.

Ele sai de cima de mim, se deita ao meu lado e começa a rir também, sua mão segura a minha enquanto eu viro o meu rosto para encontrar o dele. Nos encaramos por alguns instantes

até não conseguirmos mais segurar e voltamos a rir até as lágrimas rolarem. Noah me puxa fazendo com que eu deite no seu ombro. Nesse movimento, percebo que ainda estou pura ração de galinha dentro da roupa.

— Quando os meus filhos nascerem, ainda vou estar tirando ração de galinha dos meus peitos — enfio a mão no meu decote tirando um punhado.

— Não vou deixar isso acontecer, eu tiro tudo antes — ele ri.

— Convencido — Noah beija a minha testa e solta um suspiro.

— Se nem faz uma manhã que estamos aqui já foi essa loucura, imagina o que vai ser até domingo.

— Quer ir embora? — pergunto um pouco receosa com a sua resposta. Mesmo sabendo que isso ia ser uma loucura daquelas, ainda quero passar o fim de semana aqui com ele ao meu lado.

Estar com o Noah aqui comigo, deitados no meio do feno com um monte de galinhas a nossa volta, me fez perceber que eu ficaria feliz ao seu lado em qualquer situação que poderia nos aparecer. As minhas vozes internas divergem quanto ao sentimento que se instalou em mim. A da razão, que sempre está pensando pelo lado responsável e que mede as minhas atitudes e suas consequências, olha para a minha da liberdade que está a todos pulmões gritando: estou me apaixonando pela primeira vez na vida. Em contragosto, a outra voz está com uma cara de quem está vendo um futuro de arrependimentos e um possível coração em pedaços. E eu? Estou no meio disso mais perdida que cega em tiroteio.

Noah me abraça e me faz voltar para realidade.

— Nem pela melhor festa do mundo. Não trocaria um monte de galinhas assassinas, a vó da Elis me chamando de Noé e contando das doenças delas, a Elis ameaçando me castrar e, a melhor parte de todas, ela me apresentando como teu namorado — merda, sabia que ele ia tocar nesse assunto. Respiro fundo, começo a me levantar e a falar.

— Sobre isso... — Noah se levanta junto e acabamos sentados, um olhando para o outro — eu já falei com a Elis sobre isso. Ela disse que era mais fácil do que te chamar de PA na frente dos pais dela.

— PA Fofa? — ele coloca a mão no coração e faz uma cara de sofrido. — Pensei que eu fosse mais que isso para ti — alguém andou faltando as aulas de teatro na adolescência. Começo a rir.

— Acho que o pai da Elis não deixaria tu chegar perto daqui se ela dissesse isso — falo rindo e o Noah me olha sério.

— Su, estou falando sério — paro de rir. — Eu não me importo de ser chamado como teu namorado, acho que teoricamente já somos. O que acha da ideia Fofa, oficializar isso?

— Isso é um pedido de namoro no meio de um celeiro com um monte de galinhas na volta? — Noah ri e me puxa para um abraço.

— Não quis ser clichê e fazer um pedido normal. E aí, aceita ou posso pegar o JB e ir para um bar encher a cara, porque a mulher que eu quero não gostou do meu pedido de namoro

no meio das galinhas e feno.

— Isso é sério? — começo a rir, nunca imaginei que o meu primeiro pedido de namoro seria assim e ainda eu cheia de ração de galinha e feno no meu cabelo.

— Mais sério do que nunca — Noah fala sério me olhando profundamente, fico encantada com isso que esqueço de responder. — Tu está querendo me matar com essa espera ou é só para zoar da minha cara?

— De professora anti-clichê a tua namorada, acho que é um salto muito longo — ele revira os olhos para mim e pega a minha mão.

— Vamos lá Fofa. Tu sabe que eu não vou desistir disso até tu me falar um sim bem alto para todo mundo ouvir. Namorados? — ele abre um sorriso safado. Das duas uma, ou eu falo que sim e ele me deixa em paz, ou, falo que não, e ele passa a me incomodar até que eu mude de opinião.

— Certo Noah, Estamos namorando então — reviro os olhos debochando de tudo isso.

— Pensei que no meu, mais inusitado pedido de namoro, ia ser rejeitado — ele me abraça quase me esmagando. — Minha teimosa.

— De galinha passei a teimosa agora? Ai! — Sou empurrada no feno de novo e ele monta em cima de mim.

— Fofa, galinha, teimosa e agora minha namorada — Noah me beija.

— Clichezinho, idiota e... namorado? Esqueci de algum apelido? — ele ri.

— Galo, não? Já que tu é a minha galinha?

— Tá convencido demais para o meu gosto. Não quer um namorado convencido.

— Eu te convenço, não seja por isso — Noah começa a me beijar novamente e uma maldita galinha sobe em cima dele e ele se senta. — Puta merda, eu juro que vou levar essa maldita galinha para a panela. — Ele levanta e me puxa por um braço. — Vamos para um lugar onde nenhuma coisa com pena possa nos atrapalhar.

Ele me puxa de um jeito como se fosse a missão de salvar a terra. Sei que essa encenação não passa de uma brincadeira pelo o que a Elis disse aos pais, mas no fundo, bem lá no fundo, eu adoraria na vida real, ter ele como meu namorado. Mas enquanto isso, vou aproveitando essa brincadeira de fim de semana. Minha voz alegre grita a todos os pulmões e acrescentou alguns coraçõezinhos que flutuam a sua volta, e a outra voz, dá um meio sorriso e isso me acalma um pouco.

Capítulo 21

Espelho, eu sei que tu não gosta de mim, e, muito menos, eu gosto de ti, então, vamos cortar relações agora!

Depois do almoço, um arroz carreteiro, que eu comi demais e o arroz de leite da Dona Eulália, parei de contar depois do segundo pote servido, Elis inventou que temos que ir para o riacho. Ela diz que precisa pegar uma cor porque daqui a pouco vai ficar parecendo um fantasma de tão branca. Por mim ficaria o dia todo dormindo ou sentada vegetando na sombra.

Noah está todo animado, de bermuda e camiseta branca batendo na porta do banheiro do nosso quarto me apressando.

— Vamos Fofa! Caiu dentro do vaso? — Ele bate mais uma vez enquanto eu me vejo no espelho como uma baleia orca de maio preto.

— Se eu coubesse dentro do vaso não seria uma má ideia. — Falo para mim mesma baixinho.

Ouçõ o seu telefone tocando e ele praguejando, pelo menos me esqueceu. Tempo para o plano Su. Coloco uma camiseta larga e uma bermuda e não vou entrar dentro d'água. Simples e perfeito.

Noah bate mais uma vez na porta e dessa vez eu a abro.

— Já estava indo arrombá-la — ele cruza os braços sobre o peito e me olha de cima a baixo. — Algum problema?

— Nenhum — passo por ele e vou até a minha mala para pegar o protetor solar e uma piranha para prender os cabelos. — Vamos?

— Primeiro as damas. — Ele abre a porta do quarto e sai da frente para eu passar.

Saímos em direção à cozinha e vemos a Elis com a Dona Eulália, brigando.

— Mas vó, eu não tô pelada! — Elis coloca as mãos na cintura. Teoricamente ela não está pelada e sim de shortinho e a parte de cima do biquíni vermelho.

— Claro que tá. Por isso ta solteira! Parece uma oferecida, minha filha — Dona Eulália pega uma camiseta, das que ela está dobrando, e entrega para a Elis. Ela pega a camiseta com o símbolo do sagrado coração de Jesus e olha para nós na porta rindo da cena.

— Eu mereço — ela fala baixo e coloca a camiseta.

— O que foi minha filha?

— Nada vó, to falando com a Su ali na porta — Elis se olha com a camiseta batendo quase nos seus joelhos e gigante.

— Viu, a Gordinha ta vestida decente e tem namorado. Tu não, porque fica se mostrando demais — Elis revira os olhos e pega uma toalha.

— Tá bom vó, vou usar mais roupa e casaco no verão e pode ser que o Noé me

apresente um amigo dele.

— Isso aí — Dona Eulália pega uma cesta em cima da mesa e entrega para o Noah.

— Levem um lanche para o riacho para não ficarem com fome até a janta.

— Não precisa Dona Eulália — ele fala pegando uma cesta de piquenique gigante. — Acho que não vou sentir fome por uns três dias.

— É só um lanchinho, levem — Noah abre a cesta.

— Jesus Cristo, tem comida aqui para uma semana — me aproximo para ver a quantidade absurda de comida para nós três que tem na cesta, praticamente o que não comemos no café da manhã.

— Eu disse que vir para cá era uma perdição e saímos com no mínimo 5 quilos a mais — dou de ombros e saímos para o riacho.

A caminhada até lá dura cerca de quinze minutos. Seguimos a trilha por entre os celeiros. Vemos o JB brincando com um dos cachorros da propriedade e o Gato sentado olhando tudo como se estivesse mentalmente pensando em quais animais daqui ele poderia recrutar para o seu plano de dominar o mundo. Uma galinha cisca perto da trilha e o Noah passa quase que imediatamente para o outro lado para não ter problemas daquela ali atacá-lo.

— Olha ali as primas da Su — Elis aponta para um pedaço cercado de pasto onde duas vacas estão paradas.

— Hey! — Falo. — Tão mais para as tuas primas. Aquela ali sim — aponto para outra isolada —, parece comigo.

— Porque ela ta isolada? — Noah pergunta voltando a caminhar ao meu lado e carregando a cesta.

— Acho que ta prenha — Elis caminha até ela. — É, ta prenha sim. Olha o tamanho das tetas da coitada.

— Vai ser eu quando sair daqui — chego mais perto.

— Prenha? — Elis fala com a maior naturalidade fazendo o Noah se engasgar.

— Credo Elis, vira essa boca para lá — ela solta uma risada e um sorriso sacana.

— Do jeito que vocês dois estão se agarrando por aí, eu não duvido nada. Ou acham que eu não percebi o cabelo do Noah com feno e pena da galinha quando vocês dois voltaram?

— Foi um acidente — falo tentando explicar.

— Sei, muito me acidentei por aqui. Especialmente no celeiro onde ficam as ferramentas.

— Elis vê maldade em tudo — Noah fala. — E sempre tem uma saída genial para essas situações. Incrível isso.

— Nada Noah, com o tempo a gente aprende a se virar no improviso — certo, chega desse assunto. Sei que a Elis não tem papas na língua e se eu deixar eles vão começar a trocar figurinhas e experiências e digamos que eu ainda não tenho muito que falar perto desses dois

sobre isso.

— Voltando ao assunto da vaca... — os dois param e me olham. — É desse tamanho que eu vou sair daqui se a tua avó não parar de nos socar comida!

— Verdade — Elis fala. — Depois dessa visita vou ter que voltar a fazer academia. E eu detesto isso.

— Acho que vou ressuscitar a minha bike, a coitada está lá atirada na garagem do fusca.

— Eu já faço academia todos os dias praticamente. Mas as comidas da tua avó são ótimas Elis.

— Todos os dias? — Elis olha para ele como um ET. — Como tu consegue?

— Hábito — ele dá de ombros e voltamos a caminhar deixando a vaca prenha dando um mugido alto e fazendo o Noah olha para trás assustado com medo da coitada da vaca vir atrás dele.

— Não te preocupa que o meu pai disse que desse fim de semana ela não passa, então não tem como ela vir correndo atrás de nós — ele solta a respiração e se acalma. — Ta com medo de uma vaca Noah?

— Depois do ataque das galinhas, qualquer coisa que chegue perto de mim é ameaçador.

— Su, lembra dos bodes que tinha aqui? — como esquecer daquele episódio, ficamos o fim de semana dentro de casa com os bichos soltos e querendo dar chifrada em todo mundo.

— Lembro — começo a rir com a cena da Elis correndo para dentro de casa com um bode correndo atrás dela mirando a sua bunda. — Foi o fim de semana mais bizarro da minha vida.

— Verdade! Passei uma semana sonhando que tinha um bode correndo atrás de mim.

Elis começa a contar a história dos bodes endiabrados que apareceram aqui. Depois desse episódio tiveram se que livrar deles e o seu pai jurou que nunca mais ia pegar um bode na vida.

Chegamos ao riacho conversando e rindo como três adolescentes bêbados. Elis já é uma maluca sozinha, com o Noah dando corda é mil vezes pior. O riacho é uma porção de água que ficou deslocada para dentro da propriedade, do rio local. Em volta tem diversas árvores e algumas pedras, não é muito fundo, mas para mim quase não dá pé se ficar muito no longe da borda. Dependendo da época do ano, a água fica cristalina a ponto de conseguirmos enxergar o fundo dele. Às vezes, até uns peixes aparecem perdidos por aqui, e dá um medo gigante quando do nada tu sente um passando pelas pernas da gente.

Deixamos a cesta e as toalhas em uma das sombras das árvores e eu fico olhando eles tirando a roupa. Elis fica só com um biquíni vermelho e o Noah só de bermuda.

— Vamos? — ele me estende a mão enquanto a Elis se atira na água como uma criança, jogando água em tudo que é canto.

— Acho que eu vou ficar aqui só observando — me sento em uma pedra e ele fica olhando para mim.

— Qual é Fofa?! Vamos! Vai ficar ai parada a tarde toda?

— Eu trouxe o meu celular — pego ele no bolso de trás da minha bermuda e mostro para ele. — Não tem internet, mas eu posso ficar jogando nele se eu ficar entediada — sorrio para ele rezando que ele acredite. Na real eu não quero tirar a roupa na frente deles. Não da Elis, falando sério, ela sabe como eu fico de maiô, uma baleia orca filhote, mas se eu puder evitar que o Noah veja e se apavore com isso, já é alguma coisa.

Ele insiste mais um pouco e desiste. Vejo ele se virando e admiro as suas costas. Às vezes tenho medo de acordar no meio da noite e perceber que tudo isso não passa de um sonho. Na época em que eu morava com a Regina e o meu tio, sempre quando alguma coisa boa acontecia comigo, que fosse uma música que eu conseguia tirar sozinha ou uma nota boa na escola, chegava em casa feliz e espalhando para todo mundo. Regina vinha em minha direção, dizendo que isso não era nada, que eu era um peso na vida deles, que não via a hora deles se cansarem e me colocarem num orfanato. Eu saía para o meu quarto chorando e pensando, que um dia alguém ia cuidar de mim e dizer que eu era importante para ela.

Agora tudo mudou, de um jeito que me deixa assustada e esperançosa demais. A ponto de a qualquer minuto alguma coisa acontecer e destruir o que eu tenho. Quando sai de casa, fiz a promessa que nunca mais ia chorar na minha vida. Por nada. E sim levantar a cabeça, não deixar nada me abalar, não devo, e nem posso, me deixar ficar assim. Sempre fiz tudo planejando dois passos a frente de onde eu estava.

Elis chega até mim e eu entrego uma toalha. Noah continua a nadar de um jeito que parece profissional. Dou espaço na pedra onde estou sentada e ela se senta ao meu lado.

— Algum problema? — Pergunta.

— Nenhum, só pensando na vida.

— Pensar gasta neurônios demais Su. Quantas vezes eu já te disse isso.

— Eu sei é só que vendo tudo isso... — solto um suspiro. — eu fico com medo.

— De quê? — Elis me olha.

— De tudo. De todos. Não posso me sentir assim, tu sabe disso.

— Tá falando dele? — E olha em direção ao Noah. Aceno que sim, nunca fui boa de falar dos meus sentimentos para os outros. Mas chega uma hora que nem os mais fortes aguentam ficar com as coisas para si.

— Eu estou... — fecho os olhos e Elis termina a frase por mim.

— Se apaixonando por ele? — confirmo soltando um suspiro melancólico. Ouvir ela falando, dando nome aos meus sentimentos, foi um tipo de tapa na cara. Me acordando para a realidade.— E qual é o problema disso? Se apaixonar é legal Su. Não é um problema em se apaixonar. Eu faço isso seguido e...

— Se rala lindamente? — completo o pensamento dela.

— Também — ela ri. — Mas porque eu geralmente corro atrás do cara errado.

— Se eu ficar como tu prefiro não me apaixonar então — enlouqueceria a ponto de querer me atirar da janela.

— Deixa de ser boba Su!

— Boba? Meu Deus Elis. Uma vez tu quase se atirou da janela do teu apartamento que eu tive que te puxar pelos cabelos — ela ri.

— Eu lembro, fiquei com dor de cabeça por uma semana quase. Mas tirando isso — ela balança a cabeça como se esquecesse aquele episódio —, é ótimo. Confiar em alguém, ter companhia para tudo e que te apoia.

— Mas não é o meu caso Elis, olha a diferenças entre eu e ele. São gritantes — Elis faz uma cara estranha e eu começo a explicar a confusão que se passava na minha cabeça. — Rico, lindo, gostoso... — ela ainda olha para mim sem entender e eu reviro os olhos querendo bater a cabeça dela na pedra onde estamos sentada. — E eu sou o contrário de tudo isso. No momento que esse encanto dele passar tu acha que ele vai continuar comigo? Vai correr para a primeira modelo que cair em cima dele. E eu? Fico como nessa? Sem nada — termino de falar com um suspiro.

— Su... — Elis pega uma mecha do meu cabelo e coloca atrás da minha orelha, evito olhar para ela e fico olhando para frente — não fica pensando nisso. Não faz bem para ti e nem para a relação de vocês dois. O Noah não te pediu em namoro em meio às galinhas? — Solto uma risada irônica.

— Foi de brincadeira, e eu entrei na onda e disse que aceitava para ele não ficar me incomodando com isso.

— Não pareceu de brincadeira quando ele me contou antes do almoço com um sorriso bobo nos rosto e os olhos brilhando — olho para ela que sorri para mim. — Eu aguento ele falando de ti o dia todo pelo celular. Chega a ser chato às vezes, mas ele gosta muito de ti, arrisco até dizer que ele está apaixonado também, tu só tem que aceitar. Eu sei que é uma mudança completamente radical na tua vida tudo isso, se abrir para alguém não é fácil, ainda mais para ti que já sofreu tanto com a Cruela te jogando para baixo — não falo nada, fico só escutando. — Mas tu tem que mandar embora essa vozinha interior que fica te mandando esses pensamentos negativos. Vai com calma, um dia de cada vez.

— Mas e se... — ela agita os braços na minha frente.

— Só me responde uma pergunta, ok?

— Qual Elis? — eu sei o que ela vai me perguntar. Uma coisa que eu estou sentindo, mas tenho medo de falar em voz alta, pois torna tudo mais real e não ilusão.

— Tu ama ele não é? — fecho os olhos e tomo uma respiração profunda e falo uma das coisas que eu tenho mais certeza na minha vida.

— Amo...

— Amém, um dos dois admite pelo menos — ela faz um escândalo. — E ta esperando o quê? Hein? Ele desistir de ficar correndo atrás de ti e aí sim se atirar nos braços da primeira que quiser ele? Porque se tu continuar assim é o que vai acontecer.

— Não sei Elis e se tudo der errado? Eu me entrego de bandeja e depois fico toda quebrada?

— Cala essa boca e não pensa em merda, senão eu te afogo aqui mesmo. E tu sabe que eu posso fazer isso — solto uma risada. — Deixa de ser besta e se um dia alguma coisa acontecer, eu já avisei o Noah que eu sei usar uma faca como ninguém.

Abraço Elis por tudo que ela me disse. Às vezes eu preciso de um choque de realidade dela para acordar para as coisas boas da vida. Não sei como isso tudo aconteceu na minha vida. Há uns dias atrás eu estava em casa pensando no que fazer para passar o tempo da minha vida entediante e monótona. Agora, eu estou preste de me entregar de corpo e alma a uma pessoa que com um estalar de dedos pode me destruir.

Por Noah

Alguma coisa me diz que a Su não levou a sério o meu pedido. Foi fácil demais arrancar aquela resposta dela. Sem brigas, argumentações ou ironias, muito fácil!

Está certo que não foi o melhor pedido do mundo, ainda mais com aquelas malditas galinhas em nossa volta. Mas foi genuíno. O mais sincero possível. Quero mostrar para todo mundo que ela é minha, está comigo e ninguém vai conseguir me fazer desistir dela. Nem ela mesma!

Vai ser um trabalho difícil? Sim, pior que os doze do Hércules. Eu vou desistir? Não. Se fosse fácil eu não estaria aqui agora com e por ela. Mas a maldita não me ajuda e torna isso bem mais... Interessante.

Tenho a Elis me dando umas dicas e me fazendo rever as minhas ações, ou então a Su já teria me colocado porta a fora da sua vida há muito tempo. Minha vontade sempre foi mais intensa do que a paciência que eu estou tendo para conquistá-la. Se eu me arrependo dessa espera? Não. Bem pelo contrário, sempre fui impulsivo e ter que agir com calma e lentamente me faz aproveitar mais os momentos que eu tenho com ela, fazendo serem únicos especiais e memoráveis em todos os sentidos.

A cada momento que passamos juntos, cada sorriso, gemido ou até mesmo raiva que eu consigo tirar dela é um troféu que eu vibro a cada conquista.

Meu Deus, como eu era fútil antigamente! Como eu era um idota por não ter sentido isso com nenhuma outra pessoa com quem já estive. Ou pensando melhor, como foi bom ter achado ela para me mostrar isso, para dar mais sentido a tudo.

Saio da água escutando a risada dela com a Elis e vejo as duas se abraçando. Caminho em direção a elas e ela abre um sorriso e eu retribuo de volta. Ela está sentada nessa pedra desde que chegamos e agora ela não escapa de entrar na água, nem que seja de roupa mesmo.

— O que vocês duas estão tramando? — pergunto.

— Nada não — Su fala e Elis pisca para mim como quem dissesse “conversamos depois”.

— Então Noah, tu não acha que a Su deve entrar na água? — Elis se levanta e fica ao meu lado com as mãos na cintura com um ar de mandona.

— Acho... Foi por isso que eu vim aqui.

— Vocês dois — Ela arregala os olhos para nós —, não inventem! Daqui ninguém me tira.

— Isso é um desafio? — caminho lentamente até ela que tenta se afastar.

— Noah NÃO! — Ela grita quando eu chego perto dela e a levanto como se não pesasse nada, colocando por cima dos meus ombros como um homem das cavernas. — Me solta!

— Isso aí Clichezinho joga ela dentro do riacho! — Elis grita da pedra enquanto eu caminho com a Su esperneando.

— Para de me chutar antes que pegue em uma parte importante que eu sei que tu gosta muito — brinco fazendo ela me bater nas costas. Dou um tapa na bunda dela. — Para quieta.

— Me solta Noah se não... — Solto dela dentro da água.

Ela volta para a superfície e tira os cabelos do rosto. Me olha como se fosse uma fera pronta para o bote. Pulo na água ao seu lado.

— Eu te odeio! — Ela joga água em mim e sai caminhando para a orla. Puxo ela por um braço, óbvio que ela puxa de volta tentando se soltar de mim, só que eu sou insistente e chego ao seu lado em um passo só.

— Não odeia nada! — Consigo ficar na sua frente e a abraço. — Sou teu namorado, tu não pode me odiar.

— Mas no momento eu te odeio, estou toda molhada. — Ela passa os braços na minha cintura e eu a abraço mais forte.

— Hey, eu gosto de ti toda molhada — Sua risada volta e ela me solta.

— Idiota. Mas não assim. Olha a minha roupa — ela faz uma carinha de chateada.

— Tira isso — pego a sua camiseta e começo a puxar e ela não deixa.

— Não.

— Noah ela tá com vergonha de tirar a roupa — Elis grita lá da pedra para nós. Viro para a Su que lança olhares mortais na direção dela.

— Vergonha do quê? Já te vi com bem menos do que isso. Tira isso de uma vez ou eu vou tirar isso à força.

— Tu não te atreveria Noah — ela bate o pé. Minha vontade é de jogar ela contra qualquer coisa que me dê uma boa ancoragem e beijar a merda toda para fora dela.

Ela olha para mim e eu começo a me mexer para tirar a camiseta dela. Ela se afasta e tira ela mesma a parte de cima. Atira na margem e se volta para abrir a bermuda. Depois de muito reclamar e me xingar, consigo deixar ela só de maiô.

— Doeu? — pergunto pegando a sua mão e puxando ela mais para o fundo.

— Sim — ríspida. — Já me fez entrar aqui a força, agora o que tu quer Noah?

— Te dar uns pegadas, naquela pedra ali — aponto para onde eu pretendo levá-la. — Vem de uma vez.

— Não vou me agarrar em ti em uma pedra, ainda mais com a Elis aqui — reviro os olhos.

— Elis! — Grito para ela que está deitada no sol como uma lagartixa branca.

— Quê? — ela levanta segurando o biquíni em cima dos seios. Impressão minha ou ela estava quase de topless?

— Posso levar a Fofa ali naquela pedra e dar uns amasso? — Su coloca a outra mão na cabeça e murmura baixinho um “eu juro que ainda mato um deles”.

— Vão de uma vez e não me incomodem — Elis volta a se deitar e em começo a puxar a Su de novo.

— Vem Fofa, agora tu não me escapa!

~

Chegamos em casa quase escurecendo. Elis estava toda vermelha, mais que o seu biquíni de ficar estirada no sol e a Su tremendo de frio que tive que dar a minha camiseta para ela usar antes que entrasse em estado de hipotermia.

Coloco a cesta que a Dona Eulália nos deu intocada de volta a cozinha. Su vai correndo para o quarto, para tomar um banho e eu fico sozinho com a Elis por alguns minutos e aproveito para conversar com ela.

— Certo, fala o que vocês estavam falando àquela hora que eu cheguei ali na pedra — olho para a Elis e espero a resposta.

— O de sempre Noah, o medo agudo dela de que isso que vocês dois tem acabe — solto um suspiro.

— Caramba será que ela não percebe que eu não vou desistir dela?

— Olha pelo lado dela Noah. Viveu a infância toda escutando que não era ninguém na vida, sem ninguém que demonstrasse um amor incondicional por ela, a Cruela fodeu qualquer amor próprio de quando ela era criança. Eu não a culpo por isso.

— Eu sei — passo as mãos pelos cabelos. — Eu ainda vou pegar essa mulher e falar umas boas para ela. E a Su, deixa ela comigo que eu vou provar para ela que não vou embora, mesmo que ela me mande.

— Olha Noah — Elis me aponta o dedo no peito —, se tu não fizer isso mesmo e só estiver brincando com ela eu juro...

— Que arranca alguma parte do meu corpo — empurro a mão dela de mim. — Já sei disso, tá na hora de mudar o discurso Elis.

— Ainda gosto dele. Mas que bom que tu sabe de cor. Um passo em falso, uma lágrima que seja e tu já sabe.

— Vai te catar Elis — falo saindo porta fora rindo.

Caminho até o nosso quarto e abro a porta dando um susto na Su só de toalha, pegando

as roupas na mala.

— Provocação logo cedo da noite? — ela ajusta a toalha nos seios e me lança um olhar assassino.

— Se eu não estivesse morrendo de frio ainda, te responderia decentemente — ela vira para mim e vejo os seus lábios roxos de frio e tremendo.

— Já tomou banho? — chego perto dela e a abraço. — Meus Deus tu está congelada. Para o banho — a arrasto para o banheiro e jogo ela lá dentro ligando a água quente.

Tiro a toalha que cobre o seu corpo e a minha roupa e entro junto. Ela está imóvel embaixo da água e tremendo. Mesmo com a água quente caindo no seu corpo ela continua imóvel e roxa de frio. Pego o shampoo e começo a lavar os seus cabelos. Ela vira para mim e me abraça.

— Olha a evolução — falo esboçando um sorriso e começo a tirar o resto de espuma dela. — Da última vez, quem estava congelando de frio era eu e tu não entrou no box para me esquentar.

— Muita evolução — ela fala baixinho, quase um sussurro entre os dentes batendo de frio e me agarra como se eu fosse a última fonte de calor no mundo. Coloco a minha mão no seu queixo e levanto trazendo os olhos delas até os meus.

— Eu amo essa nossa evolução — enfatizo a palavra amo para que ela perceba que isso tem algum significado e a beijo castamente.

Terminamos de tomar o nosso banho juntos depois que ela conseguiu se desgrudar de mim de frio. Vamos para a sala onde a Dona Eulália está arrumando a mesa para a janta.

— Pronto para sair daqui rolando como eu? — ela me fala quando chegamos e vemos que pelo visto vai ter comida para um exército e não para seis pessoas.

— Gordinha — Dona Eulália chama a Su. — Pega o Noé e tragam a panela de ferro no fogão.

— Claro — Su pega a minha mão e me leva até a cozinha.

Chegamos lá e vimos uma panela gigante em cima do fogão, parece mais um caldeirão de bruxa do que panela em si. A Fofa a abre e vê o que tem dentro.

— Arroz com galinha — ela olha para mim e pisca.

— Nunca vou comer uma galinha com tanto gosto na minha vida — pego a alça da panela e me queimo. — Droga! — Vou até a pia e abro a torneira para deixar a água fria correr em cima da queimadura. Su olha para mim e balança a cabeça.

— Mas é bem plasta mesmo Noah, isso é uma panela de ferro, o calor é distribuído por toda ela, até na alça — e me joga um pano de prato. — E outra, eles não comem as galinhas daqui.

— Porque eles não comem aquelas bicadoras malditas? — Desligo a água corrente e me seco com o pano.

— Eles se apegam aos bichos, sei lá. Quando a Elis morava aqui tinha uma de estimação.

— O que eu tinha de estimação? — Elis entra na porta com o rosto todo branco com um creme

ou sei lá o que. Aterrorizante.

— Que susto Elis! — Su coloca a mão no peito. — Tá querendo matar a tua avó também?

— Nada, fiquei no sol demais e tô pior que um camarão tostado! Quase não consegui colocar roupa e nem o sutiã consegui fechar.

— Detalhes Elis — falo, tentando não olhar para ela. — Menos detalhes.

Hélio chega na porta todo sujo de sangue junto com a Agnes sorridente. E eu tento não olhar para a Elis. Não se avisa para um homem que está sem sutiã, óbvio que por mais compromissado com alguém, ele vai olhar para os teus seios.

— Nasceu! — Agnes fala animada para nós. Olha para a filha e fecha o sorriso. — Elis o que é isso no teu rosto?

— Quem nasceu? E isso é creme hidratante.

— O bezerro da Afrodite — seu Hélio fala olhando para a Elis com uma cara estranha. — É halloween hoje minha filha? Se tu quiser podemos sair juntos, o fantasma e o assassino em série. — Ele vai para perto da Elis que corre se afastando.

— Eca que nojo pai! Vai pro banho. — Ele começa a correr atrás dela no meio da cozinha.

— Quem é Afrodite? — pergunto para a Su baixinho, que está ao meu lado, rindo da cena toda,

— A Vaca preta que vimos hoje cedo — me responde no mesmo tom. — Não disse que eles se apegam aos bichos — ela se volta para Agnes que tenta acalmar os dois. — Macho ou fêmea — agora elevando a voz.

— Fêmea — Agnes responde com um sorriso no rosto.

— Aiii quero escolher o nome — Elis bate palma como uma criança de cinco anos. — Já sei! Merengue.

— Para combinar com o teu rosto? — Hélio fala passando por ela.

— Sai pai — Elis foge com nojo dele.

— Merengue é um bom nome, ela é branquinha. Hélio, para de atormentar a gurria antes que ela comece a gritar e vai para o banho senão... — Dona Eulália entra na cozinha.

— Nasceu o filhote da Afrodite — Hélio fala.

— Sai da minha cozinha imprestável! — Hélio começa a rir e sai da cozinha. — Onde já se viu isso Agnes, teu marido sujo desse jeito entrando em casa. Ai dele se sujar a minha cozinha.

— Mãe ele acabou de fazer um parto, é claro que vai estar todo sujo.

— Mas que ficasse no quintal então e não aqui dentro de casa — ela resmunga e vira para mim. — Leva isso lá Noé e volta aqui — pego a panela, que está pesadíssima, enquanto ela continua a dar ordem a todo mundo. — Elis limpa esse rosto que eu faço uma mistura para ti depois, Gordinha leva isso aqui para lá e Agnes manda o imprestável do teu marido não demorar

no banho senão vamos morrer de fome.

~

Estamos todos catatônicos de tanto comer. Depois do arroz com galinha, Dona Eulália trouxe a sobremesa, ambrosia. Eu e a Elis fizemos uma pequena briga interna para ver quem conseguia comer mais e eu perdi.

Elas foram ajudar a lavar a louça e eu fiquei com o Héliο conversando sobre algumas coisas. Ele chamou a responsabilidade para si de me avisar em que terreno eu estava pisando. Pelo menos não foi tão explícito em dizer o que faria comigo como a Elis foi.

Praticamente ele me disse tudo o que eu já sabia da Su, que eu deveria ter juízo e fazer tudo direto. Expliquei que as minhas intenções eram as melhores possíveis, e mesmo com todas as escapatórias evasivas dela, eu não ia desistir ou dar mancada. No fim das contas, acho que ganhei mais um aliado nessa luta. E vendo a Su ser amada por eles naquela casa, me deu um alívio na alma de pensar que ela tem amigos tão bons para contar e ajudá-la.

Elas chegam e trazendo um violão velho. Su senta em um banco ao meu lado, Elis na nossa frente, e começa a testar a afinação. Passo um braço nos ombros dela e a puxo para beijar sua cabeça.

— Só falta a fogueira — falo.

— Não posso mexer com fogo — Elis responde.

— Por quê? — pergunto.

— Porque ela quase colocou fogo em um dos celeiros, fazendo uma, há tempos — Su fala sem tirar os olhos das cordas do violão.

— Como tu consegue essas coisas Elis? — sério, cada vez me espanto mais com a capacidade dela fazer uma pior que a outra.

— Não sei — ela ri. — Dessa vez eu derramei álcool demais e estava perto de umas madeiras velhas. Último ano da faculdade não é Su?

— Sim, últimos dias de aula se não me engano. Festa antes da formatura — ela aperta mais as cordas e sorri. — Pronto. Qual vai ser a primeira música?

— Eu sei! — Elis se anima toda e nós dois gememos, porque sabemos que se ela começar a cantar, ninguém vai aguentar. — Na rua na rua na fazenda?

— Calma ai! — Falo me metendo. — A Su tem que cantar e tocar e tu ficar quieta, senão vai atrair uma onça ou sei lá o que.

— Não tem onça aqui Noah! — Elis fala.

— Que seja, tu cantando parece que tem um bicho morrendo e eu não quero mais arriscar a minha vida.

— Parem de briga ou eu não toco coisa nenhuma — Su fala. — Noah deixa ela cantar e depois eu canto uma contigo, pode ser? — delicada como coice de mula, fala isso com uma cara de quem dissesse que manda aqui e não quer mais ouvir discussão. E eu desisto de contrariá-la senão sobra para mim.

Chamo o JB que estava se agarrando com o Gato naquela brincadeira esquisita deles. O Gato por cima dando patadas nele e ele tentando morder, sem sucesso o outro. Começo a assoviar, pelo visto a brincadeira está mais interessante do que me escutar. Depois de esperar ele vem e se ergue na minha perna pedindo colo. Elis começa a cantar e o JB olha assustado para mim como se fosse algum perigo eminente chegando. Acalmo o cachorro com carinho na barriga e fecho os olhos quando a Elis solta um agudo que se durasse mais, deixaria alguém surdo. O Gato chega até a se eriçar e mostrar os dentes na direção dela e sai correndo em direção a casa e o JB pula do meu colo indo atrás, será que eu não posso sair junto? A música termina trazendo junto um trovão.

— Credo Elis, tu canta tão mal que até os céus se enfureceram — falo tentando limpar a cabeça dos guinchos dela.

— Cala a boca Noah. Nem canto tão mal assim — enfurecida e cruza os braços. — Ai droga! Eu to prendendo fogo aqui do sol. Tudo dói.

— Mandei tu colocar protetor solar — Su fala. — Noah, vamos uma, antes que chova?

— Claro — com ela eu vou onde ela quiser sem pensar duas vezes. — Posso escolher? — Ela mexe nas cordas do violão de novo depois que eu falo o meu pedido.

— Uma estrofe para cada um? — ela começa a tocar os primeiros acordes depois que eu digo que sim e que eu começaria.

Escolhi essa pelo fato de que há muito tempo, em uma das viagens minha e da minha mãe ao Brasil, compramos o cd e levamos para casa. Cássia Éller e Nando Reis. Sempre que estávamos nós dois em casa ela colocava essa música e fazia eu cantar com ela o dia todo. Era uma coisa nossa e eu sei que, se ela ainda estivesse viva, ia amar a Su e me faria lutar com unhas e dentes por ela.

Ela toca a introdução e olha para mim que começamos a cantar:

O que está acontecendo?

O mundo está ao contrário e ninguém reparou

O que está acontecendo?

Eu estava em paz quando você chegou

E são dois cílios em pleno ar

Atrás do filho vem o pai e o avô

Como um gatilho sem disparar

Você invade mais um lugar

Onde eu não vou

(Relicário - Cássia Eller/Nando Reis)

Terminamos de cantar e ficamos nos olhando um sem quebrar o olhar do outro. Até que a Elis acaba com o encanto.

— Pelo amor de Deus se beijem de uma vez, antes que eu junte a cabeça de vocês e resolva isso eu mesma! — Su começa a rir e olha para mim.

— Elis tu sabe quebrar o momento — fala tirando o violão dos braços e vindo em minha direção para me beijar.

E eu a beijo, como se não houvesse outro minuto no mundo para fazer isso. São poucas as vezes que ela toma a iniciativa de me atacar assim, e eu tento aproveitar todas elas como uma vitória de guerra.

— Tá chega agora, antes que eu vomite aqui!

— Elis cala a boca! — Falo para ela e volto a minha atenção para a Su, até que sentimos as primeiras gotas de chuva cair sobre nós.

Ouçõ a Elis saindo e gritando como uma louca, mas não saímos. Ficamos ali. Com a água escorrendo entre nós. Um raio cai nos iluminando e seguido por um trovão fazendo ela quebrar o nosso beijo e se assustar.

— Noah... — ela fala baixinho e outro raio cai ao longe, mas é mim que ele acerta e faz o estrago no meu coração.

Como eu não percebi isso tudo que estava se passando dentro de mim? Como eu fui burro por não ver isso. Agora, com a clareza e a intensidade desse raio que caiu, eu percebi tudo o que eu estou sentindo. Não se trata da situação de conquista e sim dela em si. É ela. Sempre foi. E sempre será. Não consigo mais esconder isso, preciso falar e com sorte, a fazer entender no mínimo dez por cento do que eu sinto a seu respeito.

— Eu te amo — falo.

A chuva sobre nós começa a cair mais forte e ficamos encharcados em questões de instantes. Os segundos parecem terem deixado de existir, junto com o resto do mundo. Ela não fala nada e fica me olhando e passando as mãos no meu rosto tirando o excesso de água. Meu coração está acelerado, nunca falei isso para ninguém, a não ser a minha mãe. E aqui estou eu, olhando para a única pessoa que eu já amei na minha vida e que não demonstra nenhum sinal de que entendeu o que eu falei.

Outro raio e trovão cai e ela começa a esboçar um sorriso e eu consigo ver os seus olhos brilharem. Com as mãos nos meus cabelos ela puxa a minha cabeça na sua nos deixando mais colados que já estamos. Seus olhos fitam os meus e eu a aperto ainda mais.

— Eu também te amo.

Capítulo 22

Expor os meus sentimentos, certo, isso foi fácil e extremamente único, ainda mais pelo momento. Foi lindo, até eu me derreti com aquela intensidade toda. Tudo foi perfeito, a cena de nós compartilhando a música Relicário, a voz dele se misturando com a minha, deixou tudo mais bonito, ainda mais se compararmos com a Elis cantando antes de nós. A chuva caindo, os raios e os trovões, nossas declarações, sem muito enfeite. Parecia uma cena do Nicholas Sparks, só espero que não final desse livro não haja lágrimas.

Óbvio, a Elis teve que quebrar o nosso clima, gritando como uma maluca da varanda, dizendo que estávamos loucos e que ia cair um raio entre nós. Soltei o Noah e fiquei com uma sensação de vazio nos meus braços. Estar com o corpo dele colado ao meu me dá uma sensação de segurança e paz que eu nunca senti na minha vida. Entramos na casa encharcados pela chuva, demos uma desculpa esfarrapada para Elis, que claro que não acreditou e ficou de sorrisinhos maquiavélicos e fomos para o quarto. Tomamos outro banho juntos, bem diferente do outro em que eu estava congelada e sem ação e começamos a trocar carícias muito diferentes das que estávamos tendo das últimas vezes.

A síntese da coisa foi igual, mas algo foi diferente. Talvez pelo fato de que tínhamos expressado o que sentíamos um pelo outro, afastou o lado sexual da coisa e o sentimento de carinho e felicidade tenha tomado conta da situação. Antes era intenso, voraz e magnífico. E agora, ainda foi intenso, voraz e magnífico, mas, além disso, envolveu uma energia a mais que me fez perceber a diferença de fazer amor e sexo em si.

Eu sei que não tenho muita experiência para falar da diferença entre os dois, mas ontem eu senti isso e não há pessoa no mundo que me faça mudar de ideia agora.

Ficamos um bom tempo deitados e conversando, até ele começar a tentar me convencer a dizer o meu nome. Sabe que eu nem tinha me tocado que ele ainda não sabia? Já é tão automático me chamarem de Su e ele, carinhosamente ou satiricamente de Fofa, que nem me dei conta disso. Ele me disse que lembrava que eu já havia dito que não era Suzane ou algo do gênero. Entrei na brincadeira, de novo, e disse que não ia falar. Claro que ele tentou, de todas as maneiras possíveis e altamente torturantes, arrancar isso de mim. Não cedi e meio que o torturei também para ele não descobrir. Aqui se faz, aqui se paga, com a mesma moeda. Ótima moeda, falando nisso.

Perdemos a noção do tempo e fomos dormir já eram quase quatro da manhã. Ficar de conversa fiada e brincadeiras com ele sem ter que pensar nas responsabilidades do outro dia, me fez ver que esses momentos são únicos. Conseguimos ser nós mesmos sem as máscaras da preocupação e dúvidas. Ver o Noah por esse lado, me mostrando ser bem mais do que o clichê que eu conheci naquele nosso primeiro encontro, fez o meu coração ficar com mais um pedacinho do muro que eu protejo, um tanto rachado.

Acordei com o barulho da chuva batendo na janela. Estávamos completamente enroscados um no outro. Noah dormia tranquilamente, praticamente debaixo de mim. Estou

deitada em cima de um dos braços dele, que acredito que agora deve ser amputado pela falta de circulação sanguínea, e uma das pernas dele está no meio das minhas. Corro minha mão por sua barba crescida além do cavanhaque e ele nem se mexe, passo de novo um pouco mais forte e ele faz uma careta.

— Acorda — falo dando um beijo no seu pescoço o fazendo gemer baixinho.

— Não... — ele tenta esconder um sorriso e falha drasticamente. Monto em cima dele e ataco de novo.

— Acorda antes que venham aqui — ele coloca as mãos na minha bunda por cima do pijama e abre os olhos que, mesmo na penumbra, são lindos. Perco a concentração por milésimos de segundos e ele consegue inverter a nossa posição e ficar totalmente acordado.

— Bom dia — Noah ataca o meu pescoço e começa a passar a mão por baixo da parte de cima do meu pijama me fazendo esquecer que já é de manhã e todos na casa estão acordados.

— Bom dia — sinto que se eu não me afastar, daqui a pouco vai ser tarde demais.

— Melhor jeito de acordar impossível — tão bom... Mais um pouco e eu paro ele... Só mais um pou...

— PAREM DE SE AGARRAR AI DENTRO ANTES QUE EU ABRA ESSA PORTA! E VAMOS TOMAR CAFÉ DE UMA VEZ! — Elis grita do corredor batendo na porta. Noah se solta de mim, me deixando totalmente ofegante e quente.

— Gato, galinha e uma vaca. Falta mais algum animal para nos atrapalhar? — ele resmunga me fazendo rir.

— Já vamos Elis! — Levanto da cama e vou até o banheiro.

Lavo o rosto e começo a escovar os dentes, como estou de porta aberta Noah entra junto abaixa a cueca e começa a fazer xixi. Cuspo a espuma da boca e olho para ele que está muito concentrado com o seu serviço.

— Que nojo! Não poderia esperar eu terminar aqui? — ele só vira os olhos para o meu lado e volta a olhar para o que estava fazendo, termina, se ajeita dentro das roupas e finalmente começa a me responder.

— Como se tu já não tivesse visto ele antes — passa por mim, lava as mãos, me dá um beijo na testa e pega a escova para começar a escovar os dentes.

— Mesmo assim — recomeço a escovar os meus e ficamos nos encarando pelo espelho. — Poderia ter esperado eu terminar — falo com a escova na boca.

Noah revira os olhos e eu termino de escovar os dentes. Olho para ele e cruço os braços. Espero, calmamente, ele terminar e fico esperando ele sair do banheiro.

— Que foi? — ele me pergunta.

— Sai, que eu quer usar o banheiro agora — ele ri, se escora no balcão da pia e cruza os braços.

— Sério? preciso sair porque tu quer fazer xixi?

— Claro, não vou fazer na tua frente.

— Como se eu fosse ver alguma coisa que eu já não tivesse tocado ou até mesmo...

— Termina essa frase e tu volta amanhã a pé para a casa — ameaço, fazendo ele rir. Fecho a cara e olho para ele que começa a se mexer e vir em minha direção.

— Minha Fofa é tímida — ele toca o meu rosto, mas eu não me deixo levar —, brava como o inferno — mais perto ainda —, mas mesmo assim — sinto sua barba abaixo da minha orelha e seguro um gemido para não dar o braço a torcer —, eu não consigo viver sem ela mais.

— Conseguir cinco minutos para eu fazer xixi em paz pelo menos? — o afasto e seguro a porta para ele sair.

— Cinco minutos — ele me aponta com a mão —, nenhum a mais ou a menos — e saindo enquanto eu fecho a porta e, por via das dúvidas, tranco.

Entramos na sala onde a mesa do café está posta. Tem comida para um batalhão aqui. Até o JB e o Gato, com essa chuva lá fora, estão dentro de casa e comendo um pedaço de bolo cada. Elis está sentada em uma das cadeiras mais vermelha que um tomate.

— Fantasia pronta para o carnaval Elis? — Noah passa por ela, colocando a mão no seu ombro, ela dá um pulo e faz uma careta de dor.

— Idiota, são não te bato porque não consigo nem me movimentar dentro da minha própria roupa — chego perto dela e vejo o resultado completo.

— Meu Deus Elis — começo a rir —, tu vai descascar toda.

— Ai Su nem me fala, até os meus peitos estão assim. Olha aqui — ela puxa o decote para me mostrar, me deu até pena, deve estar doendo para cacete.

— Elis — Noah fala com uma cara de nojo —, eu não preciso saber do estado dos teus seios.

— Me deixa quieta Noah, tu fala isso porque não tá todo ardido assim como eu — geme.

— Eu te disse antes de sairmos de casa para tu colocar protetor solar — me sento em uma das cadeiras.

— Mas eu queria pegar uma cor — ela mia quase chorando como uma criança de cinco anos.

— E consegui, vermelho é uma cor — Noah fala, nos olhamos e começamos a rir deixando a Elis mais irritada que já está.

— Su! Pede para o teu namorado parar antes que eu o coloque para fora da minha casa.

— Parem de brigar crianças — falo tentando parar de rir, mas não consigo. — Quando tu começar a descascar posso parar de te chamar de vaca e sim de cobra, trocando a pele — Elis atira um biscoito em mim.

— Parem! Que nem rir eu posso que dói tudo — Dona Eulália entra na sala.

— Elis vou fazer para ti uma mistura de vinagre com bicarbonato de sódio e vai parar de incomodar isso aí. Noé me ajuda depois a descascar as batatas e Gordinha — ela olha para mim —, me ajuda a fazer um bolo hoje — e sai do mesmo jeito que entrou, do nada.

— Tá aí uma coisa que eu quero ver — Elis fala com aquele sorriso irônico no rosto. — O Noah descascando batata.

— Acho que eu nunca peguei numa batata com casca na vida — ele olha para mim assustado.

— Te vira meu filho, que eu tenho que fazer um bolo — dou de ombros rindo.

Como já prevíamos, o Noah foi um desastre na cozinha. Dona Eulália, ficou o tempo todo brigando com ele que estava mais tirando a batata do que a casca. Elis ficou em volta rindo dele, até que uma hora a Dona Eulália mandou a Elis ajudar ele ou não teria almoço naquela casa. Fiquei com um pouco de medo dos dois muito perto um do outro e com facas nas mãos, do jeito que eles são, capazes de quererem se matar com elas.

Choveu o dia inteiro, tivemos que ficar dentro de casa, comendo. Elis desenterrou alguns jogos de tabuleiro para nós, tivemos que explicar quase todos ao Noah porque ele não conhecia, na infância/adolescência dele lá onde ele morava, as brincadeiras eram outras. Toda hora a Dona Eulália aparecia com alguma coisa comer, bolinho de chuva com café, o bolo que eu fiz com uma cobertura de creme de maracujá dos deuses e quando ela chegou com uma forma de biscoitos de chocolate, a Elis teve que expulsá-la da cozinha, senão estaria fazendo outra coisa para nós.

Jogar qualquer coisa que envolva cartas ou similar é uma perda de tempo com a Elis, pois ela consegue roubar como ninguém. Até no banco imobiliário ela conseguia, ainda não entendi como ela conseguiu trapacear tanto em um jogo tão simples como esse. Tivemos que desistir, por esse motivo e pelo fato que não aguentávamos mais o cheiro de vinagre que vinha dela. Tanto que começamos a dizer que ela estava uma galinha temperada no fogo.

A noite chegou e não conseguimos jantar, óbvio, para o desespero da Dona Eulália que ficou dizendo que nós não estávamos gostando da comida dela, fez até chantagem emocional conosco por isso. E para piorar a coisa, o pai da Elis começou a colocar fogo na discussão e quase que foi dormir na sala de tanto que riu da coitada da Dona Eulália que xingava ele como se fosse a pior pessoa do mundo. Pobre da Agnes querendo mediar os dois, até que ela se irritou e acabou xingando ele até se acalmarem, impossível não rir de tudo isso.

No final de tudo, aceitamos ir assistir um filme de terror no antigo aparelho de VHS da Elis, com um lanche da Dona Eulália, como a temperatura caiu bastante durante o dia, ela fez chocolate quente. O filme escolhido foi O Exorcista, eu já tinha visto, mas a Elis morria de medo desse filme e de sacanagem com ela e fizemos assistir de novo.

Desligamos todas as luzes, ligamos a TV e começamos a ver o filme. Elis sentou em um sofá sozinha e eu e o Noah, enrolados em outro. Eu sei que a Elis é fiasquenta de natureza, ainda mais com susto assim, mas dessa vez ela se superou. Talvez pelo fato que o Noah deu uma boa contribuição para isso acontecer. Uma hora a chuva começou a cair mais forte bem em uma das partes mais tensas do filme, estávamos em silêncio, concentrados no filme sem nem piscar de assustados e a energia da casa caiu. Elis deu um grito tão alto que até as pessoas da cidade mais próxima acordaram com ele. Não sei se me assustei mais pelo fato em si ou pelo grito da Elis, mas o Noah me abraçou nessa hora, ele dizendo, para me proteger e não por medo, ainda tenho minhas dúvidas sobre isso, ajudou muito. Se eu tivesse algum problema cardíaco e não soubesse, com certeza ele teria se revelado nesse momento.

Com isso acabou a nossa sessão cinema de terror. Fomos dormir depois que a Elis se acalmou um pouco. Tenho minhas dúvidas que ela levou o Gato e o JB para o quarto dela só por precaução depois dessa. Eu estava morta de cansaço depois de ficar a noite toda acordada e o dia de hoje. Me deitei enquanto o Noah se arrumava ainda. Quando ele veio para a cama, se embolou junto comigo, conversamos um pouco.

— Sabe... — ele disse enquanto enrolava uma mecha do meu cabelo entre seus dedos. Nunca tive alguém que fizesse isso e não entendia quando alguém falava que isso era a coisa mais relaxante do mundo, agora eu entendo. — Acho que nunca tive um fim de semana tão agitado assim.

— Mesmo com todas as festas e diversão no teu tempo de modelo? — falo deitada em cima dele e escutando as batidas fortes do seu coração. Ele ri. — O que foi?

— Nada, só o fato de eu estar tentando falar uma coisa profunda e filosófica e tu me corta, me chamando de velho e festeiro — levanto a minha cabeça para olhar no seu rosto.

— Não te chamei de velho... De festeiro sim, mas não velho.

— Ah claro, falar, no teu tempo de modelo, não quer dizer que eu estou velho e ultrapassado. — Noah ri me fazendo revirar os olhos e me deitar de novo.

— Certo senhor idoso, termine a sua filosofia.

— Agora perdi a linha de pensamento. Acho que estou ficando velho mesmo.

— Idoso — ironizo. — Vamos voltar para a frase que estávamos. Tu me disse que nunca tinha tido um fim de semana tão agitado assim e ia falar alguma coisa, até que eu, hipoteticamente e ilusoriamente, te chamei de velho e festeiro.

— Certo — ele larga a mecha do meu cabelo e pega outra maior. — Lembrei! Mesmo com tudo que eu já vivi, esse fim de semana foi agitado em todos os aspectos. Tanto pela Elis e a sua família, especialmente a sua avó, pensei que ela ia me matar por causa das batatas hoje — solto um risinho baixo —, mas enfim. Além disso, Su, o que eu te disse ontem, foi a coisa mais sincera e real que eu já disse para alguém — meu coração nessa hora perde uma batida descompassada. — A única pessoa que eu já tinha dito isso era a minha mãe e era diferente. Por ti tudo é diferente, desde a primeira vez que eu te vi — ele me levanta delicadamente e olha nos meus olhos. — Eu te amo e já te digo uma coisa, vou ficar super grudento e meloso. E mesmo tu me mandando embora, eu não vou.

— E eu vou ter que te aguentar? — falo sorrindo para ele. Aquela rachadura do muro de concreto do meu coração teve um grande dano agora.

— Vai — ele dá aquele sorriso safado para mim.

— Sabe Noah... — começo a falar e me sento direto na cama e ele me acompanha. — Que eu me lembre, nunca ninguém disse isso para mim. Eu sei que quando eu nasci de certo meus pais me falaram isso, mas eu não me lembro. Meu tio sempre foi ocupado demais para expressar os sentimentos dele, e a Cruela... Bom nem vem ao caso. Mas agora, depois que eu te conheci e a tua teimosia para sair comigo — ele sorri mais ainda —, muitas coisas já mudaram especialmente no meu coração. Nunca fui boa em expressar os meus sentimentos também e muito menos de me abrir assim, tão rápido como foi contigo. Eu te amo também e to morrendo

de medo disso.

— Medo de quê? — pergunta baixinho.

— De te perder e ficar sozinha. Mesmo essa nossa relação ainda estando no início, eu tenho medo disso. Medo de que um dia tu acorde, vá embora e me deixe, medo de não conseguir sobreviver a essa perda. Medo de que eu por ser teimosa demais, não consiga viver assim e decida acabar com isso tudo. Eu me conheço e sei que eu vou conseguir um jeito de me autossabotar e imaginar coisas que não existem. Eu sei, eu...

— Su... — ele me cala colocando as mãos no meu rosto e puxando em direção ao dele. — Eu sei de tudo isso, mas eu não vou deixar, tu ou eu, fazer isso com a gente. Se um dia tu começar a desconfiar do que eu sinto por ti, eu arranjo um jeito ou outro para te mostrar isso.

Ele me beija e pela primeira vez me faz ter certeza do que ele sente por mim.

— Eu te amo Fofa — Noah fala no meu ouvido, segundos antes de adormecer.

— Eu te amo Noah — respondo e adormeço.

~

Nos despedimos da fazenda logo depois do almoço, o tempo ainda estava feio, mas aproveitamos que tinha parado um pouco de chover e pegamos a estrada. A viagem foi tranquila, sem perigo da Elis se mijar perna abaixo como na ida. Noah resolveu que hoje eu ia ficar no apartamento dele, já que quase não o conheço. Ele me deu vários motivos, um deles é que amanhã vamos juntos para o trabalho, no fim das contas acabei cedendo.

Elis nos deixou em frente ao prédio dele e, com muita dificuldade e dor, mudou do banco de trás para o do motorista. Disse para ela passar na farmácia antes de chegar em casa e comprar um hidratante e se lambuzar nele para trabalhar amanhã. Noah pega as malas e eu, o Gato e o JB subimos para o apartamento dele.

Agora, menos nervosa do que a primeira vez, consigo reparar em alguns detalhes que não tinha percebido. Como por exemplo, o painel de fotos dele no corredor que leva ao seu quarto e uma cozinha quase industrial que ele me disse que quase nunca foi usada.

A diferença do dele para o meu pequeno refúgio é gigante, tanto que eu tenho até medo de me encostar em alguma coisa e acabar quebrando ou estragando. Não consigo ser do mesmo jeito que o Noah é no meu, como se morasse ali há tempos, sem medo de abrir a geladeira e pegar alguma coisa ou ir até o quarto, ou ao banheiro sem pedir. Ele teve a capacidade de ficar rindo de mim e que era para eu me sentir em casa, se quisesse abrir as portas do guarda-roupa dele e mexer eu poderia fazer que ele não ia se importar.

Não adianta, não consigo me sentir a vontade em um ambiente assim. Talvez seja pelo fato de que essa ostentação toda, me volto ao tempo em que eu morava na casa do meu tio e eu tinha que ser invisível, como se não fizesse parte dela.

Quando eu estou saindo do banheiro, a campainha toca, ouço o Noah abrindo a porta para quem eu pensava ser o entregador da comida chinesa que ele insistiu em comprar. JB está latindo como estivesse com raiva de alguma coisa. Quando eu chego mais perto ouço a conversa.

— Até que enfim resolveu aparecer, pensei que ia ficar brincando de casinha o resto da vida com aquela...

Apareço na porta e ela para de falar e olha para mim de cima a baixo. Como eu estava dirigindo, e na fazenda, estava com uma bermuda jeans até os joelhos, uma camiseta estampada rosa, meus inseparáveis all star azuis e sem a metade dos esmaltes verdes das unhas que eu tirei ontem enquanto olhava o filme. Já a ruiva na minha frente, estava num salto preto iguais aos da Elis, uma calça colada ao corpo que eu tenho certeza que está grudada com super bonder, uma blusa bordô com um decote gigante e uma bolsa vermelho vivo para acompanhar a cor das unhas impecáveis.

— Rebecca essa é a Su, minha namorada. Su, essa é a Rebecca a minha agente.

— Oi — falo tímida e caminho para frente dela para cumprimentar.

— Olá — fala ao mesmo tempo em que ela se vira para o Noah me ignorando completamente.

— Tu desligou o teu telefone e não me atendeu Noah!

— Eu disse que estava viajando e que não era para me incomodar — fala rispidamente, notando que fui totalmente esquecida.

— Sou tua agente e...

— E só isso! — Ele dá de ombros. — Aconteceu alguma coisa? Algo como a agência faliu para não esperar até amanhã para resolver?

— Não, mas — ela olha para o JB que ainda late descontrolado. — Ai cala a boca desse cachorro.

— Não fala assim com ele — Noah fala mais alto um pouco do que eu já tinha visto.

— Vamos para o escritório então. Não consigo falar assim.

— Rebecca — ele passa as mãos nos cabelos —, eu já disse que amanhã nós resolvemos, qualquer que seja esse assunto tão importante. Acabamos de chegar de viagem e estamos cansados. Amanhã, depois que eu sair do orfanato à noite eu te ligo.

— Ainda tem mais essa... — ela zomba, se ela falar alguma coisa disso avanço nela sem pensar duas vezes. Noah olha para mim e vê a minha cara de poucos amigos e resolve interferir antes que eu abra a minha boca.

— Isso não é da tua conta mesmo — Rebecca tenta falar, mas o ele é mais rápido e termina o assunto. — Amanhã Rebecca — ele abre a porta para que ela saia.

— Eu te ligo então.

— Não, eu te ligo e resolvemos isso. Tchau.

— Tchau e... — olha de novo para mim de cima a baixo e as um sorriso sarcástico. — Prazer em te conhecer — e sai com o Noah fechando a porta.

Solto o JB no chão que ainda late mais umas duas vezes e fica cheirando a porta. De cara eu não gostei dessa mulher. Sabe como diz o ditado, não confio em pessoas que não gostam de cachorro, mas confio totalmente num cachorro quando ele não gosta de uma pessoa. Pois eu estou me sentindo assim. Algo me diz que ela não esperava me encontrar na casa dele e muito

menos, eu ser quem eu sou. Esse sorriso sarcástico no final ainda me deixou mais desconfiada. Acho que essa não foi a última vez que eu a vi, e com certeza as próximas, ela não vai ser tão indiferente quanto a minha presença. Olho para o Noah na porta passando as mãos pelo cabelo e depois no cavanhaque, um dos pequenos cacoetes que eu percebi que só faz quando alguma coisa não está bem.

— Era ela te ligando o tempo todo? — pergunto.

— Sim, por isso que eu disse que não era nada demais — ele sorri e vem me abraçar.

— Ela parecia bem... — nem sei como terminar essa frase.

— É — Noah beija a minha cabeça e me solta. — Ela é bem mesmo. Mas isso é por pouco tempo.

— Por quê? — o Gato aparece na minha frente e mia baixinho pedindo comida. Pelo visto aqui ele se comporta como gente e não como uma fera sem comida há dias.

— Minha carreira não vai longe como tu mesmo disse, já estou velho — ele dá de ombros enquanto eu pego o Gato no colo. — Um dia vou ter que começar a fazer alguma coisa diferente.

— Já tem algo em mente? — ele faz um carinho na cabeça do Gato que ronrona no meu colo.

— Algumas. Mas nada certo ainda — e pisca para mim.

A campainha toca novamente e dessa vez é o entregador. Enquanto ele arruma as coisas para nós comermos, aproveito o tempo para alimentar o Gato e o JB. Jantamos os quatro na sala juntos, sendo que ainda tivemos que repartir o nosso com os dois pedintes lindos e gordos. Mesmo com o Noah me dizendo que não precisava, lavei toda a louça suja e mais a bagunça do Gato e do JB.

Tomamos banho, separados dessa vez, e ficamos no sofá até quase o sono bater, conversando, rindo e brincando um com o outro. Cada coisa que eu descubro dele, uma lasca do meu muro cai. Estar em sua companhia me deixa com uma sensação que eu nunca experimentei na vida. Toda a vez que ele me toca, minha pele pede por mais. Todo sorriso bobo, ou não, minha vontade é de fazer alguma coisa para que permaneça no seu rosto. E os seus olhos, são a minha perdição, as janelas para a alma dele. Consigo, através deles, ver a alegria quando ele conta alguma coisa engraçada e a tristeza quando o assunto é seus pais.

Acho que agora eu entrei num caminho sem volta. Meu coração e a minha alma já estão em completa sintonia e ambas dizem que é com ele que eu quero estar. Mesmo que para isso eu tenha que enfrentar tudo.

— Tu não está prestando a atenção no que eu estou te falando — ele estala os dedos na minha frente, me trazendo a vida depois desse pequeno devaneio que eu tive.

— Oi?! O quê?

— No que tu estava pensando Fofa? — Noah me puxa para o seu colo e eu passo as mãos no seu pescoço.

— Nada não — beijo o canto da sua boca.

— Então já que o meu assunto está te deixando tão entediada assim — ele se levanta com uma rapidez que eu, no reflexo para não cair, me agarrei mais nele —, vou te levar para a cama e fazer algo mais interessante.

— Eu gosto dessa ideia.

Noah me coloca no meio da sua cama e se deita e cima de mim fazendo nos encaixarmos perfeitamente. Seus olhos encontram os meus e ficamos colados testa com testa quase compartilhando o mesmo ar. Corro as minhas mãos pelas suas costas, por cima da sua camiseta, como se estivesse arranhando, o fazendo gemer de antecipação. E depois disso me esqueci de tudo a nossa volta...

Capítulo 23

Sábado, chuva e cólica, posso ir para a cama?

A semana passou rápido demais para a quantidade de coisas a serem feitas. Segunda acordamos já atrasados e quase perdemos a hora de chegar ao orfanato. Em todos esses anos ajudando lá, essa foi a primeira vez que eu cheguei e a turma já estava me esperando. Logo eu, que sempre cobrei responsabilidade dos meus alunos.

Reuniões com clientes e com a minha equipe para organizar os eventos dessa semana e começar a planejar os novos. Uma loucura só. E ainda tinha o Noah me incomodando e pedindo atenção como um cachorrinho carente, tive que dar umas cortadas nele senão não conseguia trabalhar direito. Coitado, ainda aliado com a minha TPM, me deu até pena. Mas ele compreendeu quarta à noite quando veio aqui para casa, conversamos e eu expliquei que às vezes não poderia estar disponível para trocas de mensagens sacanas no meio da tarde.

Entupi ele com as minhas pizzas e uns amassos no sofá e ele se acalmou. Elis sempre me dizia isso, que homem se acalma com alguma dessas duas coisas, como tinha comido um sundae de chocolate aquela tarde eu estava boazinha e fiz os dois. Não que eu esteja reclamando, claro.

Ele, folgado que só, aproveitou a minha boa vontade e dormiu aqui em casa e com isso eu já programei o despertador para uma meia hora antes do previsto, para não nos atrasarmos de novo na mesma semana. Quando o alarme tocou, eu estava sozinha na cama com um bilhete dele, me falando que tinha ido à padaria da esquina compra comida decente, pois não ia passar mais um café da manhã a pão integral e bolacha. Fui para o banho não imaginando que quando eu saísse, Noah ia estar com a metade da padaria comprada e todas as guloseimas possíveis e altamente calóricas para um simples café da manhã. Tenho a leve impressão que o fim de semana com a avó da Elis deixou ele mal-acostumado quanto a isso.

Juntando com a minha TPM e o cheiro do pão de queijo quentinho e cuca de coco com chocolate eu mandei a dieta para o quinto dos infernos e me atirei naquela mesa como uma pessoa que não comia há uns cinco dias. Quase que chegamos atrasados de novo por que não conseguíamos parar de comer.

Almoçamos juntos com a Elis nesse dia e eu optei por uma comida bem mais saudável. Aguentei os dois se bicando como duas crianças de cinco anos. Até que fiquei desconfiada e chamei a Elis num canto e perguntei se ela gostava do Noah ou aquelas implicações eram de verdade. Ela deu uma risada que quase toda a praça de alimentação do shopping se virou para a nossa mesa.

— Sério que tu está me perguntando isso? — ela fala limpando uma lágrima de tanto rir.

— Claro, vocês dois parecem que tem cinco anos cada um. E tu é uma pessoa que não é muito de levar na brincadeira certos tipos de piadas.

— Relaxa gata gostosa, eu gosto dele e gosto mais ainda desse teu sorriso quando tu está ao lado dele. Tu sabe que se eu não gostasse dele, eu ia ficar te falando que ele não prestava

e que tu merecia algo melhor. Mas, o Noah é diferente, enquanto ele te fizer feliz eu vou gostar dele, mas se um dia ele sair um centímetro da linha eu juro que acabo em dois toques com a vida dele.

Minha única ação depois de escutar isso foi abraçá-la. Mesmo ela me xingando e dizendo que ainda estava ardida do sol. Tenho muita sorte de ter essa maluca ao meu lado, nos completamos, eu salvando ela das loucuras graves e ela trazendo umas leves para a minha vida. Se eu tivesse uma irmã de sangue, não seria tão perfeita para mim como a Elis é. Como dizem por ai, amigos são os irmãos de outras mães e eu agradeço todos os dias por ter achado a minha.

Ontem à tarde eu fiz uma coisa que eu já deveria ter feito há muito tempo, mas por pura vergonha e descaso com a minha saúde deixava sempre para o mês seguinte. Fui ao ginecologista. A única vez que eu tinha ido foi quando eu tive a minha primeira menstruação, com cerca de 12 anos. Acordei de manhã com sangue em todo o meu pijama sem saber o porquê daquilo. Quase entre em desespero! Se não fosse a Rosa me explicar o que era e que ia acontecer todos os meses eu não sei o que seria de mim. Como a Cruela e eu nunca tivemos uma relação normal, isso foi uma descoberta e tanto, para a minha cabecinha de criança ainda, eu estava doente e quase morrendo. Não que eu nunca tivesse escutado falar disso, na escola eles ensinavam como isso acontece e o porquê, mas na hora do desespero eu nem me lembrei. Foi realmente uma coisa traumatizante.

Marquei consulta com o ginecologista homem, sempre ouvi falar que eles são mais delicados se tiver que fazer algum tipo de exame mais invasivo. Como mulher sabe o que tem nem se preocupa com que as outras vão sentir. Homens já são ao contrário, pois sabem que se fossem eles no nosso lugar também iam querer que fosse delicado.

A consulta foi boa. O médico foi super gente fina, conversamos muito, ele me tirou várias dúvidas e a mais importante de todas, me receitou um anticoncepcional que não me faria aumentar de peso pela dosagem hormonal, ajudaria com as cólicas e reduziria o meu fluxo. Ele aproveitou e coletou material para um pré-câncer e me solicitou uma mamografia dizendo que pelo tamanho dos meus seios devo começar a prevenção o mais cedo possível. Sai de lá com um enorme sorriso no rosto.

Fui para o evento de ontem, um jantar de uma empresa corporativa grande da cidade. A Elis quase teve um surto ao ver tantos homens bonitos e alguns mais velhos de cair o queixo. Quase que tive que proibir ela de sair da cozinha para ver os convidados, estava com medo de ela avançar em algum deles e sequestrar para a sua casa. Eu não duvido nada dela hoje em dia!

Cheguei perto das três da manhã, mandei uma mensagem para o Noah avisando que já estava em casa e fui tomar um banho. Quando voltei ele já tinha me ligado três vezes e mais algumas mensagens.

Su: Tava no banho, sem pânico!

Noah: Poderia ter avisado, já estava quase pegando o carro e indo na tua casa.

Su: Desesperado...

Noah: Muito amor, são mais de 24h sem te ver quase.

Su: hahahahahahaha

Noah: Cansada?

Su: Quase dormindo aqui

Noah: Amanhã passo aí então, vai dormir mulher!

Su: Ok bjs

Noah: Bjs

Mal coloquei o celular em cima do travesseiro ao meu lado e ele me ligou para falar uma boa noite, melhor, dizendo que queria ser a última pessoa que eu escutaria aquela noite. Bem meloso, até falei isso para ele, que começou a rir dizendo que não poderia nem ser um pouco romântico que eu cortava ele. Respondi que romântico é uma coisa, meloso como adolescente é outra, mas que tinha gostado da ideia e que mesmo ele sendo um chiclete grudento, eu ainda o amava. Ele riu baixinho e disse que mesmo que eu não o amasse, ele ia vir aqui em casa naquela hora mesmo me provar o contrário. Se eu não estivesse tão cansada teria dito para ele vir me mostrar então, mas ao invés de sair disso, saiu um bocejo. Desligamos o telefone quase ao mesmo tempo e eu dormi antes mesmo de largar o celular ao meu lado.

Acordei por volta das 8 horas da manhã no meio de uma briga do meu útero com o resto do meu corpo, esqueci de tomar alguma coisa de prevenção para essa dor infernal. Corri para o banheiro antes que eu sujasse a minha cama toda. Tomei café da manhã, super reforçado, com as coisas que ainda sobraram de quinta, eu disse que ele tinha exagerado nas compras. Aproveitei e junto com o remédio para a cólica, engoli o anticoncepcional que o gineco me deu. Agora vamos à faxina de sábado.

Limpei aquele apartamento como ele nunca foi limpo na vida. Coloquei tudo para cima e tirei a última poeira dos mínimos cantos, até o Gato teve que correr para a cozinha porque deu uma crise alérgica no coitado. Deixei por último a minha sala de música, que não via um pano há bastante tempo. Fiz a limpeza geral, se bobear até estéril deixei o ambiente de tanto que esfreguei o chão e lustrei o meu piano. Fiquei orgulhosa de mim mesma. Vou para a última parte, o banheiro e aproveito junto para tomar um banho, porque o que eu mais quero agora é o meu sofá e um outro remédio e ficar quietinha deitada.

Quando estou terminando de secar o cabelo minha campainha toca e eu vou até a porta. Antes mesmo de eu colocar a mão na maçaneta escuto alguém arranhando pelo lado de fora. Abro um sorriso sabendo que quando eu abrir, todo o meu estresse da semana vai passar com apenas um abraço. Puxo a porta e antes mesmo de ter aberto toda ela o JB entra completamente doido pulando em mim e latindo de felicidade.

— Oi JB! — Falo como uma retardada para o cachorro que parece que vai levantar voo com a rapidez que abana o rabo a minha volta. Noah fica parado na porta olhando para nós e com um sorriso no rosto. — Oi.

— Oi — ele fala entrando e fechando a porta, mudando completamente sua fisionomia de alegre para uma coisa urgente.

Mal tenho tempo para falar mais alguma coisa e ele já está me beijando. Suas mãos percorrem da minha cintura até o meu pescoço enquanto eu me agarro nos seus cabelos. Sua boca desgruda da minha e começa a tortura no meu pescoço. Sua barba me faz ter arrepios em todo meu corpo e eu

solto um suspiro.

— Estava com saudades — ele beija abaixo do meu ouvido.

— Eu também — deito no seu ombro e fico respirando o seu perfume. Nunca senti nada tão bom e viciante antes.

Noah olha para mim e me dá mais três selinhos antes de me soltar completamente. Larga a sacola que ele estava segurando em cima do meu sofá e volta-se para mim.

— Já arrumou todo o apartamento e nem me esperou para te ajudar com o aspirador de pó?

— Acordei cedo e já adiantei serviço — falo dando de ombros.

— Estou vendo essa carinha de sono —, ele chega perto de mim e olha para o meu pijama de vaca. Literalmente vaca. A calça é toda malhadinha e a parte de cima tem uma vaquinha gordinha e fofinha. — E esse pijama?

— Presente de natal da Elis — ele balança a cabeça e sorri.

— Imaginei — o Gato entra numa correria com o JB por cima dos meus pés. — Eu tenho medo desses dois juntos às vezes.

— Eles parecem nós — rio e levanto os olhos para a sacola. — O que tem ali? — curiosidade nota mil para mim.

— Elis me disse que tu estava estressada ontem e parecia que ia matar ela a qualquer momento, então eu trouxe chocolate para não correr risco — Noah olha para mim como se estivesse testando o terreno por onde estava pisando. Fofa, no meu estado hoje, até estou melosa também.

— Vem cá — o chamo com o meu indicador, ele chega perto de mim aos poucos, para bem na minha frente e eu me atiro nos seus braços e o beijo. — Obrigada — ele sorri aliviado e me abraça forte.

— De nada meu amor — beija a minha cabeça, me solta e me puxa para o sofá. — O que quer fazer hoje?

— Deitar e dormir até a cólica passar? — deito no seu ombro e ele me abraça.

— Já tomou remédio?

— Sim, só quero me deitar um pouco, tu te importa? — pergunto bocejando.

— Vou pegar travesseiros e um cobertor então.

Ele sai me deixando no sofá pensando o que ele vai fazer com essas coisas. Doido. Pego a sacola ao meu lado e abro, quase tenho um orgasmo alimentício quando vejo o que tem dentro, duas barras de chocolate, uma branca e outra preta, uma caixa de Bis e um pacote daquelas balinhas de gelatina. Para que poder passar nas portas se eu posso comer tudo isso?

Noah aparece cheio de coisas e com o JB e o Gato correndo atrás dele, como se estivessem ligados na corrente elétrica à noite inteira e com a bateria carregada. Ele chega até o sofá, faz um sinal para eu levantar, obedeço e o vejo colocando o travesseiro em uma das pontas, indo até o interruptor de luz e as apagando, pega o controle remoto da minha TV, se deita e a liga. Olho para ele com uma cara estranha.

— Vem — ele me estende a mão.

— Quer que eu me deite em cima de ti?

— Claro, e tu nos cobre com o cobertor. Quer uma tarde perfeita com esse friozinho e chuva? Eu, tu, chocolate, cobertor e um filme na TV?

— Não, mas...

— Vem Fofa — ele me puxa por um dos joelhos.

— Noah eu vou te esmagar! Te deixar sem oxigênio se eu me deitar em cima de ti — ele ri e olha para mim.

— Deixa de ser boba Fofa, eu estou com frio aqui — coloca o outro travesseiro em seu peito e bate me chamando —, vem me esquentar.

Reviro os olhos e faço o que ele disse. Me deito sobre o travesseiro no seu peito e fico entre as suas pernas. Puxo o cobertor sobre nós, Noah coloca uma das suas mãos nas minhas costas por baixo do pijama e começa a fazer movimentos aleatórios na minha pele. Muito bom!

— Viu, bem melhor que na tua cama e cada um para um lado — olho para ele levantando de leve a cabeça .

— Com certeza, mas se tu morrer esmagado por mim eu não me responsabilizo — ele ri fazendo o seu peito vibrar embaixo de mim e me abraça.

— Para de falar isso. E tira esses pés gelados dos meus — começo a rir.

— Quando eles ficam gelados me dá cólica, só passa a dor quando esquento eles.

— Agora comigo aqui eles vão esquentar — Noah pega a sacola e me pergunta o que eu quero comer primeiro.

Escolho a barra de chocolate enquanto ele come as balas e fica procurando um canal na TV. Ah meu clichêzinho, quem diria que mesmo num dia como hoje tu estaria se saindo perfeitamente perfeito? Tudo o que eu mais queria, mesmo não sabendo, era isso. Carinho incondicional, ficar juntos só pela companhia um do outro sem nada para fazer, o trecho da música balada do amor inabalável, do Skank vem a minha cabeça se encaixando perfeitamente no momento de agora.

E força antiga do espírito virando convivência

De amizade apaixonada

Sonho, sexo, paixão

Vontade gêmea de ficar e não pensar em nada

Planejando pra fazer acontecer ou simplesmente

Refinando essa amizade

Eu vou dizendo na sequência bem clichê

Eu preciso de você

(Balada do Amor Inabalável – Skank)

Dormi em cima do Noah um pouco depois da metade do filme que ele tinha achado. Nem prestei a atenção no nome, só sei que era de guerra e estava interessante, mas o remédio no meu corpo falou mais alto e eu cai no sono. Acordei com o meu copo quente e sem nenhum sinal de cólica. Esfrego os olhos e o nariz no travesseiro e olho para o Noah que está vidrado na TV.

— Acordou a minha Bela Adormecida — sua mão nas minhas costas ainda continuam a fazer carinho e a minha preguiça aliada com tudo isso, me faz voltar querer a dormir mais um pouco.

— Não quero acordar — gemo, fazendo ele rir.

— Acorda Fofa — ele me abraça e começa a fazer cócegas no meu corpo e eu começo a rir.

— Para Noah! — Sufoco uma risada e ele continua.

— Acorda que eu paro.

— To acordada. Acordada, eu juro! — Ele começa a parar de me fazer cócegas e me puxa para um beijo.

— Passou a dor? — ele tira uma mecha do meu cabelo dos olhos.

— Sim, tô dopada — solto uma risadinha.

— Percebe-se. Viciada amor? — Noah ri e eu caio no travesseiro de novo.

— Droga mano! — Ele ri alto e me abraça.

— Aposto que é coisa da Elis. — Confirmo com um gemido, seguido por uma risada.

O celular dele toca e ele pega na guarda do sofá. Pisca para mim e atende, me estico e pego o meu em cima da mesinha de centro. Abro as mensagens da Elis de um print da tela do telefone dela. Espero carregar a imagem e quando ela abre me assusto com o que vejo.

No Instagram do Noah, uma foto em preto e branco do seu sorriso, uma parte da minha cabeça e os meus cabelos espalhados no travesseiro branco, sobre o seu peito e a pata do Gato pendurada no sofá ao meu lado. De legenda escrito em português e inglês: "A gata e o Gato" e um símbolo de coração ao lado. Postada há meia hora, já com mais de trezentas curtidas e muitos comentários, todos em inglês, que eu não faço ideia do que significam. Fecho a imagem e leio o que a Elis me mandou.

Elis: Arrasando gata gostosa. Me deu até vontade de vomitar vendo essa declaração melosa, hahahahhahha. Aproveita que tu merece, até amanhã.

Volto para a imagem e fico analisando aquele sorriso enigmático que eu tanto gosto e a desordem dos meus cabelos, impossível não abrir um sorriso e querer beijar a tela do celular. Agora, o remédio que eu tomei, com certeza, subiu para a cabeça, só pode!

Noah termina a ligação, que eu nem prestei atenção sobre o que era. Olho para ele que está mexendo no celular concentrado com uma cara de preocupado e com a testa franzida. Ele olha para mim e desfaz um pouco da carranca.

— A gata e o Gato? — pergunto tentando conter um sorriso, que sai vergonhosamente.

— Mas como...? Maldita Elis! — Ele olha para cima. — Era para ser surpresa! Ainda mato ela.

— Ela não sabia de certo — Noah fica falsamente indignado e sorri. — Foi uma surpresa e tanto. Eu gostei.

— Minha gata — ele me puxa para cima e ficamos testa com testa, olhos com olhos. Coloco minhas mãos no seu rosto e o beijo lentamente. Tentando demonstrar tudo o que essa imagem e o que ele está fazendo por mim representam.

Minha vida deu uma reviravolta completa nessas poucas semanas, desde que eu achei o celular do Noah aquele dia. Mesmo não sendo tanto tempo assim, ele já conseguiu tirar um bom lado de mim que eu nem conhecia. Com a ideia de ele dizer que queria que eu o ensinasse a ser menos mimado, quem acabou aprendendo mais fui eu.

A chuva parou e decidimos sair um pouco de casa. No caminho, Noah me disse que nunca usou o aplicativo na sua vida pessoal e que não quis colocar o meu rosto porque eu tava de boca aberta e babando no travesseiro. Briguei com ele que começou a rir e disse que não sabia qual seria a minha reação e não quis me expor. Como o seu perfil é de trabalho, muitas pessoas que só querem ver ele sem roupa praticamente, acessam e comentam. Eu entendi isso, e compartilhei do mesmo pensamento. Hoje em dia qualquer exposição a mais é sinônimo de perigo.

Conversamos sobre o telefonema que ele recebeu, e que não era da Rebecca, e sim da dona da agência falando que em um mês eles teriam um jantar de uma nova campanha. Comecei a rir ao volante a ponto do Noah ter que perguntar se eu estava bem. Respirei um pouco acalmando o riso e disse que eu que iria organizar essa recepção. Ele abiu um sorriso tão sincero que eu quase esqueci que estava dirigindo e enfiei o fusca na traseira de outro carro.

Comecei a planejar ele semana passada, vai ser do estilo chique e simples, Elis já apresentou o cardápio e foi aprovado de primeira. Pelo visto o Noah gostou disso, falando que não tinha escapatória para eu fugir e não ir com ele, avisei que ia estar lá trabalhando e não iria para me divertir, e a única palavra que recebo em resposta é um “veremos”.

Chegamos ao shopping, que pela chuva, estava quase vazio. Conseguimos uma boa mesa na praça de alimentação e comemos tranquilamente. Relutei quando ele falou em sobremesa e disse que tínhamos chocolate demais em casa ainda. Fomos caminhar, de mãos dadas, pelas lojas até que eu parei na de instrumentos musicais ao escutar chamarem o meu nome.

— Su — viro-me e vejo o Eduardo sorrindo para mim.

— Edu — puxo o Noah pela mão e arrasto ele para a loja.

— Quanto tempo, trocou de loja não é? — Sorrio.

Eduardo é o melhor vendedor da região, sabe e conhece tudo de instrumentos. Legítimo nerd musical, se é que isso existe. Quando eu falo nerd, é porque ele parece fisicamente com um mesmo. Magricelo, óculos fundo de garrafa e tudo mais.

— Não troquei não — falo. — Só estou me recuperando da facada da última revisão do piano mesmo.

— Como se quem toca, não precisasse sempre de alguma coisa — ele fala e olha para o Noah. — Olá.

— Noah — o puxo mais para o meu lado —, esse é o Eduardo, o vendedor de instrumentos mais persuasivo do mundo. Edu esse é o Noah meu namorado. — Um sentimento de orgulho bate em mim em dizer essa palavra. Eles trocam uma saudação entre homens, aquele movimento de cabeça.

— Su... — Edu se volta para mim. — Estamos com um funcionário novo que se acha o melhor em tudo. Disse que ele nem chegava aos teus pés.

— Edu pelo amor de Deus — sorrio. — Coitado do cara, nem sou melhor que ninguém.

— Que nada Su — ele vira para o Noah. — Já viu ela tocando?

— Nunca vi alguém tocar melhor — Noah dá de ombros e sorri.

— Não incentiva — falo para ele já envergonhada.

— Que nada Fofa, quem é esse cara, Eduardo, vamos apresentar a Su para ele — só o que me faltava, juntou a fome e a vontade de comer na minha frente.

— Já volto — Eduardo sai e começa a chamar um tal de Roberto.

— Tá doido Noah? — falo baixinho para ele que ri.

— Não, só exibindo a minha namorada talentosa — ele dá de ombros.

— E se o cara for melhor e eu for humilhada? — ele faz um som com a boca como se fosse um “pff” — “Pff” é o cacete.

— O “pff” é meu, e eu sei que tu vai ser bem melhor que ele — minha vontade é dar um tapa naquela cara linda para tirar aquele sorriso presunçoso.

Eduardo volta sorrindo e conversando com um cara, bem intimidador. Aquele roqueiros altos, de cabelos compridos e barba na cara, todo de preto e uma camiseta do AC/DC.

— Essa aí — Eduardo aponta para mim —, vai te dar um show na guitarra, piano, violão e tudo mais o que tu pensar que faz música — o cara me olha de cima a baixo e abre um sorriso irônico.

— Prazer, Su — Estendo a minha mão para ele, que aperta.

— Roberto — Noah se apresenta e o cara se volta para mim. — Afim de um duelo para eu calar a boca desse idiota aqui?

— Não sei... — olho para o Eduardo e para o Noah que está em uma posição defensiva.

— Vai sim Su! — Eduardo pega uma guitarra azul do mostruário e me entrega, pego o instrumento pelo braço e descanso no chão em cima do meu pé para não arranhar. Roberto pega uma vermelha.

— Edu eu vim aqui só passear eu não...

— Vai Fofa — Noah incentiva.

— Medo? — Roberto dedilha a guitarra testando a afinação.

Medo? O sangue corre para a minha cabeça e eu não consigo evitar. Já tive muito medo na minha vida, desde pequena, esse é um sentimento que eu conheço muito bem e hoje em dia eu o controlo e faço o que eu quiser com ele. Se esse cara quer ser humilhado em pleno serviço dele, não posso fazer nada. Piano é a minha adoração, mas a guitarra sempre teve um apreço especial

para aliviar o estresse e eu humildemente, toco como um rock'star em turnê mundial.

— Noah — falo sem tirar os olhos do idiota empunhando a guitarra. Noah coloca uma mão na minha cintura. — Segura a minha bolsa que esse cara quer tomar uma surra de guitarra hoje.

Por Noah

Su me entrega a sua bolsa e coloca a alça da guitarra no ombro. Nunca vi ela empunhando uma e a imagem não pode ser mais sexy. Sabia que ela não ia deixar esse cara dizer que ela estava com medo de perder. Ela não aceita levar desaforo para casa e muito menos deixa um desafio em aberto.

Vejo eles ajustando as cordas e plugarem em uma caixa de som que estava ali. Eduardo chama os outros funcionários que não estavam atendendo para ver.

— Noah — Su me chama e eu caminho até ela.

— Uma palheta, dentro da minha bolsa, em algum canto.

Ela volta a mexer na guitarra e eu abro a bolsa dela. Minha nossa! Nunca vi tanta coisa juntas em um espaço tão pequeno. Me escoro em um balcão que tem lá e começo a procurar a palheta.

Jesus! Batom, chaves, papéis, cabo USB, pente de cabelo, duas carteiras, isso aqui é uma foto do Gato? Cartela de remédio, escova e pasta de dentes, absorvente? Largo rápido! Fones de ouvido, lixa de unha, papel de bala e chocolate, mais uma porrada de lixo. Onde está a maldita palheta? Abro um fecho em uma das laterais e tenho medo de ser picado por algum bicho exótico, respiro fundo e enfio a mão ali e encontro a palheta azul. Caminho até ela que enrola os cabelos e coloca para frente dos ombros.

— Demorei, mas achei — entrego para ela que sorri.

— Desculpa não te avisar da bagunça dela.

— Pensei que ia encontrar uma cobra até — brinco e ela ri.

— Podemos começar? — Eduardo chega e eu dou um beijo nela e desejo boa sorte.

Saio para um canto enquanto eles conversam e escolhem como vão fazer isso. Su começa a tocar seguida pelo cara mal-encarado. Escolheram um rock clássico e tocaram atraindo as pessoas que estavam passando na frente da loja.

O cara faz caras e bocas tocando, como se fosse a coisa mais difícil do mundo, bem diferente da Fofa que parece que nem faz força tocando e nem precisa fazer esforço algum para tocar as notas e os acordes. Parece que a música e ela são uma coisa só, com uma convivência antiga e se completam perfeitamente.

Tocam o último acorde e o cara olha para ela de cima a baixo. Demorando bem mais do que o necessário para fazer esse trajeto. Se eu não fosse uma pessoa pacífica ia o fazer engolir os próprios olhos.

— Nada mal — o cara dá um sorriso malicioso e eu aperto as mãos para não avançar no pescoço dele.

— Bem mal para ti isso sim! — Su fala. — Errou o compasso e os acordes umas três vezes. Edu,

tem certeza que esse aqui é o cara certo?

Um coro de provocações ecoa na loja. Su coloca as mãos na cintura como se isso a deixasse mais alta e no controle da situação e ri com desdém do oponente. Já disse que fico louco quando ela faz isso? O idiota que está tocando com ela desdenha da provocação e propõe outra música.

Dessa vez é mais rápido, mas a Su tira de letra. Termina rindo mais alto do cara que já está puto com isso.

— E aí Roberto, convencido? — Eduardo pergunta.

— Ainda não!

O cara fala e começa um solo de guitarra esquisito. Su olha para mim com uma cara de irônica e fala sem emitir som “esse cara é doido” e pisca. Deixa ele terminar e solta um suspiro balançando a cabeça e sorrindo e começa a tocar um solo olhando para o cara que chega a estar vermelho de raiva. A pequena plateia que se formou começa a bater palmas e a gritar como se estivessem em show de rock mesmo fazendo o cara largar a guitarra e sair para uma porta. Su termina o solo e começa a rir envergonhada.

— EU DISSE! — Eduardo grita apontando para ela. — ESSA AQUI BATE TODO MUNDO!

Gritos e aplausos para ela que agradece timidamente e conversa com algumas pessoas em volta por um tempo até a multidão se dissipar. Espero no balcão, ao lado da sua bolsa sem fundo, ela vem em minha direção com os olhos brilhando de felicidade.

— Parabéns meu amor! — Abraço ela e beijo seu cabelo.

— Só tu mesmo para me fazer isso — sorri e eu a solto. — Acho que o cara vai pedir demissão depois dessa.

— Quem mandou provocar a minha gata, ou melhor, tigresa — ela joga a cabeça para trás rindo e eu aproveito para beijá-la. Será que algum dia eu vou conseguir me controlar? Espero que não.

Nos despedimos do Eduardo e do resto da loja, e eu carrego a minha guitarrista para casa. Ao abrirmos a porta do seu apartamento e ligarmos as luzes uma bagunça sem tamanho é revelada.

— GAAAAAAAATO! — Su grita ao meu lado vendo a cortina da sala no chão e rasgada.

Corremos para o quarto e achamos o JB e o Gato deitados em cima da cama dela como se fossem pegos no flagra roendo um pedaço que eles devem ter carregado.

— JB! — Falo pegando ele no colo que abaixa as orelhas como se estivesse se sentindo culpado.

— Não culpa ele Noah — Su pega o Gato com a mesma expressão de sempre, quieto e como se não ligasse para nada ao redor dele.

— Culpo sim, onde já se viu fazer isso com a cortina da sala. Coisa feia JB!

— Com certeza, ele não fez isso sozinho, não é Sr. Gato? — ela pega o pedaço de pano e saímos do quarto. — Não é a primeira vez que isso acontece.

— Porque ele faz isso? — Pergunto colocando o JB no chão e pegando o que sobrou da cortina.

— Sei lá, rebelde sem causa ou ciúmes de ti — ela levanta uma sobrancelha na minha

direção.

— Ciúmes? — Ironizo com uma falsa risada.

— Gatos são persuasivos e de personalidade forte. Ou tu acha que ele não percebe que eu estou dando mais atenção a ti do que a ele?

— Ele já tem o JB para incomodar, não precisa se preocupar com a gente — ela senta no sofá e começa a acariciar o Gato que olha para mim sem nenhuma expressão, por uns segundos penso que ela está certa, pois eu estou com ciúme das mãos dela nele e não em mim.

— O JB é um brinquedo para ele, nunca percebeu? — faço uma cara de desentendido e ela continua. — Ele manda e desmanda nele, cachorros são fiéis e bobos perto dos gatos. Se ele quiser e manipular, o JB o deixa montar em cima da sua cabeça, nunca viu isso? O Gato é o cérebro da dupla.

— Analista de gatos? — pergunto rindo e ela me dá um tapa na perna.

— Não, li muito sobre eles na internet quando resolvi pegar um com os pais da Elis. É da personalidade deles. Autossuficientes, inteligentes e manipuladores por comida e carinho. Como agora. Se fosse o JB que fizesse isso, tu estaria brigando com ele, já eu estou sentada dando o que ele quer — Su levanta ele até ficar na altura dos olhos e fala com aquela voz que ela faz só para os animais. — Gato malvado, se queria carinho era só pedir, não precisava estragar a cortina da mamãe. Se bem que eu já tava pensando em trocá-la.

Olho para o JB deitado olhando para mim com uns olhinhos de pidão e arrependido. Bato nas minhas pernas e o chamo, que vem correndo e pula no meu colo.

— É amigão, acho que estamos nas mãos de dois felinos aqui, tu de um gato e eu de uma tigresa — ela ri e solta o Gato que olha para o JB e caminha em direção à cozinha, ele late e sai correndo atrás dele.

— Viu só — Su fala enquanto passo um braço pelos seus ombros e a puxo para mais perto de mim. — O Gato comanda o crime organizado.

— Mafiosos, isso sim.

Juntamos o resto do que sobrou da cortina e a Su vai para o banho. Fico olhando para ver se tem alguma coisa importante no meu e-mail quando recebo uma mensagem da Rebecca.

Rebecca: Te avisaram do evento?

Noah: Sim, agendado já.

Rebecca: Certo, só para avisar que é um convite por pessoa.

Noah: Não preciso de outro.

Rebecca: Vai deixar a “gata” em casa enjaulada?

Noah: Não preciso, ela vai estar lá ù

Rebecca: Como se é um evento fechado e só para convidados de alto nível, nunca que alguém como ela entraria.

Noah: Em primeiro lugar, não fala assim dela certo ou vamos brigar pior do que segunda e dessa

vez eu não vou ser tão compreensivo assim.

Rebecca: Eu vi a foto que tu postou no instagram, ficou louco? Aquilo é um perfil de divulgação para o teu trabalho!

Noah: É meu e eu posto o que eu quiser! Já te disse para não se meter na minha vida pessoal. Não faz parte do teu trabalho.

Rebecca: Mas cuidar da tua imagem sim! E se tu continuar assim vai colocar todo o trabalho a perder. Tu já perdeu rios de dinheiro só no fim de semana passado ao recusar a campanha.

Noah: Se eu aceito ou não um trabalho é minha decisão.

Solto o celular em cima da cama e me sento passando as mãos no meu cabelo. Aquele dia que ela apareceu lá em casa e quis me arrastar para o escritório para conversar me deixou puto, na segunda, quando a encontrei quase a despedi ali mesmo.

Me atiro na cama com os braços abertos e as pernas para fora. Minha cama é boa, mas a Fofa é bem melhor. Talvez pelo fato do cheiro dela estar aqui, mesmo com os lençóis trocados depois da bagunça do Gato e do JB. Rolo para um lado e pego um dos travesseiros, de fronhas rosa e flores amarelas, e abraço. A porta do banheiro abre e eu a vejo saindo de pijama, meu mais novo estilo de roupa favorito, quanto mais infantil, mas sexy fica nela. Esse listrado azul e roxo já me deixou ligado mesmo sabendo que nesses dias ela está impossibilitada de qualquer atividade.

— Que foi? — ela me olha deitado na sua cama.

— Nada, só vendo como tu fica sexy de pijama — ela me atira a toalha que estava segurando.

— Bobo — jogo a toalha no chão e me ajito do meu lado quando ela se deita. Abraço sua cintura e a puxo para mim, começo a beijar o seu pescoço a fazendo gemer o meu nome. — Noah, eu não posso...

— Eu sei amor, só quero fazer carinho em ti, posso? — ela solta uma risadinha.

— Estou sentindo o carinho me cutucando — paro de beijá-la e a mordo no ombro a fazendo gritar e rir ao mesmo tempo.

— Ele tem vida própria não posso fazer nada — ela vira para ficar de frente comigo.

— Tu não importa de esperar alguns dias para... — ela morde o lábio.

— Amor, se eu me importasse tu acha que eu estaria aqui? — a vejo pisca umas duas vezes para mim e eu continuo. — Eu te amo e quero ficar contigo, nos dias bons e...

— Nos dias em que estou abortando um Alien do meu útero? — como? começamos a rir juntos.

— Sim, nesses dias também Su. Em todos os dias — a porta se abre e ouvimos um par de patas caminhando pelo chão e subindo em cima da cama, logo depois, outro pulo mais sutil.

— Acho que essa noite não vamos dormir sozinhos — ela fala baixinho.

— Não mesmo! — Rimos e eu a beijo de novo, até que não conseguimos mais lutar contra o sono e dormimos agarrados um no outro.

Capítulo 24

— Vamos nos atrasar de novo — falo arrancando o carro em uma das sinaleiras, chegamos a dar um solavanco para trás. Temos dez minutos para chegar ao orfanato.

— Vai dar tempo. Relaxa amor — Noah fala ao meu lado com um sorriso sacana.

Ontem passamos o dia na minha sala de música brincando com os instrumentos, conversando, dando risada e a noite, fomos para a casa da Elis fazer uma lasanha. Chegamos em casa quase uma hora da manhã, ela e o Noah resolveram abrir uma garrafa de vinho tinto barato e eu fiquei aguentando os dois rindo como se não houvesse amanhã. No final eu já estava bêbada só de ver os dois naquele estado.

Deixamos a Elis capotada em casa e eu dirigi até o apartamento com o Noah rindo como um louco ao meu lado. Se eu estava acostumada com a Elis chorando quando bebia, vou ter que me acostumar com o contrário agora.

Abri a porta do apartamento com o Noah escorado, rindo sozinho de uma das loucuras da Elis. Mal fecho a porta e ele me ataca contra a parede, misturando o seu gosto com o de vinho na minha boca e me deixando a ponto de quase rasgar as roupas dele ali mesmo.

E não deu outra. Entre trancos e barrancos, uma mesinha de canto derrubada no meio da sala e, eu acho que o Noah deve estar com um roxo de um encontrão com a maçaneta da porta do banheiro. Tenho a absoluta certeza que a minha conta de água esse mês vai vir bem mais alta do que as dos meses passados. Mas, com toda a certeza, vou pagar cada centavo que vier com um lindo sorriso no rosto.

Resultado de tudo isso? Quase atrasados, de novo.

Estaciono o fusca no meu lugar habitual e saímos correndo para o orfanato com dois minutos de folga por assim dizer. Me despeço do Noah em frente a minha sala e entro para começar a aula. Mais uma vez, não pude deixar de notar a falta do Yago na classe, será que ele ainda está doente? Quinta-feira passada ele veio com um sorriso no rosto que derreteu o meu coração, mesmo com os quilos perdidos desde o início dessa doença misteriosa, ele continua lindo. Quero falar com a supervisora do orfanato sobre isso ainda hoje.

A aula corre tranquila e o andamento da música para a apresentação está bem mais adiantada do que eu esperava. Estou orgulhosa das minhas crianças. Quando comecei com essa turma, a maioria nunca tinha segurado um violão na vida e hoje já estão praticamente tocando sozinhos.

Meia hora antes da minha aula acabar, a supervisora do orfanato, Raquel, bate na minha porta com um sorriso triste e me pede para dispensar a turma que ela precisa falar com todos os funcionários. Estranhei, nunca ela me pediu uma coisa dessas. Dispensar a turma e vou para a sala dela.

Entro com todos já ali, Noah conversando com a Elis e a Cris em um canto, as funcionárias da limpeza, administração e alimentação em outro. Vou para o lado do Noah e a Raquel chega, todos nós olhamos para ela esperando uma resposta para o porquê dessa reunião

de última hora. Pela sua expressão, o assunto não é muito agradável.

— Bom gente — ela começa a falar e tira o óculos do rosto como se limpasse uma lágrima. — Como vocês sabem o Yago anda doente e hoje foi confirmado o que o médico havia me confidenciado sem a presença dele.

— E o que é? — uma das responsáveis pela alimentação fala.

— Ele está com leucemia.

Meu mundo parou. Um buraco se abriu sob os meus pés e a gravidade fez o seu serviço me puxando para baixo. Sinto duas mãos na minha cintura me segurando para eu não cair. Todo mundo começa a falar ao mesmo tempo, mas eu não assimilo nada. Minha mente parou.

— Su... — Noah está parado na minha frente me chamando, mas eu não consigo responder. Leucemia, leucemia... Só a voz da Raquel falando é o que ecoa dentro de mim. — Amor, fala comigo.

Pisco umas duas vezes até escutar, as vozes da sala e a Raquel pedindo silêncio.

— Calma pessoal. Precisamos antes de tudo nos acalmar — ela fala. — O médico me disse que a dele é Linfonóide Aguda, e as chances de cura são promissoras.

— Promissoras? — Elis fala. — Isso não significa nada — sua voz falha no final, eu sei que ela está chorando. Ela sempre chora. Porque eu não consigo me movimentar? Quero abraçar a Elis, quero que ela me abrace.

— Eu sei Elis, mas foi o que o médico me disse. Ele me explicou que esse tipo é o mais comum e que as células do sangue se tornam demais no corpo e fazem mal.

— E como vai ser o tratamento? — alguém que eu não identifico, pergunta.

— A quimioterapia começa semana que vem, já está agendada até.

Quimioterapia, essa palavra crava como uma faca no meu estômago. Sinto meus joelhos perderem a pouca força que restam e alguém me segurar. Noah! Olho para ele que está ao meu lado prestando atenção em tudo que estão falando em nossa volta. Corro os olhos em algumas pessoas e todas estão chocadas, algumas limpam as lágrimas e alguém chora ao meu lado. Elis. Estico a minha mão e toco no seu ombro, ela vem e me abraça.

— Su... — ela fala no meu ouvido e eu não respondo, só passo meus braços pelo seu corpo e a abraço.

Alguém vem e me beija na cabeça e encosta a testa em minha cabeça. Olho para o lado e vejo o Noah, seus olhos estão tristes.

— Su... fala comigo — diz baixinho.

— Eu estou bem — murmuro mais para mim do que para ele. Elis me abraça.

— Su... — Raquel se aproxima de mim. — Eu sei que tu é a pessoa mais próxima dele aqui, mas o médico me disse que o caso dele é quase cem por cento de cura — aceno a cabeça.

— Quando é a primeira sessão? — pergunto com um pouco mais de convicção.

— Terça que vem — ela me responde com um sorriso fraco.

— Eu vou junto — afirmo.

— Eu não sei se é uma boa ideia...

— Raquel não tem isso. Eu vou junto e ponto final.

Ela me olha e assente. Não vou deixar o Yago nessa situação, ele é apenas uma criança sozinha nesse mundo. Eu sei a história dele. É igual a minha, os pais morreram, mas os tios não quiseram assumir, por isso que ele está aqui. Poderia ser eu no lugar dele há anos atrás, poderia ser eu que estivesse com câncer e não teria ninguém para cuidar de mim, porque quer estar ao meu lado e não porque é pago por isso.

Raquel continua falando para nós agirmos normalmente com ele e ajudar com o que pudermos. Elis me solta e limpa o nariz com as costas das mãos. Depois de mais algumas explicações e dúvidas de alguns, quanto ao tratamento e afins, saímos da sala. Noah está ao meu lado segurando a minha mão fortemente. Elis diz que vai ao banheiro antes de sairmos para almoçar. Yago está sentado em um dos bancos do pátio do orfanato e quando me vê corre para vir me abraçar.

— Tia Su — abraço e aperto ele.

— Meu anjo.

— Oi — ele abre um sorriso faltando um dente na frente e olha para o Noah.

— Tu que é o famoso Yago então? — Noah estende a mão para ele, que fica olhando desconfiado e por fim aceita e aperta.

— Sim e tu é o tio Noah? — solto uma risada. Tio Noah.

— Sim, sou eu mesmo — Noah sorri para ele.

— Meus colegas falaram que tu ensina inglês para a música que nós vamos tocar na apresentação. Eu prefiro tocar do que cantar. — Ele faz uma cara feia nos fazendo rir.

— Eu também Yago, bate aqui — levanto a minha mão e ele bate.

— Hey! — Noah fala. — Eu não canto, isso é com a Cris, só ensino o inglês — Yago solta uma risada.

— Tia Su, o médico descobriu o que eu tenho — ele fala animado, meu coração dói de ouvi-lo falar.

— E o que é? — pergunto não querendo transparecer a minha tristeza para ele. Noah coloca a mão no meu ombro, para me lembrar de que ele estava aqui comigo.

— Uma coisa louca que faz o meu sangue ficar fazendo um monte de sangue novo e doente. Mas o tio do hospital disse que eu vou ficar bom, mas vou ter que tomar injeção. Eu não gosto de injeção tia Su!

— Ninguém gosta de tomar — falo. — Aposto se fosse o tio Noah que tomasse ele ia fazer um escândalo por causa disso — pisco para o Yago que ri de novo e olha para o Noah.

— Dos piores — ele fala rindo ao meu lado.

— Yago vem almoçar — gritam da porta da sala do orfanato e ele olha para mim.

— Vou lá almoçar tia Su, quero ficar bom rápido para voltar às aulas de música.

— Vai lá — falo tentando abafar o carço que surgiu na minha garganta. Dou um abraço e um beijo nele, depois ele se despede do tio Noah e sai.

O almoço foi silencioso. Mesmo as implicações diárias do Noah com a Elis foram esquecidas. Ela pode ser uma vaca que não cala a boca, mas quando o assunto é sério, ela se fecha. Noah ficou ao meu lado todo o tempo, não falou nada também, mas eu sabia que estava esperando nós ficarmos sozinhos para conversarmos.

Me despeço da Elis que vai para o seu consultório e voltamos para o orfanato. Noah para a turma com a Cris e eu, antes de entrar na minha sala, vou conversar com a Raquel.

Bato na porta e ela me atende com um rosto mais feliz do que quando veio nos dar a notícia. Conversamos por uns quinze minutos. Disse a ela que iria acompanhar o tratamento junto, iria às sessões de quimioterapia e tudo mais o que ele precisasse. Ela disse que não precisava e que não parecia uma boa ideia, que ele poderia interpretar errado e deixar ele assustado com tudo isso.

Eu entendi, mas não concordei. O que ele precisa agora é de alguém que demonstre um afeto incondicional por ele, que segure a sua mão quando ele mais precisar. E eu vou ser essa pessoa. Quase brigamos, mas no final ela aceitou a minha ajuda, me abraçou e disse que eu estava certa, que com toda essa situação estava sendo uma tola por recusar uma ajuda a mais.

Dou a minha aula me concentrando na música para me acalmar. Eu sei que a leucemia infantil é teoricamente comum e com grandes chances de cura só com a quimioterapia. Mais isso não é justo. Ele é só uma criança. Que já teve bastante sofrimento por uma vida inteira, não merece ter que passar por isso também.

A vida não é justa, eu sei. E como, mas cabe a nós levantar a cabeça e encarar, sem ficar chorando pelos cantos, isso não ajuda em nada e só atrapalha. Mas às vezes, em situações como essa, a vontade é jogar tudo para o alto e deixar ser levada pela tristeza e desespero. Mas essa não sou eu e nem a minha realidade. Vou lutar junto com ele. Não vou ligar de ter que encarar as idas ao hospital ou mesmo os cuidados pós químio. E o meu trabalho? Me viro como sempre me virei antes, posso levar o notebook e resolver a maioria dos meus problemas com ele. Dou um jeito, mas sozinho eu não vou deixar o Yago.

Termino a aula, ainda entendendo tudo o que vai acontecer daqui para frente. Noah me espera na entrada da minha sala, quando eu dispenso a turma, com um sorriso fraco no rosto, ele entra e tento responder com um igual, mas não sai. Ele me ajuda a arrumar as coisas que usei na aula, ambos em silêncio. Quando terminamos, ele me abraça no meio da sala e, pela primeira vez no dia, eu me sinto bem e com o meu nível de esperança bem acima do que estava antes.

Entro no carro com o Noah sentando no banco do motorista, eu não estou com a cabeça para dirigir mesmo. Ele guia o carro até a frente do seu prédio e estaciona.

— Vou lá em cima buscar umas roupas. Vai esperar aqui? — Coloca a mão no meu pescoço e me faz olhar para ele.

— Não precisa ficar comigo — falo sem pensar muito nisso.

— Não preciso mesmo, eu sei, mas eu quero. Não vou te deixar sozinha em casa hoje.

— Noah...

— Sem conversa — ele me corta calando a minha boca com um beijo na testa. — Vamos chegar no teu apartamento, tu vai para o banho enquanto eu arrumo uma coisa para nos comermos, porque no almoço tu ficou só remexendo na comida e depois conversamos — solto o ar, que eu nem sabia que estava prendendo dentro de mim e respondo que está tudo bem.

Noah entra no seu prédio e eu fico dentro do carro olhando o movimento, meu celular toca dentro da bolsa e eu levo uma meia hora para encontrá-lo em meio aquela bagunça toda. Desbloqueio a tela e vejo a mensagem da Elis.

Elis: Preocupada contigo...

Su: Estou bem, ou melhor, assimilando tudo isso.

Elis: Tá em casa?

Su: Esperando o Noah pegar umas roupas limpas e vamos para o meu apartamento

Elis: Ok, se precisar de mim me liga.

Su: Eu sei...

Elis: Amo tu vaca!

Su: ♥

Solto o celular dentro da bolsa quando o Noah retorna com uma mochila e um pacote de ração para o JB.

Entro em casa e sou recebida pelo JB e o Gato nos meus pés com uma saudade imensa. Me sento no chão e começo a brincar com os dois, Noah se senta ao meu lado e começa a brincar com o JB naquelas brincadeiras esquisitas de cachorros que ficam pulando e correndo em volta como loucos. Com o Gato é mais simples, ele no meu colo recebendo carinho na cabeça e ronronando “me ame humana desnaturada senão teu sofá será o próximo assassinato que eu cometerei”. Me deito no chão, colocando o Gato no meu peito, estico as pernas e fico olhando para o teto.

— Eu sei o que tu está pensando e passando — Noah fala ao meu lado, ficando na mesma posição que eu.

— Não é justo — murmuro.

— Nem um pouco, com ninguém — ele pega a minha mão e segura firme.

— Não posso deixar ele sozinho nessa.

— E não vai. Te conheço meu amor, vi o jeito que tu lida com ele. Se tu pudesse trocaria de lugar só para não vê-lo passar por tudo isso, não é? — como ele consegue ver a minha alma tão melhor que eu? No fundo, eu faria isso mesmo e não pensaria duas vezes.

— Eu vou ficar mais ausente...

— Não mesmo!

— Noah! — Me viro para ele e fico sobre os meus cotovelos. — Eu vou acompanhar ele no que precisar e... — ele começa a rir. — Do que tu está rindo? Isso é sério!

— Eu to rindo de como tu é independente e quer fazer tudo sozinha — fico sem entender e reviro os olhos.

— Noah isso não é brincadeira — me levanto do chão e vou até a cozinha.

— Não estou brincado — pego um copo d'água e me escoro na pia. Ele chega em mim e se coloca na minha frente, tira o copo da minha mão e o coloca no balcão, puxa-me pelos ombros nos deixando colados.

— Sem jogos Noah, hoje não... — ele me abraça e se deita no meu ombro.

— Não to jogando Fofa, só estou ao teu lado, e se tu deixasse eu falar antes de sair correndo, só quero te dizer que tu não vai ficar ausente, porque eu vou contigo. — O empurro e olho nos seus olhos.

— Como? — ele me beija rápido.

— Ahh minha Fofa ingênua e mandona! Eu vou estar contigo nessa, amor. Ou tu acha que eu seria um namorado que abandona nas épocas mais difíceis assim? Posso ser clichê, mas não insensível e idiota a esse ponto.

“Boom!”, outro buraco se abre sobre os meus pés para me puxar, mas os braços do Noah, em volta de mim, não deixam. As palavras deles entraram como uma bola de canhão, e deixaram um buraco incorrigível no muro que protege o meu coração, deixando ele cada vez mais exposto. Estar comigo nessa, foi isso que ele disse? Foi isso mesmo que eu entendi? Nunca ninguém lutou comigo as minhas lutas, era eu e eu mesma para tudo. Minha vontade é de chorar de alegria, mas não faço isso.

— Tu faria isso? — pergunto para afastar cada dúvida do caminho, ele ri e me abraça, me levantando, me fazendo sentar na pia e ficando na sua altura.

— E porque não faria?

— Não sei.... Talvez pelo fato de que a tua mãe... — não termino a frase, mas ele entende.

— Fofa, o que aconteceu com ela foi uma lástima e descoberto quase tarde demais, o caso dele é diferente. Eu falei com a Raquel hoje à tarde e depois liguei para o médico da minha mãe na Inglaterra e conversei com ele.

— Tu fez isso? — devo estar de boca aberta aqui olhando para ele como uma idiota.

— Fiz e mais ainda, a Raquel conseguiu a cópia dos exames do Yago e eu mandei para esse médico que olhou, e me disse que pelo o que ele viu o caso é tranquilo e as chances de cura são otimistas e.... — não deixo ele terminar de falar e o beijo.

Tento demonstrar tudo o que ele significa para mim, a felicidade e a tristeza se misturaram e o meu amor por ele é fortalecido. Sempre foi eu contra o mundo e quase sempre o mundo contra mim, mas nunca deixei de lutar. Ter o Noah ao meu lado, em uma das lutas mais difíceis, com certeza vai ser mais suportável passar. Ele me dá a sensação de proteção e segurança que eu nunca senti com mais ninguém e nunca pensei que fosse possível.

— Somos eu e tu contra o mundo agora? — pergunto quando termino o beijo e o abraço descansando a cabeça no seu ombro.

— Não — ele me abraça mais forte e me levanta da pia. — Somos eu, tu e o Yago, amor.

Noah me leva até o banheiro e tira a minha roupa com carinho enquanto eu tiro as deles. Tomamos banho juntos, sem nenhum tipo de pensamento a mais. Era carinho e afeto puro. Coisa que todo mundo precisa e merece sentir, mais cedo ou mais tarde na vida. Terminamos e fomos comer alguma coisa perdida na minha geladeira, sentamos no chão da sala e jantamos na mesa de centro. Conversamos sobre o que a mãe dele passou e quais foram os procedimentos, ele me explicou o que o médico dela havia dito sobre o caso do Yago e como deverá ser o tratamento dele.

Procuramos na internet artigos que falavam e explicavam sobre a doença e como se manifesta no corpo. Eu sei que não se faz isso sem antes falar com o médico, mas eu precisava ter algum respaldo antes de saber o que eu estava encarando. Dormi enquanto o Noah lia alguma reportagem para mim e quando percebi, estava na minha cama com ele deitado ao meu lado me abraçando por trás.

Viro para ficar de frente para ele, observando-o dormir, passo minha mão pelo seu rosto delicadamente para não acordá-lo e beijo os seus lábios entreabertos, pensando comigo mesma, que eu nunca pensei na minha vida encontrar alguém como ele, que mesmo com tão pouco tempo de convivência, quer lutar as minhas lutas ao meu lado, mesmo que com isso, ele não ganhe nada.

Ele se mexe um pouco, me abraçando mais ainda. Paro de tocá-lo e me aconchego nos seus braços, me deixando descansar para enfrentar os problemas futuros ao lado de quem eu amo e sei que também sente a mesma coisa por mim.

Capítulo 25

— Fofa.... — Noah tenta me acordar. — Vai para casa que eu fico aqui.

Estou sentada nessa cadeira, praticamente desde que nós chegamos ao hospital hoje de manhã. Viemos junto com o Yago para a primeira sessão de quimioterapia e eu não consigo ir embora, não porque precisem de mim, e sim porque eu não quero.

Foi tudo tranquilo, Noah veio comigo e não saiu do nosso lado por mais do que alguns minutos. Yago chegou ao hospital rindo como sempre, deixou as enfermeiras encantada, e nem fez cara feia quando tiveram que pegar a veia dele para começar a infusão de medicamentos. Agora ele está dormindo e pelo visto, eu dormi aqui também.

— Que horas são? — esfrego os olhos tentando me acostumar com a claridade do quarto, quando consigo abrir os olhos decentemente, vejo o Noah parado na minha frente.

— Quase onze da noite. Vai para casa descansar que amanhã tu tem que trabalhar — me levanto esticando as pernas e quase não sentindo a minha bunda, mesmo com todo o tamanho dela.

— Não, vou passar a noite aqui, a Raquel disse que ia passar mais tarde só — Noah revira os olhos na minha direção e eu vou ver como o Yago está e o seu soro, que está quase no final, aperto a campainha para chamar a enfermeira.

— Pelo menos vai comer alguma coisa, passou o dia aqui do lado dele, eu fico aqui agora — ele chega ao meu lado na cama e me abraça por trás.

— Não estou com fome — falo olhando para o Yago que dorme profundamente.

Realmente, eu não estou com fome, nem com vontade de ir ao banheiro, nem nada. Só quero ficar aqui e me certificar que o Yago não vai precisar de mim.

— Pode não estar, mas alguma coisa tu vai ter que comer, nem que seja a força — viro-me para o Noah. — E não adianta fazer essa cara feia bonitinha para mim.

— Cara feia bonitinha? — ele abre um sorriso.

— É! Essa mesma que tu está agora, de brava, mas não sabe se continua assim ou ri.

— Só tu mesmo para me fazer rir aqui Noah — abraço ele e solto um suspiro longo. — Obrigada por ficar hoje comigo.

— Eu disse que ficaria. Agora tu vai comer alguma coisa, antes que quem precise de um hospital seja tu — ele pega a minha bolsa e me empurra porta a fora do quarto e fecha a porta.

Saio pelo corredor branco e passando por enfermeiras, médicos, pacientes e acompanhantes. Nunca gostei de hospital. O cheiro, ambiente praticamente silencioso e a tensão que ronda é desgastante e me fazem ficar estressada e mal-humorada, ou sei lá o que. Chego ao refeitório e fico olhando para as comidas sem vontade nenhuma de comer alguma coisa.

Escolho um café com leite frio e um pão de queijo que parece de borracha de tão ruim, e nem comento do preço, seria isso um teste para cardíacos? Me sento em uma mesa isolada em

um canto e tento engolir tudo aquilo.

Amanhã é quarta, tenho uma reunião às nove da manhã com a noiva da despedida de solteira de sexta e casamento de sábado. Aliás, nem é reunião, é uma incomodação, piração, ou sei lá o que é, pois tudo já está pronto e só esperando o dia chegar para acontecer. Minha vontade é ligar e desmarcar para ficar aqui com o Yago, mas não posso fazer isso. Minha burrada foi dizer isso ao Noah. Quase brigamos, porque ele disse que eu não posso deixar de trabalhar e fazer as minhas coisas e levar tudo nas costas, senão vou acabar enlouquecendo por querer me virar em quinhentas partes. E que não adiantava eu bater o pé com ele que ele também sabia fazer isso e bem pior que eu. No fim das contas, eu tive que ceder, não porque ele estava falando, e sim, porque estava certo.

Mas expliquei também para ele que eu sempre fiz tudo sozinha, nunca tive alguém ao meu lado como ele está comigo nessa. Ele entendeu, e ainda disse que não importava o que eu fazia antes dele, e que sim, agora eu não estava sozinha e que mesmo eu chutando a bunda dele porta a fora ele ia voltar e chutar a minha também. Ou seja, entre tapas e beijos. Eu com a minha teimosia pior que uma mula, palavras dele, e ele com a capacidade de relevar tudo o que eu falo sem dar importância as minhas delicadezas. É, ele é um amor mesmo.

Termino de comer e volto para o quarto. As luzes ligadas e o Noah sentado na cadeira onde eu estava dormindo, mexendo no celular. Uma enfermeira troca o soro do Yago que ainda dorme.

— Comeu? — ele pergunta levantando os olhos para mim enquanto a enfermeira olha para o Noah e quase esquece o que estava fazendo.

— Tentei, comida horrível — falo olhando diretamente para a ela que come o Noah com os olhos. Só o que me faltava. — Tudo certo enfermeira? — falo um pouco mais alto para que ela saia do transe de babar e vire para mim. Noah volta a olhar para o celular, mas com um sorriso irônico.

— Sim claro! — A enfermeira se recupera rápido e começa a juntar os materiais e olha para mim. — Está tudo certo, só o soro que acabou e troquei.

— Certo... — olho de cima a baixo para ela terminando de arrumar tudo, mas não sai antes de dar mais uma olhada no Noah que mantém os olhos fixos na tela.

— Uma boa noite e qualquer coisa só me chamar — sorri e bate a porta. Noah começa a rir sufocando uma gargalhada, daquelas que ele joga a cabeça para trás para não acordar o Yago.

— Engraçadinho — caminho até ele —, nem em um hospital tu consegue não chamar a atenção por ser lindo? — começo a rir junto com ele.

— Eu tava quieto na minha — ele levanta as mãos em rendição. — Eu juro!

— Sei... Acho que eu não vou te deixar aqui no hospital sozinho com o Yago, vai ser como deixar a carne para as leoas — Noah se levanta.

— Não gosto de leoas, já tenho a minha gata — pisca para mim e eu nem tenho tempo de responder.

— Tia Su... — Yago me chama e eu chego até a cama dele.

— To aqui meu anjo — ele abre os olhos e sorri.

— Preciso ir no banheiro.

— Vamos lá então — falo pegando o soro do suporte.

— Não tia Su! — Ele fala rápido.

— O que foi Yago? — pergunto assustada, será que ele está com alguma dor ou sentindo alguma coisa? — Está tudo bem? Quer que eu chame alguém aqui? — penso na enfermeira e até a deixo olhar para o Noah se ela conseguir fazer alguma coisa pelo Yago.

— Não, é que eu sou menino e tu não pode me ver sem roupa — como? Yago olha para mim sério, como se fosse uma coisa muito problemática o que ele disse. Solto um suspiro de alívio e olho para o Noah ao meu lado.

— Sou menina, não posso ver ele assim — dou de ombros rindo, não sei se pela situação, ingenuidade do Yago ou alívio, mas eu começo a rir.

Entrego ao Noah o suporte do soro e ajudo o Yago a descer da cama pela escadinha. Abro a porta do banheiro e espero eles voltarem. Acho que estou ficando nervosa ou paranoica demais com isso. Quase tive um infarto agora com ele me falando isso, imagina se acontecesse alguma coisa de verdade? Acho que não suportaria.

Duas batidas na porta e a Raquel entra no quarto.

— Oi Su... — ela me cumprimenta com dois beijos. — Como estão as coisas aqui?

— Oi, tudo tranquilo, ele está no banheiro com o Noah — ouço a risada dos dois quando a porta se abre.

— Tia Raquel! — Yago fala sorrindo ainda mais do que já estava, quando a porta do banheiro se abriu. O que será que esses dois estava aprontando ali?

— Yago, tudo bem querido? Noah — ela cumprimenta ele do mesmo jeito que eu. E depois se volta para o Yago. — Como foi hoje?

— Nem fiz cara feia quando me colocaram uma agulha — ele afasta as mãos umas cinco vezes mais que o necessário para demonstrar o tamanho da agulha, impossível não rir —, deste tamanho, o tio Noah não conseguia nem olhar para ela, não é? — Ele olha para o Noah que realmente não conseguiu ver isso porque ficou olhando para o outro lado.

— Verdade, eu e as agulhas não nos damos muito bem — disfarça, mas eu já peguei isso dele, um baita de um homem daquele tamanho com medo de agulhas.

Yago continua falando tudo o que ele fez e quantas vezes a enfermeira veio colocar a injeção no soro e não nele, que aquele era o melhor hospital do mundo, ele tomou uma picada só e o resto foi tudo no soro. Ajudamos ele a se deitar de novo, que boceja de sono.

Raquel assume o posto essa noite, mas confesso que por mim não sairia daqui. Me dói deixar ele. Sei que ele está bem cuidado e atendido, mas e se ele acordar no meio da noite e me procurar e eu não estiver aqui? Ele pode pensar que eu não voltar e que não quero mais ajudar ele...

— Consigo escutar os teus pensamentos daqui Fofa — Noah fala ao meu lado, dirigindo

o Fusca, ele tira uma mão do volante e pega na minha em cima da minha coxa. — Ele não vai pensar tudo isso que está movendo essas engrenagens na tua cabecinha.

Fico em silêncio até chegarmos em casa, e sim, o Noah está quase se mudando para o meu apartamento. Se eu me importo? Desde semana passada não. Chegar aqui e ver o Gato e o JB nos esperando é mágico. O JB pulando e nos lambendo como se estivéssemos fora por uma semana e o Gato sendo o Gato sempre, começa a miar por comida, até nós pararmos de dar atenção para o JB e sim para ele.

Noah senta no chão e começa a brincar com o JB e eu vou dar comida ao Gato. Alimento o esfomeado e volto para a sala para ver a cena do Noah rolando no chão com o JB como criança. Me escoro no lastro da porta e fico olhando, impossível segurar o sorriso que se forma quando vejo isso. Noah olha para mim e me chama, faço que não com a cabeça, que não funciona com ele.

— Duas escolhas, ou vem sozinha ou eu te trago aqui — fala olhando para o JB. Reviro os olhos, porque sei que se eu não for, ele vem me buscar.

Caminho até o lado dele e me sento no chão.

— Pronto! — Estico as pernas e solto os ombros, nem reta mais eu consigo ficar.

— Não... — Noah fala ao meu lado, não o quê? Já estou aqui sentada no chão ao lado dele como uma idiota, o que mais ele quer?

JB vem e pula para no meu colo e começa a me lambar como doido. Tento virar o rosto, até sentir o Noah tirando o elástico dos meus cabelos fazendo cair sobre os meus ombros.

— Não... — falo, mas já era tarde demais, ou me desviada do ataque do JB ou dele aos meus cabelos.

— Agora sim... — Noah fala mudando de lugar e sentando atrás de mim.

Balanço os cabelos para tirar do rosto e o Noah pega eles e passa por cima do meu ombro esquerdo e se apoia no meu direito me abraçando por trás. JB fica mais calmo enquanto eu faço carinho na barriga dele no meu colo.

— Parecemos dois loucos — falo sem olhar para ele que ri baixinho.

— Parecemos dois cansados e com saudades dos nossos bichos — Noah completa e começa a brincar com o pescoço do JB.

— O Gato prefere a comida.

— Sim, mas o Gato é um ser supremo.

— Falando nele... — o Gato aparece na porta da cozinha e olha para a cena, caminhando com toda a calma, frieza e autoconfiança dele, e senta no meu colo também.

— E ciumento, falando em gatos e ciúmes... — reviro os olhos porque sei que ele não ia deixar o caso da enfermeira babona, sem comentário. — Não sabia que tu era assim Fofa — Noah fala rindo e eu viro devagar para ver o sorriso sarcástico dele.

— Ahh não vem que não tem, aquela enfermeira tava te comendo com os olhos, e outra, não foi ciúmes!

— Claro que não — irônico.

— Não foi mesmo, só estava defendendo o que era meu... — é falei demais, agora ele vai ficar se achando o máximo com isso.

— Teu né — ele beija o meu pescoço e me morde de leve.

— Sim — tento não perder o foco do que eu estava fazendo... o que era mesmo? Ah sim, carinho no JB e no Gato ciumento. — Tu faria a mesma coisa se um dia alguém olhasse para mim do jeito que ela estava.

— Eu sou civilizado amor — maldito cavanhaque me arranhando, tão bom... — E outra, aquele dia no teu duelo de mijo de guitarra... — começo a rir.

— Duelo de mijo de guitarra? Acho que tu está convivendo demais com a Elis, Noah, já está falando igual a ela — ele ri.

— Mais uma vez eu querendo falar alguma coisa e tu me cortando com uma faca afiada — Noah joga as mãos como se estivesse derrotado e olha para cima.

— Tenho culpa que tu fala as coisas e eu não posso deixar de comentar? — ele ri mais forte ainda e me morde, também mais forte dessa vez.

— Para de me morder e fala de uma vez então — ele tira as minhas mãos do JB e segura, me fazendo ficar sem me mexer e me vira de barriga para baixo quase esmagando o Gato e o JB que conseguiram escapar por milésimos de segundos, e fica em cima de mim. Com o susto, da virada repentina, solto um grito.

— Só assim para eu conseguir falar o que eu quero — ele solta as minhas mãos, embaixo de nós e tira o meu cabelo do meu rosto.

— Noah me solta que esse chão tá sujo — óbvio que ele não faz isso, e ainda começa a me fazer cócegas pelo corpo todo.

Depois de um ataque quase catastrófico de cócegas, eu consigo me virar e ficamos um virado para o outro. Noah fica entre as minhas pernas, em uma posição de perfeito encaixe, que sempre conseguimos ficar. Começamos a nos beijar até eu começar a tirar a camiseta dele.

— Eu não tinha que falar alguma coisa? — Noah fala quando eu a puxo para cima e quebro o nosso beijo. A retiro no meio da sala mesmo e começo a me mexer para tirar a minha.

— Não dá para esperar uns vinte minutos, ou mais? — tento me mover debaixo dele, mas não consigo.

Em menos de dois segundos trocamos de posição. Incrível como ele consegue me levantar em tão pouco tempo assim, eu sei que ele é forte, mas mesmo assim, não é? Sento-me em cima dele que coloca as mãos nas minhas coxas me segurando, fortemente, bem naquele ponto tão bom.

— Não, não dá — consigo tirar a minha blusa e fico só com o meu sutiã branco de florzinha rosas. — Eu ia dizer que aquele dia, lá das guitarras — aproveito que estou por cima, e começo a atacar o cinto dele. — Eu quase matei o outro cara.

— Por quê? — Noah fecha os olhos e solta um gemido baixo quando eu começo a abrir a calça dele.

— Ele estava te olhando como se fosse te comer. Jesus Fofa... — ele geme e encurva o corpo para trás. — Quarto...

— Aqui... — falo, agora, nesse momento, sem frescura e rápido.

Sei que não posso esquecer os meus problemas usando o Noah como um pedaço de carne, mas hoje eu preciso. Quero me sentir bem sendo venerada nos braços dele, para saber que tudo o que eu faço está valendo a pena e ele está comigo. Nunca pensei assim, não sei o que se passa pela minha cabeça de fazer justo isso. Antigamente eu me afogava num pote de sorvete, seguido por uma barra de chocolate, e um pacote de bolacha recheada Bono. Mas atacar o Noah no chão sujo da minha casa, parece bem mais gostoso que todo esse açúcar que iria correr no meu sangue.

— Eu tô todo babado do JB... — ele fala se contorcendo embaixo de mim, isso me faz ficar poderosa e abusada. Me deito em cima dele de novo e falo no seu ouvido.

— Mas ele não chegou perto do que eu quero... — Noah abre os olhos, ardentes e responde.

— Chuveiro então... — e em dois movimentos rápidos, ele me carrega até o banheiro.

~

Estamos os dois respirando com dificuldade e olhando para o teto. Noah me puxa para um abraço desajeitado e eu acabo me deitando no seu ombro, com uma mão jogada no seu peito e uma perna por cima das dele.

— Uau... — fala monossilábico.

— É... — respondo no mesmo nível. Estamos exaustos, eu com um sorriso besta no rosto e com todas as minhas células agitadas.

— Acho que nunca fui tão bem usado como pedaço de carne como hoje — levanto a cabeça e olho para ele, com o mesmo sorriso que o meu há segundos.

— Como assim usado? — ele ri irônico.

— Eu já senti tudo isso Fofa, a incapacidade de fazer alguma coisa a mais do que estamos fazendo por alguém que amamos. Nos sentimos péssimos e precisando de algum afeto excepcional. Não que eu esteja reclamando, estou sentindo isso também — Noah para de falar e me olha, desvio o olhar e saio do seu peito e vou para o meu travesseiro.

Viro-me para a parede com a vergonha me cobrindo dos pés a cabeça. Não queria que fosse tão óbvio assim, só queria me sentir bem e amada por alguns segundos para esquecer tudo. Agora me sinto egoísta. Eu aqui, aproveitando a vida e ele lá no hospital.

— Hey... — Noah vem para o meu lado, e me toca de leve. — Não fica te remoendo por isso amor, não faz bem para ti. O que nós fizemos foi uma reação normal do nosso inconsciente. Muito sai do hospital do lado da minha mãe e me atirei no primeiro bar para procurar alguém que me fizesse por alguns segundos e esquecer tudo. Olha para mim — não me mexo e ele suspira, mas continua falando. — Quando chegamos em casa, sabe porque eu te arrastei para o chão comigo? — silêncio. — Para te fazer esquecer, porque eu sei que quando esse sentimento vem

faz uma merda só.

Vou virando lentamente até ficar completamente deitada, Noah se deita ao meu lado. Sim, ele fez isso. Me tirou da depressão pós hospital, com aquela loucura toda. Por alguns instantes eu me esqueci de tudo e todos e aproveitei o momento.

— E o sentimento de que o que eu fiz, não foi certo? — escuto o seu sorriso se formar.

— E quem disse que não foi? Para mim foi uma coisa muito boa, isso sim.

— Sério Noah — levanto-me puxando o edredom sobre o meu peito para não ficar tão exposta e sento na cama. — Agora to me sentindo egoísta e que não devia ter saído de lá.

— Eu sei, mas tu não pode deixar de viver a tua vida por isso. E tem que sair de lá para não surtar, e manter a cabeça no lugar, isso é mais importante...

— Não, eu estar lá sim — começo a me levantar para me vestir.

— Deita aqui — Noah me puxa e eu desabo em cima dele.

— Me solta — falo entre dentes.

— Não — ele fala firme. — Tu não vai lá, vai me escutar — tento puxar o meu braço, mas ele não solta. — E não adianta puxar que eu sou mais forte que tu. Me escuta! — Olho para ele contando até mil para não mandar ele para a puta que o pariu. — Ele está bem, se alguma coisa acontecesse a Raquel teria ligado e avisado. Tu precisa manter a calma, é o melhor para todos nós. Não perde o teu foco: ajudar ele. Se tu ficar em cima vai ser um desgaste desnecessário e estressante à toa.

— Mas e se.... — ele me cala somente com um olhar.

— Se nada — ele me olha sério, como se fosse um pai dando um sermão em um filho. — É assim mesmo, amor. Ele vai precisar de ti? Vai sim, mas não nesse momento. Agora, tu tem que manter a cabeça no lugar e pensar no amanhã.

Mais um choque de realidade me bate. Sim, eu tenho que manter a calma e a cabeça no lugar, não posso me desesperar por pouca coisa, se isso acontecer, vou ficar incapaz de ajudar.

— O que vai ser amanhã Noah? — pergunto baixo, e ele solta o meu braço.

— Eu não sei... — ele passa as mãos nos cabelos. — Pode ser coisas boas ou ruins, mas temos que nos preparar para o futuro já que o agora está controlado — me deito de novo ao seu lado.

— Não gosto disso. Quero ter controle do meu futuro.

— Eu sei. Mas não conseguimos ter controle nesse tipo de situação, Fofa, ninguém consegue. Eu sei que tu calcula todos os teus passos com uns dois de antecedência. Segura para não haver problemas. Não é? — concordo com a cabeça.

— Quando eu era criança, não sabia o que poderia me esperar no outro dia, por isso sempre fui assim — suspiro.

— Passou Fofa — ele me abraça —, tu não precisa mais ser assim. Tu não está mais sozinha no mundo.

— Eu tenho o Gato agora... — solto um sorriso fraco de cansada.

— E eu. Tu não disse que tava cuidando do que era teu? Então... — olho para ele que está com um sorriso triunfante no rosto.

— Acho que tu vai usar isso contra mim sempre de agora em diante, não é?

— Sempre — bem feito Su, quem manda falar demais. Agora aguenta o Sr. Cheio de Si falando isso!

~

A semana passou rápido demais, é já é sexta. Yago já está no orfanato, no quarto dele, saiu hoje de manhã do hospital.

Depois daquele meu ataque de terça a noite, e o Noah me falando aquelas coisas, eu me acalmei. Assimilei tudo o que ele me disse e aceitei. Passei a maior parte da noite acordada pensando em tudo aquilo. Uma certa hora eu desisti de ficar na cama e fui para o piano para pensar com mais clareza.

Sim, eu agi como uma louca e estava quase surtando mesmo. Me acalmei e fiquei mais tranquila. Quarta, Noah, foi para o hospital de manhã enquanto eu ia à reunião com a noiva do casamento de amanhã e quando terminei, fui para lá.

Estamos assim, nos revezando. Yago está ótimo, alguns enjoos só, e nada demais. O médico marcou a próxima para terça novamente e dependendo de como ele se portar a noite, não vai ficar tanto tempo assim. Um alívio na minha alma escutar isso.

— Su! — Elis me chama, estou arrumando uns cupcakes com decoração de lingerie.

Estamos na despedida de solteira que eu também organizei no salão menor de onde vai ser realizado o casamento amanhã. Deve ter umas cinquenta mulheres enlouquecidas gritando, junto com a música alta.

— Fala Elis — ela vem com olhos arregalados, acho que foi poucas vezes que eu vi ela assim.

— Alguém chamou uns gogo boys! — Agora seus olhos brilham.

— O quê? — uns gritos mais altos do que o normal enchem a sala. — Tu só pode estar de brincadeira!

— Não. Olha aqui na porta, a Carla! — A minha garçonete entra branca como um papel. — São gogo boys não é?

— Sim. Nunca vi uma coisa dessas — a coitada olha para mim. — E agora?

— Finge que não está acontecendo nada. Nem respira lá dentro. Consegue fazer isso?

— Se tu quiser eu posso ajudar — Elis dá um sorriso demoníaco e eu já imagino ela se agarrando a um gogo boy.

— Tu fica aqui Elis! — Aponto para ela e para as caixas de comida. — Teu posto agora.

— Sem graça — ela sai nos seus saltos para uma caixa de cupcake e pega um. — Eu vou comer até explodir então.

— Pode comer — falo para ela e volto para a Carla e sorrio querendo acalmá-la. — Tu não precisar olhar, certo? Só serve as mesas e pronto. Qualquer coisa tu me chama.

Ela é a minha funcionária mais novinha, 19 anos, mas super competente. Por isso, a considero a minha segunda braço direito, depois da Elis. Ela pega outra bandeja e sai porta a fora deixando alguns gritos entrarem pela fresta. Mulheres bêbadas e homens seminus, loucura total.

A porta de descarga abre e o Noah aparece na porta. Meu coração dispara. Corro para o lado dele aflita, ele olha para mim, abre um sorriso, me abraça me inclinando para baixo e me beija.

— Noah! Aconteceu alguma coisa? Está tudo bem? Como está o Yago? — ele me solta e vira para a Elis.

— Que gritaria é essa? — me ignora totalmente.

— Gogo boy! — Elis fala sorrindo e com a boca toda suja de cupcake.

— Dá para tu me responder? — puxo a mão dele que está encarando a Elis de boca aberta. Ele vira para mim e finalmente, finalmente, fala.

— Gogo boys? Se eu soubesse não deixaria tu vir Fofa — o quê? Ele abre um sorriso.

— Noah, não muda de assunto. Me fala de uma vez — detesto quando ele faz isso.

— Relaxa amor, ele está melhor que tu, que está completamente enrascada — me olha sério e de braços cruzados.

— Como assim enrascada? Ele parou de enjoar? E a febre? — Elis fica olhando para nós e comendo um cupcake.

— Sem febre e pouco enjoo. Gogo boys? E tu ainda que discutir?

— Sem discussão é o meu trabalho. O que a Raquel queria falar comigo aquela hora?

— Ver homens pelados é o teu trabalho? Ela quer conversar uma coisa contigo segunda.

— Eu não sabia deles... E ela te disse o que era?

— Tu sempre sabe de tudo — ele pega um cupcake e se escora na mesa ao lado da Elis.

— Ver vocês dois brigando é hilário, parece uma partida de ping-pong. Ainda mais com dois assuntos completamente aleatórios um do outro.

— Não estamos brigando! — Falamos ao mesmo tempo.

— E o que tu está fazendo aqui? — pergunto para ele.

— Ia passar por aqui mesmo e como tu veio com a Elis, vim te buscar.

— Não precisava fazer isso.

— Precisava muito — ele arqueia as sobrancelhas em minha direção.

Uma convidada bêbada entra na cozinha cambaleando, caminha até nós, trocando as pernas e olha para o Noah escorado de cima a baixo e quase começa a babar.

— Precisa de alguma coisa? — pergunto profissionalmente.

— Sim... — ela lambe os lábios pintados de vermelho e sorri para o Noah com uma cara

de quem fosse comer ele aqui mesmo.

— E o que seria? — Elis se endireita e me olha assustada com medo da minha reação.

— Su... — Elis tenta chamar a minha atenção e eu só levanto uma mão para ela, pedindo para ela calar a boca.

A convidada chega ao lado do Noah que não demonstra nenhuma reação a ela, e olha fixamente para mim estudando a minha reação. A mulher, olha o Noah de cima a baixo de novo e empina os peitos na direção dele.

— Tu não deveria está lá com os outros? — ela enrola a língua e toca no braço do Noah.

— Eu não faço aquilo — ele se esquiva e ela continua.

— Mas poderia começar — um sorriso que era para sair sexy, mas saiu uma coisa bêbada. Ela coloca a mão no peito dele.

— Se foi só isso que veio perguntar, pode ir embora — falo, Elis chega ao meu lado e agarra o meu braço.

— Estou falando com ele, não contigo, sou madrinha dessa festa e tu só a empregada — silêncio! Noah olha para mim assustado, Elis segura mais o meu braço. Não sou barraqueira, e nem vou ser, mas o que essa infeliz precisa é de umas boas porradas na cara.

— Tu pode ser a dona da festa, mas ele é meu namorado. Então acho bom tu tirar essas mãos dele e sair daqui, antes que eu desfaça todo o casamento da tua amiga e eu acho que ela não vai gostar nenhum pouco disso.

Carla entra pela porta e me vê falando com a madrinha bêbada. Eu estou calma, não alterei a minha voz, mas se essa vadia não sair do lado do Noah, eu juro que não respondo por mim. Elis fala alguma coisa para a Carla que sai correndo pela porta por onde entrou.

— Namorado? — ela me olha de cima a baixo. — Posso estar bêbada, mas não cega.

— Amor... — Noah fala me alertando. — Deixa.

— Escuta aqui, já disse para tu parar, sai daqui de uma vez antes que isso acabe mal — tranquila, serena e mantendo a ordem. Se fosse a Elis no meu lugar, já teria quebrado uns dois dentes dela, eu sei por que ela já fez isso.

— O que houve? — a noiva entra na cozinha, com uma fantasia ridícula de noiva com o vestido pela metade, de tão curto, e totalmente maquiada com batom no rosto e dentes. — Alice!

— Amiga! Achei mais um perdido aqui, mas ele não quer tirar a roupa — ela passa por mim e se abraça com a noiva. — Manda ele fazer isso, tu é a dona.

— Alice vai para casa. Su me desculpa! — Ela faz uma cara de arrependimento para mim, vou para o lado do Noah.

— Sem problemas — falo. — Só cuidado que um dia ela pode não pegar uma tão legal como eu.

A noiva carrega a amiga bêbada e saem pela porta. Elis se senta desleixada e solta à respiração.

— Amiga, pensei que tu ia avançar na cara daquela bisca — Noah olha para mim, com aquele sorriso besta no rosto. Aos poucos eu volto para o lugar de administradora da festa e não de uma namorada defendendo território.

— Ela só estava defendendo o que é dela — fala irônico.

— Já tava pronta para segurar ela para não avançar, e tu nem se prestou para fazer alguma coisa Noah, tava querendo ver briga?

— Eu não ia brigar — falo indo para o lado do Noah e pegando um cupcake. Depois dessa, eu mereço uma bomba calórica, ou duas...

Elis se levanta e vai até a porta olhar como está a festa. Gritos e palmas explodem do salão principal, junto com a música alta. Olho no relógio no meu pulso que apontam onze e meia da noite ainda, só mais meia hora para eu poder encerrar aqui e ir para casa dormir. E amanhã ainda tem o casamento. Que semana!

— Gente, a coisa ta animada lá dentro. Tem um só de sunga rosa dançando mais que muita funkeira ostentação.

— Coisa ridícula — Noah fala ao meu lado.

— Foto não é? Eu vi umas tuas Clichezinho, quase pelado também.

— Sem comparação Elis — Noah fala, e eu continuo comendo. — Fotos é artístico, isso é falta de vergonha mesmo.

— Não acho, é a mesma coisa, ambas fazem as mulheres babarem, só que eles se podem ver ao vivo, e sem photoshop.

— Photoshop é mais em mulheres — Noah bufa ao meu lado, uma margem ótima para a Elis pegar no pé dele.

— DUVIDO! — Ela grita me fazendo quase dar um pulo.

— Ai Elis, não grita nos meus ouvidos! — Falo terminando de comer o cupcake e pegando uma bandeja para arrumar para a Carla servir.

— Duvida o que Elis? — Noah vai para frente dela e coloca as mãos na cintura. — Se quiser posso te mostrar que ainda estou em forma e não preciso dessas coisas — ele coloca as mãos na barra da camisa.

— Se tu levantar 1 centímetro dessa camiseta eu te expulso daqui... — cantarolo e arrumo os cupcakes sem nem levantar a os olhos para eles.

— Sem graça — Elis fala.

— Se quiser ver homem sem camisa, arruma um para ti ou olha pela janela ali. Mas o Noah não — estico a cabeça e dou um selinho nele que sorri.

— Está vendo, ela cuida do que é dela — ele me abraça e a Elis revira os olhos e vai para a janela babar um pouco.

Sáimos de lá quase uma da manhã, eu já não aguentava mais aquele som alto e os gritos agudos das mulheres. Elis e Noah ficaram o tempo todo implicando um com o outro, tive que me meter no meio dos dois antes que se matassem ali mesmo. Ainda antes de sair, a noiva veio se

desculpar comigo, pela madrinha bêbada dando em cima do Noah e dos gogo boys que ela não sabia que iriam. Respondi o mais profissional possível, mesmo querendo dizer que a essa madrinha é uma vadia e não se mexe no que é dos outros.

Foi aí que eu percebi, eu sou ciumenta! Nunca pensei que fosse. Nunca tive nada assim, para chamar de meu como o Noah. E pelo visto, ele gosta, porque a cada caso de ataque de ciúmes meu, ele fica me olhando como se estivesse orgulhoso de mim.

— Lar doce lar — falo abrindo a porta do meu apartamento e sendo recebida pelo JB e o Gato na porta. — Oi meus amores, saudades da mamãe?

— Já adotou o JB? — Noah fala fechando a porta.

— Adotei sim, não é JB fofa? — o cachorro late para mim e corre para o lado do Noah que brinca com ele. Pego o Gato no colo que ronrona. — Não fica com ciúmes Gato, mesmo tu sendo um espaçoso preguiçoso, eu ainda te amo.

Largo ele no chão e vou para a cozinha e encontro uma bagunça só. Sai de casa hoje cedo, deixei o Noah dormindo e fui para o hospital para estar na alta do Yago, para levar ele ao orfanato e ver todas as recomendações do médico. Quando deixei o apartamento, a pia estava impecável que eu arrumei ontem à noite e agora, parece que quinze pessoas passaram o dia aqui.

— Noah — grito. — Vem cá.

— O que foi? — Ele aparece só de cueca branca e segurando uma toalha.

— Qual foi o furação que passou aqui? — aponto para a pia, com eu acho que todos os meus talheres sujos, café derramado em toda a bancada, açúcar no chão e, aquilo ali é um pedaço de queijo no chão?

— Opa...

— Opa é tu arrumando isso, aliás, já deveria ter arrumado — ele geme.

— Não dá para acumular com o de amanhã de manhã?

— Não, porque pelo visto, não vamos ter louça para o café — abro uma gaveta e entrego um pano de prato para ele e pego a toalha dos seus ombros.

— Louça para ti e banho para mim — dou um tapa na bunda do Noah e saio.

— Tu me paga — ouço ele gritando quando eu entro no banheiro e vejo as roupas dele atiradas no meu banheiro. Um bagunceiro nato, eu mereço.

— Faz direito que eu pago com gosto — respondo.

Tomo um banho longo para relaxar o corpo e vou para a cama. Noah vem uns quinze minutos depois e me abraça por trás e começamos a conversar.

— Minha ciumenta.

— Vou começar a te prender em casa, para ninguém te ver, antes que eu seja presa por quebrar a cara de alguém — ele ri. — Agora eu sei como a Elis se sentia quando eu tinha que segurá-la.

— Tu já segurou a Elis assim? — pergunta como se duvidasse que a Elis pudesse fazer

algo assim. Ah se ele soubesse da metade das histórias dela.

— Perdi as contas — rio. — Uma vez ela quebrou os dentes de uma.

— Cada vez mais eu tenho medo da Elis. Mas tu — ele beija o meu pescoço —, fica sexy pra caramba ciumenta. Fiquei sem ação lá, porque o meu sangue foi para outra extremidade do meu corpo.

— Ai meu Deus Noah — começo a rir mais alto.

— Sério. Ainda bem que a Elis não viu, senão...

— Eu ia arrancar os olhos delas — Noah ri. — Não to brincando — entro na onda dele. — Onde já se viu, querendo te ver sem roupa ainda na minha frente, nunca fiz isso com os namorados delas, porque ela tem que fazer com o meu?

— Continua que eu estou gostando.

— Idiota — viro para frente dele. — Quero falar sério agora.

— Fala meu amor — ele tira o meu cabelo do rosto.

— A Raquel não disse mesmo o que queria? — Por mais que eu tente, eu não consigo esquecer e a minha preocupação ronda sempre.

— Não, só disse que segunda queria conversar contigo, mas não falou sobre o que era, mas não te preocupa antes do tempo, se fosse alguma coisa com ele, ela ia ter falado.

— Não sei....

— Tô vendo que vou ter que colocar as minhas habilidades para funcionar, para tu parar de ficar pensando nisso até segunda.

— Que habilidades? — pergunto, mas ele não tenho tempo de responder, porque começa a me beijar e realmente, eu esqueço de tudo depois disso.

Capítulo 26

— Alô — acho o meu telefone na bagunça da minha bolsa e atendo sem mesmo olhar no visor quem está me ligando.

— Su! Como está a minha sobrinha preferida?

— Tio! — Abro a porta do Fusca e saio com o celular apoiado no ombro, a bolsa em uma mão e na outra umas partituras. — Estou bem e vocês por aí? — claro que entre esses “vocês por aí” incluo a Rosa e o Mário, não a Cruela.

— Com saudades de ti. Quando vai vir aqui jantar comigo? — droga, tudo o que eu precisava agora passar algumas horas na companhia da maldita.

— Também estou com saudades, ando numa correria só aqui — entro no portão do Orfanato sorrindo para o porteiro.

— Nenhum dia com umas duas horinhas para mim essa semana? — ai porcaria, não consigo dizer não ao meu tio.

— Me deixa pensar um pouco... — faço a minha agenda mentalmente em milésimos de segundos. — Quinta a noite pode ser? — se tudo der certo, nesse dia pela manhã, o Yago já vai estar aqui no Orfanato e eu, mais tranquila de poder sair por alguns minutos.

— Pode ser — percebo o sorriso dele pelo telefone. — Vou pedir para a Rosa preparar aquela massa que tu gosta.

— Obrigada Tio — abro a porta da minha sala.

— Ah... Trás aquele rapaz que veio contigo aquele dia, pelo visto vocês estão juntos não é?

— Sim... — fico vermelha dos pés a cabeça, nunca pensei que um dia levaria algum namorado para a casa onde eu cresci. — Eu aviso o Noah e se não estiver ocupado, ele vai.

— Isso, tenho que saber quais são as intenções dele com a minha sobrinha preferidas — tenho vontade de responder para poupar ter que levar o Noah nesse banquete para os leões. Me irritar, apoiar nos momentos de quase surto, fazer esquecer da vida nos braços dele e implicar com a Elis a ponto de eu ter que me intrometer.

— Tio... — advirto.

— Eu sei Su, mas eu tenho que fazer o meu papel. Vejo vocês quinta?

— Eu sim, o Noah eu vejo com ele ainda. Tchau.

— Tchau.

Desligo o telefone e coloco em cima da minha mesa. Até que enfim, um dia não cheguei atrasada esse mês! Foi só o fato do Noah não ter vindo comigo que isso não aconteceu. Ele acordou mais cedo e deixou um bilhete dizendo que ia passar na casa dele pegar algumas roupas e outras coisas.

Arrumo a minha sala, com uns bons quinze minutos de antecedência antes da minha turma chegar. Caminho pelos corredores do Orfanato a procura da Raquel quando vejo o Yago descendo a escada dos quartos como um maratonista correndo.

— Tia Su! — Ele se atira no meu colo e eu o levanto com um abraço.

— Oi meu anjo. Onde vai com tanta pressa? — o coloco no chão que arruma as roupas sorrindo para mim.

— Ia te esperar no portão! Cadê o tio Noah? Ele disse que hoje ia me ver tocando contigo.

— Acho que ele não chegou ainda. Como tu está? — coloco a mão na testa dele para ver se estava com febre.

— Ótimo! Nunca vomitei tanto na minha vida tia Su, foi irado! — Começo a rir, só criança mesmo para achar legal vomitar assim desse jeito.

— E depois tu dormiu bem?

— Muito! — O portão se abre e ele vira rápido para ver quem entra e sai correndo me deixando falando sozinha, crianças...

Caminho até os dois no portão. Noah me olha e pisca na minha direção e o Yago se pendura nele como eu fiz com ele e conta, detalhadamente, o banho de vômito que deu no seu quarto, como se fosse a coisa mais interessante para se escutar antes das oito da manhã, e o pior de tudo, o Noah dá corda para esse acontecimento.

— Parem de falar disso antes que eu comece a vomitar aqui também — faço uma cara de nojo e os dois começam a rir de mim. Alguém chama o Yago e ele sai correndo como um louco.

— À essa hora e com o pique todo — falo.

— Bom dia meu amor. Acordou bem? — Noah me abraça e beija a minha cabeça.

— Bom dia. Sozinha, mas bem.

— Sozinha não, eu deixei o JB para me representar — começamos a caminhar em direção as nossas salas.

— Não é a mesma coisa — dou os ombros. — Pelo menos ele não me incomoda tanto.

— Ahh eu incomodo não é? — Noah soa um falso ofendido. — Vou começar a dormir em casa então — paro na porta da minha sala e olho para ele séria.

— Vai mesmo? — levanto uma sobrancelha interrogativa para ele que falha miseravelmente em tentar manter a mentira.

— Não, não consigo — ele sorri.

— Suspeitava — entro na minha sala e ele vem junto, aproveito para falar sobre o jantar. — Meu tio me ligou e meio que me convocou, sem direito a negar, para jantar quinta a noite na casa dele, quer ir junto?

— Quinta dessa semana? — confirmo e ele pensa um pouco. — Vamos.

— Não precisa ir se tiver algum compromisso. Não é nada demais, só nós mesmo, ele disse que estava com saudades de mim.

— Não tenho nada, só estava pensando em um dia, mas é semana que vem. E se tu vai, é claro que vou junto.

— Obrigada — sorrio para ele e pego as partituras que deixei em cima da mesa e começo a distribuir em cima das cadeiras dos alunos que já devem estar chegando.

— Não vai me perguntar o que tem quinta-feira que vem? — Noah caminha atrás de mim como um cachorrinho perdido e doido por algum tipo de atenção.

— Eu deveria...? — pergunto desconfiada.

— Acho que sim — viro para ele que dá de ombros. — Mas não é nada demais, só o nosso um mês de namoro... — fala como se não tivesse importância.

Um mês? Já?! Caramba, se ele não me falasse não ia lembrar nunca. Pelo visto eu não sou uma daquelas namoradas psicóticas que querem que o parceiro lembre até da cor do céu na noite em que eles começaram a namorar. Olho para o Noah espantada, e ele começa a rir.

— Sabia que tu ia esquecer isso.

— Desculpa — falo. — Eu ia me lembrar, eu juro. Só não sei quando, mas eu ia — coloco a mão na cabeça vendo o desastre em datas em pessoa que eu sou.

— Primeira mulher do mundo que não dá bola para datas de aniversário que eu conheço Fofa.

— Cada vez mais eu me conformo que a mulher nessa relação é tu Noah — falo rindo.

Vamos analisar os fatos. Ele que correu atrás de mim, ele que disse a primeira vez que me ama, ele que manda mensagens para saber onde eu estou o que eu estou fazendo, ele morre de ciúmes do meu trabalho, e depois de sexta à noite, disse que vai ficar de olho nas despedidas de solteiras que irei planejar. Ele que se lembrou do nosso primeiro mês de namoro, ele que é o meloso da história. E eu? A mais estabonada, a que, teoricamente, se esquece das datas e não dá bola para status de namorada e por aí vai.

— Eu já pensei nisso também, mas — ele começa a listar nos dedos das mãos —, ainda é tu que tem TPM, que passa horas escolhendo uma roupa para sair, morre por chocolate e me xinga quando eu esqueço toalha molhada em cima da cama, ou roupas jogadas pelo banheiro. Ainda estou com o meu passe-testosterona seguro.

— Segura bem ele então, antes que eu consiga anular — falo passando por ele e batendo de leve no seu peito, ele segura a minha mão e me puxa.

— Tem outras coisas também que eu posso listar por ser o homem da relação, mas acho que seria meio impróprio falar aqui — olho para ele e o seu sorriso sacana, que me faz pensar duas vezes antes de querer beijá-lo no meio da sala de aula, sendo que a qualquer minuto as crianças podem chegar. Respiro fundo para manter o meu autocontrole e provoco junto.

— Também tenho as minhas coisas de meninas Noah, e talvez, mais tarde poderemos listá-las juntas.

Seus olhos mudam de expressão e eu sei que ele está pensando no que eu quero dizer, com uma

parte não realmente feita para essa função. A porta da sala abre e as crianças chegam bem a tempo de me salvarem do ataque dele.

As crianças começam a me dar bom dia e a me abraçar e o Noah sai da sala com um sorriso no rosto. Idiota.

Dou a minha aula sossegada, fico de olho no Yago a cada cinco minutos para ver se ele está sentindo alguma coisa a mais. Auxilio os alunos com dificuldade em alguma parte da música e conseguimos tocar todos juntos, a melodia inteira. Sucesso total. Acho tão lindo quando eles conseguem terminar a música juntos assim, mesmo com alguns ainda errando em algumas partes, fico muito orgulhosa de mim e deles.

Libero eles no final da aula, prometendo que de bônus, no próximo encontro, teremos uma aula livre. Cada um vai poder tocar o instrumento e as músicas que quiserem. Uma loucura total vai ser, mas eles merecem.

Dou um beijo no Yago dizendo que amanhã eu irei buscá-lo de manhã, e ele pergunta se o tio Noah vai estar junto. Acho que estou perdendo o meu menino. Respondo confirmando que ele irá estar com a gente e o Yago sorri imensamente, sem os dentes da frente e segue para o pátio com os outros. Termino de arrumar a minha sala e saio para encontrar a Raquel, para ver o que ela queria comigo e perguntar uma coisa que vem me assombrando desde a semana passada.

— Entra — escuto do lado de fora quando bato a porta.

— Com licença — abro devagar.

— Su — ela se levanta da cadeira atrás da sua mesa e vem me cumprimenta.

— Oi Raquel, o Noah me disse que tu queria falar comigo hoje.

— Sim — ela fala até animada. — Mas não quero abusar demais de vocês dois que já estão me ajudando tanto.

— Capaz, tu sabe que eu faço tudo o que eu posso, e não me importo em ajudar.

— Eu sei Su, mas não sei se já não vai ser demais para ti isso, e entendo completamente se tu não aceitar — se antes dela começar a falar eu já estava nervosa, agora estou suando as mãos.

— Fala que eu te digo se está, ou não, ao meu alcance — ela sorri para mim e começa a falar.

— Su, tu sabe que somos mantidos pelo Governo e que tudo é uma burocracia só. Então para conseguir mais um funcionário é praticamente impossível — concordo com um aceno. — As noites de sexta, sábado e domingo, são as que nós ficamos com uma monitora apenas cuidando das crianças, e se eu pedir para alguma fazer um turno extra, elas não vão querer.

Concordo com tudo que ela falou. Eis um problema dos funcionários públicos, a grande maioria apenas está lá para fazer o seu trabalho, muitas vezes nem isso, e nem dão importância no momento em que encerram o seu expediente. Poucas são como a Raquel, que vestem a camiseta do trabalho e não importa se a fase é boa ou ruim, sempre está lá para o que der e vier. Se o Brasil tivesse mais funcionários interessados no trabalho e não nos benefícios, como horários flexíveis, poder usar um atestado médico frio às vezes, sendo que muitas até abusam

desse recurso, e planos de saúde, com certeza o país seria de primeiro mundo aqui e sem tanta burocracia.

— Eu não posso obrigar ninguém a trabalhar aqui, mais do que já fazem, ou pior, trabalhem sem motivação — Raquel continua falando. — Su, o que eu preciso, é de alguém que possa cuidar do Yago em especial. Dar a atenção que ele merece nesse momento. Ontem mesmo, o coitadinho teve aquela crise de vômito e a monitora que estava aqui quase pediu demissão por estar sozinha e cuidando de todos e mais dele.

— Imagino Raquel, e como eu posso ajudar nisso? — pergunto.

— Eu estou até com vergonha de te propor isso, mas eu entendo perfeitamente se tu não quisesse ou não pudesse — ela fala envergonhada.

— Certo — sorrio. — Me fala primeiro o que precisa, e eu te digo se posso ou não.

— Bom, eu pensei se tu poderia ficar com ele nos fins de semana, não todos, mas de quinze em quinze dias, ou quando tu tiver tempo. Sei que tu trabalha em alguns fins de semana... — ela continua falando, mas eu ainda estou pensando em poder levar o Yago para a minha casa e cuidar dele.

— Eu fico! — Falo sorrindo.

Raquel fica me olhando e piscando, não entendendo o que eu estou falando, e eu volto a confirmar.

— Sim Raquel, eu fico com eles os fins de semana, sem problemas. Vamos juntar o útil ao agradável. Eu querendo ajudar a cuidar dele e ele na minha casa.

— Isso é incrível Su! E não precisa ser todos os fins de semana, só alguns quando a coisa apertar aqui — não sei quem sorri mais, se eu ou ela.

Batem na porta e a Raquel manda entrar, Elis e Noah brigam para ver que entra primeiro como duas crianças do ensino médio.

— Idiota — Elis fala baixinho quando o Noah a empurra contra a parede e entra sorrindo olhando para mim.

— Trouxa... — Noah responde baixinho. — Tudo certo por aqui? — ele nos vê sorrindo.

— Sim — Raquel fala. — Estava conversando com a Su se ela poderia ficar com o Yago em alguns fins de semana...

— E eu disse que claro — corto ela falando animadamente.

— Que ótimo amiga — Elis fala. — Vai parar de pirar com ele aqui e tu na tua casa. Vou poder mimar o Yago na tua casa agora.

— Não exagera Elis — Noah fala. — Fofa isso é incrível! — Ele sorri, me abraça e beija a minha cabeça.

— Obrigada, mas ainda temos que ver os fins de semana que eu não trabalho.

— Sim — Raquel fala. — Assim que tu quiser me passar as datas que ele pode ir contigo, eu agradeço.

— Hey! E eu? Não posso ficar com ele, enquanto tu está trabalhando? — Noah fala e eu viro para ele.

— Não precisa fazer isso Noah, eu e a Raquel já...

— Menos Fofa, quando tu estiver trabalhando, eu fico com ele na tua casa.

— Isso — Elis fala. — E eu posso ficar com ele se vocês dois precisarem sair ou alguma coisa parecida — ela olha para nós com um sorriso cheio de segundas intenções. Olho para o chão para ninguém perceber o vermelho no meu rosto. Maldita Elis!

— Vocês três — Raquel fala emocionada —, são anjos na minha vida, e com certeza, na do Yago também.

Deixamos combinado de o Noah buscar o Yago na sexta à tarde, depois da escola, pois eu e a Elis temos um evento nessa noite. Raquel disse que ia explicar para ele que enquanto ele estivesse visitando o hospital iria ficar na minha casa nos fins de semana. Ele adorou a ideia, nos abraçou e disse que ia ser os melhores fins de semana do mundo. Impossível não ficar feliz junto com o sorriso sincero que ele demonstrou.

Noah, Elis e Yago saem da sala da Raquel fazendo mil e um planos de tudo o que vão fazer. Fico conversando com a Raquel por mais alguns minutos e resolvo perguntar o que está me incomodando desde terça.

— Raquel, como está sendo pago o tratamento dele? — ela me olha e pisca algumas vezes.

— Como assim Su?

— As crianças têm plano de saúde, ou alguma coisa parecida? Achei ele tão bem atendido no hospital.

— Ah querida — ela vira para a mesa e começa a arrumar alguns papéis —, é SUS mesmo — olha para mim e sorri.

— SUS? — estranho, pois ele ficou em um quarto só dele.

— Sim, as internações por esse tipo de doença tem um tratamento especial, é uma coisa que vem funcionando.

— Sim... E parece que muito bem, o Yago foi super bem tratado e com tudo do bom e do melhor. Por isso estranhei e te perguntei.

— Fica tranquila Su, nesse quesito ele está bem amparado.

Saio da sala dele com dois pesos a menos na alma, e um alívio a mais. Ter o Yago ao meu lado, sob os meus cuidados é bem mais do que eu poderia esperar. Vou fazer esse tempo com ele tão divertido para mim, como para ele. E poderei ensinar a ele a tocar no meu piano e nos meus instrumentos sem tempo de poucas horas por dia.

Tive vontade de pular no pescoço do Noah, de felicidade, quando ele disse que ficaria com o Yago enquanto eu estivesse trabalhando. Sim, ele vestiu a camiseta da causa, mais do que eu esperava.

— Porque me olha desse jeito? — Noah dirigindo o fusca atento ao trânsito fala para

mim quando saímos do orfanato.

— Nada não — sorrio e continuo olhando ele que franze a sobrancelhas, para o carro em um semáforo e olha para mim.

— Sei, fala de uma vez ou eu vou ter que arrancar de ti a verdade, e não vai ser nada dentro da lei, ainda mais no meio do trânsito e dentro do carro — sorrio e ele começa a soltar o cinto de segurança.

— Não. Eu falo, eu falo! — Ele pluga o cinto de novo e me olha esperando eu falar. — É que às vezes eu não acredito que tu é de verdade — Noah pega a minha mão e beija.

— Também me pergunto se tu é real também, amor — o sinal abre ele solta a minha mão e começa a dirigir. Meu sorriso se amplia umas dez vezes mais que o normal.

E aqui estou eu, uma boba apaixonada.

Por Noah

— Só eu que estou com medo da Elis meio que corromper o Yago? — pergunto pensando em tudo que ela pode fazer e dizer para a criança.

— Não — Fofa responde ao meu lado de frente para o espelho, onde ela está se maquiando e eu fazendo a barba, completamente. — E eu estou com muito medo que ela faça isso.

Estamos nos arrumando para ir jantar com o tio dela. E amanhã eu tenho uma sessão de fotos à tarde, e uma das exigências do contrato é que esteja com o rosto limpo. Não gostei muito disso, estar sem barba, me deixa com mais cara de modelo que eu gostaria hoje em dia. Só aceitei esse contrato para a Rebecca para de me incomodar e dizer que eu estou fazendo birra com os trabalhos que ela consegue.

Eu não estou fazendo birra, só não querendo mais fotos minha de cueca circulando pelo mundo todo, já falei isso para ela, e a maldita só me traz esse tipo de trabalho e eu rejeito na hora. Já fiz muito isso, qualquer busca pelo meu nome na internet vem milhares de resultados, e cá entre nós, eu já passei da idade de fazer essas coisas. Como a Fofa disse, eu estou ficando velho, e cada vez mais eu me convenço disso.

— Não sei — ela fala ao meu lado me olhando pelo espelho. — Eu amo a Elis, mas às vezes, tenho vontade de afogar ela em uma privada de praça pública.

— Acho que não vale o crime — passo a lâmina e olho para a Su que está me observando de boca aberta, quase babando. Não preciso de inúmeras mulheres para fazer isso se eu a tenho, a única pessoa que eu quero que babe por mim. — Quer um babador? — sorrio vendo a reação dela, fechando a cara e fazendo um bico de criança mimada irritada.

— Idiota — pega o rímel e começa a passar me fazendo rir.

Amanhã, depois das fotos, eu vou pegar o Yago e vir direto para a casa da Fofa que vai estar nos esperando para depois sair e trabalhar. Se eu estou empolgado? Mais que ela. Hoje, enquanto nós o levávamos do hospital para o Orfanato, estava conversando todo animado e fazendo planos para o que vamos fazer, incluindo tocar no piano da Su, passear com o JB na

praça e comer cachorro-quente, e outras coisas mais.

Eu sempre gostei de crianças, talvez seja pela minha personalidade meio infantil às vezes, como a Fofa disse semana passada, quando eu comecei uma guerra de travesseiros no meio da sala com ela, o Gato e o JB.

O Yago é uma criança ótima. Conheço ele pouco, mas o suficiente para perceber isso, e como ele é carinhoso com todo mundo. Parece até irônico, mas acho a personalidade dele, muito parecida com a da Su. De bem com todo mundo, mesmo que as pessoas não o tratem da mesma forma, sempre brigando com as coisas que a vida lhe apresenta, mas sem perder o sorriso no rosto e a esperança no olhar. Impossível não se apaixonar por ele também.

Por essas e outras que eu estou ajudando. Não é porque eu estou com a Su e ela gosta dele incondicionalmente, e sim por tudo o que ambos passaram e como superaram e estão superando todos esses obstáculos. Eles são exemplos para mim e para quem eu quero ser futuramente, e o mínimo que eu poderia fazer, é embarcar nessa luta com eles.

Passei por isso com a minha mãe e sei que não é fácil. O câncer dela era muito mais agressivo e descoberto quando já estava com metástase nos pulmões, talvez se pudéssemos ter visto os sintomas mais cedo ela ainda estaria aqui comigo. E eu provavelmente, ainda estaria na Inglaterra perdendo a minha vida para as futilidades.

Posso chamar isso de ironia do destino?

Não sei, mas se uma coisa que a minha mãe me deixou, foi esse tapa na cara de realidade. Agradeço todos os dias antes de dormir vendo a Su ao meu lado, por essa lição que tirei de tudo isso. Eu estou conseguindo ser mais do que um rostinho bonito no mundo e estou fazendo a diferença para duas pessoas que merecem toda a felicidade do mundo. E em troca, eu recebo tudo em dobro.

Consigo ver as diferenças em mim de anos atrás para hoje. Nunca na minha vida que eu chegaria perto de um orfanato, por puro preconceito, e hoje, fico com o coração apertado quando saio de lá e deixo as crianças. Nunca que eu deixaria um cachorro, e nem mesmo o JB logo quando veio para a minha casa, dormir na minha cama junto comigo, e hoje quase que o levo e o Gato junto para o nosso meio. E em hipótese nenhuma aguentaria uma Elis da vida, na primeira oportunidade teria mandado ela para longe, e quem diria, hoje em dia eu implico tanto com ela, como ela comigo.

E o mais importante, nunca teria dado o meu coração de bandeja a uma mulher, por mais gostosa que ela fosse. E olha eu aqui! Completamente de quatro por ela que às vezes até eu mesmo me assusto. Como quando eu vi os gogo boys dançando seminus naquela maldita despedida de solteira. Só não a tirei de lá a força, porque sei que ela ia fazer birra, não iria comigo e ainda por cima, me mandaria para longe. Por isso fiz o papel de ciumento grudento, não sai do lado dela e ficava na porta olhando como um falcão quando ela saía do depósito em direção ao salão, qualquer olhada a mais na direção dela eu iria atacar sem medo da polícia, ou mesmo da Su.

Liguei para o meu pai ontem. Fazia mais de três meses que eu não escutava voz dele. Ele me perguntou se eu ainda estava na vida de antes e eu pude responder com todas as letras que tinha mudado e achado um rumo. Quase o matei do coração, quando falei isso, por dois

motivos, surpresa e um pouco de orgulho. Sim, ele me disse essa palavra quando eu terminei de contar a minha vida nesses últimos meses, em especial de quando eu e a Fofa assumimos e eu deixei claro para ela que não ia embora.

Eu senti saudades dele, e fiquei altamente tentado, de futuramente, pegar um avião e ir para a Inglaterra com ela para se conhecerem. Mas agora, temos outras metas, a saúde do Yago é prioridade.

Conversei com o seu médico, ontem, quando eu estava lá cuidado dele, e me disse que para a segunda sessão de químio foi tudo tranquilo, as náuseas e o sono exagerado eram normais, mas que só poderia dar uma resposta mais confiante depois de mais algumas aplicações.

— Vamos nos atrasar — Fofa fala saindo do banheiro quando eu termino de fazer a barba.

— Estou quase pronto — olho pelo espelho a bunda dela rebolando.

— Rápido então e para de olhar a minha bunda! — Saio do banheiro só com uma toalha enrolada na cintura.

— Não posso fazer nada, ainda mais contigo rebolando na minha frente, pensa nisso na próxima vez — Dou um tapa na bunda dela, que está abaixada colocando algumas coisas dentro daquela bolsa, que eu não faço a mínima ideia como ainda cabe coisas ali dentro.

— Ela é gigante mesmo, não posso esconder para tu não ficar olhando — começo a colocar a roupa, ela vai até o espelho se olhar, vira-se e analisa a bunda de lado naquela calça social preta colada. — Viu, gigante — nova modalidade de tortura a vista.

— Acho que ela está no padrão — dou de ombros fazendo ela virar para me observar. Fecho a calça, pego a camisa e vou para frente do espelho no quarto dela e começo a fechar, devagarzinho. Também sei torturar.

— Que padrão? GG, ou melhor, super, extra, super gigante? — solto uma risada jogando a cabeça para trás e a deixando mais irritada ainda. Essa noite vai ser muito torturante até chegarmos em casa de volta e eu conseguir extravasar essa raiva reprimida dela.

— Padrão Noah — falo olhando para os botões da minha camisa. Termino e olho para ela. — Testada e aprovada com o melhor selo de qualidade do mundo.

— Imagino! — Ela bufa ao meu lado e sai para pegar a bolsa. Caminho até a cama e coloco as meias e os sapatos.

— Verdade, cem por cento aprovada e certificada — agora ela solta uma risada.

— Só tu mesmo para me fazer rir disso Noah — ela vem e me abraça no meio do corredor do apartamento.

— Sempre as ordens amor — a beijo e aproveito para apertar a sua bunda e grudar a minha pélvis na dela.

— Aproveitador — ela me empurra e eu a solto rindo.

— Não consigo evitar, é mais forte que eu — dou de ombros com um sorriso malicioso no rosto.

— Mudo a minha ideia — ela aponta o dedo, com a unha pintada de um verde azulado que ela me explicou o nome da cor, mas eu não consigo me lembrar agora. — Acho que quem vai corromper o Yago, vai ser tu e não a Elis.

— Não comprara as loucuras dela, com as minhas demonstrações de afeto, amor — Apago a luz da sala e ela abre a porta do apartamento e sai em direção ao elevador.

— Então começa a te controlar, certo? — ela aperta o botão para descermos e eu a abraço por trás.

— Me comporta nos fins de semana, mas o no resto dos dias, tudo liberado — as portas do elevador se abrem, e eu não a solto, e ela começa a se debater. — Responde e eu te solto.

— Certo Noah, dia de semana, tu pode voltar a ser tu mesmo, mas te comporta na frente do Yago — a solto e entramos rindo no elevador.

Não troco nenhuma sessão de fotos com a modelo mais linda do mundo, nem o cachê mais alto do ramo, por essa risada dela.

~

— Sérico Su? — Pergunto a ela no meio do jantar. O Theo resolveu contar algumas das que ela fazia na infância.

— Sim, o professor não sabia tocar piano corretamente, aí eu briguei com ele e disse que não precisava mais de aula — ela sorri timidamente.

— E ela fez isso com o professor de guitarra também — Theo fala tomando uma taça de vinho. — E muitos outros que eu conseguia.

— Era um inferno aguentar ela tocando todos os dias — Regina fala ao meu lado, e eu juro para mim mesmo, que se eu ficar sozinho com essa mulher, eu não vou me segurar e dizer umas poucas e boas para ela.

Estamos na sala de jantar daquela casa gigante. Chegamos bem no horário marcado e enquanto eu conversava como seu tio, ela ajudava a Rosa a colocar a mesa. Sentamos para jantar em uma mesa para, no mínimo umas quinze pessoas, e ocupamos só uma parte. Theo na ponta, Su ao lado esquerdo da mesa, eu e a Regina do lado direito. E faz uns dez minutos que essa vadia começou a passar o salto dela nas minhas pernas.

— Eu sempre gostei de ouvi-la tocando — Theo fala olhando para a Su que abaixou a cabeça depois que escutou o que essa víbora falou, e levanta aos poucos para olhar para o tio e sorrir de volta.

— Era horrível — ela continua falando e coloca a mão na minha coxa. PORRA! Nem com o marido dela sentado a poucos metros ela tem respeito? — e quando ela começou a tocar aqueles músicas de drogados? Queria quebrar aquela maldita guitarra — enche o copo de vinho e vira quase todo de uma vez.

— Não fala assim Regina — Theo fala pegando a mão dela, a outra que não está na minha coxa e que eu tiro, e beija. — A Su sempre tocou divinamente, até mesmo quando ela entrou na fase rock da adolescência.

— Quais eram as músicas? — coloco as minhas mãos em cima da mesa, para verem que elas não estão escondidas e talvez com isso essa mulher pare de me bolinar. Olho para a Su que abre um sorriso se lembrando daquele tempo. E eu pego a taça de vinho para tomar um pouco.

— AC/DC, Black Sabbath, Iron Maiden, Queen, Metallica e afins — quase engasgo com ela falando desse jeito. Largo a taça em cima da mesa e olho para ela espantado.

— Porque eu nunca vi esse desempenho? — agora imagino ela tocando guitarra só de calcinha e sutiã para mim, naquele maldito quarto de música que ela tem e como ia acabar isso em cima do piano dela.

— Passou a fase — ela ri e eu espero que lendo os meus pensamentos, porque ela abriu um maldito sorriso. Tiro esses pensamentos da minha cabeça ou daqui a pouco a Naja ao meu lado, vai pensar que eu estou ligado por causa das suas investidas fajutas.

Conversamos mais um pouco até terminarmos de comer. A cobra aqui ao meu lado ainda continua com as mãos em mim, só que agora, não estão mais na minha coxa e sim bem mais acima. Confesso que eu estou me sentindo um pedaço de carne em exposição com ela me apalpando, nada gentilmente. Estou tentando manter a calma para não explodir e desmascarar essa vadia na frente da Su e do seu tio, mas eu vou pegar essa mulher até o final da noite e colocar ela no lugar dela, ou seja, bem longe de nós.

— Vou buscar mais uma garrafa de vinho — Theo se levanta e olha para mim. — Tinto ou seco?

— Tanto faz — falo sorrindo, já encerrei a minha cota de álcool antes que suba para a cabeça e eu faça uma merda épica. Como virar a cadeira que estou sentado e fazer um escândalo aqui.

Theo sai e a mulher me ataca de novo, essa deve ser a terceira vez que ela tenta abrir as minhas calças e eu não deixo. Olho para a Su sorrindo como uma criança animada e não tenho coragem de destruir esse sorriso bobo e fácil dela. Mexo-me na cadeira e tiro as mão da vaca do meu zíper, de novo.

— Vou ao banheiro — falo levantando rápido. Su me olha como se percebesse que tem alguma coisa de errado comigo.

— Segunda porta a direita — Regina fala e eu entendo a jogada dela. Agora tu me paga sua vaca.

— Não tem banheiro na segunda porta a direita — Fofa fala olhando para mim, ah essa minha garota esperta.

— Reformamos Fofa — Regina fala rindo e eu tenho vontade de vomitar.

A Cruela vira-se para a Su e eu tenho certeza que está com um sorriso diabólico, naquele rosto puro botox e plásticas. Fofa me olha e eu pisco para ela, querendo que ela entenda que eu vou cair nessa e sei me cuidar, mas aposto que ela não entendeu isso.

Caminho para a segunda porta a direita e entro. Claro que não é um banheiro, e sim uma espécie de depósito para moveis antigos. Fecho a porta e espero a vadia vir ao meu encontro.

Conto quatro minutos no meu relógio de pulso e a porta se abre. Regina entra me olhando como

se estivesse me comendo com os olhos e eu caio no jogo dela por alguns instantes.

— Sabia que tu não ia resistir.

— E como conseguiria? — tento soar sexy, mas ao mesmo tempo, o meu estômago se embrulha e quase que eu vomito. Ela caminha até mim e empina os silicones na minha direção, se ela der mais um passo eu juro que não vou segurar por tanto tempo assim.

— Como tu consegue ficar ao lado daquela gorda? — pronto! Engulo o que me sobre na garganta e agarro o braço da megera, sem nenhum tipo de delicadeza, e a puxo para perto de mim.

— Não fala dela assim! — Falo firme, mas sem alterar o tom de voz para não fazer alarde.

— Me solta! — Ela puxa o braço e eu aperto mais, com certeza, vai ficar um belo roxo.

— Não solto, sua vadia. Se eu ver tu falando mais uma coisa que seja de ruim da Su, ou tentando me atacar por baixo da mesa, eu juro que te desmascaro para todo mundo — ela solta uma risada diabólica.

— Tu não teria provas — aperto mais ainda o seu braço.

— Eu tenho — blefo. — Tu não teria dois segundos nessa vida mansa, se eu abrisse a minha boca. Entendeu? — solto o braço dela que tenta bater no meu rosto.

— Seu insolent... — pego seu braço no ar.

— Tenta, para ver se tu não sai daqui com uma mão na frente e outra atrás! — Ameaço e ela abaixa o braço e faz uma cara de assustada e eu continuo. — Uma palavra que seja sobre ela, ou outra mão boba para o meu lado e tu está arruinada!

Ela me olha como se fosse me matar e eu permaneço firme com o olhar. Eu não tenho nada para provar a sua “cadeliça” com a Su, ou que estava me bolinando embaixo da mesa, mas ela não precisa descobrir o meu plano. Regina se vira e sai porta a fora bufando. Solto o ar dos meus pulmões e parece que uns quinhentos quilos de preocupações, de como esse meu plano besta, poderia dar errado e saio.

Olho para a parede ao lado e vejo a Su olhando para mim. Merda! Sua expressão está vazia e desolada e eu não sei o que eu faço. Com certeza ela deve ter visto a Cascavel saindo daqui e deve estar pensando mil e uma coisas sobre o que estávamos fazendo aqui dentro.

— Amor... — falo tentando chegar perto dela que se afasta e sai correndo. — Merda! — Grito para ninguém no meio do corredor.

Ela segue na frente e eu atrás tentando a alcançar. Ela com a raiva no corpo corre mais que o Usain Bolt em uma maratona. Decidida, impetuosa e não dando a mínima para os outros na volta. E eu aqui começando a ficar excitado pra caramba, com essa cena dela, e a ponto de perder a única coisa que eu já amei na minha vida.

— Su volta aqui! — Falo chegando à mesa onde só a Regina está sentada. Olho para os cantos da sala e nenhum sinal do Theo.

— SUA VADIA! Se tu chegar perto do Noah de novo, eu te mato! — Su fala olhando para ela, que até eu me assusto. Que merda é essa?

Regina se levanta e tenta avançar na Su, sou mais rápido e a seguro pela cintura antes que a brigue comece.

— Quem é tu para falar alguma coisa, ele que estava dando em cima de mim o tempo todo — mas que...?

— Ele não faria isso! — Su responde e a Cruela tenta de novo se avançar nela. A maldita tem força.

— Sua gorda e burra. Tu acha que ele vai querer alguma coisa contigo? Nem compara nós duas — solto ela antes que quem comece a quebrar a cara dela sou eu.

— Eu te disse Regina — falo olhando sério para ela. — Uma palavra e tu sai daqui atirada pela porta sem nada!

— Vadia — Su caminha até ela que dá um passo para trás, de medo da cara da Fofa e cai de bunda no chão. — Eu aguentei mais de quinze anos tu falando isso para mim Regina. Agora eu não sou mais a criança que eu era antes. Essas palavras tuas não me ferem mais. Eu escutei tudo — ela não grita mais, só fala para a Regina encolhida no chão e assustada. — O Noah nunca iria querer uma mulher como tu, falsa e mesquinha. Ele me ama e não faria isso comigo.

Se ela não estivesse incrivelmente comandando a situação, eu a beijaria como um louco agora. Sim, essa é a mulher que eu amo, a que não abaixa a cabeça para nenhuma filha da puta de plantão que quer estragar a nossa felicidade!

— Eu aguentei, Regina — ela continua falando e eu assistindo de camarote essa explosão dela, não posso me sentir mais orgulhoso do que já estou —, agora eu não suporto mais. Ouviu?

Regina não responde, só respira fortemente como se fosse dar o bote a qualquer segundo, fico atendo ao possível ataque dela, se ela tentar alguma coisa contra a Su, eu juro que mando longe essa tal lei Maria da Penha.

— Eu perguntei se tu ouviu! — Su levanta ela por um braço, o mesmo que eu agarrei a poucos minutos, com certeza agora vai ficar roxo.

Levanta ela como se fosse uma boneca de pano, e eu deixo. Essa vadia estava pedindo uma dessas há tempos. Pode ser que com isso os problemas da autoestima da Su comecem a desaparecer e ela perceber a mulher incrível que é.

— Responde! — Ela pergunta como se fosse uma tigresa pronta para morder o pescoço do animal indefeso, e eu quase impossibilitado de caminhar olhando essa cena, será que consigo me arrumar nas calças sem elas perceberem?

— Si... Sim — Regina fala tremendo e a Su solta ela de novo no chão, que literalmente é o seu lugar.

— Uma palavra para o meu tio sobre isso, eu conto tudo o que tu fez comigo, entendeu? — Regina acena que sim e sai correndo como os rabos no meio das pernas.

Olho para a Su que se encosta na parede e coloca as mãos sobre o rosto e fica assim por alguns instantes, o tempo exato de eu caminhar até ela e levantar seu queixo para que ela olhe para mim.

— Me leva embora — ela fala baixinho olhando para mim e eu não consigo negar esse pedido dela, até eu quero sair dessa casa agora.

Sáímos pela porta de mãos dadas e entramos no carro em silêncio. Coloco a chave na ignição, mas não dou partida. Olho para ela que está de cabeça baixa e observando as mãos sobre as coxas na calça preta. Ela levanta a cabeça e olha para mim, ainda com uma fera no corpo.

— Eu juro que se tu dizer que está excitado eu te mato! — Ela olha para mim séria e eu desato a rir, a ponto de chorar, ligo o carro e ela começa a rir também.

— Não olha para mim então. Ainda pretendo viver mais uns bons anos — sinto o olhar dela em todo o meu corpo. Droga, agora a situação está bem evidente.

— Eu não acredito que eu fiz aquilo. Meu Deus acho que enlouqueci. Só pode! — Ela desaba no painel encostando a cabeça ali e rindo como se não houvesse amanhã.

— Acho que tu segurou demais isso dentro de ti, uma hora iria arrebentar a represa — Su coloca as mãos no rosto e apoia os cotovelos nas coxas se inclinando para a frente. Ainda bem que estamos no meu carro, porque isso seria impossível de fazer naquela lata de sardinha que ela chama de carro.

Verdade, não sei como ela aguentou todos esses anos o abuso moral daquela cobra. Mesmo com todo o respeito que eu sei que ela tem pelo tio, por tudo que ele fez por ela, não se aplica para o tratamento que ela recebia.

— E se ela contar para o meu tio? — Su vira para mim assustada. — E se ele acreditar e vier falar comigo?

— Relaxa Amor, se ele vir, vamos falar a verdade, de tudo que ela fez para ti. Eu confirmo, a Rosa e o Mário também. Até a louca da Elis faz isso! Agora, eu duvido que ela abra a boca para falar alguma coisa.

— Por quê? Ela pode muito bem querer atormentar com a minha vida agora.

— Ela não vai fazer isso, porque sabe que se tu começar a falar os podres, a casa vai cair para o lado dela. E eu duvido que ela vá querer perder o reinado.

— Espero que sim — ela solta um suspiro melancólico.

— Tu está bem? — pergunto vendo o olhar fixo dela no trânsito.

— Acho que sim — ela olha para mim com uma cara esquisita. — Estou me sentindo diferente, eu não sei... meio que...

— Aliviada? — completo a frase. Ela para, como se analisasse a palavra.

— É... uma coisa parecida — paro o carro e ela pega o controle do portão do prédio e aciona.

— Isso é bom Fofa, limpa a alma e alivia o corpo. Foi um passo em direção ao futuro e te fez deixar o passado para trás — estaciono na vaga ao lado do fusca dela, desligo o carro e viro para ela. — Estou orgulhoso de ti, meu amor.

— Não sei se o que eu fiz foi uma coisa de se orgulhar Noah. Nunca fiz isso na minha vida, mesmo com essa sensação de alívio, uma coisa de loucura também — solto o cinto de

segurança e coloco o meu banco todo para trás. — O que está fazendo?

— Colocando o banco para trás para que tu sente no meu colo.

— Tá louco? Não vou sentar no teu colo no meio da garagem do meu prédio — ela bufa e eu reviro os olhos.

— Vem de uma vez, quanto mais tu demorar, vai estranho vai ficar. E outra, o porteiro está dormindo dentro da guarita como sempre — avanço no cinto dela e destravo. Ela empurra as minhas mãos e eu não desisto fácil.

Avanço em cima dela, que solta um grito, e começo a fazer cócegas até a deixar quase sem fôlego.

— Para Noah — continuo o meu ataque, até que consigo puxá-la para o meu colo. Ela, ainda rindo, passa as mãos pelo meu pescoço e deita no meu ombro se escorando na porta.

— Viu, para que teimar se eu ia acabar te colocando no meu colo de qualquer maneira?

— Bobo — ela beija o meu pescoço. Tortura parte... já perdi as contas de quantas vezes eu já sofri hoje.

— Uma pergunta — falo tentando colocar os fatos em ordem certa. Ela me morde. Oh... isso é novo. E quente!

— Faz de uma vez — fazer o quê? Ah sim, a pergunta.

— Tu escutou atrás da porta? — outra mordida seguido por um beijo. Ela ri da minha pergunta besta e começa a explicar.

— Eu sabia que não tinha um banheiro ali, senão eu teria visto, ou alguém me avisado sobre isso. Quando tu saiu, meu tio voltou com o vinho, a Cruela disse que ia para a cama dormir. Dei uma desculpa esfarrapada para o meu tio também ir, que já era tarde, e vocês dois trabalhariam amanhã e ele foi. Segui para o suposto banheiro e escutei quando tu falou sobre ela falar alguma coisa a mais de mim, ou passar a mão em ti, ela estaria arruinada. Ela saiu tão puta, que nem me viu ali parada. Quando tu saiu eu meio que surtei e quis quebrar a cara dela.

— Surtou por amor? — pego as mãos delas, tiro do meu pescoço e as beijo.

— Porque ela mexer comigo, eu aguento, mas contigo, ou outra pessoa, eu me transformo em um monstro pelo visto — ela bufa e fica emburrada. Linda!

— Um monstro não, uma tigresa — ela ri baixinho e eu a puxo para um beijo rápido.

— Sério Noah, eu tenho que aprender a me controlar. Senão vou virar uma neurótica, psicótica ou sei lá o que!

— Não acho nada disso que tu está dizendo — entrelaço uma mão dela com uma minha e continuo falando. — Olha quantos anos tu sofreu calada nas mãos dela, querendo ou não, isso te afetou muito. E hoje foi a gota d'água para tudo isso. Tu encerrou com chave de ouro essa etapa da tua vida, e não vai ter mais a sombra dela te jogando para baixo sempre que tu estiver com medo de alguma coisa.

— Eu posso te falar uma coisa séria? — ela fala baixinho depois de um tempo absorvendo tudo o que eu disse.

— Sempre.

— Desde que tu chegou na minha vida, eu senti que estou evoluindo. Parece uma coisa estranha de se dizer, mas é a verdade — ela olha para mim. — Nunca pensei na minha vida, que ia fazer isso o que eu fiz hoje, foi como se outra pessoa estivesse no meu comando e sabia que tudo ia dar certo. Se fosse há alguns meses atrás eu teria escutado aquela conversa de vocês dois e saído correndo assustada. Mas agora não. Eu enfrentei o meu medo — ela faz uma cara de como estivesse confusa. — Entendeu o que eu quero dizer?

— Sim, meu amor. Estava pensando nisso também, de como eu mudei depois que eu te conheci — ela sorri, mas depois arregala os olhos.

— Isso num sentido bom não é? — solto uma risada e ela revira os olhos para mim.

— O melhor possível, meu amor — seu sorriso aumenta consideradamente e ela me beija.

Minha vida mudou, desde o segundo que eu a vi, e continua a mudar. Sempre para melhor. Cada dia ao seu lado me mostra uma faceta nova de tudo que eu estava perdendo antes dela entrar no meu mundo. Tento através desse beijo, num carro apertado, mostrar, tudo o que ela significa para mim. Sei que não vou conseguir expressar nem um por cento, mas eu tento compensar os outros noventa e nove, de outra forma.

Capítulo 27

Noah: Já estou aqui esperando ele ù

Su: Obrigada! Estou esperando vocês

Noah: Para de me agradecer ¬¬

Su: Idiota :p

Noah: Linda ♥

Su: Besta ♥

Noah: Também te amo Fofa, abriu os portões, daqui a pouco estamos ai...

Solto o meu celular em cima do piano e começo a tocar uma música aleatória para acalmar os nervos. Estou pronta para ir para o evento de hoje à noite, uma festa de formatura, mas daria tudo para poder ficar em casa com os dois. Vai ser só eles chegarem e eu sair, para buscar a Elis e irmos até o local do evento.

Eu estou... Não sei ainda como eu estou me sentindo em relação ao o que eu fiz ontem. EU QUASE BATI NA REGINA! Desde quando eu virei uma quase barraqueira? Ah sim, desde que o Noah chegou na minha vida.

Certo, eu sei que barraqueira é um exagero, dos grandes, esse cargo eu ainda deixo para a Elis. Mas enfim, ontem, depois que chegamos em casa, conversamos mais e eu consegui me explicar decentemente para o Noah. Eu não queria que ele fosse, por dois motivos, eu sabia que ela ia tentar alguma coisa para o lado dele, e a segunda, não sabia como iria reagir se eu visse qualquer coisa suspeita e tinha medo de fazer alguma coisa na frente do meu tio. Isso ia ser a minha ruína com ele. Por quê? Bom, mesmo a mulher dele sendo uma vaca sem escrúpulo nenhum, eu tenho respeito por ele. A única pessoa que eu devo alguma coisa é a ele e mais ninguém.

Graças a alguma força divina, consegui driblar o meu tio e mandar ele para a cama antes de descobrir porque ela mandou o Noah para um dos depósitos do andar de baixo, e não para o banheiro. Meu quinto, sexto ou sétimo sentido me avisou que algo de bom eu não ia encontrar ali. Quando cheguei na porta, ouvi o final da conversa deles e aquilo fez o meu sangue ferver. Ela saiu tão puta, que nem me viu, me escorei na parede com o meu sangue ainda a mil, e para piorar o meu estado, vejo o Noah saindo e quando observo a fisionomia dele, tensa, como se estivesse estressado e acabado, não me segurei mais. Fui atrás da Cruela, fiz e falei tudo aquilo.

Depois de tudo isso, eu me senti leve. Uma paz na alma, como se tivessem me tirado uma tonelada de sentimentos ruins e avassaladores. A paz de espírito que carrego em mim agora, é uma sensação tão boa quanto dormir em dia de chuva bem aquecida. Uma coisa que eu nunca senti na minha vida.

Pensei antes de dormir, tudo o que eu fiz desde que o Noah entrou na minha vida. Como as minhas lutas diárias contra mim mesma e os outros, se tornaram insignificantes a ponto de eu

nem ligar mais. O pensamento de que ele vai estar me esperando de braços abertos é mais forte que tudo. Óbvio que ainda temos muito que aprender e crescer um com o outro, mas nesse quase um mês que se passou, as mudanças foram significantes.

Das primeiras vezes que dormimos juntos, eu morria de vergonha que ele visse alguma coisa que o deixasse desconfortável ou com algum tipo de pensamento do tipo “o que eu estou fazendo aqui?”. Agora, eu não dou bola mais, sei que ele já viu o melhor e o pior de mim, se fosse para fugir ou se afastar, ele já teria feito isso logo nos primeiros dias.

Fora que ele é uma pessoa altamente adaptável, a qualquer ambiente pelo visto. Desde os eventos da mais pura gala e luxo que ele ia, aos mais simples. Eu não consigo ser assim, mesmo nos meus eventos mais elegantes, eu me sinto deslocada nesses ambientes e evito ao máximo de ser vista entre os convidados. Já ele não, consegue se envolver com as pessoas com a sua educação e inteligência perspicaz. Sexy e charmoso ao mesmo tempo, mas sem dar abertura demais a pessoas que não merecem essa atenção.

Somos o oposto, e ao mesmo tempo tão parecidos. Nos completamos e também, acrescentamos mutuamente a vida de cada um. O que um não quer, o outro consegue com persuasão convencer e mostrar que, a teimosia é inválida. Isso é excitante e desafiador ao mesmo tempo. Uma mistura que está dando certo e só parece melhorar.

Um mês não parece nada, mas para mim, está sendo suficiente para mudar completamente a minha vida. Cada vez que eu vejo a Carla, minha funcionária, tenho vontade de beijar, abraçar e agradecer ela por ter encontrado o celular dele e ter me entregado.

A campainha toca e o JB dá um latido feliz, eles chegaram. Fecho as teclas do piano, pego o meu celular e saio. Entro na sala e o JB está como um louco arranhando a porta e olhando para mim como se quisesse dizer “abre a porta para o meu pai pelo amor de Deus, antes que eu tenha um surto de felicidade!”, sorrio para ele e olho para o Gato, com a mesma expressão de sempre, sem emoção nenhuma e com a cara de “abre a porta antes que eu mesmo abra e mande esse cachorro calar a boca”. Impossível não amar esses dois. Abro a porta e o JB sai pulando no Noah como um louco.

— Para JB — ele fala tentando se proteger dos pulos do cachorro.

— Tia Su — Yago entra correndo e se atira no meu colo me abraçando.

— Meu anjo — abraço ele de volta e dou um beijo na sua testa. — Como foi a aula?

— Foi chata como sempre, acabei os meus deveres antes de todo mundo e fiquei um bom tempo sem fazer nada lá.

— Esse cachorro está cada vez mais louco. Olha ali o Yago e me esquece um pouco JB — Noah fala e aponta para o Yago, que já me soltou, e pega o JB no colo que começa a lambê-lo.

— Ahhh ele está me lambendo — Yago fala sentando no chão e começando a brincar com o JB.

— Oi — Noah me beija de leve, passo a mão no rosto dele e percebo que ele está diferente.

— O que é isso no teu rosto? — Yago solta um gritinho de felicidade quando o Gato vai

até ele para ver qual o motivo de toda aquela bagunça.

— Tia Su, esse é o Gato? — Yago pega ele também e coloca no seu colo, junto com o JB.

— Sim Anjo, mas cuidado que ele é meio estressado e pode te arranhar — Noah que o diga, hoje de manhã o Gato deixou suas marcas em uma das perna dele. Foi um fiasco só.

— Ele arranha mesmo Yago — Noah fala. — Quase tive que levar pontos hoje por causa dessa bola de pelo.

— Hey! — Falo colocando as mãos na cintura como se estivesse indignada. — O JB faz xixi em mim todos os dias quando eu chego em casa e eu não reclamo, tu pode levar uma arranhada do Gato sem reclamar.

Yago começa a rir da nossa cena e volta a abraçar o JB e fazer carinho no Gato, que está bem a vontade no colo dele. Noah olha para mim, nessa cena hilária, e abre um sorriso sacana e me observa dos pés a cabeça e levanta uma sobrancelha.

— Tira esse sorrisinho do rosto que eu estou indo trabalhar — falo e claro que ele não para de me provocar com as expressões faciais. — E tu prometeu que ia comportar enquanto o Yago estivesse aqui — falo mais baixo.

— Estraga prazeres — ele resmunga. Olho séria para ele e percebo uma coisa.

— Isso aqui é — passo minha mão no seu rosto e olho para as pontas dos meus dedos —, maquiagem? — olho para o Noah que começa a rir e vira para soltar a mochila do Yago no sofá.

— Só não conta para a Elis, senão ela me incomodará para o resto da vida — começo a rir.

— Sério Noah? — ele passa a mão no rosto e olha do mesmo jeito que eu fiz.

— É uma mer... — olha para o Yago entretido com os dois a sua volta — droga, mas tenho que usar isso. Será que dá tempo de tomar um banho antes de tu sair?

— Corre — eu falo rindo. — Rápido senão eu conto para a Elis que tu usa maquiagem.

Noah sai rindo em direção ao banheiro. Se a Elis sonhar que ele usa maquiagem nas sessões de foto, com certeza nunca mais o deixará em paz. O ensaio de hoje, foi para uma grife nacional de roupas esporte casual, por isso que ele teve que tirar o cavanhaque para a realização. Não gostei muito do Noah de cara limpa, ele de barba dá um aspecto de mais velho e um ar misterioso sexy, sem ela, parece mais novo e com carinha de inocente, e convenhamos que isso não condiz com a personalidade dele, nenhum pouco.

Olho para o Yago brincando com o JB e o Gato e abro um sorriso. Quando a Raquel perguntou, se eu poderia ficar com ele nos fins de semana, não pensei duas vezes. Concordei e não volto atrás dessa decisão. Ele é só uma criança perdida no mundo com uma doença, merece toda a atenção e cuidado do mundo também, e eu não poderia negar isso para ele.

Desde que eu comecei a dar aula para ele, há uns dois anos atrás, percebi nos primeiros minutos que ele era especial. Não só pelo dom musical que ele tem, mas pela sua atenção, dedicação, inteligência e curiosidade em tudo que eu fazia. Ele sempre foi o meu aluno prodígio.

Admiti ele na turma com quatro anos, dois antes do que eu peço. Toda as vezes que eu dava aula, ele ficava sentando no canto me vendo ensinar, nunca me pediu para entrar na aula. Eu vendo isso, o chamei depois da aula e perguntei se ele queria entrar na turma, o sorriso e os olhos brilhando que eu recebi em resposta já valeram por tudo o que eu já fiz na minha vida.

— Está com fome meu anjo? — pergunto indo até ele.

— Não — ele responde afagando a cabeça do Gato que ronrona descaradamente com isso.

— Ah que pena — falo como se estivesse triste. — Fiz um bolo de chocolate com cobertura de brigadeiro especialmente para ti. Vou ter falar para o Noah que tu não quer — viro para sair, contando mentalmente até quando o Yago vai resistir a isso.

— Tia Su — viro-me e vejo ele levantando com o Gato no colo e o JB pulando nele. — Acho que estou com fome agora. — Abre um sorriso para mim e eu me derreto toda.

Homens, não importa a idades, todos se conquistam pelo estômago.

~

Cheguei em casa perto das quatro da manhã, encontrei o Noah e o Yago dormindo no sofá da sala e com a TV ligada no canal de desenho. A casa está uma bagunça só, copos e pratos espalhados pelo chão, uma caixa de pizza aberta em cima da mesa de centro, os cadernos do Yago atirados no meio da sala e o Gato e o JB sujos de catchup e mostarda, o que houve nessa casa? Chego na cozinha e encontro o foco maior do furacão, pelo visto as duas crianças fizeram uma guerra de catchup, mostarda e maionese no apartamento.

Volto até a sala e acordo o Noah.

— Droga — ele pragueja baixinho quando vê a minha cara de poucos amigos, levanta, deixando o Yago dormindo.

— Alguma defesa? — pergunto quando ele chega na cozinha bocejando, de cara amassada e usando uma cueca samba canção e uma camiseta.

— Não era para eu ter dormido junto com ele e arrumado tudo isso — Noah me dá um sorriso, de desculpa e eu começo a rir.

— Até o Gato e o JB entraram nessa? — ele ri e puxa uma cadeira.

— Por incrível que pareça o Gato entrou primeiro na brincadeira que o JB, acredita nisso? Acho que achou interessante o Yago e resolveu ser sociável — Noah me estende a mão até eu aceitar e me puxa para o seu colo.

— Um milagre então — me deito no seu ombro e bocejo.

— Como foi a formatura? — ele me abraça forte.

— Boa, mas cansativa.

— Então vai para a cama que eu tenho uma casa para tentar arrumar — me beija depois que eu saio do colo dele e me dá um tapa na bunda.

Saio direto para o banheiro, onde pelo visto eles fizeram outra guerra, só que agora, com a espuma de barbear do Noah. Literalmente agora estou com duas crianças em casa, e eu não poderia estar mais feliz.

Acordo ao som de duas risadas vindo da sala ou cozinha, me viro na cama e fecho os olhos para tentar voltar ao sono profundo em que eu estava, mas o som que vem de lá é mais alto. Gemo querendo dormir mais uma hora, ou quatro, ou cinco. No final desisto, levanto e caminho até a cozinha, onde escuto os dois conversando.

— Mas ele tá fazendo cara de quem quer mais ração, olha tio Noah — Yago fala.

— Eu sei, ele consegue fazer ganhar a gente com esse olhar, mas se a tia Su sonhar que demos mais comida para ele que o necessário, ela briga. Gato, tu já comeu o suficiente, vai lá brincar com o JB.

Vejo o Gato saindo da cozinha, ele para olha para mim e fica me olhando com uma cara de “ele era mais legal antes de tu colocar essas coisas na cabeça dele, eu não sou gordo e sim gostoso, certo?” e sai em direção a sala. Entro na cozinha rindo da situação, eu mereço isso de manhã.

— Bom dia meus amores — olho para a cozinha, praticamente limpa, não foi um trabalho profissional, mas vindo do Noah está razoavelmente bem. Dou um beijo na cabeça do Yago que está todo sujo de cobertura de chocolate do bolo que eu fiz ontem.

— Bom Dia Tia Su.

— Dia amor.

Pego uma xícara dentro do armário e me sento no meio dos dois. Preparo um café com leite e pego um pão de queijo. Estamos em uma cena completamente familiar, todos de pijamas compartilhando um café da manhã do melhor estilo possível.

— Bom, agora vocês podem me explicar que furação passou pela minha casa ontem a noite? — Yago e Noah trocam um olhar de cumplicidade.

— Estávamos brincando, mas eu arrumei tudo — Noah fala rápido.

— Foi o tio Noah que começou — Yago fala com os olhos saltados, como se estivesse com medo que eu estivesse repreendendo ele.

— Ahh foi o tio Noah — falo rindo olhando para o Noah.

— Sim — Yago continua. — E ainda disse que da próxima vez tu vai participar também tia Su.

— Eu acho que não, mas vocês podem brincar, desde que arrumem tudo depois, e Yago — ele olha para mim —, o chão não é lugar para os teus cadernos, já pensou se o JB ou o Gato inventam de estudar também? — ele ri.

Tomamos o café da manhã, Yago tomou um banho sozinho enquanto eu e o Noah arrumamos a bagunça do café.

— Então... — falo lavando a louça e o Noah secando. — Como foi a noite de ontem para vocês dois?

— Tranquila — ele seca a última xícara e vai guardar. — Ajudei ele na lição de casa, assistimos TV, encomendamos uma pizza e...

— Fizeram uma guerra na cozinha... — completo.

— Sim — ele ri. — Começou do nada, eu tentando fazer o catchup sair e espirrou nele sem querer e uma coisa leva a outra e aí já viu né — ele dá de ombros.

— E acaba no banheiro com a espuma de barbear? — pergunto rindo com a reação dele.

— Pensei que àquela hora já teria dissolvido. Quando eu fui escovar os dentes já não tinha mais nada.

— Eu limpei — falo e o Noah vem me abraçar por trás.

— Não precisava Fofa, eu disse que limparia. Obrigada — ele beija o meu pescoço e eu desligo a torneira da pia.

Me viro para ele e passo os meus braços na cintura dele. Encosto em seu peito sobre a camiseta e suspiro. Ainda estou cansada da noite passada, mas só o fato daquela bagunça toda, praticamente, estar arrumada já me deixou satisfeita.

— Preguiça? — Noah me pergunta, descansando a cabeça dele em cima da minha.

— Muita — olho para ele que me dá um selinho.

— Então eu acho bom tu acordar, porque o Yago não vai deixar a gente parado um segundo se quer.

E dito e feito, menos de cinco minutos depois ele estava a nossa volta conversando mais que a Elis e rindo de tudo o que falávamos para ele. Resolvi mostrar a minha sala de música para ele, com certeza isso vai deixar ele bem mais calmo. Quando eu toquei nesse assunto, os olhos dele brilharam com uma expectativa imensa. Ele me perguntou se eu tinha mesmo uma sala só de música, e que não tinha visto nenhum instrumento na minha casa e achado isso estranho.

Quando eu abri a sala do meu quarto de música ele ficou parado na porta olhando para todos os meus instrumentos, quando viu o meu piano, a boca dele abriu e não fechava mais.

— Eu posso... Posso tocar tia Su? — pergunta com medo que eu dissesse que não. Coloco as minhas mãos no seu ombro e o puxo para sentar ao meu lado no piano. Noah fica parado na porta só nos observando.

— Claro meu anjo, tu pode usar ele e os outros instrumento sempre que estiver aqui, a porta é a prova de som, então pode tocar a vontade.

Abro a tampa e o branco contrastante das teclas aparece, Yago solta um “uaauu” ao meu lado e coloca as mãozinhas nelas, mas sem apertar. Começo a tocar uma música que eu ensinei para eles ano passado e peço para o Yago me acompanhar. Ele começa tímido, errado algumas teclas, pois a dimensão entre um teclado simples e um piano é grande.

Depois da segunda música ele já fica mais a vontade e eu começo a puxar mais da habilidade dele, que me acompanha normalmente, como se eu nem tivesse aumentado o nível. Tocamos por horas, mudamos para o violão em um certo momento e esquecemos dos problemas do mundo lá fora, só sentindo a música. Yago me pediu para ver a minha guitarra e eu entrego para ele, que pelo peso, teve que se sentar para arranhar uma música, mas estando empunhando

uma pela primeira vez, foi ótimo.

— Acho que eu nunca vou sair daqui, nos fins de semana — ele me fala quando eu pego a minha gaita Todeschini.

— Não fazendo guerra de nenhum tipo de comida aqui, pode ficar — falo quando a porta se abre e o Noah entra.

— Vim ver se vocês estão vivos aqui, já faz quase cinco horas que estão trancados aqui — ele sorri para mim com a gaita.

— Caramba tudo isso? — falo. — Nem parece.

— Vocês dois entraram em um mundo particular e nem viram eu sai daqui — ele faz um beicinho de criança abandonada.

— Fica aqui também tio Noah — Yago fala sentando na frente do piano. Olho para o Noah vestido e eu ainda de pijama.

— Eu não sei tocar nada Yago — ele fala e eu tiro a gaita e guardo.

— O Yago te ensina — falo. — Fiquem aqui vocês dois que eu vou tomar um banho, a Elis vai jantar aqui em casa e ainda temos que ir ao mercado comprar as coisas para fazer uma lasanha — olho para os dois e completo. — Comportem-se!

Tomo um banho rápido e vamos ao mercado para comprar as coisas que faltam. Fiz uma nota mental para nunca mais levar os dois juntos para fazer comprar, especialmente o Noah. Ele é compulsivo demais e queria comprar todo o mercado praticamente, e ainda levava o Yago na onda dele. Resultado, ele colocava as coisas no carrinho e eu tirava a metade quando ele virava para frente. Na hora de passar no caixa para pagar, quase brigamos, pois ele ainda não queria me deixar pagar as coisas. Resultado, dividimos as coisas e, para o delírio da atendente, o Noah percebeu que a metade das besteiras que ele tinha colocado no carrinho, eu tinha tirado, voltou e pegou tudo de novo.

Quase fomos expulsos do mercado. Isso sim!

Chegamos em casa praticamente junto com a Elis, que trouxe um parto de torta de biscoito recheada com pedaços cortados de Bis branco e preto, ela fez essa tarde. Bomba calórica em pleno sábado à noite: checado!

— Minha mãe me ligou hoje — Elis fala me ajudando a montar a lasanha, Yago e Noah estão jogando no meu notebook, alias, não sei se jogando ou brigando os dois.

— Como ela está? — pergunto colocando o molho em cima da lasanha.

— Bem — pego a forma e coloco no forno. — Ela perguntou se vocês vão ao aniversário do meu pai, daqui há quinze dias.

— Não sei Elis — falo lavando as mãos e secando em um guardanapo. — Com o Yago aqui, fica difícil.

— Eu sei, expliquei para ela a situação, e agora mesmo ela quer que vocês vão e ainda levem o Yago — ela começa a rir. — E a minha avó quer que o Noé vá para ajudar ela na cozinha.

— Dona Eulália apaixonada pelo meu Noé — rio junto. — Não sei se podemos levar o Yago, Elis, e se acontece alguma coisa? — Cruzo os braços e me escoro no balcão da pia.

— Mas ele está bem não é? — pergunta com uma preocupação nos olhos.

— Sim... — ouço a risada dos dois lá na sala e sorrio.

— Então Gata Gostosa — Elis vem para o meu lado e me abraça. — Relaxa e vamos aproveitar a vida — sorrio e a abraço também.

Jantamos brincando nós quatro. Impossível segurar o riso com o Noah e a Elis implicando um com o outro, até o Yago ria das bobagens deles. Conseguimos derrubar metade da lasanha e quase toda a torta de biscoito com Bis da Elis. Se me trouxerem uma balança amanhã, eu juro que faço essa pessoa engolir até os malditos ponteiros.

Elis fala do aniversário do pai para os dois, que se animam, o Noah disse que até vai, mas não quer ver nenhuma maldita galinha perto dele, ou ele não responde pelos seus atos e pisca para mim. Idiota. Elis vai para a sua casa, quase a meia-noite, depois de uma sessão de karaokê dos três na sala de música, dei graças pelo isolamento, senão os vizinhos iam achar que estava tendo algum ritual satânico aqui com a Elis cantando.

Colocamos o Yago no sofá da sala para dormir, segunda eu ainda vou comprar uma cama para ele, não sei ainda vou socar dentro do meu “apartamento”, mas eu acho algum canto. Fomos para a cama e começamos a conversar.

— Podemos falar com o médico dele, para ver se ele libera — estou deitada no peito do Noah com ele me abraçando.

— Pode ser, e eu também tenho que falar com a Raquel sobre isso, preciso da autorização dela também — bocejo e me aconchego mais perto dele.

— Para de me provocar — quê? Levanto a minha cabeça e olho para ele.

— Com o quê? — pergunto e ele revira os olhos e com um movimento rápido, eu estou com ele em cima de mim me prensando.

— Com tudo — ele beija o canto da minha boca e passa a barba, que começou a crescer, “ainda bem”, e fala no meu ouvido. — Deitada em cima de mim usando só uma camiseta minha. É provocação demais!

— Acho que quem está provocando é tu Noah — ele encontra a barra da camiseta dele quase nas minhas coxas e começa a subir as mãos.

— Eu gosto de te provocar — ele morde o meu lábio inferior e puxa delicadamente.

— Percebei — sufoco um gemido quando ele desce as mãos e começa a brincar com o cóis da minha calcinha. — Para Noah...

— Tem certeza? — ele me beija. Oh droga, como escapar disso?

— Não... Não podemos o Yago...

— Está dormindo como uma pedra bem longe de nós — um chupão no pescoço, uma mão boba e...

— Noah, por favor... — suplico para que ele pare, ao mesmo tempo não querendo — tu

prometeu te comportar...

— Prometi amor, mas não sou um monge, ainda mais com a tentação em pessoa ao meu lado — o beijo e corro as minhas mãos até a sua bunda e aperto.

E com isso, meu monge perde toda a sua virtude ao meu lado...

Capítulo 28

Amor, fui para casa pegar umas roupas limpas e levar o JB ao pet shop. Tenho uma reunião no horário do almoço. Nos vemos a noite.

Bom dia para ti também Noah!

Penso quando leio o bilhete que está no travesseiro dele ao meu lado, estou sozinha e com o Gato passeando em cima de mim. Dois minutos depois o despertador toca e eu saio da cama me arrastando. Hoje é quinta, oficialmente, um mês de namoro com o Noah, e eu não tenho a mínima ideia do que ele vai aprontar. Ele só me disse poucas coisas, entre elas, jantar, eu tenho que estar de vestido e nenhuma pergunta a mais. Eu disse a ele que não precisava fazer nada, poderíamos comemorar a data aqui em casa mesmo, com um jantar simples e acabar com nós dois no sofá assistindo TV. Mas óbvio que ele não aceitou.

Eu estou pior que um zumbi. Terça ficamos com o Yago no hospital para a sessão de químio, que pela manhã foi tranquila, mas em compensação à tarde e a noite ele passou mal. Vômitos, sangramento nasal e outros sintomas que as enfermeiras disseram que era normal, deram as caras. Foi uma noite cansativa, mas eu e o Noah não saímos do lado dele nem por um segundo que fosse. Acabamos nos revezando entre o sofá simples ao lado da cama dele e o de dois lugares encostado na parede. A cada vez que o Yago acordava, ele pegava na mão de quem estava ao seu lado e não soltava. Pela primeira vez eu vi ele assustado e com medo.

Mesmo com tudo isso, ele acordou na quarta melhor e foi liberado para voltar ao orfanato. O Noah o levou para lá, enquanto eu vinha para casa tomar um banho e comer alguma coisa para depois ir ficar com ele. E assim foi o dia de ontem, só sai de lá quando a Raquel nos expulsou do quarto. E disse que se nós aparecêssemos por lá de novo ia mandar o porteiro vetar a nossa entrada. Sai de lá com o coração despedaçado.

Cheguei em casa cansada a ponto de sair do banho e ir direto para a cama, Noah veio junto e conversamos sobre tudo, as vezes eu acho que ele deve ter feito algum curso de psicologia, mesmo em uma conversa simples, ele consegue arrancar de mim, quase sem eu perceber, os sentimentos mais profundos que eu nem sabia que tinha. Flui, como a água corrente e depois de tudo colocado para fora, me sinto mais leve.

Digo para ele que não me importava em não fazer nada na noite de hoje, mas ele foi categoricamente contra essa minha ideia, e ainda reforçou tudo o que ele já tinha me dito antes, temos que estar lá para o Yago nas horas difíceis e quando ele estiver bem, temos que viver a nossa vida. Não é fácil, mas temos que tentar.

Agora eu estou aqui, entrando na porta do orfanato e indo direto para o quarto do Yago. Bato na porta e vejo ele acordado e sentado na cama. Quando ele me vê, abre um sorriso lindo.

— Tia Su — vou até a cama dele e me sento.

— Bom dia meu anjo, como passou a noite? — coloco a mão na sua testa para ver se ele está com febre e aproveito para descabelar ele um pouco, quando retiro a mão, vejo que uma boa parte do cabelo está presa nela.

— Bem, não vomitei mais. Posso sair dessa cama? — ele me suplica com os olhos verdes.

— Quem sabe mais tarde? — falo e vejo os seus olhos ficarem tristes.

— Não tem nada para fazer nessa cama, não aguento mais ficar aqui — ele cruza os braços e fica com uma cara de bravo, solto uma risadinha.

— Calma meu Anjo — beijo a testa dele e me levanto. — Quanto mais tu descansar, mais rápido vai ficar melhor, lembra o que o médico disse?

— Eu sei tia Su, mas é chato, mesmo assim — ele se atira na cama e se deita.

— Daqui a pouco eu volto, Anjo.

Saio para a minha aula e nem sinal do Noah pelos corredores, atrasado como sempre e nenhum sinal de seu paradeiro.

Almoço com a Elis de companhia, e ela também não sabe do paradeiro do Noah, aproveito para perguntar para ela o que eu poderia dar de presente para ele hoje.

— Um bom boque...

— Elis! — Falo cortando ela.

— O quê? Com certeza ele vai amar — ela dá de ombros e eu reviro os olhos.

— Eu estou falando sério.

— E quem disse que eu não estou?! — Fala indignada, e atiro um guardanapo de papel nela.

— Deixa de brincadeira e me ajuda Vaca, o que se dar para uma pessoa que tem absolutamente tudo? — pergunto mexendo no meu prato.

— É difícil — ela pensa. — Ele já deu as caras hoje?

— Não — suspiro. — Estou até com medo do que ele vai aprontar hoje. Eu não estou com cabeça para isso, sabe. Disse que não queria fazer nada, mas o teimoso não me deu ouvidos. Por mim, ficaria em casa.

— Por isso que ele vai fazer alguma coisa Gata — Elis bebe um pouco do seu suco. — Ele sabe se vocês ficarem em casa, tu vai ficar pensando no Yago todo o tempo e não vai aproveitar o tempo com ele.

— Não é verdade — falo e a Elis olha para mim séria como se duvidasse da minha palavra.

— Sei... — ela revira os olhos e eu gemo.

— Tá, é verdade — concordo. — Mas é mais forte, e eu fico pensando se está tudo bem com ele ou não.

— Vaca — ela coloca os cotovelos em cima da mesa e me olha ameaçadora. — Tu merece umas pauladas de vez em sempre. Quantas vezes eu e ele temos que te dizer para relaxar, ele está bem, se não estivesse acha que o médico iria liberar ele para voltar para o orfanato?

— Não eu... — ela levanta uma mão e eu me calo.

— Então nada, acabou o assunto. Vamos voltar ao foco original da conversa, já que o meu primeiro presente foi rejeitado, temos que pensar em algo épico.

Nem preciso dizer que eu recusei todos os presentes que a Elis me apresentou. No final, eu mesma decidi o que ia dar. Simples, discreto, mas que tem um significado incrível e espero que o Noah consiga capturar a essência da coisa.

Saio correndo da aula, passo no quarto do Yago e dou mais um beijo nele e aviso que se ele precisar de mim é para me ligar sem pensar duas vezes e corro para resolver o assunto do presente do Noah. Chego em casa quase às seis da tarde, tenho uma hora para me arrumar antes que ele chegue aqui em casa para me buscar.

Um banho rápido, uma parada na frente do guarda-roupa para escolher um maldito vestido para hoje. Olho, mexo nas roupas, tiro tudo das prateleiras e... Nada. Tenho uma opção só, um colado, um pouco acima do joelho e com decote generoso. Duas alternativas agora, coloco ele e fico parecendo que estou enrolada em fita adesiva preta, pois ele é brilhante ou não vou de vestido, o Noah surta, porque eu não atendi ao seu pedido e me faz voltar em casa e o colocar do mesmo jeito.

Opto por não me dar ao trabalho de vir até aqui e trocar de roupa. Se eu estiver ridícula, não dou bola e quem vai passar vergonha, onde estamos indo, é o Noah, estou pouco me importando para isso. Coloco aquela maldita cinta modeladora e fico que nem um robô, sem poder me mexer direito. Tudo pelo Noah, mas ele merece. Me sento na cama e começo a colocar uma meia calça discreta para a celulite das minhas pernas não fiquem tão evidentes assim, coloco a perna esquerda e quando me agacho para começa a direita...

— Merda! — Falo para ninguém, onde está a minha tornozeleira?

Procuro ao meu redor e nada, saio da cama só com uma perna da meia-calça vestida e vou até o banheiro e nenhum sinal dela. Mas que DROGA! Tudo o que eu precisa era perdê-la.

Ela não tem nada demais, é uma simples corrente de prata, com o meu nome gravado em uma placa, mas para mim é o único elo com o meu pai. Reza a lenda, que quando eu nasci, ele mandou fazer essa pulseira e que só tirou quando morreu, ficou guardada até eu completar quinze anos e ganhar de presente. Quem a vê não dá nada por ela, está suja e pedindo uma boa polida na prata há anos, e eu sempre fico adiando. Nunca consegui usar como pulseira, pois ficou gigante no meu pulso por isso uso como tornozeleira. E agora eu a perdi.

Volto para o quarto e me sento na cama de novo, se antes eu estava triste pelo Yago, agora meu coração se despedaçou. Pego o celular, e começo a escrever uma mensagem para o Noah dizendo que não quero mais sair, e se ele quiser fazer alguma coisa que venha para cá. Termino de digitar e quando estou quase enviando o meu celular vibra na minha mão com uma mensagem.

Noah: Contando os minutos para te ver de vestido hoje :P

— Ahhhhhh maldito! — Me atito de costas na cama.

Como ele tem esse maldito senso de sentir que eu não quero sair e ele me faz isso? Me digam onde se desliga isso, porque eu juro que pego uma marreta e alguns produtos químicos para eu destruir isso!

Respiro fundo e olho para o teto. Caramba do que eu estou reclamando? Ele é perfeito,

nem sei como ele ainda me aguenta. Sou neurótica, estressada e chata para cacete. Tenho que dar graças por estarmos completando um mês juntos. Me levanto e termino de me arrumar. Completo o visual com um salto alto e uma maquiagem leve. Deixo os cabelos soltos e lisos, do jeito que eu gosto.

Às sete horas em ponto a minha campainha toca, termino de colocar o gloss e caminho até a sala. Olho para o Gato deitado no sofá e dormindo de patas para cima e roncando. Abro a porta e vejo um entregador com um enorme buquê de rosas vermelhas com uma única margarida no meio. Meu coração dá uma batida irregular. Assino o formulário de recebimento e pego as flores, um cartão bem a vista me chama a atenção. Coloco o arranjo em cima da mesa de centro da sala e pego o cartão, com as mãos tremendo e um sorriso besta no rosto.

“Minha cara sensata...

Lembra Amor, como tudo começou entre nós? Eu puto da vida porque perdi o meu celular e tu mais ainda por ter achado? Quem diria que aquele dia mudaria a minha vida para sempre.

Nunca fui de acreditar em amor a primeira vista e nem no amor incondicional por uma pessoa que não se tenha algum laço sanguíneo no meio. E aqui estou eu, vivendo tudo isso.

Me apaixonei por ti no momento em que te vi, na nossa primeira troca de olhar e de palavras lindas que trocamos. Até hoje me pego pensando no nosso primeiro contato. Mas o meu preferido foi o segundo, quando te vi servindo vinho naquele evento de combate ao câncer de mama, lembra como eu cheguei em ti? Eu estava trocando as pernas já de tanto que tinha bebido, sabe por que eu fiz aquilo Amor? Porque eu não parava de te olhar e queria te tirar da minha mente, e não é que eu não resisti? Eu, mesmo tonto do vinho, não consegui me afastar e fui falar contigo mesmo assim, e o que eu encontro? Uma mulher que resistiu aos meus encantos, isso é uma raridade! Eu tive que conter a vontade de te atacar ali mesmo, e no fim, o teu banho de vinho me segurou para não fazer isso, e resultou no quê? No nosso trágico jantar.

Quando te vi chegando no restaurante aquela vez, com aquele maldito vestido colado no corpo e salto alto, eu fiquei de boca aberta. Linda, gostosa e de arrasar o meu coração. Ali, acho que tive a minha confirmação que tu tinha que ser minha, e usei todo o meu charme atual para tentar te conquistar. E tu lembra o que fez com ele? Pegou e jogou na lata de lixo. Aquilo me deixou tão irritado que eu disse para mim mesmo no final daquele jantar que nunca mais ia te procurar. Mas eu não consegui e precisava de mais uma oportunidade de te ter ao meu lado.

E quem diria, meu Amor, cá estamos nós comemorando um mês de namoro.

Eu poderia, muito bem, dizer agora que quem deveria comemorar essa data era tu, por me ter ao teu lado nesse tempo todo, mas não. Eu quem comemoro por ti ter ao meu lado. Minha. Só minha.

Que manda a vida para a puta que o pariu, se precisar. Minha guerreira que não importa que se o mundo te derrube, simplesmente, te levanta e volta para a batalha até ganhar. Minha surtadinha que às vezes me deixa louco com as teimosias, mas depois consegue me levar direitinho na tua onda.

Bom, chega de escrever aqui, senão eu vou até amanhã e perco o horário.

Amor, abre a porta para mim?”

Largo a carta em cima da mesa e corro para a porta. Abro e vejo o Noah encostado na minha porta e sorrindo.

— Leu a minha car... — não o deixo terminar a frase e me atiro nos seus braços. Ele, que não esperava, cambaleia até o outro lado do corredor me amparado. Bate na parede e solta o ar dos pulmões. — É eu acho que leu.

Solto-o e me recomponho. Olho para ele e seus olhos azuis estão brilhantes, ele tira o meu cabelo, que depois de tudo, grudou na minha boca por causa do gloss, e me beija lentamente.

— Vamos entrar Amor, antes que alguém chegue e te veja assim — Noah me empurra em direção a porta e me puxa para dentro. — Agora sim — ele pega a minha mão e faz eu dar uma volta.

— Eu estou tão feia assim? — pergunto, ainda não consegui assimilar ainda aquela carta. E essa é a primeira coisa que vem a minha cabeça. Parabéns Su, nota um milhão para ti.

— Feia — ele ri e me abraça. — Está uma gata sexy, não posso deixar ninguém te ver assim, senão eu mato o primeiro que te olhar por mais do que dois segundos.

— Bobo — abraço ele mais forte. — Eu amei a carta.

— Só a carta? — Ele pergunta e faz um beicinho.

— O entregador que não foi — completo e ele joga a cabeça para trás, rindo.

— Eu espero, senão vou ter que cometer um assassinato — Noah começa a beijar o meu pescoço.

— Parabéns para nós, um mês e não nos matamos ainda — falo com ele percorrendo as mãos até a minha bunda e apertando.

— O melhor, e mais louco mês da minha vida, amor — dou uma risada e o empurro. — E o primeiro de muitos. Vem...

Ele me puxa até o sofá, se senta e me faz sentar no seu colo, fazendo que com isso, meu vestido suba mais e deixe quase toda as minhas coxas de fora. Ele corre as mãos por cima da meia-calça e olha fixo para o meu decote.

— Não vamos sair? — pego a cabeça dele e faço ele olhar para mim. Mas os seus olhos ainda não desgrudaram dos meus peitos — Noah!

— Quê? — ele pisca algumas vezes e olha para mim.

— Sair, nós não vamos sair? — pergunto rindo.

— Não — Noah fala sorrindo para mim.

— Não? — Ele nega com a cabeça. — Por quê?

— Dois motivos, primeiro, nós dois estamos podres de cansados, segundo, com essa roupa tu não sai de casa, a não ser que queria que eu vá para a cadeia — levanta as sobrancelhas e eu começo a rir da cara que ele faz.

— Então para que a intimação de que eu teria que usar vestido? — coloco as mãos na cintura e pergunto indignada com isso, eu poderia estar com um pijama, ou uma roupa mais caseira.

— Porque quando eu te vi naquele vestido quando saímos para jantar a primeira vez, eu só pensava em tirá-lo — um sorriso sacana. — E com os dentes.

Não me seguro e começo a rir do Noah. Da onde ele tira umas ideias como essa? Sério, às vezes eu não consigo acreditar na metade das coisas que ele fala.

— Com os dentes? — pergunto limpando uma lágrima de tanto rir.

— Sim — responde sério.

— Tá e depois vai usar uma chapa? — ele ri e me deita no sofá, quase esmagamos o Gato, que estava deitado ali.

— Sem chapa, quer que eu prove? — Noah começa a me beijar lentamente e para. — Mas antes — ele me puxa de volta, nos fazendo sentar.

Pareço uma marionete nas mãos dele, e ele faz o que quer comigo. Parecemos dois loucos no sofá, brincando e rindo um com o outro. Por um momento toda a tristeza que estava me dominando se esvai. Olho para ele que está se movendo em baixo de mim, como se quisesse pegar alguma coisa do bolso. Aproveito para mordê-lo, do mesmo jeito que ele faz comigo, ele geme baixinho e puxa a coisa que estava tentando tirar a todo custo.

— Pronto — um estojo aveludado azul marino.

— Noah... O que tu está aprontando? — pergunto assustada.

— Relaxa Amor, só me escuta certo? — ele pede, parecendo o Gato de Botas do Shreck e eu aceno a cabeça.

Noah limpa a garganta e olha para mim, seus olhos azuis brilham com algum sentimento que eu não sei decifrar e ele começa a falar baixinho.

— Não vou repetir tudo o que eu já disse naquela carta, certo? — aceno de novo olhando para ele. — Bom, Fofa, quando eu escutava os meus amigos falando que iam comemorar um mês de namoro, eu ria deles, porque achava isso a coisa mais idiota do mundo. Mas hoje, eu sei que não é — ele sorri. — Talvez porque eu nunca tinha achado alguém que valesse a pena namorar mais de um mês — ele dá de ombros e eu dou um tapa nele.

— Idiota. Continua...

— Então, agora eu sei que eu era um idiota mesmo, acho que eu estava te esperando Fofa. Tive que ter a reviravolta com a perda da minha mãe, para perceber que eu era isso. Mas — ele passa as costas da mão na minha bochecha delicadamente —, vendo tudo o que eu tenho agora contigo, valeu a pena tudo. Sabe aquele ditado, Deus escreve certos por linhas tortas? Acho que eu sou uma prova de tudo isso. Eu tava perdido no mundo e querendo achar um caminho certo. E eu to achando Amor, contigo me puxando pela mão e me levando até ele — ele sorri e eu vejo a verdade falando nos seu olhos, me aproximo e o beijo delicadamente.

— Noah, isso é lindo — um sorriso ficou estampado no seu rosto. — No fundo, eu estava te esperando também. Não poderia haver outra pessoa mais indicada para me aguentar, do que um

mais teimoso que eu — sorrio. — Tenho medo de acordar qualquer dia, e ver que tudo isso não passou de um sonho.

— Não é sonho meu Amor, tanto que — ele abre o estojo azul e a minha boca se abre e eu coloco as mãos na frente dela —, eu peguei isso emprestado de ti para acrescentar umas coisas.

Minha tornozela aparece descansando ali. Olho para o Noah e para ela no estojo de veludo, e faço esse movimento com os olhos umas quatro vezes. Eu não perdi! Ela está ali, mais brilhante que nunca, como se fosse nova em folha.

— Onde tu a achou? — pergunto não sabendo se choro de felicidade por não a ter perdido ou mato o Noah pelo susto.

— Eu peguei hoje de manhã enquanto tu dormia — ele dá de ombros e a pega.

— Tu não sabe o susto que eu tive quando eu não a achei — suspiro aliviada.

— Imagino, por isso que eu sumi hoje, se tu me perguntasse se eu tinha achado, não ia conseguir esconder. Eu sei a importância que isso tem para ti, e por isso — ele enfia as mãos dentro do meu vestido e começa a descer a meia-calça —, eu acrescentei mais algumas coisas. Caralho não consigo tirar isso! — ele pega e rasga a minha meia-calça.

— Noah! — Dou um grito.

— Ela está me atrapalhando — termina de rasgar, tira e joga pela sala.

— O que tu quer fazer — pergunto rindo da cena.

— Colocar em ti, o que mais seria? — ele me empurra no sofá e eu caio com tudo de costas.

— Posso ver o que tu acrescentou aí antes de colocar? — Noah olha para mim e sorri timidamente.

— Opa, acho que me esqueci do mais importante.

Ele me entrega a minha tornozela e com as mãos tremendo, a pego. Ela continua igual, uma corrente mais grossa que as que vemos por aí e com os elos bem juntos e firmes. De cara se vê que não é nenhum pouco feminina. Depois da placa com o meu nome gravado, havia três pingentes que não tinham da última vez que eu a vi. Corro os meus dedos por eles e abro um sorriso emocionado para o Noah que me olha com expectativa para saber o que eu achei.

— Uma gato, um cachorro e um N? — ele dá de ombros e pega a corrente.

— Trio perfeito — ele corre as mãos pela minha coxa direita parando no meu tornozelo e coloca a corrente e a beija. — Quarteto no caso, não é dona Suzilyane?

— Eu não acredito que tu descobriu isso! — Coloco as mãos no meu rosto e o Noah me faz cócegas de leve. — Agora eu vou ter que te matar por isso.

— Por quê? — Noah se deita em cima de mim. — Até agora não entendi, o por que do mistério com o nome. Suzilyane... — ele repete devagar.

— É ridículo!

— Não é nada — Noah chega perto do meu ouvido e fala sílaba por sílaba. — Su-Zi-Ly-Ane.

— Não tem graça quando na escola te chamavam de SuzilyAnta Gorda — falo séria para ele que

se levanta para olhar nos meus olhos.

— Porque eles faziam isso? — olho para ele com uma cara de quem pergunta, “sério que tu está fazendo essa pergunta?”. — Isso não é desculpa para te chamarem assim. É bullying.

— Isso a trocentos anos atrás não era bullying, era brincadeira de criança, as professoras diziam.

— Que seja, a síntese da coisa é a mesma Fofa. E o que elas fizeram? — pergunta ele preocupado com uma coisa que aconteceu na era pré-histórica.

— Nada... — dou de ombros.

— Como nada? E eles continuaram? — Noah levanta de cima de mim e se senta no sofá.

— Digamos que o meu punho ficou marcado em um dos guris que fazia isso, e depois parou — me sento ao lado dele e o encaro séria.

— Tu deu porrada em um colega teu? — assustado e com os olhos arregalados ele me encara.

— Sim — dou de ombros. Noah solta uma risada alta e me abraça.

— Essa é a minha Fofa. Irrite ela e depois sofra as consequências.

— Te cuida Noah, o próximo pode ser tu — levanto-me e paro na frente dele.

— Onde tu vai? — ele tenta se levantar e eu empurro ele de novo para que se sente.

— Fica ai que eu já volto — um sorriso sacana aparece no seu rosto.

Saio em direção ao meu quarto, chego lá e vejo a bagunça que deixei. Paro na frente do espelho e olho para a minha tornozela, no seu lugar novamente e com os três pingentes balançando. Eu mesma, não poderia ter escolhido melhores. Simplesmente amei. Paro de babar nela e procuro a minha bolsa com o presente do Noah. Só espero que ele goste, não tem nada a ver com o que ele me deu, chega a ser até ridículo depois do dele, mas no momento é o que eu posso oferecer a ele.

Volto segurando o pacote pequeno nas mãos e chego a sala vendo o Gato ocupando o meu lugar no colo do Noah.

— Acho que ele está com ciúmes — ele em fala pegando ele e colocando no chão. — Tu saiu e ele veio direto para o meu colo e ficou miando.

— De certo estava te perguntando onde estava o JB — sento-me ao lado dele.

— Pode ser também... — ele olha o pacote na minha mão e sorri — e o que é isso?

— Não é nada demais, e não chega nem aos pés do que tu me deu — olho para a tornozela e sorrio. — Mas eu pensei em tanta coisa e não cheguei em lugar nenhum, e nem tenho palavras bonitas, como as que tu me disse, para acompanhar — o entrego.

Noah pega o pacote pequeno e eu tenho vontade de pegar de novo e esconder. Onde eu estava com a cabeça para dar isso de presente? Ele vai achar horrível e completamente sem graça. Olho para ele abrindo e retirando o presente de dentro. Uma chave e um controle. Ele levanta os olhos para mim e pergunta.

— Isso aqui é...? — aceno com a cabeça e ele se levanta rápido e vai até a minha porta.

Coloca a chave e testa, abrindo e fechando a porta diversas vezes. Levanto e quase tropeço no carpete da sala, nem me lembrava que ainda estava de salto, e caminho até ele que está olhando o

chaveiro, um S, o mais rosa fluorescente que havia na loja.

— Eu disse que era sem graça... — dou de ombros.

— Cala a boca — ele vira para mim e me prensa na parede. — Esse aqui é o presente mais incrível que eu já recebi, Amor.

— Não precisa falar isso, eu sei que não é grande coisa.

— Para com isso — um beijo. — Eu sabia que se eu pedisse uma chave do teu apartamento e um controle da garagem tu ia me negar e íamos acabar brigando por isso, então nem tentei.

Ele sorri olhando para as chaves e me beija novamente.

— Noah — digo atraindo a atenção dele para mim — eu não sei muito o que falar então, lá vai.

— Tomo uma respiração e começo a falar — quando eu te conheci, eu queria te matar a todo custo — ele ri —, mas tu foi muito mais chato do que eu esperava e não consegui colocar o meu plano em prática, resolvi não te dar bola e esnobar. Só que não adiantou, tu conseguia me perseguir como um cachorro sem dono, até que não resisti mais. Eu sei que sou teimosa como uma mula manca, mas tu é mais. Acho que por isso, estamos aqui hoje. Às vezes eu ainda tenho vontade de te matar, mas depois eu penso em tudo que estamos passando e percebo que se não fosse por ti, eu já teria pirado há muito tempo. Não sei se eu conseguiria assimilar essa doença do Yago sem tu ao meu lado para me puxar para realidade. Eu te amo Noah, como eu pensei que nunca amaria outra pessoa na minha vida — o abraço e continuo falando. — Eu quero que essa chave represente que eu quero tu ao meu lado sempre, nos momentos bons e ruins, tu pode manter o teu apartamento para os dias que eu estiver um porre de mau humor ou de TPM — ele ri baixinho —, mas se tu quiser vir para cá, eu não me importo e ficaria bem feliz em te ter ao meu lado.

— Tu sabe que eu não vou sair mais daqui, não é? — sorrio baixinho.

— É eu sei...

Ficamos nessa melação amorosa a noite toda praticamente, depois fomos para a sala de música onde eu disse que, para complementar o meu presente e o que eu disse, precisava tocar uma música. Sentei no piano, com o Noah ao meu lado, toquei e cantei uma música que expressava cerca de um por cento do que eu estava sentindo, mas como em palavras, não consigo me expressar, então recorri a um campo que eu entendo. A escolhida da vez, é uma do Nenhum de Nós, Santa Felicidade.

Traga, a sua alegria

Inunde a minha vida

A sua beleza é bem-vinda

Penso em você, de um jeito impossível

Um começo assim difícil

Quando está perto dói, e estar longe dói

Ainda mais

Tanta felicidade

Na minha vida

(Santa Felicidade - Nenhum de Nós)

Como eu toquei uma, ele pediu para escolher uma, sem poder negar a opção e nem tirar o salto. Eu já não aguentava mais estar empoleirada e parecer que estava no segundo andar, bom, pelo menos eu não ficava tão pequena ao lado do Noah, de altura, que fique bem claro. Escuto o pedido dele e nego com a cabeça.

— Eu não vou conseguir tocar guitarra, uma música rápida e ainda de salto — falo. — Eu vou cair e quebrar o pescoço Noah.

— Não vai nada, eu te seguro — ele abre um sorriso sacana.

— Vou errar toda a música contigo me segurando.

— É o que eu disse no início Fofa, sem opção de negar ou tirar o salto — ele se levanta do meu banco do piano e me estende a mão. — É sim ou sim. Levanta essa bunda linda daí e toca a música para mim.

— Eu te odeio — pego na mão dele e me levanto.

— Não odeia nada, tu me ama e agora não tem como me expulsar da tua casa, eu tenho as chaves.

Completamente a contragosto, tiro a minha guitarra do pedestal, a coloco no ombro, ligo no amplificador e afino até chegar no tom perfeito da música. Toco os primeiros acordes e o Noah abre um sorriso e parece que está me comendo com os olhos. Nunca pensei que ele tivesse algum fetiche pelo guitarrista do AC/DC. Termina a música e ele está com um olhar mais selvagem do que quando eu comecei tocar. Mal largo a guitarra no suporte e sou arrastada por ele até o meu quarto e jogada na minha cama em cima da bagunça e tudo.

Noah retira cada um dos meus sapatos de salto e os atira para trás, pega a minha tornozela com os dentes e percorre as mãos por toda a extensão das minhas pernas. Solto um gemido um pouco mais alto do que os que eu dou, ele vem para cima de mim e começa a retirar o meu vestido. Torturantemente devagar e com a ajuda dos dentes.

~

Acordo com uma preguiça e me sentindo toda amolecida, depois de tudo. Olho para o relógio que marcam quase meia-noite. Praticamente cedo. Sento na cama, completamente nua e procuro pelo Noah que não está ao meu lado dormindo, capotado, como sempre.

Visto a camiseta dele, que está atirada no chão, e que cobrem até quase os meus joelhos e caminho em direção a cozinha para pegar um pouco de água. Paro em frente do espelho, nesse meio tempo, e vejo o meu estado. Descabelada, maquiagem borrada, um brilho nas bochechas, um chupão no pescoço e um sorriso besta. Balanço a cabeça pensando na libertina que virei e sigo o meu caminho.

Chego a porta da cozinha e encontro o Noah escorado no balcão da pia usando somente uma cueca boxer preta, falando no celular e com o pacote de ração do Gato na mão. Pelo visto o morto de fome atacou de novo.

Pego o meu copo de água e me escoro ao lado dele. O Gato olha para mim sério com uma expressão “ele gosta mais de mim do que tu, que me esqueceu completamente hoje”, só de birra, coloco a língua para fora como uma criança de cinco anos, ele vê e sai caminhando em direção ao meu quarto. Aposto que quando eu voltar para a cama, ele vai estar deitado em cima do meu travesseiro.

— Não me interessa isso, já te disse para não te meter onde não é a tua área. E tchau — Noah desliga o celular e suspira.

— Algum problema? — pergunto me virando para colocar o copo na pia, amanhã quando eu acordar, eu lavo.

— A Rebecca incomodando, eu postei uma foto e ela me ligou dizendo que eu não podia fazer aquilo e que ia trocar a senha para eu não mexer — como é que é?

— Uou! O troço não é teu? — pergunto, não lembro o nome do aplicativo, mas isso não vem ao caso.

— Sim! Tem o meu nome. Só que ela não entendeu isso ainda — ele cruza os braços e fica sério.

— Quando eu coloco uma foto aleatória, ela não incomoda, só quando tu aparece — como é que é? parte dois.

— Que foto, que eu não tirei foto nenhuma contigo — olho para o Noah que com o olhar se entrega. — Tu anda tirando foto minha enquanto eu durmo? — coloco as mãos na cintura. — Me mostra isso Noah!

Ele ri e me entrega o celular, procuro o aplicativo e vejo a foto. Minha mão, sobre o peito dele nú e com a legenda “de suas unhas vermelhas, meu bem você rasgou meu coração”. Eu conheço essa música, é antiga dos anos 80, mas um clássico. Olho para ele que ri em silêncio e começa a cantar a continuação dessa parte.

— Eu e minha gata rolando na selva, rolava de tudo...

— Eu não acredito que tu fez isso — entrego o celular e começo a rir junto.

— Não pude resistir quando vi o teu esmalte vermelho Amor — ele pega as minhas mãos e as beija. — Foi mais forte que eu.

— Idiota — abraço ele. — Aposto que ligar para ver como Yago estava tu não fez não é?

— Quem disse? Olha no histórico de chamadas, levantei só para fazer isso, senão, nem tinha levantado — olho para ele.

— Como ele está?

— Dormindo, sem enjoos, febre ou alguma coisa — um suspiro de alívio sai de mim, e depois eu bocejo.

— Vou para o banho, to me sentindo imunda.

— Perda de tempo — ele fala.

— Por quê?

— Quem disse que acabamos por hoje? Vamos comemorar o nosso um mês e um dia agora — ele me levanta pegando por baixo da bunda fazendo com que eu enlace as pernas na sua cintura,

e me leva até o quarto.

Capítulo 29

— Eu não quero de novo tia Su! — Yago fala sentado no meu colo, me agarrando como se eu fosse a sua última salvação.

— Meu Anjo — digo baixinho, mexendo no em seus cabelos —, tu precisa fazer isso.

— Yago — Noah chega perto de nós e agacha para ficar na mesma altura que ele —, tu precisa fazer, isso é para o teu bem.

Estamos no quarto do hospital. Desde que o pegamos no Orfanato mais cedo, percebemos o seu nervosismo e agitação com a possibilidade de passar mal novamente com a quimioterapia. O fim de semana foi mais tranquilo possível, fizemos maratona de filmes com pipoca na sala, uma bagunça completa, com os sofás arrastados e os colchões espalhados no chão. Noah trouxe a TV gigante dele e o seu home-theater e até dormimos os três ali. No domingo o levamos ao shopping para uma mostra de dinossauros que estava em exposição e ficamos por lá até tarde. Em nenhum momento ele passou mal ou reclamou de alguma coisa, bem pelo contrário, começava a rir quando ele passava as mãos no cabelo e eles caíam.

Chegamos aqui e ele se agarrou em mim e não deixa nenhuma enfermeira chegar perto dele. Está assustadoramente com medo. E eu não posso fazer nada para ajudar, pois o que ele me pede eu não consigo impedir. Eu estou de mãos atadas e isso está me matando por dentro.

Uma enfermeira entra no quarto e o Yago se agarra mais, como se pudesse entrar em mim.

— Nós temos que começar — ela fala baixinho olhando a cena. Noah se levanta e passa as mãos nos cabelos.

— Tia Su, não deixa, por favor! Eu não quero vomitar de novo — Yago começa a chorar no meu colo.

A enfermeira percebendo a situação, diz que vai nos dar mais alguns segundos para tentar convencer o Yago a ceder. Antes, entrou uma com uma cara de poucos amigos e queria de qualquer jeito o medicar, nem que fosse a força. Tomei a frente e disse que não ia ser assim e nem eu deixaria pegarem ele dessa forma. Se a situação já estava complicada antes disso, agora está bem pior. O mundo precisa de mais enfermeiras com um pouco de humanidade. Sei que a profissão não é uma das mais tranquilas, mas um pouco de compreensão quanto à situação é bem-vinda.

— Yago — falo baixinho, enquanto ele soluça no meu pescoço —, a tia não pode fazer nada. Tu precisa fazer, senão não vai curar nunca meu Anjo.

— Mas eu não quero. Vou passar mal de novo — ele me solta e eu vejo as lágrimas escorrendo pelas suas bochechas.

— Yago — Noah chega até nós e limpa as lágrimas dele —, tu tem que fazer amigão, senão tu vai passar mais mal do que se tu fizer hoje.

— Mas dói tio Noah.

— Eu sei — Yago suspira —, mas é preciso.

— Anjo — beijo sua testa —, é para o teu bem. A tia Su não vai sair do teu lado.

— Nem o tio Noah, nós vamos ficar aqui contigo.

Há quase dez anos atrás eu prometi para mim que nunca mais ia derramar uma lágrima na minha vida. Mas estou quase quebrando a minha palavra. Ver uma criança indefesa passar por isso é triste, e se conhecemos ela e sentimos um afeiçoamento especial, torna a tarefa mil vezes mais difícil.

— Prometem? — ele funga e limpa o nariz escorrendo na manga da camiseta.

— Prometemos, meu Anjo — Yago abre um sorriso fraco e concorda com a cabeça que vai deixar pegarem a veia dele para começar a infusão de medicamentos.

Noah sai para chamar a enfermaria e avisar que estamos prontos. Yago suspira no meu colo com alguns soluços remanescentes do choro. Como eu disse, é de cortar o meu coração em milhares de pedaços. Sei que se eu não estivesse aqui, com certeza aquela enfermeira iria agarrar ele a força.

A enfermeira volta com a bandeja com os medicamentos e os equipamentos para pegar a veia dele. Yago continua agarrado em mim e nem quando a enfermeira pediu o braço dele para começar a procurar a veia, ele soltou.

Depois da luta para procurar a veia e conseguir o acesso, o soro com a químio foi instalado e ele dormiu no meu colo minutos após o início. Ficamos nos três no quarto, com o silêncio sendo atrapalhado pelo movimento dos corredores no hospital. Noah me ajuda a colocá-lo na cama, com todo o cuidado possível, já que com as sessões seguidas, está cada vez mais difícil encontrar um acesso bom para o soro. Yago se mexe e murmura alguma coisa que não entendemos e procura alguma coisa com a mão esquerda. Coloco a minha mão na dele e ele volta a dormir calmamente, me sento ao seu lado e ficamos de mãos dadas, como se isso o protegesse de tudo.

— Pensei que ele não ia deixar a enfermeira chegar perto dele — Noah fala baixinho passando as mãos nos cabelos dele.

— Eu também — falo. — E eu não ia deixar pegarem ele a força. Isso ia ser traumatizante e seria pior.

— Sim, eu não ia deixar também. Até porque aí mesmo que nas próximas vezes ia ficar mais difícil, e ele ia ficar com medo. — Duas batidas na porta e o médico, entra.

— Noah e Su! — Ele vem e cumprimenta nós dois. — Escutei pelos corredores que o moço ficou um pouco rebelde hoje?

— Sim, ele ficou assustado da última vez que passou mal — explico.

— Isso é normal — o médico escora na ponta da cama do Yago. — E o que vocês fizeram foi o certo, o acalmaram e conversaram com ele. Eu sei que algumas enfermeiras não tem paciência assim — ele olha para nós. — Isso pode ser traumático para algumas crianças, tanto que algumas tem que ir para psicólogos — fico assustada com essa possibilidade. — O Yago está longe desse quadro, e para evitar temos que trabalhar em conjunto com os que o rodeiam para evitar ao máximo.

— Doutor — Noah interrompe enquanto eu tento me acalmar depois desse susto momentâneo —, nós estávamos pensando em viajar para a fazenda de uma amiga nossa, nesse fim de semana, tu acha indicado ou arriscado demais levá-lo?

— Não é longe daqui — complemento —, cerca de duas horas de viagem e a qualquer sinal de que ele não esteja bem, nós o trazemos para cá correndo.

O médico sorri e olha para o Yago dormindo calmamente agarrado na minha mão. Ele ficou tão animado com a possibilidade de poder viajar conosco, que eu não ia conseguir disser a ele que o médico não liberou. Com certeza, seria mais um passo para que ele não quisesse mais fazer o tratamento. Eu sei que ele não tem escolha quanto a isso, mas como o médico disse, isso pode ser traumático e acarretar outros problemas.

— Eu não vejo nenhum problema dele poder ir — o médico dá de ombros e sorri. — O caso dele está bem tranquilo, até com as reações da química. Tudo o que ele mais precisa agora é ter uma vida normal. Pode ir sim e aproveitar.

Sorrio em agradecimento para o médico. Conversamos mais um pouco, sobre os exames que eles fizeram semana passada, o que parecia tudo dentro dos conformes para o quanto de tratamento que já havia feito. Mas o médico ainda não poderia dar esperanças que só com esse tratamento a cura seria alcançada. Era preciso esperar mais algumas aplicações para isso se confirmar, ou termos que passar para outros medicamentos mais fortes, ou o meu medo maior, a procura por doadores compatíveis de medula. Também tocamos em um assunto que estava mostrando as caras, o corte de cabelo do Yago. Ele disse que se quiséssemos, já poderíamos ir conversando com ele para não pegar ele de surpresa quando realmente eles começarem a cair em mais quantidade. O médico se despede quando a Elis entra no quarto.

— Caramba — ela fica olhando para a porta, por onde o médico passou a poucos segundos. — Estou até pensando em ficar doente e fazer umas consultas nesse hospital.

— Elis pelo amor, para de falar besteira — falo.

— Não estou falando besteira — diz animada —, vi cada médico e enfermeiro gostoso aqui, que eu deixaria examinar o meu corpo e estudarem anatomia o quanto eles quisessem.

— Elis — Noah fala calmamente —, eles gostam de cadáveres, e não tagarelas como tu, então pode tirar essa ideia da cabeça.

— Idiota — Elis dá um tapa no braço do Noah que ri das loucuras delas. Será que nem no hospital esses dois conseguem se comportar como pessoas adultas? — como o Yago está?

— Dormindo como um Anjo, mas fez um pouco de birra para deixarem pegarem a veia dele — Elis chega perto da cama e faz um carinho no seu rosto.

— Coitadinho, não deveria passar por essas coisas — e olha para mim. — Falei com a Raquel de levar ele para a fazenda, ela liberou e disse que nem precisamos pedir, e que sabe que ele está em boas mãos.

— Quando ele está com nós dois sim — Noah fala. — Quando tu está junto, temos medo que tu corrompa o guri.

— Hey! Eu não corrompo ninguém! E...

— Fala baixo que ele está dormindo — puxo a Elis, será que nem em um hospital ela pode se conter e parar de gritar como uma louca?

— Desculpa — resmunga mais baixo e vira em direção ao Noah, que está rindo escorado na parede. — Eu não vou corromper ele, eu sou um anjo.

— Dois dias o guri na tua presença e ele já está falando mais palavrão que tu, eu não duvido disso — Noah dá de ombros e a Elis se enfurece mais.

— Parem de brigar — Yago se mexe na cama e acorda.

— Tia Su? — tenta se levantar rápido da cama.

— Calma aí campeão, está pensado que vai onde? — sorrio, ele ri e olha para o soro.

— Esqueci, preciso ir no banheiro — ele olha para o Noah, que ainda está trocando algumas farpas com a Elis ao lado dele. — Me leva tio Noah?

— Vamos lá — Noah ajuda o Yago a sair da cama e carrega o soro para ele.

Fico a sós com a Elis que ainda está puta da vida com ele. Levanto da cadeira dura e estico as pernas para tentar conseguir passar mais um dia sentada aqui.

— Um dia eu vou matar o Noah — ela fala cruzando os braços com uma cara de criança emburrada.

— Pode desistir, se eu não consegui até agora, não vai ser tu que vai ter sucesso nessa tarefa. Aliás, parem de ficarem se bicando como duas galinhas velhas.

— Foi ele quem começou — bufa.

— Corrigindo, como duas crianças mesmo.

Ela ri e se senta na cama colocando as pernas retas e começa a balançar os pés. Noah abre a porta do banheiro e eles saem rindo. Yago volta para a cama e uma enfermeira entra no quarto trazendo o almoço dele, o tempo passou tão rápido que nem percebi que já era quase meio-dia.

— Não estou com fome — ele reclama quando eu abro a bandeja com a sua dieta.

— Tem que comer Yago — Elis fala. — Nem que seja um pouco, a alimentação correta ajuda muito.

— Eu vou ficar enjoado se eu comer — responde olhando para ela. — Só o cheiro já me deixa assim — e prende os dois dedos no nariz fazendo uma careta para acompanhar.

— Deixa esfriar então, não sentir o cheiro ajuda nisso. Não sei por que eles insistem de trazerem a refeição quente para os pacientes com predisposição para enjoos — ela fala indignada com a situação.

— Como tu sabe disso? — Noah pergunta, fechando a bandeja e colocando mais afastada do Yago. — Minha mãe vomitava só com o cheiro da comida.

— Ai está à solução, meu caro idiota, comida fria não exala tanto cheiro assim, com isso a pessoa não enjoa. Uma coisa simples, prática e que ajuda quase cem por cento dos pacientes. Ensinam isso na faculdade, mas ninguém coloca em prática.

— Eu não sabia disso, se soubesse pouparia várias vezes que vi a minha mãe assim — Noah fala triste.

Ele me disse que a doença da sua mãe foi muito agressiva. De um mês para o outro ela saiu do estado de ótima para uma cama de hospital com remédios para dor fortíssimos na veia. Não foi uma boa experiência, essa foi uma das questões que eu levantei quando ele me disse que me ajudaria com o Yago, se ele queria mesmo reviver todos aqueles momentos ruins novamente. Eu entenderia se ele me dissesse que preferiria não ter que ver tudo isso, mas a minha surpresa foi quando ele disse que não se importava com isso. Eu nem pude, e nem posso agradecer, tudo o que ele está fazendo por mim e pelo o Yago, palavras, sentimentos e recompensas seriam poucas para expressar isso.

— Tia Elis vai ficar comigo hoje também? — Yago pergunta com um sorriso sincero.

— Só um pouco, tenho que trabalhar ainda, mas até lá eu vou ficar aqui, posso? — ela pergunta sorrindo.

— Pode.

— Já ia me esquecendo de uma coisa — Elis abre a bolsa dela e tira um GameBoy antigo, mais alguns jogos clássicos, e entrega para o Yago. — Isso era meu quando eu era criança, que tava guardado, testei ontem e ele ainda funciona, acho que agora vai ter outra utilidade.

Ele pega o GameBoy e fica olhando com uma felicidade genuína. Agradece e liga o brinquedo que dá um sinal sonoro e acende a tela. Aposto que agora as tarde vão ficar mais interessantes para ele.

— Isso é um GameBoy? — Noah chega perto do Yago e vê o dispositivo.

— Sim, ganhei quando era pequena, perdi tardes inteiras nesse troço — ela dá de ombros.

— Yago, eu tinha um desses — Noah pega a caixa com os jogos. — Caramba Elis, eu tive todos esses jogos. Yago — ele puxa um dos jogos e instala no aparelho —, esse aqui é bom, coloca primeiro que eu vou te ensinar uns truques — e pisca para nós.

A tarde passou tranquila depois disso, até acabar as pilhas do GameBoy e o Noah ter que sair correndo para buscar mais. Não sei quem estava mais na ansiedade para continuar a jogar, se ele ou o Yago. Duas crianças jogando e brigando pelo GameBoy. Chaga a ser hilário e nem parecíamos que estávamos em um hospital. A Elis ficou conosco até às três da tarde, ela também foi a responsável por ter que me arrastar até o refeitório e comer decentemente, com direito a relatório para o Noah e tudo. Eu mereço!

Não tivemos nenhum quadro de enjoo, febre ou sangramento nasal nas horas depois de acabado a infusão dos medicamentos. Um alívio para todos nós, mas por via de segurança, vamos passar a noite aqui. Yago tomou um banho com a ajuda do Noah, que, por incrível que pareça eu não posso ajudar nessa hora, sou menina e não posso vê-lo sem roupa. Fui expulsa pelos dois do quarto. Sai de lá rindo e aproveitei o tempo livre para ir em casa, tomar um banho e dar atenção os habitantes de quatro patas e pelos, que tomaram conta do meu sofá e sala.

Volto para o hospital e encontro os dois dormindo agarrados. Yago completamente

espalhado em cima do Noah que está com a mão nas costas dele. Pego o meu celular e tiro uma foto para deixar de papel de parede. As duas pessoas mais importantes na minha vida. Me estico no sofá de dois lugares que tem no quarto e tento dormir um pouco.

Acordo no meio da noite com os dois no banheiro, com o soro correndo, de tempos em tempos ele tem que ir se aliviar. Ouço os dois conversando pela porta aberta que deixaram.

— Tio Noah, quando a gente chegar lá na casa a tia Elis, tu pode me levar para ver os cavalos?

— Claro, só que eu não sei andar, mas te levo para vê-los.

— E também quero ver as galinhas.

— Galinhas? Elas são feias e bicam as nossas pernas — sorrio baixinho lembrando da nossa aventura no galinheiro da outras vez. — Elas só são legais assadas, assim não incomodam ninguém.

— Mas eu quero ver uma galinha — Yago fala com uma voz meio triste, se o Noah ficou com trauma de galinhas, vivas, eu levo o Yago no galinheiro sem problemas.

— Tinha uma no teu prato hoje meio-dia e tu não quis, perdeu a oportunidade — ouço a risada do Noah.

— Não é a mesma coisa, quero ver uma viva, pegar no colo e fazer carinho nela. Acabei!

Escuto o barulho da descarga, ele lavando as mãos e voltando para a cama. Finjo que estou dormindo e continuo a escutar a conversa deles. Noah se senta na mesma cadeira que eu passei quase todo o dia e começa a falar.

— Está sentindo alguma coisa?

— Não, só sono mesmo — um bocejo do Yago confirma.

— Vai dormir então, amanhã temos que passar aquela fase, acho que me lembro de mais um truque dela — uma risada fraca do Yago.

— Tio Noah, posso fazer uma pergunta? — Noah responde que sim e ele continua. — Porque tu sempre fala que a tua mãe teve as mesmas coisas que eu, e onde ela está agora?

Minha respiração tranca, começo a me mexer para intervir no assunto, mas o Noah começa a falar, antes mesmo que eu tivesse essa reação para sair do sofá. E eu aguardo para ver o que ele vai responder.

— Não era bem a mesma coisa Yago, a doença dela era bem diferente da tua e bem mais forte e pior. Mas algumas coisas ela sentiu igual, como os enjoos, febre e outros sintomas, por isso que eu falo isso.

— E onde ela está?

— Ela morreu Yago, mas faz um tempinho.

— Eu vou morrer tio Noah? — ouço um riso fraco e triste do Noah.

— Não meu Anjo, não vai porque nem eu e nem a tia Su vamos deixar. Certo, agora vai

dormir.

— Meu papai e a minha mamãe também morreram tio Noah, e eu nem me lembro direito deles. Mas se eles fossem vivos eu queria que eles fossem com tu e a tia Su — uma lágrima escorre do meu rosto.

— Se eu tivesse um filho, eu queria que ele fosse como tu Anjo — agora é oficial, há quase dez anos eu não chorava, e essa noite estou fazendo isso. Não quero fazer barulho para não assustar o Yago com isso, mas a minha vontade é de abraçar ele e chorar até não querer mais.

Os dois ficam em silêncio, mas as minhas lágrimas não. Espero um tempo para que os dois durmam profundamente, me levanto e saio do quarto. Me escoro na parede branca do corredor vazio e deixo as lágrimas correrem livremente.

Porque ele tem que passar por isso?

Porque eu não posso tirar toda a dor dele como num passe de mágica.

Mais lágrimas escorrem e eu fecho os olhos esperando uma ajuda, que eu não tenho a mínima ideia de onde ela possa sair. Um sinal, alguma coisa que me faça ter a força para encarar tudo isso e não transparecer fraqueza. Por favor, suplico mentalmente, se existe alguma força, energia ou ser supremo que comande tudo, que me ilumine, nesse momento.

Lágrimas, lágrimas e lágrimas. Sem som, só o ato de escorrerem e lavarem a minha dor e indignação com a vida e suas armadilhas. Não abro os olhos, se eu fizer isso vai ser pior. Ouço vozes ao meu redor, mas não consigo e nem quero assimilar nada. Só escuto a conversa dos dois repassando na minha cabeça. Uma criança de seis anos não tem que conhecer a morte em nenhum sentido da palavra e muito menos viver com o passado assombrado por ela. Nunca.

Sinto um calor me envolver em forma de abraço. Mais lágrimas e uma voz ao fundo que diz que tudo está bem e que eu não preciso me preocupar. Abro os olhos, a claridade do corredor é ofuscada por alguma coisa que me detêm.

— Calma meu amor — escuto essa força que me mantém erguida ultimamente. — Vai ficar tudo bem — sinto um beijo na minha cabeça. — Eu sei que tu escutou a nossa conversa — mais lágrimas escorrem e eu aperto a minha âncora, aquele que me dá a estabilidade nessa situação. Noah, sempre ele. — Chora amor, limpa a alma, faz bem e eu nunca vi alguém se segurar por tanto tempo, chora que eu te seguro.

E eu choro.

— Coloca para fora amor, faz bem. Eu sei que tu não é disso, mas todo mundo precisa desabafar. Tu vai ver como vai te sentir bem melhor depois disso — sinto ele me puxando. — Senta aqui no meu colo — sento no seu colo e me apoio no seu pescoço e começo a me acalmar.

Fico mais alguns momentos com o Noah me embalando, percebo o papel de idiota que eu fiz e saio do seu colo limpando as lágrimas.

— Desculpa — falo em pé na frente dele. — Foi um momento de fraqueza que já passou — olho para cima segurando as lágrimas remanescentes.

— Todo mundo tem um momento ou dois assim Fofa, não se pede desculpas por eles, é a coisa mais normal do mundo — percorro os meus olhos para todos os lados, menos para ele. —

Olha para mim — ele puxa o meu queixo até que coloco os meus olhos nos deles, vermelhos também. — Viu só, sou tão humano como tu.

— Eu não deveria ter chorado daquele jeito só...

— Eu sei amor — ele me corta e continua a falar. — Isso tudo é uma montanha russa de sentimentos, passamos de momentos felizes aos tristes num piscar de olhos. Eu sei que tu estava acordada àquela hora e ouviu a nossa conversa.

— Eu não resisti Noah — falo com a voz falhando. — Eu não consigo escutar aquilo dele e não pensar em tudo.

— Eu sei — ele me abraça e eu retribuo. — Eu sei, me triturei o coração escutar aquilo dele, ele não merece viver assim. Nenhuma criança merece — solto o Noah e vejo que ele está com uma lágrima se formando no canto de seu olho direito.

— É tudo tão frustrante, eu penso em como eu sou egoísta nessa vida, eu poderia fazer bem mais por ele e to aqui chorando como uma idiota no meio do corredor. É como se a minha felicidade fosse arrancada de mim a cada minuto que eu o vejo sofrer.

— Eu entendo.

— Semana passada nós estávamos felizes comemorando o nosso tempo junto e ele doente e sem ninguém por ele. Isso não é justo Noah. O Yago merece alguém que possa compartilhar todos os sentimentos com ele na mesma intensidade que nós vivemos os nossos — me levanto da cadeira.

— Tu está pensando a mesma coisa que eu? — Noah se levanta ao meu lado e me olha desconfiado.

— Tu não precisa se meter nisso Noah — aviso, com certeza estamos compartilhado do mesmo pensamento. Eu já me informei sobre esse assunto, mas nunca tive coragem de assumir que era isso que eu queria no fundo do meu coração. Não vai ser fácil, nosso país ainda é muito burocrático, mas eu vou tentar. Sei que vou errar diversas vezes por esse caminho, mas vou trabalhar para dar o melhor de mim nesse papel. Ou não me chamo Su Morelli. — Eu posso lidar com isso sozinha.

— Teimosa — ele fecha os olhos e olha para cima. — Malditamente teimosa! Tu acha que se tu adotar o Yago eu não vou estar junto? — ele abre um sorriso feliz.

— Não preciso... — ele coloca um dedo na minha boca me interrompendo com uma cara de criança que acabou de ganhar o melhor presente de natal do mundo.

— E aquela história que tu me disse quando me deu a chave do teu apartamento, hein Suzilyane? — ele me pergunta com um mexer de sobancelhas e coloca as mãos na minha cintura. O chão se abre aos meus pés, com o significado das chaves que eu dei para ele, tanto que tenho que me apoiar nos seus braços. — De que significava que eu poderia ficar contigo nos momentos bons e ruins! E tu sabe muito bem que eu escolhi e sempre vou escolher, ficar.

Fico sem fala e o Noah abre um sorriso lento e confiante.

— Acho que isso responde a minha pergunta — ele pega a minha mão e me puxa. — Vem vamos dormir que amanhã temos outra batalha para começarmos a arquitetar e vencer ela

juntos. É nós três contra o mundo inteiro Fofa.

Capítulo 30

— Elis para de fuçar no meu carro! — Noah fala pela terceira vez desde que entramos para viajar.

É sexta à noite e ainda estamos a uma meia hora da fazenda dos pais da Elis. Yago dorme calmamente deitado com a cabeça no travesseiro em cima do meu colo, Gato dentro da sua gaiola e o JB no chão, e eu aguentando, no banco de trás, as duas crianças brigando o tempo todo.

Eu estou cansada, podre. Trabalho não me falta, mas precisamos ter um fim de semana para descansar de tudo. A semana correu tranquila, o Yago não passou tão mal como na outra semana, mas seus cabelos cada vez estão caindo mais. Conversamos com ele na quinta sobre cortar tudo e ele aceitou numa boa e até achou legal a ideia de raspar toda a cabeça. Crianças conseguem ver sempre um lado desconhecido que nós adultos não percebemos.

Ele saiu do hospital comigo e com o Noah na quarta à tarde, estava até feliz depois de tudo. Eu, depois do meu ataque emocional no corredor, ainda estava meio passional por dentro. Depois que entramos no quarto, comecei a conversar com o Noah sobre a decisão que eu havia tomado. Vai ser uma nova batalha para mim, mas eu já estava preparada para enfrentar isso futuramente. Sempre tive vontade de adotar uma criança e também, medo de falhar nisso. Primeiro por ser solteira, acho que seria mais difícil de ser liberada para a adoção do que uma pessoa casada. E o meu outro medo, o de falhar completamente no papel de mãe. De não conseguir educar e ensinar uma criança do jeito certo. Sei que não existe uma fórmula mágica para isso, mas para dar tudo errado, basta pequenas ações. Não quero ser uma mãe relapsa ou ausente, mas também não quero ser superprotetora e controladora. Não vai ser uma tarefa fácil e não sei se no fundo eu conseguiria fazer sozinha.

Combinamos de não falar isso para ninguém, por enquanto, a não ser para a Raquel que cuida diretamente disso no Orfanato. Não vamos falar para o Yago, não queremos gerar expectativas nele, e nem à Elis para ela não surtar, mais do que ela já é. Antes de tudo, eu quero ir a um advogado para ver como proceder nesses casos. Óbvio, o Noah disse que vai junto, e que vai me apoiar em tudo que eu precisar sem pensar duas vezes. Ele consegue ser um irritante perfeito. Em tudo.

Falando nele, ele se mudou completamente para a minha casa, e já está ocupando mais lugar no meu guarda-roupa com as coisas dele do que as minhas. Estamos numa rotina boa, dormir e acordar juntos todos os dias é ótimo. Até começamos a dividir algumas tarefas, como quando acordamos, enquanto eu tomo banho ele faz, ou melhor, tenta fazer o café, que quase sempre eu tenho que consertar de algum jeito, ou jogar tudo fora e fazer de novo. Não deixo mais ele lavar a louça depois de dois pratos e uma caneca quebrada em questão de menos de 48 horas, e já avisei que nos sábados de faxina, o aspirador de pó é com ele.

— Deixa na música que eu quero então! — Elis fala mexendo no painel do carro e mudando de estação. Estamos no carro dele dessa vez, por ser maior.

— Parem de brigar, por favor, que eu já estou ficando com dor de cabeça — falo para os

dois.

— É o Noah não deixando as músicas que eu quero e fica trocando — ele tem o controle no volante, carro chique é outra coisa. No fusca ou eu deixo a música tocando ou esqueço de dirigir para trocar.

— Se pelo menos fosse alguma música boas — vejo o Noah dar de ombros enquanto dirige, ele me observa pelo espelho retrovisor. — Quer pegar um remédio Amor?

— Não precisa, quando nós chegarmos eu tomo.

— Para num posto que eu to mijando — Elis fala emburrada como uma criança, e o Noah geme.

— De novo? — ele olha para ela e volta para a estrada. — Tu tem problema renal ou é impressão minha Elis? Não faz nem uma hora que paramos em um e tu está se mijando de novo? Da próxima vez vou comprar umas fraldas para ti.

— Não tenho problema nenhum seu idiota, só os meus rins que funcionam perfeitamente, e não me incomoda — ela vai até o painel e troca de música de novo, até encontrar uma e começa a cantar baixinho, mas mesmo assim, assassinando a música.

O Gato e o JB acordam com isso, e o JB começa a rosnar para ela. Yago se mexe no meu colo e abre os olhos verdes para mim e sorri.

— Já chegamos — ele fala se levantando devagar com uma cara amassada do travesseiro.

— Estamos quase — Noah desacelera e entra em um posto de gasolina. — Quer aproveitar e ir no banheiro? — pergunto e ele nega com a cabeça e se deita de novo no meu colo.

Elis salta do carro e sai correndo para o banheiro mais próximo. O desespero dela deve ser grande, porque o posto que estamos, com certeza, não está em dia com a papelada da vigilância sanitária a tempos pelo visto, e o cheiro. Dou um bocejo que quase desloco a mandíbula do lugar, não vejo a hora de chegar e me deitar e dormir como uma pedra. Noah me olha pelo espelho retrovisor e se vira para nós.

— Cansada Fofa?

— Muito — respondo, Yago já voltou a dormir, olho para ele e abro um sorriso lento. — Mas estou feliz por estarmos viajando.

— Eu também, mesmo com a Elis incomodando o tempo todo — ele ri baixinho. — Mesmo assim, vale a pena por vocês dois.

Elis entra no carro logo depois disso, voltamos à estrada, que mesmo nessa hora da noite está movimentada. Nunca tinha visto o Noah dirigir por tanto tempo assim, ele já havia me dito que isso não estava entre as coisas que ele gostava de fazer, mas dessa vez ele não teve escolha, já que eu nunca dirigi um carro tão grande e automático como o dele. Ainda sou fã de passar as marchas no meu fusca, musculação grátis.

Mesmo com o trânsito lento e sobrecarregado, chegamos sem problema nenhum. Descarregamos o carro depois de cumprimentar todos e a Dona Eulália nos espera com um bom café. Que comece as gordices!

— Noé — ela fala quando o Noah está comendo. — Amanhã tu me ajuda com as lenhas cortadas para o fogão.

Elis solta uma risada daquelas de acordar todo mundo na casa. Noah olha para mim assustado querendo ajuda e eu me volto para o meu café. Nós vimos a pilha de lenha em frente da casa, é como se metade da floresta amazônica fosse cortada em pequenas toras. Como amanhã é aniversário do Hélio, e irá ter uma pequena festa, a Dona Eulália, pelo jeito, vai fazer as comidas e os doces no fogão a lenha. É nesse fim de semana que eu volto sem roupa para casa, porque elas não vão caber mais em mim.

— Claro — Noah responde percebendo que ninguém vai salvá-lo disso.

— Gordinha — ela se vira para mim. — Tu me ajuda na cozinha e a Elis vai ficar com o guri — aponta para o Yago comendo um pedaço de bolo de milho, que aliás, eu já comi dois pedaços, e estou tenta em ir para o terceiro daqui a pouco.

— Claro Dona Eulália — falo e tenho que repetir, mais alto, quase gritando, porque esqueci que ela é surda.

Fomos nos deitar logo depois de arrematarmos o café, nem o Gato e o JB escaparam das delícias. Colocamos o Yago no nosso meio para dormir, a cama do estilo antigo é grande suficiente para nós três. Ele mal encosta a cabeça no travesseiro e dorme de novo, mais um efeito da quimioterapia o atingindo, a sonolência. Tomo um banho, pois ainda estava com as roupas de trabalho e caio na cama em uma das pontas, viro para o lado da parede pronta para dormir, mas pelo visto, alguém não está com sono.

— Eu vou ter que carregar tudo aquilo? — Noah geme ao lado do Yago que está virado para o seu lado e com uma mão por cima dele.

— Acho que não — falo já fechando os olhos —, mas vai ficar a mercê da Dona Eulália o dia todo — sorrio enquanto ele geme.

— E ainda não vou ganhar nenhum beijo de boa noite! — Viro para o lado dele, vendo mais as costas e os cabelos do Yago abaixo da cabeça do Noah, que olha para mim safadamente.

— Vai te acostumando, se tudo der certo vai ser assim — seu olhos, mesmo no escuro parcial brilham. Noah passa as mãos em volta do Yago e puxa ele mais para perto, como se estivesse protegendo ele de algum mal.

— Ah minha Fofa, se é para ficar assim nós três, eu não me importo. Mas não todos os dias — me aproximo mais dos dois —, com certeza o Yago vai ter o quarto dele, e bem longe do nosso — começo a rir e pego a mão do Noah.

— Onde vamos arrumar um quarto para ele no meu apartamento?

— Vamos ter que nos mudar para um maior então — como assim nos mudar? Tá certo que o meu apartamento é pequeno, mas será que precisamos dar esse salto, bem maior que as nossas pernas?

— Não sei se precisamos, isso seria um passo imenso — falo mais ríspida do que precisava, sono me dá um mau humor do cão.

— Calma Amor — ele ri de leve de mim —, não to falando para fazermos isso semana

que vem, mas com o tempo... Se tudo der certo, e vai dar, eu sei — enfatiza isso com os olhos para mim —, temos que pensar nisso. Eu, tu, o Yago, o Gato e o JB no seu apartamento vai virar loucura. Já pensou nessa mudança?

Na verdade não. Isso tudo está indo muito rápido. De poucos meses para cá eu passei de quase velha solteirona dos gatos, para um pacote completo de testosterona. Cachorro, homem e criança. Quem me ver de fora vai pensar que eu sou louca em fazer essa mudança radical. Mas quem liga para o que os outros pensam sobre mim? Eu que não! Se antes eu achava a minha vida monótona, simples e tranquila. Agora ela está de cabeça para baixo de um jeito mais agidoce que existe.

A mudança boa, é aquela que vem para desabar tudo pela frente, que quando chega tu pensa que não tem coragem de encarar e nem de viver na companhia dela por mais um dia. O tempo passa, e o desejo de desistir ainda está lá, sempre presente, mas cada vez menor que no dia anterior. Um dia ao acordar vai perceber que, essa mudança, não vai mais embora e que se for, tu vai sentir falta dela, e muita. Essas são as boas mudanças, aquelas que nos mostram que mesmo não só com um, mas com os dois pés atrás, de insegurança, encaramos e acabamos gostamos dela. É isso que eu vejo, e vivo, agora e é o que me dá forças e esperança para estar pronta para tudo.

— Não pensei ainda, mas eu estou pronta para o que de e vier — respondo o mais confiante possível.

— Estamos Amor — Noah fala baixinho. — Agora somos nós, tu não está sozinha.

E depois dessa, nós dormimos.

~

O sol entra pela janela invadindo sem ser convidado, já é de manhã? Por favor, mais umas cinco horas de sono. Abro os olhos escutando um galo cantando ao longe e um calor insuportável. Olho para o meu lado com o Noah sorrindo de mansinho para mim.

— Bom dia Fofa — ele chega mais perto de mim e me abraça quase deitando em cima de mim.

— Bom dia! — Falo sufocada por ele, mas retribuo o abraço correndo as mãos nas costas dele. — Cadê o Yago?

— Pulou da cama não faz muito. Ele ouviu o Hélio e a Agnes e perguntou se poderia levantar e eu disse que sim. Não ia desperdiçar esse tempo a sós contigo aqui — sabia que ele não ia deixar isso passar em branco.

Quando chegamos ontem à noite, eles prometeram levar o Yago para conhecer toda a fazenda e mostrar tudo de interessante para uma criança de seis anos, ou seja, todos os animais que tem aqui, com parada especial na área onde os filhotes estão. Até eu fiquei com vontade de fazer esse tour junto com eles, mas já fui escalada para a cozinha. Todos receberam o Yago muito bem, como eu já sabia que iriam fazer, eles são apaixonados por crianças aqui, especialmente a Dona Eulália, que já teve que soltar umas indiretas, bem diretas para a Elis perguntando quando virá o seu neto, para o desespero dela.

Noah começa a beijar o meu pescoço e a descer até onde começava o meu pijama, que tinha um bom decote. Suas mãos já estão subindo pelo meu corpo com uma maestria que só ele conseguia conduzir, fazendo com que eu comece a me contorcer debaixo dele.

— Tão linda... — ele sobe e começa a me beijar mais rápido do que começou. Gemo baixinho não conseguindo me segurar mais. O maldito sabe direitinho aonde ir para me deixar esquecer onde estamos.

— NOÉÉÉÉ — Elis grita lá da cozinha. — A VÓ ESTÁ TE CHAMANDO!!!

— Caralho — ele sai de cima de mim e coloca as mãos no rosto, frustrado. — Como ela tem esse maldito sentido de saber incomodar na hora exata? — rio baixinho e me levanto.

— Ainda bem, já pensou se ela gritasse em algum ponto em que não desse para recuar? — Noah me atira um travesseiro e eu saio rindo para o banheiro.

Tomamos o café bem rápido, antes que a Dona Eulália tivesse uma síncope com a nossa demora. O pai da Elis foi expulso da cozinha antes mesmo de terminar o dele, ela estava possuída. Seu Hélio saiu rindo e nos desejando boa sorte e levando o Yago com ele. Noah estava meio receoso com o que ela ia o mandar fazer e com certeza dos xingamentos que iria escutar a tarde toda.

Estava fazendo um calor infernal, e o fogão a lenha aceso não ajudava em nada. Estava usando só um vestido simples e quase me convencendo em tirar os chinelos para ficar de pés descalços no piso frio, dane-se a cólica mais tarde. Estou fazendo uma cobertura de bolo à mão, pois a Dona Eulália não usa batedeira para fazer, porque pode desandar a consistência. Pego a minha tigela com os ingredientes e vou para o quintal onde está tendo um vento bom, dando graças por não estar no lugar da Elis, mexendo uma panela em cima do fogão.

Me sento na beirada da porta e começo a misturar as coisas, e pelo andar da coisa, se eu terminar até o ano que vem, estou no lucro. A entrada é gigante, do estilo antigo, que são formadas por duas portas que se abrem simultaneamente. Aquelas que aparecem nos filmes antigos, onde as pessoas empurram com as duas mãos na hora decisiva do filme e todo mundo olham para a pessoa que abriu. Sento em um dos cantos para me encostar na parede e foco no trabalho.

Noah sai bufando em direção ao quintal usando só um short, a camiseta ele já desistiu há umas três horas, senão ia estar virado em uma poça de suor. Ele entra com mais uns pedaços de madeira para o fogo e recomeça a discussão novamente.

— Não é assim que se põe as madeiras para queimar Noé — Dona Eulália fala. — Tira isso daí agora.

— Mas já tá pegando fogo — Noah fala alto para ela ouvir e eu começo a rir.

— Tira de uma vez Noé — ouço ele bufando e praguejando para tirar a lenha de dentro do fogão.

Me viro para observar a cena, ele retira, as lenhas quentes, coloca de novo dentro o fogão, se queimando todo, e limpa o suor que escorre no seu rosto. Aproveito para ver suas costas, é um belo espécime anatômico, tudo no lugar e firme, com o meu atestado comprovando. Ele se levanta e suas pernas ficam expostas, mais uma vez, tudo com cem por cento de

aprovação, vindo de minha parte. Quando ele limpa as mãos na bunda, eu até mudo o meu foco de observação para não ficar pensando em coisas impróprias, volto para a minha tigela vendo que está tudo errado, porque isso não está nenhum pouco com a aparência que deveria parecer.

A sorte que é a última coisa que falta para terminarmos tudo. Não aguento mais, mexer, quebrar ovos, amassar massas e escutar a Elis reclamando do calor em minha volta. Me levanto e mostro para a Dona Eulália o desastre da minha cobertura, ela ri e acrescenta mais algumas coisas, que eu nem sei o que são, me entrega e me manda bater mais, e que daqui a pouco, aquela coisa, que mais parece uma gosma, vai tomar forma.

— Gostei do movimento — Noah se senta ao meu lado tomando uma garrafa de água. Olho para a minha mão fazendo um movimento de cima para baixo. Ele ri e abre um sorriso sacana.

— Idiota, vocês homens, só pensam nisso? — falo baixinho o fazendo sorrir ainda mais. Suor escorre pelo meu pescoço e vai em direção ao meu decote.

— Eu tento não pensar tanto, quando não estamos sozinhos, mas é difícil, ainda mais contigo assim — faço uma cara estranha e ele olha para todo o meu corpo.

Estou com as pernas cruzadas, e o vestido está todo enrugado antes da metade das minhas coxas, deixando as minhas pernas quase nuas. E o meu decote não é nenhum pouco recatado. Paro o que eu estou fazendo e puxo a barra do vestido até os meus joelhos.

— Não adianta agora Amor, agora já deixei tudo gravado na minha cabeça — reviro os olhos e me levanto. — Não fica bravinha assim, ou tu pensa que eu não vi tu me cobiçando quando eu estava de costas?

— Não tava te cobiçando — falei dando de ombros.

— Não... Imagina se estivesse — desdenha.

— Não, estava fazendo a checagem diária do que é meu, e vendo se tudo estava em ordem — sorrio tentando parecer sacana como ele, mas falho miseravelmente e entro no inferno, opa, cozinha.

Mostro o meu trabalho, e espero como uma criança animada para ver a resposta do professor. Dona Eulália bate mais um pouco e me diz que está aceitável. Sorrio em agradecimento, já que aquele é o melhor elogio que recebi hoje pelos meus dotes culinários. Elis começa a rir como uma hiena desenfreada e sua avó a repreende.

— Não ri da gordinha, que ela está mais perto de casar que tu — gargalho alto e a Elis coloca a língua para mim.

Sou dispensada dos serviços e vou para o quarto tomar um banho, que daqui a pouco o pessoal começa a chegar. Sei que não são muitas pessoas, ou então estaríamos na cozinha desde a semana passada, mas alguns parentes deles sempre vêm. Todos me conhecem, pois eu já tenho uma cadeira cativa na casa. Desde o primeiro ano da faculdade que eu venho para cá nos aniversários, festas, até alguns natais eu já passei com eles. Os considero uma família, a desfuncionalmente louca e feliz que eu nunca tive.

— Su — Agnes me chama no corredor. — Posso falar um pouco contigo?

— Claro — vou até ela que começa a falar.

— Estou tão orgulhosa de ti — ela me abraça, não importando o suor e nem o meu cheiro de fumaça do fogão a lenha. Retribuo o afeto, mas não entendo o motivo. — Tu está tão linda e feliz. Sabe que desde que eu te conheci, aquela menina tímida e com medo de todos, eu sabia que um dia tu iria dar a volta por cima e se tornar essa mulher forte.

Sorrio de volta, mesmo sem demonstrar, ainda eu sou tímida, tanto que agora as minhas bochechas devem estar mais vermelhas que um tomate. Agnes olha para mim como uma mãe deve olhar a sua filha quando ela realiza uma façanha incrível. Me preparo para agradecer, mas ela continua.

— Quando te vi da última vez, tu já estava diferente, mas como se estivesse com medo de alguma coisa — muito medo diga-se de passagem, mas como eu disse sobre as mudanças, ele continua lá, só que cada vez menor. — Eu sabia que tu estava se apaixonando Su, e o Noah não consegue parar de demonstrar isso. Vocês são lindos juntos... — Ela sorri calmamente.

— Obrigada Agnes — a abraço.

— Ah Su, para mim tu é como uma filha. E eu não poderia estar mais feliz por ti — fico sem palavras, se eu já não tivesse gastado as minhas lágrimas por uma década com o meu surto de terça, agora eu estaria debulhada em um choro. — O Yago é um anjo também, o Hélio está encantado com ele.

— Eu quero adotar ele — falo baixinho para que ninguém saiba, sei que tínhamos combinados isso. Se a Agnes me acha como uma filha, eu a acho como uma mãe, e isso não se esconde delas.

— Ah que maravilha! — Ela limpa uma lágrima do olho direito delicadamente. — Vocês dois?

— Não, só eu mesmo. Mas o Noah disse que vai me apoia em tudo que eu precisar. Não vai ser fácil, mas eu vou lutar até conseguir. Ainda não contamos para ninguém, nem para ele mesmo para não gerar expectativas e ele ficar ansioso, juntar com o tratamento e alguma coisa sair errado e...

— Eu sei que vai dar tudo certo — ela me corta e me abraça de novo. — Vocês três vão ser muito felizes juntos, eu sei Su — agradeço silenciosamente. — Se depender de nós rezando aqui, tudo vai se resolver da melhor maneira possível, a doença do Yago vai embora e ele fica com vocês.

— Obrigada Agnes, tudo o que eu precisava ouvir e acredito também que tudo vai ser resolver — Cada vez que escuto as pessoas falando coisas boas para mim, minha confiança se ergue com mais de cem por cento novamente.

— Vai sim. Agora vou lá livrar o Noah e a Elis das garras da minha mãe. Os coitados já devem ter planos de jogá-la na panela a essa altura.

Agnes segue pelo corredor em direção à cozinha, sigo o meu rumo e entro no quarto. Sigo direto para o banheiro, ligo o chuveiro deixando a temperatura da água mais amena e começo a lavar os meus cabelos cantando uma música aproveitando que estou sozinha. Chego no refrão e solto os pulmões a todo o vapor. Estou feliz e quero cantar, dane-se o mundo.

Ouçõ o barulho da porta do banheiro se abrir e solto um grito assustada quando o Noah

aparece me olhando tomar banho, no meio da música.

— Nem me esperou para começar a festa? — ele ri e cruza os braços em frente do peito. Atiro um pouco de água nele que ainda está de shorts e falo.

— Que eu saiba a festa é só mais tarde — pego o shampoo e recomeço a lavar os meus cabelos.

— Mas a cantoria estava boa, alguma música em especial para a ocasião Fofa? — ele percorre o meu corpo com os olhos e eu aproveito para entrar no jogo dele. Faço uma cara de indiferente e falo.

— Se tivesse, estaria cantando outra música — o encaro esperando que ele pergunte qual é a escolhida.

— E qual seria? — bingo! Com uma sobrancelha arqueada ele muda a expressão para um irresistível sedutor e eu começo a cantar.

Diz pra eu ficar muda faz cara de mistério
Tira essa bermuda que eu quero você sério
Tramas do sucesso mundo particular
Solos de guitarra não vão me conquistar
(- Kid abelha)

E claro que eu não precisei cantar essa parte duas vezes. Noah se virou, trancou a porta do banheiro e entrou de roupa e tudo no chuveiro comigo. Começo a rir quando ele me manda calar a boca e começa a tirar a sua bermuda com uma cara séria.

E que comece a festa!

Capítulo 31

— Tô morto! — Noah fala se atirando na cama só de cueca boxer branca.

Acabamos de sair de um banho nada rápido, mas muito relaxante e delicioso. Começo a me vestir na sua frente e ele me analisa de cima a baixo.

— É tô morto mesmo, olha — ele levanta a cabeça e olha para a cueca. — Tu colocando roupa na minha frente e nenhum movimento suspeito aqui em baixo, é o meu fim! — Ele se atira de novo na cama e geme frustrado.

— Exagerado — atiro a toalha molhada nele. — Vamos de uma vez que daqui a pouco começa a chegar o pessoal — ele geme novamente, e vira ficando de bunda para cima.

— Meia hora de sono e eu fico novo em folha, eu prometo — fecho o meu sutiã e olho para o Noah.

Ele agarra um travesseiro e fecha os olhos para dormir. O coitado está podre de cansado, Dona Eulália o colocou no trabalho pesado hoje, desde carregar lenha para o fogo até as mesas e cadeiras para o quintal onde vai ser o aniversário. Terminei de me arrumar, uma bermuda e uma camiseta mais solta, mesmo já estando noite, o calor continua insuportável.

Ouçõ duas batida na porta e o Yago abre a porta devagarzinho e eu faço um sinal de que ele pode entrar sem problemas.

— Yago do céu o que houve contigo! — Falo olhando ele, todo sujo de barro e grama, parece que veio da guerra.

Seus cabelos loiros estavam marrons e sua roupa não se conseguia enxergar nada. Acho que um banho só para ele seria pouco. Mandeí ele direto para baixo do chuveiro.

Me sento na cama e penso, será que ele pode ficar tão solto assim? Pois, mesmo com o médico dizendo que ele deve ter uma vida normal, sua doença é altamente ligada ao sistema imunológico, e se ele pegar alguma coisa por causa disso? Uma infecção no caso dele, pode ser altamente perigosa.

— Com essas engrenagens girando na tua cabeça eu não consigo dormir aqui — Noah fala e eu olho para ele que está de olhos fechados.

— Tu viu o estado que ele chegou? — ele abre os olhos preguiçosamente e sorri.

— Vi, ele é uma criança Fofa, não podemos colocar ele numa bolha estéril e impedir que ele brinque e se suje, ainda mais numa fazenda como aqui. É impossível.

— Eu sei... — suspiro e me atiro na cama ao lado dele, até eu estou cansada também.

— Não te preocupa com ele — Noah me abraça.

— Sai que está muito calor, desgruda um pouco — me levanto de novo e ele ri.

— Se nós aqui não estivéssemos tão cansados, eu ia te agarrar só de birra Fofa — coloco a língua para ele.

— Eu sei, eu estou em vantagem e vou aproveitar — ele me atira um travesseiro e volta a ficar de bunda para cima e tentar dormir um pouco.

Perto das oito horas eu acordo o Noah, porque se deixassem, ele iria enfiar noite a dentro dormindo. Depois de muita brigas, cócegas e persuasão, consigo tirar ele da cama. Vamos até o quintal e vemos tudo arrumado para o aniversário.

Yago corre com algum primo de segundo, ou terceiro grau da Elis, brincando como uma criança normal. Cumprimentamos alguns parentes deles que eu conheço das minhas visitas aqui. O cheiro de churrasco e uma mesa, com os quinhentos pratos que passamos a tarde fazendo, tomam conta. A iluminação artificial e o fogo da churrasqueira deixam tudo mais caseiro e aconchegante.

Nos sentamos junto com a Elis e umas primas dela, e foi aí que eu o vi.

O Tito, primo chato da Elis. O cara é o rei dos chatos, um loiro alto, até mais que o Noah, e insuportável. Desde a primeira vez que eu o conheci ele me incomoda querendo sair comigo, Elis já tinha me alertado dele, mas nem precisava de aviso, dois minutos na presença dele já dava para perceber o porre que ele era.

— Opa! — Elis fala quando percebe a presença dele. — Su me disseram que ele estava viajando.

— Não tem problema — falo dando de ombros, se ele vir me incomodar, nada que uma Su delicada como coice de mula, que não vá o repelir.

— Quem é? — Noah fala olhando estranho para ele, que já pegou uma lata de cerveja e está entornando como um perdido no deserto por dez anos e não via nada de líquido há tempos.

Não que eu tenha algum problema com bebidas alcoólicas... Ok, reformulando, eu tenho problemas sim, meu pai virou alcoólatra depois que a minha mãe morreu, e ele se juntou a ela por causa disso, mas não me importo que as pessoas bebam, só não venham para o meu lado bêbadas como gambás incomodar. Já curei muito porre da Elis, mas ela vira uma bêbada depressiva e chora como um bebê. Isso eu aguento, sem problemas. Mas aqueles que enchem a cara e viram os fodões, eu detesto. Já vi o primo da Elis caindo pelos cantos e ele fica bem assim, se resolver vir para o meu lado, com certeza eu não vou ser uma fina flor de pessoa.

— Meu primo chaaaaaaaaato — ela puxa o “a” para enfatizar o quanto ele é insuportável. — E tem uma queda pela Su.

— Como? — Noah fala com uma cara de quem não tinha entendido o que a Elis falou, melhor, ele não quis entender.

— É, desde a primeira vez que viu a Gata aqui, se atira para o lado dela como nunca vi.

— E tu? — ele me pergunta.

— Já dei mil cortadas neles, mas não adianta. Noah tu é um chato legal sabe, mas ele é chato, chato mesmo. Do estilo insuportável e intragável.

— Não foi para ele que tu falou que era lésbica? — Elis fala. Noah, que estava tomando um copo de vinho de fabricação caseira, quase cuspiu tudo. Começa a tossir para desengasgar e olha para mim.

— Tu não disse isso, não é? — ele começa a rir e eu dou de ombros.

— Era isso ou aguentar ele, funcionou, das últimas vezes que o vi, nem me incomodou.

— Viu Noah, se a Su é lésbica, tu é gay. Casal perfeito! — Elis começa a rir daquele jeito dela, como uma hiena desmiolada, e faz metade dos convidados se virarem para nós.

Inclusive o Tito, que me vê, abre um sorriso e caminha em nossa direção. Noah passa um braço sobre os meus ombros, possessivamente, olho para ele que se faz alheio e olha para mim de canto de olho.

— Te controla — falo baixinho para ele.

— Tô aqui, de boa com a minha namorada, ele que não venha interferir nisso.

— Se não é a Su, a mulher mais linda do recinto — Tito fala me olhando como se fosse me comer.

A gente percebe quando os olhares desse tipo tem intenções diferentes. Quando o Noah me olha desse jeito, como fez no banheiro, antes do nosso banho começar, eu me sinto a mulher mais linda do mundo, nem a Gisele Bündchen seria páreo para mim. Já quando outras pessoas, como o Tito, fazem isso, eu me sinto violada e com nojo do que se passa na cabeça dele.

— Oi Tito... — falo e desvio o olhar. Noah me abraça ainda mais possessivo, e faz as honras se apresentando como meu namorado.

Sinto, novamente, os olhos deles me comendo. Se ele continuar assim, eu não seguro e vou responder a altura para ele.

— Então quer dizer que agora vai começar a gostar do que é bom de verdade? — ele ri e eu me levanto, sem pensar duas vezes.

Antes que eu consiga pronunciar o primeiro desaforo a Elis se levanta e se põe na minha frente.

— Vai incomodar outro Tito — ela fala com as mãos na cintura e com uma postura mandona.

— Elis, minha prima gostosa. Verdade que a Tia Eulália quer um bisneto? Se precisar, estamos às ordens — ele percorre o corpo da Elis, do mesmo jeito que fez comigo.

— Vaza Tito — ela o empurra que sai rindo de nós três. Elis volta e se senta ao nosso lado. — Cada vez mais chato. Ele está pedindo uma surra.

— Pensei que a Fofa já ia fazer isso agora mesmo — Noah fala sorrindo. — Legítima tigresa enfurecida.

— Se a Elis não tivesse levantado antes de mim, era o que ia acontecer. Não ando com paciência para aguentar piadas, ainda mais dele — Elis começa a imitar uma ambulância do nada e começa a falar com uma voz estranha.

— Alerta TPM a vista! Corram para as colinas! Fujam e se escondam todos! Há uma gata com hormônios em fúrias e não vai perdoar ninguém.

— Cala a boca Elis — falo quase rindo das besteiras delas.

— Eu não corro risco — Noah desdenha, seu abraço se intensifica e ele beija o meu pescoço de leve.

— Não te aproveita que sobra para ti também — ele ri e me beija mais forte.

— Parem de se agarrar pelos cantos. Já basta vocês dois no quarto trancados, as paredes tem ouvidos, vocês sabiam?

Olho para a Elis, e pela risada que ela soltou, os meus olhos devem estar saltando fora das órbitas. Ai meu Deus que vergonha! Será que deu para escutar alguma das nossas peripécias no banheiro? Olho para o Noah que está rindo e olhando para mim, ou melhor, de mim. Maldito.

— Te acusooooooooooooou — Elis grita, bate palmas, grita mais um pouco e ri. — Ai eu não acredito que vocês estão fazendo isso na minha casa. Que nojo! Nunca mais entro naquele quarto — ela olha para o Noah que se de conta que não é nada com ele.

— Sem escândalo Elis, a Fofa não é como aquelas atriz pornô que grita como se o mundo fosse acabar — pronto! Apoio os cotovelos nas minhas coxas e coloco as mãos no rosto. Tudo o que eu precisava era eles conversando sobre isso. — Ela é mais discreta e não precisa avisar para todo mundo o que estamos fazendo.

— Já pegou muitas que faziam isso Noah? — abro as mãos e observo por entre os meus dedos onde esse assunto vai acabar. Ele olha para a Elis e tem a cara de pau de responder.

— Muitas, chegava a ser brochante, às vezes tinha vontade de pegar um fone de ouvido e colocar uma música, melhor do que escutar aquilo e terminar o serviço — e para piorar a situação ele começa a imitar uma. — Ai meu Deeeeeeeeeus. Assim. Isso!

— Mais foooooorte! — Elis, a exagerada, começa a miar como uma gata no cio e alto. — Meeeeete mais fundo! Gostosoooooooo! Eu vou go...

— Elis cala a boca! Todo mundo na festa já entendeu — falo tirando ela da incorporação da atriz pornô que estava contracenando, alguns parentes dela chegam a olhar em nossa direção para ver o que estava rolando ali entre nós.

— Mais ou menos assim — ele ri ao nosso lado. E desisto dos dois, olho para ambos e reviro os olhos. E eles engatam um assunto aleatório.

Yago passa correndo por mim e eu o agarro com uma mão, fazendo que com se sentasse no meu colo. O abraço, beijo e faço cócegas e ele se contorce rindo todo.

— Nem te vi hoje. Como tu está? — passo a mão na sua testa, sem febre.

— Tia Su, eu vi tanta coisa que nem sei se me lembro de tudo — ele fala rápido, agitado e com os olhos verdes brilhando.

— Então me conta o que tu lembra — aperto ele mais um pouco e passo as mãos nos seus cabelos, que estão caindo mais agora.

— Eu vi os cavalos, ovelhas, porquinhos, vacas e as galinhas — falou em galinha e o Noah se vira para nós.

— As bicadoras malditas não quiseram te comer? — ele pergunta roubando o Yago do meu colo.

— Não tio Noah, elas nem me bicaram — Yago fala rindo. — E amanhã eu quero conhecer o riacho!

— Sim, amanhã, antes de sairmos vamos passar lá para ti conhecer — falo e um primo da Elis chama o Yago para brincar de novo.

Uma vida normal, é isso que ele merece e se depender de mim é o que ele vai ter. Não vou descansar até o Yago entrar na minha casa definitivamente e só sair depois de entrar na faculdade. Vejo ele brincando com as crianças na mesma idade e percebo que essa felicidade que ele demonstra aqui, não é a mesma do Orfanato. Lá ele é uma criança isolada e quase sem amigos, tanto que me pediu para colocar um teclado no quarto dele, para nos fins de semana ficar tocando. Aqui ele está livre, leve e solto, sem medo ou receio de nada que possa atingi-lo. Felicidade, é isso o que ele sente aqui.

Alguém resolve colocar uma música de fundo, me tirando dos meus devaneios. Não consigo identificar quem canta, só um ritmo mais alegre. Alguns casais começam a dançar e sinto o Noah me puxando.

— Dança comigo, Amor? — olho para ele.

— Não sei dançar, sou um desastre em pessoa. Ainda mais agitadas assim, só vou pisar nos teus pés.

— Eu não ligo — ele fala me puxando.

— Não Noah, vai com a Elis, vocês dançam e eu fico rindo.

— E desde quando tu dança Noah? — Elis pergunta e ele sorri e dá de ombros.

— Fiz muita aula de dança, faz a gente ter mais domínio do corpo e movimentos.

Ah sim, domínios e movimentos que eu conheço muito bem, diga-se de passagem. Sempre fui uma pessoa que não domino o meu próprio corpo, às vezes tenho até que me lembrar de como caminhar corretamente sem bater ou derrubar alguma coisa a minha volta. Já ele não. Nunca vi uma pessoa tão à vontade com o seu corpo e de movimentos perfeitos como ele. Com certeza algumas técnicas que ele aprendeu quando começou a carreira de modelo.

— Daqueles que usam calça coladinha e tudo? — ela questiona e eu começo a rir.

— Sem calça colada — revira os olhos. — Quer dançar ou não? — ele estende a mão para a Elis que pega.

— Posso tirar fotos? — grito quando eles vão para o meio da pista improvisada e recebo um “não” bem alto de ambos.

Fico sentada olhando o par desastre tentando dançar. Não que eles não saibam, mas a Elis tenta fazer o papel do Noah em conduzir a dança e eles acabam se perdendo em vários momentos. Mais brigam que dançam em si. Depois de tentarem se matar, conseguem acertar o ritmo certo e com ele conduzindo. Realmente o Noah sabe dançar, com a música alegre e com uma batida levemente sexy, impossível não notar a desenvoltura dele com isso. Conduz a Elis com uma leveza de dançarino profissional, com direito a performances e tudo. Se eu não tivesse dois pés esquerdos, quem sabe não me arriscaria a uma dança com ele?

Agnes vem até a mim, para pedir ajuda para trazer as coisas que ficaram dentro de casa,

já que daqui a pouco o churrasco começará a ser servido. Me levanto e caminho até a cozinha para carregar as coisas. Passo pelo Yago que está sentado com mais duas crianças da sua idade e com o Gato e o JB em volta deles sendo acariciados. O Gato me vê e me passa a mensagem “aprenda humana, isso sim é o paraíso, carinhos infinitos para mim, já que tu agora divide a minha atenção com eles”, sorrio e entro na cozinha.

O calor remanescente do fogão e a lenha ainda está presente, sinto uma pessoa vindo atrás de mim e fechando a porta, pelo jeito deve ser o Noah para me incomodar de novo. Um sorriso gruda no meu rosto, antes mesmo de me virar.

Sinto duas mãos na minha cintura e me viro, me deparando com outra pessoa bem diferente de quem eu esperava.

— Tito me larga — falo sentindo o cheiro de álcool que sai dele. Merda, coisa boa não vai sair desse nosso encontro.

Por Noah

— Dança direito Elis — falo pela quinta vez desde que começou a música.— Para e deixa que eu comando — ela tenta me conduzir por entre os pares, mas não consegue, eu não deixo.

— Não consigo — ela fala tentando me levar para uma volta, sou maior que ela e mais pesado, nunca que ela vai conseguir essa façanha.

— Relaxa Elis. Se solta, parece que está dançando com um pedaço de pau enfiando na bunda! — A maluca joga a cabeça para trás rindo e eu aproveito para comandar a dança enquanto ela perde a atenção.

— Não seria má ideia — giro ela que se agarra em mim como se eu fosse a deixar cair —, mas ultimamente tá difícil, e claro que na bunda não!

Doida, se eu pudesse resumir a Elis em poucas palavras, essa seria a primeira de todas. Alegre, companheira e leal, seriam as outras, mas doida é a principal. Ela volta a ficar toda dura dançando e recomeçamos a brigar.

Olho para a Su rindo da nossa cara e luta constante, e sorrio para ela. Eu não poderia estar mais feliz e completo do que eu ando ultimamente. Estou praticamente morando com ela, e me sinto mil vezes mais “em casa” do que no meu antigo apartamento. A casa dela tem mais uma cara de lar, pequeno, simples e normal, bem mais aconchegante do que o meu grande, complexo e saturado de coisas que eu nunca usei.

Ainda temos as nossas diferenças para vencer e nos adaptar, mas eu não troco essa minha vida nova por nada, e olha que hoje eu me superei aguentando a avó da Elis falando que o que eu fazia estava tudo errado, até nas mais simples tarefas, como colocar lenha no fogo. Vai eu saber que tinha um jeito certo para fazer isso, para mim era só colocar lá dentro e deixar queimar. Mas não!

A cada dia que se passa, me sinto uma pessoa diferente, útil para alguma coisa. Já tenho

até algumas tarefas diárias, mesmo que às vezes elas não saem como deveria, como o café e a cafeteira, minha briga matinal de todos os dias. Ou coloco muito café, ou pouco, resultando sempre em alguma coisa horrível de se tomar. E agora vai ser questão de honra, ainda vou fazer o melhor café que uma cafeteira simples pode oferecer.

As aulas de inglês com as crianças do orfanato me mostraram um lado meu que até então eu desconhecia completamente: eu gosto de ensinar a elas. Foi uma surpresa e tanto descobrir isso, perceber cada dificuldade das crianças e trabalhar nesse ponto individualmente com elas é um desafio e tanto, mas ver o progresso delas e alcançando o objetivo é altamente gratificante. Não é um trabalho fácil, e me falta um lado didático para conseguir ultrapassar as barreiras para o entendimento delas, mas para uma primeira vez, acho que estou me saindo muito bem. Quero falar com a Raquel para ver o que ela acha de depois da apresentação eu continuar o meu trabalho de alfabetização em inglês com as crianças, já que cada vez mais, isso vem sendo necessário para um bom futuro educacional. Todos ali têm a capacidade de aprender, só falta alguém disposto a ensinar, e eu estou.

Yago passa correndo por nós, com mais dois primos da Elis da mesma idade e com o JB atrás deles. Será muita pretensão minha dizer que não vejo a hora dele ir morar definitivamente com nós dois? Eu sei que o processo de adoção no Brasil é complicado e burocrático, e que a Fofa, não vai descansar antes de conseguir isso, e eu também não. Vamos lutar juntos para conseguir isso, não vou medir esforços para ajudar no que ela precisar. Ela agendou um horário com um advogado para a próxima semana e eu vou junto, por mais teimosa que ela seja, nisso não vai ter discussão. Eu vou e ponto.

É isso que eu quero para mim, e é isso que eu vou conseguir para nós três. Na minha fase de estrelismo, nunca achei que um dia iria desejar uma vida tranquila, família e algo de útil para fazer. Agora, trinta e lá vai pancadas na cara, é o que eu mais desejo. Tranquilidade de um lar, família completa, com direito a gato e cachorro e ser útil na vida de alguém. Estou atrás disso e cada vez chegando mais perto de conseguir.

— Elis para de tentar me puxar.

— Não dá — ela ri —, é mais forte que eu. Porque tu acha que eu nunca consegui ficar mais de dois meses em uma aula de dança?

— Posso imaginar o porquê.

A música termina e nem percebi o quanto nos afastamos da onde estávamos quando começamos a dançar. Procuo a Su no local que tinha a visto pela última vez e nem sinal dela. Onde foi que ela se meteu?

Sento no mesmo lugar e fico na sua espera. Elis volta com um copo de refrigerante que eu roubo, a fazendo ter que ir atrás de outro para ela novamente. Um calor infernal está aqui, acho que nunca suei tanto que nem hoje, devo ainda estar sentindo o calor que o fogão a lenha de hoje à tarde, porque não é normal estar assim.

Nada da Fofa ainda, estou me preocupando com ela, vi o estado de fúria dela com o primo da Elis, e não quero ver isso se tornar real. Do jeito que ela estava, se ele tentar alguma coisa com ela, vai acabar no hospital e com uma grande chance de coma para a vida toda.

— A Su não voltou ainda? — Agnes pergunta ao longe, e eu fico atento.

— Vi ela entrando na cozinha, mas já faz um tempo — Hélio fala e eu me levanto e caminho até a mesa onde eles estão.

— Noah, viu a Su? — ela pergunta quando eu chego até eles.

— Não... — falo e procuro pelo Yago, será que ele está passando mal?

Corro os olhos por toda a extensão da área e encontro ele sentado no chão com o JB no seu colo e o Gato no de outra criança. Ele está bem, e nenhum sinal da Su por perto. Continuo olhando e sinto falta de uma pessoa. Droga!

— Cadê o primo da Elis? — eles ficam sem entender a minha pergunta e eu explico — o que queria sair com ela, e a Su não quis.

— O Tito? — Hélio fala e eu confirmo. — Já estava tropeçando pelos cantos quando eu vi ele entrando dentro de casa há alguns minutos.

Era a confirmação que eu precisava. Saio caminhando rápido sem dar explicações para eles que continuaram a falar sozinho. Pego a Elis e explico no meio do caminho o que pode estar acontecendo e começamos a correr em direção à porta da cozinha fechada.

— Se tu não sair perto de mim, eu vou te bater — escuto a Su falar.

— Deixa de ser idiota — tento abrir a porta, mas ela está trancada por dentro. — Eu só quero te mostrar o que perdeu por ter me esnobado aquela vez — porra! Se ele encostar um dedo sequer, nem que seja em um fio de cabelo dela, quem vai bater nele sou eu!

— Me solta!

Olho para Elis que está ao meu lado e nos comunicamos visualmente e ela acena que sim. Tomo distância da porta e vou de encontro dela com o meu ombro para arrombar, que se foda essa porta, se precisar eu compro outra para eles, o mais importante é que aquele animal não encostar na Su.

A porta dupla se abre com um barulho de madeira quebrando, arbentei o trinco velho, mais o som de alguém caindo no chão e gritando de dor. Corro os olhos na cena e encontro a Su escorada no balcão olhando com desgosto para o Tito caído e com as mãos no meio das pernas.

Elis solta uma risada olhando o primo se revirando de dor. Pelo visto o joelho da Su achou um caminho bem doloroso. Caminho até ela que ainda está olhando para o chão.

— Amor, tu está bem? — ela olha para mim e faz uma cara estranha.

— Claro que estou, só tira esse idiota da minha frente antes que eu bata mais — a abraço e suspiro de alívio. Essa é a minha garota, não é qualquer um que vai se aproveitar dela. — Me solta Noah! Ou vai sobrar para ti também — abraço mais forte até ela começar a se debater nos meus braços.

— O que houve aqui? — Hélio entra e vê o estrago da porta e mais o sobrinho atirando no chão chorando de dor. — Tito o que aconteceu?

— Esse animal encurralou a Su bêbado — Elis fala e começa a rir de novo. — E aí que ela deu um fatalitty nele!

— Su, está tudo bem? — Agnes corre até onde estamos, e até agora ninguém deu bola

para o retardado caído no chão e segurando as bolas.

— Eu estou bem, me solta Noah — ela me olha irritada e eu a solto, mas não saio do seu lado. — Só que fiquei acuada e pedi várias vezes para ele se afastar e nada. Quando ele me forçou eu ataquei.

Porra! Ele chegou a forçar ela? Saio do lado da Fofa e vou até ele, me agacho e pelo ele pela a gola da camiseta!

— Se tu encostar mais um dedo nela, eu juro que tu só sai daqui em cima de uma maca de hospital.

— Noah não! — Alguém fala ao longe, e eu não identifico, só quero quebrar a cara desse animal.

Não é o caralho! Puxo ele até que consiga ficar parcialmente de pé, bêbado é apelido para o estado em que ele está. Empurro-o até a parede o fazendo soltar todo o ar dos pulmões. Ele abre os olhos parcialmente e esboça um sorriso malicioso.

— Eu quero encostar outra coisa nela.

Um soco na cara dele foi pouco. Perdi a consciência do que estava pensando e só voltei a mim quando o Hélio me segurou, senão eu só iria soltá-lo quando cumprisse a minha promessa. Sinto a dor na minha mão direita e o sangue na minha blusa. Acho que quebrei o nariz do cara. Alguém me puxa pela camiseta até um lado da cozinha e me senta em uma cadeira.

Balanço a cabeça para colocar as ideias em ordem e ver o que está acontecendo ao meu redor. Hélio está falando com o seu sobrinho, Elis está ao meu lado e a Agnes com a Su. Tento me levantar, mas sou trancado.

— Calma ai Mike Tyson! Deixa o meu pai esculhambar com o Tito e eu te solto.

— Me larga Elis, eu estou tranquilo agora! — Falo e ela me dá um tapa na cabeça.

— Espera um pouco — o pai dela passa por mim arrastando o canalha e eu respiro fundo para não querer avançar nele de novo. A porta atrás de mim se fecha, eles saem e a Elis me solta e começa a rir.

Me levanto e caminho até a pia para tirar o sangue da minha mão. Agnes está abraçada com a Su que está relatando tudo desde no início. Seco as minhas mãos e olho para ela, tensa e irritada. Se não dormir no sofá hoje, estou no lucro. Com certeza ela vai me dar uma boa bronca por ter avançado em cima do cara como um animal enjaulado.

Foi mais forte que eu. Quando ele falou aquilo eu não pude evitar que o sangue subisse para a cabeça e eu batesse nele. Ninguém mexe com a Fofa, ainda mais comigo por perto. Sou ciumento de natureza, e agora com ela, isso ficou umas vinte vezes piores.

— Noah Tyson! — Elis fala chegando perto de nós.

— Eu sou completamente contra qualquer violência — Agnes fala e eu fico pronto para a lição de moral —, mas eu não via a hora de alguém colocar o Tito no lugar — ela sorri para mim. — Ele mereceu Su, e Noah, bom soco!

Começamos os quatro a rir e conversar. Hélio volta esbravejando até a cozinha.

— Coloquei ele para fora de casa, eu sei que é teu sobrinho Agnes, mas não ia tolerar isso aqui dentro de casa. Se o Noah não tivesse dado um soco nele, eu daria.

Su vem para o meu lado e eu viro para ela, deixando os três conversando sobre o ocorrido. Ela pega a minha mão, que está doendo para cacete, e olha para mim.

— Não precisava ter feito isso, mas obrigada — ela me abraça. Teimosa, só olhando para ela, dá para ver que se abalou emocionalmente com isso, mas ela vai admitir isso? Nunca!

— Como não precisava, ele tava mexendo no que é meu, merecia muito mais — falo e ela enterra o rosto no meu pescoço e respira profundamente.

— Tia Su? — Yago aparece na porta e olha para nós espantado.

Droga, não quero que ele veja a Su assustada desse jeito e eu com pingos de sangue na roupa. Elis olha para nós e entende a minha preocupação e salta na frente de todo mundo.

— Yaaaaaaaaaaaaago! — A criança chega até a dar um pulo de susto depois dessa. — Vem cá com a tia Elis que tu nem sabe o que eu achei no meu quarto — Yago olha para mim e eu aceno a cabeça para ele ir com a Elis, ela é louca, mas não morde. — Achei o meu, videogame antigo, é um Nintendo 64! Vamos lá que eu vou te mostrar.

Eles saem da cozinha e a Su solta o ar dos pulmões como que se soltasse na presença do Yago fosse desmoronar. A abraço mais forte, e senti a mão doer, acho que vou precisar de um gelo ou coisa parecida. Agnes e Hélio perguntam se estamos bem e eu respondo que sim e que eles podem voltar para a festa e agir normalmente. Levo a Su para o quarto e a sento na cama.

— Quer ir embora? — pergunto me sentando ao seu lado.

— Deixa de ser besta Noah, claro que não, só quero ficar aqui hoje — ela olha pela janela o pessoal conversando. — Chega de festa. Pode voltar se tu quiser. Só vou tomar um banho e dormir — depois dessa declaração dela, nunca que eu a deixaria sozinha.

— Estou cansado também — tiro a minha camiseta suja de sangue e atiro no chão. — Vem — pego a mão dela e a puxo para o banheiro.

Ela está abalada, não venham me dizer que não. A Conheço como se fosse a palma da minha mão. Por trás dessa tigresa, que ela mostra para todo mundo, tem uma gatinha manhosa querendo carinho e atenção incondicional. Tiro a roupa dela e a coloco em baixo do chuveiro para um banho delicado e sem segundas intenções. Levo tempo limpando todos e qualquer resquício que aquele trouxa pode ter deixado nela.

— Vamos dormir — falo, depois que estamos vestidos, e me deito. A puxo, com a mão esquerda, e a coloco deitada sobre mim.

— Acho que está calor demais para ficarmos tão grudados assim.

— Eu sei, mas não me importo em ficar assim um pouco. Tu importa? — ela passa as mãos sobre o meu tórax e me abraça forte.

— Não — fala baixinho.

— Caso resolvido então.

Ficamos ali deitados, juntos. Minha mão acaricia seus cabelos até que percebo que ela

adormeceu. A coloco sobre o seu travesseiro corretamente e fico observando ela dormir calmamente, um hábito que adquiri desde que comecei a ficar ao seu lado na cama, como ela dorme cedo, sempre fico uns bons minutos a observando.

Minha linda que não precisa de ajuda e não dá o braço a torcer quando precisa. Teimosa em um nível estratosférico, mas que sabe se defender como ninguém. Conseguiu se livrar de um cara quase tão grande como eu com um simples e doloroso golpe. Sei que estar acuada em um canto com alguém bem mais forte que tu, não deve ser uma coisa fácil de escapar, mas graças que ela foi rápida o suficiente para não se deixar ser levada pelo medo e reagiu de um jeito certo.

Me levanto, devagar, para não acordá-la e vou até a cozinha para pegar um pouco de gelo, minha mão está inchada demais, e eu preciso dirigir amanhã. Procuro a Elis para pedir a ela para que cuidasse do Yago essa noite, avisar que a Su estava bem e se ele poderia dormir com ela, volto até o quarto, e vejo o meu lugar ocupado pelo Gato e o JB.

Tiro o JB da cama, e quando tento pegar o Gato ele me arranha, como se fosse para eu entender que aquele era o lugar dele, para defender a Su.

— Ok! Mas me dá um canto pelo menos? — falo para ele que me olha com aquela cara de quem está planejando matar alguém que chegar perto dela, pode me incluir no plano amigo?

Com toda a calma do mundo ele sai do um lugar na cama e vai para os pés e se deita me observando como quem dissesse “eu vou cuidar dela”. Mantemos um contato visual para ver quem iria falhar primeiro, como duas feras selvagens disputando a mesma área. Mantenho o meu olhar fixo até que a Su se mexe e olha para mim, sonolenta.

— Noah?

— Oi Amor — falo desviando o olhar do Gato e me virando para ela.

— Onde está o Yago? — ela vê o gelo em cima da minha mão. — Tu está bem?

Como não amar essa mulher? Impossível! Mesmo quase sendo atacada na cozinha por um idiota bêbado, ela ainda consegue se preocupar comigo e com o Yago. Sorrio de leve e respondo.

— Ele vai ficar com a Elis hoje e a minha mão não está ótima, mas não me importaria por quebrá-la na cara do idiota — ela sorri fraco.

— Quer o posto para ser o meu cavaleiro de armadura branca, que defende a honra da mocinha?

— Só se for da minha princesa.

— Estou mais para uma Ogra.

— Ué! A Fiona era uma Ogra princesa! Não se lembra dos filmes que vimos? — ela ri.

— Isso é clichê Noah! — Sorrio.

— Não era por isso que o meu apelido era Clichezinho? — ela ri e fecha os olhos de novo, mas não antes de terminar de falar.

— Meu Clichê — e dorme.

— Minha vida — completo para ela baixinho, me levanto parcialmente e olho para o

Gato. — Escutou? Também posso cuidar dela — ele rosna para mim baixinho e eu me deito rindo, se ele não tentar me matar essa noite de ciúmes, não mata mais.

Capítulo 32

Noah me trás uma caneca de café e beija a minha cabeça, olho para ele e agradeço silenciosamente. Tomo um pouco e faço uma careta de tão forte e amargo que está. Com essa função de ele tentar fazer um café perfeito, já está cada vez pior e agora virou uma questão de honra para ele.

— Muito forte? — Ele pergunta vendo a minha reação.

— Não... — tomo mais um para ver se estava forte mesmo, ou porque era o primeiro gole. Jesus! Está tão forte que eu não preciso ingerir cafeína por um ano a contar de hoje.

Tento não fazer uma careta, mas não consigo, o café está horrível! Noah pega a minha caneca, bravo, e sai em direção à cozinha bufando. Isso está virando quase uma missão impossível para ele, só falta a música do Tom Cruise tocar quando ele começa a mexer na cafeteira.

Por um lado essa cafeína toda no meu corpo vai me fazer ficar acordada para trabalhar a noite inteira, estou atrasada com alguns projetos e pretendo ficar a noite acordada para colocar isso em ordem. Minha agenda está lotada, e com a minha mudança de rotina, ainda não consegui reajustar o meu tempo com o que eu preciso fazer.

Olho no relógio da tela do computador e ele marca meia-noite. Dormir é para os fracos! Amanhã é sexta, o Yago vem para cá depois da escola, e eu trabalho a noite, depois que sair de lá, a minha prioridade é totalmente dedicada para ele.

Esse fim de semana, vamos levá-lo para cortar os cabelos, agora ele chega a estar com algumas falhas grandes em alguns pontos. Vai ser uma dor no meu coração vê-lo de cabeça raspada, seus cabelos são tão lindos, brilhantes e grossos, com certeza com aquele par de olhos verdes, vai arrasar muitos corações quando estiver rapazinho. Mas essa mudança irá ser por pouco tempo eles vão voltar a crescer, eu tenho certeza disso.

Conversei com a Raquel sobre a minha decisão de adotar o Yago na segunda pela manhã, antes de começar a minha aula no orfanato. Ela ficou tão radiante e disse que vai ser à entrada de adoção mais feliz que ela vai fazer dos últimos anos. Fomos ao advogado também, ontem à tarde, conversamos e tiramos algumas dúvidas. Semana que vem, eu voltarei para entregar a papelada que ele me pediu, alguns atestados e documentos registrados em cartório.

Esse é o primeiro passo, ainda tenho que passar por entrevistas inúmeras, avaliações psicológicas e outras burocracias. Expectativa de seis meses a um ano para conseguir a liberação. Muito tempo em minha opinião, mas espero que esse período passe voando.

Noah perguntou se ele poderia entrar no processo junto, e o advogado disse que achava melhor que não, pois o nosso relacionamento ainda estava no começo e o juiz na hora de liberar a adoção pode levar esse fato em consideração, e achar estranho isso e não autorizar. Outra coisa que pode estar ao meu favor, é o fato de quase ter vivido aquela realidade e saber o que se passa com uma criança que não teve a convivência dos pais e dar mais atenção a suas necessidades afetivas. Sai de lá esperançosa e contando os dias para isso poder se efetivar completamente.

— Não vai dormir hoje? — tiro os olhos da planilha do Excel e olho para o Noah escorado na porta.

— Ainda é cedo — volto a olhar para a tela do computador e recomeço a digitar ferozmente.

— São quase três da manhã, até o JB e o Gato estão dormindo — sinto sua mão nos meus ombros e ele escorando em cima da minha cabeça. Nossa, nem senti o tempo passar, fecho os meus olhos e gemo baixinho de cansaço. — Falta muito aí?

— Não — minto, ainda levo mais umas três horas aqui para acabar. — Vai dormir Noah, daqui a pouco eu vou.

Ele pega a folha onde estão as minhas anotações, que eu estou passando para as planilhas e eu paro de digitar. Ele as olha tentando decifrar e fecha a cara.

— Acho que tu não vai daqui a pouco para a cama coisa nenhuma — e pega as minhas folhas e sai.

— Noah volta aqui com elas.

O que ele está pensando? Passei a semana toda anotando as minhas coisas nessas folhas, para passar para o computador e organizar tudo. Se ele fizer alguma coisa com os meus rascunhos, ele vai dormir na cozinha, nem vai ser no sofá. Ele volta, pouco tempo depois usando seus óculos, charmoso, mas eu ainda estou puta com a situação.

— Cadê as minhas folhas? — falo enquanto ele senta ao meu lado.

— Estão aqui, eu vou te ajudar. Tomei tanto café que não vou dormir mais esse ano.

— Não preciso de ajuda. Eu me entendo melhor sozinha nas minhas anotações — ele revira os olhos.

— Deixa de ser teimosa e vamos de uma vez — Noah puxa o meu notebook e começa a ver onde eu estava.

— Noah...

— Shiu... vamos começar aqui — e aponta para um dos meus cálculos que eu não havia riscado ainda.

— Shiu nada — falo tirando as minhas folhas das mãos dele.

— Shiu sim e deixa de ser teimosa, ou então... — ameaça me olhando e sorrindo. Safado!

— Ou então nada.

— Relaxa amor, eu quero passar um tempo contigo e estou sem sono, vamos unir o útil ao agradável — reviro os olhos. — Vamos, continuar daqui...

Ele começa a me ditar e eu a digitar, mesmo comigo irritada com isso. Trabalhar junto, uma coisa que eu nunca fiz na minha vida. Nem na época de faculdade em que tinha os trabalhos em grupo para fazer. Geralmente, eu ficava responsável por fazer todos os trabalhos e só na hora da apresentação era que os colegas ficavam sabendo sobre o que seria e o que cada um iria falar. Mais rápido e simples do que todo mundo se encontrar e fazer o trabalho, só dava confusão e

brigas. Comigo sozinha fazendo era bem mais fácil, em todos os sentidos. Eu fazia, aproveitava e estudava junto e não culparia ninguém se tirasse notas baixas, não que isso tivesse acontecido alguma vez, modéstia à parte.

O nosso trabalho em conjunto fluiu como eu não imaginava que fosse acontecer. Ele pegou os meus métodos, nada metodológicos, de organização e começou a decifrá-los corretamente. Noah conseguiu me fazer esquecer, como é chato passar as anotações para o Excel, e trabalhamos juntos, rindo das minhas loucuras escritas, como “ligar pra vaca para tirar o leite”. Ficamos uns quinze minutos rindo disso e eu não conseguia explicar para ele o que significava, ou então quando nem eu mesma entendia o que escrevia.

Fomos para a cama já eram quase cinco da manhã e ambos sem sono. Tanto que chegamos à conclusão de que, ele tem que parar, urgentemente, de fazer café à noite, senão vamos virar zumbis movidos à cafeína. No final, tivemos que gastar a nossa energia sobressalente de outro modo e acabamos pegando no sono já com o sol entrando no quarto, a minha sorte que não precisaria trabalhar naquela manhã.

Acordei com o Gato miando no quarto pedindo comida, com uma cara sarcástica, como quem dissesse “já passou do horário e eu tenho mais o que fazer do que te esperar acordar sozinha para me alimentar”. Olho para o relógio de cabeceira e me espanto, já era quase meio-dia. Olho para o lado e vejo o Noah, que ainda dorme profundamente no travesseiro dele, enrolado no lençol só de cueca. Saio da cama de pijama e pés descalços e vou dar comida para o esfomeado.

— Bom dia para ti também Gato! — Falo colocando comida no pote dele e vejo o JB se espreguiçando em cima da cama dele. — Bom dia JB!

Pego a ração dele e coloco para ele e me sento no chão gelado vendo os dois comer. Brinco com eles até o Gato se encher de mim e ir deitar no sol para dormir mais um pouco. Mesmo ele sendo um folgado insensível, sei que no fundo ele me ama, aliás, fiquei sabendo da briga dele com o Noah na semana passada depois do meu “ataque”, os dois querendo conquistar território para saber quem cuidaria de mim. Nunca em minha vida me senti tão protegida assim.

É loucura o que eu vou dizer, mas é a verdade. Desde que eu comecei a me relacionar com o Noah, eu parei de me preocupar, tanto, com algumas coisas, proteção é uma delas. Sempre trabalhei como autônoma, e o medo de um dia acontecer alguma coisa, ter que ficar sem trabalhar ou me apertar desesperadamente, está cada vez menor. Não que eu vá ser sustentada, ou vá usar o dinheiro dele para alguma coisa minha, nem sonhando, nunca que eu faria uma coisa dessas! Mas só o fato da sua presença ao meu lado já me dá algum tipo de segurança e de que eu não estou sozinha no mundo. A insegurança de não conseguir ser eu mesma com outra pessoa, ou me anular na sua presença, sempre me assustou completamente. Esse talvez seja o pior medo de todos, deixar de pensar como eu sou para agradar outra pessoa, me afastar dos meus ideais e convicções para conseguir ter uma atenção especial, foi uma das coisas que sempre me assustou em um relacionamento. Por esse motivo que eu sempre evitei ao máximo.

Com o Noah é diferente, ele chegou e ficou de um jeito completamente chato, irritante, e ótimo na minha vida. Não preciso mudar o meu jeito de ser para ficar ao seu lado e sim me adaptar a não estar mais sozinha o tempo todo. Sei que para ele foi um choque de realidade e tanto, esse tempo que está comigo. Sair de uma vida de festas e futilidades caras para entrar na

minha vida simples e pacata, que preza mais a relevância do que a qualidade e quantidade, é muito mais complicado que eu possa imaginar. Mas mesmo assim, ele consegue tirar de letra e humor sempre. Estamos em pleno processo de adaptação, mudança e até posso dizer evolução. Sim, evoluindo como pessoas e como um casal.

A cada dia que passa, eu aprendo uma coisa a mais com ele, e me apaixono de um jeito diferente do que no dia anterior. Suas fraquezas e defeitos me estimulam a encontrar uma maneira de melhorá-lo e vice e versa. No atual momento ele me ensina a dividir os problemas para que possamos resolver juntos e sem estresse. E eu o ajudo a ser uma pessoa mais funcional e não dependente de pessoas para fazer as suas coisas, como o simples fato dele ter algumas tarefas. E ambos nos ensinamos que viver a dois pode ser prazerosa e simples se ficarmos na mesma sintonia. E estamos nos saindo muito bem em ambos os aspectos.

Tomo um banho e vou para o quarto para acordar a preguiça que hiberna na minha cama. Coloco uma roupa mais formal, tenho uma reunião às quatro da tarde, e vou até a cama onde ele dorme. Suas costas estão nuas e para cima, aproveito para passar as minhas unhas ali e vê-lo se arrepiando com o meu toque.

— Acorda preguiça — falo no seu ouvido, ele faz uma careta e muda de posição na cama me afastando. — Vamos Noah, já ta quase na hora de almoçar.

— Não tô com fome — geme e coloca um travesseiro em cima da cabeça. Parece uma criança que luta com a mãe para não ir à escola em uma manhã de chuva e frio.

— Problema é teu então, vou sair para almoçar sozinha hoje — cantarolo, soando mais criança que ele. — A Elis não pode me acompanhar e eu vou para o shopping, no horário de pico e vou dividir a mesa com algum executivo engravatado e gato.

Pronto, menos de dois segundos ele está sentado na cama me olhando completamente acordado. Descabelado e só de cueca, uma bela visão até para uma sexta pela manhã quase tarde.

— Cinco minutos e eu estou pronto — e levanta rápido, saindo para o banheiro.

Se eu o achava ciumento, depois do que aconteceu na casa da Elis, ele ficou bem mais. Eu não esperava que o Tito fosse me acuar em um canto e tentar me agarrar a força, mesmo estando podre de bêbado. Eu avisei a ele, que se não saísse de perto de mim eu ia atacar, ele não saiu e eu ataquei.

Eu me senti completamente indefesa depois que aconteceu aquilo, como se a minha reação minasce as minhas defesas, e por algumas horas tivesse ficado completamente desamparada e sem forças para sair de casa e lidar com as pessoas. Nunca tinha me sentido assim, com uma pontada de medo de não conseguir escapar, o que eu fiz totalmente por instinto, falei para ele se afastar de mim no automático, porque se fosse agir por mim, não conseguiria. Depois que o derrubei no chão, me senti suja, como se ele tivesse corrompido alguma coisa superficialmente em mim. Só queria ficar sozinha deitada, curtindo a minha auto-piedade, pensando em tudo que poderia ter acontecido se eu não reagisse a tempo, mas óbvio que o Noah não ia me deixar abandonada e pensando em coisas ruins, mais uma vez me lembrando de que eu não estou mais sozinha no mundo.

— Estou quase pronto, dois minutos. Não ouse tirar essa tua bunda linda de cima da cama e sair sem mim — Noah entra no quarto só de toalha e começa a se vestir na minha frente,

e eu observando de camarote a cena. — Tá pensando em quê? — ele atira a toalha molhada no rosto e eu começo a rir.

— Se eu tenho sorte ou azar de tu aqui comigo — termina de fechar as calças e caminha até mim.

— Se tivermos uma meia hora, te mostro a sorte — me beija e eu o empurro.

— Sem demonstrações, tenho horário para cumprir e tu vai pegar o Yago na saída da escola, esqueceu?

— Não, mas contigo me olhando desse jeito, é meio difícil me concentrar aqui.

— Então começa a te mexer — me levanto, saio do quarto e quando estou no corredor em direção à área de serviço, para colocar a toalha dele para lavar, eu grito —, cinco minutos e eu estou saindo.

— Maldita! — O ouço falar do quarto e começo a rir e tendo a confirmação, é sorte o que eu tenho.

.

— Não vale tio Noah! — Yago fala largando o controle do videogame, antigo, que a Elis deu para ele no sábado passado.

— Vale sim, não tenho culpa se eu jogava isso quando era criança e ainda me lembro das jogadas.

Sou uma negação em qualquer coisa que envolva um controle remoto, mesmo conseguido usar as duas mãos para tocar piano e qualquer outro instrumento, com videogame sou um desastre, por isso, aproveitei esse tempo para lavar as roupas aqui de casa, que aumentaram em um número exponencial. Mesmo ainda deixando uma boa parte para lavar amanhã, metade do meu varal está lotada de cuecas, calcinhas e sutiãs. Vou ter que começar a usar a máquina mais vezes, senão qualquer dia vou ter roupa molhada por todo o apartamento.

— De novo! — Yago fala e o Noah ri. — Não quero mais jogar!

— Vem cá que eu vou te ensinar alguns truques então — escuto os dois engatarem um assunto sobre os comandos e risos.

Ontem a noite, minutos antes de eu chegar em casa o Yago teve um episódio de sangramento nasal, quase surtei quando vi o quanto ele estava sangrando. Já estava pronta para levá-lo ao hospital quando o Noah ligou para o médico pedindo orientação.

Primeiro de tudo ele nos pediu para manter a calma e não apavorar ele com isso. Tive que respirar fundo umas cinco vezes para tentar seguir, mas consegui. Sentamos o Yago no sofá e estancamos com um pano limpo. Aguardamos o tempo de quinze minutos, que o médico solicitou, e retiramos para ver se havia parado, e graças que havia.

Depois disso, ele não queria nem se mexer muito para não ter outro sangramento violento, deu uma dó, tão grande, que o coloquei para dormir no nosso meio. Ele deitou e se agarrou no meu pescoço que quase não conseguia respirar, e o Noah do outro lado bem perto dele. Nós três dormimos no espaço de uma pessoa só, acordei toda dolorida, mas ver o Yago grudado em mim foi o meu remédio.

Caminho até a sala onde eles estão desde o café da manhã e paro em frente da minha TV antiga, foi a única que entrou o videogame da Elis.

— Vocês dois vão ficar o dia todo sentados no chão jogando videogame? — sim, os dois estão sentados no chão, ambos só de pijamas e jogando como se não houvesse amanhã. Até tenho medo de descobrir qual dos dois é mais criança que o outro.

— Pretendemos — Noah fala tentando desviar a minha presença na frente da TV.

— Nós temos um compromisso em uma hora — falo e me viro desligando o console e eles gemem reclamando que não tinham salvado jogo. — Sem choro! Yago para o banho.

Ele levanta e sai correndo para o banheiro. Noah levanta e caminha até mim sério.

— Mandona — olho para ele que vem e me beija de leve.

— Tenho que por ordem, senão vira bagunça — outro beijo. O abraço e descanso a cabeça no seu peito e dou um bocejo.

— Tu vai junto? — ele me pergunta. Combinamos de que eles iam sozinhos e eu ia ficar fazendo outras coisas para esperá-los.

— Vou só na carona. Aproveito para ir ao mercado para comprar as coisas do almoço de amanhã, a Elis quer que eu faça aquele sorvete caseiro com Bis no meio.

— Maravilha! O Yago vai amar — Noah fala e eu já imagino que vou ter que fazer uma porção três vezes maior que o normal.

— O Yago é? — olho para ele que sorri, dá ultima vez que eu fiz, ele comeu mais da metade da receita, sozinho. — Te cuida hein, senão daqui a pouco vai engodar.

— Também, tu e a Elis só fazem comida boa, impossível não comer demais

— Tio Noaaaaaaaaaaaaah — Yago grita do banheiro. Sinto que estou perdendo cada vez mais o meu menino para o “Tio Noah”.

— Já vou — me beija até me deixar sem fôlego e sai em direção ao banheiro para ver o que ele precisa.

Chegamos ao local onde o Yago vai cortar os cabelos com uns cinco minutos antes do horário marcado, como fica no shopping, eu me despeço dele, e dos seus cabelos loiros, o deixo com o coração na mão e segurando as lágrimas. Saio porta a fora e antes de desmoronar, sinto o Noah me abraçando e dizendo que vai ficar tudo bem, é uma situação momentânea.

Respiro fundo e olho pelo o vidro da barbearia o Yago rindo com alguma piada que um dos rapazes que iria cortar seus cabelos falou a ele, olho para o Noah e vejo nos seus olhos a confirmação que eu precisava para deixar ele livre para fazer isso. Ele sabia que eu não ia aguentar ver, por isso inventou uma história com o Yago que aquilo era coisa de homens e eu não poderia participar.

Faço as compras rápidas e espero eles na praça de alimentação. Ligo para a Elis e conversamos um pouco para me distrair, senão eu não conseguiria aguentar e iria até lá. E aí seria um desastre só. O Yago ia perceber a minha tristeza e ficar triste também, como ele sempre faz quando vê que eu não estou bem. A sensibilidade dele ultrapassa as barreiras normais para uma simples criança, tanto que eu evito ao máximo ficar nesse estado perto dele, e tento

transmitir somente bons pensamentos para que possa captar.

Desligo o telefone quando eu vejo os dois caminhando e rindo em minha direção. Os dois de boné, pelo visto eles passaram em alguma loja antes de vir aqui, Noah segura uma sacola de uma loja em uma das mãos e a outra, segura a do Yago.

— Olha tia Su! — Ele solta a mão no Noah e corre até mim para me mostrar a cabeça raspada. Tira o boné e sorri com o seu novo visual.

Cabeça lisa, mas com os olhos brilhando de felicidade. Impossível não pegar essa alegria contagiosa dele. O abraço e olho para o Noah sorrindo junto. Yago me solta e começa a falar como foi a grande aventura o seu corte de cabelo e como ele se divertiu fazendo isso. O cabeleireiro fez diversos penteados antes de raspar completamente, até um moicano saiu, antes do final. Ele pega o celular do Noah e começa a me mostrar as fotos. Uma mais linda que a outra! A do moicano ficou ótima, os dois de frente para o espelho de língua de fora e o Yago de olhos fechados e fazendo o sinal de rock'n roll com as mãos. Uma dele só com os cabelos cortados de um lado, e a antes do final completo, onde ficou com o cabelo igual ao do Cascão da turma da Mônica, com um topete na frente.

Ele me mostrou os sete bonés que havia ganhando do Noah, um para cada dia da semana, e os mais legais são os dos fins de semana para sair com a gente. Jantamos por ali mesmo, e o Yago quase não comeu de tão agitado que havia ficado com tantas coisas que contava para mim. Voltamos para casa com ele dormindo no banco de trás do Fusca. Quando chegamos, fomos para o quarto de música, onde eu tinha colocado a cama que comprei para ele. Mesmo com ele sendo todo revestido para não sair som de dentro dele, deixo a porta aberta para se ele precisar de alguma coisa durante a noite, eu escutar.

Deito na cama com o Noah mexendo no celular, ele me puxa para o seu ombro e eu vejo que ele está postando um conjunto de fotos que tirou hoje, minha e do Yago com ele, com várias poses nossas e com a legenda “Podemos encontrar a felicidade nas coisas mais simples da vida”. Ele desliga o celular e vira para mim, passa a mão nos meus cabelos e ficamos em silêncio nos observando.

Sua mão corre todo o meu rosto lentamente em uma forma de carinho e admiração que eu nunca recebi na vida. Beijo o seu queixo lentamente, aproveito e faço o mesmo que ele fez comigo, deixo meus dedos percorrerem seu rosto por toda a extensão. Me aproximo mais, até fica quase em cima dele e o beijo castamente na boca. Nossos olhares se cruzam, coloco nossas testas juntas e falo baixinho.

— Eu te amo tanto, que não saberia mais viver sem ti. Ainda mais agora por tudo que eu estou passando.

Noah me empurra delicadamente na cama e trocamos de posição, seu corpo em cima do meu é a melhor sensação de conforto e segurança que eu poderia querer para mim.

— Eu te amo — um beijo casto nos lábios. — Amo o Yago — outro na testa. — E não consigo mais viver sem vocês dois.

Nos beijamos delicadamente, sem segundas intenções. Noah sai de cima de mim e me puxa para o seu peito coberto pelo pijama, me aconchego ao seu lado e durmo com ele fazendo carinho nos meus cabelos.

Capítulo 33

Domingo da preguiça, literalmente. Trouxemos o colchão do quarto e colocamos no chão para mais uma sessão de cinema na sala. O escolhido da vez, Harry Potter. Yago estava emocionadíssimo com os filmes, tanto que disse que viu a minha coleção na estante, pediu para ler enquanto ficava aqui os fins de semana. Mesmo sendo de edição econômica, a R\$9,90 cada um, não resisti de comprá-los. Sei lá, talvez pelo fato de um garoto órfão que morava com os tios e era maltratado, e do nada tem a vida mudada do avesso, meio clichê, mas eu me identifiquei totalmente com a história.

Mal almoçamos e partimos para os filmes, consegui assistir até a metade do segundo, depois eu capotei no colchão como Gato deitado em cima de mim e o JB nas minhas pernas.

— Não cansaram ainda? — falo com uma voz de sono olhando a cena na minha frente. Os dois deitados com uma pilha de lixo de balas e chocolates espalhados pelo chão.

— Tia Su, o Sirius Black não é ruim! — Yago fala sem tirar os olhos da TV. — E o Rabicho é o rato do Rony.

— E Hermione tem um vira-tempo. Eu sei Anjo.

Sinto um pulo em cima de mim e vejo o Gato caminhando pelas minhas pernas. Me sento e puxo ele para o meu colo fazendo carinho até ele ronronar safadamente. Olho para o relógio e vejo que são quase nove da noite.

— Vai mais um? — Noah pergunta para o Yago que balança a cabeça dizendo que sim.

Ainda não me acostumei com a sua falta de cabelo, perco uma batida do meu coração, cada vez que o vejo. Sei que isso pode parecer até uma futilidade minha, mas ver isso, torna a doença mais real do que já é. Como se fosse o último pedaço de realidade dela se mostrando e dizendo que tudo é real e indeciso a nossa frente.

— Vocês querem janta? — pergunto coçando as orelhas do Gato que aposto está revirando os olhos de felicidade internamente, mas por fora continua com a sua cara sem expressão de sempre.

— Eu quero! — Yago fala animadamente. Viro-me para o Noah que até olhou para ele sério. Não é todos os dias que ele está com o apetite tão bom como hoje. Nem precisa pedir duas vezes, levanto com o Gato no meu colo e vou para a cozinha.

Coloco comida para os habitantes de quatro patas e começo a arrumar o jantar do Yago. Dou um bocejo grande, nem parece que acabei de desmaiar por três horas seguidas na sala. Não vi nem trocarem de DVD quando o segundo filme acabou. Acho que se caísse o mundo, eu não teria notado.

Ouçó o Yago correndo para o banheiro e o Noah chegar ao meu lado e coloca os papéis dos doces no lixo.

— Mandei ele para o banho antes de comer — Noah fala se escorando no balcão.

— Certo — falo. — Ele dormiu?

— Não, assistiu todos os filmes e ainda comentou — Noah boceja também. Não é fácil ter o mesmo ritmo que o Yago.

— Eu não aguentei. Não vi nada, apaguei completamente.

— Percebi — ele ri. — Quer alguma ajuda?

— Pode ser, coloca sabão em pó na máquina e ligar para mim?

Noah assente e vai até a área de serviço. Depois da montanha de roupa que eu lavei ontem à noite, resolvi adiantar serviço para não acumular tanta assim. Começo a lavar a louça suja que usamos agora à tarde e ele volta para me ajudar secando.

Yago come tudo e ainda pede sobremesa, que maravilha. Por mim ele poderia comer sempre assim, sem enjoos ou passar mal com o cheiro da comida. Eles voltam para a sala e colocam o quarto DVD do Harry Potter e eu vou para o banho e pensar em tudo que eu tenho que fazer essa semana.

Duas reuniões para novos eventos, começar a arrumar o salão da festa da agência de modelos onde o Noah trabalha, e uma festa infantil no meio da semana. Essa semana ainda quero ver com a Cris se conseguimos juntar as turmas de vocal com as minhas para ver no que precisamos melhorar para a apresentação e alguns ajustes. Também tenho que levar os documentos que o advogado me pediu para dar entrada nos papéis da adoção do Yago. Estou preocupada com um item só, o atestado de idoneidade moral, onde eu preciso encontrar duas pessoas que atestem que eu sou uma boa pessoa e tenho uma boa reputação, preciso de dois, um eu já consegui com a Elis. O outro eu não sei para quem pedir.

Fui aconselhada pelo advogado a não incluir o Noah nesse quesito, pelo fato de estarmos em um começo de relacionamento. Ele não ficou muito feliz com isso, mas entendeu. Por isso que eu estou no impasse dessa segunda pessoa. A única pessoa a qual eu tenho uma relação e que não tenha laços sanguíneos é a Elis. Nunca fui uma pessoa de muitos amigos, amizade não é fácil de se construir, tem que ter muita confiança e afinidade para ter uma verdadeira. Quando a Elis chegou à minha vida eu consegui ver tudo isso nela e por isso nunca mais me importei em tentar em outras pessoas encontrar isso, fui presenteada com a amiga mais louca, fiel e companheira que eu poderia imaginar. Que fez um escândalo por telefone quando eu conversei com ela hoje depois do almoço.

Quase atirei uma panela suja na cabeça dela quando ela começou a gritar como uma doida que fugiu do manicômio. Elis ficou animadíssima como fato de que agora, de fato, ela seria a Tia Elis para ele.

Coloco o meu pijama e caminho até o corredor quando eu vejo a porta da minha cozinha, inundada de água. Mas que...? Chego mais perto e vejo a espuma em todo o chão e saindo aos litros da minha máquina de lavar roupa.

— NOAH! — Grito.

— Que foi? — responde calmamente, rindo de alguma parte do filme com o Yago, alheio ao caos na minha cozinha.

— Vem aqui AGORA — falo mais alto e o escuto correndo até mim.

— O que hou...? Jesus! — Ele vê a minha cara de poucos amigos e o estado da minha

cozinha. — Como isso aconteceu?

— Eu que te pergunto. Só pedi para tu ligar a máquina e colocar... — Droga! Ele deve ter virado meio pacote de sabão em pó dentro da máquina.

— Opa... — Se acusa. Reviro os olhos e entro na cozinha para desligar a máquina antes que a espuma se espalhe por todo o apartamento.

Caminho devagar e me agarrando em tudo, o piso da cozinha se tornou um verdadeiro perigo para escorregar e cair no chão. Chego à máquina arranco à coitada, que não tem culpa nenhuma desse desastre, da tomada. Coloco para drenar a água e fico enjoada só com o cheiro do sabão em exagero. Noah começa a caminhar em minha direção, sem saber que estava escorregadio. Só escuto o barulho dele caindo no chão como se alguém estivesse derrubando uma parede.

— Ai! — Geme e eu começo a rir da cena dele resvalando e caindo de bunda no chão.

— Não viu que o chão está todo ensaboado? — tenta levantar, mas acaba caindo de novo, e eu não consigo para de rir.

— Me ajuda aqui — fala caindo de novo.

— Para antes que tu te machuque, só eu posso te machucar depois dessa — Noah ri e eu caminho, cuidadosamente até ele.

Ele se agarra em mim e tenta se apoiar para levantar, só que, mesmo não parecendo, ele é mais pesado que eu. Resvalou de novo e dessa vez me levou junto. Caio de bunda no chão e fico olhando para o teto, fico toda molhada e com espuma em todo o meu cabelo. Noah começa a rir e pega um punhado de espuma e joga em cima de mim.

— Noah! — Grito rindo dele. — Para — pego um pouco e coloco nele também.

Com muita dificuldade, e escorregando, consigo me sentar no chão, olho para o Noah com espuma em todo o corpo, até nos cabelos e começo a rir sem parar. Ele tenta sentar, mas não consegue se firmar em nenhum ponto e fica caindo toda a vez que tenta.

— Cacete! — Pragueja quando consegue ficar de joelhos. — Como isso aconteceu?

— Eu que te pergunto — me firmando em um armário e consigo ficar de pé, estou um desastre de espuma, meu cabelo pinga como se tivesse acabado de sair do banho. — Só pedi para ti colocar sabão na máquina e ligá-la, não inundar a minha casa de espuma!

— E eu coloquei — me imita e consegue se levantar.

— Mas colocou demais — falo rindo.

— Tia Su?! — Yago aparece na porta olhando a bagunça.

— Não entra aqui Anjo — isso aqui está um perigo. — O Tio Noah foi lavar a roupa e transformou a minha cozinha em um futebol de sabão, cuidado para não cair.

Ele olha a cena e começa a rir. Noah tenta caminhar e resvala quase caindo de novo, a sua sorte é que se agarrou na parede antes de ficar de bunda no chão de novo.

— Fica parado antes que tu quebre uma perna ou um braço — falo indo até o local das máquinas, abrindo um ralo perto da parede e pegando uma mangueira, baldes e vassouras.

Ligo a mangueira na pia e peço para o Noah tirar as cadeiras e a mesa da cozinha, vamos ter que jogar água e duvido muito que esse cheiro enjoativo de sabão em pó saia na primeira limpeza. Yago o ajuda colocando as cadeiras no corredor e a mesa, que é bem leve, na sala. Caminho até a porta, me segurando em tudo que é fixo e segurando a mangueira. Quando chego até a porta da cozinha, a entrego ao Yago e eu e o Noah começamos a varrer a água até a ralo na outra área.

— Não aguento mais esse cheiro de sabão em pó — ele fala empurrando a água ensaboada. — Não precisa mais lavar as minhas roupas com ele, esse cheiro já vai valer por toda a minha vida.

— Cala a boca e varre — o cheiro forte me deixa irritada, com dor de cabeça e além de estar toda molhada, em alguns pontos do meu corpo, me sinto toda grudenta. — Joga água aqui Yago!

— Tia Su — ele fala olhando para mim. — Eu estou enjoado...

Ai pronto! Só faltava essa. Noah olha para ele e larga a vassoura, bem no momento em que o Yago começa a vomitar todo o jantar no chão da cozinha.

— Pelo menos o cheiro do sabão em pó vai disfarçar o do vômito... — ele fala rindo e tenho vontade de dar uma vassourada no Noah depois dessa.

— Desculpa tia Su, eu não consegui segurar... — Yago fala, olho para ele que está assustado e com uma cara de choro.

Droga! Não queria assustá-lo, mas a bagunça que o Noah fez com uma simples tarefa de lavar a roupa me deixou puta da vida! Custava ter um pouco de bom-senso e não usar metade do pacote na máquina?

— Não foi nada Anjo — falo tentando ver o lado bom da coisa, pelo menos o Noah tem razão, não tem cheiro característico de vômito em meio ao sabão em pó.

— Vem cá — Noah pega a mangueira dele. — Vou te lavar aqui mesmo.

Yago começa a rir quando recebe o primeiro jato de água no rosto. Noah começa a lavá-lo ali, já está tudo molhado e sujo mesmo. Continuo a limpar o chão, aproveitando a água que está saindo para varrer a mistura nojenta que está ficando aqui em volta. A risada do Yago com as travessuras do Noah com a mangueira neles até fazem eu me acalmar um pouco e pensar na situação com mais clareza. A burra da história toda fui eu, quem me mandou pedir para ele fazer isso? Com certeza ele nunca precisou lavar roupa na vida, e muito menos saber a dosagem de sabão que uma máquina utiliza para não ocorrer esse desastre de espuma.

Continuo varrendo quando sinto um jato de água gelada nas minhas costas. Viro para xingar os dois e recebo um bem no meio da cara.

— Noah! — Grito.

— Não disse Yago, que ela ia ficar brava — caminho até eles e volto a ser molhada com a mangueira da cabeça aos pés.

— Vocês dois me pagam — Yago não consegue parar de rir, e o espertinho do Noah, nem sabe o que o espera...

Desvio no meio do caminho deles e sigo para o lado, onde há um balde cheio de água, ele volta a jogar água no Yago e eu aproveito para pegar o balde, sem fazer alarde nenhum, espero ele se virar completamente para o Yago e se esquecer de mim e jogo a água do balde nas suas costas.

— Maldita! — Grita e vira para mim a tempo de eu pegar o outro e jogar na sua cara.

Ele larga a mangueira no chão, para correr atrás de mim, e o Yago pega e começa a jogar água nele também. Noah caminha em minha direção que começo a tentar correr, mas não consigo pelo medo de me esborrachar no chão ensaboadado.

— Tu me paga — fala quando me encurrala em um canto da cozinha.

— Olha que eu já derrubei um quase do teu tamanho e nessa mesma posição — não consigo para de rir quando ele me prensa na parede.

— Tio Noah, a tia Su precisa de água — Noah olha para o Yago que caminha segurando um balde cheio!

— Traz aqui — ele incentiva —, mas cuidado para não cair.

— Noah... — advirto mais rindo do que brava.

Yago chega até nós, carregando o balde de água e entrega ao Noah.

— Rápido ou lento? — Noah pergunta me torturando com o balde em cima da minha cabeça.

— Rápido — Yago grita animadamente com a cena toda, e eu fecho os olhos quando a água começa a escorrer pela minha cabeça.

Congelei até a alma agora. Noah ainda me encurrala na parede e o Yago ri de nós dois e joga mais água. Passo as mãos no rosto e cabelos para tirar o excesso que corre em mim.

— Agora chega não é? — falo quando consigo sair dos braços do Noah.

— Não — ele pega a mangueira do Yago e começa a encher um balde. — Ainda falta alguém que não tomou banho de balde — olha para mim e pisca.

— Verdade — entro na brincadeira e pego o outro balde para o Noah encher e o Yago percebe o que vamos fazer e arregala os olhos verdes.

— Não vale — grita rindo e se escorando na parede.

Terminamos de encher os baldes e pegamos cada um, caminhamos lentamente até ele, que ri como se não houvesse amanhã. Chego perto dele e começo a falar.

— Rápido ou lento Noah?

— Boa pergunta Amor, acho que um rápido e outro lento, pode ser? — e começa a derramar a água no Yago que não sabe se ri ou grita do gelo que está essa água, ainda bem que está um calor enorme aqui.

Impossível não se empolgar com a cena toda. Até a minha irritação e dor de cabeça que se iniciava, passou. Brincar e rir apesar de tudo, é isso que estamos fazendo aqui os três. Do caos aparente, transformamos em uma brincadeira divertida e ao mesmo tempo já limpa a cozinha de

tanta água que já usamos. Derramo o meu balde de água em cima do Yago e expulso os dois da cozinha para tomarem um banho antes que esfriem.

Eles saem rindo e molhando todo o corredor, e eu tento terminar de varrer toda a água que ocupa a cozinha. Nunca achei que passaria de quase um surto para risos tão rápido assim. E ainda mais com o acesso de vômito do Yago metido no meio, mas eu entendi a jogada do Noah em tudo isso. O que ele fez foi a coisa mais básica para uma criança, desviou a sua atenção do enjoo para a brincadeira, e o Yago acabou se esquecendo completamente que havia vomitado e ficado daquele jeito, pelo cheiro do sabão em pó em exagero.

Se estivesse sozinha, teria tirado o Yago daqui na hora, deitado ele e ficado a sua volta até o enjoo passar totalmente, completamente preocupada e com medo de que acontecesse alguma coisa. Surtada ao máximo! Óbvio que o Noah não ia fazer a mesma coisa que eu, ia tirar sarro da situação e ainda agir como se nada tivesse acontecido, malucamente normal. Fantástico, um tapa na minha cara para deixar de ser neurótica com a situação. E eu estava precisando dele há tempos.

Depois de muito varrer, enxugar e limpar, consigo deixar a cozinha relativamente seca e pronta para outra, que eu espero que não repita nunca mais. Vou até o meu quarto e vejo os dois no meu banheiro escovando os dentes, Noah de pé e o Yago, sentado no vaso que estava com a tampa abaixada, ambos de cueca, quem vê a cena pensa que são pai e filho.

“Em breve...” meu inconsciente fala, de seis meses a um ano, essa vai ser a nossa realidade. Como o Noah fala, vai ser nós três contra o mundo.

— Já podem liberar o banheiro? — falo escorada na porta.

Eles olham para mim e acenam falando que já estão saindo, vejo o Noah ajudando o Yago a terminar de escovar os dentes e eles saem do banheiro deixando livre para mim. Tomo um banho quente, vendo que vou precisar de mais uns três seguidos para tirar todo o restante de sabão em pó do meu corpo e cabelo. Faço o meu melhor por essa noite e visto outro pijama.

Saio em busca dos dois para ver o que estão aprontando sem a minha presença. Chego até o quarto improvisado do Yago, que já está dormindo e o Noah terminando de cobri-lo com o edredom azul estampando com carros que eu comprei junto com a cama. Ele da um beijo na cabeça nua do Yago e me vê na porta e sorri. Entro para dar uma boa noite, e outro beijo ao meu Anjo e saímos juntos.

Vamos até a cozinha e colocamos a mesa e as cadeiras no lugar, a princípio tudo em ordem por aqui. Vamos para o quarto em silêncio e me jogo na cama como um peso morto, pronta para dormir como uma pedra, só acordar de manhã e...

— Pensei que tu fosse me expulsar de casa — Noah fala.

Já comecei a descobrir o ritual dele de todas as noites, conversar antes de dormir. Estou deitada de costas para ele, e claro que isso não é nenhum empecilho, já que ele simplesmente deitou em cima de mim e está me abraçando estilo conchinha.

— Foi por pouco — murmuro completamente amassada entre ele e a cama.

— Quando vi a tua cara de brava, não sabia se fugia ou te beijava — passa a barba sobre a curva do meu ombro até o pescoço desprotegido pelo meu pijama.

— Se me beijasse iria dormir no sofá, com certeza — sorri e me morde.

— É, pensei que se escolhesse ir por esse caminho, seria isso que teria acontecido — um abraço mais forte e um beijo. — Desculpa — viro para ficar frente a frente com o Noah.

— Não precisa te desculpar, acho que eu deveria ter imaginado que tu nunca teve que lavar roupa na vida, e nem imaginava o quanto teria que colocar na máquina.

— Mas eu também poderia ter perguntado — sorrio.

De uma coisa eu não posso me queixar, o Noah tem uma vontade de aprender que eu nunca vi em outra pessoa na vida. Tirando o desafio do aspirador de pó aquela vez, se eu pedir para ele ir na chuva fazer alguma coisa, ele faz.

— Então, foi um erro de ambos — corro as minhas mãos nos seus cabelos. — Mas eu preciso falar uma coisa — o puxo para um beijo rápido.

— Acho que eu vou gostar do que tu vai falar — abre um sorriso sacana.

— Não é nada disso que tu está pensando, seu pervertido — ele ri e me beija de novo e eu o empurro para poder falar. — É sobre o que tu fez com o Yago — franze as sobrancelhas, intrigado, e eu volto a explicar. — De desviar a atenção dele do enjoo para a brincadeira.

— Agi no impulso, sabia que se ele ficasse mal, seria mais um motivo para ti me expulsar de casa.

— Quase tive um surto ali, isso sim — rio da minha total falta de jeito em situações desse tipo.

— Eu percebi pela tua cara de poucos amigos e estava temendo pela minha integridade física — ri e vem para me beijar.

Começamos lentamente com carícias até eu soltar um gemido fraco e o Noah achar que isso era um sinal verde para começar a investir sério e começar a percorrer o meu corpo com as mãos até encontrar o fim da minha camisola e começar o caminho inverso por dentro. Um trovão alto ecoa, fazendo os vidros da minha janela tremer, clima perfeito para deixar isso acontecer... Eu, ele e a chuva lá fora. Trio perfeito...

— Tia Su! — Yago grita do quarto ao lado, e o Noah solta o peso dele em cima de mim, gemendo frustrado.

— O que foi? — grito tentando sair de baixo dele que já estava mais que pronto para avançar em cima de mim.

Noah sai de cima de mim e deita de barriga para baixo para não ficar tão evidente assim a sua situação embaraçosa. A porta do meu quarto abre e o Yago aparece na porta assustado.

— Eu estou com medo dos trovões — Yago fala e fica parado. Olho para o Noah que nem se mexe ao meu lado, mas que solta um suspiro e se afasta mais de mim dando espaço na cama para mais um companheiro.

— Vem aqui meu Anjo — caminha até a cama e pula no nosso meio e se agarra em mim.

Beijo sua cabeça e o abraço também. A chuva começa forte lá fora e a cada trovão que

ecoa, ele treme de medo nos meus braços. O acalmo falando que a chuva não tem perigo nenhum e que não precisa ter medo até que ele dorme. Coloco ele no nosso meio e fico o observando.

— Precisamos comprar uma cama maior — Noah fala, pensei que ele já estava no décimo sono.

— Maior?

— Claro, ou tu acha que ele vai ficar desse tamanho para sempre? — ironiza.

— Não...

— Então já sabe, quando tudo se ajeitar, uma cama bem maior para nós três e uma televisão no quarto com DVD. Não aguento mais ter que carregar esse colchão até a sala. Ah! E ar-condicionado também!

— Mais alguma coisa para a casa perfeita dos teus sonhos? — pergunto e escuto ele rindo baixo.

— Só isso está bom... Já tenho vocês dois para tudo ficar perfeito.

Capítulo 34

— Tia Su! — Yago grita do quarto.

Estamos nos arrumando para irmos até o evento da agência de modelos do Noah. A mesma que, aquela vez, nos encontramos pela primeira vez. Diferenças entre aquele dia e hoje são inúmeras, nem parece que faz pouco menos de três meses que tudo aconteceu, minha vida entrou em um furacão enorme, e eu não poderia me ver mais radiante do que agora, apesar dos pesares, estamos bem.

Correria é o meu nome do meio, mesmo com a ajuda do Noah aquela madrugada semana passada, e ontem (parece que ele gostou dessa nova função de meu secretário particular) eu trabalhei como uma louca. Reuniões, uma atrás da outra, as crianças no orfanato e os ensaios para a apresentação, que estão deliciosamente estressantes, e os papéis que eu arrumei e entreguei ao advogado para dar entrada no pedido de adoção do Yago.

Levei eles na quinta à tarde, falei com o meu tio sobre a minha decisão de adotar e que precisava o atestado, ele ficou emocionado e disse que eu seria uma mãe perfeita para qualquer criança do mundo. Não toquei no assunto “Cruela”, pois sinceramente, quero que ela se exploda e me deixe em paz, de preferência bem longe de mim, do Noah e do Yago. Mas o meu tio veio me falar dela, e eu não pude escapar disso. Falou que eles estavam em uma crise, e que o fator da diferença de idade deles estava pesando. Enfim, escutei com toda a atenção que eu poderia ter para não falar uma boas verdades para o meu tio sobre ela. Não que ele mereça essa jararaca como mulher, mas isso é um assunto deles e eu não tenho que me meter ou dar opiniões.

Depois que saímos do advogado, eu e o Noah fomos comemorar o passo que eu dei, saindo para jantar e logo depois uma sessão de cinema. Uma nota mental: nunca mais ir ao cinema com ele e o deixar escolher os lugares do fundo para vermos o filme, é jogar dinheiro fora, já que ele ficou mais me agarrando do que assistindo o filme. Até tive medo que o lanterninha viesse e pedisse que nos retirasse do cinema.

Coitado, nem posso reclamar, aliás, nem devo falar mal dele nesses últimos dias, mas desde os tombos de bunda na cozinha devido ao chão ensaboado, ele ficou todo dolorido. Segunda mesmo, foi um desafio e tanto para ele se manter em pé, ou caminhando sem fazer cara feia de dor. Tive que dar um remédio para que ele e eu, pudéssemos dormir sem ele estar gemendo de dor à noite toda. Homens... Só basta uma dorzinha muscular a toa, que já estão achando que vão morrer disso.

Hoje, passei a tarde toda no salão do evento para não haver defeito nenhum na hora que ele acontecer. Sou mãe coruja e acompanho os meus “filhos” desde o nascimento, na hora de preparar o contrato, o seu ápice, e término, quando estão arrumando as coisas, e pego junto com os meus funcionários quando eles precisam de mim.

Não que esse evento fosse o mais complicado de se realizar, ou organizar na véspera, bem pelo contrário, ele é o mais simples e sofisticado que eu pude organizar nesse meu tempo de promotora. Mas nesse, tem alguma coisa em especial em tudo que eu faço, será pelo fato de que o Noah vai estar lá? Acho que não, é só mais uma festa normal que por acaso ele estará, e, diga-

se de passagem, que ele vai estar em todos os motivos possíveis e visíveis.

Estava lá quando os pôsteres dos modelos da agência chegaram para serem instalados no salão. Óbvio que a minha atenção foi para os que ele estava e não são poucos. Ok, eu sei que esse é o trabalho dele, mas poxa, precisava de tantos e em tantas poses diferentes? Aposto que foi de caso pensado, Noah nem é narcisista, imagina se fosse...

Ele sozinho, ele acompanhado com outros e ele com outras. Barbies do Paraguai com plástico de terceira categoria, disse a Elis quando viu as fotos, não pude deixar de sorrir e, em partes, concordar com o comentário sarcástico dela. E também nem pensei sobre as minhas diferenças sobre elas, nunca, capaz...

Ah! Que se rale. Claro que eu fiquei com aquilo na cabeça o tempo todo. Olhei para as fotos, com mais atenção, e não reconheci a mesma pessoa que dorme e acorda comigo, implicante que inunda a minha cozinha e me envolve de um jeito único todos os dias. O que vi nessas fotos, foi aquele Noah, o que conheci naquela vez que ele perdeu o celular e me convidou para jantar, esnobe, chato e totalmente clichê, como se comandasse tudo a sua volta e ele fosse perfeito em tudo. Aquele que eu detestei no fundo da minha alma.

Um Noah totalmente diferente do meu. Como se ele estivesse usando uma máscara e interpretasse uma outra pessoa quando estava em frente das câmeras. Algumas fotos, ele está com uma cara muito diferente do que eu vejo todos os dias na minha casa, eu nem tenho vontade de ficar analisando muito, mas as que me fizeram perder o meu tempo de trabalho pensando em besteira foi as acompanhadas.

Sim, eu sou uma masoquista. Fiquei olhando para essas malditas fotos em que ele está com alguma modelo pendurada nele. Elas são lindas, não posso ser hipócrita nesse quesito, mas também ver isso me fez perceber como essa personalidade que ele adquire nas fotos combina bem mais com modelos do que eu. Uma loira, ou morena, alta, gostosa e com um corpo lindo, faz um par bem melhor que eu ao seu lado. Sei que isso soa completamente contra mim, mas uma coisa que eu sempre fui, foi ser realista comigo e com quem eu sou, e o que eu vi naquelas fotos foi isso, a realidade pura e nua, e naquele caso, impressa também.

Não é uma coisa natural, hoje em dia, o nosso relacionamento. Não é habitual o cara legal, engraçado, solidário e todos adjetivos possíveis que alguém como o Noah tem, ficar com a gordinha do pedaço. Se formos ver, até na mídia mesmo isso não acontece, acho que nem em livros, pensando bem. Mas por mais incrível que pareça isso está acontecendo, e comigo. Foi como se eu tivesse que aguentar tudo o que me aconteceu, para que no futuro recebesse o melhor presente de todos, ele.

No fundo, aquela minha voz interior, que sempre coloca para baixo a minha autoestima, ainda fala algumas frases para eu ficar pensando que daqui a pouco uma coisa irá acontecer e levá-lo embora de mim, me deixando totalmente arrasada. Mas se eu desistisse, não seria a Su que eu sou, com o sobrenome Teimosa e tudo mais o que a palavra pode trazer com ela. E também há o fato que eu me apaixonei pelo meu Clichezinho, do mesmo jeito que a música que eu estava tocando ontem à noite no piano, sozinha.

Foi assim, como ver o mar

A primeira vez que meus olhos se viram no seu olhar

Não tive a intenção de me apaixonar
Mera distração e já era momento de se gostar
Quando eu dei por mim nem tentei fugir
Do visgo que me prendeu dentro do seu olhar
Quando eu mergulhei no azul do mar
Sabia que era amor e vinha pra ficar
(Azul depois do Mar -14 Bis)

Acho que não poderia encontrar uma letra mais que perfeita para descrever como foi que tudo isso aconteceu comigo. Do nada e quando eu dei por mim meu coração já não obedecia mais aos meus comandos, pois havia outra pessoa que tinha o seu controle.

— Tia Su! — Yago grita de novo, divaguei tanto aqui na frente do espelho me arrumando, que esqueci que ele havia me chamado.

— Já vou Anjo — olho meu reflexo pela última vez.

— Vem de uma vez , ou nós vamos te buscar — Noah fala e eu saio em direção a eles.

Falando em perder o controle do meu coração, o Yago, cada vez mais tem comandado o meu, a ponto de que, em certas ocasiões, tenho que me por limites para não ceder aos seus encantos. Tenho uma leve dúvida ainda para saber quem me ganha mais com o seu charme, se ele ou o Noah, e agora que eles convivem juntos, uniram forças contra mim, mas nada que um pouco da minha teimosia não resolva e eles cedem.

— Pronto, cheguei — olho para os dois sentados no sofá, muito comportados para o meu gosto. Alguma coisa esses dois sorrisos inocentes aprontam.

Noah de terno e gravata e o Yago vestido com uma roupa que eles compraram juntos hoje à tarde, calça social, sapato e uma camisa branca, lindinho que só, ainda mais com o detalhe do boné para proteger a cabeça. Ouço um espirro e vejo que veio do Gato, desde que o Noah fez uma “vingancinha” para ele, devido a alguns arranhões feios ele o levou no petshop para dar um banho, enfeitar, e de brinde, aparar as garras. Meus sofás e cortinas agradecem.

Quando cheguei em casa o Noah estava em meio de um acesso de riso pelo fato que o Gato estava espirrando, de gravatinha rosa Pink enfeitando o seu pescoço e estava tentando arrancar entre um espirro e outro. O coitadinho teve uma reação alérgica do perfume que colocaram nele. Foi engraçado de ver, mas fiquei com pena depois, detesto espirrar, imagina o Gato no meio de uma crise espirros. O JB cada vez que chegava perto dele e ele espirrava, saía correndo para longe e o Noah ria dizendo que era uma coisa bem feita para ele deixar de ser tão mau e arranhar as pessoas. Óbvio que o Gato deve estar planejando uma morte lenta e nada agradável para o Noah. Percebi isso naquela noite mesmo, quando o Gato estava no seu colo, afinal ele sentiu pena dele no fim das contas, e foi fazer carinho como um pequeno pedido de desculpas. Só acho que o Gato não aceitou e nem aceitará nenhuma até ver o sangue do Noah esparramado no tapete. Eu e o JB nem chegamos perto daqueles dois, eles que se entenda, desde que não se matem, eu não me importo o jeito que isso vai acontecer.

— O que vocês dois estão aprontando tão quietos aqui? — cruzo os braços e os encaro,

eles trocam um olhar cúmplice.

— Queremos tirar uma foto antes de sair — Noah sorri me mostrando o seu celular.

— Eu tiro uma de vocês.

— Não tia Su, tu tem que aparecer junto.

— Não — gemo. — Eu não gosto de fotos. O tio Noah ama — ele faz um sorrisinho irônico para mim.

— Sem essa Fofa, vem aqui — Noah me pega por uma mão e me puxa para o seu colo.

— Noah — falo rindo das loucuras dele, nem se importou de amassar o seu terno comigo aqui.

— Sorriam! — Ele fala e começa a tirar diversas fotos nossa em milésimos de segundo.

Depois de muitas fotos, uma mais horrível que a outras, escolhemos a “menos pior” de todas. Nós três, Noah sorrindo, Yago fazendo careta e eu com a língua para fora. Trio parada dura total! Ele faz mais algumas edições em aplicativos e posta a foto, sem me deixar ver a legenda.

— Só quando chegarmos em casa — ele fala beijando o meu pescoço e sussurrando no meu ouvido.

Saio do seu colo depois de um beijo, e o Yago fazendo uma cara de nojo para nós dois. Termino de arrumar a minha bolsa com tudo que eu possa precisar em um evento, como alfinetes, fita adesiva, alguns remédios e outras coisas femininas. Mulher prevenida vale por duas, não é assim o ditado?

— Vamos em que carro? — Noah me pergunta quando estamos quase saindo.

— Eu e o Yago no Fusca e tu no teu — ele faz uma cara de quem não entendeu o que eu falei, pensa um pouco e argumenta.

— Mas vamos para o mesmo lugar, porque ir em dois?

— Por que... — tento fechar a minha bolsa, mas está lotada demais e se eu forçar muito vai estourar o zíper. — Eu vou para trabalhar e tu é convidado.

— E...? — Ai meu saco!

— E... isso não é certo Noah, eu promotora chegando no carro com um convidado — será que isso se enquadraria em antiético da minha parte?

— Quem liga? — faz uma carinha de cachorro sem dono.

— Eu — sorrio. — É o meu trabalho Noah — dou um selinho nele.

— Eu sei, mas tu é minha namorada! — Me agarra mais forte.

— Essa noite lá, eu sou a promotora — aliso o colarinho dele —, mas depois... Eu posso ser o que tu quiser — e um sorriso sacana aparece no seu rosto.

— Promessa? — ah minha criança de cinco anos.

— Só se tu te comportar exemplarmente — do nada ele me solta e levanta as mãos.

— Nem te conheço mais — começo a rir e pego a minha bolsa.

Chamo o Yago, que está levando o GameBoy dele para ficar jogando enquanto estivermos lá, e saímos. Ainda temos que passar na casa da Elis para buscá-la, hoje era a minha vez da carona. Estou ansiosa por diversos aspectos, o primeiro de todos: a presença do meu namorado e suas crises de demonstração de afeto público contínuo. Não reclamo, longe disso, mas só que o meu trabalho é como se fosse um local sagrado, sou observada todo o tempo e tenho que zelar pelo meu nome, é a única coisa que leva a reputação a diante. Segundo: o Yago. Sei que ele não vai me incomodar e me atrapalhar em momento nenhum, ele é um amor de criança, mas só fato dele estar lá, já me deixa aflita. A Elis vai tomar conta dele enquanto eu estou na correria, e isso eleva o meu problema a três: confio nela a minha vida, mas sempre tenho que estar de olho nas maluquices dela, já pensou se ela inventa algum plano mirabolante no meio do evento? Eu não duvido de nada.

— Chegamos — falo desligando o fusca enquanto o Yago e a Elis falam sobre algum jogo que ele está tentando passar de fase.

Descemos do carro na parte de trás, onde fica a cozinha. Yago entra comigo e a Elis sai correndo em disparada para o banheiro, sempre se mijando perna a baixo. Mal me acostumo com a iluminação da cozinha e já vejo o Noah conversando com a Carla, minha funcionária. Ainda bem que pedi para ele ser discreto, imagina se não pedisse, iria entrar de braço dado comigo no meio do tapete vermelho do evento.

— Amor... — ele fala e eu olho para ele o repreendendo. — Su — corrige e eu sorrio.

— Algum problema Noah?

— Não, só queria saber se vocês tinha chegando bem — Yago chega ao nosso lado.

— Tio Noah — ele fala alegre, meu Anjo. — A tia Elis disse que vai me dar quantos doce eu quiser hoje à noite — não disse que teria que ficar de olho nela? Vai empanturra o guri de doce até ele passar mal e vomitar.

— Que legal Yago, mas cuida para não comer demais e passar mal depois, certo? — Noah pisca para mim como se estivesse lendo os meus pensamentos.

Yago sai correndo quando a Elis volta do banheiro e chama ele para ajudar com a bandeja dos doces, viro para o Noah que olha a cena dos dois interagindo com um sorriso no rosto.

— Já foi ao salão? — pergunto querendo soar indiferente, mas por mais que eu tente, acho que passei longe de conseguir. Não vejo a hora de saber a opinião dele para a decoração e a disposição das mesas e equipamentos, parece besteira, mas por mais que elogiem seu trabalho, só queremos a aprovação das pessoas que mais importam para nós.

— Ainda não fui, vim direto aqui para trás esperar vocês. Vou ver a decoração agora — sorri e me dá um beijo rápido, não pude evitar, acho que posso mudar as regras do jogo na cozinha, e aqui, pode ser quase tudo liberado. Ele vira rumo a porta que dá acesso ao salão principal e eu falo.

— Noah — ele vira o rosto para mim. — Tua entrada não é por aí, e sim pelo outro lado.

Ele olha para a cima e revira os olhos, dá meia volta e caminha em direção à porta de saída. Elis vem até nós e se escora em uma mesa que está ali.

— É hoje que ele vai dormir no sofá? — pergunta disfarçando o riso.

— Do que tu está falando?

— Eu vi o jeito que tu olhou para aquelas fotos dele, só lembra que esse é o trabalho dele e que ele te ama, aliás — ela olha para o Yago conversando com a Carla —, vocês dois. — E sai para onde eles estão.

Maldita Elis, não consigo esconder nada dessa Vaca! Ela me conhece melhor que eu mesma. Mas de uma coisa ela tem razão, o Noah pode até ser um modelo, mas ele me ama, e eu confio totalmente nele. Solto um suspiro longo e começo a trabalhar. Calma, Su a noite nem começou ainda...

Por Noah

Saio pela porta dos fundos com um sorriso no rosto. Não é que ela vai levar essa história de fingir que não temos um relacionamento até o final da festa? Sinto muito Fofa, meu amor, mas isso não vai rolar, até o final da noite eu consigo te arrancar um beijo, na frente de todos e digno de cinema. Se ela queria um jogo, posso afirmar que conseguiu, e com certeza eu sairei vitorioso.

Ainda não há muitos carros estacionados na frente do salão, por isso aproveito para ficar um pouco aqui fora para pensar na vida olhando para o céu estrelado. Clichezinho não é o meu apelido? Nesse momento coloquei esse apelido em funcionamento total.

Sim, agora também sou um cara comprometido e que vive acompanhado e com uma criança nos fins de semana, somos totalmente responsáveis por ele, sua saúde e segurança. Mesmo sendo por pouco tempo essas visitas semanais, já considero o Yago como um membro daquela casa. Sem ele fica bem vazia e sem vida, ainda mais quando a Fofa está trabalhando e eu fico sozinho. Mas isso vai ser por pouco tempo, não vejo a hora dele ir morar conosco por definitivo e vou ficar ainda mais feliz quando ele tiver o meu sobrenome depois do da Su.

Se antes eu não tinha obrigações nenhuma, a não ser comigo mesmo, hoje é bem diferente. Sempre escutei do meu pai isso, que em um certo momento, o que nos fazia relativamente feliz, como as festas e o descompromisso com as pessoas, deixam de fazer efeito e vamos a procura de algo que nos complete e nos estabilize na vida. Agora eu entendo o que ele quis dizer e posso afirmar, que estou no caminho certo, ter eles ao meu lado, foi a melhor coisa que me aconteceu até hoje. Consigo até sentir a responsabilidade de poder formar um cidadão de bem com os meus exemplos.

O Yago é uma criança incrível, mesmo com os altos e baixos da sua doença, nunca deixou de ser aquela criança encantadora que é. A vida não foi justa com ele, mas se existe alguém “lá em cima”, que cuida e arruma tudo, com certeza está tendo um foco especial em nós três aqui embaixo. Estávamos procurando no mundo alguma coisa, eu de um sentido para a minha vida e um rumo certo para seguir nela, a Su alguém para mostrar o quanto ela é especial,

única e perfeita e o Yago, mesmo não sabendo, amor incondicional. Fomos feitos uns para os outros, cada um com mostrando para os dois a importância que ambos temos, e assim vamos construindo a nossa pirâmide. Cada um sendo um elo importante para o equilíbrio de tudo o que nos rodeia. Agradeço por isso tudo, todas as noites em que eles dormem comigo.

As conversas com o meu pai ao telefone seguem frequentes e longas, bem mais do que eu já tive em toda a minha existência com ele, me sinto péssimo em admitir isso, mas é a verdade. A cada ligação eu compreendo mais os motivos das nossas brigas na minha adolescência, de rebelde sem causa, e suas preocupações comigo. E aí percebo o péssimo filho que eu fui, quando o que ele mais queria, era o melhor para mim.

Caminho em direção à entrada do salão cumprimentando alguns conhecidos educadamente, com um sorriso falso no rosto. Não quero ficar aqui nesse meio e preferiria ficar lá dentro da cozinha, rindo das loucuras da Elis e com o Yago no seu GameBoy. Com certeza me divertiria mais do que aqui escutando sobre os mesmos assuntos de sempre, viagens, fotos, maquiagens e afins... Já saturei disso há um tempo, mas aturar isso vai ser por pouco tempo, quando o meu contrato acabar, não vou mais renová-lo, nem se me oferecerem a proposta mais milionária do mundo.

Eu não preciso mais disso, e se ficar do jeito que está, nem os meus netos precisarão se preocupar com isso, mas como diz o ditado, dinheiro não compra felicidade. Do que adianta ser rico, mas sozinho no mundo? Amores de uma noite não chegam nem aos pés de um sentimento de verdade. Se preocupar com a pessoa amada, cuidar, brigar pela felicidade dela e tudo mais o que ela quiser e receber tudo em dobro, é isso que vale a pena nessa vida. Também há o fato de que eu nunca vou conseguir gastar com presentes caros para a Su, o sorriso mais sincero e alegre dela vem acompanhando das coisas mais simples possíveis, como uns pingentes na sua tornozoleira ao invés de um colar de diamante puro. Isso me cativa de um jeito mais emocionante possível, o que eu já me decepcionei com pessoas que só queriam tirar vantagens de mim...

Entro no salão e um sentimento de orgulho me preenche, besteira, eu assumo, mas é verdade. Eu sei e vi o quanto ela trabalha e dá o seu melhor para o evento que organiza. Noites com poucas horas de sono, só para deixar o mais perfeito possível, cada detalhe revisto umas duzentas vezes para não haver falhas. E ver isso tudo pronto do meu ponto de vista, me deixa assim, o namorado mais babão do mundo.

— Noah! — Érica, a dona da agência me chama, antes que eu comece a babar, literalmente, admirando o trabalho que a Su fez aqui essa noite.

Ela é uma pessoal legal, até para o ramo em que atua, a que eu tinha antes de vir para cá, era uma legítima megera, não ligava se para conseguir o que queria tivesse que passar por cima de alguém.

— Oi Érica, gostei da decoração — puxo o saco da Su sem ela saber.

— Nem me fala Noah, fiquei encantada com o trabalho dessa promotora, um amor de pessoa, inteligente e super educada — ah e como... Agora experimenta inundar a cozinha dela com a máquina de lavar roupa, ela fica com o diabo no corpo. Penso comigo mesmo, mas só respondo com um aceno de cabeça. — Assim que eu vê-la te apresento.

Abro um sorriso, vai ser um encontro e tanto, ótimo para eu colocar o meu plano

maligno em prática. Ideias mirabolantes passam pela minha mente, uma mais sacana que a outra, até pensei em jogar vinho na cabeça dela, para reviver um dos nossos encontros, mas se fizer isso, a promessa que ela me fez, antes de sair de casa, não será cumprida. Converso com a Érica mais um pouco sobre algumas coisas da agência, até que ela me leva para ver os pôsteres das fotos dos modelos para que eu veja alguns com um futuro promissor na carreira. Coitados, posso chamá-los em um canto para fazerem desistir da profissão e seguirem outras carreiras? Ou que pelo menos, não deixar de pensar em fazer alguma coisa mais útil nos tempos vagos entre uma sessão e outra? Acho que se eu fizer isso, com certeza, o meu contrato será rescindindo na hora.

— Puta que pariu! — Falo baixinho quando vejo os em que eu apareço. Érica fala de como eu fico artístico quando estou fotografando, mas o que eu vejo é um Noah seminu em quase todas as fotos aqui, nenhuma com mais de meia dúzia de roupas.

Eu não aprovei essas fotos aqui. Já são antigas, do meu tempo em que achava que sabia de tudo e mandava em todos como eu queria. Merda! Se a Su viu isso deve ser surtado, ah porra. Tem até uma com uma modelo pendurada em mim, e eu nem me lembro do nome dela. Érica continua falando sobre o meu porte e como eu deveria a fazer fotos desse estilo, tudo o que eu não precisava, era escutar isso. Será que ninguém percebe que eu não quero mais isso para mim? Custa alguma alma viva me escutar nessa porra de agência?! Se eu falei que a Érica era uma pessoa legal, estou retirando essas palavras nesse momento.

Invento uma desculpa para ela e saio em direção ao primeiro garçom que eu encontro, a Carla. Uma menina ótima, mas eu acho que ela tem medo de mim, pois cada vez que conversamos, ela começa demonstra isso, ou é timidez, vai saber. Vou até ela e pego uma taça de vinho branco, não posso me embriagar para não fazer merda, mas pelo menos uma taça eu mereço.

— Carla — ela arregala os olhos para mim —, a Su e o Yago estão bem?

— Si.. sim, Seu Noah — ah, e tem mais essa ainda.

— Sem essa de Seu Noah, por favor — sorrio para acalmá-la.

— Desculpa — ela sorri e eu tomo aquela taça de vinho de uma virada só.

— Se acontecer qualquer coisa lá dentro, pode vir me chamar aqui, certo? Tu sabe como a tua patroa é cabeça dura, mas eu sou mais que ela, então pode me chamar para a mínima coisa que for.

— Sim — responde e sai para servir as outras mesas.

Me sento à mesa, sozinho e penso em tudo que deve estar passando na cabeça da Fofa nesse momento, com certeza ela deve estar pensando as coisas mais ridículas da minha pessoa com base nas minhas fotos que estão expostas aqui. Mas o que ela não sabe é que quem fez isso, vai pagar, e caro. E falando nela...

— Noah! — Rebecca chega e se senta à minha mesa, toda alegre com uma acompanhante. — Lembra da Lícia, a minha outra modelo que eu agencio?

Como não lembrar? Eu já estava de saco cheio de aguentar as conversas dela naquela vez em que saímos, a Rebecca enquanto não fez ela vir para algum evento comigo não sossegou. Falou que ela era uma modelo promissora e se juntasse com a minha imagem, seria bom para nós

dois. Para mim eu sei, foi o melhor possível, já que foi naquele dia que eu percebi, que a minha carreira de modelo estava por um fio, e tinha arreventado no momento em que eu aceitei ir com ela. E também o fato do banho de vinho da Fofa me fez conseguir chegar mais perto dela.

— Olá — respondo e olho para a Rebecca —, precisamos conversar e sério. — Ela ri e joga os cabelos vermelhos para trás dos ombros.

— Precisamos mesmo... Já não disse para não postar essas fotos pessoais no teu perfil? — isso está me irritando mais do que o limite suportável.

— Disse, mas eu respondi que eu posto o que eu quiser, e tu não tem nada haver com isso. Mas a questão não é essa, e sim o fato daquelas fotos Rebecca, quantas vezes eu já disse que não trabalho mais nesse segmento de roupas íntimas e de banho? — ela ri irônica.

— Noah, meu querido, temos que valorizar o que de melhor tu tem! E essas fotos são as melhores!

Mostrar o que de melhor eu tenho? Agora eu quero decididamente rescindir o meu contrato com essa agência e qualquer uma que quiser me contratar. Desde quando melhor de uma pessoa é o corpo e poses sensuais? Eu sei que não sou a melhor pessoa do mundo, mas tenho o mínimo de bom-senso para falar que esse não é o meu melhor. Eu sou bem melhor que isso!

Cansei de ser tratado como um pedaço de carne em que as pessoas ficam analisando como se eu estivesse em exposição em um açougue qualquer, quero que saibam que eu, Noah James Backer, não vou ser mais tratado como um rosto bonito nas revistas. Não preciso provar para o mundo inteiro também, apenas para as pessoas certas, que, aliás, se encontram atrás daquela porta.

Me levanto, deixo a Rebecca falando sozinha junto com a Lícia, e saio em direção a porta, a Su que se rale, mas eu preciso dar um beijo de deixar ela tonta e sem palavras. Provar que ela é minha e não quero mais nada nesse mundo além da sua companhia ao meu lado, junto com o Yago.

— Noah! — Vejo a Elis caminhando em minha direção com cara de poucos amigos, porra mais essa agora?

— O que houve Elis? Preciso falar com a Su... — Falo não dando bola para os escândalos dela, tenho uma coisa mais importante para fazer agora.

— Isso pode esperar, se tu não me escutar, uma tragédia vai acontecer, e a Su não vai ficar nenhum pouco feliz se a amiga dela for presa em um dos seus eventos por bater em alguém até deixar essa pessoa irreconhecível e a outra em coma!

Paro! Me viro para a Elis e a vejo com as mãos na cintura e uma cara de brava. Se o que ela está me dizendo é verdade, tenho que ouvir. A Elis é louca, mas nunca colocaria a reputação da Su em jogo por pouca coisa, se ela tem um motivo para me dizer isso, é melhor eu escutar.

— O que houve? — Carla passa por mim e eu pego uma taça de água, que a Elis rouba de mim e se senta em uma mesa vazia.

— Senta e me escuta que eu vou contar desde o início — puxo uma cadeira e me sento e ela começa a narrar.

— A Su viu as tuas fotos, e porra Noah, não tinha umas mais vestido ou desacompanhado dessas Barbies do Paraguai falsificadas?

— Não escolhi as fotos Elis, também fiquei puto com isso — esbravejo, sabia que ela tinha visto as fotos e coisa boa disso não vai vir.

— Ainda bem, porque se tu tivesse escolhido, teria te cortado com o cutelo. Mas enfim, ela passou um bom tempo analisando elas, e Noah, eu a conheço, mil coisas devem ter passado na cabeça dura dela, mas a Vaca te ama e não vai falar nada para ti, porque ela sabe que é o teu trabalho — como não adorar esse relacionamento tão bovino delas?

— Essas fotos são antigas, desde que eu vim para cá não faço mais desse estilo, o que fizeram aqui, parece que foi de caso pensado — me jogo na cadeira e olho para o teto pedindo uma ajuda.

— E aí que chega o meu ponto Noah, tenho quase certeza de que foi de caso pensado essas tuas fotos... — me endireito na cadeira e a fito sério.

— Como assim Elis?

— Eu estava no banheiro, mijando como sempre, e escutei duas mulheres falando de ti, de como tu estava diferente e que isso só poderia ser coisa da gorda — ela fala a última palavra em aspas com os dedos —, e como esse evento é a Su que está organizando e o nome dela está em jogo, elas falaram de fazer alguma coisa para dar errado e a culpa cair nela — fico sem palavras escutando o que a Elis está falando.

— Mas que merda! — Xingo baixo. — O que elas falaram mais?

— Das fotos que tu anda postando de vocês dois e do Yago junto, se tu vai criar filho dos outros, e que a Su deve estar te dando algum golpe ao contrário — Elis me olha sério e eu passo as mãos nos cabelos, frustrado.

Ela continua a falar sobre os absurdos que falaram da Su e do Yago e eu me levanto, mas ela me segura pelo braço e me faz sentar de novo.

— Calma, eu só vim aqui te avisar, tu cuida das coisas por aqui, e eu lá dentro da cozinha. Noah, se alguma coisa sair errado a Su tem um troço.

— Eu não vou deixar nada acontecer por causa de duas loucas que não sabem nada de mim e nem de nós Elis, a agência que se rale, a minha prioridade é o Yago e a Su!

— Eu sei, as minhas também Noah, sei o quanto a Su trabalhou para chegar até aqui e não vou deixar nenhuma siliconada de meia tigela estragar isso essa noite. Mantemos contato pela Carla, certo?

— Certo — respondo e ela levanta e sai caminhando em direção à cozinha.

Só tem uma pessoa que pode ter falado essas mentiras horríveis sobre mim e a Su. A Rebecca. Dessa vez ela errou feio e mexeu com as pessoas erradas, e com isso acabou de assinar a sua carta de demissão comigo. Respiro fundo e olho para as minhas fotos com vontade de pegar um isqueiro e colocar fogo nelas. Mas o que eu faço é abandonar a minha rota até a cozinha, para demonstrar o quanto ela é importante para mim, e sigo em direção à mesa onde ela e a Lícia estão sentadas. Encaro um personagem que não liga para mais nada do que ela disse e

tentando disfarçar a minha vontade de acabar com a raça dessa mulher na minha frente.

Calma Noah, pelo jeito a noite está só começando e promete ser longa.

Capítulo 35

Olho no relógio, falta pouco para podermos irmos para casa, duas horas no máximo, mas mesmo assim a minha ansiedade ainda não passou. Sabe quando estamos com aquela sensação que de um minuto para o outro, tudo pode vir a baixo? Digamos que é mais ou menos como eu estou me sentindo essa noite.

Por mais que a parte tensa da festa, início e meio, já passaram, esse sexto sentido ainda não me abandonou. O evento está seguindo as mil maravilhas, sem nenhum problema maior para atrapalhar. Só o fato que a banda, que está tocando, terem os músicos mais incompetentes do mundo inteiro! Nem sei como se denominam assim. Mal sabem empunhar uma guitarra no ombro e já se sentem assim, para mim não passam de um bando de poser.

Vieram me chamar para falar que os cabos dos instrumentos não estavam encaixando. Ora decerto era só mudarem as posições, que óbvio que eles não sabem fazer isso. Lá tive eu que entrar no salão, e arrumar isso para os pseudos músicos, em menos de um minuto tudo estava funcionando. Até eu escutar o primeiro acorde de um violão. Quase surtei com a afinação daquele pobre instrumento. Ou melhor, a falta dela. Nenhuma pessoa que toque o mínimo possível, pode pensar em tentar dedilhar naqueles tons. Como não percebem isso?

Parei tudo. Ainda estava cedo para eles começarem a tocar para a minha sorte. Levei os instrumentos de corda, os dois violões, um baixo e uma guitarra, para os fundos, chamei o Yago, e junto com um afinador digital, que eu sempre tenho na minha bolsa e começamos a deixar os instrumentos com os sons certos. Olha, se não fosse uma banda que a agência tivesse escolhido, nunca mais tocariam em um evento meu. O mínimo que eu aprecio em uma banda, são os seus instrumentos devidamente bem afinados.

Mas fora isso, tudo ocorreu da forma mais tranquila possível, mesmo com os olhares seguidos da Elis para mim. Ela pensa que me engana, mas não consegue, senti os seus olhos em mim durante todo o tempo e, quando eu perguntei isso para ela, negou até a morte e que eu estava louca. Mal ela sabe que não consegue disfarçar quando mente, ainda mais descaradamente assim. Aceitei a desculpa esfarrapada dela, porque o Yago estava por perto e ela estava cuidando dele, do jeito dela, mas estava. Sempre que olhava para eles, estavam mastigando, tomando alguma coisa ou rindo. Se ele estava se divertindo, já é sinal de felicidade para mim.

— Su, pode vir aqui? — a mulher que me contratou, nunca me lembro do maldito nome dela, me chama. Caminho até ela pensando qual problema eu vou ter que resolver e se vai ser agora que o meu sexto sentido vai estar certo.

— Algum problema? — pergunto logo quando chego até perto dela.

— Capaz, nenhum — Alívio! — Só quero te apresentar a uma pessoa que passou a noite toda elogiando teu trabalho.

Sorrio e acompanho ela até a mesa, por alguns instante fico me perguntando qual seria a pessoa que ficou falando essas coisas de mim a noite toda, até que chego à mesa em que o Noah está, seu olhar sacana, já o entregou e eu balanço a cabeça para ele o que faz o seu sorriso

aumentar uns cem por cento. Olho para o resto da mesa e o meu sorriso vacila por alguns instantes. Rebecca, a agente que não vai com a minha cara, e nem eu com a dela, e aquela que derramou uma taça de vinho na minha cabeça naquele evento fatídico. Acho que é uma boa hora para cobrar o uniforme que essa vaca estragou.

— Pessoal — a mulher fala —, essa aqui é a Su, a promotora do evento, que conseguiu em tão pouco tempo transformar esse evento em realidade — merda, onde me enfio depois dessa? Sorrio fracamente e agradeço silenciosamente. Malditas bochechas e a sua facilidade de ficarem vermelhas assim.

— Acho que já nos conhecemos não é? — Rebecca me olha de cima a baixo e faz uma cara de nojo. A recíproca é a mesma “amiga”!

— Muito prazer! — Noah toma a iniciativa e puxa a minha mão e a beija, sempre mantendo o olhar fixo nos meus olhos, e um meio sorriso. Ele vai levar a brincadeira a sério de não me conhecer.

Rebecca e sua amiga nos olham de um jeito estranho, mas eu não ligo. Prefiro ficar encarando o gentleman que está na minha frente me olhando como se eu fosse a coisa mais linda e importante desse salão.

Por Elis

Caminho até a porta do salão para ver onde a Su está, preciso ficar de olho nela para não cair nas garras das amiguinhas do Noah. E se isso acontecer, não quero nem estar perto quando a coisa ficar feia, porque eu sei que não vou me segurar e manter a tranquilidade vendo falarem uma mínima coisa que for do trabalho da Su.

— Tia Elis vem aqui — Yago me chama. Dou mais uma olhada nela e vejo que ela foi direto para a mesa do Noah, ele que assuma os trabalhos investigativos agora.

Tenho que ser mais discreta como segurança particular, acho que ela já percebeu a minha jogada e por isso veio tirar satisfações comigo àquela hora perguntando se eu tava com algum problema ou ela, porque eu estava sempre olhando na sua direção. Dei de ombros como se não fosse nada e disse que era besteira da cabeça dela. Óbvio que ela não acreditou e ficou com aquela a mesma cara que a minha mãe faz quando era adolescente e mentia sobre alguma coisa que eu havia feito. A maldita me conhece, até melhor que a minha própria família. Mas eu também a conheço melhor que ela mesma, e isso ninguém pode negar.

Quando eu vi ela pela primeira vez, naquela fila do Xerox, sabia que por trás daquela “educação nata” estilo coice de mula, tinha uma menina com medo de tudo e de todos, e que usava isso como um meio de se defender. Só que uma coisa ela não contava, depois que eu a vi pela primeira vez, sabia que seríamos amigas até o final. Além de que, ela foi a única que não me tratou diferente por eu ser do interior, e em certas partes entendia o caos que era chegar em uma faculdade pública, do nada. Sempre morei em cidade pequena onde todo mundo se conhecia e convivia muito com os animais a minha volta. Quando cheguei à “cidade grande” foi um susto e tanto. Pessoas se vestindo e se maquiando como se fossem para uma festa e eu lá, uma meio caipira de calça, tênis e perdida. A Su foi a primeira pessoa normal e não esnobe que encontrei naquela faculdade e no fundo eu sabia que nós duas eramos as deslocadas de lá, teríamos que

unir forças para passar aquilo juntas. Uma pena que ela demorou um pouco para perceber isso. O que eu levei de vácuos dela nas primeiras vezes quase entrou para os livros dos recordes mundial, demorei uns dois meses para ela aceitar o fato que eu sou pior que chiclete, quanto mais ela tentava se livrar de mim, mais eu grudava.

Por fim, consegui descobrir que a minha teoria da personalidade dela estava certa, no fundo, atrás de todos esses medos e inseguranças a uma manteiga derretida nata, teimosa, mas um amor. Só quem a conhece melhor consegue perceber isso. Quando a levei para a minha casa pela primeira vez, ela estava morrendo de medo de fazer alguma coisa errada ou ninguém gostar dela, como se isso fosse possível. Mal cheguei em casa e todo mundo foi para cima dela a assustando perguntando coisas sobre ela e querendo que ela falasse da sua infância e afins, quase matei o pessoal por fazerem essas perguntas e jurei que a Su não ia ficar mais do que algumas horas lá. Mas por incrível que pareça, ela adorou isso e me disse que tinha adorado a minha família e agora entendia de onde vinha os meus parafusos a menos. Foi aí que eu percebi que nunca mais ia largar essa Vaca da minha vida.

Mesmo com nós duas contando os centavos para durar o mês todo, estudantes e pobres na cidade grande, nunca deixamos de fazer algumas loucuras adolescentes. Ou corrigindo, eu fiz e ela me salvava em todas às vezes. Muitos porres de eu nem me lembrar de como fui parar na casa dela, e ela curou com a maior paciência e coices possíveis. Ela sempre teve um receio com bebidas alcoólicas, mas nunca me deixou na mão, por mais podre de bêbada e caindo pelas tabelas que eu ficasse. Poucas vezes que ela se arriscou em algumas das minhas aventuras loucas. No departamento do amor ela sempre foi um desastre, sua baixa autoestima sempre de uma força negativa nesse quesito, mesmo com as minhas ameaças que ia bater nela se ela continuasse a pensar desse modo. Nossa eterna briga, tanto que ficamos um fim de semana inteiro sem nos falar, mas antes da primeira aula de segunda, estávamos nos desculpando uma com a outra, abraçadas no portão da faculdade. Amizade é isso, mesmo com brigas para querer o melhor uma da outra, temos que aceitar quando não querem o nosso conselho. Respeito, cuidado e confiança acima de tudo.

Foi nesse dia que eu percebi que não poderia mudar isso na Su, teria que vir de dentro dela. Alguma coisa teria de acontecer para que isso viesse à tona e ela percebesse a gata que é, de deixar muito dessas Barbies que estão aqui hoje, no chinelo.

Não é que depois de alguns anos isso aconteceu?

Do melhor jeito possível, posso acrescentar. Mesmo assim, a vaca ainda quis fugir dele, quase morri quando ela me disse que não ia responder as mensagens e que queria distância dele. E ainda disse que de louca na vida dela, já bastava eu. Só revirei os olhos para ela sabendo que não é todo dia em que um modelo a convidava para sair. Sim eu fui bem por esse ponto mesmo. Uma vez na vida ela deveria aproveitar um pouco e sair da rotina com um cara que eu imaginava que era o Noah no princípio.

Quando o conheci, não quando eu estava bêbada e disse que ele era cheiroso enquanto me carregava no colo, já que eu não sabia nem em que mundo eu andava. Falo daquela vez das pizzas na casa da Su, quando pude ver as reais intenções dele com ela, avisei, ou melhor, o ameacei de todas as maneiras possíveis, e dolorosas, que se ele a fizesse sofrer a menor coisa que fosse, o que era dele estava guardado.

Mas o que eu vi, foi um cara que estava caidinho por ela à primeira vista. O Noah não conseguia tirar os olhos dela por um segundo que fosse, se essa coisa de intuição feminina existe, ela falou que ele seria o cara certo para ela, que iria conseguir fazer a mudança radical na sua vida, e cabeça, a fazendo enxergar o quão linda e talentosa que ela é.

Ela é foda, em tudo o que faz. Na música arrasa muita banda que faz sucesso na mídia, como pessoa nem preciso comentar, humilde, mas não a ponto de ficar se lamentando pelos cantos, solidária e educada, com quem merece, e teimosa. Depois que coloca alguma coisa na cabeça, nada no mundo irá tirar de lá. No trabalho, nem comento. Comecei junto com ela nesse negócio, e tudo o que ela toca vira sucesso, pode ser da festa com o maior orçamento, aos mais baixos, ela vai fazer o melhor possível, e impossível, com o disponível.

E é por isso que eu estou aflita hoje, se depender de mim, vai continuar assim. Mantive contato com o Noah por telefone e pela Carla o tempo todo. Quando as cobras foram ao banheiro, eu aproveitei e fui junto e também porque eu estava mijando nas calças, como já é normal. Elas entraram e conversaram um pouco sobre a festa em si, que estava péssima e só poderia ter sido trabalho “dela”. Se eu não estivesse sentada no vaso e com as calças abaixadas no meio do xixi, teria me levantado e espancado a cara daquelas duas, sempre quis estourar um silicone na porrada para ver o que aconteceria, já que quebrar dentes, eu já fiz. Mas para a sorte delas, saíram antes de eu terminar o meu serviço.

— Fala seu chato — coloco as mãos no ombro do Yago e ele sorri, quando chego ao seu lado.

Um dia, nos primeiros meses de convivência com a Su, perguntei o que ela fazia aos sábados de dia, já que nunca conseguia marcar nada com ela nesse período. Ela me respondeu atravessada dizendo que não era da minha conta, mas eu já estava acostumada com as patadas dela de educação. Depois de muito a incomodar, e quase apanhar, ela resolveu me levar até o orfanato, mas tive que jurar que ia me comportar e não aprontar nada. Dei a minha palavra de escoteira, aquela que eu nunca fui na vida. Quando chegamos lá, as crianças ficaram loucas na presença dela, uma querendo chamar mais a atenção para contar alguma novidade. Fiquei encantada e emocionada ao mesmo tempo, naquela época eu já sabia que a Su era especial, mas depois disso eu percebi a sorte que eu tinha de ter essa vaca ao meu lado como amiga.

— Quero mais doce!

— Nem pesar — falo para a formiga na minha frente. — Os salgados tu não quer, não é? — ele abre um sorriso com uma janela aberta, no local de um dente de leite.

— Só mais um tia Elis — faz uma carinha de cachorro sem dono. Coloco as mãos na cintura e olho séria para ele, que não se intimida. Reviro os olhos e me dou por vencida. Abro a caixa dos cupcakes de chocolate e entrego um para ele, seus olhos verdes brilham.

— Mas se tu passar mal ou te sujar, a Su me mata — ele ri e soca o cupcake na boca como se estivesse morrendo de fome e não como se esse fosse o décimo, pelo menos.

Checo o meu celular para ver se tem alguma mensagem do Noah e nada. A Carla chega com uma bandeja vazia de taças e me olha com cumplicidade. Caminho até o lado dela e começo a ajudar a colocar as cheias em outras.

— Tudo certo? — murmuro.

— Sim, ela está conversando com o Noah e as mulheres naquela mesa — um arrepio me corre, ela está no covil inimigo com um aliado se fazendo de neutro.

— Fica de olho Carla, elas podem atacar a qualquer segundo na ação mais rápida que conseguirem. Volta para lá que eu cuido das coisas por aqui.

Ela acena com a cabeça e os seus olhos arregalados para mim e sai assustada. Estou me sentindo a capitã dessa frota no meio de tudo isso. Volto para a porta e fico observando tudo com olhos de lince e interpretando qualquer movimento como suspeito. A mesa deles está bem a minha frente, com as víboras voltadas para a minha direção. Noah faz aquele movimento típico de abraçar a cadeira da Su para ir até o seu outro ombro, enquanto ele conversa com a outra mulher, vejo as ridículas zombarem da Su na cara limpa, e com um olhar elas se comunicam e sorriem para ela como se estivessem prevendo alguma coisa. Hora de colocar o nosso plano em prática, antes que alguma coisa aconteça.

Pego o meu celular e mando uma mensagem para o Noah.

Elis: É a tua hora, tira ela daí que as idiotas já devem estar armando, pela cara delas.

Noah: Estava louco que tu me falasse isso! Não aguento mais fingir aqui ao lado dela.

Elis: Então tira essa bunda da cadeira e mostra o que tu tem de melhor para a Vaca!

Por Su

Estranha. Essa é a palavra perfeita para descrever a conversa nessa mesa aqui, de um lado a Érica, descobri o nome da mulher e vou ficar repetindo até decorar, Érica, Érica, Érica... Do outro lado, eu o Noah e duas elegantes senhoras que me olham como se eu fosse um ET. Aliás, nem sei o que eu estou fazendo aqui, estou mais perdida que cega em tiroteio, pensando nas coisas que eu poderia estar ajeitando para irmos embora e se a Elis resistiu aos encantos do Yago e parou de dar os cupcakes pra ele. Já ameacei, se ele passar mal, quem vai cuidar dele amanhã, vai ser ela.

Estou sentada sem nem me mexer, numa postura reta, típica de executiva, para não dar o braço a torcer para essas mulheres falarem alguma coisa de mim. Até que eu sinto uma mão do Noah na minha coxa, maldito! Como quem não quer nada, pego a sua mão e tiro dali antes que ele resolva fazer mais alguma loucura, a seguro com a minha e aperto pedindo para que ele pare. Óbvio que isso não adianta, então ele resolve colocar a mão para cima e colocar sobre as costas da minha cadeira, quase tocando no meu ombro do outro lado. A boca das mulheres se abrem, trocam um olhar cúmplice entre elas e desdenham sorrisos irônicos em nossa direção, enquanto isso o Noah e a Érica conversam sobre alguma coisa alheia. O telefone do Noah toca anunciando uma mensagem, ele lê, abre um sorriso, responde e vira-se para mim.

— Dança uma música comigo? — pergunta com a maior naturalidade do mundo. Oi? Pisco umas duas vezes, até que ele me oferece a mão direita para me puxar.

Ele está doido? Sabe que eu não sei dançar, será que me ver passar por ridícula, ou ficar sem os pés? Sua mão continua estendida e ele pisca para mim.

— Desculpa, mas não sei dançar — sorrio, fazendo ele sorrir ainda mais. Olho para a pista de dança e alguns casais dançam.

— Não me importo — ele me pressiona, de certo deve estar querendo dormir no sofá hoje. Só pode!

— Vamos Su — Érica fala, agora já virou complô —, uma dança não faz mal a ninguém, e eu sei que o Noah é um ótimo dançarino.

Mil vezes droga, não posso fazer essa desfeita para ela, suspiro, reviro os olhos e pego a mão do Noah que fica radiante, mas ele me paga. De um jeito ou outro.

Por Noah

Se ela não aceitasse a dança, eu iria trazer ela a força, dormiria no corredor, nem no sofá seria, mas a tiraria de lá de qualquer forma.

Vi o jeito que a Rebecca e a Lícia estavam olhando para ela com uma cara de desgosto. Ridículo. Sabia que se eu demorasse muito mais naquela mesa, alguma coisa elas iriam falar, acho que estavam só esperando a Érica sair da mesa para começarem a colocar a festa da Su por água abaixo com algum escândalo. daquelas duas, eu não duvido nada.

— Tu está doido? — ela me pergunta enquanto a arrasto para a pista da dança.

— Desculpa senhorita Su, mas não entendi a pergunta — escondo o meu riso.

— Deixa de ser idiota Noah — paro no meio da pista e fico na sua frente.

Linda. Com aquele bico que ela faz quando está brava. Me deixa louco de um jeito que preciso de todo o meu autocontrole para não agarrá-la ali mesmo. Respiro fundo, sorrio e a enlaço. Coloco sua mão direita no meu pescoço, pego a sua esquerda e com a minha direta coloco em cima do meu coração e agarro sua cintura e a puxo bem para perto de mim a fazendo soltar o ar dos pulmões.

— Relaxa Amor — começo a nos embalar devagar, no ritmo da musica lenta a banda toca. — Tu está tensa para cacete. O Yago está bem?

— Sim — ela se mexe ao ritmo que eu induzo. Chupa Elis! Isso sim é dançar e não como tu faz, parecendo que tem um pedaço de madeira enfiada na bunda. — Só acho que a Elis deve estar entupindo ele de comida.

— Deixa a criança comer — falo rindo. — Fora isso tudo está correndo bem, não é? — ela suspira e relaxa nos meus braços. Perfeito!

— Aparentemente sim — ri baixinho. — Acredita que eu e o Yago tivemos que afinar todos os instrumentos de corda?

— A Elis me mandou uma foto, mas eu não tinha entendido o significado dela — balança a cabeça.

— A vaca está estanha, ficou o tempo todo me olhando, como se estivesse de olho em alguma coisa que eu não sei — dou uma volta completa e mais rápida, fazendo ela se agarra mais em mim e sorrir.

— Ela é louca isso sim — desconverso.

Uma música, que parece que por ironia do destino a banda começa a tocar. Perfeita para

o nosso momento.

— Conhece essa música amor? — ela me olha e começa a escutar a melodia e acena que não para mim. Melhor impossível. — Posso traduzir para ti?

— Acho que sim... — me responde com uma cara estranha, não entendendo o porquê eu devo estar com esse sorriso trancado no meu rosto.

Continuo a nos embalar e traduzo a letra da música a fazendo escorar a cabeça no meu peito para escutar direto de onde elas veem. Do meu coração.

Algumas pessoas vivem para a fortuna

Algumas pessoas vivem apenas para a fama

Algumas pessoas vivem pelo poder

Algumas pessoas vivem apenas para jogar o jogo

Algumas pessoas pensam que as coisas físicas

Definem o que está dentro

Eu estive lá antes

Mas esta vida é um tédio

Tão cheia de coisas superficiais

Algumas pessoas querem tudo

Mas eu não quero nada

Se não for você, baby

Se eu não tenho você, baby

Algumas pessoas querem anéis de diamante

Algumas apenas querem tudo

Tudo o que não significa nada

Se eu não tenho você

(-Maroom 5)

Só quero que essa letra faça o seu trabalho e mostre, que nada tem valor se ela não estiver ao meu lado. Que não há nenhuma foto, sessão, cachê e o diabo a quatro, que seja mais importante do que ela estar ao meu lado.

A puxo de volta e olho nos seus olhos, que estão fixos no meu. Coloco as minhas mãos, uma em cada lado do seu rosto, e a beijo. E por incrível que pareça, ela aceita o meu beijo e ainda retribui. Milagre dos céus! Passa os braços pelo meu pescoço e.... Um barulho de vidro se quebrando atrapalha tudo!

Por Su

Mas que porra?

Largo o Noah a tempo de ver a Carla de joelhos no chão com uma bandeja, cheia de taças, vinho e cacos de vidro em sua volta.

— Sua inútil! — Rebecca grita, para todo mundo no salão ouvir. — Será que não sabe por onde olha?

— De... desculpa, eu tropecei — Carla fala quase chorando e se assusta quando me vê na sua frente.

— O que houve? — pergunto olhando para a Lícia, limpando o vestido, sujo de vinho. Coincidência, não é?

— Eu tropecei em alguma coisa Su e...

— E nada — Rebecca a corta. — Olha, esse foi o pior evento que eu já fui na minha vida! — Grita para todo mundo ouvir.

— Rebecca! Cala a boca. — Noah se intromete.

— Noah, olha o que ela fez com a coitada da Lícia, tu sabe que nós desse ramo, não podemos ficar desse jeito — aponta para ela com bem menos vinho no seu vestido que eu tive na minha cabeça.

— É meia dúzia de pingos — ele fala e a Elis chega.

— Eu vi tu colocando o pé para ela cair, sua Ridícula! — Ela fala e vai direto ajudar a Carla a sair do chão, que a essa altura já estava chorando. Se ela continuar aqui, o barraco vai estar armado, e eu aposto que nem o Noah consegue segurar a Elis quando ela fica possuída pelo instinto barraqueiro que habita aquela mente insana.

— Elis, leva a Carla lá para dentro, que eu cuido aqui — ela me lança um olhar, não acreditando que eu estou correndo com ela na melhor parte do evento, a briga. Continuo firme olhando para ela e ela sai dizendo que viu a Rebecca fazendo de propósito, eu acredito. Nada me impressiona vindo dessas duas, ainda mais se é contra mim.

— E agora, quem vai pagar o prejuízo dela? — Rebecca fala olhando para mim.

— A mesma que pagou o meu uniforme quando ela derramou uma taça de vinho na minha cabeça — falo e ela se põe na minha frente. Sério que ela ver fazer esse tipo de escândalo e comigo?

— Escuta aqui sua... — Noah se coloca na minha frente.

— Escuta tu Rebecca, a Elis escutou vocês duas comentando que iam aprontar alguma coisa.

— Isso é mentira — Se faz de ofendida. — Noah, eu te conheço bem melhor que essa aí — aponta para mim e eu reviro os olhos. Nessa hora algumas pessoas já estão na nossa volta.

Alguma amparando a Lícia, que chora como se tivesse sido assaltada e levado um bem precioso, como o bom-senso, ou algo parecido.

— Rebecca me escuta — falo com toda a paciência do mundo. — Tua rixa é comigo, não desconta no meu trabalho, certo? Se tem alguma coisa para me dizer, me fala, sem medo.

Pronto, a desarmeí completamente. Com certeza, ela esperava que eu fosse entrar numa briga. Sou mais que isso. Vou a deixar falar tudo o que tem contra mim e eu vou escutar, mas não vou responder. Simplesmente vou relevar, nem me estressar com isso. Tenho coisas mais importantes para resolver na minha vida, do que escutar piti de barraqueira, ainda mais por causa do Noah. Eu sei que deve ser uma barra e tanto para assimilar que foi trocada por uma pessoa como eu, mas não posso fazer nada.

Noah me olha de um jeito estranho e a Rebecca começa a falar.

— Pois bem por onde eu devo começar? Pelo fato que isso entre vocês dois — aponta para mim e o Noah, não disse que esse era o ponto principal? — é ridículo? Noah, tu merece mais do que isso. Se continuar com ela tua carreira vai por água abaixo — Noah se mete para falar alguma coisa, mas eu o puxo. E a Rebecca ri sarcasticamente. — Ela ainda manda em ti? Qual o poder dela? Alguma coisa ela deve ter, não é? Pelas fotos que eu vejo de vocês dois, é bem forte.

— Rebecca, o que é isso? — Érica dispersa os convidados e puxa ela para um canto, eu e o Noah vamos atrás e a Lícia continua chorando, como uma criança.

Paramos bem perto do banheiro, Rebecca está vermelha de raiva, ainda mais quando o Noah se posta ao meu lado, me protegendo como se eu fosse desmoronar a qualquer momento. Só o que ele não sabe é que isso não vai acontecer. Já deixei muito as pessoas montarem nas minhas costas e falarem o que quiserem de mim e isso me afetar. Agora, depois de tudo o que passei, não me afeta mais. Sou mais eu. Aprendi, a duras penas, a enfrentar isso. Tudo o que ela fala não me atinge, para cada coisa ruim que saiu da boca dela, umas mil boas vem em outras direções. Olho para o Noah e vejo que sou mais forte por ele e pelo Yago, que acabou de chegar aqui.

— Tia Su? — olho para ele, branco como papel e com as mãos na barriga. Aposto que ele está passando mal. E eu decididamente, vou matar a Elis.

— Fala meu Anjo — olho para ele, que se postou bem ao meu lado e esqueço a Rebecca.

— E ainda tem mais esse... — fecho os olhos e olho para ela que está sorrindo irônica. Ela que não invente falar do Yago senão... — Vai cuidar do filho dos outros Noah? — Eles começam a bater boca e a Érica a tentar acalmar os ânimos, e eu, tenho uma coisa mais importante para me preocupar.

— Está enjoado meu Anjo?

— Eu acho que vou... — saio da frente dele a tempo, e só enxergo o jato de vômito indo em direção a Rebecca, dando um banho nos seus silicone.

— Ora seu... — ela levanta a mão para bater nele e por reflexo o Noah a pega no ar.

— Um dedo, ou palavra para eles e eu não respondo por mim — Rebecca faz uma cara

de que não estava entendendo. Mas se ela ousasse bater no Yago, eu iria deixar a Su controlada na puta que o pariu e mandava essa mulher para a UTI. — Demitida! — Noah fala sério, sem vacilar, ainda segurando a mão dela no ar. — Eu me demito dessa agência, e te demito junto.

Abraço o Yago, que está assustado com a cena e todo sujo de chocolate. E começa a chorar. Noah continua a olhar para a Rebecca com um nojo, não do vômito que escorre pelo seu vestido, mas dela em si. E uma ponta de orgulho se enche no meu peito. Nunca na minha vida, iria o fazer escolher entre mim e o trabalho de modelo ao lado dessa aí, mas escutar ele falando isso, fez eu me apaixonar de mais uma forma diferente.

— Noah — Érica fala e ele solta o braço da Rebecca, que olha para o estrago feito na sua roupa em forma de vômito marrom do chocolate dos cupcakes.

— Érica, eu não posso continuar aqui, recindo o contrato agora mesmo — ele passa as mãos nos cabelos, daquele jeito e puxa até fazer o contorno do maxilar. — Pode me mandar um advogado na segunda. Pago todo o valor integral da quebra dele, mas não posso mais aturar as infantilidades da Rebecca com a Su, e o jeito que ela se mete na minha vida pessoal.

— Rebecca — ela se volta em sua direção. — Isso é verdade?

— Não é só isso — ele continua a falar enquanto eu embalo o Yago no meu peito, assustado com tudo isso. — Elas estavam programando alguma coisa para levar a ruína o evento, e com isso a carreira da Su. A Elis escutou no banheiro uma conversa estranha delas e me contou, desconfiamos que elas estivessem armando alguma coisa desse tipo.

Como? Porque uma pessoa iria ser tão má por uma coisa assim? Nunca fiz nada para ela, além de me relacionar com o Noah, será que só uma péssima pessoa por fazer isso?

Pego o Yago e o carrego para a cozinha. Não quero que ele veja o que as pessoas são capazes de fazer por coisas tão ridículas.

— Está brava comiga Tia Su? — ele pergunta quando eu pego um pano úmido e começo a limpá-lo.

Solto um risinho baixo, brava? Nunca! Pode até ser maldade da minha parte, mas o banho de vômito na Rebecca saiu melhor que a encomenda. Com certeza ela não vai conseguir tirar o cheiro, e a mancha, em um simples banho.

— Brava não — passo o pano nele. — Mas eu disse para não exagerar nos cupcakes, não é?

— Desculpa — abre um sorriso se desculpando. Mas quem sou eu para julgar alguém por comida? Quantas vezes quase passei mal de tanto comer quando tinha a idade dele porque estava nervosa, ou pelo fato da comida está maravilhosa.

— Sem problema meu Anjo — termino de limpá-lo. — Só da próxima vez, não exagera, ok? — Levanto a mão e ele bate na minha.

Sento ele em um canto, com o GameBoy e vou até a Carla e a Elis no outro lado da cozinha. Carla chora baixinho em um canto sendo consolada pela a Elis. No final a mais atingida nisso tudo, foi ela, que simplesmente não tem nada haver com a história toda.

— Carla... — me abaixo para ficar na altura dos seus olhos.

— Su — ela soluça —, eu não vi, desculpa, quando percebi, eu já estava caindo em cima dela.

— Não foi tua culpa a Rebecca te usou para me atingir, só que ela não conseguiu. Agora limpa essas lágrimas — brinco e ela ri.

— Como terminou? — Elis pergunta e eu conto a história, desde os xingamentos, ao jato de vômito e o Noah se demitindo. Uau! Falando assim parece enredo de novela mexicana. — Sério que o Yago deu um jato de vômito estilo o Exorcista? E eu perdi de gravar isso e postar na internet? — ela olha para o Yago, concentrado no jogo. — Boa mira Yago — grita para ele que levanta a cabeça e sorri, balanço a cabeça, só a Elis mesmo.

— Elis pega o fusca e leva a Carla para casa, pode ser?

— Não precisa — Carla se levanta —, meu pai vem me buscar e...

— E nada, é o mínimo que eu posso fazer por ti.

— Vocês vão com o Noah? — Elis pega a sua bolsa e eu entrego a chave do carro.

— Sim, amanhã eu pego o Fusca — a abraço, forte. — Obrigada.

— Pelo o quê?

— Nunca desistir de mim, mesmo quando eu era uma vaca contigo — desabafo timidamente.

Quando eu a conheci, era bem mais arisca do que sou agora, e arranhava bem mais que o Gato, mas a Elis nunca desistiu de mim até eu ceder. E eu nunca me arrependi de ter a deixado entrar na minha vida. No fundo, o meu sexto sentido estava certo, mas o que ele não sabia, é que eu tenho uma amiga, louca, para me proteger de todo o mal que possa me acontecer.

— Oh, minha vaquinha preferida — ela me abraça e me esmaga. — Mesmo tu me dando várias patadas, eu nunca vou desisti de ti.

Elas saem poucos minutos depois, e eu começo a arrumar as coisas para encerrar a festa, acho que por hoje chega. Noah entra porta a dentro e vai até o Yago, conversa alguma coisa com ele, o beija na testa e vem até a mim.

— Uma dúvida — se escora em um balcão, onde eu embalo alguns restos dos aperitivos.

— Depende... — falo concentrada no meu serviço.

— Namoraria um desempregado? — olho para ele e balanço a cabeça, irônica.

— Não sei... Vou ter que te sustentar? — Noah joga a cabeça para trás e ri.

— Acho que por alguns bons anos não vai ser preciso.

— Sem problemas então — dou de ombros e ele pega as minhas mãos e me puxa para um abraço.

Enlaço minhas mãos no seu corpo, e quando ele beija os meus cabelos eu solto um suspiro de relaxamento. O que sempre acontece quando eu estou nos seus braços, é como se todas as preocupações e tormentos, por esses instantes, sumissem da face da Terra e tudo se

concentrasse nessa nossa bolha particular.

— Conversei com a Érica, sobre tudo, desde o início — enfio o meu rosto no seu peito, deixo seu perfume me relaxar ainda mais e escuto as batidas do seu coração. — De tudo o que ela fazia, e falava de como eu tinha que comandar a minha vida pessoal. Ela me apoiou sem pensar duas vezes e vai demiti-la junto com a Lícia, disse que na agência dela não ficam pessoas de má índole.

— E mesmo assim tu vai sair?

— Sim — confirma. O solto o olho para ele.

— Não precisa fazer isso só por causa desse incidente. Essa é a tua profissão e eu não quero que eu seja o motivo para a tua demissão.

Abro o meu coração com essa questão. Não quero carregar dentro de mim essa responsabilidade de o fazer desistir de tudo por mim. Assim do mesmo jeito que ele nunca me faria escolher entre ele e os meus eventos. Amar uma pessoa é aceitar ela do jeito que é, não ligando que a sua profissão venha com algumas pessoas que não se importam com os sentimentos dos outros. Mas a única resposta que eu recebo é um sorriso e outro beijo na testa.

— Não é por isso meu Amor, eu já não aguentava mais isso também. E hoje vendo aquelas fotos minhas, me senti um pedaço de carne exposto — ele suspira. — Não quero que as pessoas me conheçam por isso. Foi bom o quanto durou, mas agora eu tenho outros planos.

Seu olhar vagueia até o Yago, sentadinho, alheio a tudo, e se voltam para mim. Encosta a sua testa na minha e me beija de leve, não uma, mas várias vezes.

Depois de algum tempo, nossa bolha particular é estourada pelos meus outros funcionários, me avisando que todos os convidados já haviam ido embora e dou autorização para começar a arrumar as coisas, tudo o que eu mais quero agora é a minha cama.

— Su? Noah? — Érica aparece na porta e quando nos vê juntos, entra com um sorriso tímido. — Eu queria vir aqui pedir desculpas por todos os inconvenientes da noite.

— Acontece — falo. — Acho que faz parte do pacote — olho para o Noah que sorri.

— Vocês dois juntos combinam muito — ela fala olhando para nós dois. — Sabia que alguma coisa tinha te mudado Noah, mas não sabia que poderia ser a melhor do mundo. Sei que nessa profissão, muitos acabam se perdendo pelas aparências, mas ver um dos meus saindo para ter planos tão reais e sólidos, me faz ver que ainda há esperança nesse mundo e me deixam orgulhosa. — Olho para ele, não sabendo desses “planos reais e sólidos” que ela mencionou, mas pelo visto, eu não sou a única que fica com as bochechas vermelhas, quando alguém elogia.

— Obrigado Érica, eu já estava pensando nisso há um tempo, mas de certa forma, hoje veio à coragem para encarar isso, desculpa o jeito de anunciar, mas foi o momento.

— Eu entendo. Bom vou deixar vocês descansarem, e Su... — olho para ela. — No próximo evento, eu te ligo para te chamar para organizar — vira-se e sai pela porta, me deixando com um sorriso.

— Vem, vamos pra casa que eu estou podre de cansado — Noah pega a minha mão, chamamos o Yago e vamos para casa.

Chegamos no apartamento, com o Yago cochilando no colo do Noah, que o leva direto para o banheiro para, no mínimo lavar o rosto decentemente e escovar os dentes para ir dormir. E eu fico com a parte de cuidar da parte de quatro patas da casa, que pela convivência, já não é um morto de fome, implorando por comida, já são os dois.

Chego na cozinha, após alimentá-los e brincar um pouco com eles e me escoro no balcão. Pego uma chaleira e coloco água para ferver, um chá de morango é o que preciso para relaxar antes de dormir. Ouço os passos, o Noah afrouxando a gravata e dobrando as mangas da camisa até os cotovelos cai sentando em uma cadeira.

— Chá de morango? — ofereço.

— Por favor.

Pego duas canecas coloridas do armário e coloco na sua frente preparamos os nossos chás em silêncio.

— Ainda não esqueci do que tu havia me prometido — Noah fala enquanto eu levo a minha caneca à boca. Tomo um pouco e olho para ele.

— O que eu prometi? — pergunto, porque no atual estado de cansada que eu estou, nem sei qual é o meu nome.

— Que se eu me comportasse essa noite tu ia ser o que eu quisesse quando chegássemos em casa — ah! Essa promessa. Ele dá de ombros e sorri maliciosamente.

— Não dá para cumprir essa promessa amanhã? — gemo, se eu cair na cama, vou dormir antes que ele possa começar alguma coisa.

— Não — balança a cabeça. — Promessa é dívida.

— Maldito — reviro os olhos. Promessa é dívida não é? E eu sempre pago as minhas. — Falando em promessas, alguém me disse que ia me mostrar uma certa legenda de uma foto.

— Claro — Noah puxa o celular do bolso e fica procurando enquanto eu saboreio o meu chá de morango.

Pego o seu celular e olho a foto, nós três arrumados antes da festa, daria um quadro, de tão lindo que eles estão, eu sou um caso à parte. Olho para a legenda e a leio, meu coração se derrete em cada letra que ali está na frase: “A cada dia que passa, conheço mais o significado da palavra família”.

Termino o meu chá em uma virada só e me levanto, coloco a xícara na pia, passo por ele, pego a sua gravata e a puxo, fazendo ele se levantar e o arrasto até o quarto. Fecho a porta, ele me agarra e me prensa contra a parede e começa a me beijar como se não houvesse amanhã.

Caio na cama com ele por cima de mim, se antes estava com sono, agora estou completamente acordada e implorando por mais. Sua boca percorre toda a extensão do meu pescoço e ele abruptamente para, ficando só respirando pesadamente sobre o meu ouvido. Me mexo embaixo dele querendo mais, eu estou mais que pronta, e ele... Pelo o que eu sinto, também está, então porque diabos ele parou no melhor momento?

— Para quieta — reclama enquanto eu tento atiçá-lo, mas pelo visto estou fazendo o trabalho pela metade.

— O que aconteceu, parou por quê? — pergunto, ele se levanta apoiando-se nos cotovelo e me olha.

— Para aproveitarmos mais, criei um mostro sexy, que não gosta muito de esperar pelo momento certo para as coisas acontecerem — reviro os olhos e ele ri — Eu estou querendo que dure mais e seja melhor para nós dois, e tu reclama. Bem como tu diz, eu sou mesmo a mulher dessa relação é tu o homem que só pensa nos finalmente.

— Desculpa senhorita, mas são — olho no relógio no criado mudo da cabeceira —, quase quatro horas da manhã, eu quero dormir e agora frustrada. E ainda quero tomar um banho.

— Certo, mas pensei que depois de tudo o que aconteceu essa noite tu iria estar toda sentimental e pensando merdas.

— Que tipo de merdas?

— Ah sei lá, em função as minhas fotos, ou o que a Rebecca disse... — Começo a rir e o beijo.

— Depois de tudo o que eu já passei nesses últimos meses, nem liguei para o que ela disse, mas por alguns segundos, ou horas, fiquei pensando algumas besteiras, mas cheguei em casa e te vi aqui, na minha casa, comigo. Esqueci tudo o que se passava na minha cabeça e aceitei a realidade.

— E qual seria? — abro um sorriso e falo com toda a certeza que eu já tive na minha vida.

— Que nenhuma foto tua, ainda mais antigas — acrescento esse detalhe. Percebi depois de um tempo, aquelas fotos não tinham nada haver com o Noah que eu tenho em cima de mim agora, além da personalidade, o seu corpo estava mais magro e com menos músculos do que ele tem agora, então a minha ficha caiu e eu desencanei com tudo aquilo. — Seriam capazes de destruir o que nós temos agora.

— Minha Fofa está ficando esperta — sorrio e ele me beija.

— Sim, agora vamos terminar isso de uma vez que eu quero dormir.

— Só dormir? — pergunta ofendido. — Pensei que queria alguns orgasmos alucinantes também — começo a rir —, mas já que a tua intenção é só dormir, posso te deixar, se quiser.

— Cala a boca Noah e me beija de uma vez.

Ele sorri e me beija, e dessa vez não para até chegarmos aonde queríamos, juntos.

Capítulo 36

— Que chato! Não aguento mais ir no hospital. — Yago fala emburrado no banco de trás do carro.

Completamos essa semana, três meses de tratamento, e até agora o médico ainda não deu reais notícias sobre o tratamento, e de como está o seu andamento.

— Só não é mais chato do que voltar para o orfanato — ele cruza os braços e faz uma cara de bravo.

— Está revoltado hoje? — Noah ri do banco do carona. Estamos quase chegando para mais uma sessão de quimioterapia.

— Porque é chato Anjo? — pergunto parada no semáforo e o olhando pelo retrovisor interno do carro.

— Porque sim tia Su, eu não gosto de agulhas e sempre fico enjoado depois, sinto falta da escola e dos meus colegas.

Suas crises de enjoos estão cada vez mais frequentes e intensos, dá uma pena só de ver. Conversamos com a Raquel e a diretora do seu colégio, e em comum acordo, resolvemos tirá-lo da escola. É errado, eu sei, mas com o fato de faltar até quatro aulas por semana, estava ficando cada vez mais difícil ele acompanhar os colegas. Então, estamos sempre em contato com a professora para que nos repassar alguns exercícios para ele não esquecer o que já havia aprendido e sempre damos livros e testamos a sua leitura para no ano que vem, ele voltar com força total para a escola, livre de hospitais e enjoos e se tudo estiver certo, já morando conosco.

Ele e o Noah engatam um assunto sobre o que eles vão fazer no fim de semana, já que tanto nós como ele, espera pelas sextas-feiras como se fosse dia de natal. De segunda a quinta ficamos nós dois, sozinhos, sentindo falta da alegria e das ideias inesperadas do Yago que do nada surgem, como fazer panqueca no meio da tarde para comer com brigadeiro de panela. Fomos nós três para a cozinha e rolou uma guerra de farinha que até agora estou tirando do apartamento.

Estaciono o carro em frente da entrada e saímos juntos. Yago ainda emburrado e de cara fechada, Noah tentando fazê-lo se esquecer de tudo e eu carregando sua mochila com algumas roupas para passar a noite. Subimos direto para a ala de oncologia do hospital, damos entrada e vamos para o quarto preparar o moço bravo, psicologicamente para mais uma sessão.

Sim, uma preparação psicológica para ele e para nós também. Não é fácil ter que passar por tudo isso, mesmo Yago encarando tudo de boa, reclamando às vezes, mas nada muito exagerado como vemos por aqui. Crianças que brigam por não quererem sofrer mais, e os pais terem que segurá-los a força, alguns em estágios mais avançados ou quando um não resiste. Quando acontece isso o clima nos corredores fica péssimo, e não conseguimos não deixar de nos contagiarmos por ele. Como se ainda os sentimentos de perda ficassem por mais tempo que o normal, rondando a ala. A solidariedade entre os pais, dos que já ficam permanentes aqui, com aqueles que perderam é emocionante e angustiante. E no fundo, todos têm o mesmo pensamento,

quando e quem vai ser o próximo?

Mas também, a os dias de boas notícias, quando um consegue vencer a doença e deixar o hospital. Sempre tem festa e todos são convidados. Mesmo não ficando aqui sempre, o Yago já conseguiu fazer algumas amizades. Um dia, ele estava entediado ao máximo dentro do quarto, e pediu para dar uma volta nos corredores, fomos com ele e vimos uma dessas festas. Olha, não deixava nada a desejar perto das que eu organizo. A felicidade da criança, um pouco mais velha e com o mesmo tipo de leucemia do Yago, era contagiante, as dos pais então, era como se ele tivesse nascido de novo. Entramos de penetra praticamente arrastados por uma das enfermeiras e conhecemos os outros pais e as suas histórias.

Contamos a nossa também o e desejo de adotá-lo. E desde então, sempre que estamos aqui, vamos à ala conjunta das crianças.

— Será que vai ter teatro hoje? — Yago pergunta subindo na cama para esperar a medicação.

— Não sei — falo. — Bem que qualquer dia poderíamos trazer o violão para tocar com eles um dia, o que acha?

— Shooooooooow! O Felipe — um dos amigos dele —, disse que ia tentar trazer o cachorro dele, podemos trazer o JB e o Gato também se der?

— Claro! E ainda vou pedir para a Elis fazer uns doces para todos.

— Estão planejando uma festa? — Noah fala e eu percebo uma coisa.

— Yago, semana que vem não é o teu aniversário? — Yago pensa um pouco.

— Sim — O rosto dele se ilumina. — Podemos fazer aqui?

— Não sei, posso falar com os responsáveis para organizar uma festinha, tu quer?

— Claro! — Ele abre um sorriso grande e a porta abre com o médico e a enfermeira com os medicamentos.

Conversamos enquanto a instalam o soro com as medicações e o médico pede que nós o acompanhemos até o corredor para conversarmos mais a sós. Saímos e nos sentamos em um sofá, com o médico na nossa frente.

— Algum problema? — questiono vendo que o rosto dele não está um dos melhores.

— Teoricamente, não, só uma coisa que eu preciso conversar com vocês — fala com um ar cansado.

— E o que seria? — Noah pergunta e instintivamente, minha mão procura a dele. A encontro e aperto sentindo que alguma coisa está errada.

— Refizemos os exames no Yago, e percebemos que o tratamento não está chegando aos resultados que queríamos nesse tempo — fecho os olhos e o médico recomeça a falar. — Pensávamos que seria mais fácil lidar com o caso dele, mas vem se apresentando mais resistente do que imaginávamos.

— Qual é o procedimento agora? — Noah pergunta enquanto eu fico processando tudo o que eu escutei.

— Vamos entrar com medicamentos mais fortes e ver se adianta... — ele deixa no ar.

— Senão...? — me virando para ele e o encarando. E ele fala a única coisa que eu não queria escutar.

— Vamos ter que recorrer a um transplante.

Fecho os olhos e deixo mil imagens preencherem a minha mente, do Yago sendo um dos permanentes aqui, em cima da cama, sem o seu brilho no olhar constante e sim abatido. Lutar para conseguir um doador compatível, mesmo com as milhares de campanhas espalhadas pelo país a fora, ainda é muito difícil conseguir com sucesso.

— Mas ainda temos esperanças? — ouço o Noah falando ao meu lado e segurando a minha mão, e ambos apertando juntos.

— Sim, o transplante sempre é o último passo, quando usamos de todos os nossos medicamentos disponíveis e não obtemos sucesso. Mas o meu papel é deixar vocês a par de tudo, para que se precisarmos — ele frisa bem a palavra —, vocês estejam preparados.

— Quando começamos.

— Estamos prontos para começar hoje mesmo — eu e o Noah nos olhamos ao mesmo tempo. — Eu sei que vocês dois não são os responsáveis legais do Yago, por isso, eu já falei com a Raquel por telefone hoje cedo. Por ela está tudo certo também.

— Então vamos começar o quanto antes — Noah fala e eu concordo com a cabeça.

O médico sai pelo corredor, nos deixando sozinhos e sentados. A minha mão ainda continua a ser esmagada, e esmaga a dele. É tudo o que eu mais preciso nesse momento, seu apoio e companhia. Desde o momento em que ele entrou na minha vida, descobri o quanto eu me martirizava por tentar segurar o mundo sobre os meus ombros. Agora com ele ao meu lado, dividindo os melhores e os piores momentos, tudo se tornou relativamente mais fácil e suportável.

— Amor? — Noah vira para a minha frente. — Está tudo bem?

Realmente, eu não sei como responder a essa questão. No fundo, não, eu não estou nada bem. É como se alguma coisa fosse sugada de dentro da minha alma e só restasse um vazio sombrio. E um sentimento de angústia e um misto de tristeza e desespero ocupassem o meu coração.

— Calma minha Fofa — Noah solta a minha mão e me abraça forte. — Ainda temos esperanças, nem tudo está perdido.

— Eu sei — respondo baixinho, quase se fosse um suspiro, não sei se para convencer ele ou a mim. — Mas mesmo assim... — fico reticente, Noah me solta e beija a minha testa.

— Eu entendo meu amor, com todas as letras e sentimentos, eu entendo — uma mecha do meu cabelo, cai no meu rosto e ele afasta gentilmente, levanta o meu queixo até os meus olhos encontrarem os dele. — Mas ainda não podemos nos desesperar. Apenas perdemos uma luta, não a guerra toda. Ainda há muito campo de batalha para nós.

Nos abraçados e ficamos assim por alguns instantes, nos consolado só com a presença um do outro. E por alguns momentos pude perceber que juntos somos mais fortes para combater

tudo o que nos assusta. A porta se abre, e a enfermeira sai do quarto do Yago. Eu e o Noah, em silêncio, mudamos as máscaras, de rostos tristes e para a de esperança e prontos para o que vier.

— Está cada vez mais chato isso aqui — Yago com uma carinha de bravo e emburrado nos recepciona. O nosso guri está bem rebelde hoje.

— Não vem com essa cara de bravo não — Noah se senta na cama ao seu lado. — Já basta aquela ali — ele aponta descaradamente para mim —, com essa cara para nós sempre. Tu é a minha salvação cara, não me desaponta — e começa a fazer cócegas no Yago, que começa a rir sem parar. — Agora sim — risos preenchem o quarto, e até eu abro um sorriso vendo a cena —, esse é o Yago que eu conheço.

— Para tio Noah! — O riso dos dois se intensifica. Yago chega a ficar quase sem ar, tanto que eu tenho que intervir.

— Parem antes que quebrem a cama ou tu perca o teu acesso Yago — eles param com as brincadeiras, mas não conseguem estancar o riso totalmente.

— Viu só — Noah fala entre um riso e outro —, a cara de brava combina bem mais com ela do que contigo cara. — E eles voltam a rir de mim, na maior cara de pau.

Meus destruidores amados. Às vezes tenho medo de deixar os dois sozinhos no apartamento e quando voltar, encontrá-lo destruído, ou incendiado. Cheguei sábado de madrugada, e quando entrei na sala, vi o vidro da minha estante quebrado, só poderia ser obra dos sorrisos de inocentes tomando café comigo, no outro dia de manhã, como se nada tivesse acontecido. Óbvio que quando eu questionei a obra da sala, nenhum dos dois se acusou, a cumplicidade deles é notável a quilômetros de distância. Mas não durou por tanto tempo, já que a minha “cara de brava”, como o Noah se referiu, deve ter colocado algum tipo de medo neles, e em menos de meia hora, eles confessaram o crime.

As duas crianças, sim, porque ainda tenho as minhas dúvidas de quem é o mais velho mentalmente nessa dupla, resolveram comprar uma daquelas bolas que quicam como se não houvesse amanhã. Eles jogavam para o Gato e o JB correrem atrás dela e nem precisa ser muito gênio para saber que isso não ia dar certo em algum momento. Além do meu apartamento não ser lá grande coisa de espaço, claro que aquela bolinha iria se chocar com alguma coisa e fazer um estrago danado.

Puxei o Noah em um canto, depois da confissão, e tive que chamar a atenção dele. Eu não me importo que eles brinquem, mas ele, como responsável e mais velho, fisicamente, porque as vezes os pensamentos dele são os mesmos do Yago, tem que ver quais as brincadeiras são perigosas ou não. E se pegasse na televisão ligada e ela explodisse? Reza a lenda, que a Dona Eulália contou, que isso pode acontecer sim, já que a Elis já fez isso com uma, quando criança. E se eles se cortassem com o vidro? O Yago não pode se cortar e ter uma hemorragia, pode ser sério. E qual foi a minha resposta? Um sorriso sacana acompanhado da frase “relaxa Fofa, e desmancha essa cara de brava, a não ser que queira acabar no quarto agora” e um tapa na bunda. Idiota.

— Cheguei para a alegria de todos aqui — Elis fala de alto e bom som ao entrar no quarto, como se estivéssemos em casa, e não em um hospital.

— Viu passarinho hoje? — Noah pergunta quando ela se senta nos pés da cama do

Yago, sem cerimônia nenhuma.

— Quem dera! Ultimamente nem passarinho, ou qualquer semelhante, como pinto de qualquer tamanho que seja, ou cor — pronto. Levo as mãos até os olhos e juro para mim mesma, que eu ainda mato essa maluca, antes que ela me mate de vergonha.

— Não entendi — Yago fala inocentemente, alternando o olhar entre nós três. Noah começa a rir para o meu maior desespero.

— A tia Elis é uma maluca Yago, não era para entender mesmo — falo.

— Está tão difícil assim Elis? — pelo amor... Alguém ensina para o desempregado do meu namorado, que não damos corda para os malucos? Ainda mais para a rainha deles. Eu não aguento esses dois juntos.

— Seca brava! — Ela fala olhando para os vermelhos das unhas, impecáveis. — Ainda mais agora que eu perdi a minha companheira Gata Gostosa — Noah para de rir no mesmo instante. Isso está ficando cada vez melhor... Finjo mexer na mochila do Yago, como se não conhecesse esses dois, e muito menos o assunto deles.

— E ela te ajudava? — sinto dois olhos azuis, e altamente perigosos nas minhas costas, pego o GameBoy, entrego para o Yago e me sento naquela cadeira que já tem a forma da minha bunda impressa. Penso em qual momento será o mais propício para eu testar a minha imitação de AVC, mas como estou em um hospital, acho que o socorro ia vir rápido demais para calar a boca dos dois. Então decido o mais simples, me meter no assunto.

— Claro — sorrio —, afastava todos de perto de nós. — Mas como a Elis está no meio do assunto, óbvio que ela não o encerra. Solta um gritinho, uma espécie de “pff” e recomeça a falar.

— Que nada, era o centro das festas, todo mundo caía nela, e ela só com o jeitinho educado dela, os afastava. Aí, eles vinham para ser consolados por mim — Elis fala como se lembrasse de algum episódio em especial. AVC é pouco eu acho, isquemia? Epilepsia..? Qual será que vai fazer eles calarem a boca?

— Ah sim! — Noah fala. — O jeitinho educado dela — faz um sinal com os dedos, como se enfatizasse umas aspas nessas palavras. — Ainda me lembro dele nos nossos primeiros encontros — e pisca para mim.

— Pois é — Elis continua —, agora que ela tem vocês dois — e aponta para a ponta da cama, onde o Noah e o Yago estão —, abandonou a amiga querida, amada, legal, linda, inteligente...

— E humilde — completo olhando sério para ela que fecha a boca e encerra o assunto.

Começamos a conversar, sobre assuntos diversos, e mais tranquilos. Não que eu tenha alguma coisa a esconder sobre o meu passado para o Noah, mas já que mudei tanto desde que ele veio para a minha vida... Muitas vezes quero esquecer o jeito que eu era, e de como eu já espantei as pessoas ao meu redor. Eu sei que no fundo, era uma autodefesa minha para não me machucar, e eu nunca me permiti ser cortejada por alguém. Ok, eu sei que esse termo é antiquíssimo, do tempo da minha avó, mas o que a palavra em si representa, certo? Aquele carinho expectativa dos encontros e afins. Nunca tive paciência para essas coisas, e além de que,

na fase certa de vivência dessas experiências eu estava mais preocupada em trabalhar para me sustentar, ou em algum instrumento novo que eu tinha que aprender a tocar.

Não sinto vergonha de quem eu fui, e sou. Só que me vendo agora, percebo como eu fui uma idiota de não ter aproveitado mais as festas que eu ia com a Elis e ficava com uma cara emburrada no canto e ainda reclamando da música, para no final ter que curar algum porre dela. Mas compreendo que não estava pronta para ter algum relacionamento sério naquela época. Minhas prioridades eram outras, minha vida era outra, minha maneira de enxergar o mundo era outra, eu era outra. Precisei me acalmar na vida emocionalmente e financeiramente para poder me abrir a uma pessoa. E não me atirei no primeiro que apareceu. Precisou o Noah vir de outro continente e cair de paraquedas na minha vida e mudar o que restava da antiga e medrosa Su.

— Tia Elis! — Yago fala do nada, e sem desgrudar os olhos do GameBoy. — Semana que vem é o meu aniversário e a Tia Su vai fazer uma festa aqui para mim.

— CAMA ESLÁTICA — Elis grita animada, que chega a bater palmas de felicidade. Nós três levamos um susto.

— Que cama elástica? Bebeu Elis? — pergunto.

— Não vem que não tem Gata. Tu me prometeu...

Ai droga! Alguém me lembra de nunca mais, na minha vida inteira, prometer nada para a Elis, a mínima coisa que seja, porque ela sempre cobra. E geralmente quando a gente menos espera.

— Que promessa? — Noah questiona, alternando os olhares entre nós duas. Elis sorrindo como uma criança e eu de cara amarrada.

— Nenhuma — viro para ele, será que ele ainda não percebeu que esse tipo de pergunta não se faz a Elis?

— A Gata me prometeu que quando fosse o primeiro aniversário do seu filh...

— ELIS — falo rápido para ela não terminar a frase. Ela arregala os olhos e para de falar.

Olho para o Yago, que por sorte está mais entretido com o jogo do que com a nossa conversa. E conto para o Noah a minha dor de cabeça em relação à Elis e a uma cama elástica. Era a minha primeira festa infantil, e a maluca queria pular naquilo de qualquer jeito. Passei o tempo todo de olho no evento e nela para que não fugisse para o brinquedo. No final, para ela desistir dessa ideia ridícula, tive que prometer que na festa do meu primeiro filho, ela poderia pular na cama elástica. Só que eu nunca imaginei que um dia isso poderia se realizar...

Ainda não posso considerar o Yago como meu filho, falta os papéis que me impedem, mas no meu coração, desde que eu tomei essa decisão, já bate por ele incondicionalmente e como se saísse de dentro de mim e carregasse metade do meus genes. Loucura total, mas uma loucura de mãe, eu acho.

— Não sei se vão liberar uma cama elástica aqui. Elis — corto sua empolgação.

— Mas tu vai tentar? Por favor, por favorzinho — reviro os olhos e encaro a suplicante criança de vinte e sete anos na minha frente.

— Vou Elis — ela bate palmas —, mas não prometo nada! — Já aviso quando ela desce da cama numa corrida só e vem me beijar a bochecha.

— Ahhh sabia que tu não ia me desapontar sua Vaca — a empurro, porque já está ficando ridículo isso, até o Noah já começou a rir de mim.

~

— Estou com sono... — Yago fala depois do almoço, com os seus olhos quase se fechando.

Pelo visto a medicação de agora, é bem mais forte mesmo, já que a sonolência geralmente vinha mais tarde. Ver ele, já uns cinco quilos mais magro, desde o início do tratamento, estando a base de drogas fortes, antes, imagina as de agora, dilacera o meu coração completamente.

Perguntei, esses dias, ao Noah, como ele aguentou ver a mãe dele até o fim assim. Seu sorriso bobo de sempre se apagou no mesmo instante em que terminei de falar. Ele me respondeu que a cada dia que passava ao lado dela, percebia que perdia um pouco do seu brilho, e que tudo isso, a deixou depressiva demais. Ainda mais para que ela, que sempre viveu de sua aparência, já que era modelo assim como ele. A raspagem dos cabelos e a mastectomia, foram as piores partes, isso afeta a qualquer mulher que seja, não importando se ela se valoriza ou não. E no final, vieram as dores junto com a metástase nos pulmões, que nem medicações fortíssimas conseguiam controlar mais. Noah me disse, que, às vezes, pedia para alguém em especial para passar aquilo no lugar dela, e em algum ato de desespero, que ela partisse de uma vez para não ter que vê-la sofrer tanto assim.

Depois que me disse tudo isso, ficou esperando o meu julgamento sobre tudo isso, mas no fundo, eu o entendi. Até que ponto vai o nosso egoísmo para tentar manter a pessoa que amamos ao nosso lado, mesmo vendo a doença e seus terríveis sintomas se tornando mais do que ela poderia aguentar, e sua presença ao seu lado era através de um sofrimento extremo? Sinceramente, eu não sei. Não tenho a menor ideia de como é ter que passar por uma situação desse tipo em toda a minha vida, mas compreendi as razões que o fizeram chegar a esse pensamento, visto por muitos, como um absurdo.

— Quer dormir um pouco? — Noah pergunta quando ele boceja e responde que sim com a cabeça. — Fofa — se volta para mim e continua —, vai com a Elis almoçar, eu vou depois.

— Não estou com fome — nunca disse isso na minha vida, mas hoje é a pura verdade.

— Vai Fofa — me olha sério, como se isso fizesse algum efeito sobre mim. — Pode ir, está tudo bem por aqui.

O encaro, séria também, mas ele não cede a minha cara de brava dessa vez. Falo de novo que não vou e começamos uma discussão silenciosa para ver quem ganha “no olho” a briga. Ele vacila o olhar e eu canto vitória antes do tempo, porque ele só queria ver se o Yago já havia dormido para falar em voz baixa para mim.

— Vai agora, que eu estou escutando os teus pensamentos daqui — um Noah bem

diferente está na minha frente agora, completamente autoritário, que deixou até a Elis em alerta.

— Me deixa Noah, por favor, hoje me deixa — respondo no mesmo tom para ele.

— O que está havendo com vocês dois e essa briga territorial aqui na minha frente? — Elis pergunta alternando o olhar entre nós dois. — Algum problema que eu não sei?

— O Yago não está respondendo a medicação, como os médicos esperavam — ouço ele falar. — Tivemos que aumentar a medicação e ela — aponta para mim —, está quase a ponto de surtar de nervosa aqui, por isso que disse para ela sair um pouco.

— Eu não estou a ponto de surtar — bufo. — Só não quero deixar ele sozinho aqui hoje. — Obrigado amor, pela parte que me toca — Noah desdenha e eu já estou a ponto de jogar essa cadeira na cabeça dele, ele entendeu o que eu quis dizer, e fica se fazendo de besta.

Eu não estou a ponto de surtar, só estou nervosa e ansiosa com tudo isso. Uma das coisas que eu sempre me orgulhei, depois de ter saído da casa do meu tio, foi de manter tudo sobre o meu controle. Podia não ter dinheiro no bolso sobrando, mas o que eu tinha era tudo contabilizado e certinho para durar o mês todo, para não haver perigo de precisar de ninguém me ajudando. No trabalho sempre fui assim também. Sei de tudo o que ocorre, e como elas funcionam para poder delegar as tarefas corretamente os meus funcionários. Mas agora, o amanhã é incerto e confuso, e eu não sei o que fazer. Olho para o Noah que me encara e talvez ele esteja com um pouco de razão, eu estou quase a ponto de surtar com essa situação toda.

— Amor... — Ele se ajoelha na minha frente, para focar nos meus olhos. — Vai lá com a Elis, espairose um pouco e depois volta, nós não vamos sair daqui. Por favor — faz um beicinho. — Por favorzinho? — Imita a Elis. Solto um suspiro cansado, mas concordo que isso é o melhor que eu posso fazer por agora.

— Certo — levantamos, e a Elis pula da cama junto.

Dou um beijo no meu anjo que dorme tranquilamente, enquanto a quimioterapia faz o seu melhor trabalho em seu corpo e saio para almoçar e pensar em tudo isso que aconteceu essa manhã.

— Vaca... — Elis começa a falar, depois que sentamos em nossa mesa em um restaurante perto do hospital que descobrimos. Mais simples, mas a comida e o preço são muito mais agradáveis que a cantina.

— Fala.

— Tu sabe que se precisar de mim é só chamar, não é? — aceno com a cabeça, respondendo que sim. Ela pode ser uma maluca desmiolada, mas é a única pessoa que eu sei que posso contar e que eu confio a minha vida. — Sábado, conversando com a minha mãe, ela me pediu para eu te falar algumas coisas.

— Quais? — pergunto curiosa porque sei que a Agnes sempre me fala as coisas mais profundas e bonitas que eu posso imaginar nos momentos mais difíceis, mesmo que ela não saiba disso.

— Que tudo na vida tem um propósito, seja ele para o nosso bem, ou aparentemente não — ela suspira e eu encaro o meu prato sem vontade nenhuma de continuar a comer. — E que às vezes, temos que passar por algumas coisas na vida para sermos felizes.

Escuto tudo o que me fala e fico pensando sobre o seu significado. A Agnes sempre foi de ter a

sua própria filosofia, onde tudo tem algum sentido ou intenções subliminares que não entendemos no início. Nunca a questioneei sobre isso e aceitei todos os seus conselhos sem reclamar, mas dessa vez, eu desabafo com a Elis.

— Se a prova é para mim, porque o Yago, uma criança inocente, tem que sofrer desse jeito? Isso não é certo e nem justo, se fosse para mim, eu que estaria naquele hospital e com câncer — esbravejo um pouco mais exaltada e sinto alguns olhares sobre mim ao redor. Que fodam-se todos!

— Não é assim que as coisas funcionam Su — ela fala baixinho. — Não sabemos quais os testes que prepararam para ele, nem para o Noah, nem para ninguém. Mas de um jeito ou de outro, todos passam por eles — apoio os cotovelos na mesa e escondo o rosto nas mãos, e ela continua. — Analise a trajetória de vocês três... Tu do teu jeito, fechada para todos, mandona, teimosa e nunca aceitando a ajuda dos outros. O Noah vivendo de aparências e querendo mudar, e o Yago, deslocado naquele orfanato. Querendo ou não, vocês se interligaram de algum jeito. Primeiro tu e o Yago pela música e afinidade e depois, tu e o Noah pelo acaso e depois se apaixonaram lindamente. E agora os três juntos por causa disso. No fundo de tudo isso, ninguém pode negar, que não há um tipo de sentido.

Olho para a Elis e por alguns instantes e não vejo a maluca e completamente desmiolada, e sim a melhor amiga e companheira que eu poderia ter e esperar. A minha vaca preferida, que mesmo nos momentos mais difíceis me traz um pouco de esperança para a minha alma.

— Se vocês não fossem fortes o suficiente para lidar com tudo isso, não teriam sido colocados a prova. Agora chegar de falar de tudo isso, temos que bolar uma maneira de colocar uma cama elástica dentro daquele hospital para eu poder pular quantas vezes eu quiser.

E a minha amiga maluca e desmiolada, volta a me atormentar pela maldita cama elástica. Como eu amo essa vaca!

Capítulo 37

— Não surta e não me xinga — Noah fala assim que saímos do elevador em direção ao apartamento na sexta à noite, com o Yago dormindo nos seus braços.

A semana foi... Complicada, resumindo em uma palavra. Febre alta, vômitos, sangramentos e muitas “brigas” pela parte do Yago. O coitadinho não conseguia parar com nada no estômago por mais que alguns minutos, voltava tudo no momento em que batia no estômago. Por isso que só hoje, que foi liberado do hospital e com mais de 12 horas sem crises agudas de vômitos. A febre foi quase sempre constante também, mas segundo o médico, tudo dentro na normalidade para o novo tratamento.

Resultado, estamos os três cansados, mas aliviados por conseguirmos vir para casa antes da próxima sessão de quimioterapia na próxima terça.

— O que tu aprontou Noah? — gemo colocando a chave na porta do apartamento e nem querendo ver à bagunça que ele se encontra.

Teoricamente, só vim em casa para tomar banho, trocar de roupa e alimentar o Gato e o JB. De resto ou eu estava no hospital, ou trabalhando, ou no orfanato. Mesmo estando divididos em 4, entre nós dois, a Elis e a Raquel, eu e o Noah nunca deixamos de dormir ao lado dele nos revezando no sofá mais confortável, e o Noah trapaceando nas minhas vezes, deixando eu ficar bem mais tempo nele, não tive um tempo de passar aqui para arrumar a bagunça que juntou durante a semana. Ontem quando sai daqui, vi que o trabalho que iria me custar para manter isso aqui em um estado normal de arrumação, com toda a certeza do mundo, iria me levar o sábado todo, em torno de baldes, vassouras e panos.

— Não aprontei nada, eu acho — arruma o Yago no seu colo. — Me promete que por hoje, não vai brigar comigo — coloca a mão em cima da minha na maçaneta e eu olho para ele —, só fiz isso para ajudar.

Abro a porta do meu pequeno e bagunçado apartamento, e tenho um choque. O cheiro de limpeza e o chão brilhando, como se tivessem encerado, coisa que eu não faço a uns bons 3 meses, chegam a me ofuscar a visão. Entro devagar olhando para tudo, Noah passa por mim e coloca o Yago deitado no sofá e um Gato e JB curiosos, vão cheirar o seu amigo.

— O que houve aqui? — estou perplexa, passando a ponta do dedo na minha mesa de centro, que sempre tem toneladas e quilos de poeira acumulada que junta de um dia para o outro, e hoje estava parecendo um espelho de tão limpa e brilhante. Elis poderia até se maquiar com o reflexo que sai dele.

Não espero ele me responder e vou até a cozinha, para ver se o milagre foi só na sala ou contaminou o resto dos cômodos da casa. Procuro pela pilha de louça suja que eu tinha deixando aqui ontem depois de sair, e só vejo a minha pia o mais vazia que eu poderia imaginar que ela poderia ficar! Corro até a área de serviço onde fica a máquina de lavar, e procuro pela montanha de roupa suja... E nada! Ela sumiu! Fez “puff” e desapareceu.

Volto para a cozinha e vejo um Noah sorrindo olhando para mim.

— Nem me lembrava que tinha mais um apartamento sabia? E muito menos que toda a semana vai uma diarista limpar. Ela me ligou ontem à noite perguntando se eu ainda morava por ali, e se precisava ainda dos seus serviços, e eu me lembrei que aqui precisava de uma ajuda já que... — ele para e fecha a cara. — Vem que tu não viu o principal.

Pego a mão dele e vamos até a sala, Yago dorme amparado pelo Gato e JB que deitaram ao seu lado, protetores melhores não há para o sono do meu Anjo. Olho para a parede do meu apartamento e um ar-condicionado instalado me chama atenção.

— Tua casa é um forno — Noah fala sério, e eu começo a rir. Ele fala isso porque não passou um verão inteiro por aqui.

Meu apartamento pega sol a tarde toda, então um forno é pouco para ele. No inverno é uma maravilha de quentinho, mas o verão é escaldante. E eu nunca liguei muito para ter um ar-condicionado, além de que a minha conta de luz não ia gostar muito da fatura que iria receber. E como eu nunca liguei muito para isso, o meu ventilador me seguia em todos os cômodos, nem entrou na minha lista de prioridades, mas uma guitarra ou instrumento musical sempre estavam no topo.

— E como eu não sou acostumado com esse calor infernal — rio mais alto, me lembrando de como ele sempre acorda sem a metade das roupas que vai dormir, completamente descoberto e suando se o clima está mais quente.

— Imagino, mas não precisava se preocupar Noah... — ele me abraça.

— Na verdade, não foi só aqui... — olho para ele que abre um sorriso de culpado e me puxa. Vamos até o “quarto do Yago”, ou o meu antigo quarto de música, onde ultimamente os meus instrumentos estão um poucos esquecidos, e vejo mais um ar-condicionado.

— Noah! — Falo!

— Não reclama — e me leva até o nosso quarto, e o que eu encontro? Outro ar-condicionado. — E não briga comigo, por favor.

Olho para ele e depois para o quarto, completamente arrumado, nem eu mesma conseguiria deixar tudo em tão perfeita ordem e estado em que está agora. A colcha rosa de florzinhas, tão esticada em cima da cama que vai dar pena de desmanchar quando eu for deitar e um cheiro de limpeza tão gostoso que me faz sentir tão bem. Volto para o Noah e a única coisa que eu posso fazer, nesse momento, é abraçá-lo. Me jogo nos seus braços, a ponto dele ter que dar dois passos para trás para não cair de bunda no chão. Por mais forte que ele seja, nunca que vai conseguir me pegar no colo sem estar preparado.

— Tu é a única mulher do mundo que fica feliz com ar-condicionados e uma faxina no apartamento de presente — beija a minha cabeça e eu o aperto ainda mais.

— Agradecida é a melhor palavra para o momento. A faxina me tirou um peso das costas — olho para ele. — E os ar-condicionados, tu vai me dar a fatura do teu cartão para eu te ajudar a pagar. — Noah começa a rir.

— Nem pensar e sem discussão Fofa — olho sério em sua direção. — Eu moro aqui também, e isso é o mínimo que eu posso fazer. — Reviro os olhos, mas não desisto.

— A faxina eu pago então — bate na minha bunda, e forte.

— Nem pensar, e eu já avisei para ela vir aqui uma vez por semana para dar uma geral em tudo. Depois do acidente com o sabão em pó, melhor não arriscarmos as estruturas do apartamento comigo perto de materiais de limpeza.

— Noah... Não precisa, eu consigo dar conta de tudo.

— Amor, sem discussão, certo? Para de querer fazer tudo e não aceitar ajuda, eu moro aqui também e posso bancar isso.

— Mesmo estando desempregado? — brinco.

— Nem me fala, estou de olho nos classificados dos jornais todos os dias, mas nada do que eu acho pede como requisito ser ex-modelo e velho — revida e começa a rir.

Solto ele e o beijo.

~

Acordo no domingo de manhã sozinha na cama. Olho no relógio e marca sete horas. Onde estão os meus amores, o Anjo e o chato? Cheguei depois da meia-noite de um evento, e encontrei os dois dormindo juntos aqui. Sexta e ontem, foi um dia relativamente calmo, a febre ainda continuava esporadicamente e fraca, nada de tão preocupante, já que o médico avisou que se passasse de 39°C éramos para ir correndo até o hospital, mas ela se manteve sempre na casa dos 38, 38,5°C, nada para nos alarmar então.

Yago dormiu a tarde toda ontem e antes de eu sair, estava jogando videogame com o Noah, os dois atirados no sofá, com um balde de pipoca entre eles, o Gato e JB aos seus pés. Dei um beijo em cada um e sai aliviada para trabalhar. Mesmo com uma boa noite de sono, ainda não consegui recuperar todo o meu cansaço atrasado, e com a casa toda limpa, aproveitei para fazer as minhas unhas e adiantar o trabalho um pouco.

Chego na sala e vejo o Yago dormindo em cima do Noah, e os dois com roupa bem diferentes da que estavam ontem quando eu me deitei. Chego bem perto e coloco a minha mão na testa dele para ver se estava com febre, sua pele estava pegajosa como se estivesse suado muito. Noah acorda e me assusta do jeito que ele me olha, quase dou um grito quando vi isso.

Ele ajeita o Yago em cima dele, para poder deitá-lo corretamente e sai do sofá deixando ele ainda ferrado no sono.

— O que aconteceu? — pergunto assim que chegamos na cozinha.

— Quer a versão resumida ou a estendida? — Noah pergunta indo direto para a cafeteira e tirando as coisas de dentro do armário para começa a tentar preparar. Ele ainda não consegue fazer nenhum decente.

— Noah, sem brincadeiras! O que aconteceu? Porque vocês dois estavam dormindo no sofá e com roupas bem diferentes das de ontem à noite? — Noah suspira e começa a fala baixinho.

— Ele passou mal ontem, desde pouco depois que tu saiu — me sento com isso que escutei.

— Porque vocês não me chamaram? Era só fazer uma maldita ligação e eu chegava aqui

voando — falo irritada. Porra Noah!

— Não foi nada que eu não tivesse visto ou aguentado antes — termina de preparar o café e me entrega uma caneca. Tomo um gole e faço uma careta, quente, forte e sem açúcar.

— Mesmo assim — levanto, jogo tudo fora o que ele fez, e recomeço a fazer um café decente. — E durante a madrugada? — Noah suspira e se senta.

— Passou mal de novo, febre, vomitou muito e se assustou — paro de fazer o café e viro para ele.

— E tu nem para me chamar? — quase grito e depois baixo a voz.

— Calma, amor. Tu estava dormindo, e as coisas estavam sobre controle. Se tu ficasse junto, do jeito como fica nervosa sobre tudo, ele ia se assustar ainda mais. Por isso não te acordei.

— Porra — coloco as mãos no rosto. — Tu não deveria ter me esquecido assim, eu também estou nessa.

— Nós estamos nessa — ele se levanta e vem até mim, como se isso me intimidasse. — Estou tão envolvido com isso como tu, estava tudo sobre controle. Tu anda cansada, e ainda trabalhou ontem a noite, custa perceber isso? Tem coisas que eu posso fazer sozinho, se fosse tu acordado com ele passando mal, iria me acordar?

Encaro aqueles olhos azuis profundos e fico mais puta da vida. Se ele estava passando mal, era óbvio que eu tinha que estar junto. Por mais cansada que eu estivesse, meu lugar era ao seu lado e não dormindo como se nada acontecesse a minha volta. E se eu estivesse no lugar do Noah, não iria acordá-lo, pois consigo fazer as coisas sozinhas, antes mesmo de ele estar na minha vida já fazia isso, agora não ia ser um problema.

— E então Fofa? — ele coloca as mãos na cintura e me encara. — Iria me acordar ou não? Ainda eu sabendo que tu te entrega de corpo e alma a essa questão, trabalha e ainda quer controlar a situação em todos os momentos, sabendo que não está em tuas mãos, como resolver e pira com isso?

Continuo o encarando e uma vontade de chorar me domina, mordo o meu lábio interno para isso não acontecer. Não preciso cair no choro, ainda mais nesse momento. Noah dá mais um passo em minha direção e me abraça gentilmente.

— Viu só, meu amor — ele pega as minhas mãos e passa por sua cintura. — Eu sabia que tu ia ficar desse jeito, então te poupei de ter que passar por isso e te deixei descansar, para se caso o dia ficasse tenso hoje — encosto a minha cabeça no seu peito e deixo o som do seu coração embalar os meus pensamentos.

— Foi muito intenso? — murmuro depois de um tempo, deixando ele me embalar nos seus braços.

— Um pouco... — suspira. — Foi perto das três da manhã, ele me acordou, ensopado de suor e falando que estava enjoado. Levei ele ao banheiro e mal chegamos e ele começou a dar uma de exorcista — meu coração se aperta escutando isso. — Depois que acabou, tomamos um banho, porque até para mim sobrou, coloquei o termômetro nele e estava com 38°C, dei remédio e ele começou a chorar agarrado em mim no sofá — ai meu Anjo! — O acalmei e ele dormiu em

cima de mim.

Solto o Noah e limpo uma lágrima teimosa que insistiu em cair e eu não pude segurá-la. Volto a terminar de fazer o café. Sinto suas mãos envolverem a minha cintura e ele descansa a sua cabeça no meu ombro e beija ali.

— Minha Fofa... — fala baixinho, deixando sua barba me fazer cócegas, passo as minhas mãos sobre as suas. — Está tudo bem, ok? Não quis te assustar nem nada, mas é que as vezes os sintomas vêm com uma força a mais.

— Eu sei, só que eu me preocupo com tudo isso, mesmo com o médico dizendo que é normal — suspiro olho para ele. — E isso não tem nada de natural, ele é só uma criança, o certo é correr e brincar como uma da idade dele, e não passando mal a esse ponto.

Não consigo, e não me conformo dele ter que passar por tudo isso. Mesmo com tudo que eu e a Elis viemos conversando desde o almoço de terça, ainda não consigo aceitar isso. É injustiça demais para uma simples criança.

— Vai passar... Vai passar meu Amor.

— Não sabemos nada ainda Noah, tu não pode falar uma coisa assim — esbravejo.

— Posso teoricamente não saber, mas sinto isso. E nada mais importa se o meu coração me diz. Sempre que eu o segui, ele estava certo — olho para ele.

— Desde quando? — pergunto intrigada com aquilo, ele me dá um beijo rápido e sorri.

— Quando eu te conheci, minha mente falava “foge que essa é louca de amarrar”, mas o meu coração falava “fica que ela é perfeita para ti” — se afasta e me olha com um brilho no olhar e aponta para si mesmo. — E olha onde eu estou agora? — balanço a cabeça e sorrio. — Aqui, e ninguém me tira mais.

— Nem se eu mandar? — desafio.

— Pode mandar, mas eu não saio! Nem arrastado. Eu e o JB já estamos mais que confortáveis aqui, ainda mais que agora tem ar condicionado e eu não vou mais derreter.

E sai da cozinha me deixando sozinha. Tomo o meu café calmamente e vou até a sala para ver o Yago. Dormindo tranquilamente, dou um beijo na sua testa e ele abre os olhos verdes e sorri, desdentado, para mim.

— Bom dia meu Anjo — senta devagarzinho e coça os olhos.

— Bom dia tia Su — boceja e o Gato vem para o seu colo, já pedindo carinho descaradamente a essa hora da manhã.

— Está tudo bem?

— Sim... — passa as mãos em cima do Gato que ronrona. — Eu estou com fome, posso tomar café? — sorrio.

— Acho que um banho primeiro cairia bem, não é? — olho para o seu pijama que em certas áreas está encharcado de suor. Um bom sinal, significando que a febre cedeu.

Ele sai em disparada para o banheiro e eu o escuto com o Noah brigando por alguma coisa. Já nem dou bola quando eles começam a fazer isso, já que é o tempo todo e pelas coisas

mais insignificantes. E em quase todas às vezes o Noah implica com ele, só para fazê-lo rir de tudo isso.

Ao contrário de ontem, essa tarde ele ficou ativo o tempo todo, brincou, correu pela casa como se não tivesse nada, e reclamou quando o Noah o colocou para estudar um pouco. Como uma criança normal, o que eu tanto sonho para ele.

— Está errado — Noah fala, lá da sala onde eles estão fazendo os exercícios que ele recebeu da professora. — Apaga e faz de novo.

— Mas tio Noah! — Yago suplica, e eu continuo a lavar a louça do almoço que a preguiça só me liberou agora para fazer esperando a do jantar para fazer tudo de uma vez só.

— Sem tio Noah... De novo.

E eles brigam mais um pouco. A matemática é o alvo de hoje, e isso sempre significa que o Yago tem que refazer os exercícios até acertar. Termino de lavar a louça e caminho até a porta da sala e olho os dois de cabeça baixa enfiados nos cadernos. Noah fala alguma coisa para ele que começa a rir e eu abro um sorriso junto vendo essa cena.

A capacidade do Noah de conseguir ensinar as coisas para ele é incrível. Como se fosse a coisa mais natural do mundo, mesmo eu, que ensino música a um bom tempo para as crianças, não tenho o mínimo de jeito para outras matérias como ele tem. Outro dia, eu estava junto com eles fazendo uns exercícios, mas depois de um tempo, desisti de tentar explicar alguma coisa, sempre me enrolava ou me perdia com os pensamentos. Já ele não, conseguia de um jeito esplendido transmitir para o Yago, que prestava atenção em tudo o que ele falava. E se ele não entendesse, mudava o jeito de explicar até que conseguisse assimilar.

— Agora sim! — Noah fala olhando o trabalho do Yago e sorrindo — Viu como é fácil? — ele percebe a minha presença e pisca para mim através dos óculos.

— Não é fácil, e ainda é chato — Yago fala. Noah imita o que ele fala de um jeito diferente e faz ele rir.

— Certo — falo. — Chega de estudos por hoje, Yago, cama para ti que já está tarde.

Ele sai correndo direto para o quarto enquanto o Noah, guarda as coisas de cima da mesa e olha para mim.

— Só para ele? — safado. Aproveito e entro na brincadeira.

— Não sei, mais alguém quer ir? — ele se levanta e caminha até mim vagarosamente, com um sorriso no rosto.

Fico parada esperando o momento em que ele me toca e eu relaxo. Levanta o meu queixo e me beija de leve, sorri e passa uma das mãos do meio das minhas costas até a barra da minha camisola, sobe até a minha bunda, e aperta. Aproveito e provoco um pouco também, coloco as minhas mãos por dentro da sua camiseta e arranho um pouco acima do cós das suas calças e puxo em minha direção para ficarmos completamente grudados. Ele geme baixinho e me empurra até a parede mais próxima, onde eu bato e sai o ar dos meus pulmões, misturado com um gemido baixo. Sua mão sai da minha bunda, percorre a minha coxa e levanta até enlaçar a sua perna, e me beija. Profundo, carinhoso e lento, só para me deixar louca em pleno corredor do meu apartamento. Percorro as minhas mãos nas suas costas, que vale a pena ressaltar, bem

definida, e chego ao seu pescoço e cabelos que eu puxo. Isso sempre o deixa louco a ponto de não ter mais volta depois que faço, e...

— Tô pronto! — Ouvimos o Yago do quarto dele gritar.

Noah desgruda a boca dele da minha com um gemido de frustração. Cola a testa dele na minha e ficamos nos recuperando desse ataque, de ambos os lados, no meio do corredor. Minha perna ainda está enlaçada com a dele, que dá mais um apertão antes de me soltar.

— Eu acho que vou para o banho... — fala baixinho e eu beijo seu pescoço, em cima de uma veia que pulsa descontroladamente.

— Gelado? — saio do meio entre ele e a parede.

— Abaixo de zero de preferência — me dá um tapa na bunda e sai para o banheiro, me deixando no corredor, com uma baita vontade de entrar nesse banho com ele, e demorar muito para sair.

Mas desisto. Me acalmo e mantenho a respiração regular, e vou até o quarto do Yago que me espera deitado na cama para um beijo de boa noite.

— Cadê o tio Noah? — pergunta quando eu me sento na cama e coloco a minha mão no seu rosto a procura de algum sinal de febre.

— Foi para o banho — vejo que a sua temperatura está normal e contendo uma risadinha irônica sobre o banho do tio Noah.

Ajeito ele na cama, dou uns quinhentos beijos em todo o seu rosto, quase o sufocando de tanto carinho. Apago a luz e dou boa noite para o meu Anjo, deixo a luz do corredor acesa para qualquer coisa e vou para o meu quarto e me jogo na cama como se fosse um saco de batatas e fico de bunda para cima abraçada em um travesseiro. Vem sono que eu quero lhe usar e só acordar amanhã e sem nenhum caso de náuseas e febre para atrapalhar o descanso de ninguém essa noite e...

— Acorda — ouço um pedaço de carne quente me amassando, e eu gemo.

— Sai... — o empurro que ri.

Nem dormir em paz eu posso mais? Xingo mentalmente o Noah que passa em cima de mim na cama e liga aquele ar-condicionado que vem direto em cima de mim, como eu me joguei na cama, nem me cobri com o edredom.

— Tira o vento de cima de mim — enterro o rosto no travesseiro e só escuto a sua risada.

— Eu te esquento Fofa — suas mãos começam a percorrer os meus ombros e ele continua a falar. — Está tensa Amor? Quer uma massagem? — sinto uma ponta de ironia nessa última frase. Massagem... Sei onde ele quer chegar com isso, ainda mais depois que o Yago cortou a nossa brincadeira no corredor.

— Eu quero dormir — resmungo, sem nem me dar ao trabalho de abrir os olhos e responder direto para ele.

— Só uma massagem simples, vai relaxar tanto que vai acabar pegando no sono, eu juro — caramba que cara chato.

Sinto ele ficando de joelhos ao meu lado e puxando a minha camisola descaradamente para cima. Tento me arrumar de novo, mas sou repreendida com um tapa na bunda forte e ele mandando eu ficar quieta. Relutante, deixo ele a tirar e fico só de calcinha estilo shortinho, de bunda para cima e congelando, já que o meu namorado gosta de um clima glacial pelo visto.

Sinto suas mãos quentes nas minhas costas geladas, e um arrepio corre por todo o meu corpo. A massagem começa lenta, mas bem mais relaxante do que eu esperava, e aos poucos, sinto as minhas tensões sendo dissipadas e o meu corpo se tornando mais leve. Ouço a respiração do Noah falhar um pouco quando ele desde dos meus ombros em direção ao meio das minhas costas.

— Tu está ficando excitado que eu sei — ouço seu riso fraco constatando o que eu já imaginava, vamos terminar a brincadeira do corredor sem nenhuma interrupção dessa vez.

— Excitado é uma palavra que sempre está em mim quando tu está por perto.

— Mentiroso — desdenho.

— Verdade Fofa — a massagem continua, a mistura do frio com ele quente ao meu lado é altamente viciante, de deixar qualquer um louco. — Pareço um adolescente sem controle, perto da primeira vez.

Solto um riso baixinho, misturado com um gemido.

— Como foi a tua primeira vez? — nunca falamos disso abertamente, e eu aproveito a situação.

— Foi normal, eu tinha 18 anos e ela 17, não lembro direito. Na casa dela e os seus pais apareceram minutos depois que acabou. Nunca me vesti e pulei uma janela tão rápido na minha vida — comecei a rir baixo e ele desceu e beijou o meio das minhas costas.

— E a tua? — pergunta com o seu hálito fazendo cócegas na minha pele.

— Contigo — falo sem hesitar.

— Amor, sei e senti que tu não era experiente, mas virgem eu sei que tu não era — suspiro me lembrando do episódio trágico que foi e começo a falar, essa massagem está sendo um perigo, me levando a momentos de intensas revelações.

— Virgem em tese, eu não era mesmo, mas só pude deixar de ser mesmo, contigo — Noah continua a massagem e pede para eu prosseguir com a história, tomo uma respiração profunda e conto. — Ele era colega da Elis, sempre conversava comigo, mas nunca passávamos disso. Ele era legal, tocava guitarra e sempre os nossos assuntos se resumiam a isso. Estávamos em uma festa, ele bebeu demais e eu não tinha o olho clínico para isso na época — ele ri baixinho —, e ele me beijou do nada, e quando eu percebi estávamos na casa dele e aconteceu. Rápido, sem carinho nenhum e do mesmo jeito que começou, acabou. Do nada. Sai de lá me sentindo um lixo e nunca mais falei com ele, nos evitávamos como alho e vampiros.

Ficamos em silêncio, só com o barulho do ar-condicionado trabalhando nos acompanhando.

— E a segunda vez, foi alguns anos depois, quase do mesmo jeito, mas no final o cara ainda me disse para me vestir, ir embora e não contar para ninguém que ele tinha transado

comigo — Noah para com a massagem.

— Porque ele disse isso? — sinto um tom de voz diferente.

— Eu nunca fui a elegância em pessoa, de certo ele sentiu vergonha de se rebaixar a minha pessoa para fazer isso.

— Ridículo — ele se deita ao meu lado e tira os cabelos do meu rosto. — Mas eu fico feliz por escutar isso — sorri maliciosamente. — Melhor para mim que posso aproveitar de ti o quanto eu quiser — começo a rir baixinho.

— Idiota — viro o rosto para o outro lado.

— Verdade Fofa — me abraça e gruda o corpo dele na lateral do meu. — Uma coisa eu posso assinar em baixo, quem gosta de osso é cachorro. Mulher tem que ter o que apertar. Que graça tem amassar ossos? — sua mão aperta a minha cintura. — Nenhuma! E olha que eu já apertei vários por aí, mas agora não troco nenhum osso por carne.

— E isso eu tenho bastante — falo fazendo ele vir até a mim e me beijar.

— Bastante não, mas o suficiente para mim.

Nos beijamos novamente, e ele consegue me virar e ficar em cima de mim.

— Só para mim — sussurra no meu ouvido correndo a barba em mim e eu me esqueço completamente do sono que eu estava e retribuo todos os carinhos que ele faz em mim.

Estar ao lado do Noah me ensina isso, que mesmo eu não tendo um corpo escultural e perfeito, posso ser venerada e amada como se tivesse. Com tudo que ele passou no meio de pessoas assim, ainda consegue ver uma beleza em mim, onde eu nunca conseguia enxergar. Cada vez mais eu me aceito como eu sou e vejo que para ser feliz, não importa o que os outros acham e sim ter as pessoas certas comigo e que demonstram isso. É, o meu clichêzinho, ainda me surpreende e me mostra cada dia mais, um lado novo para eu me apaixonar mais ainda.

Capítulo 38

Incrível como às vezes a habilidade de alguns dos meus alunos me deixa orgulhosa. Estava desde o início com uma grande dificuldade, com alguns, em uma parte específica da música. E quando cheguei hoje, eles começaram a tocar excepcionalmente perfeito! Mais uma vez comprovando que com trabalho duro e muito treino, as coisas funcionam como queremos.

Falta apenas três semanas para a apresentação deles em praça pública e agora posso dizer que estamos pronto para arrasarmos e darmos um show a parte! O coral, ensaiado pelo Noah com as aulas de inglês, e pela Cris, está lindo também, chega a emocionar vendo eles todos juntos, tocando e cantando a música. Posso até a me arriscar a dizer que fizemos um bom trabalho dessa vez.

— Su! — Raquel entra no meio da minha turma, que tocam aleatoriamente, dei um bom descanso hoje para a turma. Eles merecem.

Olho para ela e fico em estado de alerta. Seu rosto estava assustado e com os olhos arregalados. Larguei o violão que estava em minhas mãos e sai da sala antes mesmo que ela falasse alguma coisa, pois tudo aquilo só poderia significar uma coisa. O Yago não estava bem.

Corro em direção ao seu quarto e quando chego, vejo ele no banheiro. Apoiado em cima do vaso colocando tudo para fora. Umas três funcionárias olham para mim e eu entro afastando todo mundo, sento no chão, pego ele e puxo para o meu colo.

— Tia Su... — ele me abraça e começa a chorar.

— Calma meu Anjo — seu corpinho está todo suado e volta vomitar.

Esse é um dos ataques dos fortes, passo a minha mão em sua testa e vejo que ele está queimando em febre. Com certeza, elas não ficaram monitorando isso e se esqueceram de dar o remédio quando ela começou a ficar mais forte. Porra!

Sei que elas são apenas funcionárias do governo, mas o que custava vir aqui de vez em quando e ver se ele estava quente ou não? Chega a ser uma covardia com ele, isso que está acontecendo agora. Embalo ele nos meus braços entre uma reviravolta do seu estômago e outra. Olho para as três nos olhando espantadas e falo, ríspida.

— Me tragam um pano — elas se olham assustadas com o meu tom de voz e saem se batendo entre si.

Meu Deus! Como vou conseguir ficar em paz no meu apartamento quando o Yago não está comigo agora? Se em poucas horas longe, ele já ficou nesse estado, imagina se ficar por alguns dias?

— Calma meu anjo, eu estou aqui — falo com ele soluçando no meu ombro, até que me lembro de uma coisa que o Noah faz quando ele se assusta assim. — Yago, olha para mim aqui — ele levanta os olhos para mim, cheios de lágrimas e eu tenho um mini ataque cardíaco com isso, mas respiro fundo e encaro a situação com calma e firmeza. — Vamos respirar juntos, entrando o ar pelo nariz e soltando pela boca.

Quando vi o Noah fazer isso pela primeira vez com ele no hospital, achei que era besteira. Mas depois de alguns minutos, o Yago se acalmou e parou de vomitar tão desesperadamente. Ele me olha e começamos a respirar juntos, com o ar entrando pelo nariz e saindo pela boca, profundamente. Fazer isso, me deixa completamente zonzinha, mas se o acalma, eu não me importo de ficar fazendo isso até amanhã.

Yago está muito assustado que se esquece de respirar junto comigo, me imitando, que volta a ter as ânsias de novo, mas como já não tem mais nada para sair, só fica forçando o movimento, o que deve deixar ele todo dolorido em algumas horas. Um pano molhado me é entregue, e eu começo a limpá-lo, sempre mantendo os meus olhos nos dele, e a cada desvio, puxando de volta para mim. Alguns minutos se passam e ele começa a se acalmar e os reflexos do estômago a darem uma folga.

Ouçoo alguém chegando, e quando levanto os meus olhos para a porta, o Noah chega e se senta no chão, junto conosco.

— O que houve carinha? — pergunta e o Yago sai do meu colo e vai para o dele, olho para as minhas calças e vejo que elas não foram poupadas dessa vez.

— O de sempre, e eu tenho quase certeza que ele está com febre — abro a porta do box, e ligo o chuveiro para o Noah dar banho nele, já que nisso ele não deixa eu ajudar, e vou falar com a Raquel.

Deixo os dois ali e encontro ela na porta do quarto, com os olhos arregalados.

— Como ele está? — pergunta cuidadosamente e eu tenho quase certeza que ela andou chorando enquanto eu o acalmava.

— Mais calmo — respondo. — Tem algum termômetro aqui? Tenho certeza que a febre dele deve estar alta.

Ela procura em alguma das gavetas da cômoda atrás dela e me entrega.

— Nunca tinha visto ele desse jeito, é a nova medicação? — concordo com a cabeça. — Meu Deus — ela coloca as mãos no rosto. — Está cada vez mais forte.

— Eu não consigo deixá-lo aqui Raquel, ele vai para a minha casa agora — falo sem cerimônia. Nunca que eu vou conseguir descansar sabendo que ele pode estar passando mal aqui sem ninguém para acalmá-lo.

— Eu não sei se é uma boa ideia Su. O juiz já está em posse dos teus papéis para dar entrada nos outros procedimentos. Se ele descobrir que o Yago foi para a tua casa assim, pode negar a continuação e te proibir de vê-lo.

— Tu sabe que eu não vou desistir, não é? — ela responde que sim.

— Eu sei que não temos a mínima condição de cuidarmos dele, como tu e o Noah fazem, mas eu preciso te alertar disso. Concordo que ele fica bem melhor no teu apartamento do que aqui — suspira e me olha. — Esse processo de adoção, tem tudo para dar certo e se alguém descobrir isso, eu mexo os meus pauzinhos e ajudo vocês — sorrio e vou abraçá-la.

— Obrigada Raquel!

— Não me agradeça, só faz essa criança feliz Su, é tudo o que eu te peço.

E é isso o que eu pretendo fazer, repondo mentalmente, tentando transmitir isso por esse abraço que trocamos. Nenhum juiz no mundo vai me fazer desistir de ter o Yago por definitivo. Movo céus, terras, mares, infernos e o que mais precisar, para conseguir a guarda dele e não vou desistir por nada. Volto a ter que me desdobrar em três empregos e comer cachorro-quente de rua, mas não saio dessa luta sem vencer. Se existe algum livro onde todas as histórias estão escritas, a nossa com certeza, está com esse enredo no final.

A porta do banheiro se abre e o Yago, sai enrolado na toalha, no colo do Noah, e já com um meio sorriso, ainda triste, mas bem melhor do que quando eu cheguei aqui no quarto e o encontrei daquele jeito. Ele ainda está pálido, mais aos poucos isso vai voltar.

— Algum problema? — Noah pergunta desconfiado, com a cara de choro da Raquel e a minha de decidida.

— Nenhum — respondo e sorrio, e olho para o Yago. — Vesti uma roupa que temos que arrumar as tuas coisas, porque hoje tu vai para casa conosco e amanhã temos uma festa de aniversário para arrumar — e agora sim, eu vejo o sorriso do meu Anjo voltando para ele.

Por Noah

O despertador da Fofa toca e eu cato ela em cima da cama, mas me deparo com um projeto de pessoa no meu caminho, que ri quando eu o toco. Abro um sorriso e o abraço, puxando ele para mim.

— Fofa — murmuro com os olhos fechados. — tem um intruso no nosso meio.

Yago começa a rir sem parar quando eu começo a fazer cócegas nele. Depois de ter encontrado ele daquele jeito ontem no orfanato, a Su teve que trazer ele para casa conosco, e se ela não fizesse isso, eu iria tomar essa decisão. Poucos funcionários e muitas crianças para cuidarem, e ele não ia ser atendido corretamente lá. Não julgo os funcionários em si, mas sim o sistema em que trabalham. Todas que ali estão, precisam de atenção, e acredito que seja impossível dar a atenção necessária para todos eles, sem deixar um na mão. Não seria justo para elas, e nem para o Yago.

— Parem quietos vocês dois e me deixem dormir mais um pouco — Su resmunga na ponta da cama, se distanciando de nós dois.

— Sem dormir — falo. — Vamos acordar ela Yago.

Ele se anima todo, nem parece a mesma criança que do nada pode virar uma fábrica de vômito top de linha, como a Elis o chama agora.

— Se encostarem em mim, eu mato vocês dois, seus chatos! — Ameaça, mas não desistimos e fomos ao ataque de cócegas nela. — Ahhhh parem.

— Acorda tia Su — Yago fala rindo mais do que nunca enquanto fazemos cócegas nela que se revira toda.

— Acorda Amor. Bom dia!

— Já acordei — senta na cama, nos afastando.

Toda descabelada, com um pijama rosa de florzinha e cara amassada. Completamente

linda. Se o Yago não estivesse aqui, agora eu estaria puxando ela para os meus braços e beijado ela até não poder mais.

— Levantem vocês também agora — ela fala brava e sai em direção ao banheiro deixando nós dois rindo da sua cara.

Me deito de novo e puxo Yago para perto de mim, e amasso ele um pouco. Ele me abraça e deita em cima de mim. Depois que chegamos em casa, conseguimos abaixar a sua febre com o auxílio de remédios e ele melhorou consideravelmente. Nosso pequeno guerreiro, está enfrentando o que ninguém deveria enfrentar na vida. E mesmo assim, sempre quando está, relativamente bem, fica todo sorriso para tudo. Tirando a matemática e os estudos.

Passar por tudo isso de novo, me assusta muito. Vi essa doença maldita destruir com a vida da minha mãe em poucos meses, mas a minha esperança com o Yago é bem mais forte agora. Mantenho contato direto com os médicos que a atenderam na Inglaterra e com os daqui, sei todos os passos e procedimentos que eles fazem nele e ainda acompanho tudo de perto.

Para completar tudo, ainda tenho a Su ao meu lado sempre, mesmo quando ela está a quase ponto de surtar e briga comigo pelas coisas mais bobas possíveis. E eu relevo, por motivos que eu nunca pensei que me atingiriam. Primeiro de todos, eu sou completamente maluco por essa mulher, desde o jeito arisco dela, até o mais mimado que há por baixo de toda a intensidade que ela tem. Segundo, eu sei o que ela está passando, e me senti assim com a minha mãe, nunca desejaria isso para nenhum inimigo meu, são os piores sentimentos de impotência do mundo. E terceiro, para nós tudo está sendo uma loucura, desde o momento em que nos conhecemos é uma coisa atrás da outra, e isso, às vezes, pode deixar uma pessoa nesse ponto de quase surtar.

Aos poucos vamos nos acomodando e nos adaptando a viver em conjunto.

— Tio Noah? — Yago fala, levantando a cabeça para me olhar com aqueles dois olhos verdes gigantes que chamariam a atenção de qualquer agência de modelo mirim.

— O quê?

— Será que eu vou passar mal durante a festa hoje?

A dúvida toma conta dele após as últimas palavras. Pela animação dele enquanto a Fofa organizava as coisas para o seu aniversário era empolgante de se ver. Tanto que disse para ela que bancava tudo e não me importava o valor que fosse, mas só recebi uma risada irônica como resposta. A que eu sempre recebo quando quero pagar alguma coisa para ela. Nunca que ela me deixaria gastar um centavo, nem mesmo para a festa do Yago. Então, dei a ideia de pagar, pelo menos o presente, e depois de muita briga, ela aceitou. Chegamos a uma conclusão óbvia, só havia uma coisa que ele, mesmo sem demonstrar tanto, queria e chegava a babar quando estava com ela na mão. Mal vejo a hora de ver a reação dele hoje, quando abrir o presente.

— Não sei — ele se deita no meu peito bocejando de sono.

— Vou fazer de tudo para não ficar mal e brincar o máximo que eu puder — passo as minhas mãos sobre ele e a porta se abre.

— Vocês dois me acordaram, com aquela bagunça toda para ficarem deitados aí? — pergunta ela, enrolada em uma toalha e outra nos cabelos.

Começamos a rir para deixá-la mais irritada ainda. E conseguimos, já que ela não é

muito sociável pela manhã, e o seu “jeitinho doce” aparece com força triplicada do que o normal, e pelas minhas contas a TPM também ajuda. Preciso passar no mercado e fazer um abastecimento técnico de chocolate e algumas besteiras aqui pra casa.

— Para o banho — fala chegando perto da cama. — Vamos rápido, que o dia hoje vai ser agitado e promete!

Yago pula de cima de mim e sai rindo em direção ao banheiro, e eu me espreguiço todo e fico admirando o belo espetáculo a minha frente. Ela vestindo a roupa, mesmo quando eu quero tirá-las, mas se eu tentar fazer alguma coisa agora, minhas chances de acabar mutilados, são altas.

Se eu fosse descrever o corpo dela, a palavra escolhida seria proporcional. Nada falta, e nada sobra. Simplesmente linda para mim. As modelos magérrimas que se fodam, mas mulher de verdade tem que tem onde apertar mesmo, não adianta ser virada em pele, osso e silicone. Isso faz perder toda a graça e o prazer dos carinhos trocados.

— Gostando da vista? — ela me olha por cima do seu ombro, vestindo apenas uma calcinha e sutiã rosa claro.

— Ótima vista para uma manhã — sorrio ironicamente.

Revira os olhos para mim e volta a me torturar com aquelas curvas que eu amo me perder e insistem a terem roupas cobrindo. Lembro-me da primeira vez que dormi com ela, de como ficava tímida e constrangida com o seu corpo. Cada vez que a via se escondendo de mim, a minha vontade era de jogá-la contra a primeira parede que encontrasse e mostrar como isso era besteira da cabeça dela. Mas me segurava e a recompensava de outras formas.

Sempre soube que ela tinha pouca experiência em qualquer ramo afetivo, a maneira tímida, quase adolescente, em que nos beijamos nas primeiras vezes, deixava isso muito claro e se confirmou depois de sexta, na nossa sessão de massagem reveladora, que já entrou na lista das melhores coisas para fazer com ela. Mas enfim, escutar dela aquelas histórias de como foi tratada nas suas primeiras vezes, me fez quase sair à caça daqueles idiotas para socar a cara deles até ficarem irreconhecíveis. Mas, uma parte minha me fez perceber que se ela tivesse uma vida diferente, não estaria comigo agora, pois algum esperto já teria roubado o coração dela. Egoísmo? Muito, mas convenhamos, se ela não fosse assim do jeitinho dela e teimosa, nunca teria me apaixonado, mesmo quando eu recebo seus olhares mortais.

Aos poucos ela foi se soltando comigo, se mostrando cada vez mais deliciosa do que já é, e o meu papel de professor particular prático, eu exerço com muito prazer. A cada dia ela fica mais ousada, me surpreendendo sempre, e me deixando mais louco por ela, do que eu já sou.

— Não podemos nos atrasar — ela olha para mim e fala. Com toda a calma e paciência do mundo, para irritá-la, me sento na cama.

— Quer que eu faça o café? — pergunto para o seu desespero, já que toda a vez que eu tento fazer, ela experimenta, joga tudo fora e refaz, deixando o que eu fiz sem comparação e humilhado.

— Não precisa — fala rápido. — Vai ser trabalho dobrado e hoje...

— Não podemos nos atrasar — completo a frase, me levanto só de cueca e caminho em

sua direção.

Chego perto dela e encosto a minha cabeça no seu ombro e a abraço. Fico a cheirando, descaradamente, fazendo com que a mistura, Su, sabonete e shampoo me deixe inebriado e a mordo de leve.

— Bom dia meu amor— me aproximo mais e deixo ela ficar bem ciente da minha animação nessa manhã.

— Bom dia — me responde e relaxa nos meus braços.

Distribuo beijos molhado do início do seu ombro até a sua boca, suas mãos passam pelo meu pescoço e eu aprofundo o beijo até soltar um gemido comprometedor. Corro minhas mãos por suas costas até chegar na sua bunda deliciosa e a puxo para mim. Ela geme de leve, e para me enlouquecer, ainda mais, começa a acariciar o meu pescoço, porque a maldita sabe que fico louco comigo quando faz isso...

— Agora rápido para o banho — do nada ela me empurra e sai rebolando me deixando nesse estado crítico. Para na porta, me joga uma das suas toalhas no rosto e ainda debocha. — Aproveita que está calor e toma gelado.

E sai rindo. Minha provocadora!

~

Com a ajuda de alguns funcionários do hospital a Su conseguiu transformar a ala de oncologia infantil em um legítimo salão de festa. Balões, brinquedos e duas camas elásticas, para a surpresa da Elis, que ainda não sabe desse pequeno detalhe. Ocultamos para não ter que aguentar ela falando nisso o tempo todo. A mesa de doces e salgados já me fez apanhar nas mãos umas três vezes, para parar de comer, enquanto ela arrumava, mas isso era impossível. Tudo está perfeito e, por mim, comeria tudo antes mesmo das crianças chegarem. Enquanto Yago ficava com a Raquel para a infusão de medicamentos, eu e a sua equipe arrumamos as coisas.

Descobri que sou um inútil, quase quebrei uma mesa tentando montar e derrubei um arco de balões quase em cima do bolo. Depois dessas fui encarregado de ir buscar o presente do Yago no shopping aqui perto ou colocaria a festa toda em risco.

Mas agora, com as crianças se divertindo com tudo, um orgulho enche o meu peito. Cerca de 20 com os seus pais estão aqui, não conhecemos todas por nomes, mas ver a alegria das meninas com a pintura facial de borboletas, corações e outros enfeites nas bochechas, e os meninos, morcegos do Batman e outras coisas, vale mais que qualquer riqueza do mundo. Vê-las se divertindo, mesmo algumas estando há meses internadas aqui, é o que mais me emociona. Concorro com a Su quando ela diz que o Yago é apenas uma criança e deveria estar brincando e correndo como uma da sua idade, e conseguir proporcionar isso para ele, e todas as outras aqui, é incrível de se ver. A energia que se emana entre esse salão, é das mais lindas e esperançosas do mundo.

— Ai meu Deus! — Elis se joga ao meu lado no sofá me fazendo dar um pulo de susto, estava completamente perdido nos meus pensamentos aqui. — Nunca pensei que pular na cama elástica seria tão cansativo e divertido. Vou estar mais dolorida amanhã do que se estivesse dado

à noite toda!

Olho para ela assustado, mesmo conhecendo as maluquices dela, ainda me surpreendo com as coisas que ela pode falar assim do nada. Mas aprendi a rir dela, ainda mais de pés descalços, com uma borboleta rosa e roxa na bochecha e descabelada de pular naquilo, tanto que uma das camas elásticas ela monopolizou.

Pego a minha câmera e tiro uma foto espontânea dela. Fiquei encarregado dessa tarefa e registrar todos os momentos da festa, estou quase lotando o cartão de memória de tantas que eu já tirei. E algumas eu já escolhi para imprimir e colocar em porta-retratos pela casa. Percebi que no apartamento da Fofa não tem nenhuma foto, e isso é uma das coisas que eu vou mudar. Até porque velhos hábitos nunca morrem, e uma boa imagem tem o seu valor.

— Nem inventa Noah — ela pega a câmera da minha mão, do nada e apaga a foto.

Pego de volta, antes que ela comece a ver as outras fotos dela. Algumas eu quero usar de chantagem quando eu precisar de algum favor inesperado. Essa é uma arma que eu vou poder usar por um bom tempo com essa Vaca maluca.

— Nunca vi ele tão feliz assim — ela fala e eu procuro o Yago sentado em um dos sofás brancos comendo algum doce, e com o desenho de uma pata de cachorro na bochecha. Dizendo ele em homenagem do Gato e o JB que não vieram para cá.

— Ele me disse hoje que nunca tinha tido uma festa de aniversário — lembro da minha reação quando escutei isso.

O abracei e prometi, silenciosamente que daqui para frente, todos os aniversários dele seria uma festa enorme. Procuro a Su por entre as pessoas e a encontro ajudando a pintar uma criança, pego a câmera, dou um zoom e tiro a foto perfeita, ela rindo e concentrada com um pincel na mão. Mais linda impossível.

— Ela também Noah — Elis continua a falar. — Nunca vi esse brilho no olhar dela e sei que grande parte dele, vem por tua causa — olho para ela e sorrio de leve.

— Acho que nós três nunca estivemos tão felizes assim Elis — mais um clique na minha Fofa e desligo a câmera.

Se felicidade pode ser medida em números, com certeza o meu estava beirando o infinito. Mesmo com todas as adversidades que estamos passando, tenho certeza que o ditado está certo, depois da tempestade vem à calmaria e tudo vai dar certo. O Yago vai ficar curado e também, morar conosco definitivamente.

— Tio Noah! — Yago corre em nossa direção e se joga no meu colo, nem parece que a menos de duas horas fez toda a medicação da quimioterapia completa.

— Fala seu chato — faço umas cócegas nele que ri.

— A tia Su disse que é para ti trazer aquela coisa! — Fala tão rápido e animado que quase não entendo o que quis dizer.

— Ahhhh, aquela coisa... — sorrio.

— O que é? — pergunta curioso.

— Não sei, é uma coisa da tia Su. Não abri para ver — dou de ombros e vejo a vontade

dele saber o que é, triplicar umas vinte vezes.

— Ahhhh eu sei que tu sabe. Me conta, eu guardo segredo! — Implora para mim. Beijo a sua cabeça e me levanto.

— É melhor tu esperar, eu não sei o que é, mas acho que tu vai gostar.

Saio e vou até o meu carro, o único que a caixa gigante cabia, que é quase maior que eu. Quando cheguei à loja e vi qual a Fofa tinha escolhido, pedi para colocarem na maior caixa que tivessem lá, para não ficar tão evidente o que era o presente. Eles a encheram com aqueles pedaços de isopor para não arranhar e ficar bem protegida até a hora em que o Yago fosse abrir.

Subo para a festa de novo e a Su me encontra no meio do caminho e se apavora com o tamanho da caixa. O desenho de uma flor na sua bochecha a deixa com uma carinha de criança, ainda mais com os cabelos presos desse jeito. Se não estivéssemos no meio de um corredor de hospital, puxaria ela para algum quarto e a descabelaria de um jeito ou outro.

— Noah, o que é isso? Comprou a loja toda? — ela me pergunta e bate de leve na caixa.

— Não, é só a que tu escolheu Amor, só pedi para darem uma disfarçada para ele não descobrir tão de cara.

— Ah, certo — sinto que alguma coisa está errada.

— Algum problema? — indago, vendo o jeito nervosa que olha para tudo.

— Não... Bem pelo contrário, está tudo ótimo — um sorriso fixa no seu rosto eu a puxo para um abraço e beijo a sua cabeça.

— Ele está adorando — mal espero para poder sentar no computador e ver as fotos que eu tirei de longe dele, uma mais linda e encantadora que a outra.

— Sim — suas mãos me prendem forte. — E ele me disse que foi a melhor festa do mundo. É tão lindo ver as crianças interagindo com ele, Noah. Nunca pensei que poderia ver uma coisa dessas, a compreensão entre todos que aqui estão é emocionante. E nem... — ela fica em silêncio e solta um suspiro.

— Parece que eles estão com câncer? — completo em tom de pergunta e ela só responde balançando a cabeça no meu peito.

— É como se... — ela para de novo de falar.

— Fosse muito injusto e eles não merecessem? — completo de novo e ela responde da mesma forma. — E não é meu Amor, a vida em si não é justa, para ninguém, de um jeito ou outro. Ou tu acha que ser maltratada pela mulher do teu tio é justo?

Ela levanta a cabeça e me encara com aqueles olhos castanhos que eu tanto amo. A beijo de leve e a abraço mais forte que eu consigo, para mostrar que mesmo depois dela ter que passar por tudo isso, eu estou com ela, para tudo o que vier.

— Nada é justo, e só que às vezes, alguns passam mais problemas que outros — termino o meu pensamento.

— Mesmo assim, não entendo o porquê de tudo isso, a Elis me falou algumas coisas sobre cada um passa por algum problema na vida para buscar a felicidade, no fundo eu penso

assim também.

— Eu também, minha Fofa. Mas a minha esperança vai além disso, e sei que depois que tudo isso passar, vamos ser uma família completa — vejo o seu sorriso e eu complemento. — Casa, cachorro, gato e dois filhos — ela pisca umas três vezes, abre a boca, fecha e entende o que eu quero falar.

— Dois? — um sorriso se espalha no meu rosto vendo a cara de espantada dela.

— Sim, ou tu acha que eu não quero uma fofinha daqui uns anos? — e ela fica me olhando como se eu fosse um ET ou coisa parecida.

Sim, eu já pensei nisso. Estava sem sono, tinha dormido a tarde toda um dia qualquer, e isso me veio a cabeça quando olhei ela dormindo ao meu lado. Descansando serenamente, com a boca aberta, quase babando, que ela jura de pé junto que não faz, e a imaginei grávida de uma filha minha. A imagem de uma Fofinha dentro dela me deixou em êxtase. Ainda mais se ela tiver aquelas bochechas iguais a da Su, vai ser a minha ruína em um pedaço meu.

— Noah tu está falando sério? — começo a rir da cara dela e a beijo, que continua estática.

— Claro, mas não agora. Temos que vencer algumas batalhas primeiro, para depois pensarmos nessa parte. Enquanto isso vamos praticando, para quando chegar a hora e fazermos com todo o capricho do mundo — sorrio e ela ainda me encara de boca aberta, acho que pela primeira vez na vida, consegui deixar ela sem nenhuma reação na vida.

— Tu é mais maluco que a Elis, isso sim — e sai de perto de mim. Parece que não foi dessa vez que eu a deixei sem reação, mas ainda tenho uma vida toda pela frente para conseguir isso. Vai ser a minha meta, depois de conseguir fazer um café que dê para se tomar sem problemas.

Pego a caixa gigante e entramos no salão onde esta sendo realizada a festa. As crianças brincam e se divertem como se não estivessem em um hospital, e a Elis pula na cama elástica com uma menina no seu colo. Yago vê a caixa gigante embrulhada e vem correndo até onde estamos.

— O que é isso? — completamente desconfiado. Nunca ele vai acertar o que tem aqui dentro sem abrir.

— Surpresa — Su fala ao meu lado. — Junta todo mundo para cantarmos os parabéns — Yago se anima e sai para chamar todo mundo.

Depois de reunir todas as crianças e pais, o Yago me fez, junto com a Su, ficarmos ao seu lado enquanto todos cantavam os parabéns, e assoprássemos a vela junto com ele. A Elis ficou responsável pelas fotos, até me deu medo que ela quebre a minha câmera em alguma maluquice, mas depois a percebo limpando uma lágrima vendo a nossa cena e tirando fotos de todos os movimentos que fizemos. Até eu me emocionei, e me segurei para não chorar junto. Primeiro aniversário do meu futuro filho em um hospital lutando contra o câncer.

Yago salta correndo da mesa, sem querer saber se já podia sair da li e vai direto para o presente, quase o dobro do seu tamanho. Algumas crianças, o ajudam a deitar a caixa no chão e destruir o embrulho e a abrir, espalhando isopor para todos os lados. Ele começa a cavar entre os

flocos e quando chega até o presente, olha para nós arregalando aqueles olhos verdes gigantes.

— É uma guitarra — grita. — É uma guitarra!

Ele consegue se livrar de todo o isopor e retira a guitarra verde que a Su escolheu para ele, para combinar com os seus olhos. Só ela poderia escolher a melhor que tinha na loja para ele usar. Essa foi a nossa primeira e única opção quando conversamos sobre o presente. O jeito que ele baba nas da Su, parece o JB quando alguém está comendo e não dá nenhum pedaço para ele.

— Tia Su? É minha? — todo constrangido, pergunta.

— Sim meu Anjo, essa é a tua. Gostou?

— Amei! — Se joga nos braços da Su, e eu ciumento que só, tive que me juntar a eles.

— Obrigada tio Noah e tia Su. É o melhor presente do mundo!

Sorrimos para ele e o beijamos na testa. E como eu disse para a Elis, nós não poderíamos estar mais felizes que estamos agora.

Capítulo 39

Olho no relógio da televisão pela décima vez em menos de um minuto, e agora é oficial, estamos atrasados. E eu detesto chegar depois do horário em qualquer compromisso, por mais simples que seja, como um jantar em um restaurante mais sofisticado do que eu estou acostumada.

— Noah! — Grito olhando para o corredor em direção ao quarto. — Estamos atrasados! Vai demorar muito aí noiva?

Estamos aproveitando que a Elis levou o Yago para o apartamento dela para fazerem uma festa do pijama e vamos sair como um casal normal. Quando ela propôs isso, eu disse que não, e nem pensei em outra resposta a não ser essa. Vai saber o que a maluca vai aprontar com ele nessa noite inteira, mas depois de muito conversar, e o Yago usar uma de suas armas de persuasão contra mim, eu cedi. Contando que se a mínima coisa que aconteça eles são obrigados a me contarem. Essa semana foi uma das mais tranquilas que tivemos ao seu lado. Talvez seja pelo fato que ele passou o tempo todo em volta da guitarra verde que ganhou de aniversário. Ver a felicidade dele em seus olhos, me fizeram amar mais o meu Anjo que nunca.

Noah está se arrumando desde antes de mim, e nada de ficar pronto ainda. Eu tomei banho, escolhi roupa, sequei os cabelos e tentei fazer uma escova, mas vi não tenho nenhuma habilidade e noção de como se faz isso decentemente, e ainda me maquiei, com nada de exagero como a Elis faz, e ele ainda não está pronto. Mais um ponto para ele, no quesito de ser a mulher nesse relacionamento. Já são quantos mesmo? Não sei, perdi as contas, mas ele ganhou um super bônus extra por tocar no assunto gravidez na festa do Yago.

Eu fiquei sem ação quando ele mencionou isso. Um choque, paulada na cabeça, chute no estômago, e tantas outras reações, não chega nem perto de como eu fiquei. Por alguns instantes, me imaginei grávida e com uma vida se formando dentro de mim, isso me assustou muito e em poucos segundos diversas questões preencheram a minha cabeça. Será que eu seria boa mãe? Como deve ser sentir ser chutada por um serzinho indefeso? O Yago gostaria de ter um irmão ou irmã? A Elis aceitaria ser madrinha? O Gato não poderia ficar enciumado e armaria algum plano mirabolante para a criança? Qual seria a reação do Noah em saber que eu estaria grávida? E a única que eu consegui responder foi essa última, apostaria que ele ficaria branco como papel, e desmaiaria em algum momento, seja quando descobrisse, ou na hora do parto.

Mas do mesmo jeito que esses pensamentos vieram, se dissiparam. Não estamos preparados para ter o Yago como filho, que já vai vir bem criado e com boas referências para ser um adulto incrível, imagina receber um do início, desde a concepção ao parto! Não, eu não estou pronta para tudo isso ainda. Nossa vida ainda está muito voltada para a cura do Yago, e é só nisso que temos que focar agora. Eu amo o Noah de um jeito que eu não conseguiria expressar em palavras, mas nesse quesito, se ele começar a me incomodar, nos vamos brigar e feio. Ser mãe é um sentimento que um dia todas as mulheres passam, mas ainda tenho um tempo para processar tudo isso e me preparar psicologicamente para esse turbilhão maravilhoso que deve ser a gestação. Então vou ter que puxar os freios do Noah se ele tocar nesse assunto de novo e dizer para ele que agora não é o momento, e sim daqui alguns anos.

— Já vou... — ele responde me fazendo acordar dos meus devaneios mais loucos que os de antigamente. Estico pescoço para ver pelo o corredor ele na frente do espelho se olhando de todos os ângulos possíveis. Balanço a minha cabeça e continuo a esperar.

A minha ideia inicial, era de ficar em casa de boa, olhando para o teto, mas foi descartada pelo Noah no primeiro pensamento. Óbvio que o meu clichêzinho, não ia querer fazer isso, ou se quisesse, ia ser ao seu modo, de preferência no quarto e fazendo outras coisas. Não que eu não o conheça e sei que de um jeito ou de outro ele vai me arrastar para os seus braços para esse plano original, mas poder juntar as duas coisas, na visão dele, é melhor ainda. Então eu espero ele decidir qual roupa colocar, qual perfume por e assim por diante... Se eu não dormir aqui, não é nada.

Mesmo com ontem, a diarista do Noah, limpando o apartamento impecavelmente, ainda é estranho o fato de outra pessoa estar arrumando o meu apartamento e o deixando com uma cara bem diferente. Então, fiz alguns toques pessoais nele para não perder o meu domínio sobre ele. Coisas simples, como mudar algumas coisas de lugar e também, ajudando o Yago e o Noah com as fotos reveladas do seu aniversário e montar o álbum e escolher as melhores para colocar em porta-retratos pelo apartamento.

Fiquei completamente abismada com a perfeição das fotos que eu vi espalhadas no chão do meu apartamento. Diversa delas, uma mais linda que a outra. Pelo visto o Noah aprendeu alguns truques de fotografia enquanto era modelo, porque as fotos estão perfeitas. Nunca fui fã de imagens onde eu apareço, nunca fui fotogênica, mas aqui eu nem me reconheço. As três que escolhemos em conjunto para colocar em cima da mesa central foi a nossa juntos atrás da mesa de bolo, um com o sorriso maior que o outro, outra do Yago abraçado com a sua guitarra e sorrindo lindamente sem o seus dentes da frente e uma minha e do Noah, com ele atrás de mim me abraçando e com a cabeça apoiada no meu ombro. Ficaram lindas no porta-retratos simples prateado que eu comprei em uma loja de R\$1,99 aqui perto de casa, para o desespero do Noah que queria um caríssimo que tinha visto em outra loja, mas depois de ver as fotos ali, ele concordou que ficaram ótimas, e ainda disse que a simplicidade deles, deixam as fotos mais destacadas.

Procuro o meu celular na bolsa, afastando o sono que começou a chegar, e mando mais uma mensagem para a Elis, para saber como está a noite dos dois. A princípio, eles iam para o shopping lanchar em alguma rede de fast-food que venha com algum brinquedo e depois cinema. Mesmo com o Yago indo às nuvens de felicidade para passar a noite na casa da Vaca, minha preocupação ainda é constante.

Su: Como estão aí?

Elis: Se tu parar de incomodar, conseguiremos aproveitar, relaxa vaca.

Su: Eu to relaxada, esperando a noiva no meu quarto se arrumar.

Elis: HAHHAHAHA bem coisa do Noah mesmo... Te joga nele gata ;)

Su: Ai mesmo que não saímos, nossa reserva é para daqui a meia hora.

Elis: Aff cancela essa coisa e fiquem em casa aproveitando que estão sós e... :)

Su: Idiota ¬¬ por mim ficaria em casa mesmo, mas já que ele insistiu tanto... E o Yago? Como

está?

Elis: Entretido em frente aquelas máquinas tentando pegar um bicho de pelúcia, já gastei as minhas fichas todas e não consegui nenhum, queria um pinguim que tem ali ele é tããããããããããã fofo (o Yago é fofo também, mas aqui me refiro ao pinguim), e eu não consegui pegar ele. Vaca me dá um Pinguim de pelúcia? ã

Su: Maluca, não vou te dar pinguim nenhum, compra se quer tanto. Qualquer coisa me avisa.

Elis: Para de me incomodar, então e deixa eu sofrer em paz por não conseguir o meu Pinguim de pelúcia e vai e aproveitar a tua noite Vaca, quero detalhes amanhã hahahaha.

Su: certo, mas sem detalhes. Vou indo, manda um beijo para ele aí, e Elis QUALQUER COISA ME LIGA!

Elis: ok ok ok ok ok ok ok tchau vaca! :p

Su: Tchau vaca ù

Sinto uma sombra na minha frente e levanto os olhos para um Noah de braços cruzados e uma cara de bravo. Ele demorou para se arrumar, mas não poderia estar mais lindo do que já é.

— Mandando mensagem para a Elis, de novo? — dou de ombros com uma cara de culpada. Não posso fazer nada se eu me preocupo com o Yago, e ficar sabendo como ele está, me acalma.

— Checagenzinha básica antes de sairmos — levanto do sofá. — Está pronto? Vamos então e rezar para que a nossa reserva ainda esteja vaga. — Começo a me virar em direção à porta e ele me segura.

Noah me encara e estende a mão para mim, e eu a pego. Ele solta e faz de novo o sinal. Reviro os olhos para ele e bufo.

— Não vou te entregar o meu celular se é isso o que tu quer — falo.

— Se tu não fizer isso — ele fala —, vai ficar todo o tempo mexendo nele e em contato com a Elis, e isso já é demais Fofa, vamos — ele coloca a mão estendida bem na minha frente e olha para o celular. — Tu precisa dar espaço para o Yago ter uma infância normal, sem dar uma de neurótica com tudo o que ele faz, se alguma coisa acontecer a Elis vai nos avisar, e aí, nós vamos até ele.

— Mas eu fico preocupada Noah, tu sabe com a Elis é uma maluca, e eu tenho medo que alguma coisa aconteça.

— Eu confio plenamente na capacidade da Elis em nos procurar se qualquer coisa acontecer com ele — e começamos a nos olhar, como duas feras, prontas para atacar o adversário.

Ficamos nos encarado, cada um mais teimoso que o outro. Empino o rosto para poder olhar para ele como se eu estivesse no mesmo nível da sua altura, o que é uma ilusão, já que eu sou bem menor que ele. Noah dá uma risadinha irônica para mim e sorri de leve.

— Não adianta fazer essa cara de brava para mim, ainda mais esse biquinho assim —

ele pega com uma mão, as minha bochechas e as aperta para me deixar com um bico mesmo e beija. — Me entrega o celular e nós saímos. Já estamos atrasados, lembra?

— Não vou te entregar nada — rebato o fazendo ficar com o sorriso irônico bem maior. — Se acontecer alguma coisa, como vou ficar sabendo?

— Ele vai estar no meu bolso, junto com o meu — tira o seu das calças e me mostra. — Vamos amor, tu sabe que não resiste ao meu charme e acaba cedendo.

— Idiota! — E não cedo. — Vamos ficar com essa discussão boba ou vamos sair?

— Ok, essa tu venceu — levanta as mãos se rendendo. — Mas se eu ver tu mandando alguma mensagem, sinal de fumaça ou similares para saber como ele está, esse celular vai para dentro da minha cueca, e só vai ter uma forma de tirá-lo de lá.

— Mesquinho — viro em direção à porta. — Se eu te ver no celular, posso esconder o teu no meu sutiã? — se ele pode, eu também posso provocar.

— Deve! — No mesmo instante ele pega o celular e começa a mexer olhando para mim, sorrindo maliciosamente e eu balanço a cabeça, abro para porta para nós sairmos.

Chegamos ao restaurante, com apenas cinco minutos de atraso, eu, que não imaginava qual seria o escolhido, tomei um susto e tanto quando o Noah estacionou no mesmo em que nos encontramos pela primeira vez. O recepcionista tarado, ainda continua a atender, e pelo jeito que me olhou, com certeza, me reconheceu por aquela vez, em que eu estive aqui e ele não tirava os olhos dos meus peitos.

Jantamos conversando e rindo como sempre fazemos. Não pude deixar de fazer uma comparação, na minha cabeça, com aquela Su que veio aquele dia, com a que está sentada aqui agora. Olho para o Noah, escorado na sua cadeira, e que me observa com um brilho no olhar que de tão intenso, quase consigo me enxergar neles.

— Mudamos muito em pouco tempo, não é? — murmuro.

— Muito — concorda e vem mais para frente, saindo do encosto da cadeira. — Mas eu não voltaria a ser aquele Noah nunca mais meu Amor — puxa a minha mão e a beija.

— Eu continuo a mesma — ele ri. — Mas com algumas melhorias — brinco.

— Sim, a mesma que me deixou aqui nesse mesmo restaurante de boca a aberta vendo tanta irreverência e vontade de me mandar me foder, em uma pessoa só.

— Ainda posso te mandar, não sabe? — provoco.

— Eu sei — concorda e eu sorrio. — E isso me deixa com mais vontade de te levar para casa agora mesmo, pois preciso de uma companhia para esse lugar em que tu vai me mandar — solto uma gargalhada um pouco alta e me contenho, me esquecendo de que estou em um ambiente mais chique que o meu normal.

— Opa — vejo de relance que umas duas mesas ao nosso lado se viraram para me encarar. Pego minha taça com água e tomo um pouco para manter a compostura e disfarçar as minhas bochechas ficando um pouco vermelhas com a situação.

— Mas também, tu pode ser uma criança do nada. De uma tigresa em fúria, para uma gatinha manhosa e brincalhona que ri das minhas besteiras e depois fica de bochechas vermelhas

de vergonha — ele volta a se escorar na cadeira, olha para o ambiente na nossa volta e faz uma cara estranha. — Vamos embora?

— Já? — desconfio e olho para os lados, pensando que alguém tinha ficado me encarando sobre o meu acesso de riso nada sofisticado para o lugar em que estamos.

— Vamos! — Noah se levanta e eu faço o mesmo e saímos como se tivéssemos alguma urgência para socorrer.

Ele paga a conta antes mesmo que eu consiga abrir a minha bolsa e tirar o meu cartão de débito para pagar a minha parte. Noah me puxa rumo a porta de saída até o carro, tão rápido que se eu tivesse vindo de salto, já teria caído de cara no chão há muito tempo, ou quebrado uma perna.

— O que houve? — pergunto quando entramos e ele põe o carro em movimento em direção contrária ao apartamento, e uma dúvida me consome. — Noah é alguma coisa com o Yago? — Ele solta uma risada e olha para mim.

— Ah minha Fofa, não foi nada demais, só que percebi que nós não fazemos mais parte daquele ambiente todo chique — faz uma cara estranha e olha para mim. — Prefiro mil vezes uma lanchonete no meio da cidade onde ninguém vai nos olhar feio porque estamos rindo, do que essa formalidade toda. Isso não é vida Fofa, e agora eu percebo que antes eu não aproveitava nada da minha, só agora que consegui ter uma noção do que eu perdi até agora.

Ele pega a minha mão e dirige sem rumo pela cidade, já que o carro é automático, e ele não precisa das duas mãos naquela direção hidráulica para ninguém colocar defeito de tão leve. Meu clichêzinho está deixando a prepotência, para trás e vindo para o lado bom da vida. Aquele em que há muitos problemas, mas que com calma, paciência e perseverança, conseguimos passar por todos eles. E que também, damos mais valor às coisas mais simples e singelas, sem muita ostentação para sermos felizes. Me estico toda no banco para ir até a pescoço dele e beijá-lo de leve ali.

— Eu te amo — falo quase me enforcando no cinto. Precisava falar isso, de um jeito ou outro. Meus ataques de melação, às vezes, vem com uma força brutal, e eu preciso colocar ele para fora antes que eu exploda de felicidade. E hoje, passando esse momento calmo e tranquilo e sabendo que tudo está na mais perfeita ordem, essa declaração, precisava sair mais cedo ou mais tarde.

— Eu também meu amor, mas volta para o teu banco, antes que eu me perca aqui dirigindo e capote esse carro — sorrio e volto para o meu banco, mas sempre com a mão dele junto da minha, que pega e a beija.

Aproveito que estou de carona hoje e começo a ligar o rádio e procurar uma música decente para embalar essa viagem ao desconhecido que o Noah está me levando, só faltava uma melodia perfeita para deixar essa noite mais linda do que já está sendo. Ficar com o Noah por algumas horas como casal normal é mais o que eu poderia esperar. Se em casa sozinhos, ou com o Yago, cada momento é único, quando estamos em algum ambiente público, é mil vezes melhor. Só que eu não encontro nenhuma estação de rádio decente nessa cidade para elevar esse momento às alturas na escala de perfeição.

— Me diz que tu tem algum cd ótimo por aqui — digo impaciente.

— Liga o Bluetooth do teu celular e ativa as tuas músicas — e me repreende. — Só para fazer isso. Sem me enganar. Senão já sabe — ele olha para a sua calça indicando que vai colocar o meu celular na cueca.

Sorrio e pego o meu celular e escolho a música perfeita para o nosso momento, um dueto do Roupas Novas com a Cláudia Leitte, Um sonho a dois. Sabe quando escutamos uma música pela primeira vez e pensamos “um dia essa vai ser a trilha perfeita para algum momento na minha vida”, eu pensei nisso pela primeira vez que a ouvi, mas nunca imaginei que eu poderia enquadrá-la na minha vida. Quando a introdução sai nos auto-falantes do carro, deixando os instrumentos entoarem suas notas perfeitamente, sinto o olhar do Noah em mim.

— Conheço essa música — e sorri.

— Como...? — faço uma cara estranha, ela não é muito conhecida, mas a letra é linda.

— Digamos que essa banda era uma das favoritas da minha mãe, e ela escutava sempre que podia, e ainda cantava. Bem melhor que a Elis, mas cantava — Noah meio que se perde nos seus pensamentos, e eu aposto que deve estar pensando nos momentos que viveu com ela. Mesmo sendo do jeito que ele era, uma coisa que eu não posso negar, o amor e carinho que sente pela sua mãe. Sempre as nossas conversas sobre ela, acaba com ele pensativo e nostálgico.

— Queria ter a conhecido, com certeza era uma mulher linda, em todos os aspectos da palavra.

— Ela teria te amado tanto que causaria ciúmes em mim — o observo do meu banco, ele sorrindo e olhando fixamente para o trânsito leve na nossa frente.

A música continua tocando e ele começa a cantar e eu acompanho nas partes em que a Claudia Leite entoa. Deixo as palavras virem à tona com toda a emoção possível que elas podem alcançar. Nunca fui boa em expressar os meus sentimentos, e muito menos de ficar me declarando para o Noah. As poucas vezes que fiz isso, sempre foram depois de algum momento especial, como eu já disse que o amava hoje, sinto que não foi o suficiente, então, deixo a letra e melodia me auxiliarem com isso. Mas escutar o Noah cantando junto, também é uma declaração para mim. Até que nós dois fizemos um dueto e tanto.

Ela sabe, o jeito de agradar

Um sorriso brincando no olhar

Me fascina com seu jeito de ser

Ela é tudo enfim que eu preciso ter

Ele passa, e o tempo faz parar

Quando fala é música no ar

Me conquista, querendo não querer

Ele é tudo, enfim, que eu preciso ter

(Um sonho a dois - Roupas Novas com a Cláudia Leitte)

~

As sensações de felicidade e plenitude tomam conta do meu corpo nesse exato momento, aliado com a minha respiração ofegante e as batidas descompassadas do meu coração, me deixam flutuando fora de mim de um jeito preguiçosamente gostoso e prazeroso.

Depois do Noah parar de dirigir sem rumo, fomos a um barzinho com música ao vivo, nada luxuoso, bem simples até. Um local aconchegante e com uma banda local nova tocando alguns hits de sucesso novos e antigo. Nos soltamos completamente, parecíamos dois bêbados rindo e brincando, mas era só a nossa espontaneidade e a simples vontade de ficarmos juntos que fazia o seu trabalho.

Dançamos e curtimos a noite de uma forma que eu nunca consegui fazer com a Elis, pela primeira vez, eu me diverti sem medo de alguém poder me ver e pensar alguma coisa de mim. Pois a única pessoa que eu quero que me olhe, é o Noah e sei, ele gosta de mim do jeito que eu sou. E sim, ele me fez dançar com ele várias músicas até eu começar a pedir arrego porque não conseguia mais, minhas pernas já não me obedeciam de tão cansadas que estavam. O “Sr. Sou O Melhor Dançarino Da Pista”, e convencido, me fez de gato e sapato naquela pequeno espaço apertado e que estava atolada de pessoas nos amassando, inventando maluquices tentando me fazer dançar com ele. Nunca ri tanto na minha vida.

Saímos de lá suados e cansados. Mas nada vez ele desistir do seu plano maligno final, me agarrar descaradamente no elevador do prédio enquanto subíamos para o apartamento. Se a câmera de segurança flagrou o momento em que o Noah enlaçou os meus cabelos em uma mão, os puxou para baixo com uma certa força, fazendo com que eu levasse a cabeça para trás e me deixando completamente vulnerável para beijar, nada delicadamente o meu pescoço, vou ter que passar de cabeça baixa de vergonha, pelo porteiro de plantão por toda a minha vida daqui por diante. Mesmo eu pedindo para ele parar no início, no fim cedi e deixei o desejo de o deixar fazer o que quisesse comigo falar bem mais alto. Por sorte, o trajeto do elevador é curto, e conseguimos chegar a tempo no apartamento para ficarmos mais a vontade.

— Acho que não sinto as minhas pernas — falo deitada em cima dele, escutando o seu coração, que aos poucos começa a se acalmar.

— Então to fazendo um trabalho mal feito, era para ti não estar sentindo nada — beija a minha cabeça e me abraça.

— Se tu tentar mais alguma coisa, eu desmaio — Noah ri baixinho fazendo com que o som que venha de dentro dele seja umas três vezes mais alto e profundo. Oh merda, estou parecendo aquelas mocinhas melosas dos filmes. Então decido voltar a ser a mesma Su de sempre. — Estou com fome.

Nem por toda a comida do mundo, eu conseguiria me manter satisfeita com todas as atividades físicas que nos fizemos desde que saímos daquele restaurante chique. A comida era ótima, mas as porções, mínimas, aí não dá mesmo para aguentar o rombo que está o meu estômago nesse momento. Mais parece um buraco negro pronto para engolir uma galáxia inteira.

— Acho que tem leite condensado ainda, vou fazer uma panela de brigadeiro — me levanto e olho no relógio, não ligando que são quase três horas da manhã.

Noah olha para mim, que estou me levantando de cima dele e indo para o banho. Sinto o seu olhar em todo o meu corpo, sem deixar passar um pedaço que seja. Idiota. E ainda abre um sorriso malicioso e começa a se levantar junto.

— Nem inventa em me acompanhar no banho Noah, com a fome que eu estou, te comeria vivo lá no banheiro — e agora mesmo que ele se anima todo.

— Não se eu te comer primeiro, vem Fofa — me puxa sem cerimônia nenhuma e me leva para o banho sem promessa nenhuma que vamos sair tão cedo.

Agora é oficial, se esse brigadeiro, não esfriar em menos de 5 minutos, eu como a casa toda, e até essa maldita panela que está imersa em água gelada e eu mexendo o doce desesperadamente para começar a atacar. Já são quase quatro e meia da manhã e eu estou uma fera de fome, e o Noah para me ajudar, está sentado à mesa rindo de mim.

— Ahh foda-se, vou comer isso morno mesmo — falo pegando um pano, para secar a bunda da panela, duas colheres e me sento ao seu lado.

Pego uma generosa porção desse doce dos deuses e deixo eles me fornecerem um orgasmo alimentício intenso e calórico nessa madrugada. Agora sim, o monstro que habita o meu estômago pode se acalmar e me deixar em paz por algumas horas. Mais uma colherada, do tamanho das minhas coxas gigantes, e eu solto um gemido de satisfação.

— Isso está divino — reviro os olhos em resposta ao prazer que a combinação de leite condensado e chocolate podem fazer em mim.

— Nunca entendi a obsessão por esse doce — Noah pega um pouco e come, bem mais civilizado que eu, que se der, pretendo comer essa panela toda. Sem remorso nenhum pela manhã seguinte.

— Não sei — pego mais um pouco e enfio na boca como se fosse a última vez que eu fosse comer na vida —, mas que é ótimo, isso ninguém pode negar.

Ele ri da minha animação com o doce mais perfeito do mundo e eu aproveito que já estamos em casa e dou uma olhada no meu celular que pisca uma notificação. Abro e baixo a foto da Elis, o Yago e o Pinguim de pelúcia, e a legenda “Consegui o meu pinguim! Adeus vida amorosa, todo o meu amor é por ele agora”, que foi recebida um pouco depois da meia-noite. Agora sim posso comer em paz a panela toda de brigadeiro, sem nenhuma preocupação me estressar, meu Anjo está bem com a Vaca.

Depois de comermos quase toda a panela, a campainha do apartamento toca nos fazendo dar um pulo de susto. Quem nessa face da terra poderia bater na minha casa a essa hora. Noah e eu trocamos um olhar e nos levantamos rápido em direção à porta. Alguma coisa me avisava que notícias boas não poderiam ser. Afinal, notícia ruim, sempre chega mais rápido que as boas. Abro a porta, não importando quem seja, ou o fato de que eu estou vestindo apenas um pijama simples, e o Noah só está de cueca.

A visão do meu tio, completamente abatido e com lágrimas nos olhos me aparece e antes mesmo que eu possa abrir a minha boca para fazer a pergunta mais simples, ele me abraça e começa a chorar como uma criança.

— Porque tu nunca me disse que ela fazia isso contigo minha filha?

Capítulo 40

— Porque tu nunca me falou nada minha filha? — meu tio fala entre um soluço e outro, me deixando completamente assustada.

Seu abraço se intensifica de um jeito que eu nunca recebi dele assim. Os soluços ficam mais fortes e eu não tenho ideia de como acalmá-lo. Olho para o Noah, que fechou a porta do apartamento, e também não entende nada dessa cena que se desenrola a nossa frente.

— Tio aconteceu alguma coisa? — tento falar com o mínimo de oxigênio que consigo soltar, daqui a pouco as minhas costelas vão se desintegrar por esse abraço de urso, e desesperado, que recebo.

Ele me solta, limpa as lágrimas, vai até o sofá e se senta. Olha para mim e para o Noah, que vem até mim, e começa a falar baixo.

— Eu descobri tudo o que a Regina fazia comigo — coloco uma mão na boca de surpresa, com tanta coisa acontecendo na minha vida nesses últimos dias, nem me lembrava da existência dela, ainda mais depois daquele nosso último encontro. — Traições, roubo de dinheiro e os teus maus tratos Su. Porque tu não me falou isso quando mais nova? Eu teria feito alguma coisa.

Por um segundo ou dois, meu corpo para de responder aos meus comandos e eu me vejo como criança de novo, escutando todos os xingamentos e ameaças que ela me falava. Instantaneamente, me abraço, tentando de alguma forma, proteger a menina que sofreu tudo isso dentro de mim.

— Agora eu entendo — ele volta a falar —, esse teu jeito. O modo que tu saiu de casa assim que fez dezoito anos, de quase nunca aparecer lá em casa e tantas outras partes introvertidas de ti. Su — ele me olha —, o que ela fazia contigo?

Desvio o olhar para o chão e me volto para uma cena que muito me assombrou os meus sonhos naquela época. Eu devia estar com uns oito anos, não me recordo bem, mas estava tocando piano, já tinha acabado todas as minhas lições e ajudado a Rosa na cozinha com a louça. Estava até feliz, tinha conseguido tirar uma música sozinha e estava praticando um pouco mais até ficar perfeita. E então ela chegou. Parou atrás do piano e do nada começou a me humilhar, gritando e me chamando de gorda inútil, e quando chegou perto de onde eu estava, fechou a tampa do piano com toda a força. Foi o quanto o meu reflexo funcionou e eu consegui tirar as minhas mãos de cima das teclas. E isso, a deixou mais irritada ainda, pois ela queria provar, que se tivesse caído em cima dos meus dedos, eu não sentiria nada de tão gorda que eu estava.

Sai de lá chorando como eu já estava acostumada a fazer, mas dessa vez, o jeito que ela me abordou, foi bem pior que as anteriores e me assustou. Fui até o meu quarto, busquei o meu cobertorzinho, o mais surrado possível, mas era o único que me consolava nessas situações, e caminhei para o jardim. Cheguei até a maior árvore que havia lá, e me escorei nela e fiquei chorando até quase anoitecer e eu pegar no sono por lá mesmo. Acordei, com o Mário, me pegando no colo e trazendo até o meu quarto e me colocando na cama.

Fiquei quase um mês sem chegar perto do piano, com medo de ser quase mutilada de novo, ainda mais com aquela tampa pesada que tinha aquele. As tantas outras cenas com ela gritando comigo começaram a vir com uma força surpreendente, coisa que não acontecia há muitos tempo. A angústia e a tristeza de reviver aqueles momentos terríveis vêm até mim quase me derrubando no chão.

— Amor? — ouço o Noah me chamando e me tocando, me tirando daquele sonho de novo. — Está tudo bem?

— Sim... — olho para aqueles olhos azuis e preocupados comigo. — Nada demais — pisco algumas vezes, caminho até o lado do meu tio e me sento. — Já passou.

— Não Su — ele me fala colocando a mão no meu rosto de leve —, tu sempre foi uma menina alegre e feliz, eu percebi quando isso se apagou dentro de ti depois de alguns anos. O que ela fazia contigo te deixou assim?

Eu não me lembro de muita coisa antes que ela se casasse com ele e fosse morar conosco, minhas memórias de infância, só aparecem nos momentos em que ela falava alguma coisa para mim e me deixava para baixo. Mas o que eu falei, foi a mais pura verdade, já passou e eu sobrevivi a tudo aquilo. Por mais tensa que essa parte da minha existência tenha sido, eu venci. E hoje, se sou essa pessoa assim, determinada, independente e dona do meu próprio nariz, é por tudo isso.

— Eu não sei. Acho que foi uma mistura de tudo o que aconteceu comigo, e me fizeram do jeito que eu sou.

Meu tio volta a chorar e eu não sei o que fazer para consolá-lo. Uma parte de mim quer vibrar por a casa dela ter caído e ele descoberto tudo, mas por outro lado, ver ele assim, e perguntando o que ela fez comigo, me corta o coração. Sempre quis a sua felicidade, e sou grata por tudo que ele proporcionou na minha vida. E vê-lo desse jeito é triste demais. Eu poderia depois de livre das garras dela, me revoltado e feito o maior escândalo por tudo aquilo, mas sempre pensei no meu tio, no fundo eu sei que ele a ama, e fazer essa reviravolta do nada, poderia abalar qualquer estrutura e até mesmo o casamento dele. Ou pior ainda, o meu tio não acreditar, e se voltar contra mim, e aí seria a minha ruína. Ver que a única pessoa que se importava comigo, não suportar mais a minha presença. Por isso sempre relevei, e fui viver a minha vida. Deixar o problema para lá, é uma forma de anestesiá-los os sentimentos que eles trazem, mas o simples fato de lembrar que eles estão lá, já causa a sua volta e com isso, fazem tudo redobrar de tamanho e sentido.

— Uma mistura o caramba! — Viro e vejo o Noah vindo em nossa direção. — Theo, essa mulher era o inferno em forma de pessoa, eu ouvi o que ela falava para a Su, mesmo com ela adulta, imagina quando criança. E outra, ela deu até em cima de mim quando fomos jantar na sua casa!

— Noah — o repreendo —, não é bem assim...

— Não faz assim amor — ele se ajoelha na minha frente. — Uma vez na vida, aceita que tu foi vítima de tudo isso — ele tira uma mecha do meu cabelo do rosto e recomeça a falar. — Pensa um pouco, se fosse o Yago que escutasse tudo isso o que tu escutou, e ainda as ameaças dizendo que ia te colocar em um orfanato, como tu mesmo me contou que ela fazia. Como tu iria

reagir?

— Mataria a pessoa que falasse a mínima coisa para ele — respondo sem pensar duas vezes no assunto.

— Yago é o mocinho que tu está cuidando? O da adoção? — meu tio pergunta e vê a nossa foto na mesa de centro.

— Sim — esboço um meio sorriso vendo a imagem de novo.

Nunca que eu deixaria o Yago passar por isso e se sentir do jeito que eu ficava depois de algumas falas que escutava dela. Olho para o Noah que com um simples olhar me pede que eu conte tudo. Engulo a seco, e deixo as lembranças daquele tempo virem à tona, então respiro fundo e começo a contar para o meu tio tudo o que a Regina fez comigo.

— Ela me xingava, me chamava de gorda e coisas desse tipo. Sempre quando tu não estava por perto, ou quando eu fazia alguma coisa errada. Nunca me bateu, e uma vez, tentou fechar a tampa das teclas do piano nas minhas mãos — ouço ele suspirar e chorar baixinho. — As ameaças vieram depois de algum tempo, quando ela percebeu que eu poderia contar para alguma pessoa, e sempre envolvia em ela dizer que eu não tinha o direito de reclamar nada, porque vivia de graça naquela casa e vocês dois poderiam me colocar em um orfanato, e ninguém adotaria uma criança gorda como eu — uma lágrima começa a rolar nas minhas bochechas, e eu a limpo antes.

Continuo a falar de alguns casos em especial, além desse do piano, e quando dou por mim, estou chorando. Mas de um jeito estranho, pois o que eu sinto em contar tudo para o meu tio é alívio. Então as deixo saírem com a missão de carregarem todas essas lembranças ruins junto com elas.

— Como eu consegui ser casado com uma víbora dessas por tantos anos sem perceber? — meu tio fala quando eu termino de contar tudo, tomo um copo de água que o Noah me trouxe e acaricio o Gato no meu colo, que com tudo isso, veio para o meu colo me dar um apoio moral.

— As pessoas conseguem fingir com muita habilidade, Théo — Noah pega o JB que pula no seu colo também.

— Agora eu percebo como eu fui burro e idiota em aceitar tudo o que ela me falava sem desconfiar — solta um suspiro cansado e eu pergunto uma coisa que me veio agora.

— Como descobriu?

— Já estava desconfiando que alguma coisa estava errada há tempos, e comecei a desconfiar mais depois daquele jantar de vocês dois lá em casa — olho para o Noah, que em algum meio tempo, colocou um pijama, já que estava só de cueca. — Ela ficou desconcertada com alguma coisa que aconteceu depois da saída de vocês, e isso me deu mais vontade de saber o que ela escondia de mim. Contratei um advogado para analisar os movimentos bancários dela e outras coisas, e hoje quando vi os relatórios me apavorei, desvio imensos do meu patrimônio e outras coisas. Quando eu a confrontei hoje, ela disse que só poderia ser tu colocando alguma coisa na minha cabeça.

Ela caiu na própria armadilha! Meu tio continua contando como foi a discussão com ela e todas as outras coisas a mais que ela fazia. Depois que tudo passou, a Rosa e o Mário foram até

ele e ainda contaram, por cima, o que ela fazia comigo, e por isso que ele está aqui agora.

— Eu meio que dei uma surtada quando percebi que ela estava dando em cima do Noah e quase bati nela — falo envergonhada, mas triunfante. Conviver com a Elis, me fez pegar uma veia barraqueira dela, mas já a cauterizei com o episódio da Regina.

— Amor, tu surtou sim — Noah fala rindo. — Pensei que fosse arrancar a pele dela — meu tio sorri e me abraça pelo ombros.

— E porque não fez? — sorrio e ele me puxa mais pelos ombros em sua direção e o Gato faz um som arisco, pronto para dar o bote no meu tio.

— Cuidado com esse aí — Noah avisa. — Se pensar em fazer alguma coisa para a Su, ele mata, sem pensar duas vezes.

Começamos a rir e a falar de outras coisas, como o pedido de divórcio que ele vai entrar na segunda-feira pela manhã, e como vai ser a sua vida aqui por diante. A princípio, vai sair daquela casa para um apartamento, ou hotel menor, mas não vai demitir a Rosa e o Mário, e sim reajustá-los em outras funções na sua empresa, além de comprar uma casinha para eles, perto de onde irão trabalhar. Não pude deixar de ficar alegre em escutar isso. Esses dois são pessoas maravilhosas, e eu não seria nem a metade do que eu sou, se não fosse por eles.

Mesmo abalado, fiz o meu tio ir para o quarto do Yago para descansar um pouco, já que a Elis só chegaria com ele lá pelas onze da manhã, ainda poderíamos dormir um pouco e esquecer de tudo o que essa noite teve de ruim. Me jogo na cama e o Noah cai em cima de mim me esmagando e me beijando de leve no pescoço.

— Estou tão orgulhoso de ti agora — fala entre um beijo e outro.

— Por quê? — viro e ele me beija me deixando quase sem reação.

— Contou tudo para o teu tio, sem se fazer de vítima ou coisa do tipo. Por um segundo, pensei que tu não ia falar e perder a oportunidade de se livrar desse peso na consciência — solto uma risadinha baixa.

— De peso, já basta o meu mesmo — suspiro cansada. — Por alguns instantes, pensei em não contar mesmo, mas quando tu me perguntou, se fosse o Yago nessa situação, eu resolvi contar.

— E fez o certo, agora ela tem que pagar por tudo amor, não tem como voltar no tempo e ela pedir desculpas pelo que fez, mas alguma coisa ela vai ter que penar.

— Não quero as desculpas dela. Só quero esquecer de tudo isso e pensar no futuro, deixar o passado para trás, o que está feito não tem mais solução. Agora é só pensar para frente.

— Isso mesmo, minha Fofa — ele me abraça forte e ficamos juntinhos, até pegarmos no sono e dormirmos um pouco.

~

Sinto uma coisa pulando em cima da minha cabeça, que merda... Tento afastar como se fosse uma mosca ou algum inseto voador, mas não adianta, ele volta e mais forte. Viro para o outro lado da cama, só mais meia hora, ou cinco dias de sono, por favor! E nada dessa coisa

parar de me incomodar, gemo de frustração e escuto uma risada bem familiar, e provavelmente, a mentora que atrapalha os meu sono.

— Sai Elis — falo puxando um travesseiro solto, para a minha cabeça, mas nem isso a impediu de montar em cima de mim para me acordar.

— Acorda vaca — começa a pular em cima de mim como uma criança animada pela manhã de natal. Mas que merda! — Me conta, o porquê daquela reunião dos homens mais lindos da vida da minha amiga Vaca. É para matar as amigas do coração?

Do que ela está falando? Se eu conseguisse acordar decentemente, até poderia responder. Mas o meu cérebro ainda está dormindo, e por mais que eu tente acordar, ele não vai pegar no tranco com a Elis pulando em cima de mim e chocalhando ele dentro da minha cabeça.

— Sai de cima de mim Elis! — Tento me virar e derrubo ela na cama.

— Ah que nojo, isso aqui está fedendo a sexo e suor. Eca, eca, eca! — Vejo ela se mexendo na minha cama, como se fosse um bacon fritando em óleo quente, ou um peixe tentando respirar fora d'água, até que ela cai de bunda no chão.

— Bem feito — me espreguiço na cama enquanto ela levanta.

Estico os meu corpo e sinto uma fadiga muscular me corroendo toda, e nesse instante, flashes da noite anterior começam a pipocar na minha frente. O jantar, a saída do restaurante correndo, eu e o Noah dançando no barzinho, os amassos no elevador e a continuação deles aqui nessa cama e... A chegada do meu tio.

Quando me lembro disso, me sento na cama rápido. Elis olha para mim com uma cara estranha e me atira um travesseiro na cara, e eu não respondo, apenas fico repassando a cena da nossa conversa. Solto um suspiro melancólico e a maluca da minha amiga estala os dedos na frente do meu rosto.

— Terra para Su, alôu! Tudo bem vaca? — a cara dela a poucos centímetros da minha, me faz voltar à realidade.

— Meu tio descobriu... — ela coloca as mãos na boca, assustada.

— Da Cruela? — seus olhos se arregalam, quase ao ponto de sair da órbitas, quando eu com um simples aceno de cabeça, concordo que sim. — Ai caramba! Já posso dar umas porradas nela sem me preocupar?

Solto uma risada fraca, e passo as mãos nos meus cabelos, vendo a maçaroca em que se encontram. Pelo visto a minha ideia de dormir mais meia hora, ou cinco dias, foi pelo ralo com a chegada da Elis e essa novidade, que ela não vai sossegar enquanto eu não contar tudo.

— Não pode Elis, ainda seria crime — ela solta um “ahh” triste.

— E como tu está te sentindo com tudo isso? — estranho a pergunta e ela me esclarece se sentando de joelhos na cama ao meu lado. — Tipo, esse sempre foi um segredo teu, que só eu sabia até o Noah chegar, e agora o teu tio sabe, não te mudou nada por dentro?

Reflito um pouco sobre essa questão e faço uma checagem da minha alma em poucos segundos. Aparentemente está tudo do mesmo jeito de como eu estava ontem quando acordei ontem. Continuo a mesma Su de sempre, com todos os defeitos que eu possuo. Por outro lado,

penso em tantas outras crianças que sofrem o mesmo que eu, e que sonhavam em algum dia, alguém que fizesse isso terminar. O que aconteceu, não pode ser mudado, como o Noah havia falado antes de dormirmos, mas saber que também não vai mais se repetir, por mais que isso não influa na minha vida hoje, é um alívio e tanto.

— Um pouco — falo meio receosa, mas claro que isso não se aplica para a Elis, ela me conhece como ninguém.

— Desmbucha.... — reviro os olhos para ela, que com essa cara de criança curiosa, sempre me fez falar as coisas mais profundas que habitam a minha alma.

— É complicado explicar isso — me levanto e vou até a janela para abri-la.

Vá que com o sol entrando a música se torne realidade “deixa o sol bater na cara, esqueço tudo o que me faz mal, deixo o sol bater no rosto, que ai o desgosto se vai”. O sol entra e eu tomo uma respiração profunda e me abraço olhando para o horizonte cheio de prédios na minha frente.

— Quando eu era pequena, sempre sonhei com o dia que isso fosse acabar, e alguém descobrisse, mas ele nunca veio naquela época — olho para a Elis e vejo ela sentada na minha cama, brincando com um bicho de pelúcia, deve ser o tal pinguim que ela tanto queria ontem.

— E agora ele chegou Su...

— Eu sei... — volto a me sentar na cama e abraço os meus joelhos, escorando a minha cabeça ali. — Mas além do fato que eu não vou escutar isso mais dela, que diferença faz?

Sinto outra travesseirada nas minhas costas e a Elis bufando atrás de mim.

— Bebeu é? — olho para ela com uma ponta de raiva e querendo sufocar ela com esse travesseiro, mas ela me impede quando começa a falar. — Acabou Su. Adeus Cruela, adeus a toda aquela tortura mental que só a presença, ou falar dela, te proporcionava, adeus o medo de um dia tu contar para o teu tio e ele ficar ao lado dela... E principalmente, adeus às mentiras que ela te fazia acreditar sobre si mesma.

Olho para a minha maluca, vaca favorita e pego o pinguim da mão dela. Ele até que é bonitinho, pequeno, com um cachecol vermelho e verde nas pontas e uma ventosa para pendurar em janelas. Bem a cara dela mesmo. Continuo a olhar para ele que sorri para mim e penso em tudo o que ela me disse. Sim, por um lado tudo isso vai acabar, todo aquele mal-estar que só de ficar ao lado dela me proporcionava e a angustia de, todas às vezes, eu tentar fazer o melhor de mim, e ela sempre achar um defeito.

No fundo, a Su autossuficiente, pega a opinião dela e joga fora como a caixa de areia do Gato, mas a mini-Su, quer a aprovação sempre. E por mais que eu não demonstrasse isso externamente, por dentro, eu desmoronava. Sempre busquei a aprovação de todos, por isso sempre trabalhei, e ainda trabalho, como uma louca para conseguir. E a pessoa que nunca reconheceu o meu esforço, foi ela.

— Acho que tu está certa Vaca — sorrio para ela. — É o fechamento de um ciclo, sai a Cruela e outras coisas, e vem outras coisas melhores para mim.

— Isso ai Vaca — e ela me abraça, e caímos em cima da cama juntas.

— Ai que nojo, ai que nojo dessa cama — ela sai gritando de cima de mim e pulando como a

maluca de sempre.

Levanto-me e tiro o pijama de costas para a Elis, coisa que eu sempre fiz. Abro a porta do meu guarda-roupa, para pegar uma roupa decente e ela começa a gritar, e com certeza, acordou todo o prédio agora. Ela fecha a porta a minha frente e faz um estardalhaço.

— O que é Elis? Para quieta — afasto ela da minha frente antes que ela tenha algum ataque epilético do nada. Parece que alguém acordou ligada no 220v hoje...

— Isso é um chupão! — Aponta para a minha costela, logo abaixo do meu sutiã verde claro.

— Não é nada — e ela me vira na frente do espelho e aponta.

E ali está um belo e grande roxo, como isso foi aparecer aqui? É claro que eu sei a maneira que ele se instalou na minha pele, mas justo a Elis para encontrar ele? É muito azar para um dia só! Olho para ela que está estampando um sorriso sacana para mim, abraçada com o pinguim. E eu decido usar isso ao meu favor.

— Como foi a noite com o Yago? E ele conseguiu o pinguim como? — viro para abrir, de novo as portas do guarda-roupa e tiro uma roupa decente.

— Foi ótima! Ele é um fofo — ela me mostra o boneco. — Pegou o Pingú para mim. O pingú também é um fofo. Olha ele aqui — e ela coloca o bicho bem na minha cara. — Vai dizer que ele não é lindão?

— Pingú? — olho para ela que sorri como uma criança de 5 anos.

— O nome que eu dei para ele, vai dizer que não é fofo?

— É... — falo vendo que os níveis de maluquice da Elis, cada vez se tornam maiores. — Bem a tua cara.

— Eu sei. Por isso me apaixonei a primeira vista por ele — termino de colocar a roupa e a Elis segue falando como uma matraca.

Eu a amo com todo o meu coração, mas quando ela acorda assim, tenho vontade de jogá-la da janela do prédio para ver se ela cala a boca. Vamos até a cozinha, onde está o meu tio e o Noah sentados na mesa conversando sobre alguma coisa. Mal chego na cozinha e sou surpreendida por um Yago todo carinhoso.

— Tia Su! — Ele me abraça.

— Bom dia meu Anjo, como foi a noite com a tia Elis? — dou um beijo na sua testa e vendo se estava com febre. Por sorte, essa semana, ela não deu as caras.

— Foi tão legal, Tia Su! Fomos no cinema, comemos, eu peguei o Pingú na máquina, já conheceu ele? — aceno que sim, e evito falar que ele me acordou hoje, pois a alegria dele contando, não deixa. — E ela me deu um presente.

Paro! Um presente da Elis pode ser um problema e tanto. Olho para o Noah que solta um “calma” silencioso e olho para a Elis, que engatou uma conversa com o meu tio. Yago me puxa por uma mão até a sala e eu vejo o presente que ele ganhou.

— Um skate? — faço a pergunta mais idiota do mundo, já que a única coisa que aquilo

parece é um skate.

— Sim! — Yago me responde emocionado com o presente.

Agora é oficial, eu vou matar a Elis. Como ela me dá um skate para o Yago? Do jeito que ele é ativo, vai se quebrar todo. Ele vai até ele e senta em cima e começa a se embalar. Enquanto ele usar desse modo, não vai ter problemas.

— Bom dia meu amor — sinto o Noah me abraçando por trás. — Dormiu bem?

— Até uma vaca vir me acordar com um pinguim, sim — ele me beija o pescoço. E eu continuo a olhar para a o Yago em cima daquele possível destruidor de ossos, imaginando por qual coisa que eu poderia trocar com ele, para não vê-lo se machucar naquela coisa. Pensei em montar a minha bateria, isso ia durar quase meio dia inteiro, mas se ele largar aquela coisa, vale.

— Não surta com isso, é só um skate, eu tinha um na idade dele. Desloquei o ombro uma vez em cima dele, quase tive que parar na cirurgia — viro para ele que abre um sorriso idiota e começa a rir da minha cara. — Brincadeira Fofa, nunca me machuquei brincando com ele. Só alguns arranhões e roxos nas canelas. Nada demais.

Mesmo assim! A Elis é maluca, e cada vez mais comprova o meu julgamento sobre isso. Poderia ter dado um presente mais educativo, como quebra-cabeças, jogos, um bicho igual ao pinguim dela, que agora está no seu colo como um bebê, ou então roupas. Ou que, pelo menos, comprasse junto um capacete, joelheiras, cotoveleiras e todos aqueles equipamentos de segurança.

— Anjo — falo de leve, saindo dos braços do Noah. Yago me olha com aqueles olhos verdes gigantes e um sorriso. — Não quer tocar um pouco na tua guitarra? — faço uma carinha de anjo para que ele caia na minha isca e saia de cima daquele skate antes que comece a andar no apartamento.

Por sorte, a paixão dele pela música fala mais alto e ele vai correndo para o seu quarto tocar um pouco de guitarra. Elis chega na sala e se joga no sofá, e eu lanço um olhar mortal para ela.

— Um skate? — ela abre um sorriso e dá de ombros.

— Todo menino tem que ter um. Até eu tive!

— Viu só — Noah se mete na conversa, e pelo visto, não está do meu lado — deixa a criança brincar Amor, ele já tem tanta coisa para passar, não estraga a felicidade dele, por um brinquedo bobo. Amanhã quando nós chegarmos da aula das crianças, vou levá-lo à praça para ele andar um pouco. Uma diversão antes da sessão de terça, vai deixar ele mais calmo.

— Não acho uma boa ideia — retruco.

— Pode não achar, mas eu vou levar — ele fala olhando para mim com uma cara de desafio. E sorrindo triunfante. Idiota.

Encaro ele como se pudesse sair raios mortais dos meus olhos e miro na sua cabeça para que comece a doer, mas só vejo o sorriso provocante no seu rosto se elevar a décima potência. Tem gente que gosta de viver a vida no limite do perigo, e o Noah, é um desses, mas mal sabe ele que eu sou mais teimosa que ele.

— Iiiiiiiiiiiiiiiiiit's tiiiiiiiiiiiiime! — Elis fala olhando para nós, que a encaramos, esperando a explicação dessa maluquice nova dela. — Vocês nunca viram UFC? Aquele programa de TV de lutas? — ela pergunta como se fosse o programa mais visto do mundo, ou o Jornal Nacional, que todo mundo conhece. — Não sabem o que estão perdendo — dá de ombros e olha para mim. — Cada gato de bermuda coladinha se agarrando no pau, amiga, que vale a pena perder o sono na madrugada.

E depois dessa, eu saio da sala deixando os dois conversando sobre alguma coisa de lutas e porradas. Eu me entendo com o Noah a questão desse assunto mais tarde. Se ele pensa que eu vou deixar o Yago ficar em cima daquela coisa, sem o mínimo de proteção, ou sem estar enrolado em plástico bolha por inteiro, para não se machucar, ele está bem enganado.

— Su? — passo pela porta da cozinha e ouço o meu tio me chamar. Entro na cozinha e vejo o seu semblante abatido. Bem diferente do alegre que eu sempre fui acostumada.

— Tudo bem? — pergunto me sentando a sua frente. Por mais que a mesa esteja posta para eu tomar café da manhã, eu não estou com fome.

— Não era eu quem deveria estar perguntando isso? — esboça um sorriso fraco. — Desde pequena, sempre se preocupando com os outros, mais que contigo mesma, não é minha filha?

Olho para ele espantada, que continua a falar.

— Me lembro de ti pequena, devia ter uns 6 anos no máximo, estava gripada e com febre alta. No outro dia, a Rosa acordou do mesmo jeito — solta uma risadinha e olha para mim. — E quem disse que eu consegui te fazer ficar quieta aquele dia? Por mais eu falasse, mais tu teimava em ir lá cuidar dela, a tua birra foi tanta, que eu tive que ceder e tu passou o dia inteiro cuidando dela — pega as minhas mãos em cima da mesa e suspira. — Com a Elis foi a mesma coisa uma vez, tu estava lá em casa, cansada de ter virado a noite estudando, ela te ligou para buscá-la em alguma festa, e tu foi, sem nem pensar duas vezes sobre isso, por mais sono que estivesse.

Eu me lembro desse dia, era final de semestre, eu andava como zumbi de tanto trabalhar e estudar. Passei o dia com eles, a Regina me pegou em um cômodo sozinha bocejando e disse que isso era fingimento, que no mínimo eu estava em alguma festa na casa de alguém do que estudando. Puxa vida! Eu trabalhava a quase duas horas de distância, de ônibus de onde eu morava na época, acordava super cedo e ainda passava as noites estudando, mas ela nunca levou isso em consideração, óbvio. Fiquei tão puta da vida naquele dia, que quando a Elis me ligou, podre de bêbada, em alguma festa da faculdade, não pensei duas vezes mesmo, sai daquela casa e fui até o seu socorro, para curar o seu porre e levá-la para casa em segurança.

— E quando alguém precisava te proteger, não tinha ninguém — vejo as lágrimas se acumularem nos seus olhos.

— Não é verdade Tio — sorrio confiante. — A Rosa e o Mário sempre me protegeram, o quanto eles podiam. Me ajudaram muito para ser o que eu sou hoje.

— Mas e eu Su? Eu deveria estar te protegendo das coisas que ela fazia e dizia para ti. Nenhuma criança deve viver com essa sombra.

— Não deve mesmo — concordo —, mas passou. Por mais que eu soubesse que ela não gostava de mim, tu era feliz com ela. E essa questão, sempre me fez relevar isso. — Ele limpa uma lágrima que escorreu e eu abro o meu coração. — Sempre sonhei com o dia que alguém mandasse ela parar de fazer isso, mas se isso significasse, sair de perto de ti, eu preferiria ficar onde eu estava. Não precisava da tua proteção, só a tua presença. Se não fosse por ti, eu poderia estar em um orfanato abandonada e sem ninguém para olhar por mim. Morar lá, tinha duas medidas, a de aguentar ela e te ter junto com a Rosa e o Mário, que sempre me trataram como filha, e isso vale mais do que qualquer ameaça.

Por mais que eu detestasse aquela casa e ela, era lá que eu morava. Mesmo com todas as ameaças, xingamentos, e humilhações que eu sofresse, eu tinha um lar e pessoas que se importavam comigo, independente de serem pagas para isso ou não. Tinha o meu quarto, roupas, alimentos e tudo mais que eu precisasse e fui apresentada à música. Se eu não tivesse o meu tio para me acolher, quando o meu pai morreu, onde eu estaria agora? Seria formada e com um trabalho que me sustenta? Teria a Elis na minha vida? As minhas crianças no orfanato, que me dão as maiores alegrias? Teria a música e meus instrumentos?

Acredito que se eu não ficasse com ele, seria apenas mais uma no sistema de adoção que, com certeza, nunca seria adotada por alguém. Essa seria a minha realidade, e não estaria aqui, consolando o meu tio, ou ouvindo os acordes da guitarra do Yago ou então as risadas do Noah e Elis na sala.

— Eu poderia... — ele começa a fala, mas eu o calo.

— Não Tio, não poderia. Se descobrisse naquela época, com certeza, ela iria fazer alguma coisa para distorcer essa informação, ou te colocar contra mim — ele me olha e eu continuo. — Passou, a sombra dela na minha vida se apagou com essa tua descoberta, e já é mais que o suficiente para mim — sorrio.

— Eu vou fazer alguma coisa agora — ele diz com um tom de promessa. — A Regina, vai pagar por isso, nem que seja a última coisa que eu faça na minha vida. Mas ela não vai ficar com nada do que é meu — ele puxa as minhas mãos e a beija, me fazendo sorrir. — Conversei com o Noah e ele me ofereceu o apartamento dele para ficar, não seria muito abuso meu, aceitar?

— Acredito que não, já que ele mora aqui comigo, mesmo eu já expulsando ele várias vezes — brinco, por mais que o Noah seja um chato, já me acostumei com a companhia dele na minha cama me esmagando às vezes, e outras coisas mais que eu prefiro não pensar nesse momento.

— Ele é um bom rapaz, vocês dois combinam, ainda mais na teimosia — sorrio. — Mas só de ver esse teu sorriso de menina de novo, e o jeito que ele fica quando fala de ti, percebe-se que o relacionamento de vocês é sério.

Conversamos por um bom tempo, sobre tudo. Desde o tempo em que eu morava lá, aos nossos dias atuais. Ver o meu tio na minha casa e desse jeito, me assustou muito nos primeiros instantes, mas desde que eu comecei a falar e expressar os meus sentimentos quanto tudo aquilo, me deixou mais aliviada. Percebi que no fundo, aquelas palavras que eu tanto tinha medo, quando comecei a conhecer o Noah, eram reflexos da Regina que ainda me assombravam quando eu me olhava no espelho. Agora é como se a voz tivesse ido embora, e só a minha própria continuasse.

— Amiga... — Elis entra na cozinha, instantes depois que o meu tio saiu para ir aceitar a proposta do apartamento do Noah.

— Fala.

— Então... — ela vem toda manhosa e cheia das segundas intenções. A conhecendo, como eu, sei que não vem nada de bom por aí. — Teu tio está solteiro... — viro para ela e seus olhos brilham com algum plano maligno. — E eu também... será que...?

— Não! — Sem chance e discussão. Nunca que vou deixar a Elis se aproximar do meu tio.

— Mas tu nem me escutou — Mia me fazendo revirar os olhos.

— E preciso Elis? Fora de cogitação!

— E se ele...

— Não! — olho para ela, que cruza os braços em frente ao peito, emburrada.

— Eu poderia ser uma tia bem melhor que a Cruela — começo a rir, de verdade, chego perto dela e dou um beijo na sua bochecha. Minha vaca maluca preferida.

— Não Elis! Nem sonha em fazer alguma coisa desse tipo — dou o ultimato final para ela e a deixo desolada na cozinha.

Caminho até o quarto do Yago e o vejo sentadinho, tocando sua guitarra verde, concentrado nos acordes e no som que ela produz. Pego a minha do pedestal e começo a acompanhá-lo em uma música que eu passei para ele semana passada. Me desligo do mundo quando começo a tocar as primeiras notas de melodia. E agora que eu sei que um ciclo ruim se fechou, que venha os dias melhores.

Capítulo 41

Eu disse que essa função de andar de skate não era uma boa ideia. Mas alguém me escutou? Ou pensaram que eu tinha razão? Claro que não. E agora cá estamos nós, quase onze da noite, saindo do hospital com um gesso de cortesia.

— Eu avisei — falo pela quinta vez, desde que demos entrada com ele no pronto socorro.

— Eu já ouvi — Noah me responde sentado no banco de trás do fusca com o Yago deitado no seu colo e dormindo. — E tu ouviu o médico?

Olho para ele através do retrovisor, que sorri descaradamente. Eu já tinha previsto que isso não ia dar boa coisa, sei lá, intuição? Não sei, mas no fundo eu sabia que isso não ia acabar de um jeito bom.

Eu fiquei em casa, com a cara enfiada nas planilhas quando eles saíram, junto com o JB, para andarem no skate. Dei um beijo no Yago, e o Noah me forçou a um na teimosia, porque eu ainda não estava de bom grado com essa pequena aventura deles. Os três saíram felizes e rindo, e latindo, pelo corredor. Fiz um belo chá de morango e peguei uns pães de queijo e comecei a trabalhar, com o Gato roncando em cima da mesa ao meu lado, e nem vi as horas passarem.

Perto das oito horas da noite, o meu telefone toca e eu tive uma péssima sensação quando o peguei. Dito e feito. O Noah falando para eu levar o carro até eles e pegar o JB que eles iam para o pronto socorro, porque o Yago tinha caído de mau jeito e o seu braço estava inchado.

Peguei o fusca e fui correndo até lá, puta da vida. A primeira coisa que eu pensei foi, a Raquel vai surtar quando descobrir isso e vai pedir a anulação do meu processo de adoção. E isso me deixou com uma vontade de surtar completamente e jurei o Noah de morte pela quinta vezes em menos de 10 minutos e com direito à cova junto com a Elis. Que aliás, a chamei logo depois que desliguei o celular, e xinguei até não querer mais, e só ouvi risadas malucas delas.

Cheguei na praça onde eles estavam e encontrei os dois sentados, Noah no chão com o JB ao seu lado e o Yago em um banco, todo sujo de catchup, mostarda e barro. Se eu não tivesse tão zangada, tiraria uma foto. Elis chegou quase junto comigo, e eu, para não pular no pescoço dela, pedi para levar o JB para casa. Yago estava alucinado com tudo isso, a dor e o inchaço do local da fratura pareciam uma festa. Ele estava rindo a toa com tudo isso e achava que o seu braço estava mutante e ele ia ficar com superpoderes.

Estacionei na garagem do pronto socorro e o Noah saiu com ele no colo, que segurava o braço junto ao corpo e falando todas as coisas que ele ia fazer quando os seus poderes mutantes chegarem, e com o meu namorado teimoso, e grande responsável por tudo isso, dando a maior corda para ele. Liguei para o oncologista do Yago para relatar o ocorrido e perguntar se tinha algum problema, ou alguma coisa que eu tivesse que avisar para o médico, ou se ele teria que vir para atendê-lo, mas o que eu escutei foi um “relaxa Su, deixa a criança aproveitar esses momentos da idade”.

Por uns minutos, enquanto ele fazia o Raio-X, eu me sentei e comecei a pensar em tudo

isso. Noah estava sentado ao meu lado, e eu sinto o seu braço passando por cima do meu ombro, beija a minha cabeça e começa a falar.

— Quando começaremos a perceber os superpoderes deles? — e solta uma risadinha.

Olho para ele de canto de olho, e volto a olhar para a porta onde ele está realizando o exame. Tomo uma respiração profunda e coloco as mãos no rosto.

— Ah que é isso Amor — ele aperta mais o meio abraço e meio que me cheira no pescoço, deixando um beijo de leve ali —, deixa a criança viver um pouco, isso faz parte da infância — Noah pega o meu queixo e me faz olhar para ele. — Ele sempre viveu trancafiado naquele orfanato, e agora quer aproveitar todas as oportunidades que tem.

Outro beijo e penso nisso por alguns instantes. Por um lado o Noah tem razão, não que eu vá admitir isso para ele, mas vendo por esse lado, ele está certo. Sei como as crianças vivem no orfanato, poucas são as vezes que eles podem sair e aproveitar a vida, e quando saem, é para poucos lugares e sempre são visto pelas as outras pessoas que estão nesse mesmo ambiente que elas, como rejeitados. Das poucas vezes em que eu participei dessas saídas deles, sempre ficava estressada com as pessoas que atravessavam a rua, ou ficavam olhando de cara feia para nós quando eles os viam.

— Eu sei — falo baixinho —, mas eu quero que ele não se machuque mais. Ver ele sofrer desse jeito é demais para mim.

— Amor, olha para mim — levanto os olhos para ele —, isso que ele está passando, é bem diferente do que se machucar brincando. Ele tem que aproveitar a vida o quanto pode, minha Fofa. Brincar, correr, se machucar, quebrar um braço e outras coisas, mesmo com tudo isso que ele passa, ele precisa sentir tudo isso. É para o seu próprio bem — continuo a olhar para ele. — Quantas crianças, que estão lá na ala de oncologia, não dariam tudo para estar no lugar dele agora? Podendo sair para brincar ao invés de ficar trancafiado naquela sala. Amor, deixa ele aproveitar tudo o que pode.

Meu clichézinho me dando mais um tapa de realidade na cara, e esse foi um dos fortes. Coloco a minha cabeça encostada no seu ombro e suspiro. Não posso deixar ele trancafiado em casa e sair somente para as sessões de quimioterapia e algumas fugidinhas ao shopping para comprar alguma coisa. Sim, ele tem que sair e brincar, aproveitar cada instante que tem para ser uma criança normal. O problema vai ser o meu lado protetor aceitar isso.

Fomos liberados depois que o gesso foi colocado e algumas medicamentos contra a dor administrados para acalmar a ferinha animada com todos esses procedimentos novos, até algumas enfermeiras da oncologia vieram ver ele colocando gesso da cor verde que escolheu. Fomos liberados e agora estamos indo para casa, já que em alguma horas, vamos ter que retornar para a quimioterapia.

— Ouvi o médico — falo para ele o observando pelo espelho retrovisor. — Mas tu poderia me ouvir um pouco não é?

— Sem graça, prefiro ser do contra. E aliás — ele olha para o Yago —, como vamos dar um banho nele agora que ele dormiu? — Sorrio vendo uma mancha de catchup na sua camiseta.

— Cachorro-quente de barraquinha? — Noah olha para mim e sorri, se culpando. — Me

lembro de uma certa pessoa que achava anti-higiênico — dou de ombros.

— Como uma pessoa pode achar uma coisa daquela anti-higiênico? É a melhor maravilha do mundo — começo a rir e pego o controle do portão e o aciono.

— Sabe que eu conhecia uma pessoa assim? — entro na garagem e estaciono o carro.

— Sério? Nossa coitada dessa pessoa — ele sorri irônico.

Subimos até o apartamento, e nem sinal do Yago acordar, pelo visto a combinação remédios para a dor e o cansaço do dia, derrubaram o nosso pequeno guerreiro mutante. Noah coloca ele na cama e entre uma reclamação dele para querer dormir em paz e outra, eu dou uma limpada por cima de toda a sujeira que ele está. Amanhã, com certeza, vou ter que tirar ele da cama uma meia hora antes e colocá-lo embaixo do chuveiro de molho com água sanitária para limpar tudo.

— Ele tirou o tênis? — pergunto para o Noah que acabou de sair do banho enrolado em uma toalha rosa.

— Sim — sai a toalha e entra uma cueca. Bela imagem para guardar antes de dormir.

— Eu nunca vi um pé tão sujo como o dele! As meias podem ir direto para o lixo — falo enquanto tiro o Gato de cima da minha cama, o folgado ainda tem a audácia de me desafiar com um olhar mortal por isso.

Noah se deita na cama e fica olhando para mim que estou pegando um pijama do guarda-roupa. Sinto os seus olhos percorrerem todo o meu corpo e focarem na minha bunda, fazendo um arrepio subir pela minha espinha.

— Algum problema? — pergunto tentando limpar a minha mente sobre alguns pensamentos nada puros sobre ele trocando de roupa na minha frente.

— Todos — viro e vejo ele sentado no seu lugar na cama e cruzando os braços sobre o peito sem pijama.

— Algum que eu possa resolver? — Noah solta um sorriso sacana, levanta o lençol e olha para “lá”.

— Com certeza — seu olhar se intensifica me fazendo quase gemer de antecipação com essa situação. Idiota, além de fazer o meu Anjo se machucar com aquele maldito skate, ainda me faz perder o controle do meu próprio corpo.

Atiro a toalha molhada que ele usou na sua cara lavada, e saio para tomar um banho. Deixo a água quente relaxar o meu corpo externamente, aliviar as tensões que passaram, para dar espaço as novas que vão vir até o fim da semana. Um evento na sexta, outro no sábado e tantos outros que tenho que organizar. Volto para cama e pela minha cara de cansada, o Noah resolve fazer uma massagem em mim. Ah essas mãos firmes e precisas que me fazem relaxar de uma forma que eu nunca imaginei que poderia ficar.

— Gostando? — solto o segundo gemido, quando um nó de tensão nos meus ombros é desfeito.

— Melhor impossível, tudo o que eu precisava depois de um dia como hoje — sinto um beijo no topo das minhas costas.

— E qual foi a lição de hoje? — me faz rir das cócegas que a sua barba faz em mim.

— Que tenho que deixar o meu lado superprotetor mãe coruja de lado? — sinto outro beijo de leve.

— Quase... — mas o quê? Procuro no fundo da minha mente qual seria a outra lição que eu poderia ter aproveitado no dia de hoje, mas nada me vem.

— Acho que nenhuma — por fim respondo e viro de frente para ele.

— E a parte que eu sou o melhor namorado do mundo, ainda mais em massagens, e que mesmo eu não admitindo ele está certo? — fala como se estivesse altamente incomodado com isso.

O beijo de leve para aliviar aquela cara de bravo, sem causa, que ele fez. Por mais que ele esteja certo, eu não vou admitir isso, já dou corda demais para ele, e se começar a ficar dando razão também, vou ficar completamente sem moral. Por mais que eu focasse o encarando, nada fazia ele parar de esperar a minha resposta. O beijo e percorro as minhas mãos nas suas costas, mas ele ainda continuava com aquela semblante de falso irritado. Pego com uma mão as suas bochechas e a aperto até formar um bico, assim como ele faz comigo e beijo várias vezes repetidas, até consigo surgir algum efeito e ele me beija.

~

— Ah Yago porque o gesso é verde? — Elis pergunta para ele deitado na cama, que joga no GameBoy alheio.

— Porque era o mais legal de todos! — Levanta os olhos para ela, responde com a maior espontaneidade do mundo, com um sorriso e se volta para a tela do jogo.

— Sem graça! Se fosse branco, eu poderia pintar nele! Lembra Su, quando eu quebrei o meu? — Se vira para mim que estou sentada e com o notebook nas pernas trabalhando um pouco.

— Qual das vezes? — Pergunto sem tirar os olhos da tela. A Elis é a pessoa mais estabanada que eu conheço, nesse tempo que convivemos, ela já quebrou o braço umas duas vezes, sendo a última, ela retirou o gesso um dia antes da formatura.

— Ah verdade, deixa eu pensar.

Olho para ela de soslaio e balanço a cabeça em negação a tudo que ela faz. Estamos só esperando o médico vir dar alta para o Yago e irmos para casa. É sexta a tarde, e eu ainda tenho um evento hoje a noite.

— Ah lembrei! — A maluca fala sentada na cama com os pés para fora. — Foi a primeira vez, cai do banheiro — de tão bêbada que estava, completo mentalmente — e todo mundo assinou o meu gesso. E esse aí não tem graça.

— Elis, já basta que tu tenha uma grande parcela nesse gesso, não implica com isso. — Levanto um pouco para não ficar com dor nas costas por estar na mesma posição por tanto tempo.

— Tia Su, eu vou ficar sem poder tocar guitarra? — Me viro para o meu anjo, vou até a

sua cama e beijo a sua cabeça.

— Acho que por uns dias sim, como vai segurar ela desse jeito? — Ele faz uma carinha de triste e suspira, desligando o jogo. Nem ele aguenta mais esse quarto de hospital.

A porta se abre e o Noah chega acompanhado pelo meu tio, Elis dá um sorriso quilométrico e eu dou um tapa na perna dela, um pouco mais forte que o necessário, tanto que ela faz uma careta de dor. Se ela pensa em ter algum tipo de possibilidade com o meu tio, eu vou esmagar todas elas. Eles devem ter no mínimo uns bons trinta anos de diferença, e isso não vai resultar em boa coisa.

— Su, minha filha — ele me abraça e me dá um beijo no rosto — como estão as coisas por aqui?

— Oi tio, tudo tranquilo, estamos só esperando o médico para dar alta para o Yago.

— Que ótimo. — Ele caminha até a cama, passa pela Elis e a cumprimenta, e ela responde como se fosse uma gata no cio miando e eu fecho a minha cara para ela que sorri ironicamente. — E aí Yago, como está o braço.

— Acho que não vi ficar com superpoderes mutantes — Fala tristemente, fazendo o meu tio sorrir um pouco.

Noah me pega por uma mão e me leva até a cantina do hospital, por mais que eu teimasse dizendo que não estava com fome e nem nada, ele me levou para tomar um café. Ele senta na minha frente, e me empurra o copo de isopor com um café mais terrível que o dele, quase como se eu fosse uma criança que não conseguisse se alimentar sozinha. Tomo emburrada, e quando termino, quase durmo em cima da mesa.

— Opa! — Fala me segurando pelos ombros. — Acordada?

— Meio termo — Sorrio. Mesmo com tudo sendo muito calmo, essas três noites se revezando em sofás, não é completamente confortável e próprio para ter um sono completamente que me faça descansar o necessário.

— E vai trabalhar mesmo assim? — Uma cara de bravo surge naquele rosto lindo.

— Claro, é um aniversário de criança, coisa simples. Quando tu menos esperar, eu vou estar em casa. — Dou os ombros como se não se importasse com esse meu estado de zumbi ambulante.

Minhas costas doem, minha bunda está quadrada e nem falo nada da dor de cabeça que eu estou sentindo. Mas não reclamo, daqui a pouco vamos sair do hospital, levar o meu anjo para casa, deixar os dois em casa, com avisos reforçados para não se matarem em alguma brincadeira boba e vou para o trabalho. Ainda tenho que ir mais cedo que os outros funcionários para dar os últimos retoques na decoração e...

— Porque não fica em casa hoje a noite? Amanhã tu tem outro, e vai descansar quando? — Noah me tira dos meus pensamentos.

— Tenho que estar lá de um jeito ou outro, e descanso domingo. — Respondo e ele revira os olhos para mim.

— Alguma vez tu já tirou férias?

Férias? O que é isso? Feriado eu conheço, mas essa coisa de ficar trinta dias parada, sem trabalhar, não sei o que é. O ramo em que eu trabalho, não acompanha o mesmo ritmo dos outros. Quando todo todos aproveitam para descansar, eu trabalho o dobro. Final de ano então, nem paro praticamente, é a época em que mais festas são organizadas e eu me atolo de serviço. Verão, praticamente a mesma coisa. No inverno, chega a época dos casamentos e aniversários grandes, então praticamente, eu não sei o que é ficar em casa por mais de três dias sem trabalhar. Para os meus funcionários, eu dou, mas para mim, nem lembro quando foi a última vez. Quando eu estudava, aproveitava as férias do trabalho que eu tinha na época, e fazia algum bico em outra parte. Remuneradamente era um ótimo negócio.

— É, eu já imaginava isso. — Ele responde com uma cara engraçada.

Noah olha para os lados da cantina e se volta para mim, e pelo jeito que me olha, parece que vou levar um esporro. Tudo o que eu preciso para completar o meu dia.

— Assim que tudo isso passar, eu tu e o Yago, um mês longe daqui e de tudo. Pode anotar em alguma planilha do Excel que tu tanto usa. — Começo a rir.

— Sim claro, um mês longe de tudo — ironizo — pode deixar que já estou anotando, e até fazendo roteiro.

Louco de atar, é pouco. Como vou abandonar o meu trabalho por um mês, ele quer me ver falir? Só pode. Sei que ele tem dinheiro, até demais para o meu gosto, mas eu ainda tenho as minhas contas para pagar, como o financiamento do meu carro e outras coisas. Parar por um mês está definitivamente fora dos meus planos, por uns bons anos pela frente. Ainda mais quando a adoção do Yago sair, as contas vão aumentar consideravelmente. Escola, transporte, roupas e afins.

— E pode desmanchando essa cara de brava, isso está sem discussão. Nem que eu te leve amarrada e trancafiada dentro de uma caixa, nós três vamos viajar. — Olho para o Noah que me encara com a mesma intensidade que eu.

— Claro, foda-se a vida e as responsabilidades. — Digo baixo para não deixar transparecer que estamos tendo uma pequena briga, como sempre, no meio da cantina do hospital, com diversas pessoas na volta.

— Por um mês inteiro? — Ela faz uma pausa dramática. Leva um dedo a boca, como se estivesse pensando e me olha de novo — Com certeza! — Responde completamente certo disso.

Pronto, era o que me faltava. Não quero brigar, nem nada. Só pegar o Yago e ir para casa, tomar um banho, daqueles de limpar a alma, e os meus cabelos, que estão imundos, ir trabalhar em paz sem nenhuma preocupação externa e no final de tudo, ir para casa e me atirar na minha cama e dormir ao lado do Noah, já que ele ligar aquele ar-condicionado no clima polar e eu morro de frio no meio da noite, e preciso dele para me esquentar.

— Qual é a tua preocupação por ficar alguns dias fora, meu amor? Todo mundo tem que descansar um pouco, sair e respirar novos ares. Faz bem para qualquer pessoa que trabalha, ainda mais tu que é insaciável com isso. Fico cansado, só de te ver trabalhar.

Preocupações? Muitas, todas elas já citei para mim mesma há poucos segundos. Mas sempre que pensamos em contas, umas vinte mais aparecem para acabar com aquele fiozinho de

esperança que no final do mês vai sobrar um pouco a mais. Eu até tenho um bom dinheiro guardado no banco, mas é para investimentos futuros, quero comprar um terreno, em uma área boa da cidade e construir o meu próprio salão de festas. Isso atrai bastante eventos novos, já que o valor de aluguel sairia bem mais barato com um prédio meu, do que terceirizado, resultado em orçamentos mais baratos, e mais chances de novos eventos para organizar. Ainda falta uma boa quantidade de dinheiro, mas eu chego lá.

— Trabalhar sempre é preciso Noah, e eu já me acostumei com o meu ritmo, já nem dou bola mais — dou os ombros.

— Eu sei que é preciso, mas em exagero não, certo? — Olho para ele e suspiro de tão chato que está esse assunto, mas ele não se dá por vencido. — Só que tu tens que descansar um pouco. Olha, vamos deixar essa poeira baixar toda e sair por uns dias? Meu pai quer te conhecer e...

— Teu pai mora na Inglaterra. — O corto.

— Eu sei, e nós vamos para lá. — Um sorriso louco aparece nos seus lábios, junto com um brilho no olhar.

Ele vem me contado todo o progresso que vem feito durante esse tempo com o seu pai. As conversas, os arrependimentos mútuos e outras rugas do passado que fizeram uma turbulência e tanto na convivência dele. Mas porque ele não entende que eu não posso fazer isso? Sempre quis viajar pelo mundo a fora, conhecer a Inglaterra então é um sonho. Mas não dá, minhas prioridades são outras, preciso me estabelecer para conseguir dar suporte ao Yago para quando ele for morar comigo. Por mais que eu queira, por uns bons anos, não vai ser possível mesmo. Olho para o Noah, e vejo como ele quer reencontrar o pai nesse momento, e por mais que me doa falar isso, é a única maneira de isso acontecer. Ainda mais que, com certeza, o Yago não poderia ir, tanto pelo tratamento, como a liberação do juiz para embarcar em um voo internacional com alguém que entrou com a documentação para a sua adoção.

— Não é bem assim Noah, tu resolver que quer ir e eu ter que largar tudo por aqui e te acompanhar. Não posso fazer isso, tenho as minhas coisas também. — Engulo seco e falo uma coisa que só de pensar, já me bate o arrependimento — Se tu quiser ir, eu não me importo de ficar sozinha.

Vejo a luz do seu olhar se apagar instantaneamente depois que eu pronuncio a última frase, e o seu sorriso se esvai por completo. Minhas mãos em cima da mesa são puxadas por ele que as beija.

— Sabe Fofa, se eu fosse um cara normal, já teria desistido de ti a tempos, — ele ri de leve — mas ainda bem que eu não sou. Às vezes parece que tudo o que eu faço é por obrigação, e não porque eu te amo descontroladamente. Esse teu jeito independente é um tiro e tanto no meu ego.

Engulo a seco. Pelo visto, mais um tapa na minha cara estilo Noah vem em minha direção, então resolvo adiantar a surra e admitir de uma vez o que eu fiz de errado.

— Eu sei que tu me ama, e eu também te amo, tanto que me assusto da intensidade em que as coisas acontecem com nós. — Termina essa última frase, um pouco mais baixo, saindo quase como um sussurro, não sei se mais para ele, ou eu, escutarmos. — Mas olha pelo meu

lado, sempre fui sozinha, para tudo. Desde o meu sustento ao meu cuidado. — Ele me olha com uma intensidade e concorda com o que eu falo e isso me dá um impulso para continuar — E também entendo que tu estás louco para rever o teu pai, e eu, nem o Yago, podemos te impedir de fazer isso. O que eu disse, é apenas uma ideia que eu propus. Tu vai até lá, fica uns dias e volta. Eu confio plenamente em ti e sei que tu vai voltar para mim.

Ele beija as minhas mãos de novo, sem tirar os olhos dos meus.

— Tu sabe que eu não deixaria vocês sozinhos aqui não é? — Não respondo, só continuo a olhar ele. — Não estou falando de irmos semana que vem, o tratamento do Yago é mais importante que tudo. Só estou falando depois que ele estiver curado e morando com nós. Fofa, — sua mão vem até o meu rosto e acaricia de leve — eu confio em ti, desde o nosso primeiro encontro, e como eu já disse várias vezes, desse posto, — ele pula uma cadeira e fica ao meu lado, coloca a mão no meu coração, pega a minha e coloca sobre o dele. Abaixa a cabeça, até estarmos com as nossas testas coladas e sussurra — eu não saio, e nem tu sai de mim.

E me beija, sem importar que estamos em plena cantina do hospital e com varias pessoas nos vendo, e eu não me importo com essa demonstração pública de afeto. No fundo eu sei que ele não iria me deixar aqui, nem que fosse por alguns dias, mas amar não significar ficar sempre ao lado de pessoa em que sentimos isso. Se ele aceitasse essa ideia, eu iria aceitar e apoiar ela até o final, assim como ele sempre apoiou as minhas.

— Eu te amo — falo depois que quebramos o beijo, seu sorriso e o seu brilho no olhar voltam, não na mesma intensidade, mas o suficiente para perceber que o meu estrago com as palavras foi recuperado.

— Eu também minha Fofa. Mesmo contigo, às vezes duvidando disso. — Faço um beicinho de birra.

— Eu não duvido, só que o eu sinto é tão verdadeiro a ponto de te deixar sozinho por uns dias para te ver feliz.

— Mesmo que com isso tu fique mais atolada de trabalho?

— Sim. — Confirmo com toda a sinceridade que o meu corpo possui, e convenhamos se for na mesma proporção que ele tem, não é pouca.

— Certo — agora sim, consigo perceber aquele brilho e sorriso que tanto me encantam retornar de onde nunca deveriam ter saído. Dou um selinho, mais demorado nele, que se afasta e me dá o ultimato. — Então está combinado. Com o Yago curado e legitimamente com nós, embarcamos para a Inglaterra.

Noah levanta e me puxa por uma mão para sairmos da cantina do hospital com um sorriso vitorioso nos lábios. Pelo visto, toda essa nossa conversa não serviu de nada, pois o teimoso aqui, não vai desistir enquanto não estivermos dentro desse avião e indo para visitar o seu pai.

Capítulo 42

Entro pé por pé no apartamento, sem fazer barulho nenhum. Olho para a escuridão e percebo que pelo visto todos já estão dormindo. Caminho até o quarto do Yago, já sabendo desviar de todos os móveis da casa, de tanto que caminhei nesse corredor sem luz durante os anos.

A porta entre aberta, já que pela isolamento acústica que o quarto tem a deixamos assim, e vejo meu anjo dormindo com o Gato e o JB juntos na cama. O ar gelado chega a me causar um arrepio de tão frio que está aqui. Pego o controle remoto do ar-condicionado e diminuo a intensidade, e faço uma nota mental para avisar para o Noah cuidar disso, não é porque ele é um urso polar que ama frio, que o Yago tenha que congelar nesse quarto.

Ajusto a temperatura, diminuo a ventilação e mudo a direção para uma que não venha direto para a cama do Yago. Me aproximo da cama e dou um beijo na sua cabeça raspada e um afago no Gato e JB que fazem uma dupla para ver quem ronca mais. Saio do quarto e vou para o banheiro tomar um banho antes de me deitar. Preciso relaxar um pouco antes de cair na cama.

Saio do banheiro enrolada em uma toalha e quando abro a porta do meu quarto, parece que eu estou no polo norte. Olho para a cama e um Noah, só de cueca e atirado como uma lagartixa que torra no sol, sem nada o cobrindo, pernas e braços abertos como se fosse o Homem Vitruviano de Da Vinci, de bunda para cima. Como ele consegue dormir nesse frio de congelar e ainda desse jeito? Só de chegar aqui, eu já congelei! E se eu pensar em mudar a temperatura, ele acorda no meio da noite e coloca na era glacial de novo.

Coloco um pijama, mas antes pensei umas duas vezes de pegar aqueles de inverno acolchoados por dentro ao invés de um de verão, desligo a luz do quarto e me deito em um mínimo espaço que o urso polar espaçoso não ocupou. Deito a cabeça no travesseiro, puxo a minha coberta, fecho os olhos para dormir e...

— Ahh que susto! — Grito quando o Noah pula em cima de mim me agarrando.

— Como foi o trabalho? — Ele me pergunta entre um beijo e outro que ele distribui no meu rosto.

— Foi bom, e por aqui? — Noah continua a me beijar e a me amassar.

— Tranquilo — para de me beijar por alguns instantes — ficamos olhando filme na TV e comemos pizza.

Se eu não ficar em cima desses dois, passam à pizza todas as noites. Mesmo com a geladeira cheia de comidas saudáveis e frutas, nada faz eles mudarem de hábito quando eu não estou em casa.

— Pizza de novo?

— Ele que escolheu. — Fala rindo.

Reviro os olhos para o nada, já que o quarto está no mais absoluto breu. Noah sai de cima de mim, mas continua me abraçando e eu estranho. Geralmente, quando eu chego em casa

depois do trabalho e ele me agarra desse jeito, tem algum plano perverso por trás, e investe em mim até eu ceder. E hoje isso não está acontecendo. Será que foi pelo fato da nossa conversa na cantina do hospital que ele ficou com algum ressentimento sobre o que eu falei dele poder ir até a Inglaterra ver o seu pai?

Eu sei que nunca fui uma pessoa delicada a ponto de conseguir expressar os meus sentimentos de uma forma singela e simples. Sempre saíram em forma mais rude o possível para uma pessoa só. Fiquei um bom tempo hoje durante a festa, pensando nisso e na nossa conversa. Falei com a Elis sobre tudo o que aconteceu lá na cantina e ela me afirmou que, com certeza, o Noah não levou pelo lado pessoal da coisa e entendeu os meus motivos para ter falado aqui. E que era para deixar de afrontar ele e investir em outras coisas, pelo seu sorriso sacana, nem preciso pensar muito no que ela pensou.

Pode parecer dramático demais para a minha pessoa, mas é a realidade. Quando assumi a responsabilidade de cuidar do Yago, aceitei a ajuda do Noah como uma benção que apareceu naquele momento. Com certeza, se não fosse por ele hoje, eu não saberia como enfrentaria tudo isso sozinha, mas também não posso deixar de fora o fato que ele tem uma vida e uma família, que aos poucos vem se reconstruindo. Sei também que ele já abdicou muitas coisas só para estar comigo aqui em casa e com o Yago, como até o seu emprego. Concordo que ele não estava muito satisfeito com o rumo que ele tomava, mas a forma radical que se demitiu, não me deixa para de pensar que um pouco foi por causa de tudo isso.

— Se tu não parar de rodar essas engrenagens na tua cabeça, eu não vou conseguir dormir aqui pelo barulho amor. — Fala no meu ouvido. — O que te faz ter pensamentos tão intensos quase duas da manhã?

Me viro para frente dele, mesmo com o quarto todo no escuro, não consigo conversar de costas para ele.

— Está tudo bem? — Pergunto baixinho, enterrando a minha cabeça no seu peito. Ele ri.

— Eu que te pergunto Fofa, está tudo bem? — Sua voz sai um pouco diferente, meio engraçada até.

— Eu digo entre nós, e depois da nossa conversa na cantina... — Deixo a frase solta para que ele possa pegar a minha linha de raciocínio, sei que ele entendeu o que eu quero falar com tudo isso. Ele solta um suspiro e começa a falar.

— No início eu fiquei puto mesmo, — ai droga eu sabia. Su idiota, besta e burra! — mas quando tu saiu para o trabalho eu pensei em tudo o que aconteceu ali. Vi o apartamento que tu montou sozinha, teus instrumentos, teu carro, até o teu emprego. Como tu conseguiu tudo isso sem a ajuda de ninguém. E por isso, vê os teus eventos como teus filhos, mais importante que muita coisa, e ai eu entendi meu amor. Por mais cansada e estressada que tu esteja, tu ama o teu serviço mais que tudo, pois foi ele que te deu a oportunidade de conseguir toda essas coisas. E a ideia de se distanciar dele pode ser assustadora.

Olho para ele, e não enxergo nada, mas só o fato de eu o encarar já me alivia. Tento pensar em alguma coisa para falar, e tocar no assunto da viagem, mas ele me interrompe começando a falar de novo.

— E sobre a viagem, eu também compreendi que tu, com a mesma intensidade que eu,

quer que eu me reconcilie com o meu pai ao vivo. Mas agora não é a hora disso. Ainda há muitos receios entre nós que com o tempo vão diminuir — ele me abraça um pouco mais forte. — Entendi que o que tu me sugeriu, de eu ir lá e ficar alguns dias, não foi um ato de indignação tua sobre tudo isso, e sim de querer a minha felicidade, mesmo que com isso tu vá ficar bem mais atolada com o serviço e os cuidados com o Yago.

Concordo com a minha cabeça no seu peito para que ele entenda. Não posso deixar ele abdicar de mais uma coisa, por nossa causa. Não é justo.

— Eu pensei muito amor. Muito mesmo. E quando a minha ficha caiu, até fiquei meio frustrado comigo mesmo por ter ficado puto com isso. Foi puramente egoísmo meu em frente ao teu altruísmo. Nós ainda vamos para lá amor, nós três. Ou melhor, nós quatro, vamos levar a maluca da Elis para colocar de babá do Yago para nós aproveitarmos mais a viagem.

Começo a rir, imaginando a Elis viajando com nós. Com certeza seria uma maluquice só aguentar ela em outro país. Sei que o sonho dela sempre foi sair do país, mas morre de medo de ir sozinha. Essa seria a oportunidade de ela virar uma Vaca internacional e com certeza iria adorar vir com nós.

— Já imaginou a Elis com nós? — Pergunto ainda rindo. — Ela iria fazer diversos escândalos!

— Se ela ficar com o Yago para nós dois, pode fazer o quanto escândalo quiser amor. Até pago a viagem dela se ela aceitar ser babá por alguns dias!

Noah me abraça e suspira me cheirando. Beijo o seu rosto de leve pensando em tudo o que ele me disse antes de mudarmos o assunto completamente. Sim, meu trabalho é como se fosse meu filho, dependendo do seu desempenho para o meu sucesso. Se tenho tudo o que conquistei graças a ele, por isso como uma boa mãe, me afastar dele vai ser horrível. Além disso, preciso da sua renda para me manter, ainda mais quando vi a conta de luz que chegou essa semana. Facada no estômago vai ser dura!

A história da viagem que ainda me dói, no coração e bolso. Sei que se eu falar para ele que não tenho condições para mim e o Yago, ele vai querer bancar tudo. E eu não posso aceitar isso! Seria demais para a minha pessoa. Já estou aceitando a sua ajuda com muita coisa, mas financeiramente seria a morte para mim. Não sou dessas que aceita presentes caros assim do namorado, é um absurdo ao meu ponto de vista! Sou orgulhosa sim e assumo! Posso amar o Noah mais que ninguém, mas não posso abusar ou então deixar que ele gaste rios de dinheiros comigo.

— Ainda ouço as engrenagens... — Ele fala esfregando a barba em mim.

— Parei agora. — Noah ri.

— E se tu está te perguntando o porquê eu não estou em cima de ti como um louco para arrancar esse teu pijama — ele faz uma pausa dramática — é porque eu sei que tu está bem cansada. E eu estou me controlando, mesmo contigo agarrada assim em mim. — começo a rir.

— É que o meu namorado é um urso polar que gosta de frio glacial e eu quase morro congelada aqui nesse quarto.

— Urso polar? — Ele pergunta rindo.

— Sim, quando te vi aqui assim que entrei, pensei em uma lagartixa torrando ao sol, mas urso polar combina bem mais.

Noah começa a rir da minha piada e eu o abraço mais ainda, por dois motivos. Porque ele é a pessoa que me completa e entende apesar de tudo, e que está um frio desgraçado no meu quarto e eu estou quase entrando em estado de hipotermia.

~

— Carla, sem condições para ti hoje! — Falo entregando um pano úmido para ela, que pela minha experiência com febre, deve estar beirando aos 40°C.

Acabamos de começar uma festa infantil, Elis está terminando de arrumar as bandejas com os salgadinhos porque a Carla não consegue, literalmente, ficar em pé. Ontem ela já estava bem gripada, mas hoje é como se um trator tivesse passado por cima dela.

— Liga para o teu pai e pede para ele vir te buscar.

— Já estamos com um a menos — ela fala baixinho. Droga! Esqueci que tinha dado folga a outro funcionário.

— Não tem problema, — coloco a mão na sua testa e confirmo, está bem alta — vai embora, te recupera que aqui nós damos conta de tudo Carla.

— Mas Su... — ela tenta argumentar alguma coisa e eu a calo.

— Sem discussão. Pega o teu celular e pede para ele vir te buscar. — Falo amigavelmente.

Não posso a deixar trabalhando desse jeito, por mais que estejamos com um funcionário a menos. Deixo ela ligar para o seu pai e ir para casa descansar. Eu sei que trabalhar com febre e doente desse jeito é impossível, muito eu fiz isso e os meus patrões nem davam bola, e desde que me tornei uma, não deixo os meus funcionários trabalharem quando estão doentes.

Vou até a copa, onde um dos meus garçons está localizado para servir as crianças e convidados com bebidas e coloco ele para servir as mesas, e por enquanto, eu fico nessa posição. Se precisarem de mim em outra área, eu coloco a Elis aqui por alguns minutos, resolvo e volto para cá.

— Fala gata, qual vai ser o esquema da quebrada hoje? — Elis chega até a bancada da copa e me fala de um jeito estranho, como se fosse um dos “manos”.

— Trabalhar e ajudar o colega o quanto poder — falo séria para ela, servindo um copo de refrigerante para uma criança toda suada que veio até aqui. Até me deu uma saudade do meu anjo.

Deixei os dois deitados no sofá e olhando algum filme de desenho na televisão, que o Noah insistiu para ser legendado, para o Yago ler as falas e assim, estudar um pouco. Dei um beijo em cada um e sai para trabalhar, e agora vendo esse monte de crianças aqui, a minha vontade é pegar o meu telefone e ligar para eles e ver o que estão fazendo. Corujismo total, eu assumo! E o pior ainda, é pelos dois.

— Certo — Elis fala acenando a cabeça e sai com uma bandeja de salgadinho ajudando

a servir as mesas. Hoje ninguém tem função específica, todos vão ter que ajudarem. Trabalho em equipe total.

Vejo um dos meus funcionários me chamando em algum canto da festa para resolver alguma coisa, ao mesmo tempo que umas cinco crianças chegam para se servirem de refrigerante, e para a minha felicidade, cada um quer de um sabor diferente, quando não decidem mudar quando estou enchendo o copo. Olho para o canto onde me esperam, e o meu funcionário já está a ponto de vir me buscar aqui, Elis servindo as mesas junto com outro e eu trancada aqui. Droga, por mais que eu me desdobre em quarenta, hoje vai ser complicado!

Por Noah

Acordo com uma coisa me escalando no sofá. Quase dou um pulo de quando uma coisa dura afunda no meu estômago. Só não xingo porque é o gesso do Yago e ele ainda não tem noção de se mover com aquilo pendurado nele. Solto o ar dos meus pulmões com dificuldade, isso doeu para cacete!

— Opa! Desculpa tio Noah — ele fala quando vê que eu não estou respirando com muita facilidade.

— Não foi nada — minto. — Porque está me escalando e não está no teu sofá?

— Fui expulso pelo Gato — ele fala deitando no meu peito e olhando o filme, que eu nem me lembro de qual é mais. A Su saiu para trabalhar e eu desmaiei aqui.

— Como assim expulso? — Coloco as minhas mãos na sua volta e o abraçando. Beijo o topo da sua cabeça nua e ele ri.

— Ele começou a caminhar na minha frente e se sentou bem em cima da minha cabeça — olho para o Gato que observa o Yago relatando o caso, sempre com aquela cara sem expressão de sentimento nenhum — ai eu o pegava e colocava no chão e ele voltava. Percebi que ele queria o sofá para dormir, ai vim para cá.

Começo a rir da esperteza do Yago em dar o sofá para o Gato, e o JB que estava deitado entre as minhas pernas, saiu e se deitou ao lado dele no outro sofá. Mais um ponto para o Gato, que com sua personalidade felina e com terceiras e quartas intenções, consegue sempre o que quer.

Bem parecida com uma certa felina que me apelidou de urso polar ontem a noite. Com todo aquele jeitinho de gatinha manhosa e teimosa, consegue me deixar de quatro por ela, mesmo quando a minha vontade é pegar essa autossuficiência dela e jogar pelo vaso.

Como eu disse para ela ontem, eu fiquei puto com a história de ela me mandar para a Inglaterra visitar o meu pai, como se fosse a coisa que ela mais quisesse no momento e não desse bola nenhuma para o meu cuidado com ela e o Yago. Porra, isso me deixou louco da vida. Por mais que eu ame os dois, o jeito como ela falou me magoou ao extremo, me dando a entender que ela não precisava da minha presença aqui.

Mas graças, repito, graças que eu não sou uma pessoa que agir com o sangue quente, ou

tento acreditar que não sou. Deixei ela se explicar e quando ela me disse que, me amava, eu percebi que isso teria outro fundo e não esse que eu estava levando. E quando ela me repetiu isso e ainda completou que o sentimento dela é tão verdadeiro que me deixaria ver o meu pai por alguns dias só pela minha felicidade.

Se eu não estivesse em meio a uma cantina de hospital a teria beijado do jeito mais apaixonado possível, mas me contentei com os que trocamos respeitosamente lá. Que mulher no mundo, que trabalha incansavelmente, ajuda em um orfanato e está em processo de adoção com uma criança com câncer e cuida dela 24h por dia deixaria a uma das únicas pessoas que a ajuda em quase tudo, ficar alguns dias fora, só para que ela fique feliz? Somente a minha Fofa que consideraria essa hipótese.

E ontem, quando ela chegou em casa, senti que ela se arrependeu de demonstrar aquela ideia daquele jeito. A sua total falta de tato para lidar com as pessoas e expressar o seu sentimento ainda é bruto, mas eu não pediria para ela mudar de jeito nenhum. Como uma foto que a Elis me mandou esses dias com a mensagem “uma bruta vale mais que mil piriguetes” e eu assino em baixo com reconhecimento em cartório.

Meu telefone toca e eu afrouxo o abraço do Yago e pego o meu celular, é uma mensagem da Elis, o que essa maluca quer me incomodando a essa hora?

Elis: de boa por aí?

Noah: Sim... Algum problema?

Elis: Muitos! A Carla está com febre e com isso ficamos com dois a menos na equipe. Estamos todos se virando em vinte, e a Su em quarenta.

Noah: Posso ajudar em alguma coisa? Saio daqui e levo o Yago, quinze minutos estamos aí!

Elis: SIM! Vem que eu te coloco na copa para servir as bebidas para as crianças. Calça e camiseta preta, que eu tenho o avental aqui, poder ser?

Noah: Já estamos saindo.

Óbvio que isso vai dar briga logo mais, mas estou doido para que isso aconteça para fazermos as pazes mais tarde. Levanto levando o Yago junto comigo, peço para ele colocar uma roupa maneira e um boné, que nós íamos para lá onde a tia Su estava trabalhando. Ele se animou todo, pega um impulso com aquele gesso desgraçado no meu estômago e vai correndo para o quarto. Caminho tentando respirar devagar até a dor passar, paro na frente do guarda roupa e pego uma muda toda preta e me visto em questões de segundos. Em toda a minha vida, essa foi a troca de roupa mais rápida que eu já fiz, merece até ir para os livros dos recordes.

Chegamos ao local do evento, como eu disse para a Elis, em quinze minutos. Desço com o Yago ao meu lado com o seu inseparável GameBoy, agradeço a Santa Elis por essa ideia genial, pois isso é uma mão na roda e tanto para acalmar ele, e entramos pelas portas dos fundos. De cara já encontro a Elis enfiada dentro de uma caixa de doces e com a boca toda suja de chocolate que ela disfarça tentando limpar com as mãos.

— Que susto! — Ela coloca a mão no peito e fecha os olhos — A Su já me ameaçou me demitir se me visse aqui comendo de novo, mas é mais forte que eu, fico nervosa quando estamos atolados e como mais que o normal.

Tenho vontade de replicar esse comentário com um “mais?” sarcástico, mas evito para não dar corda para ela começar a falar como uma matraca ambulante e esquecer qual é o meu propósito aqui. Sento o Yago em uma das cadeiras que ali estão e aviso para ele que qualquer coisa é só me chamar e para não abusar dos doces para não haver o mesmo episódio de vômito que da última vez. Entrego o meu telefone para ele também, por mais que ele ame o GameBoy, os jogos do meu também fazem um bom serviço para prender a sua atenção.

Elis me entrega um avental verde musgo, igual ao dela, para eu ficar uniformizado como o resto da equipe, e me leva até onde vai ser o meu posto, uma bancada com um freezer atrás de mim e vários copos descartáveis e explica.

— As crianças vão chegar aqui, tu pega um copo e enche de refrigerante para deixar elas elétricas e gritando como umas loucas com a mistura desse açúcar com os dos doces na sua corrente sanguínea, deixando os pais por algumas horas despreocupados com qualquer tipo de bagunça que eles podem fazer em pouco tempo. — Ela dá os ombros — Até porque, eles não têm como se matarem aqui, a não ser que alguém consiga rasgar a tela de proteção do brinquedo gigante. — aponta para um brinquedo enorme cheio de escadas e tubos de conexões coloridos por onde eles passam e caem em uma piscina de bolinhas. — E se atirem de lá. Isso é bem improvável, mas o açúcar nas crianças as transforma de anjinhos para diabinhos, então estamos sempre de olho.

Ela termina de falar e me olha sorrindo, como se fosse a coisa mais normal do mundo. Pisco algumas vezes tentando assimilar tudo o que ela me disse em menos de cinco segundos, pelo visto não é só em crianças que o açúcar em excesso ataca. Em pessoas com problemas de maluquice também.

— Entendeu tudo Noah? — Me pergunta e eu não sei se ela está falando do trabalho ou do fato do açúcar.

— Sim, entendi! — Falo acenando a cabeça.

— Ok, eu vou estar sempre pela volta, qualquer coisa me chama — ela sai caminhando em cima de um salto gigante. Como ela consegue trabalhar em cima daquilo, e toda agitada que está? Não duvido que ela caia e quebre uma perna por isso. — Ah! — Se vira para mim. — Boa sorte quando a Su te ver aqui trabalhando, ela vai surtar com toda a certeza. — E finalmente sai.

Ah sim, a briga vai ser grande, mas nem me importo por causa disso. Mas que eu quero ver a cara dela quando me ver aqui de uniforme e tudo, ah eu quero. Vai ser a briga do ano e consequentemente a reconciliação também. Não que as minhas intenções sejam as piores do mundo para estar aqui, claro que não, mas que vai divertido, ah se vai, e muito!

Abro o freezer atrás de mim e vejo a quantidade de bebidas que tem aqui, alcoólicas para um lado, água e refrigerante do outro. Acho os copos descartáveis e penso que trabalho mais fácil não pode haver no mundo. Começo a servir as crianças, que como a Elis falou, estão realmente possuídas pelo açúcar e gritam como se estivessem em um jogo de futebol ou um show de rock da pesada, agora sei porque a Fofa sempre tem dor de cabeça depois de uma festa infantil. Fico de boa servindo os capetinhas, até que uma mãe chega para pegar uma cerveja.

— Não tinha te visto por aqui — Fala me olhando de cima a baixo, e provavelmente bêbada.

— Cheguei agora a pouco — respondo educadamente entregando a bebida e pedindo, silenciosamente, que vá embora.

— Trabalha nesse ramo há quanto tempo? — Ok retiro o “provavelmente bêbada” para muito bêbada.

— Não muito, — me abaixo para servir outra criança. Sinto os olhos da mulher em mim e engulo seco, trabalhar aqui já vai ser uma briga, se ela ter um ataque de ciúme em mais um dos seus eventos, vou ser barrado de todos os próximos, por isso falo — só estou dando um ajudada para a minha mulher hoje aqui.

Olho para a mulher que está de boca aberta para mim, por essa ela não esperava. Se fosse nos meus tempos antigos, não escapava, mas agora com eu compromissado com uma certa baixinha, fofinha e que é brava até o último fio de cabelo, não olho nem para os lados. A mulher pega a sua bebida e sai sem falar nada para mim novamente, é isso aí Noah, pela primeira vez na vida se dando o valor em frente de uma mulher. Até eu estou com orgulho de mim.

Sirvo mais algumas crianças e converso com elas sobre as suas brincadeiras. Levo um jeito incrível com elas, nem eu sabia desse meu lado de conseguir lidar com elas com tanta naturalidade assim, e quando sinto uma mudança no ambiente, sei que a briga vai começar. Fecho o freezer e me viro lentamente e me dou de cara com uma cara de brava linda, com um bico que me faz querer pular por cima dessa bancada e beijá-la na frente de todos.

— Oi Am...

— O que tu está fazendo aqui! — Ela fala antes mesmo de me deixar terminar a minha frase. Solto um meio sorriso e que comece o primeiro round!

— Servindo os convidados — respondo com a maior naturalidade do mundo.

Uma criança chega me chamando de tio e pedindo “um copão de refigelante” que eu sirvo com toda a paciência do mundo e ainda bato um papo cabeça com a criança, que não deve ter mais que uns três anos e troca todas as letras. Uma graça.

— E aí meu amor, tudo certo? — Pergunto com a maior cara de pau que consigo fazer, só para vê-la surtar um pouco mais. Sou um louco, eu sei. Mas o que eu posso fazer se quando eu a pego desse jeito é bem melhor?

— Eu estava arrumando uma parte da fiação para o som daqui a pouco, e escuto em uma mesa as convidadas, — ela frisa bem essas duas últimas palavras — falando que nunca viram um garçon tão lindo assim. Aí eu penso que o único que está aqui, é o Jefferson que tem 19 anos e usa óculos fundo de garrafa e aparelho nos dentes. — Sorrio para ela que chega a estar vermelha de raiva. — Aí um estalo me bate. Corro para a cozinha e vejo o Yago arrumando uma bandeja de doces com a Elis.

— Surpresa minha Fofa! — Falo animadamente. É hoje que eu durmo no sofá!

— Surpresa é o — ela olha para todos os lados para ver se havia algum convidado por perto e fala baixo — o caralho Noah! Vamos sair daí!

Claro que ela ia me falar isso. Fofa mal tu sabe que eu já te conheço como uma parte do meu corpo que me pertence, e isso significa que também sei os teus pontos fracos.

— Deixa de ser teimosa Amor — falo normalmente — tava em casa sem fazer nada mesmo, aí a Elis me perguntou se eu poderia vir aqui ajudar e eu vim. Não fiz mais que a minha obrigação como namorado cuidadoso e atencioso que sou — sorrio triunfante para ele que ainda me olha mortalmente.

— E isso quer dizer que tu vai trabalhar essa noite aqui? — pergunta óbvia eu acho, mas não revido com ironias e sim cruzando os braços sobre o meu peito com uma expressão de “daqui não saio e daqui ninguém me tira”

Ela observa isso e bufa. Lindamente. Essa mulher me deixa louco em todos os sentidos que a palavra pode significar. Continuamos a nos encarar fixamente até que algum de nós ceda, e dessa vez, não foi eu quem desviou o olhar. Elis a chama da cozinha e faz com que ela se vire para ela, conversam alguma coisa por sinais, que eu não entendo e ela se volta para mim.

— Ótimo, estou com o pessoal reduzido mesmo, mas uma coisa — ela se inclina na bancada e me olha fixamente — uma coisa errada e esse é o teu último evento como trabalhador, certo?

Sorrio triunfante para ela.

— Sem problemas Fofa, e se gostar do meu trabalho, pode me contratar nas horas vagas, estou desempregado mesmo.

— Então trate de fazer o trabalho direito e limpa esse balcão que está puro gelo derretido. Que limpeza e organização é tudo por aqui.

E sai rebolando aquela bunda linda para longe de mim e em direção à cozinha. Com certeza essa foi a primeira batalha essa noite, mas posso ter a certeza absoluta que não vai ser a última, essa eu vou deixar para quando estivermos em casa e no quarto.

Pego o pano, que eu achei aqui em baixo da bancada e limpo o excesso de água que se acumulou com o derretimento do gelo das bebidas. Com um sorriso besta, sirvo todas as crianças, que como dependentes de drogas, entram em desespero por um copo de refrigerante, e eu concordo com a Elis, elas passam de anjinhos para possuídas pelo açúcar em questão de segundos.

~

— Obrigada — ouço ela falar baixinho, ou não, porque ainda estou meio zozinho com o que acabamos de fazer aqui nessa cama.

A festa foi um sucesso, enchi aquelas crianças de refrigerante e os pais de álcool e todo mundo saiu feliz de lá. Chegamos em casa com o Yago dormindo no meu colo, já que pelas tantas, até ele começou a brincar com as outras crianças. Tudo saiu perfeito.

— Está com febre? — pergunto, colocando a minha mão na sua testa.

— Por quê? — olha para mim, deitada no meu peito e me abraçando.

— Me agradecendo pela ajuda — sorrio. — Pensei que íamos brigar até não aguentarmos mais e fazermos as pazes alucinadamente depois.

— Idiota — ela volta a se deitar em cima de mim e beija bem em cima do meu coração.

— Não acabamos de fazer algo alucinante aqui?

Ohhh se foi! Tenho a certeza que não tenho forças nem para me levantar dessa cama, quem dirá um segundo round. Minha Fofa passou de uma quase inexperiente para uma total graduada no assunto. Chego a ficar totalmente a sua mercê em algumas situações e quando eu menos espero, ela faz uma coisa nova quase me fazendo um adolescente que não consegue se segurar. Já tive que me concentrar em recitar o alfabeto de trás para frente, várias vezes, para conseguir segurar até o final.

— Muito! Mas o que importa aqui é o fato de tu estar me agradecendo a ajuda. É sério isso? Posso colocar de capa no jornal amanhã? Fofa admite que precisou a ajuda do Noah e ainda agradece — ela ri. — Isso é primeira capa amor. Vai vender muito!

— Sem graça, dá próxima vez não falo nada. E vou te expulsar de lá, sem pensar duas vezes — Beijo o topo da sua cabeça e a abraço.

— Deixa de ser arredia mulher, admite.

— Não vou falar mais nada — teimosa, mas a mais linda de todas, não posso negar isso.

— Vamos, é só falar assim, “Noah, amor da minha vida, eu estava errada e precisei da tua ajuda, obrigada meu amor, e sempre que eu precisar vou te chamar” — ela começa a rir um pouco mais alto.

— Sem chance — nega com a cabeça em cima de mim e ainda complementa nua. — Amanhã eu vou te pagar pela noite de serviço.

Pronto, que venha a próxima briga! Sabe quando eu vou aceitar dinheiro dela? Quando a Elis virar uma pessoa normal, ou seja, nunca.

— Não — falo e ela olha para mim.

— Sim — e ainda faz uma cara de brava.

— Não e ponto final — solta um grunido irritado, me fazendo ficar com um sorriso no rosto feito um idiota.

Eu amo essa mulher e todas as suas personalidades. A teimosa que me faz querer jogar ela na parede e deixar ela totalmente sem defesa e escapatória de mim. A mandona, que eu contrario só para fazer a sua brava vir à tona para eu beijar aquele bico que ela faz até se desmanchar e a inocente que eu tenho uma vontade de pegar no colo e tirar todo o sofrimento que ela passou até agora.

Com um impulso leve, mudo a nossa posição e fico em cima dela. Seus olhos castanhos fazem uma reviravolta dentro de mim e eu beijo a minha bravinha favorita, até deixá-la quase a ponto de falar o meu nome em um meio gemido e paro.

— Como eu detesto quando tu faz isso — fala frustrada.

— Faço o que Fofa? — sorrio ironicamente. Ela nem sabe o que a espera se entrar no meu plano.

— Isso. De me deixar toda te querendo e tu para — touchê meu amor, caiu como uma gatinha perdida, agora não vai ter escapatória.

— Posso mudar essa situação — ela vem para me beijar e eu recuo. Brincar com o perigo é o meu sobrenome desde que comecei a namorar com ela.

— Fala de uma vez!

— Assume que precisou de mim e esquece esse história de me pagar — ela geme, mas não num bom sentido.

— Não vale. Isso é maldade — claro que ela não ia ceder de primeira.

— Não é não — mexo-me em cima dela, que morde o lábio, e eu paro de novo. — Uma frase, e eu continuo amor. Uma troca justa.

Seus olhos se fecham e eu provoco de novo. Mal ela sabe se investir qualquer coisinha em mim, eu cedo sem nem pensar em mais nada. Beijo o seu pescoço e roço a minha barba até o seu ouvido.

— Vamos amor, tu sabe o que eu quero escutar, é indolor e só eu vou escutar — beijo de novo e mordo o seu ombro um pouco mais forte e ela geme. Porra Su, não demora senão nem eu aguento aqui.

— Sim — ela fala quase como um suspiro —, eu precisei de ti lá hoje, não ia conseguir fazer tudo com a devida atenção necessária. Obrigada! Por ter me ajudado, por ter segurado as pontas quando eu estava a ponto de surtar, e por ser tão perfeito para mim. Eu te amo, mais do que pensei que poderia, não consigo mais viver sem ti. Obrigada...

Puta que pariu! Suzilyane deveria ser o sinônimo de ruína. Como resistir, se a cada teimosia vem uma revelação dessas? Impossível. Amar essa mulher é a coisa mais fácil e mais difícil ao mesmo tempo, mas eu não desistiria por nada de estar aqui com ela. A encaro e seus olhos transmitem a maior sinceridade do mundo.

— Já falei. Agora cumpre o teu trato Noah — ela me fala e eu não posso deixar de sorrir.

— Com todo o prazer no mundo.

A beijo e que se dane o cansaço do meu corpo, o que eu mais quero agora é um segundo, terceiro e quantos mais rounds nós conseguirmos essa noite. Caralho, como eu amo essa mulher!

Capítulo 43

O sol está brilhando como nunca, tanto que o Noah está tomando a terceira garrafa de água, que eu tenha visto, em menos de uma hora. Alerta: urso polar derretendo com o aquecimento global ligado hoje.

Não sei o que é pior, ficar de baixo do sol escaldante direto, ou dentro dessa tenda de plástico que colocaram, que mais parece um forno a lenha para o nosso cozimento. Olho para a Elis que está de vestido curto, se abanando com um pedaço de papel e brigando pela garrafa de água com o Noah. Se eu não estivesse de calça jeans eu até iria apartar aqueles dois, mas se isso significa eu caminhar até lá, eles que se matem.

Olho para o Yago sentado ao meu lado, e ele chega a estar abatido, de tão quente que está aqui, e ainda mais com aquele gesso no braço. Se não faltasse apenas meia hora para a apresentação das crianças, levaria ele para casa e voltava só na hora da apresentação.

— Tudo bem Anjo? — pergunto para ele que nem jogando no seu GameBoy está.

— Calor — ele me responde e eu só confirmo com a cabeça. Se eu estou derretendo aqui, imagina ele.

Abro a minha bolsa e tiro uma pedaço de papel higiênico, uma das coisas que nunca faltou na minha bolsa, dinheiro nem sempre tem, mas isso não pode faltar, e limpo o suor que escorre do rosto dele.

— Quer uma água gelada? — limpo o seu pescoço também, nunca vi ele suar tanto assim. Coloco a mão na sua testa e vejo se ele não está com febre, mas com o calor que está, não consigo diferenciar.

— Quero ir para casa — geme baixinho depois que me responde que sim com um aceno de cabeça.

Droga! De quem foi essa ideia de fazer essa apresentação aqui e no horário de pico do sol? Pego o boné do Yago, que está dentro da minha bolsa e começo a abanar ele. Raquel chega perto e começa a abanar ele com um pedaço de papel que está em sua mão para me ajudar.

— Não sei de quem foi essa ideia de jerico de colocar essa tenda de plástico que esquenta mais que o próprio sol — nem respondo, de tanto que abano o Yago.

Olho para o Noah e espero que ele me enxergue, porque eu não tenho forças para gritar ele e abanar o Yago ao mesmo tempo, mas pelo timing perfeito ele olha para mim e começa a caminhar em nossa direção. Com um movimento de lábios, sem som, falo “água” para ele, que desvia o seu trajeto e atravessa a rua para comprar uma garrafa para nos trazer.

Menos de dois minutos depois, ele chega com umas quatro sacolas cheias de garrafinhas e começa a distribuir entre as crianças que estão sentada e tomam o mais rápido possível. Ele abre uma para o Yago que toma como se não visse uma a alguns bons dias.

— Amor, não dá para ele ficar mais aqui — fala, e eu concordo com a cabeça. — Acabei de ouvir, que o prefeito da cidade vai se atrasar, e isso não vai começar sem ele.

Gemo de frustração com isso. Olho para o Yago que está branco como um papel, o calor o afeta, bem mais que os outros. Levanto e falo para a Raquel.

— Vou levá-lo para dar uma volta de carro então — por mais que a minha presença aqui passe confiança para as crianças, não posso deixar o Yago sofrer desse jeito com o calor.

— Vou junto — Noah se intromete no meu assunto e eu olho para ele.

— Fica — falo calmamente, nem forças para brigar eu tenho —, as crianças vão ficar nervosas se alguém não ficar aqui.

Noah olha para onde elas estão, sentadinhas, assustadas e com medo da apresentação. Esse é um sentimento que eu sempre tive antes de subir ao palco quando criança. Esses momentos antes de começar o espetáculo são os piores de todos. A timidez de tocar para uma plateia imensa, faz com que tudo se multiplique. Cansei de pedir para o meu tio que me tirasse da apresentação, mas ele nunca fazia isso, e sempre me dizia que eu ia ser a melhor de todas. Mas assim que ele saía para se sentar na plateia, eu pensava em tudo, de como eu poderia cair caminhando até o palco, enrolando os meus pés nos fios soltos, ou como eu poderia errar a música que eu ia apresentar. Claro que isso nunca aconteceu, mas que as imagens de todo mundo rindo de mim por isso, sempre ficaram na minha cabeça até eu sair do palco, e poder respirar aliviada.

Com as minhas crianças também é assim, vejo o medo e a ansiedade nos seus olhares, dias antes da apresentação. Alguns chegam a errar tudo, de tão nervosos que ficam com essa situação, tanto que evito no último ensaio forçar alguma coisa para eles. Prefiro fazer uma aula mais leve e na brincadeira para aliviar os nervos deles, e lá no meio da aula, passo pela última vez a música, e deixo eles voltarem para a diversão.

Começo a caminhar com o Yago ao meu lado, quando uma das minhas alunas para na minha frente com os olhos quase saindo pelas órbitas, de tão assustada, tanto que eu me ajoelho na sua frente para ver se ela estava passando mal.

— Não vai nos ver tocando, tia Su? — abro um sorriso. O seu nervosismo é visível.

— Vou sim linda — e ela relaxa um pouco —, só vou levar o Yago para longe do calor um pouco, mas eu volto para ver vocês arrasarem lá em cima do palco como fizeram ontem lá na sala de aula comigo, certo? — levanto a minha mão, para que ela bata e selamos o acordo.

Meu plano é: colocar o Yago no fusca, ligar o ar condicionado a toda potência, e ficar dando voltas de carro na região, para não ter perigo de me afastar tanto e não conseguir estar aqui na apresentação das crianças. Pedi para o Noah, me avisar assim que o tal prefeito, irresponsável e atrasado, chegar para eu voltar. A apresentação é uma das primeiras coisas desse evento, então vai dar tranquilo para eu chegar e assistir tudo lá em cima com eles. Saio da tenda-forno e vejo o meu tio chegando até nós.

— Algum problema? — me pergunta assim que chega mais perto e vê o Yago, quase derretendo ao meu lado.

— Muito calor, estou levando ele para o carro no ar condicionado — começamos a caminhar e o meu tio pega a chave do seu e destranca as portas.

— O meu está mais perto — abre a porta de trás, e quando eu chego perto, o ar frio ainda está lá

dentro, e o Yago entra sem ao menos esperar a minha resposta.

Faço como ele e entro no carro e solto um gemino fraco, de tão calor que está, meu corpo inteiro agradece por esses minutos no frio. Por mais que a noite eu deteste aquele ar-condicionado ligado, a toda potência polar que ele tem, hoje não me importo em chegar em casa, abrir todas as portas do apartamento, e ligar os três ao mesmo tempo e depois, tomar um banho gelado.

Meu tio entra no carro, e coloca a chave na ignição e liga o ar-condicionado, que começa a lançar o ar em todas as direções. Ouço o Yago se deitando no banco e olho para trás, pensando que ele havia desmaiado, mas logo vejo os seus olhos verdes olhando para mim, um sorriso no seu rosto, e a sua cor rosada, voltando aos poucos.

— Meu Deus — meu tio fala —, que calor insuportável.

— Mais insuportável que a Elis — ele coloca o carro em movimento.

— A Elis é uma figura mesmo — o vejo sorrindo. — Nunca conheci uma pessoa tão maluca como ela, acredita que ela disse que eu tenho que sair mais de casa, agora que eu estou solteiro? Imagina, eu com quase sessenta anos, indo em... Como foi que ela disse — ele para um pouco e pensa —, ah lembrei! Na balada.

Maldita Elis! Eu juro que ainda mato aquela vaca abortada! Onde já se viu dar em cima do meu tio, é pedir para ser maluca mesmo. Está certo que ele não é de se jogar fora, para a sua idade, se cuida muito bem. Mas nunca que eu vou deixar a ela tentar alguma coisa com ele, isso já é maluquice demais para uma pessoa só, mesmo se tratando da Elis.

— Não dá bola para ela tio, é como eu digo para o Noah, para malucos, não se dá mais corda que eles se acham demais.

— E falando em Noah — ele olha de soslaio para mim e sorri —, como vocês dois estão? — Suspiro virando o ar-condicionado para mim.

— Entre tapas e beijos, como sempre.

— E isso é uma coisa boa?

— Com certeza — falo e olho para checar o Yago, as manchas de suor na sua roupa, começa a desaparecer, e pelo jeito que ele está atirado no banco, como gesso em cima da barriga, está dormindo profundamente. Volto o foco no trânsito a nossa frente. — Ele foi a melhor coisa que já me apareceu na vida.

— Melhor que eu? — soando um falso-ofendido. Por mais que a Cruela fosse aquela péssima pessoa, nunca conseguiu extinguir esse bom humor dele.

— Tu entendeu — falo no mesmo tom o fazendo rir. — O Noah caiu de paraquedas em um dos meus eventos, e é bem difícil se livrar dele quando ele cola na pessoa, quanto mais eu me distanciava ou agia como uma vaca, ele sempre lavava isso para o bom caminho, e grudava mais em mim.

Nunca fui uma pessoa fácil de se lidar. Complexa, fechada e irritada, essas três palavras sempre entravam em primeiro lugar em todas as dinâmicas de grupo que eu fazia na faculdade, quando o meu resultado saia. Então só uma pessoa muito louca ou que leve tudo na brincadeira

para ficar ao meu lado. A Elis ocupou o lugar de louca, tanto que não cabe mais ninguém ao meu lado assim, e o Noah... Bom, ele é o Noah, meu clichê total. Aquele que parou na minha vida e me dá cada tapa na cara de realidade me mostrando que eu ainda tenho muito que aprender a conviver com outra pessoa e amadurecer como parte de um casal.

— Eu vejo que vocês dois combinam muito. Uma teimosia nata corre na veia de vocês, o Noah enquanto não me fez aceitar o apartamento dele, não sossegou, e se recusa que eu pague aluguel para ele. Não muito diferente de ti que nunca aceitou nem o que era do teu pai.

— Nem vou aceitar, trabalho para me sustentar com muita honra — falo sem pensar duas vezes.
— Prefiro ganhar o meu dinheiro, trabalhando como uma louca, do que depender de alguma outra fonte fácil.

Dinheiro na mão das pessoas é uma arma letal. Elas se corrompem e ficam viciadas em terem mais, não troco o pouco que eu tenho por fortuna nenhuma no mundo. Trabalhar faz uma pessoa digna de respeito, sabedoria e traz felicidade para a alma. Do que adianta ser rica em Paris e ter uma vida totalmente miserável de sentimentos? Absolutamente nada.

— Por isso que eu me orgulho de ti, minha filha — tudo a minha volta para quando eu escuto essas palavras do meu tio.

Orgulho, ele sente isso de mim. Engulo a vontade de gritar de felicidade, que me sobe a garganta. Por mais que estivéssemos afastados nesses últimos anos, escutar isso, faz eu me sentir aquela menininha de novo, que sempre esperou o reconhecimento dos seus atos. Uma pessoa pode escutar isso sempre, mas ela nunca vai se cansar de receber elogios sinceros, que partem do coração. E aceitá-los com um agradecimento mostra que ela é humilde o suficiente para colocar isso como motivo para melhorar sempre no que faz.

— Obrigada — agradeço timidamente, e por dentro explodindo de felicidade.

O clima começa a amenizar dentro do carro, enquanto conversamos um pouco mais. Ficamos por quase uma hora andando pela redondeza com o Yago dormindo no banco de trás, pelo visto tenho dois urso polares em casa. Aliás, como deve estar o urso maior? Se não derreteu com o calor, com certeza, já deve ter se agarrado de pau com a Elis.

~

— Preciso falar contigo — puxo a Elis de lado assim que chegamos para a apresentação das crianças. Só praticamente três horas de atraso, coisa pouca para quem ficou no calor esse tempo todo.

— Qual é a boa Gata? — me responde com um sorriso no rosto, e eu vou direto ao assunto.

— Tu convidou o meu tio para a balada? — ela pisca umas duas vezes e gagueja para me responder.

Eu conheço a Elis, sei o quanto ela é maluca e muda de ideia como quem muda de roupa, no caso dela, umas cinco vezes por dia. Se não fosse esse fato, ela poderia, sem problemas, tentar alguma coisa com ele. Mas não. Sempre que ela coloca alguma coisa na cabeça, ela faz, e depois, como uma criança mimada, joga fora ou estraga. Já vi homens chorando por ela, depois de esnobados, porque apareceu um desafio maior para ela, e eu não quero que o meu tio, vire mais

um desses números dela.

— Não... — depois de alguns gaguejos, ela finalmente começa a falar. A encaro séria e ela solta um suspiro de derrota. — Ah está bom! Convidei sim, mas ele não aceitou. Acredita nisso amiga?

— Ele me disse.

— Então — ela arruma uma mecha invisível, do seu cabelo, para trás da orelha. Mas uma vez comprovando que eu a conheço melhor que ninguém, ela sempre faz isso quando fica nervosa, ou quando está mentindo —, dá para acreditar nisso? Ele não aceitou, e ainda me disse que eu deveria sair com pessoas da minha idade.

— Elis, por favor — falo calmamente —, eu te conheço, e sei que tu está mentido, fala a verdade!

Ela me encara, morde o lábio inferior, e faz o cacoete da mecha invisível novamente. Suspira e larga os ombros para baixo como se estivesse derrotada.

— Eu apareci no apartamento do Noah, com uma história que pensava que ele estava lá para eu falar com ele, começamos a conversar e eu me atirei descaradamente para cima dele — pisco algumas vezes e ela continua —, mas ele me rejeitou! Acredita nisso? Eu loira, alta, magra e ele faz isso! — Até eu estou sentindo uma pitada de vergonha. Tento começar a falar alguma coisa, mas sou interrompida. — Com muita elegância e charme, me disse que eu era como uma afilhada e isso estava fora de cogitação — Elis cruza os braços com um olhar triste. — Amiga, fiquei tão arrasada, que sai de lá e fui para a balada sozinha e achei um policial — do nada a sua expressão muda para alegre —, vamos sair hoje a noite de novo — ela bate palmas de felicidade, e eu sigo com uma cara de quem foi atropelada por um caminhão.

Eu perdi algum ponto dessa conversa? A menos de dois segundos pensei que ela ia se atirar da ponte de tristeza, e agora vem me dizer que vai sair com outro? Continuo parada olhando para aquele sorriso quilométrico dela na minha frente, tentando assimilar tudo. Não disse que ela era a pessoa que mais mudava de ideia?

— Fala alguma coisa — Elis estala os dedos na minha frente, para me tirar do tsunami de informações em poucos segundos.

— Tu foi até lá, para seduzir ele?

— Tentei — ela dá de ombros —, mas não deu. E agora to com um policial gato na minha cola — outro sorriso quilométrico.

— Policial?

— Para de repetir o que eu falo — cruza os braços na frente dos peitos.

— Ainda estou assimilando todas as informações — falo e sinto duas mãos nos meus ombros.

— Que informações? — Noah fala.

— Maluquices da Elis — respondo olhando para ele. — Tudo certo por aqui?

— Sim, vim te chamar, porque vai ser agora. E o Yago? — olho para a plateia e vejo ele e o meu tio sentados na sombra conversando e abro um sorriso.

— Dormiu no carro com o ar condicionado, e agora está sentado com o meu tio ali — aponto para ele que acena animadamente para mim, e retribuo.

— Tão fofo ele — Elis fala e eu olho para ela. — O Yago, já desisti do Théo mesmo, que venha o policial gostoso agora — ela sai caminhando, para o nada. Maluca é pouco para ela.

— Que policial gostoso? E como assim desistiu do Théo? — Noah me pergunta com uma cara estranha, me aproximo dele e pego a sua mão e puxo até onde as crianças estão.

— Maluquices de Elis, Noah, nem dá bola. Vamos que vai começar.

Ficamos na lateral do palco de olho nas crianças, que se posicionavam em seus lugares. Algumas ficaram meio perdidas com a distribuição, de tão nervosas, e tivemos que levá-las até seus lugares. Elas estavam tremendo de medo, mas conseguimos acalmá-las.

Quando as anunciaram, e começaram a tocar, o meu coração se encheu de orgulho das minhas crianças. Foi tudo perfeito! Tanto a minha parte de melodia, como a de canto com o Noah, que cantava junto com eles ao meu lado e a Cris que entrou junto para auxiliar na voz. Quando terminaram, uma explosão de aplausos surgiu de todos os lados da plateia, e as crianças ficaram alucinadas com toda essa atenção.

Quando elas saíram do palco, quase que nós três, eu, o Noah e a Cris, caímos de bunda no chão com todas elas em cima da gente nos abraçando e beijando de felicidade. Impossível não ficar tocada com todo esse afeto que elas sentem por nós. Fomos amassados por todos que sorriam com a superação do medo e ansiedade de tocar para uma plateia imensa.

Raquel veio nos agradecer pessoalmente pelo nosso trabalho voluntário e por tudo mais que fazíamos por aquelas crianças, em especial para mim e o Noah com o Yago. Com a emoção a flor da pele, nem consegui responder direito para ela, e deixei essa parte com o Noah, que nem gostou de ser um pouco o centro dos agradecimentos. Por mais que ele mude, alguns hábitos ficam por um bom tempo, e o jeitinho clichê dele aparece um pouco mais forte.

Descemos do palco para a tenda e ajudamos a colocar as crianças no ônibus de volta para o orfanato. As coitadinhas, não aguentavam mais tanto calor e suar, e como prêmio da apresentação perfeita, eles vão ganhar um banho de mangueira no pátio para se refrescarem. Nunca vi elas entrarem tão rápido em um ônibus depois que a Raquel falou aquelas palavras. Fomos convidados a participar, mas achamos melhor levar o Yago direto para casa, para não passar mal de novo com o calor, indo até lá.

Noah e ele, vão até o carro do meu tio, e eu fico arrumando umas coisa antes de ir encontrar eles no carro, e quando eu estou pronta para sair, ouço uma voz, me chamando de Suzilyane Morelli, e me assusto, pois quase ninguém sabe o meu nome e muito menos, me chamam assim.

— Sim...? — respondo meio receosa, com o homem, cerca de quarenta anos me encarando com um sorriso estranho.

— Sou o juiz de menor e estou com o teu pedido de adoção nas mãos — paro e congelo no lugar. Será que ele vai me trazer alguma notícia boa, ou então uma ruim? Me recomponho rapidamente e estendo a mão para ele, que me encara com um certo brilho no olhar.

— Olá, prazer — falo sorrindo confiante. Uma das coisas que sempre utilizei nas minhas

reuniões para fechar algum evento grande, por mais que eu esteja tremendo mais que vara verde, sempre agi como se estivesse no comando da situação.

— O prazer é todo meu — ele aperta a minha mão firme. — A Raquel que me disse quem tu era, e eu tomei a liberdade de vir até aqui conversar contigo alguns instantes, algum problema?

— Nenhum — até me apavoro do tom certo que a palavra saiu, porque se ele olhar para as minhas pernas, vai ver que elas estão mais moles que uma gelatina.

— A Raquel me contou sobre a história do Yago, a sua doença e como tu, e o teu namorado vem cuidando dele — ele fala com certo brilho no olhar. — E eu precisava vir te conhecer por causa disso. O processo de adoção sempre é burocrático e cansativo, para os pais que querem adotar, muitos acabam desistindo no meio por causa disso. Ainda mais se eles descobrem que a criança tem algum tipo de doença ou necessidade.

Sim, eu sei de tudo isso. Infelizmente, as pessoas preferem as crianças perfeitas para adotarem e são bem preconceituosas quanto cor da pele ou até mesmo se elas tem algum tipo de doença. Chega a ser mesquinho por parte delas o fato de quererem escolher “a melhor criança” entre várias que estão doidas para terem um pouco de afeto e carinho. Isso é revoltante e corta o coração de todos que convivem com elas, pois conhecemos todas e sabemos que elas são perfeitas de qualquer jeito.

— Então Suzilyane — ele foca nos meus olhos e fala sério —, nos precisamos ter a certeza de que isso vai até o final, para não dar falsas esperanças para o estado de conseguir a adoção dele.

Minha vontade é dar um tapa na cara desse sujeito, mas se fizer isso, saio daqui presa. Onde já se viu duvidar da minha intenção de adotar o Yago? Dou a minha vida por ele, vendo a roupa do meu corpo se precisar, mas dessa adoção eu não desisto. Respiro fundo, para me acalmar e começo a falar.

— Eu sempre tive essa vontade de adotar o Yago, desde o primeiro momento em que eu o vi no orfanato há quatro anos. No fundo, a nossa história é parecida, e o nosso gosto pela música também. Se eu pudesse escolher um filho para mim, seria ele, com toda a certeza do mundo, com ele doente ou não. Não vai ser esse detalhe que vai mudar o meu amor e a vontade de levar isso até o fim e poder levá-lo para a minha casa por definitivo. O que faltava para mim era a coragem para enfrentar todo esse processo, e com algumas mudanças na minha vida — meu cérebro grita Noah em todos os tons de voz possível e mais algumas plaquinhas em neon com o nome dele —, me deram esse impulso para realizar esse meu sonho.

Termino de falar, com as minhas pernas agora parecendo mingau, até já perderam a consistência de gelatina, mas com a voz calma e um olhar firme para o juiz que vai decidir sobre essa questão. Continuo o encarando até que ele abre um sorriso lento.

— Era isso mesmo que eu queria ouvir — solto a respiração e foi como se uns duzentos quilos de preocupação saíssem das minhas costas com essas poucas palavras de aprovação.

Continuamos a conversar, até ele me revelar, que eu já havia feito um evento para ele. O aniversário de 10 anos do seu filho, com o tema da Hot Wheels, e ele fala seguido que aquela tinha sido a melhor festa que ele poderia ter desejado, e no próximo, quer outra igual.

— O que houve no braço do Yago? — questiona quando estamos nos despedindo.

— Ganhou um skate de aniversário, e ele o meu namorado inventaram de irem para a praça para aprender a andar e resultou nisso — falo a verdade, pois não posso mentir um fato desses, com certeza quando ele conversou com a Raquel, ela deve ter mencionado.

— Crianças — ele balança a cabeça —, por mais que estejamos em cima deles, sempre se machucam. O meu mesmo, já quebrou o braço e deslocou o ombro com o skate dele.

— Agora ele está bem longe do dele — falo para o juiz —, e quando se recuperar, vou tentar convencer ele por uma coisa menos perigosa.

— Boa sorte, já prometi tudo o que possa imaginar para o meu e nada faz ele desistir daquilo. Enquanto a minha mulher não pegar ele e colocar no lixo, vamos continuar a ir na ala ortopédica do hospital frequentemente.

— E eles acham uma maravilha. O Yago achou o máximo ficar com o braço daquele jeito.

— É bem por ai mesmo, mas são crianças e isso faz parte dessa época da vida mesmo — abre um sorriso e estende a mão para mim. — Bom Suzilyane, foi um prazer te conhecer e agora eu posso dar continuidade no teu processo, pois agora sei que ele está em boas mãos. Em breve vão entrar em contato contigo para começarmos a agendar as entrevistas com os outros profissionais e logo o Yago vai ser adotado.

Aperto a mão do juiz com um sorriso confiante por fora, e por dentro pulando e gritando de alegria. Mal posso esperar para ter o meu ursinho polar junto comigo, por definitivo, para me aquecer nas noites que ele, e o urso Noah, ligarem aquele ar-condicionado no frio extremo. Vai ser mais que perfeito, nós três juntos ensinando um aos outros sobre a felicidade.

Capítulo 44

Impressionante com os Gatos, especialmente o meu, podem ser tão frios, calculistas e acharem que são grandes coisas, mas com uma simples luz de laser de brinquedo, colocam toda essa teoria abaixo em um piscar de olhos.

Ainda mais se o alvo estiver em cima do Noah, aí até eu paro para ver o que ele vai fazer.

Estou quase saindo para um evento, e curtindo esses últimos minutos deitada no sofá da sala com o Yago, e o seu braço sem gesso, por cima de mim com o laser. Completamos ontem seis meses de tratamento, mas ainda nenhuma resposta por definitivo dos médicos. Só as mesmas coisas de sempre: a doença não avança e nem regride, se mantém estável. As sessões de quimioterapia ainda seguem no mesmo patamar de medicamento, mas os efeitos colaterais não somem nunca.

Com tudo isso, a perda de peso dele é visível, tanto que a Elis teve que fazer uma dieta especial, e isso é uma briga constante na mesa para que seja seguida o mínimo possível. O cansaço está sempre presente, e por mínimo que seja o esforço físico que ele faça, já fica abatido e louco para voltar para casa. E isso corta o meu coração em todos os possíveis pedaços que ele possa alcançar.

Até o videogame, piano e o violão estão quase abandonados em algum canto pela casa. Ele não sente vontade nenhuma de se entreter com nada, se deixarmos, fica o tempo todo na frente da TV deitado no sofá. Chamar a sua atenção, é um desafio e tanto para todos nós ultimamente, e qualquer coisa que traga aquele sorriso, que agora já está meio completo, pois um dos dentes começou a nascer, é a nossa tarefa diária mais difícil.

E agora, está funcionando. O Gato está à espreita com o feixe de luz que o Yago projeta em cima do peito do Noah, que dorme esparramado no sofá, completamente alheio a nossa brincadeira aqui e ao que o espera.

— O Gato vai avançar nele — Yago fala baixinho para não assustar nenhum dos dois. Beijo a sua cabeça e respondo.

— Quem mandou ele dormir, nada mais justo que o Gato acordar ele assim — Yago ri do que eu disse, e eu começo a imaginar o pulo de três metros que o Noah vai dar nesse sofá, assim que for atacado.

Noah se mexe em cima do sofá, e nós paramos de respirar para que ele não acorde e estrague o “grand finale” da nossa brincadeira inocente. Sei que ele vai ficar puto, mas depois que ver o Yago rindo, vai entrar na brincadeira. Já que cada vez está mais esporádico, aproveitamos todos os risos dele. O Gato abaixa, e começa a caminhar em direção ao sofá, analisa qual vai ser a melhor maneira de pegar a luz. Sobe para a guarda do sofá e se direciona bem para onde o Yago está estático com a luz vermelha. Estamos quase sem respirar aqui para ver como ele vai fazer isso, Noah se mexe de novo e o Gato dá um pouco para trás, mas depois volta a dormir. Yago mexe um pouco com o laser e o Gato fica como estátua acompanhando com

os olhos o movimento. Abaixa a cabeça e deixa o rabo para cima, pronto para dar o bote e fica esperando o melhor momento. Yago para de mexer com a luz e ele dá o bote com unhas e dentes em cima do Noah.

— Puta que pariu! — Noah dá um pulo em cima do sofá e se assusta com o Gato em cima dele, grita mais alto ainda e cai de bunda no chão, levando um Gato erriçado e tentando pegar o laser em cima dele.

Não deu outra, o JB, que estava dormindo, veio para cima dele em uma corrida mais rápida que um medalhista olímpico. O Noah tenta se desvencilhar dos dois que começam a brigar, ou brincar até hoje não decifrei essa troca de afetos deles. E eu e o Yago começamos a rir sem parar da cena e do susto do Noah e o jeito que o JB e o Gato se colocaram em cima dele. Sinto as primeiras lágrimas saírem dos meus olhos assim que ele consegue se levantar e o Yago se atirar para trás no meu colo, de tanto rir.

— Seus maléficos! — Noah se levanta e tenta soar como irritado, mas pelo brilho dos seus olhos, eu sei que está se divertindo como nós.

— Foi a tia Su que mandou — Yago tira o dele da reta, mas ainda não consegue parar de rir da cena, e o Noah se aproxima cada vez mais de nós.

— Mentira — falo limpando as lágrimas. — A ideia foi mútua!

— Não quero nem saber, os dois vão me pagar — Yago sai do meu colo e começa a correr pela sala e o Noah vai atrás dele.

Cada um fica na ponta de um sofá, para ver quem sai correndo primeiro. Yago começa a correr e o Noah em menos de três passos pega ele e coloca nos ombros como um saco de batatas, como se não pesasse nada.

— E o primeiro a me pagar, vai ser o pirralho aqui — solta ele em cima do sofá e começa o ataque de cócegas nele.

— Não tio Noah. Para que eu não aguento — entre um ataque de riso e outro o Yago tenta falar, mas o Noah é implacável quando começa a fazer cócegas em alguém, esses dias quase mijeí perna a baixo depois de uma sessão dessas.

— Sem clemência — Yago começa a rir mais alto e se debater todo. E eu só rindo desses dois.

— Socorro tia Su!

— Sem pedidos de socorro, até porque — ele para de fazer cócegas no Yago e olha para mim. Seus olhos de brilhantes passaram para ferozes. — Agora é a vez dela — e começa a caminhar em minha direção lentamente.

— Nem inventa Noah — tento me levantar, mas ele chega até mim, mais rápido que eu calculava. — Estou pronta para ir para o trabalho e... — Não deu tempo de concluir porque ele literalmente se atirou em cima de mim e começou a me amassar e fazer cócegas por todo o meu corpo.

— Sem clemência Fofa — ai droga, detesto quando ele começa a fazer isso, e o meu corpo, traidor, interpreta de outro significado.

— Noah — o advirto, mas o seu nome saiu meio sufocado com um gemido misturado.

— Amor... — ele para e me olha nos olhos, oh merda... mesmo agora com sete meses juntos, ainda não resisto quando ele faz isso para mim.

— Eu preciso ir trabalhar — o meu cérebro me xinga com todos os possíveis palavrões que existe na face da Terra por cortar o clima, mas se eu continuasse com isso, não íamos parar tão cedo.

Noah solta todo o peso dele em cima de mim e se afunda no meu pescoço. O abraço e ele levanta a cabeça para mim, seus olhos já voltaram ao brilho normal de sempre e recebo um beijo de leve na boca.

— Isso sim é tortura — ele fala mais baixo e eu sorrio —, mas tarde tu me paga Fofa.

Ele sai de cima de mim, e me puxa do sofá. Yago já esqueceu de nós dois e está sentado no chão brincando com o JB que está lambendo ele como se fosse um sorvete derretido. Noah me dá um tapa na bunda e eu o encontro sorrido esnobemente para mim.

— Bom trabalho amor — pega a minha mão direita e beija em cima da aliança de compromisso que compramos em uma barraca de artesanato semana passada.

Foi até engraçado, estávamos aproveitando o domingo de sol a tardinha, e levamos o Yago e o JB para dar uma volta na praça, e algumas barracas de artesanato estavam expondo os seus trabalhos. Caminhamos por todas e quando chegamos a uma que fazia gravação, o Noah ficou encantado com o trabalho do cara e comprou um par para nós. São de um latão simples e com um “N S Y” gravado internamente. Bem mais bonita do que algumas que são caríssima e com pedras preciosas que ele poderia pagar. Desde então, nós estamos usando elas.

Nunca fui fã de usar anéis, até porque, sempre ficavam pequenos. No início eu tirava às vezes, para lavar louça ou tomar banho e nem me lembrava de colocar depois, até um certo Noah vir e pegar a minha mão, colocar e por último advertir, que se me ver de novo sem ela, vai colar com super bonder para nunca mais sair. Tive que rir no início, mas não duvido nada dele, então não tirei mais, e agora já me acostumei com a sua presença na minha mão direita.

Depois de beijar os meus amores, sai com o Fusca para a casa da Elis pensando em tudo que está acontecendo em minha vida. No Yago e o seu jeito abatido ultimamente que me deixa com o coração na mão cada vez que eu saio de casa para trabalhar, no Noah e como ele tem me ajudado em tudo. Sim, literalmente em tudo. Depois de muita briga, claro, eu comecei a deixar mais espaço para ele me ajudar em algumas coisas, além de dividirmos as despesas de casa, quando eu me aperto no trabalho, o chamo para me auxiliar, e ele vai prontamente me atender. Meu tio agora, faz bem mais parte da nossas vidas, até fica com o Yago algumas horas para o Noah me ajudar, eles se dão muito bem, e eu sei que sem a Cruela por perto o meu Anjo está em boas mãos.

Estaciono o carro na porta do prédio da Elis e dou um toque para o seu celular, avisando que estou aqui embaixo a esperando. Ligo o rádio do fusca e começo a cantar baixinho a música que está tocando, e sorrio quando a Elis entra no carro.

— Boa tarde minha Vaca favorita! — Falo alegre, olho para a Elis e ela começa a chorar como uma criança de cinco anos. — Jesus Elis, o que houve?

Desligo o carro e o som, solto o cinto de segurança e abraço ela que começa a soluçar de tanto chorar.

— Casado Su. Ele é casado! Eu levei dois meses para perceber que aquele filho da puta é casado!

Putá merda! Assim que coloquei o meu olho no policial, sabia que ele estava escondendo alguma coisa. Sabe quando o santo não bate com o da pessoa? Pois é... Mas eu vi a felicidade da Elis com ele e decidi colocar freio nos meus instintos. Por mais que eu não gostasse do cara, o sorriso da Elis valia por tudo. Claro que eu falei com ela os meus receios, mas a maluca me garantiu que tudo estava na mais perfeita ordem, e eu confiei.

— Como assim casado Elis? — ela me solta e limpa o nariz que escorre.

— Ele chegou aqui em casa ontem e me largou essa bomba... Eu quase o matei Su, o expulsei do meu apartamento sem dó nem piedade.

— Porque não me chamou? — ela olha para cima e limpa as lágrimas que descem como se fosse uma cachoeira.

— Tu estava com o Yago, e isso não é nada perto de tudo Su — e funga alto.

— Ele está bem Elis, era só me mandar meia mensagem que eu vinha para cá e ainda trazia o Noah para arrebentar a cara dele — ela ri.

— Eu deixei os meus cinco dedos na cara dele, já foi um estrago bem forte — suspira e coloca o cinto.

Ligo o carro, coloco o meu e começo a dirigir lentamente e ela me conta toda a história. A Elis sempre foi do contra, os homens que ela sempre gostou, nenhum prestou, e os que ela não queria, vinham aos montes e ela brincava com os corações dos coitados, até um melhor aparecer.

— Mas o que me da raiva Su — ela ainda chora silenciosamente com os pés apoiados no meu banco, geralmente eu teria mandado ela sair dessa posição, mas hoje eu relevo —, é que eu gostava daquele imbecil, e não percebi — ela bate na testa. — Como eu fui burra!

— Calma Elis, daqui a pouco aparece um decente para ti.

— Quando eu estiver velha acabada e sem graça nenhuma? A minha avó mal me vê e já pede um neto. Porra, até eu já estou pensando em ter um bebê — olho para ela e pisco umas duas vezes.

— Eu sei que tu é maluca, mas filho Elis? Não acha... — meço as palavras, para não sair redundante e a chamar de maluca de novo, mas não há mais nenhuma palavra que se encaixa ali, então mudo a linha de raciocínio — cedo demais?

— Amiga, e tu que em sete meses, praticamente casou e adotou um? Não foi — ela faz a mesma pausa que eu e em olha e repete as mesmas palavras —, cedo demais?

— Eu não casei, só...

— Colocou uma aliança no dedo e mora com ele? Cai na real Su, já não é mais senhorita Morelli, e sim senhora Backer — e fica repetindo as duas últimas palavras, balança a cabeça e olha para mim. — Estranho, mas é a realidade, e eu estou com uma puta inveja de ti! — Cruza os braços e funga mais alto dessa vez.

Será que eu casei e não sei? Olho para a aliança de latão na minha mão direita refletindo o sol que está se pondo, e vejo como ela se encaixou lindamente ali, ainda mais com a gravação interna das nossas iniciais. Penso em nós três morando na mesma casa, dormir e acordar com o Noah ao meu lado, ou em cima de mim como é geralmente, se isso é casar... Eu casei e nem sabia! Que coisa!

— Inveja boa, tu sabe não é? Ninguém mais que tu merece toda a felicidade desse mundo — Elis fala baixinho ao meu lado enquanto eu estaciono o fusca na parte de trás do salão de festas. — Se eu começar a agir como tu, vou arranjar um Noah para mim vaca? — murmura, e eu sei que ela está pronta para começar a chora tudo de novo.

Por mais que eu queira ir até a casa desse policial filho da puta que fez isso com a minha vaca, eu a abraço e digo as mesmas palavras que ela me disse há alguns meses atrás quando eu me encontrava um pouco sem esperança para tudo.

— Todo mundo tem que passar por algumas coisas para ser feliz — tiro uma mecha do seu cabelo do seu rosto e vejo seus olhos se encherem de lágrimas. — Eu sei que daqui a um tempo alguém vai chegar na tua vida e te fazer feliz, quando tu menos esperar. Olha eu e o Noah, foi em um dos meus eventos, e sem avisar ninguém.

Ela me dá um sorriso triste, mas cheio de agradecimento e me abraça forte.

— Eu te amo vaca! — Elis fala baixinho.

— Eu também sua vaca abortada, e outra — quebro o nosso abraço —, o Yago está sem febre hoje, e vamos fazer uma noite do pijama amanhã lá em casa.

— Com direito a sorvete de bis e outras guloseimas mais, e um porre de tequila barata? — sorri animadamente para mim.

— Sim Elis, e tudo mais o que tu quiser — falo e ela me abraça de novo quase quebrando as minhas costelas.

~

Como eu prometi, passei aquele sábado todo em função da cozinha fazendo as gordices que a Elis gosta, e eu também. Fazia meses que nós não marcávamos uma junção nossa para falar besteiras e rir das nossas loucuras, se não me falha a memória, desde que o Yago adoeceu, e nós estávamos em dívida de fazer isso. Mesmo que agora tenha ele e o Noah junto, não poderia ser mais divertido do que foi.

Depois do Yago ir para a cama, a Elis pegou a garrafa de tequila que tinha trazido e ela e o Noah, resolveram ver quem bebia mais. Nunca ri tanto na minha vida vendo aqueles dois tomando aquilo como se fosse a melhor coisa do mundo, mesmo com as caretas mais ridículas que faziam quando bebiam. Tive que escotar o Noah até o sofá e a Elis até a minha cama para dormirem, antes que entrassem em um coma alcoólico e eu tivesse que cuidar dos dois. Até agora, não sei quem ganhou essa competição, pois os dois beberam toda aquela garrafa de tequila. Aquele domingo foi regado a muita água e remédios para ressaca e dor de cabeça, e resmungo dos dois que eu acalmei enchendo eles com o que tinha sobrado da noite passada.

A semana passou no automático, orfanato, hospital, orfanato, trabalho, hospital, casa e

trabalho. Mas não me queixei, o Yago passou bem e não quis ficar no quarto e sim a ala de oncologia junto com os seus companheiros lutadores, e lá conseguiu se divertir bastante com as atividades dos voluntários que passaram uma tarde brincando com as crianças e apresentando teatros infantis. Conversei com eles, e disse que também fazia trabalho voluntário no orfanato do Yago, e no fim percebi que ainda existem pessoas que pensam no bem-estar do próximo.

Não sou de ficar e gabando sobre o trabalho com as crianças que eu faço, mas sei como isso é uma forma de terapia para mim e para tantos outros que fazem esse tipo de voluntariado. Quando entro pelo portão do orfanato, deixo os meus problemas banais do lado de fora, respiro um ar de esperança que não encontro em lugar nenhum, trazer alguns minutos de felicidade aquelas crianças é o melhor pagamento que eu poderia receber. E não tem como eu não me sentir bem, vendo outras pessoas fazendo isso também.

O fim de semana teve sabor de festa, era aniversário da Agnes, mãe da Elis, e ao invés de nós irmos para lá, eles vieram e trouxeram a Dona Eulália junto. Foi na casa da Elis que literalmente “acampamos”, eu o Noah, Yago, Gato, JB e até o meu tio por algumas horas, chegamos sábado de manhã e saímos no domingo a noite quando eles voltaram para a fazenda. Foi hilário, divertido e um caos como sempre. Nem preciso dizer que a Dona Eulália, ficou uma fera quando viu a minha aliança de latão e disse que o Noé era um mão de vaca, por não me comprar uma de ouro, e que era para eu pensar bem antes de me casar com ele, se com o noivado ele já fazia isso, imagina depois de casado. E como explicar para ela que não era um anel de noivado, sim só simbólico e que não precisava ser de ouro, mas sim o significado dos nossos nomes no elo que não tem começo nem fim, é sempre constante? Impossível! Tive que me esconder para rir, quando ela pegou o Noé de canto para conversar algumas coisas sérias com ele, coitado do Noah, dessa vez ele sofreu nas mãos da fofa da Dona Eulália.

Mas o que valeu mesmo, foi o modo que o Yago ficou, ele estava feliz com toda aquela festa e brincadeiras na volta dele. O Hélio já é uma figura e tanto, quando está feliz então, ninguém consegue ficar perto dele. Sobrou até para a Dona Eulália, que quase deu uns tapas nele, mas depois entrou na brincadeira dele e se divertiu junto com o seu “genro imprestável”.

As risadas do Yago ficaram marcadas na minha memória por toda essa semana, a cada problema que chegava até mim no trabalho, repassava essa cena e o som da felicidade dele, era como se fosse um gás de ânimo para resolver os piores dos imprevistos da melhor forma possível.

Entro no apartamento já tirando as sapatilhas, meus pés doem depois de três dias com eventos seguidos, e tudo o que eu mais quero agora é tomar um banho quente, dar um beijo no meu Anjo, ver como ele está, já que quando eu sai para trabalhar, ele estava bem abatido, atirado em cima do Noah no sofá, e começando aquelas febres chatas que voltaram a incomodar desde a última sessão.

— Já estava pegando o telefone para te ligar — dou um pulo de susto quando vejo o Noah só de toalha no meio da sala e não com a cara de safado como sempre, mas sim de preocupado.

— O que houve? — corro direto para o corredor em direção ao quarto do Yago, antes mesmo que ele me responda. Abro a porta e vejo ele deitado na cama tremendo de frio.

— A febre não parou de subir, tive que colocar ele de baixo d’água e entrei no banho

junto, já que ele não conseguia quase ficar de pé — Coloco a mão na sua testa e ele geme, queimando de febre é pouco para o meu Anjo.

— Já deu remédio? — ouço o Noah bufando atrás de mim. Claro que ele já deu remédio, pergunta idiota Su! — Vômito? Sangramento? — olho para ele.

— Nada amor — ele passa as mãos nos cabelos molhados. — Vou vestir uma roupa e vamos levá-lo ao hospital, não tem mais o que podemos fazer aqui em casa — aceno com a cabeça e ele sai para o quarto rápido.

Pego o Yago no colo e ele abre aqueles olhos verdes para mim, seu corpo está completamente febril e sem tonicidade nenhuma, como se fosse uma gelatina. Ele abre um sorriso e começa a falar algumas coisas sem nexos, do Gato e o JB, e emenda um assunto no outro. A minha vontade é de chorar, mas eu me controlo, usando toda a minha força para evitar isso agora, meu foco tem que ser o bem-estar dele, o meu emocional que foda-se, depois de tudo estabilizado, eu lido com ele.

— Já estamos indo para o hospital meu Anjo — falo baixinho fazendo carinho na cabeça dele.

— Mas eu não quero ir mamãe... — e meio que desmaia ou dorme no meu colo. Nem deixo as palavras dele me afetarem, porque agora tenho a consciência que ele está delirando de febre e isso nunca é um bom sinal.

Mal abro a boca para gritar o Noah para ele se apressar, e ele aparece no quarto e o pega do meu colo. Calço minhas sapatilhas, pego a minha bolsa e a carteira do Noah pelo caminho até a porta e eu dirijo infringindo todas as leis de trânsito possíveis e impossíveis para chegarmos ao hospital.

Paro o carro na entrada, Noah salta com o Yago no colo no pronto-socorro e saio para estacionar o fusca em qualquer canto que eu achar para ele. Em menos de dois minutos chego até ao balcão onde eles estão sendo atendidos e começa a cena.

— Senhor estamos lotado, vai ter que sentar e esperar — o atendente mal-humorado fala sem nem se dar o trabalho de olhar para a nossa cara.

— Ele está delirando de febre! — Noah fala alto e eu pego o Yago no colo.

— E vai ter que esperar como todo mundo.

Ouçoo o Noah bater com força no balcão e o atendente olhar para ele, e depois para os seguranças na porta. Prevendo o escândalo, o atendente começa a falar.

— Isso aqui é SUS, meu amigo, se continuar fazendo escândalo com uma febre infantil, vai acabar na delegacia isso sim!

— SUS o cacete! — Tiro os olhos do Yago e olho para o Noah. — O meu filho tem câncer e eu pago o tratamento dele em dinheiro toda a semana para esse hospital! — Pisco algumas vezes diante dessa revelação, como assim pago o tratamento?

A Raquel me disse que era tudo pelo SUS, e agora que história é essa? Será que...? Repasso na minha mente a minha conversa com ela e me lembro da sua reação, nervosa e evitando olhar para mim, não é possível que eu tenha sido tão burra e não tenha percebido essa

coisa tão banal assim. O quarto separado da ala da oncologia, o tratamento especial que ele tem aqui e tantas outras coisas mais. É claro que o Noah está pagando pelo tratamento dele desde o início, quem mais iria fazer isso?

O atendente com essa revelação, fica mais abismado que eu e olha para o computador. Uma enfermeira de plantão aparece, já vi ela atendendo o Yago e pelo visto, como ela foi direto ao atendendo e ao Noah, vai resolver essa situação o mais rápido possível. Ouço ela falando assim que sai pela porta que liga a sala de espera com as salas de procedimento. Vejo Noah caminhando de um lado para o outro, como está tenso e passando as mãos no cabelo e rosto diversas vezes. De nada, ele olha para mim, e percebe que eu escutei toda a conversa. Pelo o seu rosto, ele deve estar pensando no surto que eu vou ter com toda essa história, mas com o Yago nesse estado no meu colo, eu não tenho palavras para agradecer ele na minha vida nesse momento.

— Conversamos depois? — ele me fala baixinho se agachando na nossa frente e acariciando o Yago no meu colo.

Aceno concordando e outra enfermeira chega apressada e vem em nossa direção com uma equipe. Elas o tiram do meu colo e colocam em uma maca com todo o cuidado possível, enquanto uma ajeita, outra começa a medir seus sinais vitais e outra a procurar uma veia para a instalação do soro. Assim que me levanto para os seguirmos, uma das enfermeiras nos para e pede que esperamos por ali, que assim que tiverem alguma resposta, virão nos avisar. Eles saem e ficamos ali, parados e olhando as portas se fecharem na nossa frente.

Viro-me para o Noah e me jogo nos seus braços a procura do abraço consolador que me aguarda ali. Seus braços me envolvem e a dor no meu peito se torna insuportável, ao ponto que eu não consigo mais segurar e as lágrimas começam a descer dos meus olhos.

Capítulo 45

Uma hora e sete minutos. Esse foi o tempo em que levaram para nos dar alguma notícia sobre o estado do Yago depois que ele entrou por aquela porta, amparado pelas enfermeiras na maca.

Sinceramente? Eu não me lembro de nada. Depois que sai dos braços do Noah, me sentei de frente para aquela porta e fiquei parada, estática, alheia a tudo, e todos, a minha volta. Não vi a Raquel chegar, nem a Elis, meu foco estava para aquela porta, e cada vez que abria, meu coração disparava, mas nunca eram para nos dar notícias dele, e sim chamar outros pacientes.

Via a sombra do Noah caminhando de um lado para o outro e às vezes passando as mãos no cabelo de nervoso. Senti alguém me abraçando, e pelo perfume, sabia que era a Elis. Eles falavam comigo, mas só escutava murmúrios e não respondia, só ficava olhando para a porta.

Uma hora e sete minutos, foi o período que levou para o médico do Yago aparecer naquela porta, eu me levantar e voltar a respirar. Ele pediu para que nós entrássemos na parte de atendimento e fomos direcionados até o seu consultório. Estamos todos em silêncio, esperando que ele fale alguma coisa, mas com toda a calma e paciência do mundo, o médico fecha a porta, caminha até sua mesa e ainda sentou na cadeira, para enfim, começar a falar.

— O caso do Yago — sua voz cansada sai baixa, mas o suficiente para que nós compreendêssemos —, sempre se manteve estável. No mesmo patamar, não evoluiu e nem regrediu. Entramos com medicações mais fortes, e o tempo para ela agir, já deveria estar resultando em melhoras.

O silêncio da sala chega a ser enlouquecedor, os únicos sons que escutamos é o movimento dos corredores. O médico solta um suspiro e encara eu e o Noah, que está ao meu lado, mais absorto que eu no que ele fala, e no fundo, eu sei que as notícias não são boas.

— Vamos começar a pensar em um transplante de medula — fecho os olhos e viro para a parede que está ao meu lado.

O silêncio é quebrado pelo choro da Elis, sempre fazendo fiasco, o mesmo que eu escutei há poucos dias no meu carro, mas agora o fundo é bem diferente. Continuo escorada na parede, ouço a Raquel consolando a Elis e sendo consolada por ela.

— Quais... — Noah fala e sua voz falha, ele limpa a garganta e recomeça a falar. — Quais as chances de acharmos um doador?

— Se nós soubéssemos quem são os seus pais ou se tem irmãos, a chance seria bem mais alta, mas recorrendo aos bancos nacionais, se torna um pouco mais complicado devido à alta miscigenação do país. Temos a vantagem de termos o terceiro maior banco do mundo, mas mesmo assim... — ele deixa subentendido que vai ser difícil acharmos um compatível.

Saio do meu isolamento da parede e olho para frente. Eu já não tenho lágrimas para chorar, meu estoque já foi esgotado quando vi ele entrando pela porta, só o que me resta é o

vazio dentro do meu peito e a vontade de sair quebrando tudo o que está na minha volta, mas nem forças para me movimentar eu tenho.

— Para não haver regressões, vamos continuar as sessões de químio semanalmente — olho para o médico sentado a sua mesa com o semblante cansado. — Ainda não é certo que vamos precisar do transplante, mas já vamos adiantando o trabalho para se a hora certa chegar, já estarmos com um bom número de amostras analisadas até encontrarmos a dele.

— Podemos fazer alguma coisa para ajudar? — até estranho como meu corpo agiu sem o comando do meu cérebro. O médico solta um sorriso triste e fala para nós.

— Campanhas. Por mais que tenhamos um bom banco, sempre vai ter alguém que precisa nessa fila, e o doador pode ainda não está cadastrado. Quanto mais pessoas se conscientizarem a fazerem a coleta, menor vão ser as filas de espera.

Sinto os braços do Noah me envolverem, ele beijar a minha cabeça, e eu me deito no seu peito. Escuto os quatro conversarem mais alguns assuntos, mas o meu pensamento está mais além. O Yago se tornando uma das crianças permanentes aqui na ala da oncologia infantil. Os constantes exames realizados, medicamentos infundidos para dentro do seu corpo e os malditos efeitos colaterais, o abatimento de estar enjaulado dentro de um hospital vinte e quatro horas por dia, o medo invisível das infecções que atacam sem dó nem piedade do seu sistema imunológico e os deixam mais fracos a cada dia.

— Ele está dormindo — o médico fala e eu acordo do meu pesadelo real. — Já podem vê-lo assim que saírem daqui. Eu só peço que... — ele para e pensa um pouco nas palavras que vai nos dizer. — Vocês não o tratem como se não pudesse entender o que está ao seu redor e que não fiquem abatidos assim perto dele. Por mais que ele seja uma criança, eles podem sentir o que vocês transmitem e isso reflete no seu ânimo.

Saímos do consultório direto para o elevador do hospital. Noah está ao meu lado com um dos seus braços no meu ombro. Constante e firme, para me mostrar que está ao meu lado nessa nova luta que começa nessa noite. Ouço a Elis fungando alto e olhando para o teto.

— Devo estar parecendo um urso panda agora — ela fala —, ou o Coringa do Batman com o rímel escorrendo bochecha abaixo. — Claro que ela tinha que quebrar o silêncio com alguma piada.

— Olha para mim — Noah fala para a Elis. — Sim, tu está igual ao um urso panda, caolho ainda, porque só um está esparramado.

Ela começa a rir baixinho, e depois vai aumentando até virar uma risada completa e depois engasga e tranca o choro.

— Merda Noah, nem assim consigo ficar feliz — limpa as lágrimas e as portas do elevador se abrem.

Elis e Raquel vão até o banheiro para jogarem uma água no rosto para disfarçarem o semblante de choro, e eu e o Noah rumamos até o quarto onde o Yago está. Perto da porta paramos. Nos encaramos, sua mão encontra a minha e as enlaçamos.

— Pronta? — me pergunta baixo, mas como se estivesse perguntando a si mesmo além de mim.

— Não — respondo com a maior franqueza do mundo. Por mais que no fundo eu estivesse preparada para ter que passar isso, a esperança é a última que morre.

— Nem eu — Noah coloca a mão na maçaneta na nossa frente e olha para mim. — Juntos? — coloco a minha outra mão em cima da sua e abrimos a porta ao mesmo tempo.

O quarto padrão branco e com uma cama encostada na parede do lado esquerdo nos recepciona. Entramos, sem largar as nossas mãos e chegamos perto do Yago, que dorme calmamente. A impressão que tenho, é que cada vez que o vejo deitado aqui, ele fica um pouco menor e a cama cada vez maior para o seu corpo. Um soluço escapa da minha garganta e eu freio ele engolindo o choro. Calma Su, ainda não é nada concreto sobre o transplante. Mantenha a cabeça e os nervos no lugar.

— Fofa... — Noah me chama baixinho, levanto a mão para ele pedindo um instante. Respiro fundo, olho para o teto pedindo uma ajuda divina e pisco algumas vezes afastando as malditas lágrimas que teimam em cair. Fecho os olhos, tomo mais algumas respirações e consigo recuperar o domínio do meu corpo e sentimentos. Olho para o Noah que me mostra um sorriso fraco e caminha em minha direção.

— Eu estou bem — falo quando sinto as suas mãos me abraçando a cintura, a outra colocando as mãos no meu cabelo, me puxando para um abraço e vários beijos estalado seguidos na testa.

— Eu sei — mais um beijo demorado no mesmo lugar e ele suspira —, mesmo sabendo que se tu me perguntasse a mesma coisa eu ia mentir igualmente — e solta um risinho irônico.

Me aproximo da cama e coloco minha mão no seu rosto de leve. Macio e sem imperfeição nenhuma, assim como o rosto de uma criança deve ser até chegar à adolescência. Percorro de leve os meus dedos por toda a extensão e ele abre aqueles olhos verdes que encantam por onde passa com o seu brilho infantil e sonhador.

— Oi meu Anjo — falo baixinho.

— Onde eu estou? — pisca algumas vezes e olha para todos os cantos do quarto, até voltar para mim e para o Noah ao meu lado.

— Hey carinha — Noah fala sentando na cama ao seu lado —, que susto tu nos deu.

— Eu não lembro... — Yago faz uma cara estranha como se estivesse tentando se lembrar de como chegou até aqui.

— Febre amor — ele arregala aqueles olhos verdes e se levanta da cama.

— Já podemos ir para casa? Eu já estou bem! — E começa a tirar o lençol de cima dele e quer levantar da cama a todo custo.

— Calma aí — Noah segura ele na cama. — Hoje vamos ficar aqui, amanhã vamos para casa.

— Mas eu não quero ficar aqui, é chato — Yago cruza os braços e faz uma cara de emburrado.

— Sem essa... Vamos, deita e fecha os olhos para dormir!

Duas batidas na porta e a Raquel e a Elis entram no quarto com se fossem outras

peessoas, bem diferente das de poucos minutos atrás que estavam chorando, e a Elis um panda caolho de rímel.

— Tia Elis! — Yago fala voltando a se sentar na cama, para o susto do Noah, que quase levou uma cabeçada dele. — Vai dormir comigo hoje?

— E ai chato — Elis caminha até a cama e bate as mãos com ele. Duas crianças na mesma faixa etária psicologicamente, tem que se darem bem. — Não sei... — ela vira para mim, esperando a aprovação.

— A tia Elis trabalhou a noite toda Yago — falo e ele desmancha o sorriso dele. Por mais que eu ame aquele sorriso desdentado, hoje ele tem que descansar, e eu sei que se a Elis passar a noite aqui, vai ser só para fazer folia com ele.

— Tu também trabalhou a noite toda Su — Raquel fala em um canto do quarto. — Vão vocês três para casa e eu fico essa noite aqui.

— Não! — Eu, a Elis e o Noah falamos ao mesmo tempo, fazendo o Yago rir da nossa sincronização perfeita.

Nos encaramos os quatro para saber quem iria ceder para passar a noite no hospital. Dou de ombros e me sento na cama, com uma expressão “daqui não saio e daqui ninguém me tira”. Noah olha para a Elis e eles travam uma mini corrida para ver quem se senta na cama ao meu lado para passar a noite aqui. Por uma questão de pernas, e estar sem salto, o Noah afunda ao sentar ao meu lado.

— Idiota — Elis fala baixinho enquanto o Noah passa um braço pelos meus ombros, totalmente territorial e sorrindo vitorioso.

— Teimosos... — Raquel fala revirando os olhos e assim acabamos com a discussão.

Ficamos todos no quarto até o Yago não conseguir mais lutar contra os efeitos dos remédios no seu corpo, por mais que ele e a Elis ficassem falando bobagem e brincando o sono o venceu.

Conversamos sobre os próximos passos que vamos percorrer daqui por diante. Raquel, como responsável pelo orfanato onde o Yago ainda pertence, nos questionou sobre como lidaremos se ele tiver que ser um paciente permanente no hospital. Quase ri da pergunta dela, era impressão minha ou ela estava duvidando do meu amor por ele e questionando se eu ia continuar com o processo de adoção? Realmente, eu não sei, mas com o fato de estar esgotada emocionalmente, só respondi que sim, e não me importava se ele estava na minha casa ou aqui, eu ainda estaria ao seu lado. Não quis entrar em uma discussão para não acordar o Yago. O Noah também disse que não se importa, se tiver que se mudar para o hospital, ele vai estar aqui. A Elis também falou que não liga em passar algumas noites aqui também. E eu não poderia ter a melhor amiga, e o melhor namorado do mundo nesse momento.

Depois que elas vão embora, ficamos nós dois lutando contra o sono sentados, cada um em um sofá zelando pelo sono do Yago. Por fim, o Noah solta um suspiro e começa a falar.

— Eu fiquei com medo quando o vi daquele estado — olho para ele, com os cotovelos apoiados nas pernas e a cabeça escorada nas mãos. — Por um instante, pensei que íamos perdê-lo.

— Eu também... — murmuro e coloco as mãos na frente do rosto e fico com essa posição de derrota por alguns instantes, e quando percebo, ele se sentou ao meu lado.

— Precisamos conversar sobre o que tu escutou lá na sala de espera do pronto-socorro — concordo com a cabeça, mas por mais que eu saiba que isso é necessário, hoje eu não consigo assimilar nada.

— Pode ser amanhã, quando chegarmos em casa? — encosto a minha testa no seu ombro e ele me puxa para o seu colo.

— Por favor... — pelo visto nenhum de nós hoje quer ter essa conversa. O abraço e ficamos assim a noite inteira, cuidando dos sonhos do nosso anjinho guerreiro que ainda tem muitas batalhas pela frente para vencer.

~

O ato de estar em casa, por si só já traz uma felicidade à alma e um alívio para o nosso coração espatifado em diversos pedaços. Noah entra com ele no colo e vai sendo seguido por um JB curioso até o nosso quarto, onde ele deposita o Yago no meio da cama, que ainda dorme.

A noite foi, aparentemente, tranquila. Passamos ela toda acordados, sentados e as vezes nos deitávamos naquele mínimo sofá, e conseguimos nos ajeitar juntos, amassados, mas juntos. Para mim era isso que importava, a presença dele ao meu lado me dando a força que eu precisava para me manter ali e não desmoronar.

Logo quando a troca de plantão começou, fomos liberados do hospital. O Yago nem acordou direito enquanto eu o vestia com o seu pijama que foi trocado ontem pelo do hospital, de tão forte que foi os medicamentos que deram para novamente, no meio da noite. No caminho de casa, o Noah avisou a Raquel e a Elis que já estávamos indo para casa.

— Vou para o banho — aviso abrindo a porta do guarda-roupa e pegando o primeiro pijama que encontro na frente.

— Ok, vou depois — vejo o Noah tirando os sapatos e subindo na cama ao lado do Yago, se bem eu o conheço, vai pegar no sono antes mesmo que eu saia do banho.

Tomo um banho rápido e quando volto para o quarto, vejo os quatro dormindo, sim o Gato e o JB ocuparam todo o meu espaço na cama, e eu, pelo visto, fiquei de fora da brincadeira. Saio do quarto e caminho até a cozinha. Procuro alguma coisa para fazer, mas a casa está toda arrumada e limpa pela faxineira que o Noah trouxe. Me sento no sofá, mas a inquietude de toda a situação não me deixa prender a atenção em alguma coisa. Pego o meu celular e vejo uma mensagem da Elis piscando.

Elis: De boa na lagoa?

Su: Sim... Os dois estão dormindo e o meu espaço na cama foi ocupado pelo JB e o Gato. Tô deitada na sala olhando para o teto ã

Elis: Se quiser a minha casa está precisando de uma boa faxina e tá a disposição do teu tédio #VaiQueCola :D

Su: nahh valeu, olhar para o teto é melhor ;) #NaoColou

Elis: É já imaginava isso, vou criar vergonha na minha cara e arrumar o cafofo, mais tarde eu apareço aí, bjs

Su: Bjs

Continuo a encarar o meu teto branco, e penso na vida por alguns instantes. Como seria mais fácil se pudéssemos ser donos do nosso destino e mudar ele assim que prevemos alguma adversidade a nossa frente. Tudo seria tão mais fácil, sem sofrimento e complicações. O mundo seria um lugar melhor de se viver, crianças não seriam jogadas ao relento em orfanatos, e nem ficariam com câncer trancafiado em hospitais e deixando de aproveitar os bons momentos da infância. Acorda Su! Para de sonhar que isso nunca te levou a nada!

Levanto do sofá deixando as ideias de uma humanidade livre sem problemas e decido começar a pensar no que eu posso fazer para ajudar o Yago e tantas pessoas que estão no mesmo lugar, ou então com estágios mais avançados. Caminho até o quarto do Yago para me reencontrar com o meu esquecido amigo, aquele que sempre me tirou o estresse e me proporcionou os melhores pensamentos sobre o rumo que eu dava na minha vida.

Fecho a porta do quarto, para o som dele não vazar e os acordarem. Sento no banco de couro ajustado para o meu tamanho e abro a tampa do meu piano que de tão lustrado, parece um espelho perfeito. As teclas brancas e pretas me dão as boas vindas sorrindo para mim. Um arrepio me sobe assim que encosto a ponta dos dedos nas teclas e eu me ligo ao piano por uma linha invisível que nos une. Começo a tocar uma música aleatória, e deixo os sons produzidos acalmarem a minha alma e colocarem os meus pensamentos no lugar.

Em primeiro lugar, preciso falar com o hemocentro da cidade, tenho que fazer a coleta para testes e saber como funciona o procedimento para realizar uma campanha municipal para doação, eu não me importo de organizar e fazer a divulgação. Tenho que ver com a Raquel, se podemos fazer propaganda para doação, na escola em que as crianças estudam para mobilizar os pais, funcionários e até mesmo os alunos que são maiores de idade para doarem. Toda a amostra de sangue que recebermos será bem-vindo, se não servir para o Yago, quem sabe não serve para alguma outra em situação, igual ou pior que a dele? Se desse mutirão, conseguirmos um bom número, quem sabe quantas vidas nós poderemos salvar?

Tenho que organizar a minha agenda para estar preparada se precisarmos ficar mais tempo no hospital. Preciso comprar um notebook novo, ou até mesmo um tablet bom para trabalhar mais rápido e com mais segurança, coisa que o meu não me proporciona, além de viver ligado na tomada, por causa da bateria que já se encontra viciada. Continuo tocando e as ideias fluindo no ritmo da música. Mudo para uma mais rápida, e um estalo me vem à cabeça, sobre o assunto que eu preciso conversar com o Noah e nós adiamos para hoje.

Eu sei que ele tem uma boa quantidade de dinheiro, mas será que esse tratamento do Yago não está sendo pesado demais? Com certeza isso não vem sendo barato, e pelo visto, a tendência é só aumentar essa conta. Como eu posso ajudar ele nesse quesito? O que eu tenho guardado para a compra do meu próprio espaço, ainda não é muito, mas se ele precisar, eu retiro do banco, sem pensar duas vezes. Posso vender o fusca também, já que praticamente nem usamos o carro do Noah e ele fica só na garagem. Eu nunca peguei um carro automático na vida, mas sempre me virei muito bem de ônibus pela cidade, e não me importo de ter que usar esse meio de transporte novamente, e se precisar, sei que posso contar com a carona da Elis. Tenho

meus instrumentos também, e alguns podem valer um bom dinheiro se acharmos um comprador que entende sobre eles. Vendo tudo, até esse apartamento, se precisar.

Planos e mais planos pipocam na minha cabeça, conforme a música é tocada por mim no piano. Isso sempre funcionou, é uma das minhas válvulas de escape. Por mais que eu estivesse na fossa, já vendo o final do poço, me sentava aqui, e a luz no final do túnel ganha uma força indescritível, e hoje, isso não é diferente. Continuo a tocar e a pensar em tudo, agora com uma energia de sobra me envolvendo e me dizendo que tudo vai dar certo.

Quando eu me dou por conta, sinto a aproximação de alguém ao meu lado, e dou um pulo de susto quando vejo o Noah sentado ao meu lado no banco, rindo para mim. Seus cabelos estão molhados e o cheiro de sabonete, não deixa dúvidas que ele acabou de sair do banho. Ele se aproxima e beija o meu ombro me fazendo cócegas e eu quase perdendo o ritmo da música que estou tocando.

— Eu acho que dormi — fala baixinho e sorrindo para mim.

— Acha? — seu sorriso aumenta um pouco e ele chega mais perto de mim. — Eu tenho certeza que tu capotou na cama.

Paro de tocar e fico o encarando um pouco. Ele meu puxa para um beijo rápido e suspiro assim que me deito no seu ombro por alguns instantes.

— Ia te dizer que era para ti ir para a cama com o Yago, mas quando levantei e fui ver se ele estava com febre, o JB rosnou bravo para mim. Acredita nisso? — Solto uma risadinha cansada.

— Claro, para ele tu ia acordar e incomodar o Yago, e ele estava protegendo o sono do Anjo, por isso ele rosnou. Os animais pressentem quando as pessoas estão doentes, e fazem isso como proteção.

— Esperava isso do Gato, como já é normal, mas não do JB — ele fala indignado da vida com isso. — E quem mandou tu parar de tocar o piano? Gosto de te ver tocando.

Saio do aconchego do seu peito e olho para ele. Mesmo com o rosto cansado e algumas olheiras da noite mal dormida, o considero o homem mais lindo do mundo para mim. Sua beleza interna não nem é comparada com a sua externa, durante todos esses anos sei que ele sempre foi visto como um rostinho e corpo bonito, corrigindo, maravilhosamente lindo, mas o que ninguém sabe, é que internamente ele é muito mais bonito. Se eu o conhecesse hoje, nunca teria o chamado de clichê na minha vida. Ele pode até ainda ter um pouco daquele ar de prepotência e de quem sabe tudo da vida, mas o que se passa por trás daqueles olhos azuis, vale bem mais do que qualquer campanha publicitária das maiores companhias de roupas atuais.

— Precisamos conversar... — falo antes que a coragem que recebi das energias do piano se esvaia.

— Certo — cruza os braços sobre o peito me encarando —, por meses de convivência e experiência, vou deixar tu começar a fala e depois eu me explico.

— Ok — coloco as mechas laterais do meu cabelo para trás das orelhas e foco em uma linha de raciocínio. Tomo uma respiração profunda e começo a falar tudo aquilo que o meu coração está pedindo para ser posto para fora. — Eu sei que tem dinheiro, e perto de mim, com

certeza deve ser muito — ele concorda com a cabeça, mas não me interrompe e eu continuo —, mas eu não quero que isso abale as tuas finanças, com certeza o tratamento do Yago não está sendo barato — paro por alguns instantes e ele me pede para continuar, sabendo que eu não pararia de falar por ali, então eu continuo. — Eu não tenho muito, mas posso te ajudar com o que eu possuo. Posso vender o fusca, o apartamento e pegar o que eu tenho guardado no banco e...

Sou atropelada por um Noah que do nada me agarrou e começou a me beijar descontroladamente. Ele me pega e joga de encontro às teclas do piano que reclamam com um som desconstruído. Tento empurrá-lo, mas por mais forças que eu o empurasse, mais prensada contra o piano eu ficava.

— Me solta Noah! — Falo enquanto ele se desprende da minha boca, começa a percorrer o meu pescoço e me morde forte quando eu empurro ele mais uma vez.

— Não consigo amor, tu é muito fofa — mais um beijo e outra mordida. — Ainda mais quando fala desse jeito.

— Que jeito Noah — tento me esquivar, mas quando o Noah coloca uma coisa na cabeça, é mais teimoso que eu. E pelo visto ele colocou na cabeça que vai me amassar entre ele e o piano.

— Desse, toda preocupada com o quanto eu estou gastando com o Yago — outro beijo, droga não sou de ferro assim não. — Dizendo que pode vender o fusca e o apartamento para me ajudar.

Pronto! Ele conseguiu! Desisto de lutar contra ele e me rendo aos seus encantos clichês que eu tanto pensei, a pouco, que valiam mais que ele. Maldito Noah que me faz perder o controle assim do nada!

Começo a retribuir as carícias com a mesma intensidade que as recebo. E claro, que depois disso, o Noah me larga, do mesmo jeito que começou tudo isso, do nada. Cansada e frustrada são os sentimentos que percorrem o meu corpo nesse exato momento. Te odeio Noah! Ele vê a minha cara de poucos amigos e ainda sorri amplamente, ainda mais que ele sabe como eu fico puta da vida quando ele faz isso. Maldade pura!

— Ahh minha fofa! Não faz essa carinha não para mim, deixa eu te explicar uma coisa — ele para na minha frente e se aproxima de mim calmamente. — Eu não quero o teu dinheiro e nem preciso dele, o que eu tenho guardado nem teve uma baixa visível com o que eu gasto com o tratamento do Yago. E fora o meu, tenho a herança que a minha mãe me deixou, e o meu pai nem quis mexer nela, e transferiu toda para o meu nome. Então — sua revelação me choca e se eu não estivesse com ele agarrado em mim, teria caído de bunda no chão —, tira essa preocupação da tua lista infinita, que isso já está resolvido.

Fico parada, sem ação nenhuma, só observando o Noah que sorri para mim. Meu mundo deve ter parado no segundo depois que ele terminou de falar. Isso só pode ser brincadeira? Ou não? Onde em um mundo real um cara como o Noah iria cair na vida de uma gordinha sem graça e fazer esse estardalhaço todo, na sua vida, e ainda mais no seu coração? Será que eu mereço essa felicidade, ou benção toda? Não seria pretensão demais da minha parte, aceitar tudo isso?

— Por quê? — Depois que o meu mundo volta a sua órbita normal, essa é a única

palavra que sai da minha boca.

— Porque o quê? — Não entendo o tom do meu questionamento.

— Porque eu? Tu pode ter qualquer mulher na vida, sem complicações, sem a bagagem toda dela e... — de novo ele me beija como se fosse a coisa mais urgente que ele precisasse fazer no momento. E me solta, de novo, do nada.

— Vou começar a adotar essa técnica quando tu começar a falar merda, te joga na primeira parede que eu ver e te beijo. Pelo visto funciona.

— Mas é verdade... — o vejo revirar os olhos e vir para me beijar de novo, mas dessa vez eu consigo desviar.

— Já passamos dessa fase de questionamentos sobre isso há tempos Amor — ele chega até mim devagar dessa vez e me beija de leve. — Eu também não sei essa resposta, só sei que não troco nada do que tu me falou sobre mulheres sem complicações e bagagens por ti — pega as minhas bochechas e aperta daquele jeito, até formar um bico e beija repetidamente. — Nada, entendeu? Repete comigo. N-A-D-A! — Solta a aperta repetidamente, como se eu tivesse falando cada letra dessa palavra.

— Para Noah — falo rindo com toda essa cena.

Ele volta a me beijar, mas dessa vez, mais delicadamente e ficamos assim por um bom tempo. A porta do quarto se abre, no instante em que quebramos o nosso beijo e estávamos só abraçados, e um Yago com uma cara de sono aparece na nossa frente. Ele caminha, meio que dormindo ainda, e se joga no meu colo. Começamos a fazer cócegas nele até ele implorar para pararmos. Apesar de tudo, o que eu mais quero hoje é passar o dia assim, com as duas pessoas que eu mais amo nesse mundo, e não me importar se for pretensão minha, ou egoísmo, querer os dois só para mim.

Como o Noah falou que não sabe a resposta para a minha pergunta, eu também não sei responder de onde vem todo esse sentimento que eu sinto por ele e pelo o Yago. Alguns chamam de amor, felicidade ou até mesmo afeto incondicional, mas eu, agora prefiro nomear como dom, benção e até mesmo tesouro, o mais valioso de todos, o que dinheiro nenhum no mundo possa se comparar tamanho a sua importância para mim.

Capítulo 46

Por Noah

Aquele simples “porque” dela me fez pensar em tudo. Desde o nosso primeiro beijo até o dia de hoje. Todas as nossas brigas, conquistas e entregas.

Eu não me esquecerei daquela noite por nada nesse mundo, estava cansado, podre, depois das mais de 10 horas de voo, direto da Espanha para cá. Foi o meu último trabalho internacional e eu não estava nenhum pouco preocupado com o resultado das fotos, só queria encontrá-la. Mesmo a conhecendo tão pouco naquela época, no fundo, sabia que ela era a pessoa que eu tanto procurei para me completar. Na minha vida de modelo, tudo era as mil maravilhas, mas por mais que eu tivesse vários “amigos” sempre estava sozinho. Esses “amigos” eram, literalmente, da onça, pois se eu precisasse de algum deles para me ajudar em tudo o que eu vejo a Elis nos ajudando, com toda a certeza do mundo, eles não fariam a metade.

Me lembro, também, como se fosse hoje, o jeito que a Regina a tratou quando estávamos saindo do jantar de aniversário do seu tio e de tudo o que ela me disse. O jeito como saímos de lá e ela me deu o melhor soco no estômago de todos, que no fundo as pessoas só percebem as aparências. A cena de nós sentados na praça, depois que ela me contou tudo o que a Cruela fazia na sua infância, e todas as malditas palavras, até a parte que ela disse, “isso é algum tipo de ONG? Faça uma gordinha, com o dia de merda, feliz?” e de como tive que quase implorar por um beijo. Mas quando ela me aceitou na sua boca, meu mundo caiu completamente. Foi como se tudo na minha vida fizesse sentido de uma hora para a outra. Eu já estava com o meu destino selado, naquele momento.

O porquê, eu ainda não sei, mas não me importo com os meios e o jeito que tudo aconteceu, e sim com o que virá para nós.

Acordei com o Gato passeando, descaradamente, com o rabo dele na minha cara, foi um susto e tanto. Mal abri os olhos, e ele estava na minha frente me encarando, com aquele jeito dele, que com um olhar sem expressão nenhuma já me avisava telepaticamente, “vai dormir e deixar ela pensar em tudo”? Dei um pulo e sentei na cama. Olhei para o meu lado, tentando me situar de onde eu estava e vi o Yago dormindo em quase uma posição fetal do outro lado.

Tudo me vem à mente de novo. O estado em que ele ficou, o jeito que não conseguia se manter em pé de baixo do chuveiro, em minha última esperança de fazer a febre ceder e falhou miseravelmente. Eu pensei no pior. Por alguns instantes, pude jurar que íamos perder o nosso Anjo para essa doença maldita.

Estava de toalha, com o celular na mão quase ligando para a Su e pedindo para ela voltar para casa, quando a vi entrando pela porta. Nesse instante, as minhas esperanças voltaram e eu sabia que se ela estivesse junto, íamos conseguir fazer tudo dar certo.

No momento em que ela parou o fusca no estacionamento, eu desci com o Yago no meu colo, corri em direção do balcão de atendimento explicando o caso e o cara me barrou. O meu

sangue subiu para a cabeça nesse segundo. E eu explodi. Não se tratou do dinheiro, nem de querer passar por cima de ninguém utilizando esse artifício. Era desespero. Um ato completamente de urgência, eu não podia perder o fio de esperança que cada segundo se esvaia.

Assim que eu conheci o Yago, soube que ele ia ser um dos meus melhores tesouros junto com a Su. Naquele instante, eu vi o futuro de nós três enlaçados, mesmo quando eu dizia para mim mesmo que não passava de uma brincadeira. Mas aos poucos a realidade me mostrava que ia ser bem além disso. O jeitinho dele me conquistou, da mesma forma que o da Su. E hoje posso dizer com convicção que o Yago é o meu filho. E não há pessoa no mundo que me prove o contrário disso.

Passei a minha mão no seu rosto, e ele se virou de lado, e nessa hora o JB rosnou para mim. Esse projeto de cachorro, que se acha um dos maiores, mostrou os dentes para mim, dá para acreditar nisso? Essa bola de pelo, o filhote mais pulguento da veterinária teve a audácia de tentar avançar em mim só porque eu encostei no Yago enquanto ele dormia. Aprendiz de Gato!

Deixei o quarto e fui tomar um banho rápido. Coloco a primeira roupa que eu puxei do guarda-roupa e procuro pela Fofa no apartamento e não a encontro. Será que ela havia saído e não avisou? Só uma pessoa pode saber do paradeiro dela. Pego o meu telefone e mando uma mensagem para a Elis.

Noah: Sabe se a Fofa saiu?

Elis: Aconteceu alguma coisa? O Yago está bem?

Noah: Tudo tranquilo, só não a acho por aqui, e não acredito que ela tenha saído sem me avisar e muito menos deixado o celular em cima da mesa.

Elis: Piano. Pode saber que ela está lá.

Me senti um completo idiota depois dessa conversa com a Elis, óbvio que ela estaria absorta no seu mundo de música depois de uma noite como essa. Aposto como ela deve estar com mil ideias e preocupações sobre como vamos passar por tudo isso, e a maior de todas será o fato de que eu estou pagando o tratamento do Yago, e sei que isso não vai ser fácil para ela entender.

Assim que ficamos sabendo da doença dele, não hesitei um segundo de bancar o tratamento. Não foi por querer somar pontos com a Fofa, já que ainda estávamos nos acertando naquela época, foi pelo fato de eu saber que a saúde pública desse país é um caos. Somando ao fato de que tudo envolvido com o câncer infantil é mais delicado, e sabia que ele ia precisar de uma assistência especializada e com o máximo de conforto que merecia.

Dinheiro nunca foi problema para mim, hoje acho que tenho bem mais do que eu gostaria de ter. Depois de um pouco mais de seis meses de convivência com a Fofa, dou mais valor a coisas mais simples, do que as que o dinheiro pode manipular. E quanto mais eu não mexo nele, mais o maldito rende, as minhas fotos ainda continuam gerando renda, e ainda vão gerar por um bom tempo pela frente. Não dou bola, não quero e nem me importo com ele, só quero continuar do jeito que estou. Sou feliz assim, não preciso de uma porrada de coisas caras em minha volta, se o que eu mais quero nesse momento, que é a cura do Yago, eu não consigo comprar. Realmente o dinheiro é uma dor de cabeça, tanto como não tê-lo, como ter em excesso.

Entro no quarto e vejo ela em uma posição ereta tocando piano lindamente, tão concentrada que nem percebe a minha presença na porta. Fico parado assistindo de camarote a sua apresentação solitária. Perco a noção do tempo que fiquei a observar correndo suas mãozinhas pelas teclas e só com a cor rosa brilhante do seu esmalte chamando a atenção. Caminho lentamente até ao seu lado e quando me sento ela dá um pulo de susto.

Conversamos, e muito. Deixei ela falar o que estava pensando, e quando ela começou a dizer que se precisasse venderia o fusca e o apartamento, precisei calar a boca dela do melhor jeito que eu poderia fazer. A beijando.

Teria um jeito melhor de demonstrar o quanto eu a amo, ainda mais quando ela me fala uma coisa dessas? Onde no mundo, eu iria encontrar uma pessoa tão incrível na minha vida a ponto de desistir de tudo que conquistou com o suor do seu trabalho pelo tratamento de uma criança? Nenhum lugar na galáxia! As pessoas são egoístas e só pensam nelas mesmo. Eu mesmo era assim, esnobe e me achava “o cara”, o máximo, até a vida me dar um tombo e me quebrei todo. Nem comento sobre as pessoas que com quem eu convivia antes, era uma total perda de tempo me lembrar disso.

Quando eu a solto, ela está puta da vida comigo, pois eu a aticei do nada, e parei do mesmo jeito. Essa expressão dela me deixa mais apaixonado do que eu já sou, mas controlei os meus instintos e foquei no assunto em que estávamos. Abri o meu coração ao falar que não queria, e nem precisava do seu dinheiro e tinha o bastante para pagar o tratamento e ainda sobraria para os nossos netos ter uma vida bem confortável.

E então ela me solta aquela única palavra, de um jeito tão simples e quase unísono que não pude deixar de perceber que veio do fundo do seu coração. E a minha resposta continua sendo a mesma. Eu não sei, só sei que é ela e nada mais me importa. Ou corrigindo, são eles, e nada mais me importa.

Por Su

Três milhões e quinhentos mil. Esse é o número que tem de doadores voluntários de medula no Brasil. Um bom número? Para o tamanho populacional do nosso país, eu acredito que não. Pois as chances de encontrar um doador não aparentado são de 0,1%, segundo as pesquisas que eu fiz. Juntando com o nosso pensamento positivo de 99,9%, tudo se emparelha.

Sáímos do orfanato, segunda à tarde, deixamos o Yago e a Elis no shopping para uma sessão de cinema e outras brincadeiras deles, enquanto eu e o Noah fomos até o hemocentro da cidade buscar informações. Por mais que estejamos ambientados com a doença, essa parte de como funciona o transplante não sabemos quase nada.

Fomos recepcionados por uma secretária, bem atenciosa, e que tirou as nossas dúvidas com toda a calma e tranquilidade possível. Cheguei lá uma pilha de nervos e sai com um pouco mais de tranquilidade na minha alma.

Atualmente, o número de cadastrado no REDOME, registro nacional de doadores de medula óssea, é esse, mas graças à conscientização da população, ela vem crescendo e muito. E a maioria das pessoas chega falando que não sabe como é feita a coleta. Fiquei até um pouco sem jeito em admitir que não sabia também como era o procedimento para o cadastro, e me espantei

como é tão prático e indolor.

Eu e o Noah fomos entrevistados sobre a nossa saúde com perguntas simples e fomos encaminhados para uma sala de coleta. Uma enfermeira nos sentou e quando o Noah viu a agulha para a coleta, a cor sumiu do seu rosto que eu pensei que ele fosse desmaiar.

— É só uma picada — falo entre dentes enquanto a enfermeira sai da sala para buscar algum material. — Não inventa de fazer escândalo.

— Tu viu o tamanho daquela agulha Fofa? — amedrontado. — Deve ter uns quinze centímetros no mínimo. Isso não vai doer é o cacete!

— Deixa de ser criança Noah. O Yago é picado toda a semana e não reclama. Para de ser mimado.

— Não estou sendo mimado, só falando o que eu vi. Essa agulha vai até o meu rim se ela deixar!

Viro-me para ele, só pode ser brincadeira não é? Um cara desse tamanho e porte que o Noah tem, com medo de uma picada de agulha? Pisco algumas vezes, não acreditando que ele mantém a expressão séria e não está brincando com a minha cara com uma piada dessas.

— Não acredito nisso... — balanço a cabeça em negação. — Um homem desse tamanho com medinho de agulha Noah. Isso é ridículo! — Ele fecha a cara e fica olhando para o teto, sem manter contato visual comigo.

— E quem gosta de ser picado por agulha?

— Vai desistir de fazer a doação? — Pergunto séria, e se ele fizer alguma piada de mau gosto, eu juro que pego todas as agulhas que esse hemocentro possui e cravo nele, sem dó nem piedade.

Continuamos a travar uma briga interna sobre a picada da agulha até a enfermeira voltar. Por birra o Noah “deixa” ela fazer a coleta em mim primeiro. Não tiro os meus olhos dele com uma cara de brava enquanto a enfermeira garroteia o meu braço, procura a veia, me punciona e retira o sangue, tudo isso em menos de um minuto. Vi o Noah soltar um gemido silencioso, quando a agulha perfurou a minha pele, e eu revirei os olhos internamente para ele. Medroso. Acho que de castigo, vou deixar a Elis ficar sabendo disso, com certeza, vai ser motivo para gozação pelo resto da sua vida.

— Prontinho querida — a amigável enfermeira fala quando coloca um curativo minúsculo no meu braço. — Agora vamos para o medroso ali — solto uma risada grande quando escuto isso, e o Noah fecha a cara.

— Não sou medroso — saio da cadeira e ele se senta no lugar.

— Claro que não meu amor — falo chegando perto dele e apertando uma das suas bochechas —, só acha que a agulha vai perfurar o teu rim. E isso não é medo nem nada. — Aproveito que a enfermeira está de costas colocando o meu sangue em um tubo de ensaio e dou um beijo no Noah.

E como eu previ, ele quase fez um fiasco digno de criança de três anos. Primeiro, na hora que a enfermeira colocou o garrote no seu braço, ele reclamou que estava apertado demais.

E essa não é a finalidade dele? Segundo, quando ela começou a procurar alguma veia para puncionar, ele ficou tão nervoso, que adquiriu “veias fugitivas”, no momento em que ela achava uma, dois milésimos de segundo depois, elas sumiam. Mais um fiasco começava nesse momento, já que agora a coisa tinha ficado séria, e a enfermeira, pela sua cara não estava para brincar em serviço. Então, ela furou o Noah e começou a procurar com a agulha no seu braço até achar a maldita veia.

Por alguns instantes eu jurei que o Noah iria desmaiar. Sério! Um homem desse tamanho e proporções, que simplesmente, a cor sumiu do seu rosto. Tive que pedir para ele ficar olhando para mim, com aqueles olhos azuis umas três vezes maiores do que o normal de tão arregalados de medo. Depois de umas três picadas, a guerreira enfermeira, conseguiu coletar sangue suficiente do medroso. Aos poucos, o Noah foi voltando ao normal, e com a cor retornando ao seu rosto, e quando ele levantou, disse que ainda estava tonto. Minha vontade foi de dizer que tonto ele iria ficar depois tapas que eu ia dar no rosto dele, isso sim! Coisa mais fiasquenta por menos de 10ml de sangue. Imagina se ele sangrasse todo o mês, como se estivesse abortando um ET do seu útero? Aposto que não ia aguentar um dia sequer.

— Só fiz isso por causa do Yago — fala segurando o braço onde foi retirado o sangue, como se tivesse quebrado ou machucado gravemente. E eu? Com a bolsa pendurada no mesmo braço que tirei o meu, e ainda ia dirigir até o shopping de novo, e nem estava sentindo mais nada de incômodo na região.

— Que vergonha Noah — falo quando sentamos no carro. — Um homem de trinta e quatro anos na cara com medo de agulha. Na hora eu levei na brincadeira, mas no final, estava com vontade de te bater.

— Vergonha? — ele vira para mim e me olha sério. — Amor, tu viu tudo, ela não achava a minha veia e ficou procurando como uma masoquista.

Se eu não estivesse dirigindo, ia dar um soco na cara dele. Deixar um belo e inchado roxo bem naquele rosto bonito como lição. Onde já se viu falar isso de uma pessoa que faz esse procedimento várias vezes por dia? Homens... Não conseguem admitir o medo de uma coisa tão simples.

Chegamos no shopping e encontramos o Yago e a Elis na praça de alimentação, aproveitamos e jantamos por ali mesmo. Eles estavam brincando em uma daquelas máquinas de fotos instantâneas que tinha sido instalada no shopping. Pelo visto, eles gastaram um bom dinheiro tirando fotos de tudo que é jeito e caretas possíveis e impossíveis. Com certeza, algumas dessas, vão para um porta-retratos de R\$1,99 que eu comprei semana passada.

Nunca fui fã de tirar fotos, e muito menos de tê-las expostas no meu apartamento, mas agora tendo o Sr. Narcisista comigo, é quase impossível não achar um nova pela casa toda a semana. Minha, do Yago, dele, do Gato e o JB, todos juntos ou não, de tudo que é pose e estilo que se possa imaginar. Eu continuo me detestando nas fotos, mas com eles, eu ate relevo.

Falei para a Elis tudo o que tínhamos conversado no Hemocentro e avisado que ela iria amanhã dar a amostra dela de sangue. Tenho certeza que ela não vai fazer nem a metade de fiasco que o Noah fez.

Aproveitei e trocamos algumas ideias para fazer um mutirão de doação de sangue e de

medula na cidade. Vai ser daqui a três semanas e temos que organizar um evento para a divulgação e explicando como, e para o que seria. Já tenho em mente algumas coisas, como um panfleto para distribuição em pontos estratégicos da cidade, vou aproveitar que já tenho uma boa relação com uma gráfica na cidade e vou encomendar a arte e a impressão deles. A decoração das salas de doação, que o hemocentro nos disponibilizou junto com alguns funcionários para fazer as coletas e tudo mais que eu ainda quero pensar para chamar a atenção da população. O tempo é curto, mas não vai ser impossível de organizar uma boa chamada.

Saímos tarde do shopping, passei em algumas lojas para ver o preço de alguns notebooks do estilo “BBB”, bom, bonito e barato. Achei diversos, mas nenhum barato, daqui a pouco vou precisar vender um rim para comprar um desse estilo. Depois de tanto rodar, o Noah me perguntou qual era a minha preocupação com um novo e eu falei que precisaria de um melhor que o meu atual para trabalhar, se caso, frisei bem a palavra, caso, o pior acontecer e o Yago precisar ficar internado por mais tempo. Pode até ser uma futilidade da minha parte, estar pensando em comprar um computador novo, mas para me dedicar mais ao Yago, preciso ter um bom instrumento de trabalho. O Noah, segurando o braço ainda, como se estivesse machucado, riu da minha cara e disse para nós irmos embora que amanhã teríamos um dia cheio no hospital. Não entendi o porquê da risada, mas estava cansada também e resolvi não dar pano para manga para uma briga.

Chegamos em casa, despacho o Yago para o banho e quando eu começo a arrumar as coisas para amanhã, o Noah aparece na minha frente com uma caixa na mão, parecendo uma de pizza, e me entrega.

— Se for outra brincadeira, saiba que o lixo é lá na cozinha — falo depois de ver a caixa. Ele revira os olhos e me empurra de novo aquela coisa.

— Abre — um sorriso malicioso aparece no seu rosto e eu desconfio.

— Se sair daí de dentro uma barata ou lagartixa, tu vai dormir na cozinha e junto com o bicho que sair de dentro dessa caixa.

Depois do susto que ele deu em mim e na Elis semana passada, esse rostinho bonitinho já me deixa com todos os radares de perigo piscando alucinadamente na minha cabeça. Estávamos sentadas na mesa da cozinha tomando um chá e o Noah me aparece com uma lagartixa, viva, na sua mão. Eu subi em cima da cadeira e a Elis quase em cima da mesa de susto. Onde já se viu pegar um bicho desses na mão e ainda vir nos mostrar. Caramba eu acho que acordei a vizinhança toda com o berro de medo que eu dei. Não deu outra, ele e o Yago ficaram rindo de nós e brincando com a lagartixa até quase matarem a coitada de cansaço, e eu e a Elis penduradas nas cadeiras com medo. No final, o Noah colocou ela na janela pelo lado de fora e eu lacrei todas as outras, para não ter perigo dela entrar de novo.

— Não pensei nisso, poderia ter pegado a que está na janela do banheiro — ele fala e eu gemo de nojo daquela coisa branca que mais parece um jacaré em miniatura. — Abre amor!

Pego a caixa, pesada, e com todo o receio do mundo a abro, morrendo de medo de que, sei lá, um ninho de baratas, lagartixas e outras coisas nojentas saiam dessa caixa. Mas o que eu vejo é um notebook branco descansando ali.

— Nossa, um notebook! — Irônica e dou de ombros para ele.

— Tu não estava procurando um? Pronto, aí está.

Começo a formular a resposta para ele, que, com certeza, tem haver com socar aquela coisa em algum lugar do seu corpo. Quantas vezes eu tenho que repetir, incansavelmente, que não quero nada dele? Pode estar caríssimo um novo, mas eu quero comprar o meu.

— Sem discussão, sei que tu não quer nada meu — ele começa a falar antes de mim —, só que ele tá parado e eu quando preciso, uso o meu celular. Então fica com ele.

— Noah — retiro ele da caixa e vejo que é um dos modelos mais caros que eu vi na loja —, eu não posso é...

— Meu, e grande coisa — ele me corta e suspira alto passando as mãos no rosto. — Sem brigas, ok? Ele está dentro do guarda-roupa mesmo, se eu o liguei duas vezes foi muito, então, é tu usar ou ele estragar por ficar parado.

Olho para ele e para o notebook nas minhas mãos. Penso em todas as coisas que eu poderia adiantar com essa máquina potente me ajudando. Programas essenciais que eu tive que desinstalar no meu por causa da lentidão que o sistema ficava e fora que ficar sempre ligado na tomada era um inconveniente e tanto, pois nem sempre as tomadas do hospital estavam tão a mão assim. Droga, eu preciso disso, mas também não quero me passar por abusada e ficar aceitando as coisas dele assim, de mão beijada.

— Muito pensamento, para aceitar um notebook amor — ele se escora na parede na minha frente e eu, ainda na mesma posição, parada e com a caixa na mão.

— Eu aceito — murmuro.

— Como? — vejo ele piscar umas três vezes para mim.

— Eu fico com ele — repito com mais convicção e ele sorri.

— Sem brigas, argumentos idiotas e ameaças? — começo a rir baixinho.

— Sim, Noah, obrigada! — Largo o notebook em cima da mesa ao meu lado e me jogo nos seus braços.

— Não sei se tu fica mais bonitinha brava ou assim desse jeito, agradecida — o beijo novamente, ele me abraça forte e me levanta um pouco do chão, me fazendo protestar na sua boca.

— Vou cair no chão — me agarro nele.

— Nunca meu amor, eu não deixo tu cair — outro beijo, e mais alguns.

Quando na minha vida eu pensei em aceitar uma ajuda tão cara assim? Acho que nunca! Mas agora, eu consigo ver a minha evolução como pessoa, ser ajudada não é um bicho de sete cabeças assim como eu imaginava. E sim, uma libertação para certos temores, o ato de não estar com o problema enraizando em si próprio e saber que pode ter outra pessoa para dividi-lo e compartilhar as angústias é a melhor lição que eu posso estar recebendo do Noah. Sei que no início na nossa relação, ele queria que eu fosse sua professora anti-clichê, mas no fundo, ele que está fazendo o papel de professor e me ensinando a ser uma pessoa melhor.

Melhor para ele, para mim e para o Yago.

Sei que ainda falta muito, mas de uma lagarta dentro de um casulo pronta para virar uma borboleta e voar na vida, meu processo de metamorfose já está quase concluído.

Capítulo 47

— É HOJE!

Dou um pulo na cama de susto com o Yago se atirando no nosso meio. Pela animação dele, a essa hora da manhã, em um sábado, com certeza o tempo está limpo e sem perigo de chuva. Ou seja, todos vamos ao parque com o pessoal do orfanato.

O combinado foi: depois da apresentação mais que perfeita deles aquele dia, de prêmio, as crianças ganharam um dia em um parque da cidade para brincarem o dia inteiro. O Yago ficou animadíssimo quando falaram para eles que seria nesse sábado, e não teve jeito de mudar a opinião dele quanto a esse passeio. Ele iria, mas só se não tivesse febre e nem estivesse chovendo, e para a sua sorte, nenhum dos dois aconteceu.

— Mais cinco minutos — gemo quando ele começa a pular cima de nós.

Cheguei em casa, depois de um evento ontem a noite, já passavam das duas da manhã, e agora não são nem oito. Preciso, no mínimo, mais umas quatro horas de sono, antes de encarar as crianças correndo e brincando, o dia todo em um parque.

— Vamos tia Su! Acorda! — Os pulos do Yago tomam uma forma rítmica e pelos latidos, o JB chegou no quarto e pulou em cima de nós também.

— Deixa a gente dormir mais um pouco — ouço o Noah resmungar do outro lado da cama.

— Não tio Noah! Temos que estar lá às 10 da manhã e já são quase oito!

Sinto umas patas silenciosas pousando em cima das minhas costas, o Gato. Agora sim a família está completa. Ele caminha em cima de mim um pouco, chega até a minha cabeça e se deita, folgado é pouco para essa bola de pelo gorda.

— Alguém tira o Gato de cima de mim — falo com a cabeça enfiada no travesseiro. A cama se mexe e o Yago o pega no colo.

— Ele estava miando para mim quando eu acordei tia Su. Acho que ele quer ir no parque também, será que podemos levar ele e o JB?

— Acho que não Yago, cuidar de vocês já vai ser uma briga e tanto, aguentar esses dois, vai ser impossível — Noah fala, pelo o jeito que a cama se mexeu, deve ter virado para o Yago.

Eles continuam a conversar e eu tento, sorrateiramente, dormir mais um pouco. Nem me mexo, quase nem respiro. Tudo por mais uns minutinhos de sono. Percebo eles saindo da cama, pelo visto o Yago convenceu o Noah a se levantar, e eu fico quietinha, rezando para que eles me esqueçam... A porta do quarto se fecha, e eu volto a me aconchegar na cama para mais um cochilo rápido.

A semana passou rápida e sem muito agravante, ainda bem. A sessão de químio da semana passada e dessa, foram calma e sem muito efeito colateral, assim como a busca para um doador para o Yago. Os meus eventos, cada vez estão ficando mais requisitados e se continuar nesse ritmo, vou ter que começar a procurar uma ajudante para mim, porque meus fins de

semana, já estão quase todos ocupados e vou ter que começar a organizar dois simultaneamente.

E também preciso confessar, o notebook do Noah está sendo uma mão na roda e tanto, cada vez que eu termino um projeto, na metade do tempo que eu levava no meu, tenho vontade de beijar o Noah por me emprestar ele. Falando nele... Sempre me ajudando em tudo o que eu preciso, muitas vezes até, mais que o necessário.

Vamos nos moldando um ao outro, aceitando suas falhas e acertos. Nunca pensei que eu fosse ser tão adaptável a uma vida a dois como eu sou agora. Ou talvez seja o simples fato de que a outra pessoa é ele. Nossa vida, a cada dia que passa está mais perfeita, já conheço todas as suas manias e ele já começou a perceber as minhas, como por exemplo, deixar roupa jogada pelo quarto, especialmente sutiã. Sei lá, é um hábito que eu tenho desde que comecei a morar sozinha, a cada troca de roupa, eu troco de sutiã, como se isso fosse fazer alguma diferença para os meus peitos gigantes. Mas o fato é: o Noah já começou a juntá-los e deixar ao meu lado da cama, a cada vez que encontra um, seja pendurado na porta do guarda-roupa, ou em cima da mesa de cabeceira. Ontem eu bati o recorde, tinham 6 jogados pelo quarto.

Assim como eu tenho essa mania, ele tem a dele de deixar rastro por onde passa, seja um copo sujo, meias, sapatos, ou até mesmo as cuecas, achei uma desses dias no corredor, como ela foi parar lá? Eis o mistério. Pelo menos meus sutiãs não saem do quarto. A mania do ar-condicionado dele, eu me adaptei a força, já que ele e o Yago são dois ursos polares, eu perdi a batalha por ser a minoria aqui, então, se vou ficar em casa, já coloco um pouco mais de roupa para não congelar, é uma linda cena, os dois só de bermuda, sentados jogando videogame no sofá, e eu de calça comprida e casaco fazendo as unhas na mesa da sala.

Ontem quando cheguei em casa, ele já estava dormindo, atirado na cama daquele jeito de sempre, tive que o acordar para se afastar e deixar eu me deitar em um mínimo canto possível. Claro que eu tive que pagar o preço por ter interferido no sono dele. E eu paguei, da melhor forma possível. As coisas que ele faz comigo, me deixam fora do meu corpo completamente e eu me rendo as suas carícias sem ter vergonha de nada. Mas não posso dizer que eu não provoço também, já aprendi um truque aqui, outro ali, e às vezes, o deixo tão louco a ponto de ele pedir para eu parar antes que seja tarde demais. Se ele ama me provocar, eu também sei e estou aprendendo cada vez mais essa artimanha, que no fundo beneficia a nós dois.

Respiro fundo, fecho os olhos e espero o sono me dominar, assim que eu estou quase pegando no sono, já vendo um campo verde e com o céu azul de um sonho perfeito e...

— Ahhhh puta que pariu! — dou um pulo na cama quando escuto o Noah gritando lá da cozinha.

Saio da cama em menos de dois milésimos de segundo, já pensando em todas as tragédias possíveis para que esse grito tenha cabimento a essa hora da manhã e com a metade do prédio ainda dormindo. Passo pelo banheiro e escuto o chuveiro ligado, o Yago deve estar no banho, uma boa notícia, sinal que não é nada com ele. O Noah deve ter se queimado com a maldita cafeteira que ele insiste, ainda, em tentar fazer café, ou se cortado com algum prato, louça quebrada, já que para ele, quebrar um copo ou prato é quase diário, e deve estar se esvaindo em sangue por aí.

— Elis sua vaca. Vai colocar uma roupa! — Chego na porta da sala e vejo a Elis acordando, só de calcinha e uma blusa, sem sutiã.

Coloco a mão no coração, que está pulando no meu peito, e me escoro na parede. O Noah está olhando para longe da Elis que se espreguiça toda no sofá. Esqueci completamente que ela tinha dormindo aqui.

— Bom dia para ti também Noah, não tinha um jeito menos baixo para me acordar?

— Ou me matar do coração? — me intrometo. — Pensei que tinha acontecido alguma coisa com o Yago, ou tu ter te machucado feio — solto o ar dos meus pulmões, de alívio. — Acho que não preciso de um cardiologista tão cedo agora.

— E eu? — ele vira, passa os olhos pela a Elis, sentada no sofá toda escabelada e com uma cara de sono digna de filme de terror. — Imagina a minha cara ao chegar na sala e ver esse vulto — aponta para ela e olha para mim. — Dormindo, com as pernas aberta e a camiseta fora do lugar! Caralho — ele passa as mãos nos cabelos —, quase morri de susto.

— Como se tu nunca tivesse visto alguém desse jeito — Elis fala e pega o sutiã, que está atirado numa ponta do sofá. — E vira para lá que eu vou tirar a camisa.

Noah sai caminhando sem nem virar para a Elis com uma cara meio de nojo. Gostei da atitude, se fosse qualquer um, com toda a certeza, teria olhado para os peitos da Elis, sem vergonha nenhuma. Ele passa por mim e me puxa até a cozinha.

— Tem ácido aí? Preciso lavar os meus olhos para tirar essa cena da minha cabeça.

— Credo Noah, estragar esses lindos olhos por ver a Elis desse jeito, eu já vi pior e estou viva — ele senta em uma cadeira e me puxa para o seu colo e se esconde no meu ombro.

— Caramba, que susto eu levei Fofa — começo a rir e faço um carinho nos seus cabelos.

— Ela não podia ir pra casa — começo a contar a história trágica da Elis. — Desde o episódio da lagartixa, ela ficou com medo de dormir e encontrar uma no meio da sua cama, e mandou dedetizar o apartamento por isso. E foi ontem, e ela não poderia voltar para a casa e eu disse que ela poderia ficar no meu sofá. Desculpa por não ter avisado, muita coisa na cabeça, só me lembrei disso quando a vi de mala no carro quando veio me pegar ontem.

Noah levanta aqueles olhos azuis para mim e se deita de novo no meu ombro e me aperta forte.

— Sem problemas ela ficar aqui, só que... — ele volta a olhar para mim e a sua cara estranha me faz rir. — Não é uma cena muito agradável de manhã, a que ela estava — começo a rir mais alto agora.

— É, eu sei como ela dorme e quando acorda, pode ser um pesadelo mesmo.

A Elis eu não sei como ela consegue descansar, porque literalmente, ela não para quieta nem dormindo. Já a expulsei da minha cama diversas vezes quando dormíamos juntas. Eu era chutada, socada e até os meus cabelos não escapavam e eram puxados. Fora as conversas, risos e choros pela noite a fora. Ir dormir e acordar no chão ou do lado contrário da cama é normal para ela.

Noah continua a me abraçar e eu solto um bocejo demorado.

— Bom dia meu amor — ele beija o meu pescoço. — Pronta para acordar todos os dias,

com esses pulos na nossa cama?

Todos os dias... Essas palavras estão cada vez mais relacionadas com o Yago na nossa vida. Tudo que ele vem fazendo de diferente, falamos um para o outro, acompanhando dessas palavras. Já tive duas entrevistas com a psicóloga e uma com a assistente social e tudo se encaminha para o sucesso da adoção dele. Meu medo maior, inda continua sendo as idas à psicóloga do juizado, por mais que eu seja resolvida na vida, internamente, na minha cabeça, muitas coisas da minha infância refletem na atualidade. E por isso, tento ser a pessoa mais sincera nas consultas, não tento omitir e nem ser vaga sobre o meu passado, para que em uma pergunta chave dela, eu não perca essa minha pose de durona e coloque todo o meu trabalho em me manter forte por água abaixo.

Não é uma coisa muito agradável, me sentar naquela cadeira dura e sem conforto nenhum por quase uma hora com uma mulher te revirando as memórias de ponta a cabeça e anotando cada reação tua. Poderia ser encarado como um tipo de tortura psicológica, sempre eu busquei a aprovação de todos, e agora mais ainda eu preciso da sua aprovação, e ela não fala nada. Nem para me deixar mais aliviada depois das consultas. Não tenho nem como saber se eu fui bem ou não nas entrevistas, só recebo um sorriso quando entro na sala e outro quando saio.

Com a assistente social foi bem mais tranquilo, meio que já conhecia ela lá do orfanato, e passamos quase todo o tempo falando sobre as crianças e como trabalhar com elas é uma magia e tanto. Também conversamos sobre o Yago e como está sendo a luta contra a sua doença e quais os passos que estamos dando. Aproveitei e disse sobre o mutirão de coleta do fim de semana que vem, ela disse que iria, e ainda arrastaria o marido medroso junto. Foi uma coisa bem informal por assim se dizer, como se fosse uma conversa de corredor, me senti completamente livre para falar o que me vinha à mente com risadas e piadas, mal percebi o tempo passar, e sai de lá bem mais confiante do que com as entrevistas da psicóloga.

— Não sei por que tanto estardalhaço — uma Elis lutando contra uma mecha do cabelo enredado com um pente aparece na porta, já bem mais vestida que antes. — Tu está só de cueca e eu não fiz nem a metade do griteiro teu.

Olho para o Noah, e realmente ele está só de cueca azul samba-canção. Já estou tão acostumada com ele andando desse jeito pela casa, que nem dou bola mais. O jeito despojado dele e completamente à vontade com o seu corpo já nem me espantam mais, só me incomoda quando ele resolve invadir o banheiro e usar na minha frente enquanto eu estou escovando os dentes.

— Mas eu moro aqui — ele fala e eu me deito no seu ombro, prefiro ficar aqui enrolada nele a me meter nesse duelo de titãs, a essa hora da manhã.

Sinceramente perdi o rumo da conversa deles, continuei sentada no colo do Noah, com ele me segurando. Eles que se matem, desde que não me incomodem e não façam bagunça na casa, sem problemas. A briga continua para saber quem estava mais a vontade na minha casa e só parou quando o Yago apareceu na cozinha. Tomamos café, eu e a Elis limpamos a bagunça e lavamos a louça enquanto o Noah tomava banho e por último, eu me arrumei. Fiz todo mundo passar protetor solar com o fator máximo que eu encontrei, fiz uma mochila com bonés, e outras coisas importantes e saímos para o parque.

Chegamos junto com uma van que trouxe todos as crianças do orfanato. A carinha de

felicidade deles era contagiante e fomos recebidos com beijos e abraços de cada um deles. Peguei o protetor solar e dividi entre todos, o sol estava mesmo horrível já a essa hora da manhã. Raquel os juntou e ditou algumas regras básicas, sempre nos avisar que estavam bem, não correr pelo meio do parque, serem educados com todos e respeitarem as pessoas que cuidavam os brinquedos.

— Agora podem ir se divertir, e aproveitem! — Ela fala e todos gritam de felicidade.

Três puxam a tia Elis para irem em um brinquedo que virava de cabeça para baixo, uns quatro o tio Noah para o barco viking. A Raquel saiu com mais alguns e foram para a roda gigante, e eu e o Yago ficamos com os outros no carrinho choque, para mim, esse é o mais radical que eu posso aguentar.

Eles teriam até às seis da tarde para brincarem sem se preocuparem com nada e podiam andar quantas vezes quiserem em cada brinquedo. Algumas eram mais radicais e foram nos que davam mais adrenalina, acompanhados da Elis, juro que escutei os gritos dela em um desses no meio do parque, as crianças adoraram que ela foi junto e riram das loucuras dela gritando que ia morrer num daqueles brinquedos. Só os via passando por mim e me avisando que estavam bem e iam experimentar mais algum brinquedo.

Perto do meio-dia, conseguimos juntar todos e levar eles para a barraca de lanches que havia ali. Cachorro-quente e refrigerante para todos, feito por uma vaquinha entre nós, como sempre fazemos todos os anos, e uma vacona do Noah que bancou o que bebessem naquele momento, um sorvete depois do almoço e de quebra, o que eles quisessem no meio da tarde. Literalmente elas estavam explodindo de felicidade. O brilho no olhar de cada uma era reconfortante, e ver o valor que elas davam a essas simples coisa me faz perceber como damos bola para coisas tão mais complexas e esquecemos a simplicidade da vida, e como ela pode ser alegria para tantos.

Com a chegada da tarde, o parque foi começando a lotar, muitas crianças e suas famílias. Cada vez estava mais difícil encontrar elas lá dentro, mas eu sabia que esse era um parque seguro e sem risco nenhum de perder as nossas crianças, até porque muitas delas morrem de medo dessas aglomerações e ficam assustadas se alguém desconhecido vem falar com elas. Por estarem todo esse tempo, praticamente reclusas no orfanato, adquirem um medo do mundo real que nesses casos nos deixam mais despreocupadas.

— Tia Su! — Uma das nossas meninas vem até mim.

— Oi minha linda — sorrio vendo a alegria estampada no seu rosto.

— Vamos no carrinho choque comigo? Eu tenho medo de ir sozinha — ai que coisa fofa. Sorrio para ela e pego na sua mão.

— Claro — a Elis já se aproximava com o Yago, eles estavam na montanha russa, como eu não sou muito adepta as coisas radicais, fiquei aqui esperando eles. — Vamos no carrinho choque, querem ir?

— Eu quero tudo — Elis fala mais animada que todas as crianças juntas. Seu cabelo, já todo desarrumado do rabo de cavalo e as bochechas vermelhas do sol, falam por si só.

Fomos para a fila, que estava bem grandinha até, e ficamos esperando. Atrás de nós,

chegou um menino, quase da mesma idade do Yago enfurecido porque tinha uma fila, e ele queria ser o próximo a brincar e começou a gritar com a mãe, que não fazia nada para ter o controle da situação. A menina que estava comigo, se agarrou em mim com medo da criança e do alvoroço que ela fazia, vejo o Yago olhando para mim com aqueles olhos verdes gigantes, assustado e a Elis bufando de raiva. A fila anda e a criança correu para ser a primeira da fila, não escutando a mãe que o mandou ficar ali e esperar a sua vez, como todos estavam. Ele chega até o moço que está cuidando da entrada no brinquedo, que barra a sua entrada e aí, a confusão começa. A criança simplesmente começa a bater e chutar a grade de proteção do brinquedo. Como se isso fosse fazer alguma coisa para ele entrar mais rápido nele. A mãe vai até lá e fala, gentilmente com ele, que começa a gritar e chorar como se isso fosse a coisa mais importante da vida dela. Boa parte do parque parou para ver a cena, e então, a criança começa a bater na própria mãe.

Eu fiquei assustada com tudo isso. Logo se via que a criança tinha tudo o que queria nas mãos, e a cada birra dessas, conseguia mais. O Yago e a menina, agarrada em mim, se assustaram feio com toda essa cena. Confesso que a minha vontade era de bater naquela mãe relapsa que deixou o seu filho daquele jeito. Se com essa idade ele faz isso, imagina quando for mais velho!

Sei que educar uma criança não dever ser um trabalho fácil, ainda mais se ela já for geniosa e com sinais de querer fazer birra por qualquer coisa. Mas me cortaria mais o coração ver um filho meu fazer isso, do que deixá-lo chorando quando menor para aprender o valor de um “não” e uma ordem. Ele faria birra na primeira e segunda vez, e depois entenderia que isso não mudaria a minha opinião.

A cena se desenrola com a mãe da criança arrastando ela até a saída do parque, com a criança gritando como se alguém tivesse a maltratando. Mas se maltratar for sinônimo de educar, com toda a certeza do mundo que irei maltratar muito se um dia eu tiver algum. Não de forma física ou do mesmo jeito que a Cruela fez comigo, me coagindo e me humilhando, mas com conversas sérias, pulso firme e se nada disso adiantar, ficar uma semana sem TV ou outra coisa que ela goste, não mata ninguém.

Quem me vê falando tudo isso, pensa que deve ser a coisa mais fácil do mundo e que eu vou tirar de moleza ser uma mãe perfeita. Se não fosse maluquice demais, começaria a rir, aqui no meio do parque, dos meus próprios pensamentos. Sei que não vou ser uma mãe perfeita, nem para o Yago, mas quero com os meus erros aprender ser a melhor possível. Cobrar na hora que ele precisar ser cobrado, e com as coisas certas, valorizar as suas vitórias e ajudar nas suas falhas para ele ser uma pessoa de bom caráter.

— Se essa mulher ficasse mais um minuto apanhando daquela criança, ela ia apanhar mais de mim — Elis fala cruzando os braços, irritada.

— Sim, constrangedor isso — e fico pensando na dor dessa mãe em ver o filho fazer isso.

— Se um dia eu tiver um filho, nunca que ele vai fazer uma coisa dessas — olho para a Elis e ela está séria.

— Se um dia tu tiver um, é bem capaz de quem fazer o fiasco é tu, Elis — ela para e pensa por alguns segundos, a fila anda de novo e entramos no brinquedo.

— Dependendo da coisa — ela fala se sentando no carrinho azul que o Yago escolheu —, eu faria mesmo — e começamos a rir.

Perto das cinco e meia da tarde, começamos a procurar as crianças no meio do parque. Algumas já estavam cansadas e dormindo em pé, outras elétricas com a adrenalina nas suas correntes sanguíneas. Noah chega carregando uma no colo que já dormia e mais três ao seu lado. Olho para ele, que está mais sujo que algumas crianças de barro nas roupas, nem quero imaginar onde eles estavam brincando. Elis conseguiu rasgar a sua blusa em algum brinquedo radical e estava com boa parte das costas de fora, mas ainda foi uma última vez no brinquedo mais radical do parque, e eu escutava os gritos dela daqui. O Yago está sentado olhando tudo com uma admiração sem igual, ele brincou bastante, mesmo com muitos eu vetando a sua ida por causa do enjoo e possível sangramento nasal, que agora já estavam quase sendo hemorragias de tão intensa, e mesmo assim, ele não reclamou de nada. Só quando eu o parava e lambuzava seu rosto e braços de protetor solar.

Colocamos todas as crianças na van com um beijo e um abraço de despedida, algumas sentaram no banco, colocaram o cinto de segurança e capotaram de sono. Com certeza, vão dormir até mais tarde amanhã e segunda vai ser o dia da preguiça para eles tocarem alguma coisa. Fomos para casa com a sinfonia de bocejos do Yago e da Elis no banco de trás do fusca. O Noah ainda resolveu passar em um mercado para comprar massas de pizza para que eu fizesse algumas de janta para eles.

Abro a porta do apartamento e vejo que bagunça está formada.

— Elis não me diz que tu deixou a tua mala na sala e aberta? — vejo umas quatro calcinhas dela espalhadas pelo chão e o JB com uma alça do seu sutiã enrolada no seu pescoço. A festa foi grande.

— Ai droga! — Ela fala entrando no apartamento e se atirando no chão catando as suas roupas.

Vejo o Gato dando o ar da sua graça para nós. Só que ao invés do seu pelo branco, vejo alguns tons de rosa e vermelho nele. Com certeza, o pet shop vai ter uma briga intensa com ele para tirar essa cor dele. Olho para o lado e vejo um estojo de maquiagem detonado, o batom vermelho está todo comido, vai ver o Gato achou, pelo cheiro, que aquilo era comida e não pensou duas vezes em atacar sem dó nem piedade. Esfomeado.

— Meu batom! — Elis geme quando vê a nova cor do Gato.

— Bem feito — Noah fala enquanto entra com o Yago no seu colo, que não aguentou e dormiu no carro.

— Cala a boca Noah — ela guincha juntando uma blusa de alcinhas, estampada de oncinha. — Tudo culpa tua, se não ficasse me incomodando. JB larga as minhas meias — ela fala e começa a engatinhar atrás do cachorro que acha que é uma brincadeira e foge dela com as suas meias.

— Elis arruma essa bagunça — falo indo para a cozinha e largando as coisas. — Noah, acorda o dorminhoco e banho para vocês dois enquanto eu faço as pizzas.

— Sim senhora — ouço o Noah falando, tirando os sapatos no meio do corredor e os

deixando ali. Balanço a cabeça, bagunceiro. Começo a preparar as pizzas enquanto a Elis briga com o JB e cata as suas roupas espalhadas pela minha sala.

Jantamos três pizzas diferentes, já que essas eram grandes fiz só a metade das massas que o exagerado comprou. Se fosse das pequenas faria todas, mas dessas de 30 cm, já é um exagero todas essas!

Calabresa com queijo, sobra do picadinho de carne de ontem e uma chocolate metade branco e ao leite e está pronto o rodízio da noite. E eles comeram praticamente tudo. Deixaram mini pedaços só para não dizer que não detonaram, aqueles esfomeados. O Yago foi o que mais comeu a doce, tanto que quase tive de mandar novamente para o banho, de tão sujo de chocolate que ele ficou. Sei que doce a essa hora da noite não é recomendando para crianças, mas hoje ele podia, estava tão feliz e brincou tanto, que eu quis fazer esse agrado a ele.

Depois do susto de hoje de manhã, do jeito que a Elis dorme, o Noah disse que o Yago iria para a nossa cama e ela ficaria no quarto dele. Ainda mais que as roupas dela tiveram que ir todas para a máquina de lavar com tanto pelo, baba do JB e até umas manchas de batom nelas, e ela iria dormir com um pijama meu que ficava sobrando espaço para, no mínimo, mais uma Elis dentro dele.

Deitamos na cama com o Yago no meio, com o ar-condicionado ligado no máximo, eles só de cueca, parece que alguém quer imitar o tio Noah nisso também, e eu quase puxando um edredom de lã que eu uso no inverno. Yago se agarra no meu pescoço e me beija e começa a falar sonolento, para mim, já que o Noah capotou na cama logo depois que deitou a cabeça no travesseiro.

— Esse foi um dos melhores dias da minha vida... — e dorme.

O abraço forte e beijo a sua cabeçinha careca, lágrimas me vem aos olhos, mas eu luto para não chorar. O dia foi perfeito, penso em todas as risadas que ele deu e o meu coração se aperta com um sentimento de que alguma coisa não vai bem. Mesmo com tudo sobre o controle, sei que essa doença é traiçoeira e pode voltar a atacar o meu Anjo de um momento para o outro.

Respiro fundo inalando o cheiro de criança que ele exala, junto com todas as suas alegrias, medos e esperanças para o futuro. Fecho os meus olhos e tento sonhar com um mundo onde doenças não ataquem as crianças e que elas vivem felizes e sem preocupações sobre a sua saúde.

Capítulo 48

O salão está lotado. Pessoas sentadas doando sangue e outras recolhendo as amostras para serem cadastradas no banco de doadores de medula, tudo está sendo um sucesso total.

Com a aproximação do evento, eu ficava mais nervosa a cada dia, o medo de não conseguirmos chamar a atenção necessária que o evento precisava, tirou umas boas horas de sono minhas.

Mas com uma boa ajuda de um certo ex-modelo, e o seus contatos publicitários, conseguimos todo o apoio que precisávamos. Meu querido urso polar, que tem medo de agulhas, falou com alguns ex-colegas de profissão e outros agregados, explicando a situação e pedindo para que ajudassem na divulgação em suas redes sociais. A Elis falou com todo mundo que ela mantém contato da época da faculdade. Até alguns ex-colegas nossos apareceram, e quando vieram me cumprimentar, um certo Urso Polar, grudava em mim. E o meu tio, convocou todos os seus funcionários a doarem, em troca de um dia de folga, boa maioria compareceu.

Resultado de tudo isso? Fila de espera para as doações. Eba!

Impossível não sentir uma energia vibrante que corre por dentro do salão. Um misto de esperança com o cuidado da vida do próximo, eleva qualquer sentimento angustiante que possamos ter. Imagina se daqui dessa sala, saia à cura para a vida de uma pessoa? Ou se o sangue doado, possa evitar alguma perda de um ente querido que se acidentou? Isso é o que me motiva, e sei que muitas pessoas também. O sorriso de uma boa ação feita, apaga qualquer pensamento ruim que alguém possa ter.

Olho mais uma vez para o salão e vejo o Noah sentado com o Yago no seu colo. Ele está querendo ver o Noah doar sangue, desde que chegamos pela manhã e eu acho que alguém está protelando até o último segundo, nem quando eu doei os 500 ml ele se animou a me acompanhar. Vou até dar uma mão para o Yago nesse quesito. Caminho até eles e começo a escutar a conversa.

— Não dói nada Tio Noah — Yago fala sério para o Noah que assiste uma punção a poucos metros de uma doação.

Vejo os olhos do Noah bem mais arregalados que o normal. A agulha para a coleta de sangue é bem maior e calibrosa que a de coleta de sangue normal, tenho quase certeza que se alguém chegar perto dele com uma dessas, ele desmaia.

— Acho que vou deixar para outro dia Yago — olha para a coleta a frente, quando a enfermeira dá aquelas bolinhas de borracha para o paciente ficar apertando, e engole seco vendo isso.

— Quem disse que tu vai deixar para outro dia? — chego em frente deles e coloco as mãos na cintura.

Noah olha para mim, e a minha posição “eu mando e tu faz, sem reclamar” e fica olhando para mim e para a coleta. Seu rosto faz uma careta de compaixão, pedindo para que eu não o force a fazer isso. Reviro os olhos e estendo a mão para ele, seus olhos crescem mais um

pouco e ele nega com a cabeça para mim.

— Não Amor eu... — levanto a mão e ele cala a boca. Bem-mandado.

— Trinta e lá vai pancada nas costas de idade e fazendo birra como se tivesse menos que cinco? — falo num tom que até o Yago se assusta. — Nem o Yago faz essa birra Noah. Levanta.

— Não, essa agulha é bem maior que a outra e...

— Le-van-ta — falo uma sílaba pausadamente da outra e continuo séria.

Ah vá se catar. Paciência tem limite com as teimosias e medos bobos do Noah, uma maldita picada de agulha não vai matá-lo. Depois desse duelo por olhares, eu séria e ele suplicando, ele desiste. O Yago sai do colo dele animado com o que eu consegui fazer e o Noah se levanta vagorosamente.

— Avisa a enfermeira Anjo — peço para o Yago e ele sai correndo atrás de uma, afinal eu consegui fazer o tio Noah se levantar e doar sangue. Será que isso me daria algum troféu?

— Tu me paga Fofa — seus olhos pousam por todo o meu corpo e por um instante, o medroso de agulha some e o meu safado volta.

— Com juro e correções monetárias? — desafio.

— Os mais altos possíveis — murmura baixinho, passando por mim e pegando na minha mão.

— Com o maior gosto do mundo — respondo e o seu sorriso volta.

Caminhamos até a cadeira de coleta e eu forço o Noah a se sentar nela. Menos de um minuto, o maior enfermeiro que tinha no recinto vem nos atender. Noah olha para mim e depois para o enfermeiro que deve bater na altura do seu tranquilo, mas de peso e presença deve ser o dobro. Por precaução, coloco a minha mão no ombro dele para que não fuja, e aperto. Noah olha para mim com os olhos quase saindo das órbitas de tão assustado que está, eu sei que não é a melhor coisa do mundo, ainda mais com essa agulha e a presença desse armário de porta aberta de enfermeiro, vestido de branco, assustador, mas o Noah vai sobreviver a isso. Até fiquei com pena do medroso, mas o enfermeiro foi bem cuidadoso quando perfurou a pele do Noah o fazendo fazer uma careta horrível, já que se fizesse fiasco era capaz de todo o salão ouvir. E, com certeza, ele ia querer pagar de machão para o enfermeiro e aguentar no peito, mesmo eu sabendo que ele vai ficar num dengo só quando chegar casa.

Depois de coletado todo o sangue, sem o Noah fazer um “ai” de medo, porque a Elis estava em nossa volta, o enfermeiro retirou o acesso e quando o ele foi levantar, disse que estava tonto e quase desmaiou. Eu e o enfermeiro tivemos que o sentar de novo na cadeira para ele não cair de cara no chão. Mas depois de não ter falado e nem feito escândalo, o deixo fazer um pouco de fiasco por causa disso.

Saímos do prédio do hemocentro com mais de 50 doações de sangue e de 350 coletas de medula. Mais um motivo de crer em um mundo melhor futuramente, ainda há salvação para a humanidade e pessoas boas e que querem ajudar ao próximo ainda existem.

Chegamos em casa depois de largar a Elis no apartamento dela, que já está livre de

todos os insetos que possam habitar os seus sonhos. O Yago estava cansado, como ele vem se sentindo muito nesses últimos dias para o meu gosto, e com uma tosse seca que estava o acompanhando há dias, e me deixando preocupada. Ele nem quis jantar e queria ir direto para cama antes de tomar banho, foi uma briga e tanto, mas conseguimos convencê-lo a fazer isso antes de dormir.

Eu e o Noah lavamos a louça que tínhamos usando pela manhã, mais o que sujamos agora à noite e eu fui trabalhar um pouco enquanto ele jogava vídeogame um pouco. Terminei de planejar um orçamento, envio para o cliente por e-mail para a aprovação e desligo o notebook do Noah. Caminho até o sofá onde ele está e me coloco nas suas costas e me aproximo do seu pescoço cheiroso. Beijo e mordo de leve e o faço se arrepiar todo, repito no outro lado e ele ri baixinho.

— Vou morrer aqui — Noah fala sem tirar os olhos da TV e eu coloco as mãos no seu ombro e vou descendo até o seu peito.

O contraste de temperatura da nossa pele é gritante, o gelo das minhas mãos e o calor do seu corpo, o contato me faz segurar um gemido fraco que se formou no fundo da minha garganta. Continuo o ataque e sinto seus músculos se contraírem com o nosso contato, ouço o Noah respirar entre os dentes e soltar o ar de um jeito que mais parecia um gemido. Volto para o meu trabalho em seu pescoço e vejo ele soltar o controle do vídeogame, ele joga a cabeça para trás e eu o beijo nessa posição mesmo, ele com o pescoço todo atirado para trás, quase quebrando e eu atrás do sofá. Estamos um de ponta cabeça para o outro, e o beijo nessa posição, não poderia ser melhor. Noah quebra o nosso contato, fica de joelhos no sofá e volta a me beijar intensamente. Suas mãos percorrem as minhas costas até chegarem a minha bunda e ele apertar, nada delicadamente, e em menos de dois segundos, ele me puxa por cima do sofá e eu caio deitada nele.

— Caralho meu braço — geme.

— Fiasquento — começo a rir da careta que ele faz e segura o braço que foi retirado o sangue —, o meu não doeu nada.

— Porque tu é maluca, só pode — Noah larga o braço, como se ele estivesse com uma fratura externa e com possível amputação a vista.

— Então — tento me levantar —, não vou poder pagar a minha dívida essa noite. — Dou de ombros e quando vou tentar sair debaixo dele, sou apreendida novamente.

— Meu braço não está tão ruim assim — ele se movimenta devagar, testando a dor que estava o matando, faz uma carinha de cachorro sem dono e volta a me beijar.

~

Duas semanas se passaram desde as doações, e não saímos do hospital desde terça da outra semana. No fundo eu sabia que aquele meu sentimento de angústia e aperto no peito não era uma coisa boa, e ainda mais adicionada com aquela tosse desagradável. O Yago estava no início da semana, com um quadro de pneumonia.

Meu anjo ficou fraco e com um jeitinho apático em cima daquela cama, por mais que o

Noah e a Elis o alegrassem, com as suas loucuras, o sorriso era momentâneo e não tinha nem a metade da felicidade de antes.

E para piorar a minha semana, uma das minhas entrevistas com a psicóloga foi um desastre e eu explodi como uma bomba atômica. Ela mexeu os pontos certos para que isso acontecesse. Da minha infância com a Cruela, da morte do meu pai, da minha adolescência ferrada, do meu sobrepeso e tudo mais o que me atormentava e eu não aguentei. Quando ela começou a me falar que eu era desse jeito, impetuosa, teimosa e todas as outras coisas que eu sou, por causa de tudo isso, eu desmoronei como uma avalanche que leva tudo o que tem no seu caminho.

Desatei a chorar como uma criança, e a vergonha tomou conta de mim, junto com a derrota de não conseguir dar conta de tudo e o medo de que com isso, ela vetasse a minha adoção. Chorei de soluçar na frente da psicóloga e sua cara sem expressão, me senti o maior pedaço de merda que o mundo poderia ter. Derrotada, humilhada e com medo. Os três piores sentimento que eu sempre senti naquela casa.

Tive que ligar para o Noah vir me buscar, porque eu não conseguia dirigir, e voltei a chorar copiosamente no volante do carro com tudo isso. Ele teve que me levar para o apartamento, porque eu não tinha condições para ficar no hospital. Chegamos em casa e eu ainda soluçava, maldita psicóloga e o seu jeitinho de me fazer chorar tudo o que eu não chorava a anos. Tomei um banho, o Noah me deitou e ficou comigo até eles cessarem e eu dormir um pouco e eu me agarrei a ele, contando por cima o que havia acontecido, e agora chorando de raiva por ter feito escândalo. Completamente infantil, eu sei, mas era a única coisa que eu conseguia fazer naquela hora.

Acordei um pouco mais calma, e com o meu telefone tocando, vejo o bilhete ao meu lado do Noah, falando que tinha ido até o hospital, para a Elis ir para o seu consultório. Pulei da cama pensando que era de lá e alguma coisa tivesse acontecido, mas para a minha surpresa era a Raquel me dando boas notícias: eu havia passado pela avaliação psicológica.

Vadia, cadela e tantos outros nomes que eu possa ter xingado aquela psicóloga, saíram da minha boca naquele momento.

Ela só queria isso de mim, a minha admissão que eu sou fruto do que eu passei, e no fundo sofri com tudo isso. Mas porra, precisava me deixar em frangalhos desse jeito com as esperanças perdidas? E mais uma vez... eu comecei a chorar, mas dessa vez de felicidade. Um passo a menos para ter o meu Anjo por definitivo.

Passado todo esse susto, e o meu emocional totalmente abalado, veio essa confirmação da pneumonia do Yago e a sua não liberação para irmos para casa com ele. Os antibióticos que ele estava tomando eram fortes e administrados direto pelo acesso do soro. Estávamos fazendo rodízio pela manhã, entre nós dois, a Raquel e a Elis, e a noite sempre era minha e do Noah.

Hoje eu e a Elis teríamos um evento, o Noah vai ficar com ele sozinho, e eu, depois de muita briga e ele me convencer, dormiria em casa. Claro que eu não gostei nenhum pouquinho dessa decisão, mas no fundo eu estou cansada e preciso de, pelo menos, uma noite de sono na minha cama. Em troca, amanhã ele dorme em casa e eu lá. Não estava sendo fácil, mas íamos fazendo o possível para cuidarmos da melhor maneira que o Yago merecesse.

— Hey vaca! — Elis fala quando eu sento no carona do seu carro — Tudo bem?

— Indo — respondo monossilábica e sem vontade nenhuma de conversar.

— Vai dar tudo certo — ela pega a minha mão, que estava no meu colo e aperta. Sorrio fraco em agradecimento e ela coloca o carro em movimento.

Minha vontade de trabalhar é zero, mas não posso me deixar abalar e fazer um trabalho mal feito. Ainda mais que o evento de hoje é para uma grande corporação da cidade e se tudo correr bem pode gerar novos contratos. E com a adoção cada vez mais perto, percebi que o meu “apertamento” precisa de uma reforma para comportar nós três sem o imprevisto do quarto do Yago, e isso não sai barato.

Chegamos no evento e eu trabalho no automático, e por um milagre, esse não teve nada de imprevisto ou algum problema mais grave que exigisse da minha concentração e habilidade de um pensamento lógico e rápido, senão eu ficaria em apuros.

Ando estressada, mentalmente e fisicamente. A cada dois minutos que paro, minha mente se enche de preocupações sobre o futuro incerto, perguntas que começam com a maldita expressão “e se...?” pipocam a minha cabeça a ponto de quase eu não ter o controle sobre elas e suas respostas. O que me salva para eu não surtar de vez, é o meu trabalho e a música com as crianças, e com isso, por algumas horas consigo manter a minha mente ocupada e paro de pensar em besteiras. Então em foco no trabalho, mas sempre de olho no meu celular, porque se alguma coisa acontecer, eu largo tudo nas mãos da Elis e da Carla e me mando para o hospital. Sei que o meu evento não estaria correndo perigo com elas no comando. Mas além de algumas fotos dos meus amores no hospital brincando, nada de preocupante acontece e eu consigo encerrar mais um evento sem nenhum problema.

Devem fazer mais de dez dias que eu não sei o que é tomar um banho relaxante, colocar a primeira roupa que eu vejo no armário e me deitar na minha cama. Cheguei do evento, alimentei os meus amores, o Gato e o JB, que estavam loucos de saudade e de um pouco de atenção. Brinquei com eles até eles cansarem, fui para o chuveiro e relaxei um pouco de baixo da água corrente quente. Saio do banheiro sem roupas mesmo, como sempre fiz quando morava sozinha, e quando passo pelo espelho, a minha imagem se reflete e eu me assusto com o meu próprio estado.

Olheiras profundas, uma expressão de abatimento e um pouco sem bochechas de bolacha Trakinas que eu sempre tive, com toda essa correria, comer é a última coisa que eu faço e passa na minha cabeça, e por isso devo ter perdido um pouco de peso aparentemente. Desvio o olhar dessa aparição, que eu reflito e vou para o guarda-roupa, por reflexo automático, abro uma das partes que era minha antes do Noah se mudar para cá. Pego a roupa dele mesmo, um short de corrida, uma camiseta simples e visto sem dar bola para colocar mais alguma coisa. A casa está silenciosa, sem o barulho do ar-condicionado ligado, sem a porta do quarto do Yago estar aberta e sem a respiração rítmica do Noah para embaçar meus sonhos. Por um instante me lembro de como eu era antes de ter eles na minha vida e acho que tudo que eu tenho agora não passou de um sonho, e eu não mereço ser feliz nessa vida.

Antes das lágrimas começarem a rolar pelo meu rosto, me agarro em um travesseiro ao meu lado e o cheiro do Noah me invade levanto toda essa angústia do meu corpo embora e deixo os bons pensamentos tomarem lugar e os recito como um mantra contínuo.

O Yago está bem.

Isso tudo vai passar.

Nós vamos ser felizes juntos.

O melhor ainda está por vir....

E depois que repito, na minha mente, essas frases diversas vezes, eu adormeço.

Por Noah

Ando preocupado com muitas coisas à minha volta nesses últimos dias. Depois do Yago ter uma crise forte de pneumonia, a ponto de terem que colocar o oxigênio para auxiliar na sua respiração, há dois dias, e outros fatos acontecendo, me deixaram ainda mais apreensivo.

Foi doloroso demais ver o Yago, em cima daquela cama, com a máscara de oxigênio tapando boa parte do seu rosto, porque ele não estava conseguindo respirar corretamente. E ainda tivemos que orar para que isso resolvesse, senão ele teria que ir para a UTI por algum tempo, mas por fim, os antibióticos fizeram o seu trabalho, e ele não precisou ir.

Passei mais uma noite em claro com ele aqui no hospital, não que ele precisasse dessa minha ajuda nesse tempo, mas com tudo isso, qualquer mexida que ele dava na cama, ou que eu escutasse no corredor, eu dava um pulo de susto no sofá. Estou cansado, estressado e sem vontade nenhuma de ir para casa descansar um pouco, contraditório, mas eu não quero deixar ele sozinho. Só sai do quarto depois que o médico chegou e nos disse que ele estava melhorando, e porque a Raquel quase me chutou porta a fora.

Resolvo ir caminhando até o apartamento, cerca de meia hora. Meus pensamentos estão a mil, e eu preciso gastar essa energia, que a preocupação gera, me tirando o sono, por mais que eu esteja cansado, de um jeito ou de outro. Penso em mandar uma mensagem para a Fofa, para avisar que eu estou chegando, mas desisto, se eu estou desse jeito, ela deve estar pior.

Ela sempre se faz de forte, mas depois que eu a vi desmoronando após a consulta com a psicóloga, percebi que por detrás dessa máscara dela, ela é mais frágil do que eu imaginava, mas nem por isso, deixa esse seu lado vir à tona. No fundo, eu sei que ela está mais perdida que eu com tudo isso, e a única coisa que não deixa esse seu lado aflorar mais, é o seu trabalho e o tempo com as crianças.

E ela está certa. Esse tempo que ela tem para descansar do estresse psicológico do hospital, nos momentos em que o Yago está bem, é a melhor anestesia para a dor que estamos sentindo. Com a minha mãe, eu ficava 24 horas por dia ao seu lado, mesmo quando ela me mandava embora para casa, ou fazer alguma outra coisa nesse meio tempo, e isso me deixava muito irritado e estressado com tudo. Agora, nós ajustamos os nossos horários, para um sempre estar do lado do Yago, mas com esses momentos de relaxamento fazendo as nossas coisas comuns para não deixar ele também aflito com a nossa superproteção intensa. Continuo a dar aulas para as crianças do orfanato, mas agora, são de inglês básico, sem nenhuma música para acompanhar, e até voltei para a academia e ao meu personal-trainer e extravasar as minhas preocupações com exercícios físicos.

Essas duas coisas, me acalmam e fazem a minha cabeça ficar mais aberta, sem tantas preocupações e dúvidas me corroendo. Não é fácil, ver quem amamos sofrendo desse jeito para uma doença que não tem cura rápida, mas vamos levando tudo com calma, fé e esperança de que tudo vai passar e novos tempos virão.

Passo na padaria perto do apartamento e compro algumas coisas, pelo que vi ontem, quando fui lá tomar um banho rápido, a geladeira e os armários estão vazios, o que não falta é a ração do Gato e do JB. E eu tenho certeza que a Fofa não se lembrou de comer quando chegou em casa ontem a noite e nem comprou nada para hoje de manhã.

Abro a porta do apartamento e sou recebido por um JB saltitante de felicidade por me ver e um Gato passeando no meio das minhas pernas. Dou um pouco de atenção a eles e depois, se voltam para a porta esperando que ela se abra e o Yago aparecesse para brincar com eles.

— Ainda não gente — falo para eles que parecem estar tristes com isso —, mas em breve ele volta.

Deixo as comprar em cima da mesa da cozinha, vejo a bolsa da Su atirada aqui em cima e sorrio vendo que ela deve ter descansado a noite toda. Vou para o banheiro, tirando as roupas no meio do caminho mesmo, depois eu as junto, e tomo um banho rápido, procuro uma toalha limpa e não encontro, então vou pelado mesmo para o quarto.

Abro a porta e vejo a minha Fofa deitada, em quase uma posição fetal, enrolada na cama. Com o meu short de corrida, uma camiseta minha e abraçada no meu travesseiro. Meu coração tem um aperto com essa cena, dela dormindo aqui sozinha no apartamento e com todos os medos expostos, como se fosse uma ferida aberta, sem tempo definido para cicatrização.

Coloco uma cueca e volto para a cozinha, juntando as minhas roupas e calçados pelo corredor, senão, depois vou ser xingado por isso. Procuro uma bandeja para levar café na cama para ela, mas chego à conclusão que ela não tem uma dessas, então pego uma forma de pizza mesmo e coloco tudo ali em cima e volto para o quarto. Deixo a bandeja improvisada em cima da mesa de cabeceira, e me sento ao seu lado.

— Bom dia amor... — falo baixinho para ela, que nem se move.

Faço um carinho no redemoinho que se encontra os seus cabelos e no seu rosto a fazendo se mexer um pouco, ela muda de posição na cama e vira aquela linda bunda para a minha direção.

— Acorda Fofa — corro os meus dedos da sua coxa até a sua cintura, vejo um arrepio se formar no seu corpo e me abaixo para falar no seu ouvido. — Acorda Amor.

— Não quero — geme baixinho e tenta fugir de mim, mas eu a prendo e me deito ao seu lado.

— Acorda, eu trouxe café da manhã — ela me empurra e pega o meu travesseiro e coloca por cima da cabeça.

— Sai Noah — me empurra, sem nem me ver, e eu aceito o desafio.

Pulo em cima dela com tudo, passo as minhas pernas pelas laterais do seu corpo e ela começa a se debater. E aí o meu ataque de cócegas começa intensamente, e ela vira uma leoa, pronta para me atacar e me matar.

— Pronto — grita depois de um tempo, entre tapas, travesseiradas, cócegas e xingamentos. — Acordei! Sai de cima de mim — me empurra e eu caio rindo em cima da cama ao seu lado.

— Bom dia meu amor — a puxo para o meu lado e beijo o topo da sua cabeça.

— Bom dia — ela me olha com aqueles olhos castanhos sonolentos e sorri. — Como está o Yago?

— Bem melhor que ontem — respondo e o seu sorriso se amplia —, falei com o médico hoje e se tudo der certo, terça depois da químio viemos para casa. — Ela solta o ar, como que com isso, uma tonelada de preocupação saísse de cima dos seus ombros.

— Que assim seja! — Volta a se deitar em cima de mim. Olho para as suas roupas e abro um sorriso.

— Tudo isso era saudade de mim? — pego a camiseta e mostro para ela.

— Idiota — sorrio. — Abri a primeira porta do guarda-roupa que achei e peguei isso.

— Claro, sei... — falo irônico e a aperto mais ainda nos meus braços, até que escuto a sua barriga roncar. E eu começo a rir. — Tem um monstro aí?

— Deve ser dos grandes — ri e eu me lembro da forma de pizza ao nosso lado, com o nosso café da manhã.

Me desvencilho dela, e pego, com todo o cuidado do mundo, a forma de pizza, para não derrubar café quente em cima de nós e nem as coisas que tem aqui em cima.

— Noah, comprou a padaria inteira de novo? — me pergunta sério. Nem exagerei dessa vez... Certo, talvez comprar dez pães de queijo, uma cuca grande de goiaba, que não chega nem aos pés das da Dona Eulália, e mais uns pães doces, ou seja, um pouco de exagero. Mas com a fome que eu estou, e acredito que ela também, não vai sobrar muitas coisas, e o que sobrar levo para o Yago no hospital, já que o seu apetite está voltando aos poucos.

— Só metade — falo e alcanço uma xícara de café para ela, que toma, pronta para fazer uma careta. Vejo ela tomar e o seu rosto ficar espantado.

— Noah... — ela toma mais um pouco do café. — Está perfeito! Como tu conseguiu isso?

— Foi difícil, ainda mais abrir a porta do apartamento com as canecas de isopor na mão — rio alto.

— Idiota! Pensei que tivesse feito ele.

Tomamos café e conversamos por um bom tempo. Ficamos na cama por toda a manhã, já que a Raquel nos proibiu de entrar naquele hospital, antes da próxima troca de plantão às 19 horas. Ligamos e conversamos com o Yago, perto do meio-dia, ele estava bem mais alegre que ontem e disse que era para eu levar pilhas novas para o GameBoy e um “pedaço”, palavras dele, de cuca para comer depois da janta.

Aproveitamos o nosso dia para ficar assim. Nós dois, no nosso mundinho particular, falando nossos medos e receios com tudo a nossa volta. A Fofa me falou de como ficou se sentindo depois da consulta com a psicóloga e como ela desencadeou aquela crise de choro

intensa. Por fim, só confirmei o que eu já sabia, no fundo ela não passa de uma gatinha assustada com tudo isso, e agora mesmo que ela precisa de mim, como eu preciso dela, para podermos vencer todos os obstáculos que a vida nos impor, juntos.

Capítulo 49

Lar doce lar!

Não há nada melhor do que chegar ao apartamento e sentir o cheiro familiar assim que abrir a porta e dar o primeiro passo para dentro de casa.

Depois de mais de vinte dias internado, o Yago voltou para casa. A pneumonia foi grave, a ponto de ele ter que usar oxigênio para auxiliar na sua respiração, e com o medo dele ir para a UTI, nos rondando por um tempo. As sessões de quimioterapia estão fritando o sistema imunológico do nosso Anjo, pouco a pouco, e agora todo o cuidado com higiene é redobrado.

Levamos o Gato e o JB para o pet shop para passarem por um check-up geral, depois que o médico disse que não havia problemas eles ficarem aqui, desde que estivessem com as vacinas todas em dias, e a saúde deles ok. Fomos até incentivados de tê-los em casa acompanhando o Yago, já que estudos mostram que a relação de amizade que se tem entre a criança enferma e seus animais de estimações, sempre resultam em bons resultados. E fora que, eu não ia conseguir deixar nenhum dos dois longe de mim por tanto tempo, mesmo sabendo que eles iriam ficar na casa da Elis, e eu iria visitá-los todo o santo dia. Com tudo isso acontecendo, eles não tem culpa e não são descartáveis, como vemos todos os dias, as pessoas jogando seus bichinhos de estimação na rua por problemas bem menores. Mas enfim, eles estão limpos, vacinados e saudáveis, e nesse momento, matando a saudade do Yago no sofá.

Foi cansativo e estressante esse tempo todo no hospital, tanto para nós como para o Yago. Foi de cortar o coração todas as vezes que ele falava que queria ir para casa e não aguentava mais ficar sem fazer nada lá, e nós não podíamos fazer nada para acelerar esse processo, só sentar, rezar e esperar os antibióticos funcionarem, para que isso terminasse logo.

Eu trabalhei todo esse tempo, com a metade da capacidade que eu tenho, e agradei imensamente pelos meus funcionários serem os melhores do mundo e, muitas vezes resolverem os problemas perfeitamente, sem eu estar por perto comandando. Se não fosse pela capacidade deles, e a liderança da Carla com os assuntos administrativos, eu não teria conseguido dar conta de tudo. Por mais jovem que ela seja, aprendeu os meus passos, e hoje delega e administra as funções entre os funcionários, muitas vezes melhor que eu.

Aproveito que os quatro estão se curtindo lá na sala e abro toda a casa, o médico disse que manter o ambiente arejado é sempre bom, além de que o Yago está branco como papel, e pegar um pouco de sol do final da tarde, irá fazer bem a ele. Pego a mochila com as nossas roupas, aproveitando tiro as que estou usando, e coloco dentro da máquina de lavar, para no mínimo dois ciclos completos. Não vou ficar paranoica com limpeza ao extremo, mas vale lembrar que estávamos em um hospital, e por mais limpo que ele seja, sempre vai ser um ambiente contaminado, então não me custa lavar bem as roupas hoje e gastar um pouco a mais de sabão em pó, mas não tanto a ponto de inundar a minha casa, isso ainda é feito do Noah, e eu não pretendo tirar o seu reinado nesse quesito.

Vou para o banho, por mais que eu tivesse vindo em casa, todos os dias, para passar em baixo do chuveiro, hoje me permito ficar um bom tempo debaixo dele. A última vez que eu fiz

isso, foi há uma semana, quando eu dormi em casa depois de um evento e fui acordada pelo Noah. Naquele momento começava a recuperação do Yago e estávamos mais alegres e relaxados que nunca. Foi ótimo aquele dia, tanto aqui em casa, como no hospital, a Raquel assumiu o nosso posto por um turno inteiro, e nós dois aproveitamos para conversar e dormir um pouco, aproveitando que era em uma cama, e não em um sofá apertado e sem conforto nenhum. Em poucas horas, nos centramos, acertamos os nossos ponteiros para encarar mais uma semana no hospital. Precisávamos desse tempo só nosso, nem que seja para dormirmos agarrados um no outro.

Visto um vestido simples e pés descalços, dane-se a cólica depois, e vou para a sala, onde o Yago está sentado no sofá com o Gato em cima da guarda observando a brincadeira dele com o JB.

— Olha tia Su — meu Anjo fala quando percebe a minha presença na porta da sala, depois de muito observar essa cena. — O JB me lambeu todo e fez xixi em mim.

— E o Gato me arranhou... — Noah levanta o braço e me mostra o arranhão de uns 5 centímetros.

— Eles estavam com saudade — me sento do lado do Yago e um Gato, se espreguiçando todo deita no meu colo, olha para mim, e me passa o recado “hora de me amar incondicionalmente e esquecer desses dois, o menor eu encarreguei o cachorro de distraí-lo e o maior eu já mostrei minha fúria”.

E eu me rendo aos encantos do Gato e começo a fazer carinho naquela bola de pelo branca e gorda. Ficamos brincando os três, até a Elis chegar. Eles foram para o chuveiro e nós ficamos sentadas na sala. Eu conheço essa vaca a tempo demais, e sei que ela está me escondendo alguma coisa.

— Desembucha — falo, depois de ela me falar o mesmo assunto, durante uns cinco minutos, e detalhe, só ela falou.

— O quê? — ela faz uma cara de sonsa para mim.

— O teu problema.

— Que problema? — a cara de sonsa dela continua, reviro os olhos, pego uma almofada e jogo na cara dela.

— Desembucha de uma vez Elis — ela pega a almofada, coloca no colo e solta uma respiração.

— Briguei com a síndica do meu prédio e acho que vou ter que me mudar.

— Tua síndica não tem noventa e tantos anos? — pergunto.

Conheço o prédio da Elis, tão bem como o meu próprio. É em uma zona mais afastada da cidade, porém super seguro e familiar, mas só tem um porém: todos os moradores do seu condomínio, devem ter no mínimo uns setenta anos.

— Ela tem oitenta — reviro os olhos de novo, até o Gato deve ter feito isso também, e peço para a Elis continuar o assunto. — Mas enfim, o portão eletrônico faz um barulho horrível

e ela não quer que nenhum dos moradores o abra depois das onze da noite.

— Como?

— Isso mesmo vaca. Olha a doideira da velha.... O portão ta fazendo uns barulhos quando é acionado, e o apartamento dela é o mais próximo dele, então ela decidiu isso.

— E agora? — a síndica dela nunca foi um anjo de pessoa, ela até já proibiu a Elis de pendurar as calcinhas no varal, alegando que aquilo não era decente, e olha que a Elis nem é adepta ao estilo fio-dental, e de certa forma elas são até normais. E dessa vez, pelo visto, ela se superou. — Não é mais fácil arrumarem o portão — Elis dá uma risada.

— Amiga, ela não arruma nem o apartamento dela, o mínimo que ela faz por aquele prédio é pintar uma vez por ano e só porque somos nós que pagamos. Ela fez um orçamento e achou caro demais, e como só eu e mais dois moradores que usamos, resolveu fazer isso.

— Nem nos dias que tu vai trabalhar? — Praticamente sempre chegamos tarde dos eventos.

— Pois eu falei isso para ela, e sabe qual foi a minha resposta? — olho para ela e digo que não, óbvio. — Que mulher decente não chega em casa nesse horário, ainda mais de trabalho — começo a rir. — Para de rir que ele me chamou de vadia — agora eu começo a rir mais alto ainda.

— Ou seja, além de tudo, vou ter que te dar carona sempre?

— Por um tempo sim, falei com uma corretora, e coloquei ele a venda. Não aguento mais aquela velha me vigiando sempre. Tem que ver quando eu levo alguém para lá então, só falta ela vir bater na minha porta e perguntar o que estamos fazendo.

Conversamos até a hora do jantar, o Noah se meteu no assunto e eles ficaram trocando ideias do mercado imobiliário local. Nem eu sabia que o Noah entendia tanto assim disso, mas por fim, fiquei só observando a conversa dos dois, entre falas, ameaças e xingamentos, eles até que se são bem.

O Yago estava ótimo, sem febre, sem tosse, só cansado. Jogou um pouco de videogame com o Noah, depois que comemos as pizzas e foi dormir. Ficamos nós três sentados na sala por um tempo conversando, e perto das onze, a Elis foi embora para conseguir chegar a tempo de conseguir abrir o seu portão.

Dou uma passada no quarto para ver o meu Anjo e caminho para o quarto, onde o Noah já está atirado na cama, daquele jeito, bem esparramado, só de cueca e com o ar-condicionado ligado ao máximo.

— Qualquer dia seremos nós com pneumonia desse jeito — falo assim que me deito na cama e empurro o Noah para o lado dele. Espaçoso.

— Frio Fofa? — me pergunta com o rosto enterrado no travesseiro e com os olhos fechados.

— Ainda não, mas já me precavi trazendo o meu cobertor e vou ficar só com os olhos de fora — desligo o meu abajur de cabeceira e me enrolo como um bebe que acabou de nascer.

Noah coloca a mão por baixo das minhas cobertas e encontra uma das minhas coxas e

começa a subir.

— Noah... — o advirto e ele solta uma risada baixa no seu travesseiro.

— Tu sabe o que faz em mim quando está de vestido — como?

— Eu estou de pijama... Não de vestido. Tira a mão daí! — Começo a rir quando as carícias se transformaram em cócegas.

— Mas estava hoje mais cedo — ele cantarola e quando eu menos espero ele monta em cima de mim.

Mesmo com as luzes apagadas, a pouca iluminação que a janela me oferece, consigo ver que o corpo dele está na melhor forma possível. Agora que ele voltou para a academia, para colocar as próprias tensões para fora, está ficando com os músculos mais definidos, já que ele deu uma relaxada legal com tudo isso depois que ficou desempregado.

Ele me desenrola do cobertor e o joga no chão. E eu fico debaixo dele, com uma simples camisola de algodão que mal cobre a minha bunda, e a barra pelo topo das coxas. Suas mãos começam a percorrerem a lateral do meu corpo e com isso ele se deita em cima de mim, nos deixando bem encaixados, na melhor posição possível.

— E agora essa camisola — ele me beija, e quando começa a percorrer o meu pescoço em direção ao meu ouvido, continua a falar — foi a minha perdição, meu amor.

Aproveito a nossa posição e percorro as suas costas e confirmo a minha teoria passada: realmente seus músculos estão mais definidos, e caramba, isso tudo é meu.

— Já estava com saudade — ele fala baixo quando eu solto um gemido, nada bonito, por tudo o que ele está fazendo comigo.

— Acho que voltei a ser virgem — brinco, digamos que não tínhamos como nos resolver “nesse departamento” enquanto estávamos no hospital. Naquele dia que ficamos juntos, nossa vontade era de ficarmos juntos, sem fazer nada, só aproveitar o momento de paz que tivemos.

— Vamos mudar isso então, meu amor — e depois disso, eu me entrego de corpo e alma.

~

Mais um mês se passou e o Yago está bem!

Vivendo uma “falsa felicidade”, por assim dizer. Estamos bem, até notarmos algum sinal de perigo à frente, seja ela febre, início de sangramento nasal ou até mesmo um espirro ou tosse boba de criança. Mas tirando isso, ele está em casa e sem perigo iminente de ir para o hospital por mais uma semana, e isso é motivo de muita comemoração.

O fato de estar em casa com ele, é tranquilizador e muito mais prático para conseguirmos cuidá-lo com mais atenção do que no hospital. Lá o clima é pesado, intenso e uma sombra de medo do futuro sempre rondando os corredores, e nada confortável para todos nós. Em casa é mais simples, prático e bem menos estressante, podemos atender ele e ao mesmo tempo relaxar quando precisamos. O nosso estresse diminuiu drasticamente, o que é um alívio,

porque eu tive que tomar muitas decisões com o meu trabalho, e se as fizesse a baixo do mal tempo, com certeza, não iam ser as melhores e o perigo de sair alguma coisa errada, poderia ser grande.

Agora é oficial, o aumento significativo dos meus eventos é notável. Tanto, que hoje, eu tenho um evento com a segunda equipe que eu fiquei treinando por quinze dias, e equipe principal, deixei nas mãos da Carla e da Elis. Confio totalmente nelas para levarem o meu nome a diante, e sei que estou deixando o meu “filho mais velho”, para cuidar de “um mais novo” em ótimas mãos.

— Tia Su? — Yago fala em cima de mim, estamos deitados no sofá, assistindo um filme de infantil, naqueles canais de desenho.

— Fala Anjo — estou quase dormindo, e pelo visto o Noah já está no décimo quinto sono, no sofá ao lado.

— Quando eu ficar curado, eu vou voltar para o orfanato? — sua voz sai como quase um sussurro, para ninguém, além de nós dois escutarmos.

Às vezes, ele sai com umas perguntas desse gênero, quando estava no hospital, teve uma vez que ele perguntou se ele morresse, ia encontrar os seus pais lá no céu. A curiosidade de uma criança de sete anos é imensa, e como vamos explicar essas coisas para ele, sendo que nem nós mesmos não entendemos? Essa pergunta, nesse dia, foi punk para tentarmos explicar a ele, mas no fim, tivemos que jurar para ele que ele não iria morrer, mesmo que para nós, os médicos ainda não dão certeza de nada. E se eu quebrar essa promessa, sei que nunca mais vou me recuperar.

Mas essa questão em si, a resposta está cada vez mais perto de ser concretizada. Depois da minha avaliação psicológica, após quase abalar o meu psicológico, ser aprovada, começaram os processos burocráticos. Leva documentos, traz documentos... E como tudo no Brasil nunca nos dizem uma data exata de quando estará pronto, pode sair amanhã, como sem data definida. Mas como a Raquel disse, 80% da adoção está feita, agora só falta isso. Porém, não contamos nada para o Yago ainda, pelo simples fato de que ele pode ficar ansioso demais e isso acarretar em algum estresse para ele e afetar, de algum jeito, o seu tratamento. Mesmo eu me correndo por dentro, respiro fundo e falo, deixando o mais vago possível.

— Não sei meu Anjo — falo calmamente, por mais que eu queria gritar loucamente que ele não vai voltar para o orfanato nunca mais, ele vai ficar comigo e com o Noah.

Ele não responde, e volta a olhar o seu filme, se aconchega mais perto de mim e solta um suspiro. Não vejo a hora de tudo isso se resolver, quero gritar para o mundo que o Yago é meu filho, contar a novidade para ele e nós três sermos felizes para sempre, como nos contos de fada.

Por falar em felicidade, amanhã, e o Noah fazemos 9 meses de namoro. Em torno de 270 dias, e ainda não nos matamos, já podemos entrar nos livros dos recordes com isso? Se eu fosse enumerar as nossas mudanças, daquele primeiro encontro, comigo mexendo no seu celular, até hoje, com ele dormindo no meu sofá, com uma das pernas em cima da guarda, completamente à vontade, usando somente um short, duvido muito que com cueca, porque ele usa um ou outro em casa ultimamente, irei ficar até amanhã listando elas, e daqui a pouco eu tenho que sair.

Em contrapartida, amanhã, o fatídico dia, vamos sair para comemorar, tanto essa data, como o fato do Yago estar bem, e porque precisamos de um tempo como um casal normal de namorados. Dá para contar nos dedos as ocasiões normais que fizemos isso nesse tempo todo. Se uma coisa que o nosso relacionamento não é, é clichê, ainda mais daquele tipo meloso adolescente que não fazem um sem o outro. No fundo, somos mais que isso, trazemos segurança, companheirismo e respeito um pelo outro, por mais que brigamos, sabemos quais são os nossos limites e não os ultrapassamos.

Entre trancos e barrancos vamos indo em frente. Nos damos bem em quase tudo o que se pode pensar, ainda brigamos quando ele tem um ataque de consumismo e quer comprar tudo o que ele vê na sua frente. Semana passa mesmo, não contente em levar um Xbox de última geração, comprou também um PS4. Agora, a maior dúvida deles é em qual console jogar, ou quando um quer um, e o outro quer o outro e eles começam a brigar e eu tenho que apartar e deixar os dois sem nenhum por um tempo. E adivinha quem fica mais bravo com isso? O Yago por ele, fica no quarto na guitarra e no piano, quando está entediado, ou quando o Noah tem essas birras infantis. Ele parece que não teve infância, e quer encrencar com uma criança de sete anos, que não quer brincar com ele, do jeito que ele quer. Ainda bem que o Yago é uma criança super de boa com isso, a vivência com tantas crianças juntas no orfanato, lhe deu a paciência de lidar com todo o tipo de personalidade infantil possível, mas nada se compara a um adulto sendo pior que todas as crianças. No fundo eu sei que ele quer brincar com o Yago, o tempo todo, mas tem horas que ele não quer, está cansado ou até mesmo abatido, e o Noah não quer vê-lo assim, e lá vai a tia Su amenizar os ânimos dos meus dois ursos, e depois de cinco minutos eles estão brincando, de uma coisa bem diferente do que no início.

Tateio na guarda no sofá até encontrar o celular do Noah e tiro uma foto da posição, bem confortável em que ele se encontra, e ainda mais que agora o Gato está deitado em cima da sua barriga. E deixo de proteção de tela, já que não tenho coragem de tirar a nossa do plano de fundo. Tiramos na câmera dele, em um dia de tédio no hospital, os dois beijando a minha bochecha, um de cada lado e eu atirando beijo para a lente.

O filme acaba e o Yago abre um bocejo de sono, e a minha hora de começar a trabalhar se aproxima. Mesmo sendo um evento simples, ainda fico com dor no coração de deixá-lo aqui por algumas horas, por mais que o Noah seja responsável o bastante para ficar com tudo sob controle, eles ainda aprontam seguidamente quando eu não estou. Da última vez, eles resolveram fazer uma guerra de almofadas e alguém ficou com um roxo nas costelas, e dormiu ao meu lado gemendo, como se isso estivesse o matando, nem preciso comentar quem foi.

Deixo os meus amores dormindo no sofá, e começo a me arrumar, borá lá Su, que pelos planos, a reforma da casa tem que começar assim que a liberação da adoção do Yago sair, e pelo visto não vai ser barato. Vai ser uma baita reforma, temos que acomodar o Yago e os meus instrumentos em um espaço pequeno, o Noah deu a ideia de diminuirmos o quarto e a sala, e a cozinha, que está no meio, ir um pouco para frente, ou seja, uma reforma total, e isso significa bagunça e muito dinheiro.

Também cogitamos a ideia de vender o apartamento e irmos para um local maior, mas não tão grande, como o que ele tem e o meu tio está morando, isso já seria um exagero e tanto. Um apartamento simples, e os que andamos dando uma pesquisada na internet, nenhum nos agradou, ou seja pelo espaço, no caso do Noah, ou o preço, o meu caso. Vimos alguns por uma

mini fortuna de dinheiro, e pouco maiores que o meu, uma coisa praticamente inviável no momento. Falando nisso, a Elis conseguiu se mudar, e está morando a poucas quadras daqui, para ela, com dois quartos está mais que perfeito. Agora temos a Vaca a nossa disposição a qualquer hora do dia que precisarmos e ela pode abrir o portão do prédio em qualquer momento, pendurar as suas calcinhas sem represálias e a média de idade dos habitantes não é 65 anos!

Termino de me arrumar, e volto para a sala e os quatro continuam a dormir, que vida mansa, o JB e o Gato fazem uma competição sonora para ver quem ronca mais alto, e o Noah e o Yago dormem atirados no sofá, pelo menos o Noah já ficou em uma posição mais normal e agora está de bunda para cima agarrado em uma almofada e o Yago, na mesma posição, mas no outro sofá pequeno. Acho que se fossem pai e filho legítimos, não iam ser tão parecidos assim. Caminho até o Noah e me agacho perto dele.

— Tô saindo... — mexo nos seus cabelos até ele fazer uma careta. — Acorda dorminhoco — Geme e abre aqueles olhos azuis que eu tanto amo. Quero que a nossa filha, ou filho, tenha esses olhos.

Ai meu Deus! Levanto rápido e fico olhando, assustada para o Noah se espreguiçando todo na minha frente. Impressão minha ou eu acabei de pensar em ter um filho com o Noah? Da onde eu tive essa ideia louca?

— Tudo bem amor? — ele me pergunta com uma cara estranha, mas aposto que a minha deve estar bem pior.

— Si... Sim — falo a segunda vez mais firme. — Só para avisar que eu estou saindo e... — ele sorri e imagens de um bebe dos olhos azuis vem a minha mente, Jesus, eu estou ficando completamente maluca. — Eu já vou indo.

Pego a minha bolsa e quase corro em direção à porta, mas não antes dele me pegar por um cotovelo e me prensar na parede. Assim que as minhas costas colidem eu solto o ar dos meus pulmões, a boca do Noah gruda na minha, me deixando completamente sem fôlego.

— Porque essa cara de assustada amor? — me pergunta baixinho, completamente me esmagando.

— Nada não — só o fato que nesse momento, eu estou me imaginando com uma criança se desenvolvendo dentro de mim. Fora isso? Nada, mesmo.

— Mentirosa — volta a me beijar. — Não vejo a hora de sairmos amanhã — vejo aí uma brecha para escapar de dizer o que está me atormentando nesse momento, a imagem de um varal cheio de roupinhas.

— E o que estamos planejando mesmo? — provoco passando as minhas mãos nos seus cabelos, que pelo sono, está uma bagunça só.

— Não sei — morde o meu pescoço de leve. — Talvez um barzinho para eu me exibir com a mais linda do pedaço?

— Eu com o mais clichê de todos? — rio e puxo os seus cabelos, até ele olhar para mim... Oh droga, esqueci dos olhos azuis e o bebê com ele. O puxo para um beijo para essa imagem não vir de novo para mim. Tarde demais, mamadeiras, fraldas, choros...

— É um plano amor, é um plano — ele me solta e quando eu viro para sair, recebo um

tapa na bunda bem forte. — Bom trabalho.

— Doe — reclamo.

— Isso é para não te esquecer de mim hoje — se eu me sentar, já vai ser lucro.

— Idiota... — ele sorri, e o Yago se mexe no sofá, olho para ele e o meu coração se quebra um pouco por deixá-lo ali, volto a olhar para o Noah. — Qualquer coisa me liga?

— Ligo — dou mais um beijo nele, e saio para trabalhar.

Fecho a porta do apartamento e começo a entrar em um pequeno estado de surto. Filho?! Tu está doida mulher? Dá onde saiu essa ideia? Faço o caminho até a garagem e quando entro no fusca, começo a rir do nada.

— Meu Deus, eu quero ter um filho — falo para o meu volante, e espero que ele me responda.

O riso se transforma em lágrimas e eu as afasto rindo mais alto ainda. Enlouqueci de vez. O Noah já havia me falado de filhos, ou como ele mesmo disse, uma fofinha, ou fofinho, mas eu nunca levei esse assunto adiante e só pensei na reação dele e de quem nos rodeia. Não fiquei com a imagem de mim grávida na cabeça e em nenhum momento de um bebê que acabou de nascer nos meus braços.

Eu seria uma boa mãe? Na real, eu não sei nem se vou ser para o Yago, que já veio com o trabalho de criação quase concluído, quem dirá para uma vida inocente que vão colocar nos meus braços. Oh Su, te acalma que tu está colocando a poeira, antes dos bois e bem antes da carroça! Respiro fundo, umas três vezes, e coloco o fusca em movimento... Será que cabe uma cadeirinha de bebe aqui? AI SUZILYANE TE AQUEITA COM ISSO MULHER!

Certo, vamos por partes. Primeiro, o Yago tem que estar mil por cento curado, não vou dar uma de louca e engravidar antes disso, mal consigo dar conta de tudo o que eu faço agora, quem dirá com uma gravidez correndo junto. Segundo, temos que resolver a situação do apartamento, se com 3 já está sendo um problema acomodar, com quatro, vai ser pior. Ah droga! Vou ter que concordar com o Noah, ao invés de um apartamento com 3 quartos, vamos ter que ver um com quatro, ou cinco, eu tinha achado um exagero, mas agora sei por que ele estava insistindo nisso, idiota. Ele já faz os planos sem nem me comunicar! Terceiro, eu não sei nada sobre bebês. Capaz dele começar a chorar e eu junto porque não vou saber como fazê-lo parar.

— Eu vou me dar uns tapas — falo para o meu volante de novo. Balanço a cabeça para limpar as imagens de um bebê junto com nós três e foco na decoração da festa de hoje. Agora não é a hora de pensar em maternidade.

~

— Das duas uma — Noah fala no meu ouvido. — Ou vamos fazer aqui mesmo, ou vamos para casa nesse instante.

— Noah não — consigo ficar com o juízo no lugar, mesmo com ele me amassando no meio da pista de dança.

— Escolhe amor... — me solta e me ameaça com aqueles olhos intensos e eu, no fundo,

sei que não tenho escolha.

Deixamos o Yago no apartamento novo da Elis, há umas quatro horas atrás, e viemos para um bar perto de casa. Comida boa, e música ao vivo. Não poderia estar melhor, se não fosse por um fato: eu vim de saia. Estava eu, semana passada no shopping com a Elis, e resolvi ir em uma loja de roupas, para comprar umas para o Yago, já que as que ele tem são um pouco velhas, e algumas sobram no seu corpo magro, e o que tinha lá, uma saia apertada que caiu como uma luva em mim, batendo um pouco acima do joelho. A Elis fez um escândalo quando eu sai do provador, no qual eu fui forçada a entrar com ela, e me fez comprar a maldita saia, mesmo eu achando que a minha bunda ficou muito marcada nela. E ela ainda me fez usar ela hoje.

O Noah foi a loucura, não sabia se me mandava tirá-la, ou se eu continuava, de birra não tirei e vim com ela assim mesmo. No início da noite, foi tranquilo, mas na hora que eu fui ao banheiro, um cara, bêbado, me abordou no meio do caminho e eu tive que intervir para que não acontecesse um assassinato a sangue frio e com muitas testemunhas. Resultado, ele não desgruda de mim, e eu vou estar mentindo se disser que não estou gostando dessa atenção toda.

A banda subiu no palco, e começaram a tocar o clássico do rock, e eu estava no céu em todos os sentidos, o Noah ciumento e em minha volta como um cão de guarda, e com isso afastando todas as mulheres que olham para ele. Mas então, a banda começou a tocar uma música do AC/DC, com uma batida mais sensual e altamente estimulante, The Jack. E quando tocada corretamente, aquece qualquer ambiente. Ainda mais se tiver um Noah atrás de mim, cantando a música e me embalando ao som dela.

Agora, ele me deu duas opções, ou vamos para um canto nos agarrar como dois adolescentes no cio, ou vamos para casa, mas eu devo tocar essa música na guitarra para ele só de calcinha e sutiã. Por sorte, eu desisti de um par velho e coloquei um novo que eu nunca tinha usado, preto e de renda.

— Vamos para casa — pego a mão dele arrastando até a saída.

A cada dois passos, o Noah me prensa em alguma parede para me beijar. O fato de que ele bebeu um pouco durante a noite, ajuda a impulsionar tudo isso, mas a minha embriagues vem do perfume dele, que me deixa pronta para tudo em um piscar de olhos, ou um beijo mais demorado no pescoço.

Demos outro show do elevador do prédio, e agora é oficial, nunca mais vou poder passar por essa portaria de cabeça erguida, por que dessa vez eu soltei a franga legal, quando ele me apoio na parede e eu enrolei as minhas pernas na sua cintura. Ele que bebe e eu que faço o papel de bêbada.

Plugo a minha guitarra e a ajusto, vejo o Noah se sentar, bem esticado na cama do Yago e cruzar as pernas, ainda com uma garrafa de Whisky que ele comprou lá no bar, e nem com 5% tomada ainda, sempre vejo ele tomar vinho, mas como não tinha, ele não quis comprar uma dose só, e sim a garrafa e trazer para casa. Exagerado como sempre.

— Tá esquecendo de uma parte — ele fala e toma um gole direto da garrafa.

— Que parte? — Vejo a careta dele com o gosto amargo da bebida. Bem feito!

— Tu... — a voz dele fala e ele limpa a garganta com uma careta pior ainda que a inicial

—, ainda está de roupa.

— E tu não aguenta tomar mais isso, larga a garrafa e vem aqui me ajudar com isso então — não disse que ele que bebe e eu que fico bêbada?

Vejo o Noah largando a garrafa no chão e levantando da cama. Oh merda, eu provoquei. Agora que aguento as consequências. Em menos de cinco passos, ele chega em mim, me olhando como se fosse me comer, e eu engulo em seco. Noah pega a minha guitarra e coloca em cima da cama, sem nunca tirar os olhos de mim, e quando a sua boca cai na minha, eu sinto o gosto amargo da bebida misturada com o dele, e por incrível que pareça é uma mistura e tanto. Ele me puxa, e eu colido no seu corpo, merda será que algum dia vou fazer isso e achar ele menos gostoso que no dia anterior?

Suas mãos acham o zíper da minha saia, e quando eu menos espero, ele a empurra para o chão. O caminho para a minha blusa é mais lento, e por isso eu entro no jogo e começo a abrir os botões da sua.

— Não — ele se afasta rapidamente e ri. — Eu ainda fico de roupa, o trato é que tu fica sem — e com isso ele puxa a minha blusa para cima e atira em algum lugar no quarto.

Ele me entrega a guitarra e dá dois passos para trás, sem desgrudar os olhos de mim.

— Linda!

Abro um sorriso, nesses nove meses, se uma coisa eu aprendi, foi que para o Noah eu posso ser a mulher mais bonita de todo o mundo, ele não se importa com os meus bons quilos a mais ou as imperfeições do meu corpo. Mesmo para quem viveu até pouco tempo atrás para a estética e corpos perfeitos, ele encontrou em mim, uma beleza que nem eu mesma sabia que portava.

E então eu toco a música, com todos os acordes e distorções que ela pode ter. Ele me observa e canta com o inglês perfeito e quando chega na parte “From the tattoo on her left leg” olhou descaradamente para as minhas pernas, e ainda me provoca com a mão na boca, percorrendo aquela maldita barba que me faz ver estrelas quando percorre o meu corpo. Terminado de tocar a música, ele se levanta e caminha em minha direção, se aproxima de mim, e com os olhos ardentes, pega o meu queixo e o levanta trazendo em direção ao dele, e antes de me beijar ele fala.

— Eu te amo Fofa.

— Eu também te amo Noah — sua boca cai na minha e eu o puxo para o nosso quarto, não quero tirar a inocência da cama do Yago.

Capítulo 50

O coração é um músculo que bombeia cerca de 400 litros de sangue por hora em um ser humano, irrigando todo o nosso corpo. Sempre achei estranho o fato de que ele é representado como o portador dos nossos sentimentos, não seria mais prudente escolher o sangue? Já que é ele que percorre o nosso corpo inteiro e seria mais fácil de dizer que os sentimentos são sentidos por todo o corpo?

Que seja. Porque no meu caso hoje, o meu coração bombeia sangue de raiva por todo o meu corpo com uma velocidade incrível, que até o gás carbônico que eu exalo na minha respiração, sai raivoso.

Acabamos de internar o Yago no hospital e ele não está nada bem. Após um mês em casa, a recaída dessa vez, foi bem pior que a outra. A procura por um doador ainda não teve nenhuma resposta positiva, mesmo depois de mais duas campanhas, bem fortes, que nós fizemos em cidades vizinhas.

Cansada, estressada e com as esperanças se esvaindo. Esse é o quadro em que me encontro hoje. Repetitivo, isso? Eu sei, mas é impossível não se sentir assim. Mesmo com uma equipe auxiliar para os meus eventos, a procura ainda é grande, e no momento, eu estou recusando trabalhos que me façam levar muito tempo para planejar. Os pequenos estou fazendo a parte mais difícil e o resto repassando para a Carla organizar, porque eu não dou conta de tudo e nem tenho cabeça para isso.

De tão pilhada com tudo, bati o carro semana passada, ou melhor, bateram em mim, quando eu voltava de uma reunião com o meu tio e o seu advogado, depois de sair do orfanato. Por muita sorte, o Yago estava no carro do Noah, e eles estavam indo para casa enquanto eu ainda ia passar no mercado para comprar algumas coisas. Não me machuquei, mas a frente do fusca quase foi destroçada e fiquei com um roxo no pescoço por causa do cinto de segurança, meus ricos peitos não deixam o cinto ficar na posição exata. Ainda bem que, o motorista, viu a sua barbearagem e pagou todo o concerto do fusca. Estou andando com o carro que o seguro me forneceu, reza a lenda que na próxima semana ele chega, mas aposto em mais uns quinze dias sem ele.

Mas agora, eu e Noah estamos em uma briga ferrenha aqui, que eu não tenho a ideia como tudo isso começou, só sei que a coisa está ficando feia.

— Porque tu é um mimado e não sabe o que eu está falando — falo para ele que com a sua expressão corporal, debocha de mim. E isso me deixa mais puta ainda.

— Não briguem — Elis fala no nosso meio, e eu me viro para ela.

— Tu não te mete, que vocês dois só fazem as coisas para me irritar — quase pulo de raiva e as lágrimas chegando aos meus olhos, me deixando ainda mais irritada com tudo isso.

Porra! Me deixem em paz. Acabei de ter uma semana super fodida na minha vida, daquelas de não deixar registrada em nenhum diário ou na minha memória! Esse mês, nem tempo de implicar com as coisas do Noah eu tive, estava me comportando direitinho, ao invés de

brigarmos, nós estávamos conversando sobre tudo, e estava indo tão certo que eu achava que a minha educação estilo “coice de mula” estava quase curada. E também, acabei de sair de um hospital, onde um médico não me deu esperanças nenhuma que o Yago irá sair de lá sem um transplante ou então...

— E tu é uma teimosa sem correção — Noah fala mais alto que eu, e isso é a gota de água que faltava para eu explodir. Sem correção, caramba, eu estou me esforçando para burro aqui, deixei ele livre para fazer o que quisesse com o meu apartamento, seja reformar, vender, enfim, eu não dei bola para um orçamento infinito de dinheiro que um engenheiro, e arquiteto, cobraram. Olho para ele e falo as únicas palavras que eu não quero falar, mas a raiva me faz cuspirem elas sem emoção nenhuma.

— Eu sou teimosa sim — falo mais alto. — Eu estou tentando mudar, não deu para perceber? E se isso não te agrada, junta as tuas coisas e sai da minha casa. Me deixa em paz!

Levo um susto do jeito nada singelo e sim escandaloso, inflamado e para todo o prédio ouvir, em que eu as pronunciei. Vejo, em câmera lenta, a Elis colocar as mãos na boca e se virar para mim com os olhos arregalados, e o Noah a absorver cada palavra que eu disse e me olhar de um jeito estranho.

Era o que me faltava, por um ataque de raiva, terminar o meu relacionamento, com mais de nove meses e no momento em que eu mais preciso dele. Eu sou uma burra mesmo, e a mais fiasquenta do mundo, porque eu comecei a chorar e corri para o meu quarto, não querendo ver as consequências desse meu ataque de idiotice extrema.

Chego ao meu quarto, bato a porta com toda a força que eu possuo e desato a chorar na cama. Parabéns Su, de uma gorda teimosa de antes, agora tu é uma gorda, teimosa e chorona. A mesma criança que há anos, queria a provação de todos e nunca conseguia.

Por Noah

— Eu sou teimosa sim! Eu estou tentando mudar, não deu para perceber? E se isso não te agrada, junta as tuas coisas e sai da minha casa. Me deixa em paz!

Sabe quando se leva um tapa na cara, e não sabe o porquê, olha para a pessoa que dá com uma cara de retardado? Pois essa deve ser a minha cara nesse exato momento.

Olho para a Fofa e o jeito assustado que ela ficou depois que disse essas últimas frases, aposto que nem ela sabe da onde tirou aquilo, porque há duas horas, estava agarrada em mim, quando deixamos o Yago ser levado para dentro do hospital pela equipe médica.

Sei que ela anda estressada, essa semana então, aposto que o foi o recorde de todos nesse quesito, e sei também como a raiva pode assumir o controle do nosso juízo e nos fazer falar coisa que não queremos. Digamos que desse mal eu já tive.

Olho para a Elis quando escuto a porta do quarto se lacrada por uma Fofa com o demônio no corpo de raiva e sei que se eu entrar lá, nesse momento, não saio vivo, mesmo que a minha intenção era de irritá-la, só não achava que ia fazer chegar ao extremo desse jeito. Parabéns Noah, comprovou que é um completo idiota. Então eu começo a rir.

— Impressão minha ou ela acabou de me expulsar de casa? — e eu rio mais alto e nervoso, até umas lágrimas começarem a escorrer do meu rosto, e eu não tenho certeza se elas são pela cena que ocorreu aqui.

A busca por um doador para o Yago não para, e até agora nenhum resultado positivo foi alcançado. A cada dia que passa ele está mais fraco e sem ânimo para nada, nem de brigar comigo pelo Xbox, e isso nos deixa com os nervos a flor da pele, por não conseguirmos fazer nada a mais para ajudar.

— Noah nem inventa de fazer uma coisa dessas... Senão eu...

— Cala a boca Elis — falo para ela e me levanto, limpando as lágrimas e caminho em direção as nossas fotos na parede. A Fofa que furou as paredes para pendurar os quadros já que eu nunca usei uma furadeira na vida. — Eu seria um idiota por não acreditar nas besteiras da Fofa num acesso de raiva? Eu tava só implicando com ela, não sabia que ela ia explodir desse jeito.

E quando eu viro, uma Elis ensandecida vem para cima de mim me dando tapas e socos.

— Para maluca — me defendo e por pouco não levo uma boa joelhada em uma parte muito delicada do meu corpo.

— Idiota! — Mais um tapa no braço. — Tu não viu que ela anda uma pilha de nervos? — um soco.

— Ai Elis, isso machuca — tento sair de perto dela.

— E é para doer mesmo — caminho para o corredor. — Volta aqui que eu não terminei — ela pula nas minhas costas e começa a puxar os meus cabelos, e isso dói. A última vez que apanhei, foi do meu pai, e eu deveria ser menor que o Yago, e porque quebrei uma janela.

— Para Elis. Tô falando sério! — Daqui a pouco vou pegar uma camisa de forças para amarrá-la.

Ela me solta, tira os cabelos do rosto, olha para mim e vem de novo para me bater, mas dessa vez, consigo me precaver e parar ela antes que eu saia daqui em uma maca do hospital.

— Me solta Noah, que eu quero te bater mais — ela esperneia nos meus braços. Se os vizinhos escutarem, vão pensar que eu estou a matando.

— Te acalma que eu solto — falo firme. Ela se debate mais um pouco e depois de alguns instantes eu a solto. Ela caminha para longe de mim e se eu não me cuidar no que eu falar, ela vem me bater de novo. Respiro fundo e tento perguntar o porquê dessa agressão a minha pessoa. — Porque desse ataque duplo de vocês hoje? O da Su eu até posso entender, mas o teu...?

Vejo ela começar a se possuir novamente.

— E não inventa de me bater — falo antes que ela venha para o meu lado de novo. — Ela suspira fundo, se senta e começa a falar.

— Para que fazer isso com ela Noah? Não vê que ela está sempre preocupada com alguma coisa, e hoje em dia são várias delas? — droga, pelo visto vou levar um sermão da vaca, e o pior, ela está certa. — Ela disse que está mudando, e está mesmo, até no trabalho dela,

deixando eu e a Carla comandar, e contigo também, poxa. Para que provocar ela desse jeito?

Sinto-me como se tivesse meus cinco anos de novo, levando uma bronca por ter feito alguma coisa de errado. Volto a me sentar no sofá e pego outro porta-retratos nosso, eu o Yago e uma Su com as mãos na frente do rosto, porque não gosta de tirar fotos. Respiro fundo, solto a foto e olho para a Elis, e reconheço o meu erro.

— Acho que é por isso mesmo. Eu me apaixonei pelo jeitinho dela, assim mesmo, arredio e nada delicado. É como se essa Su que está comigo agora, fosse apenas uma casca do que ela era antes.

— Noah — Elis solta um olhar triste. — Olha por tudo que vocês estão passando... E ainda mais algumas coisas que ela passou essa semana — ela fala isso meio divagando.

— Como assim Elis? — pergunto. O que está acontecendo com a Fofa que eu não sei?

— Não cabe a mim te falar Noah, não sou fofqueira assim. Ela só contou para mim primeiro, porque eu tava junto na hora, mas se tu não ferrou tudo agora — ironiza com os braços, apontando para a sala toda como se fosse a nossa encenação —, ela vai te contar.

Droga Noah! Me levanto e quando começo a caminhar em direção ao quarto, para a ver e me explicar, ouço a Elis falar.

— Eu gosto muito de ti Noah, e sei que, às vezes, vocês fazem as coisas sem pensarem. E dessa vez — ela se levanta e caminha até mim —, eu vou apaziguar as coisas entre vocês. Porque a Vaca é minha amiga, e eu não quero a ver sofrer desse jeito, pelas mancadas de vocês.

Sorrio de leve, mesmo sendo uma vaca de marca maior, a amizade entre a Elis e a Fofa é uma das mais verdadeiras e leais que eu já tenha visto. Aquele tipo de amizade que elas podem contar tudo uma para a outra e, por mais que elas estejam erradas, podem contar com a ajuda.

— Obrigado — falo e puxo aquela vaca para um abraço. — Quando eu me casar com a Fofa, tu vai ser a madrinha.

— E tem outra opção que eu não saiba? — me pergunta brava.

— Nunca teve! — ela sorri. — Vou arrumar a mala do Yago, e daqui a pouco eu vou ali me desculpar com ela.

Elis entra no quarto, e eu vou para o quarto do Yago, com a sua cama ainda desarrumada pela correria que foi o dia de hoje. Sento na cama e vejo o “Pingú” o pinguim que ele conquistou para Elis aquele dia no shopping, no chão e coloco em cima do travesseiro. Ela trouxe para fazer companhia a ele, e desde então, não sai de cima da sua cama, e eu já vi ele agarrado nele durante a noite, diversas vezes. O skate em cima do guarda-roupa improvisado, e até a sua guitarra verde ao lado da Su, em um pedestal. A casa sem ele fica tão vazia, que eu não sei o que vai acontecer se alguma coisa de ruim acontecer, tanto eu como a Su, vamos nos quebrar em pedaços.

Pego o meu celular, depois de limpar uma lágrima do meu rosto. Droga Noah, isso não é o fim ainda, é apenas uma vírgula que vamos vencer antes do nosso ponto final! Disco o único número que além, da Su, pode me compreender como ninguém. Ouço tocar algumas vezes, antes daquela voz, que nunca dei importância, soar e pronto para me dizer que sou um idiota, mas, eu posso mudar as coisas, e que nem tudo está perdido.

— Noah?

— Oi, pai...

Por Su

Parei de chorar, por mais que o meu coração esteja com todos os possíveis pedaços, despedaçados, eu consegui me controlar.

Estou deitada, no meu travesseiro, e pensando em como eu consegui chegar onde eu estou nesse momento hoje. Acordei com cólicas e abortando um ET do meu útero, ah sim! Foi aí que o dia de merda começou. Tomei um banho e fui para o café com um bom remédio de companhia e pretendia ficar no sofá, com o Yago, ou até mesmo o Gato, me amassando o dia todo, mas comecei a estranhar, quando ninguém chegava para tomar café comigo. Percebi que o Noah tinha ido para a academia e o Yago estava dormindo demais para o meu gosto. Quando cheguei até o seu quarto, ele estava dormindo, com o Pingú atirado no chão, coisa que ele nunca faz, e quando me sentei na cama e comecei a chamá-lo, ele nem dava sinal de quem iria acordar. E eu comecei a me preocupar seriamente com isso, deixando as outras preocupações de escanteio.

Nesse instante, o Noah chegou e o levamos para o hospital. Chegamos lá e deixamos a equipe médica, que já estava nos esperando, cuidar dele. Liguei para a Raquel e a Elis e quando elas chegaram, eu e o Noah estávamos na sala do médico conversando sobre o estado em que ele estava, e apenas uma palavra representava isso: grave.

Só o transplante pode salvar o nosso anjo nesse momento, e de agora em diante ele seria um dos permanentes da ala da oncologia. Assim que estabilizaram a febre e o acomodaram no quarto, nós conseguimos o ver, dormindo como um Anjo, e quando acordou, nos recepcionou com o mesmo sorriso de sempre. Ficamos lá, até a Raquel nos expulsar do quarto para irmos até aqui, para buscarmos umas roupas limpas para ele e mais algumas coisas de higiene, e então essa cena toda aconteceu. Para encerrar a semana de merda, só as piores de todas acontecendo, e quase ao mesmo tempo.

Mas eu parei de chorar, e não pretendo voltar tão cedo.

A porta se abre e a Elis aparece sorrindo tristemente para mim. Caminha até a minha cama e se senta ao meu lado, e eu faço uma coisa que eu nunca fiz na minha vida, coloco a minha cabeça no seu colo. Ficamos assim por um tempo até que ela começa a falar.

— Quando foi que invertemos os papéis? Eu te consolando ao invés de ti fazer isso? — foco na parede a minha frente, é a única coisa a qual eu consigo ver nesse momento.

— Não tenho a mínima ideia — murmuro e a Elis começa a fazer carinho nos meus cabelos.

— Minha vaca está evoluindo. Isso me mata de orgulho, sabe? Eu sei que o Noah não falou de verdade tudo aquilo, ele estava brincando, sabe que tu está mudando.

— Onde ele está? — pergunto por que sou uma masoquista e gosto de sofrer.

— Arrumando a mala — Elis fala como se isso fosse normal.

E é isso! Eu consegui o que eu tanto queria. Despachei o Noah da minha vida. Parabéns Su, merece um troféu de honra ao mérito por ser a mais burra e idiota da face da Terra. E agora o que eu faço?

Saio do colo da Elis e me recomponho. O que eu faço? Pergunta idiota. O mesmo de sempre, me levanto e enfrento tudo. O Noah que se dane, por mais que eu o ame e sei que ele mudou por mim, eu estava fazendo isso ao meu tempo. Sou teimosa, insegura e tudo mais que ele possa falar de mim, e ele sempre aceitou tudo isso, com uma paciência de anjo, que eu admito com todas as letras.

Se ele foi embora mesmo, eu vou seguir a minha vida, ajudando o Yago, com tudo que ele precisar. E quando a adoção sair por completo, vou estar pronta para ser uma mãe solteira e...

— Acorda — Elis estala os dedos na minha frente para eu acordar dos meus devaneios.

— O quê? — viro para ela e a encaro.

— Para de pensar besteiras ele está...

— Aqui — Noah fala da porta e eu me assusto do jeito que ele se meteu na conversa.

— É — Elis lança uns olhares mortais para ele. — Ele está aqui. Vou para casa — ela se vira para mim e sorri fracamente —, se precisar de mim, sabe onde me encontrar.

— Obrigada — falo vendo o Noah entrar no quarto e ir direto para o guarda-roupa e pegar uma das malas que eu mantenho em cima dele.

Ela levanta da cama, passa pelo Noah, dá um soco no peito dele, e sai rebolando. Deixando nós dois e um clima pesado.

— Se eu estiver todo roxo amanhã, é culpa dela — Noah fala se esticando todo e pegando uma mala pequena. — Acredita que eu tive que desviar de uma joelhada dela em uma parte muito delicada do meu corpo, Fofa? A Elis solta e irritada, é um perigo para a humanidade.

Olho para ele e pisco umas dez vezes para entender o que ele está falando. Será que ele está amenizando o clima para não sair daqui com a consciência pesada? Evito pensar nisso, já que ele vai, que não fique passando a mão em cima da ferida e sim tire rápido para doer uma vez só.

— Quer ajuda? — falo baixinho.

— Não — ele fala e sorri para mim. — O Yago nem tem tanta roupa ainda.

Yago? Como assim? Ele quer levar o Yago para a casa dele também? Agora a coisa ficou séria me levanto e quando chego ao quarto dele, vejo o Noah colocando o Pingú na mala.

— Acho que ele se apegou a esse bicho. Pelo menos não é um galinha — ele olha para mim e sorri.

— O que está fazendo? — Noah para de sorrir e olha para mim com uma cara desconfiada.

— Arrumando a mala do Yago, ele vai precisar dessas roupas para tomar um banho pelo menos hoje.

Paro. Claro, ele está arrumando a mala do Yago para levar ao hospital. Quem deveria

estar fazendo isso era eu, mas estava ocupada demais chorando as pitangas como uma adolescente de 14 anos que perdeu uma caneta brilhosa para escrever no seu diário.

— O que tu estava pensando? — Noah me pergunta e eu não respondo, e ele começa a rir. — Não me diga que era que eu ia arrumar as minhas malas e ia embora, não é? — ainda não respondo, e ele desmancha aquele sorriso. — Não é, Fofa?

— A Elis me disse que tu estava arrumando as malas.. E eu pensei que... — sou interrompida com um Noah me puxando para cima dele.

Caímos em cima da cama e ele me beija, diversas vezes, quase me sufocando.

— Desculpa — ele fala entre um beijo e outro. — Eu estava implicando contigo Amor, não sabia que tu ia explodir daquele jeito. Eu... — para de me beijar, encosta a testa junto da minha e tira os meus cabelos do rosto. — Não devia ter falado aquilo. Eu vi que tu está mudando, mas eu te amo desse jeito, brava, teimosa, assim como eu te conheci. Estava com saudades das nossas brigas sem nexos — ele fala e eu engulo o choro, chegas de lágrimas ridículas!

Oh merda, ele não estava brigando comigo então? Um onda de alívio percorre o meu corpo, no fundo, nem tudo está perdido.

— Desculpa — falo depois de um tempo. — Eu explodi mesmo. Não aguentei e não deveria ter falado aquelas coisas.

Ele sai de cima de mim, e me abraça. Quase que nós dois não cabemos na cama do Yago, mas é o que eu preciso no momento para assimilar tudo o que eu escutei agora. Então ele não vai embora? Eu juro que eu mato a Elis por isso, porque aquela vaca não me explicou isso?!

Fecho os olhos por um momento e agradeço aos céus por ter achado um mais teimoso que eu, e que não saiu correndo na primeira oportunidade que teve da minha vida. Prometo que por agora, a única coisa que peço, é a cura do Yago, porque a minha salvação ainda está ao meu lado.

— Então... — ele fala baixinho para mim. — O que houve para te deixar nesse ponto de explodir. Sei que há mais coisa nessa cabecinha engenhosa aqui que está te deixando mais preocupada.

— Tantas coisas — falo pensando em tudo o que aconteceu nessa semana e não tive como falar para ele, porque nem eu sei ainda como resolver. Tomo uma respiração e começo a falar. — Lembra que o meu tio me chamou semana passada para conversar?

— Sim — ele responde. — E tu me disse que não era nada.

— Eu sei — confirmo. — Até então não era. Mas ontem ele me ligou e me disse o que eu não queria ouvir.

— O quê? — Noah olha para mim preocupado e eu falo de uma vez, antes que eu enlouqueça.

— Meu pai foi um dos fundadores da empresa junto com o tio. Ele que fez toda as papeladas e coisa jurídicas, como divisão dos lucros e assim por diante. E também, um contrato, ou sei lá como se chama aquilo, registrado em cartório, que dizia que se o meu pai morresse, a

empresa seria passada para o meu nome, e não dele.

— Como? — Noah me pergunta.

— Não sei! Na real, ninguém sabia Noah, nem o advogado do meu tio. Eles só descobriram porque o divórcio dele está saindo e a Cruela quer metade do que é dele, inclusive a empresa. Mas na verdade... — suspiro.

— Ela está no teu nome — ele completa.

— Então — olho para o Noah —, eu não sei. Até semana passada, ninguém sabia desse contrato. E semana passada, quando tio tava vendo alguns documentos da empresa, o achou.

— Calma aí — ele olha para mim. — O que tu quer me dizer é que, toda a empresa de construção do teu tio, é para estar no teu nome? E ninguém sabia? Impossível, Amor.

— Noah, as coisas sempre foram no nome do meu pai, desde o início, e o meu tio, era o cabeça de tudo. Assumiu a empresa assim que o meu pai começou a beber mais que trabalhar, e quando ele morreu, o advogado passou para o nome dele e não sabia da existência desse contrato. E com eles fuçando em tudo que é canto, para procurar uma brecha para não dar nada para a Cruela, ele encontrou esse contrato. E agora o tio quer saber se eu quero essa parte.

Complexa a história, mas é a verdade. Sabe aquelas reviravoltas que ninguém espera, ou só acontecem em filmes e livros? Parece que a minha vida é cheia delas, de onde eu menos espero, vem um tsunami de coisas para me fazer ver que tudo o que eu pensava caiu por Terra.

— E isso vale? — Noah pergunta com uma cara de dúvidas.

— Não sei, mas os advogados estão estudando tudo o que encontram para ver se tem uma brecha de o Juiz aceitar, e ainda querem que eu deponha contra ela, para sensibilizá-lo a fazer isso.

— Uau! E agora?

— Eu não sei, por isso que eu fiquei desse jeito. Um lado meu quer que ela se exploda na vida e outro, não quer mexer nisso.

— E se caso o juiz aceitar isso...?

— Teoricamente, o meu tio só fica com a casa no nome dele, e aí ela tem direito à metade. E a empresa vem para o meu nome, até esse divórcio sair e depois eu passo de novo para o nome dele.

— Caramba — ele me abraça. — Isso deve ter colocado milhões de pensamentos na tua cabecinha engenhosa e ainda com a situação do Yago — e me beija.

— E a minha menstruação atrasada há uns dias, também ajudaram — falo antes que a coragem me suma de uma vez e eu não coloque tudo para fora. Sinto o Noah ficar tenso embaixo de mim, mas eu alivio o lado dele. — Alarme falso — suspiro. Desde aquele dia que eu me imaginei com um bebê no meu colo, a ideia não saiu da minha cabeça. — Desceu ontem à noite e eu fiz um teste de sangue semana passada e já tinha dado negativo.

— Ah... — ele fala meio desapontado. — E tu queria?

— De uns tempos para cá, venho pensando nisso. Mas sei que agora não era a hora

certa. Acho que primeiro temos que aprender a não nos matar primeiro — começamos a rir.

— É, isso seria uma coisa bem importante de se fazer. Mas eu já disse que quero uma Fofinha, ou Fofinho, daqui a um tempo.

— Anos... — complemento.

— Nem tantos, não esqueça que eu já sou velho.

— Velho, clichê e chato — brinco.

— E tu — ele se vira e fica em cima de mim. — Teimosa, chata e ainda apanho da Elis quando te faço chorar.

— Eu não acredito que ela te bateu — começo a rir, um pouco pela cócegas e também, tentando imaginar a cena. Agora já bem mais calma do que eu estava quando entrei no apartamento hoje. Como se a minha alma fosse lavada e tivesse uns bons quilos de preocupação a menos nela.

— Bateu, tive que contê-la, antes que ela me levasse para uma UTI.

— Dramático — falo e quando menos espero, ele beija todo o meu rosto.

— É tu — beija em cima da ponta do meu nariz —, que mesmo chorando e me expulsando de casa, é bonitinha.

— Bonitinha é a gordinha arrumadinha — e ele volta a fazer cócegas em mim. — Para Noah, que nós temos que levar isso para o hospital.

Depois de muitas brigas, e risos, conseguimos arrumar a mala do Yago e vamos para o hospital. Deixo as minhas preocupações, na porta de entrada, e assim que entramos no quarto, toda as minhas dúvidas são esquecidas, e só o que me importa é a saúde do Yago e a companhia do Noah, mesmo ele sabendo que eu sou uma teimosa em reforma.

Capítulo 51

Parece que voltei aos meus anos escolares e tive que apresentar um trabalho, como um TCC, para uma banca me examinar e me dar alguma nota. Na real, nem quando apresentei o meu, fiquei tão ansiosa assim. Passei tantas noites em claro, lendo e relendo ele, que até hoje, se me esforçar, recito alguma parte dele, porque eu literalmente o decorei.

Aceitei a proposta do meu tio de depor contra a Cruela, sobre os meus maus tratos quando criança e de entrar com uma ação para validar aquele contrato que eles haviam achado do meu pai dando os direitos da empresa à mim quando morresse. Me sentei com os advogados da empresa e passamos horas em cima de livros jurídicos empresariais para saber onde estávamos pisando e também como seriam os passos que teríamos que dar para que tudo desse certo.

E hoje é o grande dia. Estou sentada com o Noah ao meu lado, me dando todo o apoio que eu preciso. Deixamos o Yago com a Elis, ele está relativamente bem, e a busca para um doador, ainda não parou. Com os contatos publicitários do Noah aqui, estamos em campanhas em quase toda as grandes cidades do Estado, e agora a luta da causa é por todos os paciente da fila de espera. Ontem mesmo, recebemos a notícia que um doador daqui, é compatível com um do outro lado do país, e semana que vem embarca para fazer o transplante para uma menina de quatorze anos. Ainda há esperanças para todos, basta acreditar.

Mas voltando ao julgamento aqui...

Chegamos cedo, e a Cruela já estava com o seu papel de coitadinha formado. A sessão começou, fomos apresentados ao juiz, bem como ele a nós. Até aí, tranquilo, mas quando a chamaram para depor primeiro, ela fez uma atuação digna de um oscar por falsidade. Ela chorou se fez de vítima e ainda disse que o meu tio mantinha um casamento de aparências só para não perder o status. Ah, e chorou mais um pouco. Sério, Hollywood está perdendo uma ótima atriz com ela, com certeza ia render bons prêmios para eles.

Quando chegou a minha vez, fui calma e serena, mesmo estando uma pilha de nervos por dentro. Estava sendo observada por muitos, e o medo de gaguejar e trocar as palavras foi demais. Mas me mantive firme. Abri o meu peito e deixei as lembranças dos xingamentos, ameaças e tudo mais o que ela fez a mim, saírem em forma de palavras. Não fiz o papel de dramática e nem exagerei nenhuma vírgula do que me acontecia, apenas relatei os principais casos que me vinham à memória daquele tempo. Quando acabei, só consegui ficar relaxada de verdade, no momento em que me sentei ao lado do Noah, e ele buscou a minha mão e a apertou. Nesse momento que eu consegui respirar sem um peso de quinhentos quilos me dificultando, desde que eu cheguei aqui.

— Foi incrível amor, vai dar tudo certo — ele falou baixinho, quando o juiz se retirou da sala para chegar a um veredito.

— Obrigada — respondo no mesmo tom e aperto mais a sua mão.

Os advogados vieram conversar comigo, e me darem os parabéns, dizendo que eu fui perfeita no meu depoimento. Meio irônico isso, receber elogio, por falar as merdas que ela fazia

comigo quando criança, mas vai entender não é?

Sinto um par de olhos me fuzilando de cima a baixo e um arrepio sobe o meu corpo. Olho para o lado e vejo a Regina me fitando com uma cara de quem já havia ganhando a briga, e quando o juiz volta para a sala, sua cara de choro e de quem foi sempre usada, voltou. Não disse, atriz perfeita.

Nos levantamos, em sinal de respeito ao juiz, e esperamos ele ler a sua sentença, tão aguardada. Ou ela ganha, e todo o trabalho do meu pai e do meu tio é colocado por água abaixo, e metade de tudo isso vai para ela e com toda a certeza, que vai colocar fora. Ou então, tudo vem para o meu nome e ela fica com o mínimo possível de bens.

O Juiz começa a ler, e parece que isso não tem fim, se não fosse um desacato à autoridade, já teria o mandado calar a boca, e teria lido para todo mundo o que interessava. Depois de uns dez minutos, ele leu a última frase do texto, falando que a empresa iria para o meu nome e ela não ficaria com a metade desses bens. Aí a máscara da Cruela caiu.

Sua faceta de coitadinha saiu de cena e ela quase teve uma síncope e por pouco não foi presa. Ia ser uma cena hilária, mas a emoção de vê-la se ralando lindamente, foi tanta que eu esmaguei o Noah em um abraço.

— Eu sabia que ia dar certo amor — ele me fala no meio do abraço, enquanto eu escuto, ao fundo, o juiz mandando a Cruela se acalmar, ou ele teria que chamar um policial para prendê-la.

— Su... — me solto do Noah, após dar um beijo, recatado. E viro e dou de cara com o meu tio. — Ou melhor, patroa?

— Tio — me atiro nos seus braços e suspiro forte.

— Conseguimos — ele me beija na cabeça. — Ela não vai ficar com nada que eu e o teu pai construímos. Aquele cabeça dura — como o meu tio sempre o chamou —, acertou mais uma vez.

Se a lei do retorno existe mesmo, com toda a certeza, dessa vez tudo o que a Cruela fez de ruim vir a baixo. Mesmo ficando com o a metade da casa em que eles viviam, que já vai ser um bom dinheiro, nada chega aos pés de ter metade a empresa em que eles construíram do nada e hoje é um sucesso. Vi o meu tio trabalhar de domingo a domingo e se doar para todo o empreendimento possível. Tudo isso, para dar uma vida boa para a Cruela e a mim, e agora ver ela ser dona da metade, não é nada justo.

Vi um policial chegar para acalmar os ânimos da Cruela assim que saímos do tribunal. Fomos para o hospital, estava morrendo de saudade do meu Anjo e louca para dar um beijo nele.

— E aí? — Elis fala quando mal colocamos a mão na maçaneta. — Deram um fatality na Cruela? Me fala tudo. Ela deu piti? Fez carinha de cachorro sem dono?

— Calma Elis — Noah fala quando entramos no quarto. Eu vou direto para o Yago que está com um sorriso gigante no rosto, e deixo o Noah narrar toda a história.

A cada dia que se passa, é um a menos para sair a liberação da adoção dele. Mesmo estando como um dos permanentes da ala de oncologia, só o fato de saber que quando sairmos daqui, ele irá direto para a nossa casa é uma esperança a mais em um futuro feliz. Mal posso

esperar para ver o sorriso de felicidade dele quando eu contar sobre isso, e também o do Noah, quando ele ver o papel e o novo nome do Yago, que eu não contei como seria ele completo. Ele ainda pensa que vai ser só Yago Morelli, para daqui a alguns anos, o sobrenome dele entrar na história, mas eu resolvi dar uma apressada nas coisas.

— Olha tia Su — ele pega uma folha de papel ao lado da sua cama. — Eu fiz um desenho nosso.

— Deixa eu ver, espero que não tenha me feito como Elis fez da última vez — de birra, porque eu a desenhei estilo palitinho, ela me fez como duas bolas, uma grande do corpo e uma pequena de cabeça.

Pego a folha da mão do Yago e vejo o desenho e todos identificados. Eu, ele o Noah o Gato e o JB no meio de um coração. O desenho é bem infantil mesmo, mas melhor que o meu que só sei desenhar pessoas em palitos.

— Que lindo Yago — com o meu coração cheio de amor por esse desenho. Com certeza vai para a geladeira lá de casa assim que eu chegar. Assim como vários que já estão lá.

— Olha — ele aponta para o Gato e eu vejo um balão de pensamento que diz “alguém me alimente”. — Ele quer comida, e eu fiz um pote de ração cheio para ele — vejo na ponta do desenho, uma base verde e um monte marrom, e deduzi que era o pote de ração mais lindo do mundo.

Se agora já sou babona, imagina quando o Yago se formar no ensino fundamental, médio ou então na faculdade. Com certeza, tenho que colocar na lista, um babador do tamanho gigante para conter todo esse meu acesso.

— Essa é a minha Gata Gostosa — Elis me dá um tapa nas costas e eu quase coloco os pulmões para fora com isso. — Colocou a Cruela no lugar dela, e agora é patroa.

Viro-me para xingá-la mas sou recebida com um abraço da minha vaca maluca preferida, e no fim, acabo por aceitá-lo.

— E agora? — ela me pergunta. — Como vai ser?

— Não sei, amanhã vamos até o fórum assinar os papéis da transferência. — Me sento na cama, ao lado do Yago e entregando o desenho para o Noah olhar — e eu devo ficar com a empresa no meu nome até os papéis do divórcio sair e depois a empresa volta para o nome do meu tio.

— E já aceitou a proposta de compra do teu tio? — ela me pergunta e eu suspiro, por ter que encarar esse assunto de novo.

— Já disse que não vou aceitar dinheiro dele. A empresa sempre foi dele, só estou fazendo isso para ver as Cruela se fod... — olho para o Yago e ele está entretido pintando algum desenho aleatoriamente —, dê mal. — Completo.

— Ainda temos que conversar sobre isso — Noah fala com um sorriso bobo no rosto ainda olhando para o desenho.

— Sem conversa — retruco e ele caminha até mim.

— Por enquanto — ele pisca. — Não esquece que eu e o tio estamos sempre em contato

— Noah chega até a cama e começa a conversar com o Yago sobre o desenho.

— Vamos tomar um café? — chamo a Elis.

— Preciso de um mesmo.

Deixo os meus amores colorindo alguns desenhos e vou até a lanchonete do hospital. Já estou tão acostumada com ela, que já nem reclamo mais das comidas horríveis ou os preços exorbitantes por um pão de queijo que mais parece uma borracha velha e fria, faço de tudo para não ter que me afastar daqui, e até encaro tudo isso.

— Então — Elis fala quando nos sentamos —, porque não vai acertar esse dinheiro?

— Sem essa Elis, nem a minha herança eu aceitei, porque aceitaria esse? — respondo sem dar muita atenção a ela.

— Porque naquela época tu não era essa Su de hoje? E agora tuas prioridades são outras? Quais eram elas naquela época? — Elis me pergunta, como se fosse um daqueles advogados que eu encarei hoje.

— Não tinha prioridades — respondo dando os ombros. — Só sobreviver aos meus custos já era uma ótima coisa.

E ela me atira um pedaço de pão de queijo na cabeça.

— E agora Gata? Quais são as tuas?

Muitas, respondo mentalmente. O Noah está certo em comprar um apartamento maior, eu quero comprar um espaço para os meus eventos, a cura do Yago. Mas tirando a saúde dele, tudo se arranja com o tempo. O que o meu tio me ofereceu pela empresa é exorbitante demais. Um número que eu nunca pensei em toda a minha vida ter posse, por isso que não aceitei, e nem vou.

— Para de me atirar pão de queijo Elis — falo quando ela me joga de novo um pedaço.

— Esse troço está ruim. Se eu te atirar inteiro, tu vai direto para a UTI com traumatismo craniano de tão duro que está. Mas voltando ao assunto — ela se arruma na cadeira e olha para mim. — Esse dinheiro vai vir a calhar Su, ainda mais que tu não quer que o Noah banque tudo.

— Mas não é certo — falo. — O que era meu de direito, eu já recebi.

— Vou te jogar esse café quente na cara — começo a rir. — Sério Su. Sei que o dinheiro é alto, mas negocia com o teu tio. Pega uma parte só, mas não perde essa chance por causa de orgulho, essa fase tua já passou.

Aceitar esse dinheiro iria me trazer uma paz por um bom tempo com essas preocupações rotineiras. E com a venda do meu apartamento, conseguiria juntar uma boa quantia para realizar todos os planos que nós temos em mente.

— Vou pensar no assunto — Elis abre um sorriso enorme.

— É isso aí Gata Gostosa. Pensa com carinho nisso tudo — ela olha no relógio. — Tenho que atender em uma hora. Mais tarde eu volto para ver como vocês estão.

Respondo com um “ok” básico e quando ela se levanta, vem e me abraça forte.

— Orgulhosa de ti Vaca. Detonou a Cruela e vai pensar em aceitar dinheiro, que é teu por direito — reviro os olhos com isso —, e tudo isso num dia só.

— Que exagero Elis.

— Não é nada, e eu tenho que reconhecer. Agora só falta aceitar elogios, aí sim a mudança é total. Beijos e fui.

Vejo a maluca rebolando em cima de saltos em pleno o hospital e começo a rir de tudo isso. Quem te viu, e quem te vê em Su? Ferrando com a Regina, pensando em aceitar dinheiro do tio, deixando o Noah como responsável pelo apartamento novo.... Daqui a pouco nem eu mesma vou me reconhecer. Mas sabe o que é o pior, ou melhor disso? Eu estou amando ser essa nova pessoa.

Volto para o quarto e o Yago está dormindo. Ajudo o Noah a juntar os lápis de cor que estão espalhados por toda a cama ao seu redor e depois vamos para o sofá, é o que nos restar fazer quando ele dorme. Aproveitamos sempre esse tempo para conversar, expor nossos medos e dúvidas, passar assim nos ajustarmos um ao outro apoiando nos momentos que mais temos receio.

— Tu acha errado, ou um abuso, eu receber esse dinheiro do meu tio? — falo sentada no seu colo com ele me abraçando. Estou com a minha cabeça no seu ombro e os meus braços circulando o seu pescoço.

— Não — ele me responde depois de um tempo —, não acho errado nem abuso.

— Mas... — começo a falar e ele me cala.

— Tu me perguntou se eu achava errado e eu disse que não — ele espera eu falar alguma coisa, mas eu me calo. — Mas se tu acha, eu não posso te fazer aceitar. Chegamos ao consenso de mudar de apartamento, e os que eu tenho visto, não estão baratos. E mesmo eu dizendo que não quero a tua ajuda para bancar ele, não vai adiantar — ele olha para mim e eu sorrio confiante e com ar de quem não vai aceitar mesmo. — E se esse valor, vai te fazer ficar mais segura com isso, aceita Amor. Antes para ti do que para a Cruela.

— Eu estava pensando nisso também — volto a me deitar no seu ombro, lugar melhor para me sentir protegida de tudo não há. — E também, quero comprar o espaço para fazer os meus eventos. Esse dinheiro ia cair do céu, no momento exato — admito.

— Então já está decidido. Tu fica com o dinheiro e não pensa em mais nisso, certo? — Noah me deita no sofá e me beija.

— Vou tentar — beijo ele.

— Viu o desenho do Yago? — ele me pergunta depois de um tempo.

— O mais lindo pote de ração do mundo — falo rindo.

— Vai para a geladeira? — rimos juntos. — Exposição nacional Yago na Geladeira, já deve ter uns sete lá em casa.

— Com toda a certeza — e ele volta a me beijar.

~

O Noah fez questão de vir junto comigo para assinar os pegamos os papéis no fórum para a transferência da empresa para o meu nome. Disse a ele que não precisava, mas como a Raquel estava lá no hospital e o Yago bem, então, ele resolveu vir junto, não que eu detestasse a situação, muito pelo contrário.

— Assine aqui — um funcionário me aponta o local e eu assino o meu nome. — E pronto. Acabamos.

Sorrio e agradeço e o funcionário leva os papéis para autenticar e nos liberar. Meu tio está conversando com o Noah sobre apartamentos, casas e todas aquelas coisas de construções que eu não entendo nada, mas acabo indo para lá.

— Olha Amor — Noah pega a minha mão assim que eu chego —, o Théo me disse de um condomínio que está sendo liberado para morar, perto do nosso, e o dono está começando a vender e os preços estão bons.

— É uma ótima área Su, perto do orfanato e daquela escola onde tu estudou. O Yago ia se adaptar muito bem lá, ainda mais que eles tem aulas de músicas no turno reverso.

Eu me lembro disso. Adorava os dias que tinha, mesmo muitas vezes, eu acabando ensinando para os meus professores, passava as tarde lá para não ter que voltar para casa e me encontrar com a Cruela e seu humor de cão.

— Que ótimo — falo animada pensando nos festivais de talento que tinha todos os anos e eu sempre me apresentava no piano, e no ensino médio, na minha fase mais rebelde, era com a guitarra. Fiz uma apresentação com uma música do AC/DC no primeiro ano que todos os professores de música e os alunos mais velhos adoraram. Olho para o Noah. — A escola é uma das melhores da cidade.

— Vou dar uma olhada então, tem o telefone do corretor?

— Claro. Avisa que tu é, como se fosse meu genro — sorrio amplamente com isso. — Que o Borges acha um jeito de te atender rápido.

O meu tio passa o telefone e explica, em alguns termos técnicos, o que tem no apartamento. Eu e o Noah só concordamos, porque não estamos entendendo nada do que ele fala, mas parece que são ótimas coisas.

— Senhorita Morelli? — Ouço me chamarem e quando olho, dou de cara com o juiz que está cuidando do processo de adoção do Yago, aquele que conheci na apresentação das crianças.

— Olá — respondo educadamente e ele me estende a mão para apertarmos. — Tudo bem?

— Claro — o Noah e o meu tio param de conversar e eu faço a apresentações.

— Meu tio, e o Noah, meu namorado — eles se cumprimentam com um aperto de mão e com palavras formais e fala para mim e o Noah.

— Que bom que encontrei vocês dois aqui, será que poderiam me acompanhar até a minha sala? — Olho para o Noah e um certo pânico me sobe, mas seguimos ele.

A sala fica no terceiro andar do prédio, entramos no elevador e começamos conversar sobre trivialidades, como tempo, calor, essa parte eu deixei para o Urso Polar reclamar, e trânsito. Quando chegamos à sala do juiz, ele fechou a porta, pediu para nos sentarmos e ainda ofereceu um café que negamos. Olho para o Noah ao meu lado e vejo que ele também está nervoso com essa situação inesperada, e eu, além disso, agradeço por ele estar ao meu lado nesse momento.

— Então — o juiz mexe em alguns papéis na sua bolsa e retira um e fica lendo sem olhar para nós —, eu estava ontem presente no teu depoimento Suzilyane. — Ele levanta os olhos e me observa, e eu arregalo os meus de espanto, como eu não o vi lá?

Faço todo o tempo em que eu estive depondo sobre a Regina ontem e tento me lembrar de onde ele poderia estar, mas realmente não me lembro de ter o visto lá. E agora? Isso seria uma conversa para ele me negar à guarda por causa do meu passado? Mas eu falei tudo isso para a psicóloga que quase me matou até eu admitir tudo. Isso não pode acabar todo o processo.

— E meus parabéns — ele completa quando vê que eu não estou entendendo nada do que se passa aqui. — Todos nós sabíamos que ela estava mentindo, digamos que as expressões faciais e corporais dela a entregaram, e nenhum juiz iria dar ganho de causa a ela. Mas o meu foco dessa conversa aqui, não é esse.

Noah olha para mim e nós dois estamos sem entender coisa nenhuma. O que o juiz quer com nós afinal de conta? E o que é esse papel que ele não tira os olhos lendo.

— Desculpa — falo depois de um tempo. — Mas tem haver com alguma coisa com o processo do Yago? — a dúvida está me corroendo como um ácido de tortura. Isso não se faz com ninguém.

O Juiz coloca o maldito papel na mesa, assina e olha para o Noah meio que sorrindo e depois para mim. Volta a mexer em outros papéis, guarda aquele e puxa outro e o empurra na nossa direção e fala somente uma palavra.

— Parabéns.

Olho para o Noah e pego, tentando disfarçar o tremor na minha mão, o papel que ele colocou na nossa frente. Corro os olhos em algumas palavras chaves, e as lágrimas começam a sair dos meus olhos.

Certidão de Nascimento.

Filho.

Yago.

Morelli.

Mãe.

Suzilyane Morelli.

— Obrigada... — falo entre as lágrimas de emoção que saem do meu rosto e o juiz a aceita com um sorriso no rosto.

Olho para o Noah que ainda não entendeu nada do que está acontecendo e entrego a nova certidão de nascimento do Yago. Ele lê o papel e eu fico acompanhando a sua reação, de

uma cara fechada tentando entender tudo, a um esboço de sorriso até as lágrimas que se formaram naqueles olhos azuis que eu tanto amo.

— Isso é... — ele pergunta ainda emocionado enquanto eu tento conter as minhas.

— Sim — o juiz responde para ele e olha para mim. — É a nova certidão de nascimento do Yago, oficialmente agora, ele é teu filho.

Mais lágrimas de felicidade para mim agora, e essas eu não quero esconder. Legalmente agora eu sou mãe do meu Anjo, e eu não poderia estar mais feliz do que eu estou agora.

Saímos da sala do juiz logo depois que ele nos explicou, que já sou a responsável por ele a partir daquele momento, que a Raquel seria avisada dentro de instantes e o processo de adoção estava encerrado. Quando entramos no elevador o Noah começa a falar ainda com a certidão na mão, ele não me entregou ainda, e tenho certeza que vai querer mostrar para todo mundo que ver.

— Yago James Morelli. Nunca vi um nome mais bonito — e beija a minha cabeça.

— Gostou? — pergunto vendo o rosto dele com o sorriso, o mais bonito que eu já vi em todo esse tempo que estamos juntos.

— É perfeito! Obrigada meu amor. Eu... Eu não sei o que falar. Tenho que mandar isso para o meu pai, ele vai adorar, já que foi ele quem colocou o James no meu nome.

E ele continua falando, mas que uma criança que acabou de ganhar o presente de natal que tanto queria do papai noel. Encantado, essa é a palavra para descrever o Noah nesse momento. Ele me entrega a certidão do Yago e tira uma foto e envia para o pai. Aproveito, tiro uma e mando para a maluca da Elis, aposto que ela vai surtar com isso.

— Tio! — O vejo conversando com algum funcionário quando chegamos ao andar onde ele se encontrava. Quando ele vira para mim e o abraço, sem ele entender o porquê, mas mesmo assim, me esmaga. O solto e entrego a certidão para ele, que começa a ler e um sorriso se espalha no seu rosto.

— Isso é...? — concordo com a cabeça. — Parabéns Su! Eu sabia que ia sair mais cedo ou mais tarde — e me abraça de novo. — Onde está o Noah?

— Conversando com o pai dele — aviso. Nem deu dois minutos que ele mandou a mensagem e ele retornou a ligação.

Meu celular toca dentro da bolsa e eu pego para ver o que é e uma enxurrada de mensagens de uma certa maluca que entope as minhas notificações.

Elis: ?

Elis: ???

Elis: ????????????????????

Elis: Ai!

Elis: Meu!

Elis: Deus!

Elis: AI MEU DEUS DO CÉU!

— Então — ele me entrega mais alguns papéis. — Oficialmente agora tudo está no teu nome, até o Yago — brinca e eu sorrio.

— A empresa, por pouco tempo, mas o Yago para sempre vai ser meu — ele sorri e concorda.

— O Noah me disse que finalmente vai aceitar a minha proposta.

Respiro fundo e vejo o meu boca grande tendo um surto de felicidade junto com a Elis a poucos metros longe de nós.

— Sim — assumo. — Vai vir a calhar agora com essa compra do apartamento e mais outros planos que eu tenho, mas não quero tudo. Só uma parte do que tu me ofereceu — falo e ele sorri.

— Sem acordo, vai ser tudo — pelo visto teimosia é de genética da família. — Vou voltar para o escritório e sei que vocês têm mais o que fazer agora — ele me dá um beijo na bochecha. — Parabéns mais uma vez minha filha, vocês dois serão ótimos pais, eu tenho certeza disso.

— Obrigada tio — e ele sai, passando pelo Noah e falando com ele uma última vez.

Caminho em direção ao Noah, e o abraço pela cintura enquanto vamos em direção ao fusca. Estamos alegres, eufóricos e cheios de planos, mas o primeiro que vamos colocar em prática é o de contar para o Yago que a partir de hoje, ele é meu filho.

Encontramos a Raquel no quarto do Yago, que ainda dormia, e fomos recebidos com abraços e felicitações. Ela se despede dizendo que tem que dar baixa na adoção do Yago no orfanato, e pela primeira vez, ficamos sozinhos com ele. A sensação de ter uma criança sobre a minha responsabilidade, me deixa com um misto de alegria e preocupações, mas mesmo assim, a felicidade fala mais alto.

— Bom dia meu Anjo — beijo a sua testa e ele se mexe na cama.

— Acorda dorminhoco — Noah fala fazendo cócegas nele que, sorri, mas ainda não abre aqueles olhos verdes lindos e sempre cheio de esperança.

— Eu ainda estou com sono... — geme baixinho e vira para o lado da parede.

— Deixa ele então Fofa, não vai ficar sabendo da novidade... — Noah lança a dúvida no ar, e o Yago cai direitinho. Abre os olhos rapidamente e se senta na cama.

— Que novidade Tio Noah? — ele pisca algumas vezes e olha para nós.

Entrego o papel para ele que começa a ler em voz alta, e quando chega na parte em que aparece o nome dele ele olha para nós.

— Yago James — que saiu mais como um “Jâmes” — Morelli — ele olha para nós e fala. — É o meu nome?

— Sim — o incentivo. — Continua Anjo — ele baixa a cabeça e continua a ler a sua nova certidão. Quando ele lê a palavra mãe e o meu nome seus olhos se arregalam ainda mais.

— Como assim, tia Su? — me sento na cama ao seu lado e o abraço.

— Eu te adotei Yago. De agora em diante tu é o meu filho, e não vai mais voltar para o Orfanato, vai morar comigo e com o Noah.

— O Gato e o JB também?

— O JB sim — Noah fala —, mas o Gato ainda estamos pensando. — E ri. Yago olha para mim assustado.

— Noah para de implicar com o Gato — olho para o Yago —, e o Gato também, meu Anjo.

O sorriso de felicidade do Yago valeu por tudo. É o mais lindo, sincero e emocionante que eu poderia receber em toda a minha vida. Como a Elis me disse um dia, se tudo na vida tem uma explicação, sei que a maioria dos meus receios foi derrotado com esse abraço que eu recebi agora do Yago. Cofiança, amor incondicional e cuidado estão passado entre nós, e quando um Noah ciumento nos abraça junto, o nosso pequeno universo já está completo.

— Tia Su — ele chama quando nos afastamos. — Agora eu posso te chamar de mãe? — meu coração perde uma batida descompassada depois dessa pergunta e eu abro um sorriso.

— Claro meu Anjo, pode me chamar se quiser — respondo tentando disfarçar a minha emoção com tudo isso.

— Certo — ele sorri e fala a palavra mais linda que poderia sair dele —, mãe. Tio Noah, posso te chamar de pai? — olho para o Noah que salta os olhos de espanto.

— Claro Yago! — E sorri para mim.

— Pai e mãe — Yago fala as palavras como se tivesse as testando e olhando para nós.

Olho para o Noah que tenta limpar uma lágrima sem que eu perceba, mas foi tarde demais. Meu clichêzinho é mais emotivo que eu esperava e está todo bobo, até mais que eu, com essa reação do Yago.

Uma enfermeira chega para ajudar no banho do Yago e deixamos de babar em cima do nosso filho um pouco para que ela trabalhe. Saímos do quarto e quando eu menos espero um Noah me abraça com toda a força que tem e suspira alto.

— Esse é o dia mais feliz da minha vida. Obrigado meu Amor.

— Eu que agradeço, todos os dias, por tu estar ao meu lado — me enterrando mais no seu peito.

— Eu amo vocês, e até aquele teu Gato endiabrado — rio e levanto o meu rosto para beijá-lo.

— Eu também amo vocês, e mais ainda o JB, mesmo ele me mijando cada vez que eu chego em casa — Noah ri e me abraça mais forte.

Vencemos mais uma batalha nessa guerra. De inúmeras que ainda virão, essa é uma das mais alegres. Agora é uma questão de tempo e paciência para esperarmos o que de melhor a vida tem para nos trazer.

Capítulo 52

Incrível como a palavra dinheiro chama a atenção de todo mundo. Mal o Noah ligou, naquele dia para o corretor do prédio que o meu tio falou, e mais uns vinte ligaram para ele oferecendo apartamento. Nós já estávamos a ponto de pedir um novo número para a operadora se aquilo não parasse. Mas hoje, isso se encerrou. Depois de um mês de pesquisas, finalmente, o Noah achou o apartamento perfeito para nós.

Ele é grande, em comparação com o meu, e pequeno perto do que ele tem, onde o meu tio está morando agora. É uma cobertura em um prédio simples, quatro quartos, sendo o nosso suíte e outro banheiro entre os quartos. Uma sala ligada à cozinha e outra, mais afastada, que vai ficar para os meus instrumentos e os do Yago. E como disse o corretor, se quisermos, temos a opção de fazer um segundo andar na casa e ainda um espaço para uma piscina pequena. O Noah adorou a ideia, mas eu já vetei por alguns meses, até nos adaptarmos com tudo isso. Claro que ele não gostou muito, mas no fim concordou comigo.

O divórcio do tio já saiu, e também a “compra” da sua empresa para que eu passasse para o seu nome novamente. De um dia para o outro a minha conta bancária deu um salto com o saldo nela, quase levei um susto quando tirei um extrato simples e me apavorei com o que tinha. Um instinto de querer parar no shopping mais próximo e gastar esse dinheiro com coisas fúteis quis me dominar, mas mantive a compostura e fiz o mais sensato. Liguei para o Noah apavorada por não saber o que fazer com ele até decidirmos qual apartamento iríamos comprar. Entreguei o meu extrato para ele que riu de mim e ainda ganhei um beijo na testa por ser tão bonitinha assustada desse jeito. No fim, acabei deixando na minha conta mesmo, até porque boa parte dele já estava destinado ao novo apartamento e o resto, depois eu colocaria junto com a poupança que eu tenho. Pelo menos uma boa reserva de dinheiro eu tenho para não ter que me preocupar com isso por um bom tempo.

A venda do meu, está para sair a qualquer momento. Um casal, recém-casado ficou apaixonado por ele e disseram que iriam ficar com ele, já na primeira visita e ainda acharam o preço ótimo. Só falta a liberação do banco, com o financiamento, para começar as mudanças.

Arranjar uma empresa de transporte, a mais segura que existe, já que levar o meu piano para o apartamento novo não vai ser nada fácil, se tiver um arranhão nele, eu morro. E de resto, vou doar para o orfanato, já que a maioria dos móveis vão ser novos. Diga-se de passagem, que essa ideia de comprar, não me agradou muito, mas como a maioria dos meus já não são lá essas coisas, decidimos optar por uma mudança total. Casa nova, vida nova, e porque não móveis novos? O que é dois pés na lama para quem já tem um?

E hoje o Noah assinou a papelada que precisava e já ia pegar as chaves do apartamento. Estamos animadíssimos com essa notícia, é um passo gigantesco para nós, mas os riscos são bem menores que os benefícios.

Eu e o Yago estamos esperando ele voltar, lendo um livro de histórias infantis. E eu tenho que reconhecer, os horários de estudo que o Noah tem com ele, melhorou muito a sua leitura, quase não tive que ajudar em nenhuma palavra. A paciência que o Noah tem em ensiná-lo, mesmo com

algumas dúvidas no nosso português, é incrível. Nem eu tenho tanta assim para ensinar ele a ler, e fico toda atrapalhada explicando essas coisas, me dou bem mais nesse quesito se for alguma partitura de música ou então quando ensino alguma criança com algum instrumento novo.

Estou sentada com ele no meu colo na cama do hospital, as enfermeiras nem reclamam mais quando nos encontram aqui em cima com ele, ainda mais agora que ele dorme sempre agarrado em mim à noite. A cama é grande e cabe nós dois tranquilo aqui, e eu me sinto bem melhor em saber que ele está nos braços dormindo.

Mas hoje, depois de uns dias tensos em todo o ambiente hospitalar, e com o Yago sem quadro nenhum de complicação, eu e o Noah, vamos dormir em casa. Precisamos de uma noite plena de descanso depois do estresse desses últimos dias.

No início da semana passada, um dos amigos do Yago, Felipe, que estava internado na ala de oncologia há quase um ano, veio a falecer por não conseguir mais esperar por um doador. E isso foi horrível.

Ele era um pouco mais velho que o Yago, e foi um dos primeiros a fazer amizade com ele, quando chegamos aqui. Seus pais estavam arrasados, assim como todos nessa parte do hospital. O silêncio que o andar ficou era melancólico e nos fazia pensar em tudo o que passamos e nos perguntarmos, mais uma vez: porque com eles? Porque essa doença ainda insiste em levar nossos anjos desse jeito? Com tanto sofrimento e lutas? Isso não é justo, com nenhum deles. O Felipe era uma criança incrível, sorridente, com um brilho no olhar intenso e contagiante, e não merecia isso de jeito nenhum, assim como todas as crianças que passam por isso.

Nos ficamos destruídos, eu chorei, o Noah chorou, e o Yago também. Foi difícil ter que explicar para uma criança de sete anos, que um dos seus amiguinhos não vai mais voltar, porque não resistiu à mesma doença que ele. O meu Anjo se agarrou em mim e chorou até adormecer nos meus braços. As enfermeiras e médicos estavam abalados e quase não havia conversas nos corredores, ou até mesmo na ala infantil. Todos estavam sofrendo por dentro, porque até então, nenhum dos internos está livre de ter que passar por isso.

Depois do Yago estar mais calmo, eu e o Noah fomos ao velório. Mesmo que não quiséssemos ir, tínhamos que dar a nossa solidariedade aos pais dele que sempre nos ajudaram quando precisamos. Não conseguimos ficar mais de dez minutos, tudo era muito intenso. Entramos, abraçamos os pais e entregamos um presente, uma foto do Yago e o Felipe na festinha de aniversário do Yago no hospital. A foto é linda, os dois, abraçados e sorrindo para a câmera, sem câncer, sem toneladas de quimioterapia percorrendo seus pequenos corpos, sem efeitos colaterais, sem filas de espera... Só duas crianças felizes brincando para a câmera.

Saímos de lá nos sentindo um caco em pessoa. Entramos no carro e choramos silenciosamente, sem escândalo nem nada, só demos as mãos e deixamos as lágrimas descerem. Precisávamos colocar os sentimentos para fora antes que o Yago percebesse a nossa tristeza com tudo isso, e o nosso medo de um dia ter que passar por tudo isso. Secamos nossos rostos, e voltamos para o hospital para cuidarmos do nosso anjo e rezar para que essa seja a última perda que essa ala tenha que ser testemunha.

Os minutos demoravam a passar, viravam horas, e dias, e aos poucos a rotina do hospital voltava ao normal. As crianças ainda olhavam para a cama vazia com um pesar infantil, e os pais a evitavam, mas estávamos todos bem a princípio. A dor ainda continuava presente, mas já

conseguíamos administrar ela em doses homeopáticas e seguindo as nossas vidas.

— Mãe — Yago me chama, me acordando desses devaneios. Abro um sorriso ao ver que ele não me chamou de Tia Su, como às vezes ele se esquece, e acaba se corrigindo segundos depois. Meu coração dá um pulo de felicidade cada vez que ele me chama assim.

— Oi — beijo a sua testa.

— O pai vai demorar? — firmo mais o sorriso, cada vez que o Noah escuta o Yago o chamar assim, litros de baba escorre dele.

— Não sei — olho no celular que está ao meu lado —, ele já deveria ter chegado. Vai ver está vindo junto com a Tia Elis.

— É — Yago se mexe no meu colo e pega uma das folhas um desenho. — Será que a Tia Elis vai gostar desse desenho que eu fiz para ela?

Ele me mostra a folha pintada. Um pinguim, que eu acredito que seja o Pingú, não sei qual a mágica que esse simples boneco de pelúcia fez com esses dois.

— É o Pingú? — ele sorri e acena com a cabeça.

— Ela ficou triste por ele estar comigo, então fiz esse desenho para ela ficar mais feliz. Será que ela vai gostar? — seus olhos brilham.

— Tenho certeza que sim — ele pega a folha da minha mão, fecha o livro de histórias infantis, e escreve o nome dele, o do pinguim e da Elis.

Ele volta a pintar e desenhar e eu fico pensando: onde foi que o Noah se meteu? Ele deveria ter chegado aqui há, no mínimo, uma hora, e até agora, nenhum sinal de vida dele. E ele tem que ajudar o Yago a tomar banho, já que eu e as enfermeiras não podemos ver ele sem roupa. Olho de novo no relógio do celular, e nada. Coisa boa não deve estar aprontando, já conheço todos os truques que aquela mente brilhante possa ter. Hoje de manhã, ele estava quieto demais para o meu gosto. Começo a pintar junto com o Yago um desenho qualquer e me perco no tempo, e quando menos esperamos, uma maluca entra porta a dentro.

— Tô atrasada, eu sei — ela fala exacerbada e tirando os cabelos do rosto. — Mas cheguei! Oi Vaca, oi chato.

— Olha Tia Elis — Yago quase salta da cama, levando soro e tudo, para entregar o desenho.

— O que é... — Elis olha a folha e arregala os olhos. — Ai que lindo! É o Pingú? — uma voz meio embriagada sai dela, e eu vejo seus olhos se marejarem.

— É — ele confirma —, eu sei que tu ficou triste por me emprestar ele, então fiz o desenho para não ficar mais assim.

— É lindo... — ela pisca algumas vezes e olha para mim que dou de ombros e sorrio. — Obrigada Yago, vou colocar na mesinha de cabeceira do meu quarto, para olhar o desenho sempre que acordar.

E a Elis abraça o meu Anjo e o beija diversas vezes, que eu quase tenho um ataque de ciúmes vendo essa cena. Eles se soltam, e o Yago volta para o meu lado. Meu Anjo! Sou ciumenta sim!

— Cadê o pai do ano? — Elis me pergunta ainda limpando algumas lágrimas que ficaram.

— Boa pergunta, ele já deveria estar aqui a um bom tempo — começo a me levantar da cama, minha bunda já está quadrada de ficar aqui deitada com o Yago. — Ele deve estar aprontando alguma coisa, daqui a pouco chega com aquela cara de anjo caído.

Yago volta a ficar entretido com as pinturas, e eu aproveito o tempo livre para pegar o notebook e repassar algumas coisas com a Elis. Agora eu só acompanho a turma extra de funcionários, a antiga deixei a cargo da Carla, e não poderia estar se saindo melhor. Já comecei a olhar algumas instalações para o meu futuro salão de eventos, na internet, mas nada ainda me agradou. Pelo visto, vai ser mais fácil comprar o terreno e construir do meu jeito, no fundo até sairá mais barato do que comprar algum e reformar até chegar onde eu quero.

Mantenho contato direto com a Carla por e-mails e telefonemas seguidos para discutirmos as melhores ideias para cada evento. Se eu soubesse que isso ia me poupar tanto estresse em organizar os eventos, já teria feito isso a muito tempo. Mas não, a mania de fazer tudo sozinha, sempre falou mais alto. Bem feito Su, agora aprende.

A porta se abre, e um Noah atrasado aparece, como se nada estivesse acontecido.

— Oi amor — ele vem e me dá um selinho. — Vaca... — passa pela Elis, que dá um tapa nas costas dele. — E o meu garotão aqui — e amassa o Yago que começa a rir.

— Para pai — Yago grita tentando se esquivar do Noah.

Ele continua a fazer cócegas em um ritmo mais lento, até parar completamente, e termina com um beijo demorado na sua cabeça. Depois disso, encaminho os dois para o banho, já que daqui a pouco começam as medicações noturnas do Yago e eu não gosto de atrasá-las. Saímos do hospital, pouco depois dele estar de pijama, jantado e caindo de sono. Dou mais algumas instruções para a Elis, que já está a ponto de nos espulsar do quarto, beijo o Yago mais umas cinquenta vezes e deixamos o quarto.

— Tenho eu passar em um lugar antes, pode ser? — Noah fala assim que colocamos o cinto de segurança.

— Sem problemas — respondo, sem dar muita bola, estou me mordendo por dentro para saber onde ele estava para chegar aquela hora aqui. Mas fico firme e não pergunto, mesmo depois dessa minha resposta, ele se ajeita no banco e um meio sorriso sacana aparece naquele rosto.

Ligo o rádio do carro enquanto ele dirige. Não conversamos nem nada, mas no meio do caminho, ele pega a minha mão, que estava em cima da minha coxa esquerda, a beija e não solta até chegarmos ao prédio onde fica o nosso novo apartamento.

— Vem comigo — ele desce e pega uma mochila no banco de trás do carro, nem tinha percebido que ela estava ali.

Solto o cinto de segurança e saio do carro com o Noah ao meu lado buscando a minha mão e apertando forte. Ainda não falamos nada, desde que ele chegou ao hospital sobre a compra do apartamento, que, aliás, eu estive só uma vez. Subimos até a cobertura e quando paramos na porta, vejo o Noah puxar do bolso o chaveiro, rosa brilhante em forma de S que eu dei para ele quando completamos um mês de namoro, a uns longínquos meses atrás, e sorrio. Ele abre a porta, e quando eu começo a andar para entrar ele me para.

— Não! — Dou um pulo de susto com o grito que ele deu no meio do corredor vazio. E quando

eu menos espero, me pega no colo, uma mão nas minhas costas e outra nas minhas pernas, pareço uma noiva entrando para as suas noites de núpcias. — Agora sim podemos entrar.

Começo a rir sem parar. Ainda bem que esse corredor está vazio, porque o Noah quase caiu no chão depois que deu o primeiro passo comigo no seu colo. A mochila que ele está carregando está cheia e veio para frente quase nos derrubando. Noah me ajeita nos seus braços, delicadamente, como uma mula, me jogando para cima. Tive que me segurar no seu pescoço para não cair de bunda no chão, mas conseguimos entrar no nosso novo apartamento.

— Acho que está meio escuro aqui — falo depois que ele fecha a porta com um pontapé e um breu só toma conta de tudo.

— Só amanhã que vão religar a luz, esqueci desse pequeno detalhe. Amor, pega no meu bolso o meu telefone e liga a lanterna.

Começamos a rir alto para valer agora. Tento procurar o bolso dele, no escuro, e quando começo a tatear ele fala.

— Cuidado com o que tu aperta aí Fofa. Ou melhor, continua — Acho o celular dele e ligo a lanterna, mas ainda não consigo parar de rir.

— Qual é o plano Noah? — limpo algumas lágrimas de tanto rir e o beijo de leve.

— Nossa primeira noite, no nosso apartamento — Noah começa a caminhar e eu ilumino o caminho.

Passamos por todo o apartamento até chegar ao nosso fatídico quarto. Ilumino o ambiente com a luz da lanterna do celular do Noah, e vejo um colchão no meio do quarto.

— Nós vamos dormir aqui hoje! — Ele fala animadamente e me atira de novo para cima, para me arrumar no seu colo. Eu ainda vou cair de bunda desse jeito!

— Me coloca no chão — mexo-me e ele começa a rir.

— Não, tenho que te levar até a cama — lentamente, ele se ajoelha no chão e me coloca sobre o colchão no meio quarto. Quando estou certa de que ele vai me beijar, ele se distancia.

Caminha até a mochila que ele trouxe e procura alguma coisa remexendo em tudo. E eu assistindo de camarote a tudo isso.

— Quer ajuda? — pergunto depois de algum tempo em que ele fica tirando as coisas da mochila, mas não identifico nada.

— Não, tu fica aí onde eu te coloquei. Achei — e me mostra um pacote de velas e uma caixa de fósforo.

Fico em silêncio depois dessa e deixo o Noah terminar de executar o seu plano. Vela após vela, ele as acende e deixa o quarto com uma iluminação fraca. Percebo os outros detalhes do quarto conforme a luz chega em todas as extremidades. Um balde com uma garrafa de champanhe e alguns copos descartáveis junto com algumas bolachas salgadas que ele deve ter trazido lá de casa, já que está aberto e na mesma quantidade que eu havia deixando ontem à noite.

Ele termina o serviço, se volta para mim e me beija lentamente.

— Isso tudo é para comemorar a noite?

— Sim, mas ficou parecendo um ritual satânico — ele ri. — Nos filmes fica mais bonito e romântico a cena, e... — calo a sua boca com um beijo.

— Por isso que chegou aquela hora no hospital? — Noah me beija e se deita em cima de mim.

— Sim. Passei em casa, dei comida para a máfia de quatro patas, e peguei as coisas às pressas. Voltei aqui, deixei meio arrumado, e fui lá te buscar. No meio do caminho, me lembrei de que não tem luz, voltei no apartamento, peguei as velas e mais algumas coisas e fui para o hospital. Se eu tivesse me preparado antes, ficaria mais bonito, mas foi o que deu para fazer hoje.

— Eu amei — percorro a minha mão pelo seu rosto, a barba desalinhada e pedindo uma boa aparada para o meu rosto para sentir a sua aspereza.

Começo o beijando lentamente e percorrendo toda a extensão das suas costas com as minhas mãos, até chegar naquela bunda linda, apertar e puxar para colar com a minha pélvis. Por mais que a semana tenha sido estressante e cansativa, quero comemorar as nossas vitórias e celebrar a vida que ainda temos completa.

— Calma aí apressada — ele dá uma risadinha, se levanta ficando de joelho, olha para mim ferozmente e balança a cabeça. — Sem artimanhas para me tirar dos planos originais — gemo de frustração com isso tudo.

Volto a me deitar e vejo a sua sombra se levantando, as luzes das velas dão uma nova perspectiva para tudo que acontece na nossa volta, fora o calor que emanam deixando o quarto pior que um forno. Mas quem vai reclamar de fazer amor à luz de velas, e ainda sendo na primeira noite em que dormimos aqui? Eu que não!

Ouço o barulho de água e gelo e levanto para ver o que ele está fazendo, e bem nessa hora o estouro do champanhe me faz quase dar um pulo de susto. Noah olha para mim enquanto serve um copo de plástico com a bebida, faço uma cara questionadora e ele começa a falar.

— Até peguei uma taça, mas deixei ela cair quando o Gato pulou em cima da bancada da cozinha me assustando — típico desses dois. — Então para não ter mais problemas peguei esses mesmo — ele termina de servir. — Vai me acompanhar?

— Tu sabe que eu não bebo Noah — o lembro da minha aversão. Não é por nada, mas estudos dizem que o vício por álcool pode ser passado de pai para filho, e tendo o meu passado, prefiro não arriscar. Já fico bem alteradinha quando o Noah me beija depois de umas doses, quem dirá se eu mesma entornar o caneco.

— Eu bebo por ti amor — ele pega o balde com gelo e a garrafa e arrasta até onde eu estou. Me sento na sua frente e ele levanta o copo descartável. — Em comemoração a nossa casa, nosso filho e tudo mais de feliz que iremos passar aqui.

— Juntos — Completo. — E que todos os nossos problemas sejam esquecidos do lado de fora dessa casa e que somente os bons sentimentos reinem aqui.

— Saúde, Amor.

— Saúde — ele toma o conteúdo do copo em poucos segundos, o coloca no chão e volta

para me beijar. De tabela, também participo do brinde.

~

— Preciso de um banho — falo manhosamente deitada no seu peito.

O calor das velas está insuportável, estamos suados e com sorrisos bestas estampados nos nossos rostos e um poucos melados também, já que tomar champanhe no copo plástico não foi suficiente e ele resolveu tomar um pouco no meu corpo. Rimos, conversamos, comemos as bolachas que ele trouxe, e eu comprovei que eram as lá de casa mesmo, porque estavam moles, mas com a fome que eu estava, iria encarar de qualquer jeito. Voltamos a conversar mais um pouco, falamos de tudo que nos afligia, medos, receios e preocupações, e no fim, chegamos a conclusão que temos que estar agradecidos com o temos hoje.

— Tem gelado — Noah fala com a voz arrastada, sim, estamos podres de cansados em todos os sentidos dessa palavra. — E eu trouxe roupas também.

— Sêrio? — levanto a cabeça e olho para ele.

— Sim, sabia que tu ia inventar de querer tomar banho, e se não tivesse nada iria querer voltar para casa. E eu quero que nós passemos a noite aqui hoje.

— Pensou em tudo mesmo, não é? — seu sorriso confirma a minha teoria. Me levanto e olho para ele. — Vem que eu não vou andar nessa escuridão e ainda tomar banho gelado sozinha.

Ele levanta e derruba uma vela no chão.

— Isso, põe fogo no apartamento antes mesmo de nos mudarmos — sorrio com ele apagando a vela correndo. Noah levanta, com a vela acesa na mão e olha para mim.

— Acho que vou apagar essas outras para não haver perigo durante o banho.

— Vai ser rápido — pego uma acesa para levarmos até o banheiro.

— Acho que não vai ser não, Amor. Já vamos aproveitar e inaugurar ele também.

— Com água gelada? — olho para ele e um sorriso sacana aparece naquele rosto.

— Tu vai estar lá para contrabalancear essa temperatura, e não há gelo que tu não derreta para mim.

Engulo em seco quando ele fala essas palavras e umedeço os meus lábios que ficaram secos instantaneamente. Noah começa a apagar as velas as assoprando e ficamos com apenas duas para nos guiar até o banheiro, no outro lado do quarto.

Assim que a água gelada entra em contato com a minha pele, um arrepio me sobe, mas logo é interrompido com o calor do corpo do Noah atrás de mim. Começamos a nos beijar e eu até me esqueço que essa água que cai sobre as nossas cabeças, está mais gelada que gelo derretido.

Por Noah

Agora é oficial. Sou um homem de família, com casa, filho e cachorro, e um gato de intruso.

Assim que assinei os papéis do apartamento, milhares de pensamentos vieram a minha cabeça. Como eu me meti nisso? Será que vai dar certo? E se eu não der conta de toda essa responsabilidade? Cheguei a ficar tonto de tantas questões assim. Ainda bem que assinei os papéis sentado, senão ia ter perigo de desmaiar.

Me lembro do corretor me dar os parabéns e me entregar as chaves e controle do portão do novo apartamento, acho que agradeci, e sai correndo o mais rápido possível. Eu estava perto de ter um surto de pânico e não tinha a mínima ideia de como me livrar dele.

Dirigi até o apartamento, mas não lembro como foi o trajeto. Cheguei em casa, alimentei os mafiosos de quarto patas e me sentei no sofá. Olhei para cima e cada vez que fechava os olhos, dúvidas me invadem, por uns instantes, me senti como a Su quando temos algum problema a nossa frente, as dúvidas estavam me sufocando, preocupações em cima de preocupações, medos se acumulando dentro de mim e uau! Como ela consegue sempre se manter tão acima de todos com essas perguntas sem respostas? Mais uma vez me senti um pedaço de merda em comparação a ela.

Meu telefone tocou e eu atendi no automático, sem nem olhar no visor quem estava me chamando.

— Noah? — ouvi o meu pai do outro lado, e respirei aliviado. — Tudo bem?

— Oi pai... Acho que sim, não sei — ele fica mudo esperando que eu fale o que está me atormentando. — Acabei de assinar os papéis do apartamento e... — suspiro e me xingo mentalmente por essa minha falta de tato com ele.

— E agora diversas dúvidas te vêm à cabeça? — ele fala tão calmamente que eu chego a ficar sem palavras. Mas como...? Como ele adivinhou isso? Ouço a sua risada e ele continua a falar. — Ora Noah, quem não teve um ataque de pânico ao comprar a primeira casa? Fiquei uma semana sem dormir antes de me mudar com a tua mãe — outra risada. — E ela estava grávida de seis meses de ti, então as coisas foram bem rápidas, por assim dizer.

— O Yago me chama de pai — falo lembrando da primeira vez que ele me chamou assim. Eu fiquei completamente sem ação por uns bons segundos para assimilar isso. Foi como se nesse instante, todo o meu mundo virasse de cabeça para baixo e o meu eixo tivesse sido aprumado em direção a uma criança de sete anos.

O silêncio entre nós continua, sei que ele não vai falar nada até que eu conte tudo o que está me afligindo. Estou começando a entender a dinâmica dele, deixar eu me expor por completo para saber onde eu estou enredado e tentar me dar um norte para a situação.

— Isso mudou alguma coisa dentro de mim — suspiro novamente, pego uma das nossas fotos na mesa de centro e fico olhando para a imagem, é uma das mais lindas que temos, mandei até fazer um quadro dela para a nova sala. — Foi como se o meu mundo tomasse outro rumo e...

— Tudo na vida não tivesse mais sentido? — completa e eu respondo que sim. — É meu filho, todos os pais se sentem assim quando veem o filho pela primeira vez. Mas todas as

tuas dúvidas e preocupações são respondidas com uma única pergunta, Noah: tu ama eles?

— Sim — respondo sem hesitar meio segundo que seja —, eles são as melhores coisas que aconteceram em toda a minha vida, pai. Tenho até medo de imaginar o que seria de mim sem a Su e o Yago hoje.

— Então Noah, tudo se resume a isso. Amor. Ter dúvidas é normal, todo mundo tem, criar um filho então... — ele ri.

— Imagino — falo tristemente, me lembrando de tudo o que eu fiz para o meu pai, todas as nossas brigas e as tantas vezes que eu não valorizei os seus conselhos.

— Mas a questão não é essa Noah. E sim no que os filhos se tornam no futuro, olha o teu caso. Por mais que nós tivéssemos brigado no passado, adiantou?

— Não... — respondo com a vergonha percorrendo todo o meu corpo. Tudo o que ele me dizia, eu fazia o contrário, de birra mesmo. No fundo achava uma encheção de saco sem fim e nunca me importei com os conselhos que ele me dava. E hoje, o que eu mais quero é escutar um que me faça enfrentar tudo.

— Tu teve o teu momento rebelde e agora passou, e eu não posso estar mais orgulhoso do que tu está se tornando agora, meu filho. Te ver com essas dúvidas me faz perceber que, aos trancos e barrancos, tu está te tornando um homem de verdade, com compromissos e preocupações que só um pai de família tem.

— Eu estou com medo de não conseguir dar conta de tudo — falo por fim, no fundo esse é um dos meus maiores receios, de não ser perfeito em todos os momentos e acabar decepcionando as duas pessoas que eu mais amo.

— Medos todo mundo tem, Noah. Só que temos que dar as costas para ele e ir levando um dia de cada vez. Não é fácil, eu sei disso. Mas te garanto que ter uma família é a melhor decisão que tu possa ter. Eu sei que tu já amadureceu muito desde que se mudou para o Brasil, e eu não vejo a hora de conhecer a minha nora e o meu neto, mas primeiro de tudo, Noah: dê segurança e amor para eles, que no resto, tudo se ajusta.

— Eu vou pai — falo baixinho tentando não chorar como um bebê com essas palavras —, prometo que vou dar tudo o que eles merecem e amar com toda a força que eu tenho.

— Eu sei que vai Noah, por mais cabeça dura e teimoso que tu seja, o teu coração grande, sempre falou mais alto que toda essa carreira de modelo elegante que tu sempre teve — rio baixinho.

— Obrigado pai.

— Não é nada, filho, apenas disse a verdade... E Noah?

— Sim? — sei que o melhor conselho sempre vem por último.

— Aproveita que já comprou o apartamento e vai estreiar ele com a tua mulher, aposto que ela vai adorar isso. — Não disse?

Desligo o telefone, sorrio para as fotos e começo a planejar a nossa noite romântica. Pego uma garrafa de champanhe que tinha trazido do meu outro apartamento, gelos e um balde. Procuro as taças e quando encontro uma, o Gato me dá um susto do caralho e eu derrubo a

quebrando. Perco tempo catando os cacos de vidro, senão capaz dele ou do JB se machucarem, e decido por pegar alguns copos de plástico mesmo. Como não há comida aqui, e pelo o horário não vou achar anda decente para comprar, pego o primeiro saco de bolachas que eu encontro atirado em cima da mesa. Passo no quarto do Yago e carrego o cochão dele e depois de conseguir, não sei como, colocar ele dentro do meu carro, saio e descarrego no apartamento novo.

No meio do caminho me lembro do corretor falar que somente amanhã vai ter luz, volto para casa, o Gato mia e o JB late por mais comida e eu me dou por vencido e coloco mais ração para eles, que merecem já que estão quase sempre sozinhos aqui no apartamento, e eu faço uma promessa silenciosa: assim que tudo isso passar, vou comprar todos os mimos que essa máfia de quatro patas puder suportar e brincar com eles sempre que puder.

Pego uma mochila e coloco um pacote de velas e uma caixa de fósforos, vai ser até romântico no final de contas, penso. Aproveito também e coloco umas roupas minhas e para a Fofa, sei que ela vai querer tomar um banho depois de tudo o que eu planejo fazer. E finalmente vou para o hospital, bem atrasado, mas com um sorriso no rosto. Tudo o que eu precisava era de uma injeção de ânimo e alguém para me dizer o que eu já sabia, eu estou no rumo certo e fazendo o que o meu coração manda.

Quando eu chego no quarto e vejo os amores da minha vida me esperando, tudo se confirma. Meus medos são transformados em certezas e as minhas dúvidas em afirmações. Eu não preciso de mais nada para ser feliz, só deles ao meu lado.

A Fofa está louca de vontade de saber onde eu estava, e o melhor, o que estava fazendo, mas esconde até o último instante. No momento em que abro a porta do apartamento, uma ideia me surge e eu tenho que colocá-la em prática. Pego a Su no colo, como um casal de noivos entrando na sua noite de núpcias e fecho a porta para o tão esperado “enfim a sós”, mas o que eu vejo é um breu total. Esqueci que não tinha luz. Eu deveria ter passado de novo aqui antes de ir até o hospital, ter feito um caminho de velas, ou sei lá o que, mas a pressa de ter esse momento me fez esquecer alguns itens básicos. Então viva a lanterna do celular!

Depois de conseguir colocar o meu plano em prática, percebi que não levo jeito nenhum nessas coisas românticas, e o que era para parecer um quarto iluminado a velas para dar um clima, parece uma cena de um ritual satânico em uma casa abandonada. A luz não ficou legal, e eu não soube distribuir as velas corretamente, ou então as que eu tinha, não eram apropriadas para isso. Dá próxima vez, prometo que vou pesquisar mais sobre esse assunto. Mas mesmo assim, a minha Fofa amou a minha noite romântica e consegui realizar a maioria dos meus planos para nós dois.

Acertei na parte do banho, ainda mais que estávamos melados do champanhe que eu insisti em tomar cada gota que eu espalhei em seu corpo. Estávamos felizes, casal animado com a compra do primeiro apartamento em conjunto, nada iria nos impedir de dormirmos aqui. Ainda mais quando voltamos do banho, nada rápido, e o cheiro de fumaça das velas que eu apaguei, contaminaram o ambiente. Tivemos que abrir as janelas, mas então, os mosquitos começaram a nos comer vivos aqui no chão. Ou seja, foi um desastre em si, mas valeu a pena por estar com ela aqui deitada em cima de mim e quase dormindo como um anjo.

Sua perna está no meio das minhas, e sua cabeça descansando no meu peito. Passo toda a conversa que tive com o meu pai mais cedo ao telefone, e atento mais na parte em que ele me

perguntou se eu os amava. Acho que amar é pouco para o que eu sinto em relação a eles. Nada mais faz sentido em minha vida não tiver a companhia deles ao meu lado. Não me vejo sem o sorriso do Yago a cada brincadeira nossa, sem os ataques de braveza da Su, quando eu implico com ela, até mesmo sem o Gato me arranhando cada vez que eu passo por aquela bola de pela branca.

— Noah...

— Oi...

— O que está fazendo? — ela me pergunta com uma voz baixa, como se estivéssemos no hospital e o Yago dormindo.

— Pensando um pouco na vida — falo no mesmo tom. — E tu?

— Também — ela solta uma respiração mais longa e me aperta mais em seu abraço. — Nós vamos ser felizes aqui, não é?

— Sim — sorrio olhando para o teto. — Nós cinco. Eu prometo — Su levanta a cabeça para mim, mesmo com apenas uma vela acesa, consigo ver o brilho nos seus olhos.

— Eu também prometo.

E eu a puxo para um beijo e faço uma promessa silenciosa. Eu prometo, meu amor, vou fazer de tudo para sermos a família mais feliz que já viveu nesse mundo. Vou ser responsável por amar e proteger vocês até as minhas últimas forças e lutar junto por cada sonho que queiram realizar.

— Obrigada Noah.

— Pelo que, Fofa? — ela sorri e volta a se deitar no meu peito.

— Por não desistir de mim, mesmo quando eu sou uma vaca contigo — começa a rir baixinho.

— Mas foi isso que me fez apaixonar por ti Fofa — ela ri, e o som da sua risada me faz apaixonar um pouco mais, se isso é possível.

— Bobo — ela beija em cima do meu coração e se deita novamente.

— Fui promovido? Gostava mais do idiota — ela ri e se aconchega mais ao meu lado. Se eu fosse definir essa noite em uma palavra, perfeita, seria apenas uma ponta do iceberg que ela representa.

— Só achei esse apartamento... — ela para de falar e eu fico esperando a conclusão.

— Esse apartamento... Continua Amor.

— Não estou reclamando nem nada, só que... Ele é branco demais. E eu queria um pouco mais de cor nele — ela fala e se deita completamente em cima de mim. — Não aguento mais branco e verde de hospital na minha frente, e sei que o Yago não iria querer essas cores aqui, vão trazer lembranças desse tempo em que passou lá e... Será que eu posso...?

— Claro Amor — sorrio. — Essa casa é tua também, pode fazer o que quiser com ela. Aliás, eu estava pensando em chamar uma decoradora.

— Não, é caro demais. Eu dou um jeito nisso!

— Como?

— Quem tu acha que pintou o meu apartamento? — nem respondo por que já sei a resposta. — Eu e a Elis. Ou melhor, eu, porque a Elis não sabe pintar, mas ficou um bom trabalho.

— Certo, escolhe as cores que eu te ajudo — ela olha para mim.

— Sério? Tu e um pincel? Acho que não ia dar boa coisa.

— Eu sei manusear um pincel muito bem — falo sério e com um tom irônico, até que ela não se segura mais e começa a rir.

— Sim, claro. Manuseia muito bem esse pincel que tu está falando — começamos a rir mais alto dessa vez, até que ela boceja de sono. — Mas o de pintar é diferente. Sei que eu não sou nenhuma pintora profissional, mas algumas paredes eu me garanto — outro bocejo.

— Certo, então agora só falta vermos os móveis, tintas, o quarto do Yago, cozinha, banheiro...

— E mais algumas quinhentas coisas — completa e ri baixinho.

— Vamos dormir Fofa. Amanhã pensamos nisso.

— Dormir na nossa casa nova — sorrio para o nada.

— Só falta o Yago aqui — murmuro.

— Sim, não vejo a hora de ele estar curado — sua voz já sai um pouco mais arrastada pelo sono que vem a dominando aos poucos. — Vamos ser tão felizes aqui juntos...

— Sim... — concordo e fecho os olhos por um pouco mais de tempo que leva uma piscada normal.

— Eu amo vocês Noah...

— Eu mais ainda... — falo e adormeço com ela aos meus braços. A voz do meu pai é a última coisa que eu escuto antes de ferra no sono por completo.

Segurança e amor.

Sim pai, eu prometo que dessa vez não vou decepcionar tu e nem eles. Eu prometo...

Capítulo 53

Fecho a porta silenciosamente e o cheiro de tinta fresca ainda é forte, mas eu não dou bola, o trabalho que eu fiz aqui me enche de orgulho e o que eu mais quero nesse momento é testar a acústica da sala e a afinação recente do meu piano, sem me importar que é um pouco mais de quatro da manhã. Eu estou sem sono mesmo.

Olho para a parede de fundo que eu pintei de um verde água mais escuro e com vários adesivos com referências musicais que eu encontrei na internet. Corro os olhos em toda a extensão e sorrio. Meus instrumentos nunca estiveram tão protegidos e bem distribuídos em uma sala, ficou tudo perfeito. Meus violões e guitarras em pedestais individuais, minhas gaitas, que faz séculos que eu não toco, em prateleiras feitas para elas e até a minha antiga bateria está montada. Mas o que me chama a atenção é o piano, no meio da sala, com a tampa aberta e brilhando de tão lustroso que se encontra. Foi uma briga e tanto transportar ele para cá. Eu gastei uma pequena fortuna para ele chegar com toda a segurança possível para um piano de cauda gigante.

Uma semana depois de termos passado a nossa primeira noite no novo apartamento, a venda do meu saiu. Fiquei alegre e triste ao mesmo tempo. Por um lado esse era um laço forte com a antiga Su que eu era. A que não suportava ninguém, que preferia ficar os dias em casa enfiada do que conhecer pessoas novas ou tentar alguma coisa diferente. Quando eu comecei a empacotar as minhas coisas, uma nostalgia tomou conta do meu corpo e as lembranças do que eu havia vivido ali ficaram mais nítidas na minha mente. Como a primeira vez que dormi ali, sozinha e pensando que seria feliz do jeito que eu estava, quando o Gato se mudou para a minha casa e todas as noites ele miava até eu levantar para buscá-lo para a minha cama, desde pequeno já era mimado. Mas o que me “doeu” mais por arrumar, foi o meu quarto de música, que estava sendo dividido com o Yago. Cada hora que eu passei ali, pensando que estava fadada a ficar sempre a mesma coisa, casa, trabalho, orfanato e assim vivendo um ciclo sem fim. Eu era uma pessoa triste e nem me dava por conta.

Sentei na cama do Yago, sem colchão e fiquei olhando para cada coisa que eu conquistei sozinha. Quando fui colocar as mãos no rosto, senti a aspereza da nova aliança que eu usava, já que a nossa de latão, estava começando a descascar em alguns pontos e em outros já começava a enferrujar. Ela é de prata e com uma linha de ouro no seu meio, delicada e ao mesmo tempo representando o melhor que eu tinha na minha vida. Eu e o Noah representados pelas bordas de prata e o Yago no nosso meio representando o nosso maior tesouro. Ainda tenho guardada as nossas de latão e sei que nunca vou me desfazer delas.

Vê-la ali me deu um novo ânimo para começar a arrumar as coisas para a mudança. Meu apartamento era como as alianças de latão, por mais bonita que fossem externamente, um dia iriam lascas e enferrujarem, e agora que tenho mais duas pessoas comigo, preciso moldá-lo para virar as de prata. Assim com eu evolui de um ano para cá, estava na hora de mudar totalmente e encarar o futuro de frente.

Depois de ter conseguido empacotar tudo o que iríamos usar no novo apartamento, veio à hora de me despedir dos meus antigos móveis. Até parece uma futilidade pensar nisso, mas eu

nem sabia que era apegada a cada prego que havia naquela casa. Mesmo sabendo que tudo já estava montado e novo no outro apartamento, uma dor começou a dar sinais no meu coração. Mas respirei fundo e não olhei para trás quando eu fechei a porta pela última vez, sabendo que as minhas coisas, muitas que a tanto custo conquistei, iriam para pessoas que realmente precisavam e o casal que havia comprado, iria ser muito feliz ali.

E agora já estamos aqui. Pinteí algumas paredes para dar mais vida a casa, fiz algumas mudanças e aos poucos vem se tornando mais parecida que um lar, para isso acontecer, só falta um quesito: a cura do Yago. Estamos na mesma quanto a isso. Continuamos nos revezando no hospital para um de nós estar sempre presente e nunca deixá-lo sozinho, e pelo menos, uma vez por semana, eu e o Noah dormimos em casa para descansarmos um pouco. Mas pelo visto, hoje eu perdi o sono completamente e por isso estou aqui testando o isolamento acústico que foi instalado ontem nesse quarto, acho que deve estar funcionando, pois o Noah ainda não acordou com a música que estou tocando....

Oficialmente, comemoramos o nosso um ano juntos ontem à noite, já que na data oficial, estávamos com o Yago com uma possível infecção respiratória e não saímos do lado dele à noite toda. Ele estava assustado e quando se agitava começava a tossir e de quebra, muitas vezes, chagava a vomitar. A saúde do nosso anjo era mais importante que a comemoração. Quando ele estiver curado, vamos ter tempo de sobra para comemorar o tempo que estamos juntos. No fim, ele fez nós dormirmos com ele em cima da cama e no fundo, eu não poderia escolher um jeito melhor de comemorar estando com os dois junto comigo.

Deixamos para fazer alguma coisa hoje mesmo, o Yago iria ficar com a Elis e estava livre de infecções, por enquanto. Tiramos a noite para sairmos como um casal de namorados comum, jantamos em um restaurante simples no shopping e ficamos caminhando por entre as lojas e olhando algumas coisas que ainda faltam para o apartamento. Acabamos em uma loja de roupa e fizemos um pequeno rancho para o Yago, já que o novo guarda-roupa dele está praticamente vazio. Voltamos para casa e nos sentamos na sala para ver um filme, que de tão bom, eu acabei dormindo antes da metade.

Olho no relógio e vejo que ainda faltam uma meia hora para o despertador tocar para começarmos o dia, então saio do quarto, com a alma mais descansada e começo a preparar um café da manhã para o Noah, ele merece esse presente hoje.

Arrumo a bandeja, faço o café na nossa cafeteira chique que eu comprei para não ver mais o Noah frustrado tentando fazer um decente e caminho até o quarto. Meu lugar está ocupado por um Gato e um JB roncando, mesmo com a cama que o Noah comprou para cada um deles, e a do Gato é daquelas grandes que vem com partes para ele arranhar sem medo de ser feliz, a nossa cama e o sofá ainda são os preferidos da máfia de quatro patas.

Falando neles, os levamos para o hospital esses dias. Conversamos com o médico junto com as carteiras de vacinas e ele autorizou a entrada deles na ala de oncologia. Foi uma festa! O Gato estava no paraíso com toda aquela atenção infantil e carinhos infinitos, e óbvio que quando ele caiu no colo do Noah, deu uma arranhada básica para não perder o respeito. O JB eu pensei que ia desmaiar de felicidade, ou levantar voo pela rapidez que abanava o rabo quando viu o Yago! Foi lindo ver ele matar a saudade da máfia de quatro patas, e as outras crianças adoraram também os conhecer. Quando os deixei em casa, os dois caíram duros no sofá de tão cansados

que estavam, nem ração pediram a mais.

— Saíam da cama — falo baixinho vendo um Noah atirado na cama enrolado no lençol com a bunda para cima só de cueca.

O JB dá um meio latido enquanto o Gato se espreguiça lentamente e olha para mim com uma cara de “ok humana só saio daqui se o meu pote estiver transbordando de ração e a minha cama estiver naquele sol que eu amo dormir de patas para cima”.

— Está tudo lá, para vocês dois — respondo e como se eles entendessem, saíram do quarto no mesmo instante. Mafiosos!

Deixo a bandeja em cima da mesa de cabeceira e observo a cena. Uma perna coberta pelo lençol e a outra descoberta, a mão direita em cima do travesseiro e a aliança refletindo um raio de sol, enquanto a esquerda está embaixo da cabeça, e um sono ferrado. Chego de mansinho e começo a afagar seus cabelos amassados pelo sono.

— Bom dia — dou um beijo na sua bochecha e ele geme. — Acorda dorminhoco.

— Não... — vira para o outro lado, mas não me dou por vencida e subo em cima dele.

— Vamos lá Noah! Acorda — começo a me mexer em cima dele. Percorro minhas mãos por suas costas e ele geme novamente.

— Assim não tem como resistir — sua voz sai abafada pelo travesseiro e eu aproveito de sua vulnerabilidade e abuso mais um pouco.

Solto um grito infantil quando em um piscar de olhos eu estou atirada na cama e um Noah, totalmente desperto me prende nos seus braços.

— Bom dia Fofa — ele beija o meu pescoço e a barba, totalmente por fazer e desalinhada me fazem sentir cócegas. — Acordou cedo hoje?

— Quase nem dormi — ele começa a percorrer as minhas coxas com as mãos. — Levantei lá pelas 4 da manhã e fui tocar piano.

— Aconteceu alguma coisa? — o tom de preocupação toma a sua voz, e aqueles olhos azuis lindos que eu tanto amo. Sorrio e me abaixo para um beijo.

— Não, só uma ansiedade diferente, então fui para lá para não ficar rolando na cama e ainda te acordar — saio do seu colo e pego a bandeja.

— Poderia ter me acordado e conversado — espero ele se sentar e a coloco no nosso meio.

— Não é nada de mais Noah, agora vamos comer que eu estou morrendo de fome.

Na verdade, nem eu sei o que me tirou o sono. Sabe aquela ansiedade que nós dá quando estamos prestes a sair para uma grande viagem, ou perto de uma data importante? Foi mais ou menos com essa sensação que eu acordei, e ainda estou com ela no meu coração. Mas vai passar, só o tempo de eu chegar até o orfanato e começar a minha aula, nesse momento eu me esqueço da vida um pouco e curto somente a música.

Tomamos nosso café juntos na cama, brincando e rindo um com o outro. Fui para o banho, me arrumei, dei mais uns beijos no Noah, que estava para ir até a academia antes de ir até

o hospital, e saio para o orfanato.

Chego alguns minutos adiantada, arrumo a classe e ainda ligo para a Elis para saber como foi a noite, e como eu já esperava, a sua resposta foi a mesma de sempre: tranquila. Converso um pouco com elas e começo a minha aula.

Dou o meu coração inteiro pela música que as crianças resolveram tocar por escolha delas. Ensino, corrijo, arrumo, até elas estarem tocando lindamente. A aula passa num piscar de olhos, e quando percebo, estou almoçando sozinha no restaurante perto do orfanato de sempre. Pego o meu telefone e dou mais uma checada no meu Anjo e no Noah, por mais que eu esteja longe, a minha preocupação não me abandona. Almoço rápido, vou para o fusca, me fecho nele e pego o notebook para trabalhar um pouco enquanto a hora para começar com a turma da tarde não se inicia.

Aquela sensação ainda não saiu de mim, e eu já estou quase a ponto de desmarcar a minha aula e ir direto para o hospital. De uma simples ansiedade, está evoluindo para uma inquietação e falta de concentração drástica. Por segurança, ligo mais uma vez para o Noah que pelo tom de urgência na minha voz, percebe que eu não estou bem.

— Amor, aqui está tudo calmo, o Yago almoçou bem, foi até a ala de oncologia, brincou com as crianças, e agora está dormindo — suspiro de alívio. — Vai para casa dormir um pouco.

— Não... Estou bem — respondo com uma certa tranquilidade forçada para não deixá-lo preocupado. Olho no relógio e vejo que está quase na minha hora. — Vou dar aula e mais tarde eu estou aí — escuto um “teimoso” baixinho do Noah e sorrio. — Qualquer coisa me liga?

— Ligo Fofa. Boa aula.

— Obrigada, beijos nos dois — espero ele me responder com beijos e desligo o celular, respiro fundo e coloco o carro em movimento. Por mais que eu esteja completamente tentada a dar meia volta e ficar no hospital, sigo para o orfanato.

Dou a minha aula com a metade da atenção que as crianças merecem e estou me xingando muito por isso nesse momento. Minha cabeça não está aqui e pelo visto em nenhum lugar, tanto que eu deixo as crianças livres por uns dez minutos, para que eu possa tomar uma água e respirar um pouco de ar puro.

Vou até o portão do orfanato tomando goles pequenos de água e caminho de volta para a minha sala e quando chego perto da porta uma voz me chama...

— Amor! — viro e dou de cara com um Noah desajeitado, com a barba por fazer e o meu coração perde uma batida. Eu sabia que esse dia não estava indo conforme o plano.

Sua expressão muda de um segundo para outro quando me vê, e um sorriso se forma no seu rosto, mas completamente diferente dos que eu estou acostumada diariamente. Era de alívio, felicidade e um misto de amor que eu não conseguia identificar. Ele correu até mim, me abraçou e ainda me levantou do chão e disse às palavras que eu já esperava há um bom tempo.

— Encontraram um doador para o Yago!

— O procedimento vai ser simples — estamos sentados no consultório do médico do Yago, eu e o Noah.

Nesses três dias, desde que o Noah apareceu lá no orfanato para me contar, tudo aconteceu muito rápido. O doador foi encontrado, contatado e chegou aqui ontem. Exames foram feitos nele e no Yago e com os resultando aprovados, estamos prontos para o transplante.

— Vamos retirar do doador uma certa quantidade de medula por punções nos ossos da bacia e então, depois de estar tudo certo, começa a infusão para o Yago.

— E como é feito isso? — pergunto um pouco apreensiva, pois não tenho a mínima ideia de como isso acontece.

— Como uma transfusão de sangue normal, mas o papel de vocês — ele olha para mim e para o Noah —, é principal. — Automaticamente nos damos às mãos pelo simples fato de saber que vamos estar juntos nessa.

— Nós vamos fazer tudo o que está ao nosso alcance e ainda mais — confirmo as palavras que o Noah fala com uma certa urgência no tom de voz. Estamos nervosos com tudo isso e ao mesmo tempo esperançosos.

— Depois da transfusão estar completa, qualquer sinal de efeito colateral que o Yago possa ter, a equipe medica tem que ser alertada. Desde o mais simples espirro, tosse a dor de barriga — concordamos com o que ele fala. — Qualquer desses sintomas pode ser princípio de rejeição e temos que ir adequando os imunossuppressores para não termos perigo de ter que fazer o processo novamente.

Quando a palavra rejeição é mencionada, meu coração perde uma batida e um princípio de desespero começa a tomar conta de mim. Respiro fundo e sinto a mão do Noah apertar a minha. O médico vendo essa nossa reação explica que se ele mantiver uma conduta higiênica correta, bem como o nosso papel de informá-los a cada sintoma diferente, essa hipótese fica com chances bem reduzidas, bem como o tempo de permanência no hospital.

— Por tudo o que ele já passou, essa é a última etapa e a mais delicada de todas. A saúde do Yago depende dele e de todos nós. Temos que trabalhar em conjunto para que tudo saia nos conformes para que ele tenha alta o mais breve possível.

Dito tudo isso e nos tirado as nossas dúvidas iniciais, o médico me entrega um documento para eu, como sendo responsável legal pelo Yago, assinar, para mostrar que estou ciente de todos os riscos que esse transplante poderá acarretar. Pego a caneta, tentando disfarçar a minha mão tremendo e assino o meu nome no local indicado. Olho para o Noah que me responde com um sorriso fraco, mas que demonstra todo o apoio que eu preciso nesse momento.

Saímos do consultório medico com uma cópia do documento que eu assinei e a transfusão agendada para amanhã à tarde. Mal fechamos a porta do médico e eu olho para o Noah e automaticamente nos jogamos um nos braços do outro.

— Vai dar tudo certo Amor, o mais difícil nós já conseguimos que é achar um doador compatível — ouço ele falar no meu ouvido enquanto eu luto para não desabar no meio de um corredor do hospital. Me agarro nele como se fosse a minha âncora para estar de pé com tudo isso enquanto ele afaga os meus cabelos.

— Eu estou com medo — admito por fim.

— Eu também, Fofa — ele me beija inúmeras vezes na minha cabeça, até eu me acalmar decentemente.

Vamos até o quarto do Yago e antes de abrírmos a porta escutamos um barulho alto e ele dá um grito de susto.

— Jesus! — Noah fala assim que abre a porta e encontra uma Elis estatelada no chão, e um Yago quase se finando de rir.

— Ai — ela geme no chão.

— O que houve aqui? — acudo a maluca que nem se mexe.

— Fui mudar o canal da TV e cai — olho para a escadinha auxiliar para o Yago sair da cama a poucos centímetros dela.

— Já inventaram o controle remoto Elis. Consegue levantar? — Noah estende a mão para ela que tenta se mexer e geme de dor.

— Pelo menos estamos em um hospital — murmuro. — Elis, bateu com a cabeça?

— Não — com dificuldade e com a ajuda do Noah, ela se levanta. — Eu não achei a porcaria do controle — aponto para a mesa ao lado da cama do Yago e mostro para ela que se mostra espantada.

— Isso não estava aí há um minuto! — Grita e eu a repreendo com um olhar. — Desculpa.

— Quer que eu chame um médico? — Noah pergunta preocupado.

— Sim, o mais gostoso do hospital e de preferência solteiro — um sorriso sacana aparece naquela maluca, reviro os olhos, solto um suspiro.

Deixo Noah e ela baterem boca e começo a rir. Por dois segundos até consigo esquecer que amanhã vai ser um dos dias mais importantes na vida do Yago e consequentemente na nossa.

Depois de os ânimos ficarem mais calmos e uma Elis dura por causa da queda, conversamos com o Yago sobre o que vai acontecer amanhã. É difícil explicar para uma criança de sete anos o que vai acontecer com ele, sendo que nós mesmos não sabemos muito do procedimento. Então usamos a técnica padrão do hospital que se aplicavam às crianças que fazem o transplante de medula: uma história que ele iria receber uma super mistura que continha um pouco de sangue de super-herói para ele ficar curado.

— Eu vou poder sair do hospital depois de receber o super sangue, vou ficar curado, mãe? — Seus olhos verdes se alternavam entre mim e o Noah.

— Vai ser um bom passo até lá, meu Anjo.

— Quando eu vou poder conhecer a nossa nova casa? Eu não gosto de ficar aqui.

— Calma Yago — Noah senta na cama junto com ele —, depois de receber o super sangue, vai ser mais rápido ir para casa, certo? — eles batem as mãos, mas o Yago ainda fica com a carinha de triste.

Mais uma vez, ele pede para que nós dois dormíssemos junto com ele na cama, não vou afirmar que é essa é uma das melhores cama para se dormir à três, mas sei que nenhum de nós irá reclamar disso amanhã quando acordarmos.

O tão sonhado dia chega com todos nós apreensivos e a cada enfermeira que chega no quarto, era uma ansiedade sem fim, para saber se era o tão esperado sangue de super-herói que tanto aguardávamos. E às sete da noite, daquele dia, ele chegou.

Quando o médico e a enfermeira chegaram no quarto, nós três demos um pulo de susto, pois já nem esperávamos mais que chegasse naquele dia ainda. O médico brincou um pouco com o Yago, para deixá-lo mais tranquilo enquanto a enfermeira pegava uma veia mais calibrosa dele e também, para não usarmos um antigo e ainda ter o perigo dele entupir. Óbvio que o Noah quase desmaiou quando viu pegarem a veia do pequeno, e eu tive que dar um belo apoio moral e me segurando para não rir, já que o Yago nem deu bola para a picada e ainda brincava com o médico.

Acesso instalado e a bolsa com o nome completo do Yago estampado nele e começa a tão esperada transfusão. Fomos, mais uma vez, alertados que a qualquer sinal diferente, éramos para alertar o mais rápido possível o posto de enfermagem, e que também, iria durar por cerca de duas horas para ser administrado totalmente. Agradecemos e eles saem nos deixando a sós.

O silêncio só é quebrado pelo movimento do corredor que nunca cessa no hospital. Conversas, carrinhos de medicações e até algumas risadas dos quartos mais próximos não nos deixavam cair em desespero e num silêncio enlouquecedor. As enfermeiras vinham a cada dez minutos para ver a temperatura e os outros sinais vitais, faltava menos de ¼ para ser administrado e nenhuma adversidade tinha ocorrido. Observamos o Yago pintar, jogar no GameBoy e até ler um pouco e tomamos um susto quando o celular do Noah toca, ele deu um pulo de quase um metro do sofá onde estava, fazendo o Yago rir um pouco.

— Oi pai... — atende o celular rindo junto do seu susto. — Sim, já foi instalado... — Noah olha para mim e pisca. — Nada ainda... Aviso sim... Obrigado, tchau.

— Vou ligar para o pessoal — aviso me levantando, já estava começando a não sentir as minhas pernas, de ficar sentada. Dou um beijo no meu Anjo e saio um pouco para respirar um pouco.

Tudo estava indo bem, o rapaz que fez a doação, já havia sido liberado do hospital naquela tarde, como o médico nos avisou. Eu e o Noah chegamos a conhecê-lo antes da cirurgia e não tivemos palavras para agradecer o gesto tão nobre que ele estava fazendo. Mesmo sendo um procedimento relativamente simples, ele vai precisar de uma semana para se recuperar completamente. Até o Yago fez um desenho para ele, já que estava o vendo como um super-herói, ele tinha uma capa e estava voando por cima de nós. O Noah também quis dar um “presente” para o rapaz, que negou veemente, e ainda disse que o único que aceitaria era o do Yago e que iria guardar para sempre. Estávamos todos agradecidos e emocionados com a nova oportunidade de vida que o Yago estava recebendo.

Vou até a cafeteria do hospital e pego um café quente para me manter acordada por mais um pouco, ligo para a Elis, Raquel e o meu tio para avisar que estamos bem. Eles até queriam estar aqui junto, mas fomos recomendados a limitarmos os números de visitas a partir de agora, já que o sistema, imunológico do nosso Anjo estaria mais abalado que nunca, então vamos

revezar sempre as companhias para dar a todos a chance de vê-lo.

Volto para o quarto e a enfermeira está retirando a transfusão com o comentário do Yago falando que já estava se sentindo bem melhor que antes e que o sangue de super-herói estava fazendo efeito e deixando ele mais forte que nunca. Impossível não se sentir com as esperanças renovadas com essas palavras.

A enfermeira nos avisa que ele pode se sentir um pouco sonolento e sai. Menos de meia hora depois, ele já estava ferrado no sono abraçado com o Pingú. Essa noite praticamente eu e o Noah passamos em claro, ele olhando TV e eu aproveitando o tempo e para não surtar, adiantando alguns trabalhos no computador para repassar para a Carla. Levantávamos a cada cinco minutos para ver se a temperatura dele não havia aumentado ou então se não tinha sangramento em algum ponto do seu corpo. E graças, nenhum desses sinais deu as caras.

Pela manhã estávamos prontos para contracenar em algum filme de zumbi, sem precisar se preocupar com a maquiagem. O Noah foi o primeiro a se render ao sono, mas dava pulos de susto quando começava a entrar no estado profundo. O Yago acordou no horário de sempre, estava bem, sem muito apetite e conversando pelos cotovelos com todas as enfermeiras que chegavam para começar a rotina diária.

— Noah, vai pra casa — falo baixinho quando ele dá outro pulo de susto.

— Não — ele boceja. — Eu tô bem.

— Bem morto — chego perto dele. — Vai pra casa, alimenta a máfia, dorme um pouco e faz essa barba, que está parecendo um mendigo. — Ele passa a mão no rosto e percebe que já deve fazer uns bons dias que não é aparada.

— Pensei que gostava assim — um sorriso se forma naquele rosto.

— Bem aparada sim, agora parecendo que não temos uma Gillette em casa, nem pensar. Vamos. Um, dois três, correndo pra casa — bato palmas de leve para incentivá-lo, que se levanta vagarosamente.

— Certo — ele se estica todo dá muitos beijos no Yago, que estava entretido com um livro, que pede para ele parar e caminha até mim. — Quer que eu traga alguma coisa de casa?

— Só o meu namorado de banho tomado e descansado — falo quando ele me beija repetidamente apertando as minhas bochechas em um bico.

— De banho tomado eu até posso trazer, mas descansado eu não prometo — ele me dá mais um beijo e me solta. — Vamos ter tempo de sobra quando formos para casa por definitivo, meu amor — e sai.

Ir para casa por definitivo. Essa é a coisa que eu mais quero em todo o universo. Mas ainda temos um longo caminho pela frente.

Nessa madrugada, depois que acabei todo o trabalho que eu tinha acumulado, resolvi dar uma pesquisada sobre transfusão que o Yago recebeu ontem, e confesso que fiquei um pouco abismada com o está acontecendo no corpo do meu Anjo.

Literalmente, esse novo sangue que ele recebeu, é um composto de medula e um líquido conservante. Depois de estar na corrente sanguínea, ela começa a produzir células novas e

quando chegar a um nível aceitável, que ele é liberado, mas sempre com muitos cuidados para evitar qualquer tipo de infecção, até a forma que ele tem que cortar as unhas é especial para não haver contaminação. Contagens de plaquetas e de glóbulos brancos seguidamente serão feitos para ver como está o progresso do desenvolvimento da fase de “pega” como eu a encontrei nessa pesquisa.

A parte da rejeição é a que me chamou atenção, já que é a nova medula quem acaba produzindo anticorpos e atacando todo o organismo. Por isso temos que estar atentos a todos os sintomas que ele possa ter. Foi por isso que eu mande o Noah pra casa descansar, o perigo de nós dois cansados e deixarmos passar algum problema é bem mais alto do que se um estiver com as baterias, pelo menos, um pouco recarregadas.

— Mãe — Yago me chama. — Deita aqui comigo? — será que algum dia eu vou me acostumar com ele me chamando assim?

— Claro meu amor — ele me dá um espaço na cama e eu me deito ao seu lado. — Tudo bem?

— Sim, só queria ficar aqui um pouco — ele me abraça e eu beijo a sua cabeça, vendo que a sua temperatura está normal e um alívio toma conta do meu corpo.

— Meu Anjo... — falo baixinho e ele me abraça ainda mais forte. Dizem que amor de mãe é incondicional e supera qualquer obstáculo, e a cada dia que passa, eu me convenço mais disso.

~

Por Noah

Entro em casa e uma máfia de quatro paras vem me recepcionar. O Gato mia baixinho quando passa por entre as minhas pernas e o JB late por atenção. Mimo eles um pouco, os alimento e vou para o banho.

Essa tem sido a nossa rotina por quase quinze dias desde o transplante do Yago. Nos revezamos durante a noite para sempre um ir descansar em casa enquanto o outro passa a noite com ele. Não está sendo nada fácil dar assistência a ele, e com os dois cansados, se torna mais difícil ainda, por isso adotamos esse método.

Eu tento me manter forte na presença deles, mas cada vez que eu o vejo gemendo de febre ou colocando o estômago para fora, a minha vontade é de passar a doença dele para mim. Eu sou maior e mais resistente do que ele e não me importaria nada de ficar no seu lugar. Nenhum pai, mesmo que adotivo que seja, quer ver o seu filho sofrendo desse jeito. Sempre que chego em casa eu fico em pedaços impossíveis de serem juntados ou colados com tanta facilidade.

Pensamos que com o transplante feito, ele melhoraria rápido, mas como o médico nos explicou, que essa é uma fase complicada e com cuidados constantes. Até ser acertada a dose de imunossuppressores na quantidade exata para o caso dele, muito temos de vê-lo sofrer.

Tiramos um tempo de todos os nossos afazeres, não que eu tenha outro além de ensinar inglês as crianças, mas tanto eu, como a Su estamos só comprometidos com o Yago nesse momento. A Raquel e as crianças entenderam tranquilamente a nossa situação, tanto que recebemos várias cartinhas com desenhos e mensagens de melhora para ele. Os eventos da Su, mesmo estando em alta no mercado, ela abdicou a sua presença em qualquer um que fosse, nas duas equipes. A com os novos funcionários está a cargo da Carla, que mesmo os funcionários, com pouco treinamento, vem se apresentado corretamente. A equipe antiga, sob o comando da Elis e tudo está correndo as mil maravilhas. A Su sempre me mostra os e-mails dos contratantes com os agradecimentos por uma festa incrível, após cada evento.

Sempre depois do banho, vou para o sofá e o Gato sobe para o meu colo, mesmo me arranhando sempre que pode, essa bola de pelo branco vem me consolar. Ronrona sempre que eu o acaricio e ainda faz aquela cara de “eu sei humano, também quero a presença deles aqui, preciso que todos me amem e idolatrem como se eu fosse a oitava maravilha do mundo”.

Ligo para o meu pai sempre que sinto que vou desmoronar e o desespero bate. Conto como foi o dia no hospital, bem como os meus medos e angústias. Me agarro a cada palavra de consolo e tranquilidade que ele me transmite. Só ele e a Su para me manterem com a cabeça no lugar nesses momentos.

Acabo adormecendo no sofá e acordo no susto com o barulho da campainha. O som é alto, contínuo e chega a doer no meu cérebro. Só existe uma pessoa com idade mental suficiente para fazer isso.

— Elis! — Abro a porta, ela sorri para mim e ainda aperta a campainha mais forte um pouco até soltar.

— Boa noite para ti também Noah — a vejo entrar sem cerimônia nenhuma e com as mãos carregadas de sacolas.

O JB faz uma festa de pulos e latidos para ela que segue até a cozinha conversando com o cachorro como se ele fosse uma criança pequena. A sigo e vejo ela tirando diversos alimentos de lá.

— O que é tudo isso Elis? Pergunto escorado na porta enquanto ela abre todos os armários e gavetas tirando panelas, facas e outras coisas.

— Primeiro de tudo... — ela corta uma cebola com uma abaixada só da faca, engulo seco, essa mulher é um perigo sozinha, imagina com uma faca —, vai colocar uma roupa que eu não vou cozinha contigo seminu na minha frente. — Me lembro que estou só de cueca. Se ela avisasse que viria eu teria colocado roupas. — Por mais que tu seja o namorado da minha melhor amiga, eu estou na seca há tempos e não quero chegar ao desespero de ficar de cobiçando Noah — mais uma facada e foi-se metade da pobre cebola. Pisco algumas vezes para tentar me centrar nessa situação toda. — Vamos! Rápido antes que eu te atire essa cebola na tua cabeça.

Eu que não vou ficar aqui para ver se ela vai atirar mesmo. Vou até o quarto visto um short e uma camiseta e volto para a cozinha. Ela me entrega uma taça de vinho e eu bebo sem questionar. O gosto da bebida ruim quase me faz cuspir tudo de volta, mas engulo assim mesmo. Vejo a garrafa PET de 2 litros de vinho barato, dou de ombros e termino a taça.

— Bem melhor agora — vejo ela sorrir enquanto eu me sento na bancada próxima. —

Vim aqui ontem conversar com a Vaca e vi que não tem quase comida nessa casa, e antes que caíssem doentes na frete do Yago, decidi me intrometer.

Olho para a Elis na minha frente e percebo que essa é a primeira vez que essa cozinha é realmente utilizada aqui no novo apartamento. A geladeira só tem água e gelo e nos armários, possivelmente só haja vento. Comer se tornou uma coisa sem muita necessidade no meu dia a dia, só me lembro de fazer isso quando meu estômago dá algum sinal de vida, e geralmente o acalmo no primeiro lugar que encontro ou encomendando alguma coisa por telefone.

— Eu sei que as coisas estão tensas agora — ela volta a falar e a encher a minha taça com o vinho ruim —, mas vocês dois tem que se alimentarem direito também. Do que adianta a briga diária para o Yago fazer isso decentemente se ele não tem o exemplo de vocês. E se algum dos dois adoce por isso? Como vão cuidar do guri corretamente?

Escuto o sermão quieto e de cabeça baixa. Por mais que ela seja uma maluca de marca maior, dessa vez ela está completamente com razão.

— Obrigado — falo baixo. Tomo o conteúdo da taça e me levanto para deixá-la na pia. A vontade de encher a cara não me falta, mas sei que nada disso vai parar a minha tristeza, no máximo vai me dar uma ressaca daquelas e eu não posso ficar assim.

Olho para a Elis entretida cozinhando e vejo como ela pode ter o coração tão grande assim. Não é qualquer pessoa que nos ajudaria com todas as suas forças como ela. Noites no hospital com o Yago para que eu e a Su pudéssemos vir para casa descansar e agora também assumindo o seu trabalho sem pedir nada em troca. Com certeza não há palavras, gestos e ações que possam chegar perto da gratidão que eu tenho por ela.

— Obrigado por tudo Elis — a puxo para um abraço.

— Não é por nada Noah — seguro as lágrimas de emoção que teimam em sair dos meus olhos e a solto.

— Nunca vou poder te agradecer por tudo o que tu faz por nós — volto a sentar no meu lugar.

— Para Noah — ela joga tudo na panela e se senta na minha frente tomando a sua taça de vinho. — Vocês são a minha família aqui e é o mínimo que eu posso fazer por vocês. Aquela vaca é a irmã que eu nunca tive, e ver vocês desse jeito me corta o coração.

Sei bem como é isso, eu percebo que por mais que a Su se mostre forte, por dentro ela está mais despedaçada que eu, e juntando ao fato de ver o Yago assim, é sofrimento em dobro para nós.

— Mas vai ser temporário, acredito nisso — ela sorri e enche outra taça.

— Sim, o médico disse que o resultado desse último exame já foi bem melhor que o passado. Agora é só ajustar os imunossupressores. Mas dói Elis, toda a vez que eu o vejo sofrendo, dói.

— Vocês três são o meu exemplo de coragem, confiança, fé e amor Noah. Sentimentos que eu pensava que nem existiam mais hoje em dia. Eu fui criada quase sempre na fazenda, quando cheguei aqui era a legítima caipira na cidade grande. Achava que aqui era como na minha cidade pequena, onde podíamos dormir de portas e janelas da casa aberta que ninguém

nem pensaria em roubar ou em fazer maldade. Levei muita paulada na cara aqui, e a Su foi uma que me deu a melhor, quando me falou que não podemos confiar em ninguém além de nós mesmos e que esses sentimentos não existem mais. Mas eu sempre mantive a minha esperança que um dia nós íamos ver que isso que ela me falou não era verdade. E justo com quem isso aconteceu? Com a mula teimosa.

Sorrio. Elis se levanta e vai para a panela mexer e colocar água para esquentar. Continuo em silêncio até que ela volta a falar.

— Quando tu chegou na vida dela, eu dei a maior força para que ela se aproveitasse de ti, nunca imaginei que vocês fosse se apaixonar desse jeito tão lindo e que envolve tantos sentimentos bons assim. E fora as mudanças. Elas são tantas que eu me encho de orgulho de ver quando ela rompe uma barreira que eu achava impossível. Nunca imaginei que algum dia, ela fosse sair daquele apartamento e muito menos tomar a decisão de adotar o Yago. E agora vocês enfrentando a doença dele como guerreiros. É lindo Noah, ver vocês dois juntos, e quando estão os três então, é como um filme antigo.

Vejo a Elis limpar uma lágrima escondida.

— Quando eu crescer quero encontrar um amor como o de vocês para mim. Que me faça amadurecer como pessoa, enfrentar céus e infernos para ser feliz.

— Sabe Elis — falo depois de muito ficar absorvendo essas palavras dela. — A minha mãe sempre estava rodeada de amigos nas festas, meu pai ficava puto com isso e sempre diziam que eles não eram amigos dela de verdade, e sim aproveitadores. Cresci escutando isso, e quando foi a minha vez, era o mesmo discurso dele e eu não aguentava isso e de birra saía para as festas e voltava no dia seguinte. Quando ela adoeceu, no início alguns iam visitá-la, mas conforme a doença progredia, menos apareciam, e no final só eu e ele que a cuidávamos — suspiro e tento achar as palavras corretas. — Quando ela morreu, não tinha ninguém Elis, todos os amigos dela — enfatizo bem a palavra amigos —, ficaram sabendo e nenhum teve a capacidade de ir se despedir. Meu pai me jogou isso na cara mais uma vez e eu vim para o Brasil. E hoje eu agradeço a ele por me fazer tomar essa decisão, aprendi contigo e com a Su o verdadeiro significado de amizade Elis.

E agora ela desata a chorar como uma criança de cinco anos. Ela larga a colher que estava mexendo a panela e se atira nos meus braços quase me derrubando da cadeira que eu estou. E agora, como eu acalmo essa maluca?

— Vai dar tudo certo Noah! Eu rezo todos os dias por isso e eu sei que vocês três vão ser a família mais linda desse mundo.

— Eu sei Elis, eu acredito nisso. Obrigado por sempre estar ao lado da Su, mesmo antes de eu a conhecer — dou um beijo na sua cabeça e ela começa a se acalmar. — Um dia vamos estar só lembrando de tudo isso.

— Em Paris — ela sai dos meus braços ainda limpando as lágrimas. — Tomando um vinho decente e comendo um strogonoff melhor que esse que eu estou fazendo.

— Olha que eu já comi um péssimo lá — ela ri e começamos a conversar coisas mais amenas.

No fim, nem eu sabia que estava com tanta fome assim. Se estava ruim a comida, só ia perceber lá pelo quarto prato, por isso parei no terceiro. Aguentei a Elis e suas maluquices até quase meia-noite quando ela foi embora. No final ela me disse que ia começar a cozinhar para nós à noite, como ela tinha que fazer para ela também, não custava vir aqui e fazer para nós. Mais uma vez eu estava grato aquela maluca de coração gigante.

Ligo para a Su antes de dormir para contar que a Elis esteve comigo e perguntar como estavam às coisas por lá. Ela estava animada de um jeito que fazia tempo que eu não a via. O médico deu mais uma passada lá e disse que se nos próximos dois exames a taxa de contagem dele estiver na mesma progressão, é um sinal que os remédios estão ajustados e a medula está começando a fazer o seu trabalho corretamente. Até o Yago se animou com isso e comeu toda a janta e ainda pediu gelatina de morango de sobremesa, mas a melhor parte foi que até agora a febre não tinha aparecido nem mesmos os enjoos.

Desliguei o telefone com um sorriso imenso no rosto, como há tempos eu também não tinha. Fecho os olhos, agarrado no travesseiro com o cheiro da Fofa e quando o sono está chegando, escuto o barulho da porta se abrindo. Um pulo em cima das minhas costas e quatro patas caminhando no assoalho do quarto.

— Quem disse que eu convidei vocês dois para dormirem comigo? — resmungo, mas não adianta nada pelo visto, já que o Gato se deita de frente para mim e o JB um pouco mais afastado.

Deixo a máfia de quatro patas terem as últimas chances de dormirem nessa cama, porque pelo visto, nós vamos voltar para casa e em breve.

Capítulo 54

Três meses. Esse foi exatamente o tempo em que o Yago ficou no hospital internado ao todo dessa última vez. Sessenta e cinco dias de espera vinte e cinco de recuperação aceitável para vir para casa. Posso afirmar que foram os piores dias da minha vida.

Não foi fácil os primeiros dias depois a transfusão até o momento de ajustar os imunossupressores corretamente. Os sintomas de início de rejeição não foram nada agradáveis ao meu Anjo, e eu e o Noah tentávamos ajudá-lo o máximo que podíamos, dando conforto e carinho a ele.

Mas agora são águas passadas. A medula nova do Yago está em pleno funcionamento, a cada novo exame para a contagem de plaquetas e glóbulos brancos o número é maior e a remissão completa agora é só uma questão de tempo.

Nos despedimos da ala de oncologia com sorrisos, lágrimas e mensagens de esperança a todos os pais que ainda estavam na espera. Para os médicos e enfermeiras que nos atenderam tão bem, o Yago fez um cartão para todos. Saímos do hospital com uma vida refeita e agora, sob nossa responsabilidade completa.

— Estava até com saudade do fusca — Yago fala meio abafado por causa da máscara que está usando.

Fomos aconselhados que ele usasse ainda por um tempo, até tudo estar mais estabilizado, já que o risco de infecções ainda é existente e grande. Agora com ele indo pra casa, o seu uso vai ser constante por uns dias, e temos que trocá-las a cada duas horas, por sorte, achamos umas coloridas e com desenhos impressos na frente, desde uma língua de fora a com dentes de vampiro. A de agora, em especial, é com um sorriso gigante na frente.

— Eu não vejo a hora de conhecer o meu quarto. Mãe — destranco o fusca e ele dá o som de uma buzina —, é verdade que o pai disse que tem uma estante com os gibis da Turma da Mônica?

— Sim — ver o Yago animado com todas essas novidades que o esperam na nossa casa, me faz ter um sorriso bobo no rosto.

— E uma cama gigante? — o brilho no seu olhar não nega a sua empolgação com tudo isso.

— Quase do mesmo tamanho da nossa — Noah chega com as malas e tenta encaixar tudo no minúsculo porta-malas do fusca. — Eu disse para eu pegar o meu carro ou um táxi até em casa.

— Relaxa Noah — o ajuda a empurrar todas as tralhas dentro do fusca, ele fecha o porta-malas e eu dou um beijo na sua bochecha. — Estamos indo para casa, e é isso que importa.

Um sorriso volta para o rosto do Noah e ele me abraça forte.

— Para a nossa casa — me beija forte dentro do estacionamento do hospital sem ligar para o lugar que estamos.

Entramos no carro com sorrisos maiores que a máscara do Yago no rosto. Estamos vencendo a etapa mais complicada que poderíamos passar juntos. Sei que agora, qualquer problema que

aparecer em nossas vidas será fuchinha perto de tudo que enfrentarmos. Olho pelo retrovisor interno e vejo o Yago, sua cabeça ainda está raspada completamente e seus olhos olham para a janela com uma curiosidade infantil para o caminho novo que fazemos para o apartamento. Paro em um sinal, e com o horário de pico na nossa frente, aproveito para buscar a mão do Noah para juntar com a minha.

Seus dedos se entrelaçam com os meus, ele puxa a minha mão e a beija. Ainda preciso descobrir qual foi o anjo lá de cima que trouxe o Noah para a minha vida, tenho uma boa dívida eterna com ele. Quando nesse mundo eu achei que encontraria a melhor pessoa do mundo para estar ao meu lado quando eu mais precisasse de apoio e ajuda? Acho que nem nos meus sonhos mais adolescentes que eu tinha, eu pensava nisso.

Sempre soube que era uma pessoa difícil de lidar, que não aceitava as coisas que não fossem do meu jeito e não queria ajuda de ninguém. E agora eu pareço uma menininha mimada, protagonista daqueles livros bem clichês que não podem mais viver sem o seu príncipe perfeito e encantado. Sei que de príncipe, o Noah tem todos os argumentos, mas de perfeito nem tudo. E também que vamos brigar muito ainda, divergir em alguns pontos, mas o jeito teimoso sem levar para o lado pessoal dele é que me encanta. Posso mandar ele para longe, que o máximo que ele vai fazer é rir da minha cara e ainda vir me beijar, para quebrar com as minhas birras, se fosse qualquer outro, já teria me mandado catar coquinhos nas nossas primeiras brigas. Talvez no fundo, ele seja perfeito, mas só para mim que fique bem claro.

— O que significa esse sorriso aí? — ele me pergunta beijando a minha mão novamente.

— Nada — olho para ele que faz uma cara de deboche. — Talvez eu te mostre hoje à noite — o sinal abre, pisco para ele e recolho a minha mão para dar partida no fusca.

Estaciono na garagem do apartamento poucos minutos depois. Yago sai correndo do carro, mesmo ainda estando em cuidados frequentes, sua empolgação hoje é extrema, tanto que o Noah tem que quase sair correndo atrás dele antes que pegasse o elevador sozinho. Deixamos para descarregar as malas assim que o moço se acalmasse um pouco, ou era capaz de dar uma síncope se não chegássemos em casa em poucos minutos. Para uma criança que sempre teve tudo dividido com várias, até entendendo essa animação toda para conhecer o seu próprio quarto e as suas coisas. Impossível não ficar animada só de ver toda essa empolgação, e pensar que teve dias que eu achei que esse sonho nunca se tornaria realidade... Ah! Suzilyane para de pensar em besteira mulher, isso já passou, do verbo nunca mais vai voltar! Um, dois, três, agora é vida nova!

— Pronto? — Noah pergunta para o Yago quando coloca a chave na porta.

— Sim, sim, sim, sim!!!! — Só falta ele pular de tanta animação. Lentamente, para deixar a criança mais ansiosa ainda, ele abre a porta.

— SURPRESA! — Nós três damos um pulo de susto quando encontramos a nossa sala toda decorada com balões e faixas de boas-vindas.

A Elis vem do nada e me abraça quase me derrubando no chão pelo estado de choque em que me encontro. Vejo meu tio e a Raquel abraçando o Noah e o Yago enquanto um JB tenta chamar a atenção de todos.

— Bem-vinda sua Vaca! — Abraço aquela maluca que me aguentou por todo esse tempo, e ainda me ameaçava quando eu tinha meus momentos de fraqueza em casa.

Lágrimas de felicidade me vêm aos olhos, Elis me solta e o meu tio é o próximo a me abraçar, e eu retribuo com todo o afeto, respeito e admiração que eu sinto por ele.

— Bem-vinda, minha filha. Sempre soube que um dia irias te tornar mãe e uma mulher perfeita.

Sorrio, mas não consigo agradecer, porque me faltam palavras. Olho para o Noah abraçado com a Elis que trocam algumas palavras entre eles. As duas pessoas que eu mais confio no mundo, e por trás de todas as implicâncias e brincadeiras eles se tornaram grandes amigos.

— Su... — Raquel vem e me abraça. — Obrigada por cuidar do Yago. Desde o momento que ele foi morar no orfanato eu soube que ele acharia uma família perfeita para ele.

— Obrigada — murmuro sem querer parecer uma chorona, mas não consigo evitar, isso tudo é muito intenso.

Eu pouco mais de um ano, a minha vida deu uns cinco giros de 360°. Agora sou mãe e moro junto com um homem que eu amo com todas as minhas forças. O único no mundo que pode me compreender, irritar, bajular e ainda por cima me deixar mais apaixonada a cada dia. E sem falar do Yago, o anjo da minha vida. Aquele que me mostrou o quanto a vida pode ser dura, mas nunca sem perder o sorriso e o brilho nos olhos. Meu filho, minha benção. Não preciso de laços sanguíneos para senti-lo como uma parte minha, meu coração o reconhece do mesmo jeito.

Olho para os enfeites de balões azuis e verdes que formaram um arco por quase toda a extensão da sala. Os cartazes de “família linda”, “felizes para sempre”, “pai e mãe do século” com duas corujas desenhadas junto com uma pequena ao lado, uma montagem de vacas com meu rosto e um bezerrinho com a do Yago. E mesa está coberta de cupcakes da Elis e outros doces e salgadinhos que ela faz nos meus eventos.

Fico completamente sem reação diante de tudo aquilo, estou sem palavras para agradecer pelos melhores amigos, e tio, que uma pessoa possa ter. Aquelas que ajudam sem pedir nada em troca, que pelo simples fato de ter esse sentimento de amizade, já vale a pena conviver. Pessoas de bons corações que não medem esforços para ajudar o próximo.

— Amor? — Noah me abraça por trás, e eu saio do meu estado de choque por alguns instantes.

— Se não levamos o Yago para conhecer o resto da casa agora, ele vai ter um surto, mais que o JB, que já se mijou todo aqui no chão — sorrio e olho para a frente. — Ah, e o Gato já me deu as boas-vindas deles me arranhando nas pernas.

— Vem mãe! — Yago me puxa e eu me solto dos braços do Noah e vamos até o quarto dele, deixando os três na sala nos esperando.

Caminhamos pelo corredor e o Yago observa tudo com uma curiosidade imensa. Por mais que eu tenha vindo aqui antes de ontem, hoje esse apartamento parece com uma cara mais de lar do que uma casa em si. Como se o ambiente estivesse completo, com todas as peças presentes para que enfim possamos aproveitar da tranquilidade e segurança que só um lar de verdade possa oferecer.

Nunca quis uma casa modelo de revista, como sempre falei para o Noah, e esse foi a nossa maior briga quando a mobiliamos. Quero um lar. Brinquedo espalhado na sala, uma mancha de molho de pizza no sofá de um dia que estávamos com preguiça de comer na mesa e alguém deixou cair sem querer, pelos de gato e cachorro no tapete e alguma louça suja na pia para ser lavada mais tarde. E o principal, sermos felizes. Não quero essas casas, onde as pessoas encontram um copo

fora do lugar e fazem uma briga gigante, ou se virem um pó a mais, é morte na certa. Quero um lar cheio de sextas de alegrias, sábados de festas e domingos de preguiça no sofá com algum filme na TV.

Percebo que algumas coisas não estavam aqui quando eu deixei essa casa há alguns dias. O corredor virou um pequeno álbum de fotos. Muitas do Noah, óbvio, algumas nossa juntos, outras do Yago sozinho e de nós três juntos. Até algumas da minha infância e até no tempo de faculdade com a Elis e... Ai meu Deus! Aquela sou eu com aparelho nos dentes? Onde ele conseguiu isso?

— Uma pequena ajuda do Theo — Noah pisca para mim. Sorrio e balanço a cabeça... Eu e o meu tio vamos ter uma boa conversa sobre essas fotos.

Paramos em frente a porta do quarto do Yago, se demorasse mais um pouco ele seria capaz de explodir de tanta alegria e entusiasmo. Ele, assim como nós, não esperávamos uma festinha de boas-vindas com todas as pessoas que nos querem bem e torcem pela nossa felicidade.

— Posso abrir? — Yago pergunta colocando a mão na maçaneta e olhando para nós. Sua empolgação é contagiante e emocionante ao mesmo tempo.

— Vai lá meu Anjo — o incentivo.

Ele abre a porta e o seu quarto aparece lentamente. A cama no meio do espaço é um pouco menor que a nossa mesmo, um tapete azul felpudo, que eu já soube que uma certa bola de pelos branco amou dormir em cima, uma escrivaninha branca com prateleiras com uma boa coleção de gibis da Turma da Mônica e outros livros infantis. Um guarda-roupa que está começando a ficar repleto de roupas e calçados só para ele e tantas outras coisas que eu e o Noah achamos que ele iria gostar.

— Isso tudo é meu? — ele pergunta espantado.

— Sim — Noah coloca as mãos no ombro dele. — Tudo isso é teu.

Esperamos a reação mais propícia para tudo o que ele viu aqui, risos, alegria, pular em cima da cama, abrir as portas do guarda-roupa para ver as roupas, ou então se abraçar com o Pingu gigante que nós compramos para ele. Mas o silêncio está predominando. Noah me olha de um jeito estranho e eu dou de ombros para o que está acontecendo.

— Yago? — chamo por ele. — Tudo bem? — e nada.

Começo a ficar preocupada e me ajoelho na sua frente. Seus olhos estão vidrados para o nada. Olho para o Noah que se ajoelha na minha frente e pelo visto não sou só eu que estou aflita com essa falta de razão do Yago. Será que algum efeito tardio está vindo à tona?

— Yago? — Noah meio que o sacode e ele pisca para nós. E no instante seguinte se joga no nosso meio, fazendo os três, cair no chão.

— É lindo! Eu amei! Obrigada mãe, obrigada pai! — E ele nos beija repetidamente.

No final, nós fazemos um sanduíche de Yago de abraços e beijos. E ai sim, começou a reação que esperávamos dele. Ele riu, abriu as portas do guarda-roupa e pulou em cima da cama, tanto que o Noah teve que pegar ele no ar uma hora, para não cair de cabeça no chão.

Nosso anjo estava bem, alegre e o principal de tudo, conosco.

A festinha foi ótima, a Elis empanturrrou a todos nós de doces e salgados excelentes, no fim das contas eu comi pelos três meses que passamos no hospital em uma noite. Quem nunca fez isso?

Perguntei para o meu tio, se ele tinha alguma notícia da Cruela, não que eu estivesse com saudades dela, mas sim para saber se ela estava o mais longe possível da minha família e de preferência em outro continente. Mas no fim só descobri que ela havia se mudado para outro estado com o dinheiro que conseguiu arrancar do meu tio e estava com outro cara rico uns dez anos mais velho que o meu tio, e os filhos dele a odiavam. No fundo espero que ela consiga fazer o que ela deseja, desde que não venha nos incomodar nunca mais.

Falei para a Raquel que assim que as coisas se organizarem mais, eu volto para as minhas turmas de música. Estou com uma saudade das minhas crianças que não cabe mais dentro de mim, sinto mais falta delas do que os meus eventos em si. O carinho que eu recebo delas ainda é o melhor pagamento que eu possa receber, e renovei essa teoria quando ela me trouxe mais algumas cartinhas e desenhos das crianças. Vou guardar junto com os que eu já recebi antes em uma caixa que eu tenho só para esse fim.

O Gato e o JB estavam nas nuvens com a casa cheia. O Gato como sempre, se deitou e dormiu o tempo todo, típico dele. E o JB ficou a nossa volta pulando em todos como um doido e ainda fazendo uma carinha de pidão por qualquer pedaço de comida que conseguisse receber. Por fim, a Elis ficou para me ajudar a arrumar as coisas, mandei o Yago para o banho, pois ele estava bocejando, mas não queria se entregar ao sono e sim ficar aproveitando enquanto todos estavam por ali. E o Noah foi pegar as malas que ainda estavam no porta-malas.

— Minha vaca favorita... — Elis me abraça do nada, até me assustando um pouco quase me deixando derrubar um prato cheio de cupcakes no chão, para a infelicidade do JB. Ela me solta do abraço e recomeça a falar. — Estou tão feliz por vocês estarem de volta aqui!

— Nem me fala — guardo a bandeja na geladeira, enfeitada com diversos desenhos do Yago. — Parece um sonho Elis. Nós três na nossa casa.

A cada risada do Yago que escutava durante esse tempo, pensava que estava sonhando e que daqui a pouco iria acordar novamente no hospital e me deparar com ele na cama sofrendo com algum efeito colateral dos remédios. E quando isso não acontecia, eu agradecia a qualquer e toda força divina que intercedeu por nós.

— Não é sonho vaca, é a realidade! Agora é viver os bons tempos sem pensar no passado. Vocês formam uma família linda, como se fossem feitos um para os outros e não funcionassem mais sozinhos. Isso é lindo Su — sorrio para a minha vaca favorita, que quando decide falar as coisas mais bonitas do mundo, não brinca em serviço.

— Obrigada por tudo Elis — a abraço novamente e o Noah aparece na porta.

— Sanduíche de Elis agora?

— Sim, para a vaca mais vaca do mundo — falo enquanto escuto o Noah deixar as malas no corredor e se juntar no nosso abraço triplo.

— Aquela que não nós deixou definhar sem comer e é a melhor amiga que alguém possa ter ao seu lado, menos quando está com uma faca ao seu lado — Elis começa a rir do comentário do Noah que está literalmente nos esmagando aqui.

— Mesmo quando ela salgava demais a comida ou me empanturrava de doces quando eu dizia que não queria mais e precisava dormir — completo e dou um beijo da bochecha da melhor amiga que eu poderia ter.

No início, cada vez que eu via a Elis nos corredores da faculdade eu queria me esconder ou fingir que não a via. Mas nunca adiantava eu tentar fazer isso. A maluca fazia um escândalo uns quinze metros antes de chegar até mim, e eu morria de vergonha, porque todo mundo parava para ver o que estava acontecendo pensando que fosse alguma briga. Dei patadas nela dignas de uma mula desenfreada para se tocar que eu não era uma pessoa muito normal, mas parecia que eu estava fazendo carinho nela ao invés de machucar. Chegou uma certa hora que eu não me importava mais e ainda ria dela, foi aí que percebi que ela era a primeira que não se importava com o meu jeito de ser e muito menos com a minha aparência, e eu comecei a tratá-la melhor e o pior de tudo, ir na sua onda. Hoje, não me vejo mais sem essa vaca me atormentando com todas as suas loucuras, e o principal de tudo, esse coração gigante que ela tem que chega ser maior que a sua maluquice.

— Obrigada por tudo Elis — falo quando saímos desse abraço simples.

— Já falei que é para pararem de me agradecer! Vocês dois! — Ela aponta para mim e o Noah que rimos. — Vocês são a minha família aqui, já avisei, e eu só fiz a minha parte.

— Oh Elis — falo a abraçando novamente —, tu fez bem mais que a tua parte, minha vaca. Sem ti eu não seria nada!

— Não fala assim que eu te bato — ela me empurra e começamos a rir.

Depois de tudo mais ou menos arrumado a Elis vai embora. O Noah trouxe a sua faxineira para o novo apartamento, com a situação da imunidade ainda abalada, temos que manter a casa limpa diariamente e outras tantas exigências médicas para não haver contaminação. Então, de dois em dois dias ela vem e faz um geral na casa, para que nós possamos nos dedicar ao Yago e aos poucos voltar para os meus eventos. O ano está para mudar, e o que virá será de mais mudanças para nós.

— Então... — Noah começa a falar para o Yago, estamos o colocando na cama para dormir. — Vai nos dizer por que ficou daquele jeito quando viu o teu quarto da primeira vez?

Ele deita na cama com o Pingú gigante, já que o pequeno voltou para a sua dona que ficou feliz em rever o seu amado pinguim de pelúcia em suas mãos.

— Uma vez eu sonhei que eu tinha um quarto só meu, pai — ele deita na cama e fica bem no meio. — E era igualzinho a esse, acredita? — me sento ao seu lado e o Noah do outro.

— Igualzinho como? — pergunto curiosa.

— Tudo mãe! Até o tapete azul era igual.

Olho para o Noah que está com os olhos azuis gigantes. Nunca fui de acreditar nessas coisas, mas conforme o Yago ia falando em tudo que ele viu naquele sonho e o quanto batia com a realidade, me fez sentir um arrepio por toda a minha pele.

— E como tu te sentiu nesse sonho? — Yago para um pouco e pensa sobre essa pergunta do Noah. Um sorriso se abre e ele olha para nós.

— Feliz. Eu estava feliz de montão — seu sorriso se amplia. — Como nunca tinha ficado ali no orfanato.

Nos entreolhamos e beijamos a sua cabeça raspada. Tudo isso que ele disse foi a mais pura verdade, nunca que eu irei duvidar da sua palavra. Assim como eu sei que tudo o que ele sentiu nesse sonho irá se tornar realidade para todos nós. Seremos felizes aqui, e de montão.

Lemos uma história para ele que dormiu na metade de tão cansado que estava, o dia foi bem agitado e cheio de novidades para quem acabou de sair do hospital e entrando em remissão. Aliás, já perceberam que essa é a palavra mais linda do dicionário?

Remissão. Uma nova missão, a de vida. De deixar o passado para trás e viver um futuro cheio de esperança, amor e felicidade. Uma nova chance de poder ser feliz e não abaixar a cabeça para nada que a vida te impor. Sei que o Yago é apenas uma criança de sete anos, que já passou por muitas coisas que ninguém deveria passar, muito menos na idade dele. Mas o que temos hoje vale mais, é um renascimento. Uma nova data para comemorarmos além do seu aniversário, vamos celebrar a sua vida e como ela é importante para todos nós. Para mim como mãe, para o Noah como pai e para todos que lutam diariamente contra isso que quase o levou de nós.

O câncer em si é mau. Não espera momento e nem escolhe quem vai atacar. Simplesmente chega para abalar cada pensamento positivo que alguém possa ter como uma bomba-relógio prestes a estourar a qualquer momento. Sua fé e esperança são testadas a cada segundo que se passa, e ainda mais quando vemos quem amamos sofrer sem poder ajudar como queremos. Nesses momentos é que temos de nos agarrar ao que nos dá suporte e apoio para saber que ainda temos um fio de esperança para nos apegar.

Eu tive em quem me apoiar por todos os lados que me virava. Fui abençoada com o Noah na minha vida e amigos para me ampararem quando eu mais precisei. No fundo, eu fui a âncora dele também. Fazíamos do nosso amor o porto seguro para enfrentarmos isso todos os dias. Usamos de nossos sonhos futuros como matéria-prima para engrossarmos o nosso fio de esperança que cada vez se afinava mais. E no fim crescemos como pessoas, alimentamos o nosso amor com doses diárias de compaixão e confiança que muitas vezes, nem em anos de casamentos se é atingido esse nível em que estamos.

Nosso relacionamento não é, nem nunca vai ser normal. Somos às avessas completamente. Vivemos momentos de crise tão intensos que muitos relacionamentos não resistiriam nem a metade de tudo que passamos. Mas nós dois somos teimosos demais para desistir um do outro, e mais ainda para não lutarmos pelo Yago. Juntos somos mais fortes, mantivemos nossas esperanças e sonhos focados em um futuro feliz, e agora vamos colher o fruto de tudo isso que plantamos com tanta dedicação e sonhos. Sei que se um dia tivermos uma crise séria, vamos nos lembrar desse tempo com orgulho de como chegamos até aqui, e ela vai se dissipar por completo, pois eu acredito e aposto no nosso amor.

Por Noah

Acordo e percebo que alguma coisa está errada nessa cama. Porque eu estou sozinho nela? Depois que tudo que eu e a Fofa fizemos aqui para comemorar mais essa vitória na nossa

vida, o mínimo que eu esperava era ela desmaiada aqui ao meu lado enroscada em mim, descabelada e com aquela linda bunda para cima, e me deixar pronto para uma segunda rodada em instantes. Mas pelo visto, ela tinha outros planos, como sempre, para me surpreender.

Levanto em busca da minha perdida e caminho pela casa. Paro no quarto do Yago e abro a porta de leve para não acordá-lo. Chego mais perto e observo o seu sono tranquilo, me sento ao seu lado para ficar mais próximo dele. Penso nas palavras que ele disse, de ter tido um sonho e que nele, o quarto em que estava era igual a esse.

Fiquei assustado com essa história, mas não duvidei nenhum um segundo que fosse verdade, como dizia a minha mãe, uma criança nunca mente os seus sonhos. O que me deixou emocionado mesmo, foi o fato de ele ter dito que nunca tinha se sentido tão feliz como se sentiu naquele sonho, e aquele era o melhor presságio que eu precisava ter naquele momento. Também sei que seremos felizes aqui, meu filho. Dou um beijo na sua cabeça e deixo ele descansar para o novo dia que virá para ele, mais um de muitos que ainda iremos passar juntos e sem preocupações.

Passamos o inferno juntos, mas vencemos, e com o principal, sem nos despedaçarmos no meio do caminho. Bem pelo contrário, saímos mais unidos do que nunca, como uma família. E agora eu sei o que significa essa palavra e todas as suas letras.

Compreensão para lidar com as aflições do outro. Fé para sonharmos com o futuro. Paciência para entender tudo o que os envolve. Confiança para saber que se pode contar quando se mais precisa. Respeito para saber como lidar com as adversidades sem machucar. E amor para motivar tudo o que nos move.

Aprendi a lição mais importante da minha vida nesse tempo em que eu vivo com a Fofa. Dinheiro e bens materiais de nada valem se não temos todos esses sentimentos que só uma família pode oferecer. De nada vale a vida sem o amor e afeto de quem queremos bem, seria como viver no deserto e não ter forças para abrir uma garrafa de água. Uma aventura intensa sem a maior recompensa de todas.

Abro a porta da sala de música e a encontro ali, sentada no piano, como da primeira vez que a encontrei. Descalças e com um pijama que mal cobre as suas coxas e muito menos as suas costas com essas alças simples. Diferente da última vez que a achei aqui, a melodia de hoje é alegre, e um misto de todos os sentimentos que estamos sentindo nesse momento.

Me encosto na parede e perco-me nos meus pensamentos de como chegamos até aqui.

Aquele nosso primeiro encontro com ela mexendo no meu celular e eu indignado com tudo aquilo e a ponto de explodir. Mas no fim, quem fez isso foi ela, com todo aquele tamanho e raiva para cima de mim. Todas aquelas vezes que saímos juntos antes mesmo de darmos o nosso primeiro beijo. A minha primeira vez em uma carrocinha de cachorro-quente, ou então a sessão de pizzas e o meu contato com a Elis. Tudo isso parece que foi em outra vida.

E no fundo foi em outro tempo completamente diferente da que eu vivo agora. Eu ainda era bem mimado, como ela mesmo disse. Achava que estava por cima de todos e que aquela birra com ela era engraçado, um jeito de flertar e se queimar ao mesmo tempo. Mas cada segundo que eu passava na sua companhia, era como se o meu mundo viesse abaixo e uma nova realidade se abrisse na frente dos meus olhos.

Ah se ela soubesse a bagunça que fez na minha vida! Se imaginasse todas as vezes que eu me senti um belo pedaço de nada perto de tudo que ela havia feito... Confesso que ainda me sinto assim quando estou ao lado dela. Ainda mais quando ela me disse que não queria um sofá caríssimo que eu havia escolhido, porque quem ia passar mais tempo em cima dele era o Gato e o JB e estragar ele iria ser um pecado, e ela não quer viver numa casa de aparências. E tudo isso ainda terminou em mais uma lição para o Noah aqui, casa é para se viver, e não para mostrar aos outros a elegância dos móveis. Suzilyane, um milhão, versus, Noah, menos dez.

Nós mudamos muito nesse tempo. Literalmente eu desci do salto e a cada vez que tento montar nele, ela vem e me dá uma rasteira. Mas sei que ela também teve os seus momentos de mudança, a admiro cada vez mais conforme ela vai se moldando à nossa vida juntos.

Ainda temos muito que mudar pela frente, mas sei que será só para melhor para nós e o Yago. Somos uma família, e vamos viver como uma daqui para frente. O futuro nos pertence e só o que eu vejo são dias felizes a nossa frente.

Lentamente me aproximo dela e beijo o seu ombro exposto.

— Hey — ela não perde o ritmo e continua tocando lindamente. — Te acordei?

— Sim. A cama fica diferente quando tu não estás ao meu lado — ela sorri e volta a olhar para as teclas. Aproveito a deixa e beijo o seu pescoço fazendo cócegas com a minha barba, sei que ela adora quando eu faço isso, e para comprovar, sou recompensado com uma risada baixa.

— Noah... — me adverte e eu encaro essa ameaça como uma chance para me aproximar mais. — Vou perder o ritmo aqui.

— Depois eu te ajudo a procurar por ele — a puxo para um beijo, dane-se a música, desse jeito em que está, ela me deixa louco.

A música para e ela começa a retribuir o beijo com a mesma intensidade em que eu a ataco. O clima começa a esquentar, e quando eu a puxo para o meu colo ela me empurra.

— Não podemos aqui — ela olha para a porta como se ela fosse abrir a qualquer segundo.

— O Yago está ferrado no sono, Amor — imploro para ela. Sim, eu me rebaixo a isso, mas não me importo, sei que no fim das contas isso compensa. Beijo a parte de cima dos seus belos seios e percorro a minha boca até chegar à sua a fazendo gemer.

— Vamos para o nosso quarto então — mal ela termina de falar e eu já estou na metade do caminho para a nossa cama.

A deito no meio da cama e fico admirando ela toda eufórica e com um brilho malicioso no olhar. Mais linda que isso, impossível. Me coloco no meio das suas pernas e retiro aquele pedaço de pano que ela chama de pijama a deixando do jeito que eu mais gosto de ver, completamente nua.

Suas curvas são todas preenchidas nos melhores lugares, e me deixam quase parecido com um adolescente que não tem controle dos seus hormônios e instintos. Seu corpo é um dos mais bonitos que eu já vi na minha vida, dos seios fartos às coxas grossa, o pacote completo e perfeito para mim. Padrão Noah, testado e aprovado.

Percorro as minhas mãos nas laterais do seu corpo conforme eu me deito em cima dela. Beijo a sua boca como se quisesse expressar tudo o que eu sinto por ela esse ato, mas sei que não chega nem a meio por cento do que quero demonstrar. Suas mãos acariciam as minhas costas enquanto eu sigo explorando o seu corpo com as minhas mãos e boca. Ela geme baixinho o meu nome e isso me faz perder a cabeça.

— Eu te amo — murmuro quando nossas respirações se misturam e não sabemos mais onde um começa e o outro termina.

— Eu te amo, Noah — responde me dando todo o acesso que eu preciso.

Tanto para o seu corpo, seu coração e a sua vida.

Capítulo 55

Por Su

Percorro a ponta dos meus dedos pela aquela barba, que eu tanto amo, em movimentos aleatório. Estamos exaustos, mais uma vez pelas atividades físicas que fizemos novamente essa noite. Dá primeira vez já havia sido incrível, e a de agora me deixou sem palavras e uma moleza no corpo todo.

Estou deitada em cima dele, uma de suas mãos faz um afago nas minhas costas enquanto com a outra, ele puxa a minha e espalha beijos castos sobre ela, até chegar ao anel e começar a brincar com ele.

— Amanhã vou ver aquilo — ele fala baixinho e beijando mais uma vez a minha mão. Levanto a cabeça para ele.

— Sério? — minha cara de espanto deve ser engraçada, porque ele abre um sorriso e me puxa para um beijo.

— Sim — me deito de novo em cima dele, e os carinhos recomeçam. — Pensei em tudo que tu me disse, e como sempre, tu está certa, tenho que achar alguma coisa, ao invés de ficar em casa e sem nada para fazer. O Yago vai para a escola no início do ano e tu voltar para os teus eventos, e aposto que o Gato não vai gostar da minha companhia todos os dias.

— Capaz de eu achar o teu corpo escondido pela casa se isso acontecer mesmo — rio baixinho.

— Sim — ele suspira e beija novamente a minha aliança, por mais que seja de compromisso. — Vou pesquisar alguns cursos nas faculdades daqui e recomeçar a estudar, já estava na hora e agora sei o que eu quero de verdade.

— Professor Noah — brinco com as palavras o fazendo rir. — Sabe que eu não gostei muito dessa ideia?

— Posso saber o por quê?

— Alunas que se apaixonam pelos professores — falo soando como se estivesse indignada com isso, e só arranco risadas do Noah.

— Ciúmes amor?

— Não, é só a realidade. E fora que algumas mães também querem conversar sempre com os professores, acho bom escolher outra área, Noah — começamos a ri e ele me puxa para mais uns beijos.

Quando médico nos deu as boas notícias do Yago, pensamos em como as nossas vidas seria daqui para frente, e o Noah ficou se questionando o que poderia fazer quando nós fôssemos para casa. Conversamos muito sobre isso, e como a única experiência que ele tem, fora ser modelo, é dar aulas para as crianças do orfanato de inglês, essa possível profissão surgiu e ele gostou da ideia. Então sugeri a ele fazer uma faculdade de licenciatura de inglês para poder aprimorar a sua didática e futuramente até abrir um curso, ou sei lá, fazer um concurso e entrar

em sala de aula. Imagina a cena, um Noah com mais de 30 pestes adolescentes e ele tentando ensinar inglês, seria uma cena épica.

Sei que ele tem uma paciência com aquelas crianças e as estimula para um aprendizado que muitos dos meus professores não tiveram. Tanto que até eu já estou me arriscando em algumas palavras simples em inglês, de tanto ver ele e o Yago estudando o básico.

Falei para ele de todos os riscos da sua futura profissão, desde os desafios em sala de aula como os fora dela. A desvalorização dessa profissão chega a ser humilhante para o nosso país e cada vez mais se chega ao fundo do poço, e mesmo assim, ele não tirou essa ideia da cabeça. Depois eu que sou a teimosa da relação.

— Acho que vou me sair bem nessa. Ainda posso mudar de opção se achar alguma coisa que me agrade, mas acho que vai ser isso mesmo — sua voz soa cheia de esperança.

— Eu estou brincando — o beijo em cima do seu coração —, vai ser o melhor professor de inglês da cidade. E eu vou estar de olho em cada mãe ou aluna que chegar perto de ti.

— Minha ciumenta! — Ele me abraça quase quebrando as minhas costelas. — Ah! Lembrei de uma coisa.

Do nada ele se levanta e me deixa sozinha na cama. Ele abre uma das suas portas no guarda-roupa a nossa frente e procura uma coisa. Fico observando até gostando do que estou vendo. Quando ele se vira, um sorriso bobo surge no seu rosto, ele se senta na cama e eu o acompanho ficando de frente para ele.

— Tenho um presente para te dar — ele fala com os olhos brilhando.

— Noah... Não preciso de mais nada — começo a falar, mas ele me cala levantando a mão fechada para mim.

— Sem essa amor, preciso deixar a família completa — estranho o jeito que ele fala e quando percebo, ele está tirando a minha tornozela da minha perna esquerda.

Observo, sem falar nada, quando ele faz todo o trabalho. E quando coloca um novo pingente com a letra “Y” em ouro nela, eu coloco as mãos na boca.

— Noah... — falo com o coração na mão, será que existe um homem mais perfeito? Com toda a certeza não.

— Fofa, desde que eu te conheci a minha vida virou de cabeça para baixo, em todos os sentidos — sorrio. — Mas tu me deu as coisas mais importantes da minha vida, uma família e o significado que ela pode ter na vida de alguém. Antes de te conhecer eu era apenas uma pessoa que achava que já sabia tudo da vida. Mas no momento em que te vi pela primeira vez, descobri, tudo era uma farsa e na realidade eu não sei nada, mas quero aprender o máximo que posso. E só consigo isso se vocês estiverem ao lado. Contigo eu aprendi a amar Fofa, não só tu, mas a mim mesmo e me dar mais valor que eu achava que tinha, aprendi a amar um menino de sete anos que já viveu um inferno mais do que muitas pessoas não passam nem a metade, e hoje para mim, ele é o meu filho e não há ninguém no mundo que me prove ao contrário. Agora eu entendo todas as brigas com o meu pai e sei que quando chegar a minha hora, eu vou brigar com o Yago se ele escolher algum dos caminhos que eu tomei, e não vou desistir dele, assim como meu pai não fez comigo. Eu te amo Fofa, amo mais que eu poderia imaginar que fosse capaz de amar uma

pessoa.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto e ele as limpas delicadamente e depois me dá um beijo casto nos lábios. Olho para a minha tornozeleira E a letra do nome do Yago chama a atenção de longe, pois ela é a única peça de ouro no meio da prata. Ele sempre foi o nosso tesouro e essa diferenciação das outras não poderia ser melhor. Olho para o Noah que olha para o pingente com a mesma intensidade que eu.

— Noah, meu clichêzinho. Eu te amo tanto que às vezes eu sinto que não cabe mais dentro de mim. Sei que não fui uma pessoa muito agradável no início, me xingo por isso todos os dias e agradeço por tu ter a paciência de me compreender e ainda não me deixar. Nós mudamos muito — enfatizo a palavra e vejo seus olhos se iluminarem —, eu então nem se fala. Mas se alguma coisa não mudou nesse tempo todo, foram os meus sentimentos por ti, minha vida. Tudo o que eu sempre quis e precisei eu encontrei em ti. Amigo, namorado irritante e perfeito, amante e o principal de tudo, o homem que ficou junto comigo quando eu mais precisei, me apoiou quando eu decidi fazer a adoção do Yago e ainda assumiu o papel de pai para ele. Isso não tem palavras no mundo que me deixem expressar o significado de agradecimento, então só posso oferecer o meu amor para ti, já que o meu coração é teu desde o momento em que tu veio da Espanha para ficar comigo no jantar de aniversário do meu Tio.

Noah encosta a testa na minha e deixamos as nossas lágrimas se misturarem, mas essas são de alegria, pois sabemos que não há nada que nós não possamos passar juntos daqui para frente. Juntos nos completamos e nada mais importa a não ser a nossa felicidade.

Se pararmos para pensar, a vida é um ciclo sem fim. Todos nós nascemos, brincamos quando crianças, crescemos e os nossos sonhos infantis se esvaem com o tempo. Conhecemos pessoas más e outras boas, sendo essas últimas as que compensam todas as outras. Até que algum dia, alguém especial cai de paraquedas na nossa frente e nos mostra que nada mais faz sentido na vida se ela não estiver ao seu lado. Isso acontece com a maioria das pessoas em todo mundo e é a coisa mais banal da existência. Mesmo sendo tudo isso, eu não desistiria nunca do Meu Clichê.

Epílogo

Agora é oficial. Vou morrer!

— Vaca, eu nunca pensei que essa cena fosse acontecer em toda a minha vida — Elis começa a rir e o máximo que eu consigo fazer para ela é mostrar o meu dedo do meio.

Detesto, com todas as minhas forças, vomitar.

— Eu te ajudando enquanto tu coloca o estômago para fora — ela segura os meus cabelos, e outra reviravolta no meu estômago me faz lançar tudo no vaso outra vez. — Hilário!

— Elis... — murmuro e outra onda vem, espero passar e termino a frase. — Cala a boca.

Me sento no chão e me escoro na parede. Minha respiração sai acelerada, e pelo rosto da Elis, eu não devo estar nada bem. Ela senta ao meu lado e eu escoro a cabeça no seu ombro e tento me recuperar de mais uma briga matinal com o meu estômago, e ele sempre vence.

— Que horas fica pronto o exame? — pergunta baixinho e segurando a minha mão.

— No início da tarde — encaro a parede na minha frente e aos poucos o meu estômago se acalma.

— Já contou para o Noah? — nego com a cabeça.

— Minha menstruação pode estar atrasada só pelo o estresse dos últimos dias — tento me levantar, mas fico tonta. Elis me segura e me ajuda a ficar de pé.

Caminho até a pia do banheiro e lavo o rosto. Me olho no espelho e vejo um fantasma no lugar do meu reflexo, branca como papel e olheiras profundas. Pego a escova de dentes que eu mantenho aqui e escovo os meus dentes para tirar o gosto de vômito da minha boca.

— Nem sei por que tu inventou de fazer esse de sangue — Elis dá descarga no vaso, fecha a tampa e se senta ali —, os três que fizemos ontem de xixi, já deram positivos. — Enxaguo a boca e a limpo.

— Não. Um deu negativo e dois deram positivos.

Saio do banheiro com a Elis atrás de mim, me sento a minha mesa, apoio os cotovelos nela e me escondo atrás das minhas mãos.

— Isso não quer dizer nada, vaca. Vomitando todos os dias quando chega aqui, semana passada, quase desmaiou levando o Yago no dentista e fora a menstruação atrasada. É óbvio que tu está grávida!

E a vaca fala a palavra que eu venho evitando desde que isso começou. Grávida. Como eu consegui deixar isso acontecer? Ah sim, agora eu me lembro de como o meu tormento começou.

Há uns três meses atrás, eu estava tão nervosa com o exame de rotina do Yago para ver se ainda estava em remissão, que não percebi que o Noah e a Elis agiram pelas minhas costas. Só

descansei quando peguei o resultado com o médico e ele nos dizendo que o nosso anjo estava mais saudável que nunca, foi como se uma tonelada saísse das minhas costas de preocupação naquele instante. Pude respirar com facilidade e acalmar o meu coração de mãe por mais seis meses.

Foquei no trabalho esse meu estresse direcionado para outra área, já que a reforma do prédio que eu comprei havia sido concluída e eu poderia começar a oferecer esse espaço para eventos futuros. Foi amor à primeira vista quando achei esse prédio abandonado em uma área bem localizada na cidade. Mas nenhum pouco fácil de fazer o negócio sair.

O dono não queria baixar nenhum centavo do valor do prédio, e eu não tinha todo o valor em mãos e muito menos para a reforma. Fiquei triste com isso e já estava procurando outros quando o Noah parou na minha frente, me mandou parar com a minha teimosia e me deu o dinheiro para o prédio. Fiquei puta da vida e feliz ao mesmo tempo. Não sabia se batia nele ou o beijava. Por fim acabei por beijá-lo até o Yago fazer uma cara de nojo para nós e sair da sala onde estávamos.

Contratei a empresa do meu tio, por um precinho bacana e começamos a reformar todo o prédio, e ele ficou lindo! Dois salões, um bem amplo e outro menor e ambos com toda a infraestrutura para todos os tipos de eventos. Até alguns brinquedos infláveis para as crianças e camas-elásticas eu comprei, para a felicidade da Elis. Quando eu menos espero ela está pulando em uma como uma maluca. Mas confesso que eu e o Noah também já pulamos nela, e até que é divertido... E o Yago então, as ama como a Elis. Sempre que ele vem aqui, ou seja quase todos os dias, ele vai para os brinquedos.

E falando nele. Ah o meu Anjo! Cada dia mais lindo que o anterior, ainda mais que agora seus cabelos já estão crescidos completamente e quem o vê hoje, não imaginaria ele franzino e abalado por uma leucemia. Ele voltou para a escola no início do ano passado e não poderia ter se saído melhor, as aulas com o Noah foram de muita ajuda para ele melhorar a sua leitura e a temida matemática, fonte de brigas quase diárias aqui em casa.

Mas voltando ao complô da Vaca com o Urso Polar em questão. Tudo organizado, exames do Yago ok e o prédio pronto para ser usado depois das férias. Ah sim! Eu dei férias coletivas para todos os meus funcionários, um mês inteiro e corrido, tive que rejeitar muitos eventos, mas nós precisávamos agora que tudo estava sob o máximo controle.

Trinta dias que resolvemos sumir do mapa, nós 4, afinal enquanto eu e o Noah aproveitávamos esse tempo, alguém teria que ficar com o Yago, e quem seria essa pessoa em questão? A vaca da Elis. Estávamos com tudo pronto, deixamos o Gato e o JB com os pais da Elis na fazenda para aproveitarem as suas férias também. Quando eu estava arrumando a mala do Yago, o Noah chega ao quarto dele, deita na cama e fica me observando guardando as coisas na sua mala com um sorriso de quem estava aprontando uma, e das grandes.

Quando eu o questiono sobre isso, tive a certeza que a surpresa iria ser das épicas, ele não conseguia esconder todo o entusiasmo, como se fosse uma criança de cinco anos. Parei de arrumar as malas e ele me entregou um papel que estava segurando e nele eu li as horas e o número do nosso voo para a Inglaterra em dez dias.

Fiquei parada no lugar, alternando os meus olhos entre ele e o papel na minha mão com esses dados. Tempo suficiente para ele se levantar e vir me beijar e falar no meu ouvido “nós

vamos vistar o meu pai, Fofa. Agora é o momento perfeito para isso”. Fiquei sem palavras e me atirei nos braços dele fazendo nós dois cairmos por cima das roupas do Yago.

Sáímos para a praia no outro dia pela manhã. Ficamos dez dias em um hotel a beira-mar no litoral aqui perto. Pegamos todo o tempo bom e aproveitamos muito a praia, tanto que o Yago ficou com um tom dourado lindo no corpo, mesmo comigo entupindo ele de protetor solar a cada hora que estávamos na praia, ficou parecendo um mini surfista, só com a bunda e os dentes brancos. A Elis ficou com uma baita inveja dele, já que a cada dia que ficava no sol, mais vermelha ela ficava ao invés de pegar uma cor.

No hotel, eu e o Noah ficamos em um quarto de casal e a Elis e o Yago em outro. Nós também aproveitamos a nossa liberdade a dois. E muito. Foi como se fosse uma lua de mel antecipada todas as noites. Além de ficarmos no quarto até altas horas da manhã ferrados no sono, saíamos à noite, às vezes só nós dois e outras com as duas crianças. Sim, porque daquela dupla eu tenho a certeza que era o Yago quem cuidava a Elis, e não ao contrário como deveria ser. Mas foi perfeito em todos os sentidos.

Quando fechamos os dez dias de sombra e água fresca na praia, partimos para a Inglaterra. Estávamos todos nervosos e ansiosos. A Elis não calava a boca um segundo que fosse, nos fazendo quase pedir à aeromoça para colocar ela junto com a bagagem despachada. Mas eu estava mesmo era preocupada com o Noah, ele estava muito quieto a ponto de nem dar bola para a Elis.

Seria a primeira vez em anos que ele ia rever seu pai, mesmo com as ligações quase diárias entre eles, ele ainda tinha suas dúvidas quanto a tudo que os rodeiam. Mas eu sabia que tudo sairia do melhor jeito possível.

Chegamos à Inglaterra pela madrugada, a troca de horário e as mais de dez horas de voo, nos deixaram um caco, tanto que entramos no primeiro hotel que achamos na nossa frente. Tudo era novidade para mim, desde a neve que caia sobre nós a um Noah nos guiando e explicando por cada ponto turístico que passávamos. E ele conversando em inglês? Era um espetáculo e tanto, sempre que eu o via falando, eram poucas palavras, ou quando estava com as crianças no orfanato, mas falando rápido e interagindo com outras pessoas, era sexy demais para uma pessoa só.

Acordei no outro dia com um Noah agarrado em mim. Foi uma briga para conseguirmos sair da cama, mas eu precisava incentivá-lo a terminar com essa missão. Encontramos o Yago e a Elis no café da manhã e logo depois saímos para a casa onde o pai dele mora.

Fomos apenas nós dois para esse primeiro encontro, deixamos a Elis e o Yago com instruções do Noah para algumas lojas ali perto de roupas, já que as que trouxemos não eram exatamente apropriadas para o frio que estava fazendo naquela época. Eu mesma estava usando um casaco do Noah e mesmo assim, estava congelada.

Quando chegamos, o Noah ficou parado na porta da construção de dois andares e simples que estava na nossa frente. Vendo isso, peguei na sua mão, por cima da luva que estávamos usando, quando o Noah apertou a minha mão de volta, e senti que era a coragem faltante para ele apertar a campainha tinha sido renovada. Porque eu já estava bem a fim de apertar eu mesma e acabar com tudo isso, mas sabia que essa era uma luta dele, e o mínimo que eu poderia fazer era apoiar sua decisão.

A porta se abriu alguns instantes depois, eu quase tive um troço ao ver uma versão mais velha do Noah na nossa frente. Com a mesma intensidade no olhar e o mesmo tom azul que eu tanto amo. Ele ficou surpreso, porque o Noah não o avisou que estávamos chegando, e eu entendi toda a ansiedade dele em vir aqui. Ele mesmo não acreditava que iria voltar para a casa onde cresceu, e para não ter perigo de dar para trás quando chegasse aqui, não o avisou.

Os dois se encararam por alguns instantes e o primeiro a se render a um abraço, foi o Noah. Me afastei um pouco e os deixei se reencontrarem e matarem a saudade de pai e filho, sem nenhum ressentimento mais entre eles.

Agora, ele sendo um pai também, sei que hoje ele entende todas as brigas que teve com o seu, e que quando chegar a hora o Noah vai saber ser o pai para o Yago assim como o dele foi. E se caso o nosso anjo ficar rebelde, assim como o pai, o amor por ele ainda continuará o mesmo. Amor dos pais é imutável, no momento em que cai a ficha que temos uma criança para cuidar e educar, tudo se transforma e se ajeita para melhor. Por mais que os filhos façam escolhas erradas, um dia, quando perceberem isso seremos nós, os pais, os primeiros a quem eles recorrerão e iremos recebê-los de braços abertos sempre, por mais brigas e desentendimentos no nosso passado.

Os vejo trocaram algumas palavras entre eles e quando se afastaram, o pai do Noah veio em minha direção limpando as lágrimas, e no momento em que me abraçou me disse as palavras “obrigado por trazer o meu filho de volta para mim”. No final, até eu limpei algumas lágrimas junto com esses dois.

Entramos na casa e eu fiz um agradecimento silencioso pela calefação que estava funcionando e quentinha, já estava congelando ali fora. Assim que eu comecei a analisar a casa, vi diversas fotos do Noah quando criança e adolescente. Lindo como sempre. Mas o que me emocionou mesmo foi duas na parede, acima da lareira da sala. Uma dos seus pais com um Noah bebê, aposto que não tinha mais de uma semana de vida, e a outra uma nossa, em uma sessão de fotos que fizemos assim que o Yago entrou em remissão total. Estávamos tão felizes naquele dia, que os nossos sorrisos eram o que mais chamava a atenção na foto. A mesma, entre várias, que o Noah escolheu para fazer um quadro grande e penduramos na nossa sala. Nós três vestidos de branco e com os pés descalços deitados em uma grama verde.

Conversamos muito, o pai do Noah se emocionou diversas vezes me contando de como estava feliz em me conhecer e ver a mudança completa no seu filho. Ah se ele soubesse que eu não estou tão atrás dele em quesito de mudanças... Convidei ele para passar uma temporada lá em casa, e foi então que eu descobri o porque esse encontro não aconteceu mais cedo. Se o filho tem medo de agulhas e galinhas, o pai tem de avião.

Quando ele perguntou do Yago e respondemos que ele estava com uma amiga nossa, passeando aqui perto, quase fomos xingados por não ter levado ele ainda pra lá. Rindo o Noah ligou para a Elis e disse o endereço para ela chegar até nós, e em instantes a capinha tocou. Quando ele entrou dentro de casa, e conheceu o pai do Noah, já o chamou de avó direto, nem se deu ao trabalho de perguntar se podia assim como ele vez com o meu tio.

A maluca da Elis, depois de apresentada me chamou em um canto e me deu os parabéns, porque se o Noah continuasse a cara do pai, teria que redobrar os cuidados com o ele para ninguém ficar babando em volta. Comecei a rir, mas admiti a mesma coisa, um Noah de óculos

permanente e alguns cabelos brancos, vai ficar mais charmoso que já é.

Ficamos para jantar, e também para nos hospedar, e não pudemos recusar a oferta, estávamos literalmente em casa e muito bem acolhidos pelo pai do Noah. Ficamos uma semana hospedados ali, nesse tempo todos, eles acertaram todas as rixas que ainda haviam e perdoado um ao outro pelos erros do passado. Foi emocionante e lindo de ver o acerto dos dois, por mais que tenha havido brigas entre eles, o amor de um pai por um filho, nunca termina. Agora eu posso dizer que somos uma família completa e sem nenhum ressentimento do passado com nenhum de nós.

Nos despedimos com uma promessa de voltar, e outra de que ele enfrentaria o seu medo e iria nos visitar no Brasil quando pudesse. Embarcamos e ficamos mais treze dias dando voltas pela Europa.

Fomos à Paris e eu me apaixonei pelo clima romântico da cidade, tanto que as uma das duas noites que passamos lá, demos um jeito de despachar o Yago e a Elis para outro canto da cidade para ficarmos namorando pela cidade nos pontos turísticos para casais.

Conheci Roma e Florença na Itália e fiquei encantada com o lado histórico das cidades. Sempre gostei de história antiga, e essas cidades ganharam o meu coração por esse lado. Passamos pela Espanha e por último em Portugal antes de voltarmos para casa. Viajar é ótimo, mas nada melhor que voltar para nossa casa.

E foi aí que eu me dei conta de uma coisa. Quando fui ver a minha cartela de anticoncepcional, vi que para fechar o ciclo ainda restavam dois comprimidos e a minha menstruação não desceu. Com a mudança de fusos horários na viagem eu me perdi total com isso. Não dei bola, já tinha me acontecido isso umas duas vezes e ela vinha com alguns dias de atraso. Mas agora já faz quase um mês e até agora nenhum sinal dela.

— Eu ainda não sei Elis! Pode ser coisa da minha cabeça isso também — ligo o meu computador e uma foto nossa brincando no gelo aparece a nossa frente.

— Eu sei que tu está grávida, tu mesmo me disse que não pode ver o Noah na tua frente que ataca ele sem dó nem piedade e o teu corpo todo está mais sensível que nunca.

Sorriso. Pior que é verdade, desde o início da semana passada o Noah parece mais comestível que nunca. Até ele notou essa minha “mudança”, e digamos que não está nenhum pouco triste com isso. Ontem à noite cheguei de um evento e ele já estava dormindo de bunda para cima e só de cueca, cheguei a lamber os lábios quando vi a cena. Não deu outra ele acordou comigo o atacando, sem chance nenhuma de escapatória.

— Eu sei — afirmo para a Elis e olho para o computador com um suspiro. — Tenho quase certeza que eu estou grávida mesmo — admito —, mas preciso dessa confirmação antes de falar para ele.

Preciso descobrir junto com ele, nunca que eu me perdoaria de ter a certeza que estou grávida de um filho do Noah sem ele estar ao meu lado.

— Que horas ele vai aparecer aqui? — pergunta sentando na cadeira a frente da minha mesa.

— Depois que buscar o Yago na escola — como ele está no orfanato hoje, fica mais

fácil para ele estar na hora certa lá. — Vou buscar o exame assim que voltar do almoço e só vou abrir com ele junto de mim.

— Ele vai ter um ataque de felicidade — Elis começa a rir alto e a Carla bate na porta.

Trabalhamos a manhã toda, os olhares da Elis em cima de mim com um sorrisinho besta me dava vontade de jogar uma tesoura na cabeça dela, mas ignorei todos e tentei focar no trabalho. Na hora do almoço fui até o shopping para comprar umas palhetas novas para levar ao orfanato e distribuir entre as minhas crianças.

Eu e o Noah voltamos à ativa com elas poucos dias depois que o Yago voltou para casa. Alternamos os nossos dias para nunca deixá-lo sozinho e só paramos nos dias que estávamos de férias. Foi tão lindo quando eu apareci no orfanato depois desse tempo! Todas as crianças estavam me esperando sentadas e quietinhas para me fazerem uma surpresa. Assim que eu cheguei e acendi as luzes da sala, todas elas fizeram uma festa para mim. Fui abraçada, beijada e amassada por todos, eles estavam radiantes com a minha volta e eu não poderia ter ficado mais emocionada do que já estava. Com o Noah foi a mesma coisa, com direto a cartazes em inglês feito pelas crianças e tudo.

Por mais que a minha vida tenha mudado completamente, eu nunca vou deixar de dar as minhas aulas de música para aquelas crianças. É uma terapia tanto para mim, como para ela. Algumas que chegavam agitadas e até mesmo encenqueiras se acalmavam e se transformavam em outras crianças depois de algumas aulas comigo. A música tem o dom de acalmar as pessoas e formam um vínculo incrível com outras pessoas. Além de que aqui, no fundo o que elas mais precisam é um tempo de carinho e atenção, e nesses poucos momentos que elas têm comigo já fazem toda a diferença.

Almoço uma coisa leve para o meu estômago não reclamar durante a tarde e passar mal de novo. Caminho por entre as lojas e me vejo de frente à uma de roupas de bebês e fico com um sorriso bobo no rosto, entro na loja só para dar uma olhada e acabo com uma roupinha rosa de recém-nascido nas mãos. Por alguns instantes me imagino com uma menina no colo, um Noah e Yago babando na volta, e uma Elis tendo um ataque de madrinha louca. Resisto à tentação e deixo a roupinha na loja, e vou até o laboratório para pegar o exame que vai conter a resposta onde pode fazer a minha vida mudar de cabeça para baixo novamente.

Volto para o salão e me tranco no meu escritório. Deixo o envelope na frente de um porta-retratos com uma foto nossa brincando na neve. Meus ursos polares estavam finalmente em casa com todo aquele frio que pegamos nas férias. Começo a trabalhar, mas o envelope ficava me encarando a cada vez que eu levantava a minha cabeça e eu já estava começando a ficar irritada com essa minha dispersão de concentração. Eu estou pirando de ansiedade aqui, e ainda faltam algumas boas horas para o Noah aparecer por aqui.

Claro que eu poderia pegar o meu telefone e ligar para ele, mas não seria o certo, já que ele está com as crianças no orfanato e eu não poderia fazer esse crime de deixar elas na mão. Ainda mais se for um alarme falso.

Se eu estiver grávida mesmo, vou pirar por completo. Não tenho a mínima experiência de como lidar com bebês. Sou mãe do Yago, mas ele já chegou com boa parte do serviço feito, mas agora uma criança indefesa e dependente de tudo? Pequena, com os cabelos escuros e com os olhos do Noah... Vai ser a nossa perdição total. Tenho certeza disso.

Nesse um ano e pouco de adoção do Yago, ao meu ver, estamos nos saindo melhor do que eu esperava. Ele sempre foi um menino comportado e educado, mas às vezes ele apronta algumas também, como no ano passado que se meteu em uma briga no colégio por defender um coleguinha que era meio fofinho e estava sofrendo bullying por isso. Lá foi eu e o Noah no meio da tarde e encontramos um Yago com uma carinha de assustado por toda aquela situação. No fundo eu sabia que era errado, mas como repreender o meu filho que estava ajudando um colega, aparentemente passando as mesmas coisas que eu passei na minha infância? Foi um teste e tanto para mim como mãe. Voltamos para casa os três em silêncio dentro do carro e quando chegamos nos sentamos na sala e conversamos com ele, explicando que por mais nobre que tenha sido a sua intenção, não era assim que as coisas se ajeitariam. Falamos para ele que temos que ter calma quando presenciamos uma coisa desse tipo, e se ele quer ajudar, que chame a professora responsável para dar um fim aquilo. Ele ficou ressentido com isso e disse que não ia mais brigar.

Temos as nossas divergências quanto à criação do Yago ainda. O Noah o mima demais para o meu gosto, faz tudo o que ele pede, de quebra tem uns ataques de estrelismo e quando vejo ele chega em casa com um novo brinquedo caríssimo para o Yago. Já eu não, tento deixar as coisas mais sobre a sua responsabilidade de nove anos pode administrar sem muitos problemas, como por exemplo, colocar as roupas sujas na máquina e colocá-las para lavar, já que esse trabalho foi definitivamente cortado das tarefas do Noah por motivos de força maior. Até mesmo alimentar o Gato e o JB pelas manhãs deixei por sua responsabilidade. Coisas simples, mas que futuramente podem torná-lo apto a se virar sozinho.

No meio da tarde eu desisto de trabalhar e começo a me torturar mais um pouco. Abro páginas da internet no computador e começo a procurar matérias online sobre maternidade. Leio umas matérias legais, outras chocantes e algumas assustadoras. Ligo para o meu médico e marco uma consulta para amanhã mesmo, caso eu esteja mesmo grávida quero começar o pré-natal o mais breve possível, já que isso pode prevenir muitas coisas.

Outra coisa que eu pesquisei também, foi o fato de eu ser acima do peso. Existem muitos riscos para a mãe e o bebê em formação caso a alimentação não for devidamente balanceada. Fiquei bastante chocada com a parte de eclampsia e a diabete gestacional e os seus riscos. Pelo menos nesse ramo eu vou ser monitorada todos os dias, vou usar e abusar do diploma de nutricionista da Vaca. Não quero que o meu corpo seja um empecilho para essa criança, mesmo não dando bola mais para isso, por ela eu faço qualquer coisa. Até mesmo viver como uma legítima vaca e comer só pasto e desistir das sessões de pizza nas sextas a noite e das panelas de brigadeiro nos sábados que eu faço para nós.

Coloco a mão na minha barriga, que nunca foi lisinha, e penso em tudo que vai acontecer no momento em que o positivo aparecer naquele papel dentro do envelope. Minhas noites já não são as mesmas desde que o Yago começou a ficar lá em casa, pelo menos uma vez à noite eu levanto para observar o seu sono, e com um bebê junto, sei que não vou dormir mesmo. Minhas preocupações vão ficar umas dez vezes maiores, mas sei que eu não vou me arrepende nenhum pouco por gerar essa criança.

Ser mãe é um dom que só as mulheres podem se vangloriar de ter. O ato de gerar uma vida dentro de si própria é uma prova de amor incondicional. Ser pai também é incrível, mas só o fato de podermos sentir os movimentos de uma outra pessoa em poucos meses de vida deve ser uma experiência sem descrição de felicidade possível nesse mundo.

— Mãe! — Dou um pulo na cadeira quando escuto o grito do Yago assim que ele chega no salão onde fica o meu escritório. Fecho todas as janelas do computador e escondo o exame dentro da primeira gaveta que encontro.

— Tô aqui meu Anjo! — Falo alto para que ele possa me escutar e em menos de dois segundos a minha porta se abre.

Quando ele surge na porta o meu coração perde algumas batidas. Meu Anjo está cada vez mais lindo que nunca. Cresceu uns bons centímetros do ano passado para cá e agora seus dentes já cresceram todos e não está mais com o sorriso, que eu tanto amo, falhado. Ele joga a mochila no meio do meu escritório e vem me abraçar.

— Como foi a aula? — distribuo diversos beijos pelo seu rosto até ele começar a se limpar de mim.

O ano letivo começou ontem, mas como era o primeiro dia, foi uma bagunça só de reencontro com os colegas e comentários sobre as férias. Eu e o Noah fomos para a reunião dos pais e mestres enquanto as crianças faziam a festa no pátio da escola.

— Foi boa — ele fala e eu tiro um pouco de cabelo do seu rosto. Estamos em uma briga constante sobre esse corte, já que ainda ele não fez as pazes com a tesoura depois de tanto tempo com a cabeça raspada. — Amanhã a “profe” disse para a gente levar lanche para a turma toda comer na pracinha.

— Que legal — dou mais um cheiro no meu anjo, que pelo visto passou o recreio inteiro correndo com as outras crianças, porque quando saiu de casa estava cheirando a sabonete e agora está mais para quem não toma banho há uns dois dias.

— Posso ir para a cama elástica? — seus olhos verdes brilham para mim.

— Estão arrumando a decoração para a festa de amanhã? — ele balança a cabeça que sim. — A Carla está lá com o pessoal?

— Sim — ele sai dos meus braços.

— Então pode — falo e ele corre para a porta. — Mas cuidado, se não tiver mais ninguém lá, não fica pulando sozinho — morro de medo de ele se empolgar e pular mais alto que as tela de proteção e se machucar.

— Tá mãe — ele sai da porta e me deixa com um sorriso no rosto.

Fico tão feliz quando o vejo interagindo e brincando como uma criança normal. O seu passado foi nebuloso e incerto por boa parte da sua vida, mas se depender de mim e do Noah, daqui para frente tudo será claro e em busca de um só propósito: a sua felicidade.

Saio para o salão e vejo que eu estava em outro mundo hoje a tarde mesmo, nem percebi que quase toda a decoração do aniversário de amanhã está completa. Acho o Noah conversando com a Carla e sorrio para o nada, e quando ele me vê e pisca, eu tenho vontade de sair correndo e me atirar nos seus braços. Me recomponho assim que esse pensamento me vem a cabeça. Preciso manter a cabeça no lugar para conversar com o Noah.

Ele caminha até mim com um sorriso nos lábios e os meus hormônios loucos quase tomam conta da situação, estou me esforçando ao máximo para não arrastá-lo para o meu

escritório para uma aventura em cima da minha mesa como eu fiz com ele semana passada.

— Oi — ele me puxa para um beijo e eu penso em todas as contas que tenho que acertar até o final do mês para não puxá-lo para um caminho sem volta.

Ai droga, se agora eu já estou assim, e ainda nem sei o resultado do exame, imagina quando eu estiver com uns sete meses de gravidez. Se bem que eu vou estar maior que um elefante e isso pode dar uma boa fredda nos meus hormônios.

— Oi — me beija novamente e eu decido acabar com a história de uma vez por todas. — Precisamos conversar — o sorriso some do seu rosto e ele faz uma cara de preocupado. Como sempre, eu sei cortar o clima de alguém como mais ninguém sabe.

O puxo pela mão em direção do meu escritório e fecho a porta. Junto a mochila do Yago, de algum desenho animado que ele assiste e coloco no sofá que mantenho ali. Fico evitando o contato visual com o Noah, que descaradamente se sentou na minha poltrona.

— Algum problema, Fofa? — sua voz sai com um pouco a mais de preocupação que eu imaginaria que aquela minha cortada poderia gerar.

— Sim... Não... — me atrapalho com as palavras e o Noah me olhar estranho ainda.

— Vem cá — ele estende a mão e me puxa para o seu colo e me beija.

Me derreto nos seus braços. Deixo que esse beijo leve todos os medos que eu possa ter, se o resultado der positivo. Percorro as minhas mãos pelo seu rosto e deixo sua barba malfeita me deixar em chamas em instantes. Caramba esse não é o foco aqui, te acalma Suzilyane!

Quebro o nosso beijo e ele distribui mais alguns sobre o meu rosto e eu me deito no seu pescoço e o beijo bem ali.

— Não é por nada não Amor, mas tu está me assustando desse jeito — rio baixinho de onde estou e olho para ele.

— É importante e pode mudar as nossas vidas a partir de agora — falo e vejo ele engolir seco.

Abro a gaveta e retiro o envelope com o resultado. Tomo uma respiração e começo a falar.

— Eu me perdi nos dias do meu anticoncepcional, Noah — o vejo piscar algumas vezes, mas não me corta e eu continuo falando. — Eu ando vomitando todas as manhãs depois do café, esses dias eu quase desmaiei levando o Yago no dentista, não posso te ver que a minha vontade é de rasgar as tuas roupas — ele dá um sorriso sacana —, estou sempre com sono e o principal — olho para ele que já entendeu o que eu estou tentando contar —, minha menstruação está super atrasada... — ele me impede de falar com um beijo nada delicado.

Ele encosta a testa na minha e deixa suas mãos no meu rosto. Seus olhos azuis estão mais brilhantes que eu já vi em todo esse tempo.

— Nós vamos ter uma Fofinha? — sua voz falha e eu tenho quase certeza que ele vai começar a chorar, e se ele fizer isso eu não vou conseguir me segurar.

— Pode ser um Fofinho também. Mas eu não tive coragem de abrir ainda — falo e o beijo levemente.

Nos abraçamos fortemente e quando a coragem chegou para nós dois, ele pega o exame da minha mão.

— Noah... Não vamos ficar tristes de dar negativo, ok? — advirto para que ele não se emocione como uma criança e depois fique mais depressiva quando uma que perde um brinquedo.

— Eu sei que não vai dar, Amor. Eu já havia notado algumas diferenças em ti, mas fiquei quieto. Tu está com uma luz diferente — ele pega uma mecha do meu cabelo e tira do meu rosto —, como se estivesse com alguma coisa diferente dentro de ti. — Ele coloca a mão na minha barriga. — Eu sei que vamos ser pais novamente, sempre soube, meu Amor.

Agora eu começo a chorar de vez, coloco a minha mão em cima da tua e me deito no seu ombro. Noah se ajeita na cadeira e começa a abrir o envelope e parece que os segundos viram horas até o papel estar nas suas mãos e estar pronto para ser lido.

Vejo o meu nome no papel como sendo paciente e um texto explicando os métodos utilizados e como é feita a leitura dos dados coletados. Mas nada disso importa, porque quando os meus olhos passam pela palavra “positivo” em negrito no final do texto eu deixo de prestar a atenção em tudo.

Meu mundo parou. Eu estou grávida. Um pedaço meu e do Noah está em pleno desenvolvimento dentro de mim. Uma nova vida para nós cuidarmos e sermos responsáveis até os nossos últimos dias. Uma irmã, ou irmão para o Yago não estar mais sozinho no mundo se algo nos acontecer.

— Nós vamos ser pais, meu amor. De novo — Noah fala com uma voz chorosa e eu olho para ele e vejo o rastro das lágrimas no meio do seu sorriso gigante.

— Nós vamos ser pais de novo Noah — o beijo e as nossas lágrimas de felicidade se misturam nos nossos rostos.

A felicidade de podermos gerarmos uma nova vida percorre pelos nossos corpos nesse momento. Além de já sermos responsáveis pelo Yago, essa criança era o que faltava para a nossa família estar completa. Nós vamos amá-la com a mesma intensidade que sentimos pelo nosso outro filho, não irá ter nenhum tipo de diferença entre eles, assim como alguns casais que adotam e depois engravidam fazem. Temos amor de sobra para os dois nos nossos corações.

— Eu te amo — Noah diz baixinho e volta a colocar a mão sobre a minha barriga, que agora sabemos que gera uma pequena vida.

— Eu te amo mais — coloco a minha mão por cima da sua e o beijo.

— Ah droga! — Ele geme.

Sua cara de arrependimento me cai como um bigorna em cima da minha cabeça e eu me levanto.

— O que houve Noah? — questiono desconfiada.

— Vamos ter que nos casar! — Pisco algumas vezes, para entender o que ele está falando.

— Como? — vejo ele passar as mãos no cabelo e percorrer até o final da sua barba. Eu

escutei certo ou ele disse casar?

Não que eu tenha alguma coisa contra casamentos. Bem, pelo contrário, adoro organizar eles, e geralmente a renda que eles me dão são ótimas.

— Eu prometi para a Dona Eulália se um dia eu te engravidasse ia te pedir em casamento e nós íamos casar antes da criança nascer.

Fico parada e vejo o Noah se levantar e ficar na minha frente com uma cara de cachorro arrependido.

— Como é que é? — só posso ter escutado errado, ele prometeu para a avó da Elis, isso?

— Foi quando nós colocamos as alianças de latão, lembra? — confirmo. Me lembro de tudo daquela época. — Então ela achou que eu estava sendo pão-duro contigo e que eu não poderia pedir a tua mão com uma aliança daquelas. E eu expliquei que não íamos casar com aquelas alianças baratas, que quando isso acontecesse seria uma linda e perfeita para ti — continuo a escutar a conversa até que chega a parte que me interessa: essa tal de promessa. — Então ela me disse que se eu te engravidasse sem estar casada ela iria fazer o Hélio vir tirar satisfações comigo, e então eu prometi que se isso acontecesse eu iria casar contigo antes da criança nascer.

Fico parada tentando assimilar tudo o que está acontecendo na nossa frente. Até que eu começo a rir como uma maluca.

— Noah... — limpo as lágrimas do meu riso que se misturaram com a alegria de descobrir que vou ser mãe novamente. — Eu não sei se eu te beijo, te bato ou faço isso com a Dona Eulália.

— E ela ainda completou dizendo que a criança não pode nascer com a gente vivendo em pecado — começo a rir mais alto ainda, mas paro completamente quando o Noah se ajoelha na minha frente.

— Noah... — começo a falar, mas ele me interrompe com um olhar intenso, de admiração, felicidade e amor. E eu me calo esperando para ver o que ele vai falar.

— Em virtude as ameaças e todo o tipo de atrocidade que a avó da Elis possa vir a fazer ao meu corpo. E vindo de qualquer parente da Elis, eu não duvido — rio. — Eu te pergunto, Fofa, mãe dos meus filhos e a mulher que me fez mudar completamente de vida, que me tirou do clichê para a vida real. Tu aceita casar comigo e ser a minha esposa para o resto das nossas vidas?

Ele pega as minhas mãos e beija as duas, me abraça pela cintura e beija a minha barriga. Já desisti de limpar as lágrimas há muito tempo, e as deixo correrem livre pelo meu rosto.

Abraço seu pescoço enquanto ele distribui beijos por ali. Cenas da minha vida começam a aparecer nos meus pensamentos, desde o meu tempo de criança até hoje em dia. As lembranças de como o meu relacionamento com o Noah ganham destaque sobre qualquer outra coisa que já tenha passado. Foi a primeira vez que eu me permiti ser feliz e viver sem pensar nas consequências que o amanhã traria. Achava que tudo não iria passa de uma brincadeira e não ia levar em nada sério, e no final eu iria ficar arrasada e propensa a encontrar mais uns trinta e nove

gatos para me consolarem. Mas o que eu não esperava que no final de tudo eu não acabasse com mais gatos, e sim com dois urso polares que não suportam o calor, um cachorro que o meu gato domina, uma Fofinha ou Fofinho em desenvolvimento dentro de mim, e agora, esposa.

— Amor — paro de sonhar acordada e volto a olhar o Noah ajoelhado na minha frente.

— O quê? — enterro as minhas mãos no seu cabelo.

— Tu ainda não me respondeu... — opa, acho que esqueci de dar a minha resposta. Acorda mulher!

Sorrio lentamente e me ajoelho para ficar na altura dos seus olhos. O beijo e puxo o Noah para cima de mim e me deito no tapete do meio do meu escritório. Ele se acomoda em cima de mim, mas não deixa o seu peso todo cair sobre o meu corpo. O beijo até o desejo querer tomar conta de todo o meu corpo e respondo.

— Sim Noah, eu aceito casar contigo.

~

— Eu não fiz nada de errado hoje — Yago fala assim que nos sentamos os cinco no sofá e fica observando eu e o Noah atentamente.

Sempre desconfie que o Gato e o JB não eram simples animais domésticos e não me espantaria nenhum pouco em qualquer dia, voltar para casa mais cedo e encontrar uma tonelada de equipamentos tecnológicos e eles vestidos de agentes especiais do FBI. Mal sentei no sofá e os dois vieram cheirar a minha barriga, como se estivessem fazendo um carinho na Fofinha, ou Fofinho, que agora tenho uma foto dentro da minha bolsa. Um fundo preto com um borrão redondo no meio. É o borrão mais lindo do mundo com 6 semanas de gestação.

Fomos ao médico hoje com um Noah muito contrariado por não ser uma médica. Quase o deixei na sala de espera, se ele não parasse de me incomodar por isso, mas no fim só suspirei alto para ele perceber que estava me enchendo o saco com essa história, e também, eu não teria coragem de deixá-lo fora da primeira ecografia que eu fizesse.

Ainda não conseguimos escutar o coração do nosso grão de lentilha, como o médico se referiu ao seu tamanho. Mas a emoção de ver aquela pequena coisinha na tela e ter a certeza que é real foi tão emocionante que o Noah ficou completamente sem palavras e eu não conseguia escutar nada na minha volta, pois a metade da minha vida estava naquela pequena TV em um borrão.

— Nós sabemos — falo e ele olha para nós assustado, já que tanto eu como o Noah ainda não conseguimos tirar os nossos sorrisos do rosto.

— Já pensou em ter uma irmã? — Noah pergunta e eu completo.

— Ou irmão? — completo.

— Não sei... — Yago responde desconfiado.

— Vem cá filho — Noah puxa ele para o seu colo e puxa a carteira, onde também há uma foto do nosso bebê.

Yago pega a foto e olha sem entender nada, seus cabelos caem nos seus olhos e eu faço uma nota mental: levá-lo amanhã mesmo para cortar antes que ele fique parecendo um mini projeto de roqueiro com os cabelos maiores que o meu. Ainda mais agora que ele está começando a tocar sozinho e uns rock's bem pesados para a idade dele na sua guitarra verde.

— O que é isso? — sua careta é digna de uma foto.

— Isso — Noah aponta para o borrão no meio da foto —, é a tua irmã.

— Ou irmão — reviro os olhos e um Gato pula no meu colo e pergunta com aquele olhar “mais um humana? E eu aqui? Como vou ficar? Hmm... pensando bem, mais um para me amar incondicionalmente, deixa eu começar a fazer amizades por aqui....” e se deita no meu colo.

Pelo visto alguém colocou na cabeça que vamos ter uma Fofinha e nada vai fazer a sua ideia mudar. Tanto que o Noah perguntou ao médico, sobre o tal exame de sexagem fetal, o qual é coletado sangue da mãe e através de uma análise para ver se há presença do cromossomo Y, que diz se é menino, no plasma da mãe. E se não for encontrado, significa que é uma menina. Nem preciso dizer que daqui a duas semanas vou ser submetida a mais uma coleta de sangue para saber o sexo do bebê.

No fundo, o sexo que vier com saúde será bem-vindo. Mas se vier menino, com toda a certeza do mundo que o Noah vai me persuadir daqui uns anos para tentarmos uma menina.

— E onde ela está? — Yago pergunta olhando admirado para a foto e tentando imaginar como aquilo pode ser o seu futuro irmão ou irmã.

— Ela está dentro a Fofa — ele olha para mim com os olhos arregalados.

— Como ela foi parar li dentro? — sua pergunta sai tão automática que eu começo a rir sem parar, tanto que o Gato se assusta e sai do meu colo correndo.

Noah abre a boca para falar alguma coisa, mas eu me intrometo antes que ele fale alguma coisa que a idade do Yago ainda não precisa entender.

— Quando o amor de duas pessoas não cabem mais nelas, ele se transforma em outra pessoa — ele pisca algumas vezes tentando assimilar o que eu falei e abre um sorriso grande.

— E ela vai brincar comigo?

— Claro, quem mais vai ensinar a criança a tocar piano? — falo e chego mais perto dele para um abraço triplo. Pela primeira vez, nós quatro estávamos juntos.

Mais tarde colocamos o Yago na cama e fomos para o nosso quarto. Me arrumo para dormir enquanto o Noah observa o par de sapatinhos que eu comprei junto com uma roupinha que a Elis me deu, nem preciso comentar que é malhadinha como uma vaquinha. Até estranharia se não fosse esse o seu primeiro presente para a sua afilhada, ou afilhado. Ela me abraçou e gritou de felicidade quando nós contamos para ela que seria a nossa escolhida junto com o meu tio para serem os padrinhos. Meu tio ficou emocionadíssimo e disse que não poderia estar mais honrado de poder ser dindo e avô de um filho nosso.

Me deito ao seu lado e ele me puxa para o seu lado e coloca uma mão por baixo do meu pijama na minha barriga.

— Ainda tenho que comprar o teu anel — ele fala depois que me beija de leve. —

Acredita que a Dona Eulália se lembrou da minha promessa e fez o Hédio me ligar? — rio.

— Acredito, a Agnes me ligou hoje também e me falou isso — coloco a minha mão em cima da dele. — Noah, não precisa comprar um anel, eu tenho um perfeito para isso.

— Qual? — ele me pergunta distraído fazendo movimentos aleatórios em mim.

— O que o meu pai deu para a minha mãe. Ele está com o meu tio, porque era da minha avó.

— Vou falar amanhã com ele então e pedi-lo — mordo o meu lábio, e não me contenho.

— Eu já falei... E ele já me entregou — Noah olha para mim e abre um sorriso.

— E onde ele está? Porque eu não vejo a hora de poder dizer para todo mundo que tu é a minha noiva.

Viro e abro a gaveta da minha mesa de cabeceira e tiro a caixinha de veludo azul com o anel e entrego para o Noah. Ele abre e encontra o anel dourado com um pequeno diamante em forma de coração. Quando ele coloca em frente a minha outra aliança o peso da ação me faz perceber que agora é concreto, eu estou grávida e noiva do homem que eu amo mais que tudo. Aquele que me ensinou as melhores lições e viveu momentos intensos ao meu lado.

— Eu te amo Fofa — Noah se deita delicadamente, em cima de mim.

— Eu te amo Noah — quase nem tenho tempo de responder, pois a sua boca invade a minha e me entrego de corpo e alma para a única pessoa perfeita para mim e pai dos meus filhos.

7 Meses Depois

Por Noah

Abro a porta do apartamento e deixo a minha pasta com as coisas da faculdade atiradas em cima de uma mesa. Começo a tirar os sapatos, abrir a camisa e afrouxar o cinto conforme caminho em direção à sala. Estou morrendo de calor e necessito urgentemente de um banho para não morrer dessorado em uma poça de suor. Maldito calor fora de época.

Voltar à faculdade, depois de velho, como diz a Su, é um desafio e tanto. Ainda mais quando a maioria dos meus colegas são mulheres, e todos na casa dos vinte e poucos anos. E tirando o fato que a minha educação curricular na Inglaterra é completamente diferente da que se tem aqui. A minha gramática é péssima, tanto que um dos meus professores perguntou se eu tinha algum tipo de dislexia, para não me chamar de analfabeto.

Falar português nunca foi um desafio para mim, bem pelo contrário, antes mesmo de aprender inglês eu já falava fluentemente o idioma daqui, mas a escrita nunca me foi apresentada corretamente, e convenhamos que não é uma das línguas mais fáceis para aprender a dominar a sua gramática. Cheia das suas regras de acentuação, concordância e até a mesmo a grafia dos dois S, R, letras com som diferente... E tantas outras regras que eu ainda não dominei. Muitos trabalhos eu faço e peço para a Su revisar para mim, as atrocidades que eu escrevo, mesmo com o corretor do computador, ainda saem alguns grotescos.

Mas mesmo assim eu estou adorando estar na faculdade de licenciatura em inglês. Nesse primeiro ano, praticamente são matérias voltadas à didática e metodologias para aprendermos a lidar com as crianças. Já utilizei muitas delas em sala de aula com as crianças do orfanato e não poderia ter me saído melhor com tudo isso.

Ainda não acredito que no final de tudo, eu vou me tomar um professor, e o pior de tudo, isso me traz mais felicidade do que ser modelo.

Chego na sala e vejo a televisão ligada e meus três amores dormindo atirados, cada um em um sofá, e esqueço completamente de tudo em minha volta.

O Yago deitado com o JB no meio das suas pernas, sendo que uma está em cima da guarda do sofá, e no outro a Fofa com a minha linda Fofinha com quase oito meses e um Gato dormindo por cima.

Ah, os meus amores! Depois de tudo que passamos há quase três anos atrás, só merecemos a felicidade plena agora. Nós quatro juntos e sem nada para interromper a nossa alegria. Cada dia que passa eu me sinto mais completo com essa família que formei.

Parece que foi ontem que descobri que a Su carregava uma Fofinha dentro dela. Fiquei tão emocionado e imensamente feliz, que não pude conter as lágrimas de felicidade que escorreram dos meus olhos quando li a palavra positivo no exame que ela me mostrou. Assim como, quando escutamos o seu coraçãozinho acelerado ecoar durante a ecografia, ou então quando eu a senti chutar pela primeira vez.

Chego perto do meu filho e faço um carinho nos seus cabelos, que depois de muita

briga, conseguimos cortar um pouco. Depois de mais um exame semestral, comprovando que ainda está em remissão total da leucemia, eu não poderia estar mais feliz. Dou um beijo na sua testa e um certo projeto de cachorro rosna para mim.

— Vai te catar JB — falo baixinho para não acordar nenhuma das outras feras que dormem na sala, mas o cachorro começa a latir a contragosto de eu mexer no Yago.

Todo guri merece ter um cachorro companheiro, eu tinha um também na idade do Yago e sei que o JB está fazendo um ótimo papel. Até demais para o meu gosto!

— Pai? — Yago murmura e acorda lentamente.

— Oi... — dou mais alguns beijos nele até ele me empurrar.

— Já está de noite? — Ele me abraça, mais dormindo do que acordado, querendo que eu o leve para cama como sempre faço quase todas as noites. Quando não o encontro dormindo aqui, ele está no meu lado da cama.

O pego no colo e ele se agarra em mim para não cair. Sua cabeça cai no meu ombro e eu o beijo repetidamente.

— Já escovou os dentes? — ele geme alguma coisa que me faz entender que significa um sim.

Caminho o corredor até o seu quarto e o coloco em cima da cama, vejo ele se virar até ficar de bunda para cima e agarrado no seu pinguim gigante. Ligo o ar-condicionado e quando estou saindo do quarto, um JB passa pelo meio das minhas pernas, pula na cama e se aninha nos pés do Yago.

Volto para a sala e vejo o amor da minha vida deitada com a minha filha se desenvolvendo no seu ventre e não consigo disfarçar o sorriso no meu rosto. Chego perto dela e retiro o Gato de cima da minha filha, e claro que ele tenta me arranhar, mas depois de tantas vezes, já nem dou bola mais.

Me ajoelho na sua frente e beijo a sua barriga diversas vezes.

— Oi Fofinha... — puxo o pijama da Su e distribuo beijos por ali. — O papai estava com saudades.

Sinto a minha filha me chutar de leve, e sorrio. Sim, eu vou ser o pai mais babão do mundo!

— Eu não acredito que tu acordou ela — Su geme frustrada e eu não posso deixar de sorrir mais.

Nossa Fofinha vai ser jogadora de futebol, ou ser elétrica. Ela se mexe o tempo todo, tanto que a Su chega a ficar com dores nas costas de tanto aguentar as suas peraltices. E quando ela troca o dia pela noite e resolve ficar ativa durante a noite não deixando a mãe dormir. É óbvio que o pai entra nessa história, afinal que graça tem deixar esses momentos passarem, já que passam tão rápido?

Tem dias que ela está tão agitada durante a noite que eu sinto ela, quando a Fofa me abraça por trás, que eu acordo no susto sentindo esses chutes.

— Boa noite Amor — olho para o seu rosto e a beijo lentamente.

— Como foi a prova de hoje? — seu sorriso preguiçoso me deixa louco e eu a beijo mais algumas vezes.

— Tranquila — ela me afasta e se senta.

Ela se senta e coloca a mão sobre a barriga. Ela está linda grávida, mais ainda do que sempre foi. Seu corpo se adaptou todo à gravidez de um jeito espetacular, e os seus hormônios, nem se fala. Quando ela não está uma gata manhosa fica pior que uma tigresa em fúria! Mas quando ela fica com aquele olhar de quem está me comento com os olhos, a única coisa que eu posso fazer é engolir em seco e encarar a fera, que me deixa de pernas bambas todas as vezes que termina comigo. Ou então, quando ela está puta até com o ar que eu respiro. Geralmente nesses dias eu ofereço uma massagem, ou até mesmo, dar um banho no Gato, mesmo sabendo que dessa última seria uma missão suicida.

— Não me olha desse jeito que eu estou mais gorda que uma porca — ela se levanta rápido e quase cai sentada no sofá novamente.

— Cuidado! — Levanto e deixo ela se apoiar em mim para firmar o seu equilíbrio. — Tu não está gorda como uma porca, está grávida. Tem uma grande diferença entre essas duas coisas.

Ela parou de trabalhar essa semana, por dois motivos. Amanhã é o nosso casamento e ficar de pé por muito tempo correndo de cima para baixo com uma barriga de quase oito meses é quase impossível. Tanto eu e o médico batemos o pé contra ela nesse quesito, e depois de muita briga ela cedeu, mas disse que ia continuar a trabalhar em casa. Vindo dela, era o mínimo que eu podia esperar.

Ela me abraça e eu sinto mais um chute da Fofinha quando a Su me aperta.

— Ela tá animada hoje? — ela geme um sim.

— Ela anda se mexendo muito, a Elis nem chega mais perto de mim com medo da Fofinha.

Começamos a rir da maluca da Elis. Desde que a Fofa começou a ficar mais parecida com uma mulher grávida, ela tem evitado ficar do lado dela, pelo simples fato de ter medo da barriga. E já disse que se um dia engravidar não quer nem ter barriga e nem sentir o bebê se mexendo, pois não parece uma coisa muito normal de se ter dentro de si. Quando a Su colocou a mão dela um dia quando a Fofinha estava se mexendo ela saiu de perto, e até hoje evita de ficar muito próxima. Chega a ser hilário ver a Su ameaçando de dormir ao lado dela em uma noite que a mocinha esteja agitada.

— Vamos pra cama, Amor, e eu acalmo a Fofinha e te faço uma massagem — beijo o seu pescoço para deixar bem claro como quero acabar essa noite.

— A massagem até aceito — ela me empurra e eu fico sem entender o porquê. Vendo essa minha cara, ainda ri.

— Porque está sendo tão malvada com o teu futuro marido? — a ataco sem dó nem piedade, tanto que ela solta um gritinho misturado com uma risada.

— Por que... — ataco seu pescoço e percorro as minhas mãos pelo seu corpo. — Por que... Noah... Ai droga — sorrio e me encontro com a sua boca e ela me aceita sem pensar duas vezes.

Não deixo ela terminar essa maldita frase e a carrego para o quarto. Amanhã eu deixo ela me explicar o porquê de toda essa negação sem fundamento.

Por Su

E que comece o treino de uma luta misteriosa dentro de mim. Olho para o relógio, quatro da manhã. Pontual como sempre, Fofinha...

Viro-me e dou de cara com um Noah dormindo profundamente, e uma onda de inveja me faz querer acordá-lo só de raiva. Mas do que vai adiantar fazer isso? Só nós dois estarmos com cara de zumbi nas fotos do nosso casamento hoje. Outro chute, ou braçada, eu respiro fundo e coloco as mãos sobre a minha barriga.

— Pelo visto tu vai ser igual ao teu pai, e só vai querer atenção para ti, não é? — ela se mexe mais uma vez, como se concordasse com o que havia dito, e eu sorrio para a minha barriga.

Levanto, já que pelo visto dormir vai ser complicado. Vou ao banheiro para me esvaziar um pouco, caminho até o quarto do Yago para checá-lo e ver que ele está dormindo pacificamente ao lado do Gato e o JB, e então sigo até o quarto de música para acalmar a ferinha dentro de mim.

Abro a tampa do piano e começo a tocar alguma música calma para Fofinha voltar a dormir dentro de mim e aproveitar toda a segurança que só o corpo de uma mãe pode oferecer.

Em algumas horas, no dia de hoje, eu e o Noah vamos nos casar oficialmente, depois de tantas brigas em relação ao acordo pré-nupcial que eu pedi para ele, e que claro, ele se negou. No fundo o que eu solicitei era o certo, e o mais óbvio de se prever. Eu não queria a separação total de bens, pelo simples fato de que todo o dinheiro dele estaria nesse montante, e isso seria injusto ao extremo. Mas adianta teimar com ele? Não. Então por isso que esse casamento demorou tanto para acontecer, ele se negou a se casar comigo enquanto eu insistisse com “essa papelada desnecessária, Amor. O que é meu sempre vai ser teu”, palavras dele.

Nem a Elis aguentava mais essa nossa birra, então ela entrevistou na forma mais engenhosa e maléfica do mundo. Ela nos levou até a fazenda dos seus pais e contou tudo para a sua avó. Nem preciso falar que eu quase a matei quando percebi a tramoia! Foi sacanagem e golpe baixo demais para uma pessoa só.

A Dona Eulália me colocou junto com o Noé na cozinha, uma manhã inteira com ela e falando sobre o papel do homem e da mulher no casamento. Se não estivesse com cinco meses de gravidez naquela época, teria cortado os pulsos ali mesmo. O auge foi quando ela disse que eu tenho que deixar de fazer o papel de homem na relação e aceitar tudo o que ele está me oferecendo, e o Noah dando força total para o que era falado para mim. E ainda se fazia de vítima. Por pouco que não peguei uma galinha e coloquei ao seu lado durante o seu sono, para ele me pagar por esse dia. Foi torturante, mas não conseguimos dizer não para a avó da Elis, tanto que quando saímos de lá, a data já foi marcada.

Não vai ser nenhuma cerimônia de gastar rios de dinheiro. Coisa simples no meu salão menor de eventos. E com os amigos, ou seja, a Elis, seus pais e sua avó e o meu tio. Não preciso de uma festa gigante para a cerimônia ser bonita e muito menos emocionante. Ela não vai ser religiosa, somente com um juiz de paz para realizar a parte burocrática e depois algumas fotos e um jantar simples.

Meu vestido é todo branco, assim como a roupa do Noah e do Yago. A cor para a decoração azul

com algumas folhagens verdes. O jantar foi todo confeccionado pela Elis e com uma ajuda da Dona Eulália na parte dos doces, e eu não vejo a hora de poder experimentar todas aquelas guloseimas que eu pedi no cardápio, afinal, hoje eu posso esbaldar, é o meu casamento.

Toco mais um pouco, até não sentir mais a briga da minha filha com ela mesma dentro de mim. Delicadamente vou até o banheiro de novo, e volto para cama e tento dormir mais um pouco, ou até o Noah acordar e vir dar bom dia para a Fofinha e ela se alegrar toda novamente. Pelo visto ela vai ser uma puxa saco do pai, mal ela escuta a voz dele e já fica se mexendo toda fazendo o Noah quase babar em cima da minha nada pequena barriga.

A minha gravidez está sendo mais tranquila do que eu esperava. Meus enjoos não duraram mais do que os dias iniciais e, além disso, não tive nenhum desconforto até os cinco meses. Mas quando a minha barriga começou a crescer, mais do que ela já era grande, foi que eu fiquei um pouco paranoica. Até mesmo ao trocar de roupa na frente do Noah, ou até mesmo outras coisas que os meus hormônios fazem eu o atacá-lo. Ele não dá bola para o tamanho que eu estou, mas mesmo assim, eu me sinto feia e completamente nada charmosa.

Estar grávida é um sonho. Apesar do humor do cão duplicado, ou triplicado, dependendo do caso, o inchaço das minhas pernas, o tamanho que eu fiquei, e até o fato de eu ter que ir de meia em meia hora no banheiro, mas ver uma vida se formando dentro de mim compensa tudo.

~

— Estou parecendo um bujão de gás com uma capa branca — falo emburrada para uma Elis que me manda calar a boca enquanto arruma os meus cabelos.

— Calada! E fica quieta antes que eu estrague tudo aqui.

— Para de arrancar os meus cabelos — já estou irritada com tudo isso, ainda mais com o calor que está aqui. Pela primeira vez eu quero um ar-condicionado e dar uma de urso polar com o Noah e o Yago.

— Deixa para chorar na hora do casamento, e não agora — e ela puxa mais uma vez os meus cabelos e eu estou perto de dar uma boas pauladas na cabeça da Elis.

Estamos no meu escritório terminando de me arrumar. Ou melhor, ela que está me arrumando, por mim eu já estava pronta há muito tempo, mas a vaca insistiu ainda de dar alguns retoques finais. E isso está me irritando ao extremo aqui. Estou com calor, dor nas costas, morrendo de vontade de ir ao banheiro pela quinta vez desde que chegamos aqui. Elis puxa a minha cabeça para trás, mais uma vez, a ponto de quase me quebrar o pescoço e eu gemo de dor.

— Cabelo pronto — massageio o meu pescoço para não acordar amanhã com um torcicolo desgraçado. — Agora vamos para a maquiagem.

— Chega Elis! — Me levanto antes mesmo dela chegar com alguma coisa perto de mim.

— Mas Vaca...

— Sem vaca, sem nada. Tu já me maquiou antes de eu sair de casa, e agora chega! — Ela pisca algumas vezes, e quando abre a boca para argumentar, eu a calo. — Não Elis, daqui a pouco o Noah bate na porta pensando que eu fugi do casamento.

A porta se abre e o Yago aparece com os olhos arregalados para nós.

— Mãe, o pai quer saber se vocês vão demorar... — Falo um “viu só” para a Elis sem som e caminho até o meu filho, que está lindo todo de branco.

— Pode avisar que já estamos saindo, eu só preciso ir ao banheiro — ele sorri e sai pela porta correndo.

Vou até o banheiro com a ajuda da Elis, para não fazer xixi no meu próprio vestido, e com muita dificuldade calço as sapatilhas nos meus pés mais inchados que o resto do meu corpo. Ela ainda insiste em arrumar mais algumas imperfeições, que não existem, no meu rosto e cabelo e me entrega o meu buquê de margaridas amarelas, as mesmas flores que o Noah me deu depois que eu entreguei o seu celular.

— Pronta para virar a Senhora Suzilyane Morelli Backer? — sorrio para a minha vaca madrinha.

— Como eu nunca achei que estaria — falo confiante, mas nervosa por dentro, tanto que a Fofinha tem que me dar um chute forte para me lembrar de caminhar até a porta.

Elis sai correndo porta a fora, para tomar o seu lugar no pequeno altar que fizemos para a ocasião de hoje, ao lado do meu tio, o padrinho do Noah. Vejo o Yago na porta me esperando, já que vai ser ele quem irá me entregar para o seu pai nessa noite e eu começo a suar frio de nervosa. Respiro fundo e sinto outro chute da Fofinha me incentivando.

— Pronto? — olho para o Yago e ele me estende o braço, assim como eu ensinei no ensaio de ontem.

— Sim, estou morrendo de fome e o pai não deixou eu assaltar a mesa de comida ainda — dou uma risada baixa e beijo a bochecha do meu Anjo.

A música começa a tocar e o meu coração dá um salto e começa a bater mais forte. Yago começa a caminhar e quase que eu me esqueço de que tenho que acompanhá-lo até o altar. Saímos pela porta do meu escritório e agora é oficial, eu vou me casar com o Noah.

Olho para a nossa decoração simples e sorrio para o nada. Observo nossos amigos vendo a minha entrada com o Yago e a Fofinha dentro de mim em alas, e começo a me emocionar de verdade. Mas o meu chão some completamente quando vejo o Noah parado junto com o juiz de paz me esperando no altar.

No momento em que os nossos olhares se cruzam, eu me perco completamente de tudo a nossa volta. Seu sorriso se espalha no seu rosto e ele limpa uma lágrima que não conseguiu conter a tempo. Yago caminha ao seu lado até chegar ao altar comigo. Me abaixo e dou mais um beijo no meu Anjo, e ele cumprimenta o seu pai como se fosse um homem grande, entrega a minha mão para o Noah, e sai para ficar ao lado da Elis a quem eu entrego o meu buquê.

O juiz começa a cerimônia com um discurso sobre a importância do casamento, bem como o amor, união e fé nas nossas vidas. Como se nós não fossemos mestres nisso, desde o início do nosso relacionamento nada clichê. Tudo é muito intenso e emocionante para mim, tanto que já desisti de limpar as minhas lágrimas e as deixo correrem soltas pelo meu rosto. As fotos depois irão ficar ótimas com as nossas caras inchadas.

Demos os nossos “aceito” depois de todo esse texto que nos encheu de esperança e votos de ótimos sentimentos e felicidade para nós daqui para frente.

Sou a primeira a recitar os meus votos, falo sobre a importância dele na minha vida, como me mudou da água para o vinho em questão de meses, e de como a presença dele na minha vida era fundamental desde o momento em que eu me vi apaixonada por ele. E com isso, mais rios de lágrimas de todo mundo.

O Noah foi mais sutil com os seus votos. Falou de como depois que me conheceu, todo o seu mundo veio abaixo com a realidade que eu o apresentei. Além de como ele mudou como pessoa, o como ele amadureceu com a família que formou comigo até então. O quanto ele sentia o peso da responsabilidade de ser pai e agora marido. E no fim, declarou o seu amor por mim como sendo o combustível que o fazia crer em uma felicidade plena.

Yago nos entregou as alianças que estavam no meu bolso. As mesmas que os pais do Noah usaram e vieram junto na viagem do início do ano para a Inglaterra. Digamos que alguém já estava com esses planos em mente...

Noah coloca a aliança na minha mão esquerda sem tirar os olhos dos meus por nenhum milésimo de segundos que fosse. Através daqueles olhos azuis profundos, pude ver todo o amor que ele sente por mim, e quando eu fui colocar a sua aliança, tentei expressar pelos meus o mesmo sentimento.

Quando o juiz de paz nos autoriza a nos beijar, Noah chega perto de mim lentamente, sua mão faz um carinho de leve na minha bochecha e antes de colar a sua boca na minha ele fala sem emitir nenhum som um “eu te amo” e me beija delicadamente. Suas mãos descem até a minha barriga e ele me surpreende ficando de joelhos na minha frente e falando a mesma coisa para a Fofinha, que se agita toda dentro de mim.

Pela primeira vez, eu assino o meu nome de casada no documento que o juiz de paz nos entregou. Quase que eu erro o meu novo sobrenome de tão nervosa que eu estava. Entrego a caneta para o Noah e ele repete o meu processo com a sua assinatura e oficialmente estamos casados. De testemunhas, a Elis e o meu tio assinam e assim o juiz encerra a sua participação, nos desejando toda a felicidade do mundo.

A festa começa, e o Yago consegue matar a ansiedade pela comida que está posta nas mesas a nossa frente. Mais uma vez, a vaca da Elis e a sua avó arrasaram nos meus desejos de grávida. Até o meu tão amado arroz de leite, que ela me mandava um pote gigante por semana, está presente, bem como a cuca de goiabada e tantas outras coisas que eu e a Fofinha agradecemos por receber hoje. Se ela quer aparecer como o pai, com toda a certeza, vai comer como a mãe.

Depois de comer mais da metade das comidas da festa, a Elis nos chamou para dançarmos a primeira música como casados. Eu nem me lembrava disso, já que eu e a Fofinha estávamos prontas para ficarmos sentadas em uma mesa e eu, de preferência com os pés para cima e sem essas sapatilhas assassinas nos meus pés com o dobro do tamanho.

Depois de muita briga, para fazer o Noah e a Elis esquecerem a dança, eles me convencem. Já estou a ponto de pedir um guindaste para cada vez que eu tento me levantar. Imagina como eu vou estar quando ela nascer, isso se eu não explodir primeiro.

— Vamos Fofa, que depois tem a tua música — ele pega a minha mão esquerda, gruda na sua, coloco a minha direita no seu ombro e ele me puxa para mais perto.

— Não sei onde eu estava com a cabeça quando aceitei essa parte da dança — resmungo e ele me beija de leve.

— Só pelas fotos, eu prometo — seu sorriso malicioso não me faz mudar de ideia como acontece das outras vezes.

Tiramos umas fotos há um mês para o ensaio dos convites no entardecer em uma área arborizada e semana passada fomos a uma praia próxima para fazermos umas para o book da gestação da Fofinha. Mas não posso negar, a cada uma que recebemos estão mais que perfeitas.

Não imagino a música que ele escolheu, assim como ele também não sabe a minha. Estamos no meio do salão esperando a música começar a tocar, o silêncio só é cortado pelo barulho da câmera profissional da equipe de fotografia. No momento em que a introdução da música e eu a reconheço, o meu sorriso me faz esquecer toda a dor nas pernas que eu estou sentindo. Quando a letra de Velha Infância começa a ser entoada pela Marisa Monte e o Arnaldo Antunes, eu e o Noah começamos a cantarmos juntos.

Dançamos lentamente cantando junto com eles e deixando as palavras fazerem o seu papel com o significado perfeito para todas as estrofes. O Noah se saiu perfeito na escolha da sua música, vou até ter vergonha de apresentar a minha agora.

— Você é assim — ele começa a recitar a estrofe final no meu ouvido —, um sonho pra mim. E quando eu não te vejo, eu penso em você, desde o amanhecer, até quando eu me deito. Eu gosto de você, e gosto de ficar com você — ele frisa essas últimas palavras e eu me deito no seu ombro para esconder as lágrimas. — Meu riso é tão feliz contigo, o meu melhor amigo é o meu amor.

A música acaba e uma pequena salva de palmas começa a se formar entre a nossa pequena plateia. Sinto as minhas bochechas, que com a gravidez aumentaram um pouco mais, ficarem quentes, mas não tenho tempo de me preocupar com isso, pois do nada o Noah sem segurar e me inclina para frente para me beijar como naqueles filmes antigos de romance. Ele solta a minha boca e um sorriso fica preso entre nós, mas temos tempo de nos recompormos, e a música que eu escolhi para nós começa a tocar.

Ao contrário da do Noah, a minha não é nada romântica do mesmo nível essa que ele escolheu. A melodia de Contatos, do Lulu Santos, começa a tocar e eu nem tinha percebido que ela é alegre demais para se dançar colado. Realmente eu sou um desastre nessas coisas românticas. Noah começa a me embalar mais rápido pelo ritmo da música e quando ela chega ao refrão, eu me lembro do porque eu havia escolhido ela.

Mesmo após um dia intenso

Não devemos desencostar

Vai que por acaso falte o equilíbrio

Imagine que no futuro as pessoas

Vão ler sobre nós

E vão se admirar do jeito que a gente arrumou

Pra não deixar de se amar

(Contatos - Lulu Santos)

Escolhi ela só por esse trecho da música, para cada vez que sempre lembramos de estarmos juntos para manter o nosso equilíbrio nesse amor. Pois só se consegue isso com o outro dando suporte para tudo o que fazemos, e vice-versa. Aprendi que em um relacionamento não há apenas um “eu” e sim um “nós” e nos manter unido é uma grande parcela para enfrentarmos todos os desafios.

Nossa história nunca foi, e nem vai ser normal. O amor nasceu entre duas pessoas completamente diferentes e de mundos completamente paralelos, mas que quase nunca se encontram. O acaso nos uniu de uma forma espetacular e nos mostrou que com aprendizado e compreensão conseguimos superar todas as barreiras e diferenças que há entre nós. E essa é uma das lições que eu quero passar para os nossos filhos.

Terminamos de dançar e finalmente eu me sento. Retiro as sapatilhas e coloco as pernas para cima de uma cadeira. Já que acabou as tradições posso ficar maltrapilha, até já vi o pessoal da fotografia guardando os equipamentos. Aproveito e solto o meu cabelo do penteado maluco que a Elis fez em mim, até ficou bonito, mas ela puxou tanto que parece que eu fiz uma plástica de tão esticada que o meu rosto deve ter ficado.

Coloco as mãos na Fofinha e vejo o Yago dançando e pulando com a Elis ao som da música que eles escolheram e sorrio para a cena. Meu filho é uma criança agitada e completamente normal para a sua idade agora. Diferente de quando o conheci no orfanato, uma criança triste e sem motivação para nada, e através da música descobriu um amor nato, tanto que hoje tem vezes que toca melhor que eu. O que faltava nele, assim como todas as crianças que ainda lá vivem, é o amor de pais. Ainda é muito difícil a adoção nesse país, tanto como burocracia ou até mesmo preconceito com as crianças que não escolheram esse destino para elas. Futuramente, eu espero que esses conceitos caiam, por serem ridículos, e as pessoas adotem e amem mais o próximo. É um desejo que tenho, e quero muito que os meus filhos vivam em um mundo assim.

— Ai Fofinha! — Solto um gemido de dor e respiro fundo, esse chute foi dos fortes. — Não judia da mamãe.

Ela me pede desculpa com um chute mais fraco e eu faço um carinho nela através do meu vestido.

— Quem está judiando da mamãe? — as mãos do Noah apertam os meus ombros e eu imploro por uma massagem, com um gemido baixinho, e ele entende o recado.

— A tua filha — ele se inclina e me beija. Vejo o sorriso cansado que ele esboça. — Está tudo bem?

— Estava falando com o meu pai — ele suspira e eu entendo.

A “briga” foi grande, mas o Noah não conseguiu o convencer de vir para o Brasil e presenciar o nosso casamento. Foram dias e dias em que o Noah ficou ao telefone com ele fazendo uma chantagem emocional, mas não funcionou totalmente como ele queria, e por fim, o seu pai disse que viria quando a Fofinha nascesse para conhecer a neta em primeira mão.

— A Elis deu a ideia de transmitir a cerimônia pelo Skype para ele e por incrível que pareça, ele aceitou. Chamou um técnico e instalou tudo o que precisava — ele termina a massagem e se senta ao meu lado.

— Que ótimo — bato palmas de felicidade e dou um beijo no Noah.

— Sim, a Elis posicionou o meu telefone em cima da mesa de som, e ele assistiu tudo pelo computador. E — ele faz um sorriso misterioso —, me mostrou os comprovantes de embarque. Daqui a exatamente um mês ele desembarca aqui.

— Então agora é oficial?! — Exclamo em tom de pergunta e ele me responde com um sorriso que vale do que mais que mil palavras.

Ele me beija novamente e coloca a mão sobre a Fofinha que se mexe mais delicadamente agora. Sei o quanto ele está feliz com a vinda do seu pai para cá, e eu também estou. Nossa filha vai nascer com uma família completa, com direito a uma dinda maluca e tudo.

E vai vir com toda a saúde do mundo e um lar de felicidade e amor que nós vamos dar para ela.

~

— Fofinha do céu! — Me contorço toda em cima do sofá e olho no cronômetro. Dez minutos desde a última.

Respiro fundo e zero o cronômetro do celular novamente. Se me der mais uma nesse espaço de tempo, eu acordo o Noah e faço ele me levar para o hospital. Fecho os olhos e me acalmo. Parece que alguém quer nascer uma semana antes da cesárea e não está a fim de esperar muito.

Eu já liguei para o meu médico quando as dores não me deixaram ficar mais deitada e tentando dormir. Por sorte, ele está de plantão hoje e me avisou que se o intervalo começar a ficar menos de dez minutos é para nós irmos para o hospital que ele já está sob aviso e vai deixar o bloco cirúrgico meio que reservado.

Minha primeira opção era pelo parto normal, até o médico já havia me dito que eu tinha o perfil perfeito para ter a Fofinha por esse método. Mas depois da moça se mexer tanto dentro de mim, que quando ela se “encaixou” para nascer o cordão umbilical se enrolou no seu pescoço e isso pode ser muito arriscado na hora do parto normal.

O Noah foi à loucura quando o médico nós deu essa notícia. Não que eu tenha ficado animada com ela também, todos nós sabemos o risco que uma cesárea pode trazer para a mãe e o bebê, mas não tínhamos como discutir outras opções, esse era o método mais aconselhado para o nosso caso. Saímos de lá com todas as nossas dúvidas esclarecidas e um pouco mais aliviados.

Fechei ontem as 38 semanas de gravidez, e o parto está marcado para daqui a seis dias. O médico já havia me avisado que isso poderia acontecer a qualquer momento a contar de semana passada. Tive que dar um cotovelo no Noah para ele acordar quando o médico disse que a minha bolsa pode estourar e ela querer nascer antes de fechar as 40 semanas previstas. Por

isso que nem o chamei ainda.

No meio da tarde, comecei a sentir um incômodo nas costas que evoluiu para uma dorzinha chata que me vinha e passada. Dei janta para o pessoal aqui depois que o Noah chegou da faculdade, e a máfia de quatro patas e fui me deitar, mesmo sem estar com dor, eu estou uma bola e me canso com qualquer coisa. Senti o Noah se deitar ao meu lado e continuei a dormir. Por volta da uma da manhã, a dor chata voltou e se tornou cada vez mais forte. E agora a quase duas horas depois, exatamente às três da manhã estão cada vez mais intensas e seguidas.

Um dor nas costas me rasga, eu gemo de novo e sinto a minha barriga endurecer. Checo o cronômetro e vejo que novamente, se passaram dez minutos. Hora de ir para o hospital.

Limpo o suor que começou a se formar no meu rosto e me levanto com toda a dificuldade que uma barriga gigante me impôs. Caminho me segurando pelas paredes, devagarzinho com o Gato me acompanhando de perto. Mal eu vim para a sala, e ele veio para o meu lado me dar um apoio moral roncando ao meu lado. Abro a porta do quarto e vejo o meu marido atirado na cama dormindo profundamente, ah como eu queria que ele sentisse um pouco da dor que eu estou convivendo agora. Do jeito que ele é medroso para isso, ia pedir para morrer. Me sento, coloco a mão na minha barriga dura como pedra e tento acordar o urso polar em questão.

— Noah... — empurro a sua perna e ele nem se mexe. Que inveja desse sono. — Noah — dou um tapa na sua coxa nua e ele dá um pulo na cama.

— O que houve? Aconteceu alguma coisa? — seus olhos assustados me fazem rir, mas termino gemendo com mais uma contração. — O que está acontecendo, Fofa? Me fala? — ele se ajoelha na minha frente e eu não consigo falar, parece que estão me rasgando por dentro.

— Con... — respiro fundo e aperto a mão dele a ponto de ficar branca — ...tração.

Ele dá um pulo na cama e começa a caminhar de um lado para o outro, e eu aqui morrendo de dor.

— Há quanto tempo? Está doendo? Já ligou para o médico? Já marcou o tempo?

Respiro fundo e controlo a minha respiração até passar por completa a contração.

— Cerca de duas horas. Doendo para cacete. Já liguei, ele está de plantão hoje. Dez minutos.

— Vamos para o hospital. Eu... — ele olha para mim e fica parado pensando no que vai fazer.

— Foi para isso que eu te acordei. Ele já está sob aviso e disse que ia deixar o bloco cirúrgico também.

— Certo... Vamos... — impressão minha ou ele está tendo um pequeno ataque de pânico aqui? — Eu...

— Vai colocar uma roupa Noah! Tu está só de cueca — ele olha para o seu corpo e corre para o guarda-roupa e ainda quase mata o Gato no meio do caminho, pisando no seu rabo que dá um grito que deve ter acordado meio prédio agora. — Só não mata o Gato, por favor.

— Essa bola de pelo estava na minha frente.

Oh droga, mais uma vai vir em pouco tempo! Me agarro nos lençóis da cama e espero ela chegar. Controlo a minha respiração, assim como eu vi em todos aqueles vídeos na internet sobre partos. A pessoa em casa sem fazer nada, dá nisso, mas pelo menos vai me ajudar agora.

Olho para o Noah que está agarrado na porta do guarda-roupa com meia camiseta colocada e as calças desabotoadas ainda.

— VAMOS DE UMA VEZ NOAH — grito, e ele quase cai no chão de susto.

Depois desse meu aviso, ele veste a roupa rápido como nunca na vida, e me ajuda a colocar um vestido simples, e os chinelos, porque outro tipo de calçado eu já desisti há muito tempo. Nem anéis eu uso mais, de tão inchada que estou nesse exato momento, até a minha tornozleira ele tirou para mim semana passada, porque eu estava com medo de arrebentá-la, para ver o estado que eu estou.

— Avisa o teu pai e o Yago que eu vou ligar para a Elis vir para cá ficar com eles — falo um pouco mais alto que um sussurro e ele me senta no sofá.

Ele sai correndo e tropeça no tapete da sala. Eu que sinto as dores e ele que fica em pânico. Eu mereço.

O seu pai chegou há uns dois dias aqui em casa, e já encheu o Yago e a Fofinha de presentes que ele trouxe da Inglaterra. A criança vai nascer hoje e o seu quarto já tem mais presentes do que tivesse ganhado até o seu aniversário de cinco anos. Roupinhas e fraldas mesmo, não vou precisar me preocupar até ela estar com uns seis meses.

— Elis — falo e ela em interrompe.

— Estourou a bolsa? Contrações que estão te matando? Bem que a minha avó me falou que não passava de hoje mesmo, teve mudança de lua.

— Elis — falo novamente e ela para de tagarelar —, só contrações... — Puxo uma respiração pelo nariz profunda e solto pela boca. — Preciso que tu venha para cá e se for a hora, levar o pai do Noah e o Yago para a maternidade, pode ser?

— Ai meu Deus — ela grita e eu tiro o telefone de perto de mim para não correr o risco de ficar surda e futuramente não escutar a minha filha chorar. — A Fofinha vai nascer!

— Elis, por favor — falo baixinho e espero ela se acalmar.

— Já estou saindo — ouço ela se levantando da cama.

— Obrigada, se for a hora mesmo, eu ou o Noah te ligamos.

— Como ele está?

— Já quase matou o Gato e caiu e também não foi de cara no chão por pouco — rio baixinho me lembrando da cena e outra contração começa. Porra Fofinha, calma.

Desligo o telefone com a Elis e vejo um Yago cheio de sono caminhando descalços até mim. Ele se senta ao meu lado e me abraça, não poderia receber carinho melhor nesse momento de dor extrema.

— Ela vai nascer agora? — seus olhos vermelhos de sono, mudam para um misto de curiosidade e alegria.

— Acho que sim, meu Anjo — uma outra contração me rasga ao meio e eu fecho os olhos e respiro fundo.

— Mãe, vai doer? — solto ar mais uma vez, e olho para a preocupação dele.

Penso em uma escala de dor de zero a dez e com certeza, essa que eu sinto agora dever ser uns oito e meio ou nove. Mas então me lembro de toda a dor que o Yago passou quando estava no hospital antes de ser liberado para vir para casa. Aquilo sim era dor, e nessa escala, seria um onze, quase doze. O que eu vou sentir hoje, não se compara nada com o tudo o que ele sentiu durante o tempo que ficou doente. Coloco a minha mão nos seus cabelos e o puxo para um beijo na sua testa.

— Não vai doer nada, Yago — seu sorriso volta confiante. — Faz um favor para a mãe? Aperta o botão do elevador enquanto eu espero o teu pai?

Ele sai correndo para fazer o que eu pedi. O elevador aqui é uma carroça para subir até o último andar, então melhor já ir chamando ele, porque se demorarmos muito a impaciente dentro de mim vai nascer no meio do corredor do prédio.

— NOAAAAH — grito. Onde foi que ele se meteu?

Puta que pariu, isso dói muito! Agora sei por que muitas mulheres preferem fazer uma cesárea a passar por tudo isso no parto normal.

— Deus — ele chega todo assustado e me dá a mão para eu levantar. — Vamos amor.

— Pega a minha bolsa — ele me puxa e eu não consigo ficar reta normalmente, pode ser besteira, mas estou com medo da Fofinha cair no chão do nada. — Pegou a chave do carro e a tua carteira? — Noah pisca para mim algumas vezes, com os olhos saltados e sai correndo até o quarto.

Fechos os olhos e me controlo para não dar uma bolsada do Noah para ele acordar. Desisto de esperar por ele e caminho até o elevador, que ainda não chegou ao nosso andar.

— Vai para dentro que a tia Elis já está chegando — digo para o Yago que está começando a ficar um pouco assustado.

— Agora sim — Noah chega ao nosso lado. — Está doendo Fofa?

Nem respondo o Noah, só viro o rosto. Nunca pergunte a uma mulher em aparente trabalho de parto se ela está com dor. Provavelmente ele terá milhares de ideias de como te fazer sentir um terço do que ela está sentindo.

O elevador chega e eu me despeço do Yago com um beijo no rosto. Deixo o meu Anjo na porta de casa com um aceno triste, pois ele disse que queria ser uns dos primeiros a ver a Fofinha, mas me acalmar e ao Noah junto, e ainda dar atenção ao Yago seria altamente impossível nesse momento.

— Meu pai tava me acalmando — Noah fala ao meu lado e eu encaro o painel com os botões. — Eu estou nervoso.

Olho para ele e pego a sua mão.

— Eu também estou nervosa e nem por isso estou preste a ter um ataque de pânico — outra dor me atinge e eu me encosto no seu braço.

— Já estamos indo — ele beija o meu cabelo e eu mordo o seu braço forte. — Ai!

— Pelo amor de Deus, Noah. Eu preciso descarregar essa dor em alguém e tu é a única pessoa na minha frente — respondo ríspida.

A porta do elevador se abre e lentamente o Noah me leva até o carro. Quando ele puxa a chave para destrancar o meu fusca é que da sinal.

— Ah droga! — Ele xinga alto. Ele detesta dirigir o meu carro pelo fato de esquecer que precisa usar a embreagem. — Peguei a chave errada.

— Noah... — digo devagar, para não surtar e ser pior para nós duas aqui. — Como tu conseguiu trocar as nossas chaves? — Ele me olha e depois para o carro.

— Foda-se! Vamos nesse mesmo — ele abre a porta para mim e me ajuda a sentar no banco. Sinto muito, mas sem condições de colocar o cinto de segurança nesse momento.

Ele começa a dirigir a trancos e barrancos, e eu sem cinto. Onde eu estava com a cabeça de o mandar dirigir nervoso desse jeito. Se ele der mais uma freada assim, eu mesma vou dirigir o fusca.

— Está doendo muito?

— Só dirige Noah — olho para a janela para não matá-lo.

— Só me fala, Amor... Por favor, eu estou me sentindo um inútil aqui — olho para ele e começo a falar.

— Eu estou com uma criança de quase três quilos e meio e quarenta e nove centímetros me rasgando por dentro e querendo sair por um buraco mínimo, que tu conhece muito bem! E tu vem me perguntar se eu estou com dor? — quase começo a chorar de raiva nesse momento.

Sinto o Noah engolir em seco e olhar para a estrada a nossa frente. Ligo o ar-condicionado voltado para mim, para me ajudar a respirar melhor.

— Noah, tu perdeu a entrada do hospital! — Falo gritando para ele que quase perde a direção do Fusca!

Ele ficou olhando para mim e se esqueceu de entrar no portão do hospital, e o retorno é só daqui umas boas quadras. Tudo o que eu precisava nesse momento. Prendo a respiração e peço para tudo dar certo nesse momento, porque se depender do Noah, a Fofinha vai nascer aqui no Fusca.

— Merda! — Ele para o carro do nada e olha para trás.

Sinto ele engatando a marcha ré do carro, raspando a caixa de câmbio do fusca, por não saber usar a embreagem corretamente, e olhar no retrovisor se não há nenhum sinal de carro, ou mesmo pessoas às três e meia da manhã. Dou um solavanco para trás quando ele, a toda velocidade da ré no meu carro até vermos as luzes do hospital ao meu lado.

Pela primeira vez eu sorrio e tenho vontade de beijar o Noah ao invés de matá-lo, desde que eu o acordei.

Demos entrada no hospital segundos depois que entrei pela porta. Só falei o meu nome que a recepcionista já me encaminhou para a maternidade em uma cadeira de rodas, eu não ia

aguentar chegar lá caminhando mesmo.

Entramos no consultório do médico e quando ele me faz um exame de toque, me diz que eu ainda estava longe dos dez centímetros de dilatação para estar realmente em trabalho de parto. Na ecografia rápida, vimos a nossa Fofinha com o coraçãozinho acelerado e optamos por fazer a cesárea agora mesmo, eu não queria aguentar essa dor por mais tempo.

— Avisa a Elis — falo quando uma enfermeira me coloca em uma maca depois de estar com aqueles aventais que nos deixam com a bunda de fora.

— Só aguardar um pouco querida — ela fala ajustando os meus cabelos de uma forma carinhosa naquelas toucas. — Já vão vir te buscar — agradeço com um sorriso fraco e ouço o Noah desligar o telefone.

— Eles já estão a caminho, só esperar o Yago comer o pedaço de bolo que a Elis levou — ah meu Anjo, não nega um pouco de açúcar no sangue.

Noah chega perto de mim e me beija de leve nos lábios. Por mais que eu quisesse o matar segundos atrás, agora quero que ele fique comigo. Ele pega a minha mão e eu aperto.

— Vou sentir falta dos chutes na madrugada nas minhas costas — sua voz da uma falhada.

— Eu não muito — brinco. Por mais desconfortável que fossem, com toda a certeza do mundo que vou sentir também. — Nós vamos ser pais, de novo — seus olhos azuis, que eu tanto amo, começam a ficar marejados.

— De uma Fofinha — vejo um sorriso se formar no seu rosto. — Ela vai ser brava e teimosa como a mãe.

— E lindo como o pai — ele me beija novamente e uma enfermeira entra.

— Estamos prontos — olho para o Noah e vejo os seus olhos vacilarem com medo. — Vamos? — ele aperta a minha mão e eu respondo com outro aperto.

— Eu te amo — ele solta a minha mão e a enfermeira começa a me carregar em direção à sala de cirurgia.

Olho para as lâmpadas que correm na minha frente e quando menos espero entramos em uma sala diferente, com uma iluminação mais forte e uma mesa com diversos instrumentos que fariam o Noah morrer de medo só de ver.

Penso nele por um segundo e imagino a angústia que ele deve está sentindo sozinho naquele corredor. Eu não posso deixá-lo ficar lá sozinho enquanto a magia toda acontece aqui dentro. Não é justo com ele, nem comigo e com a Fofinha que está para nascer. Ela merece ver o pai antes que a levem para o berçário e ela passe por diversas mãos, assim como ele tem o desejo de conhecer a sua filha no primeiro momento de sua vida.

— Enfermeira — falo e uma contração forte começa. Ela vem até mim correndo pensando que eu estou passando mal, mas com todo o esforço que ainda tenho, faço o único pedido e espero que eles me concedam. — Traz o meu marido para mim.

Ela me olha com um sorriso triste e desvia para o médico.

— Chama ele Clarice — olho e vejo o médico sorrindo para mim.

— Obrigada — agradeço e que se abram as torneiras de lágrimas que eu adquiri desde que o Noah veio para a minha vida.

Eles me sentam, e eu gemo de dor mais uma vez. Uma enfermeira segura a minha cabeça e me diz para eu não me mexer. Sinto uma picada e no outro instante eu não sinto mais as minhas pernas, caramba, isso é uma sensação horrível! Mas pelo menos as contrações horríveis não estão me rasgando por dentro, então viva à anestesia epidural!

Sou deitada novamente e vejo a enfermeira retornar com uma pessoa toda paramentada como médico, mas nem a máscara esconde aqueles olhos azuis assustados e voltados para mim.

Noah se aproxima de mim e pega a minha mão solta e a beija repetidamente, não sei se para me acalmar, ou para acalmá-lo.

— Me promete uma coisa — ele me olha e acena que sim.

— Sempre, meu amor.

— Só não desmaia — sorrio, e ele me beija novamente.

Uma enfermeira pega o meu outro braço, pois o outro eu não largar do Noah, nem por toda a riqueza do mundo, e instala um soro que corre lentamente. Nós dois estamos em silêncio quando uma pequena cortina é colocada um pouco antes da minha barriga. E eles começam a cesárea.

Eu e o Noah se saímos com as nossas mãos daqui, vai ser um milagre, porque a cada minuto que se passa apertamos elas ainda mais. Ele está nervoso ao extremo, eu como estou impossibilitada de qualquer movimento, apenas estou aqui com diversos pensamentos se passando na minha cabeça e escutando os médicos conversarem sobre o trânsito da cidade e o clima.

Incrível como eles conseguem conversar os assuntos mais banais quando o meu mundo está prestes a mudar completamente!

— Ela está vindo — o médico fala e eu sinto a mão do Noah afrouxar da minha. Isso não é um bom sinal...

Viro e o pouco que vejo do seu rosto que não está coberto pela máscara, branco e os seus olhos arregalados.

— Noah... Não desmaia — sussurro para ele.

— Eu... — seus olhos ficam fora de foco.

— Enfermeira — grito e uma vem me socorrer —, o meu marido vai... — e a mão dele se solta e eu só escuto o barulho do Noah caindo no chão — desmaiar. — Termina a frase enquanto todos na equipe médica começam a rir do Noah e umas duas enfermeiras correm até ele.

— Que vergonha — murmuro e o médico, ainda rindo olha para mim.

— Não dá bola Su, noventa por cento dos pais desmaia no parto dos filhos, por isso que sempre tenho uma enfermeira a mais na sala comigo, especialmente para esses casos. Raro é quando um não faz isso.

Olho para o lado e o vejo recobrando a consciência. E quando os olhos deles focam em mim, ele não consegue disfarçar o sorriso. Mas tudo perde o foco quando escutamos o médico falar.

— E aqui está a moça!

Minha primeira ação foi de querer levantar, mesmo que eu estivesse com a minha barriga toda aberta, mas o efeito da anestesia não me deixa ver a minha filha. Vejo o Noah levantando e parado por uma enfermeira para não avançar nos médicos para pegar a nossa Fofinha. Um choro começa a ecoar na sala junto com o meu. E agora é o momento em que eu viro mãe de uma menina.

A cada segundo que se passa, parece anos e ninguém me escutava.

— Como ela está? — pergunto umas três vezes até uma enfermeira chegar e me dar um sorriso confiante.

Olho para o outro lado e vejo uma enfermeira com um pacotinho embrulhado em um lençol rosa vindo em minha direção. Noah se levanta, completamente recuperado do seu pequeno deslize do desmaio e pega a nossa filha no colo pela primeira vez.

— Hey Fofinha... — ele fala e eu não consigo parar de chorar aqui sem poder fazer nada. — Vamos conhecer a mamãe?

Ele se abaixa um pouco e com a ajuda de uma enfermeira coloca a nossa filha perto do meu rosto eu vejo a nova razão da minha vida.

Com uma carinha enrugada de quem não está gostando nada de ficar aqui fora e preferia voltar para dentro de mim, umas bochechas fofas e ela começa a chorar assustada com tudo a sua volta. Beijo seu rosto repetitivamente, tentando acalmá-la até a enfermeira ajudar o Noah a colocá-la em cima do meu peito para ela escutar os batimentos do meu coração para se tranquilizar e pensar que está de volta ao meu útero.

Com a mão livre que tenho, coloco em cima da cabecinha, mais cabeluda de bebê que eu já vi na minha vida, preto e fino como o meu. Sua mãozinha se agita até eu colocar a minha na dela. Pequena e perfeita. Olho para o Noah que está mais encantando que eu, com a pequena Fofinha que nós fizemos.

— Ela é linda — falo puxando a sua mãozinha para mais um beijo e ela para de chorar. Mesmo ainda estando um pouco sujinha, eu não dou bola.

— Linda do papai — vejo as lágrimas saírem dos seus olhos e não posso deixar de sorrir com tudo isso.

É um momento mágico, sem explicação para nenhuma pessoa que ainda não passou por um parto e a experiência completa da maternidade. Agora eu percebo que faria tudo de novo, e sentiria as dores do trabalho de parto completo só para ter essa coisinha pequena aqui deitada em cima de mim.

Ficamos ali babando na nossa cria por mais alguns segundos até uma enfermeira diferente, vestindo toda de rosa, vem colocar uma fita com o seu nome, junto com o meu, e nos avisar que tem que levá-la para o berçário e dar um banho completo na Fofinha. Olho para o Noah assustada, e quase xingo a enfermeira para não tocar na minha filha e deixá-la ali comigo,

onde é o seu devido lugar.

Mas é claro que eu não vou fazer isso com a pobre coitada que está tirando a minha filha de mim, uma mulher indefesa que está toda aberta em cima de uma mesa de cirurgia ainda. A Fofinha sai do meu peito e faz um biquinho para chorar e eu não posso fazer nada, olho para o Noah que está tão sem chão como eu, nesse momento. Faço uma comunicação visual com ele que entende e se levanta do chão, onde estava ajoelhado para ficar ao mesmo nível que eu.

— Posso ir junto?

— Claro — a enfermeira de rosa abre um sorriso que eu enxergo até através da máscara que ela está usando.

Bem, na verdade eu mandei um sinal dizendo para ele não deixar levá-la, mas saber que ele vai estar junto para onde ela for levada já é algum alívio para o meu coração. Ele me beija por cima da máscara mesmo e sussurra no meu ouvido.

— Eu não vou sair do lado dela até estar deitadinha no berçário, e então vou ficar pelo outro lado do vidro sem tirar os olhos dela. Eu prometo — me dá mais um beijo e me deixa ali, vendo dois terços do meu coração saírem pela porta, e a outra parte, com certeza não muito longe daqui ansioso para conhecer a sua irmã.

~

Fomos para casa dois dias depois de toda essa correria. A Fofinha estava ótima e recebemos muitas visitas. Os pais da Elis e a Dona Eulália vieram especialmente para conhecê-la, e aproveitei para pegar umas dicas de como conhecer a rotina de um bebê com a Anges. Óbvio que a Dona Eulália queria fazer mil e uma coisas para a Fofinha, inclusive colocar uma moeda de um real no umbigo dela para ir para o seu lugar. Foi uma briga e tanto para colocarmos na cabeça dela que não se fazia mais essas coisas.

O meu tio trouxe o Mário e a Rosa, que sempre cuidaram muito bem de mim, para conhecer a Fofinha. Foi emocionante ver eles com a minha filha sorrindo para as pessoas que me ajudaram a crescer no meio de toda a bagunça que a Cruela fazia comigo.

O pai do Noah e o meu tio ficaram competindo para saber qual é o avô mais coruja do momento. Como se ambos ficassem com ciúmes um do outro quando ela estava no colo de alguém. Às vezes eles pareciam até brigar pela atenção da criança que não conseguia nem enxergar direito, que eu ou o Noah tínhamos que nos intrometer no meio deles, mas depois de alguns dias, eles começaram a conviver pacificamente, ou pelo menos aparentavam. Mas bem que o meu tio deu um sorriso bem presunçoso quando levamos o pai do Noah ao aeroporto, na sua despedida de volta para a Inglaterra.

A Elis é a madrinha, tia maluca completa. Praticamente vive aqui em casa e quando a Fofinha não está dormindo ou mamando, fica com ela no colo e conversando como se a minha filha entendesse tudo o que ela fala. Já prometeu que a levaria as festas escondidas quando fosse mais velha, que daria todos os doces e guloseimas antes do almoço que uma criança nem deve sonhar em comer e que ajudaria ela a escolher o seu primeiro namorado. Quase que o Noah pulou no pescoço da Elis quando ouviu aquilo.

O Yago é um irmão e tanto. Sempre em volta dela quando está acordada, brincando quando a colocamos no seu colo. E não é que a mocinha já adora aquele irmão? Chega a rir sozinha quando o Yago chega perto dela. Sei que vão ser ótimos amigos e para a vida toda.

Além de todos fazerem todos os gostos da Fofinha, quem mais caiu de amores por ela? Sim, ele mesmo. O Gato! Quando cheguei em casa com ela no meu colo, mesmo morrendo de dor, eu não poderia deixar de chegar em casa com ela nos meus braços, o Gato veio me cheirar e com aquela curiosidade felina de não se importar quando o que ele mais quer é saber quem está na sua área. Assim que ele olhou para ela, ele se transformou. Juro que até vi uma espécie de “sorriso” por trás daquela antipatia toda, e quando ele olhou para mim expressou “ah humana, essa aí eu sei que vai me amar incondicionalmente, acho que até eu vou me afeiçoar a ela”. E saiu do sofá para deitar no seu sol de todos os dias.

O JB ficou em alas! Corria de um lado para o outro e latia para nós até que nós mostrássemos para ele a Fofinha. O Noah a tirou dos meus braços e abaixou até onde ele poderia alcançar e fez as devidas apresentações. Aí mesmo que o cachorro ficou doido! Até hoje, quando ela começa a chorar, ele é um dos primeiros que chega até ela e começa a latir para que nós irmos até ela. Inclusive nas madrugadas.

Eu e o Noah somos pais de primeira viagem que de longe se percebe. Às vezes não temos a mínima noção do que fazer e apenas deixamos o nosso instinto de pais protetores agirem. A distribuição das tarefas que está sendo um caos, pois ainda não temos prática com algumas coisas. As fraldas por exemplo, ainda temos medo de apertar demais quando fechamos e já tivemos que dar diversos banhos na Fofinha antes do programado porque simplesmente vazou para tudo que é lado. Mas no fim tudo é festa, ela adora uma água e nem preciso dizer que fica de mau humor quando está com calor, nem sei de quem puxou esse jeitinho de ursinha polar.

Mas o que realmente sentimos falta, é de uma boa noite de sono completa. Porque se foi uma coisa que ela puxou de mim desde que nasceu, foi a fome. Tanto que tem vezes que eu penso que só a minha presença ao seu lado faz um rombo no seu minúsculo estômago, porque ela começa a chorar e só se acalma quando está grudada em mim e me sugando até a alma.

Literalmente eu virei uma vaca. E leiteira ainda.

Tanto que alguns dias eu não dou conta de produzir o suficiente para a esfomeada ou então ela toma demais e vomita. Aliás, esse se tornou o meu novo perfume “L'essence de Fofinha” como o Noah batizou, com um sotaque Frances sexy. O cheiro que gruda em nós quando ela tem um ataque de refluxo, que o pediatra disse que é absolutamente normal para a gana dela por leite. Uma maravilha só, quando não é por baixo, é por cima que ela nos ataca.

Esses dias eu me prestei a contar quantas roupinhas dela havia no varal. Doze em dois dias. Ainda bem que o nosso estoque está grande e os dias bonitos de sol estão contribuindo para elas secarem.

Eu ainda não voltei a trabalhar, pretendo ficar mais uns dois meses cheirando a minha Fofinha, até o Yago e o Noah encerrarem o ano letivo e ela não ser tão dependente de mim. Sei que não vai ser uma coisa fácil de fazer, mas necessária. Os meus eventos estão todos sob controle comigo trabalhando em casa e a Carla comandando tudo, mas o que eu mais sinto falta é das minhas crianças no orfanato. Sei que elas estão morrendo de saudades de mim também, o Noah me traz pilhas e mais pilhas de cartinhas todas as vezes que volta de lá, e eu não vejo a

hora de voltar as minhas aulas. No início, vou pegar um turno só e juntar todas as crianças pois elas vão estar em férias, e quando a Fofinha completar os seis meses, eu volto com força total.

Abro os olhos quando sinto uma movimentação estranha no quarto. Vejo o Noah pegando a Fofinha do seu berço, que está ao lado da nossa cama, a beijar repetidamente e se deitar com ela no seu peito. Minha filha abre aqueles olhos azuis que herdou do pai que fazem com que ela se pareça como uma boneca, ainda mais com aqueles meus cabelos pretos, as bochechas grandinhas e a pele clara. Dona Eulália até me disse para benzer ela seguidamente para não ficar com “quebrante” de tão linda que ela é, modéstia a parte.

— Oi Fofinha, o papai estava com saudades — e ela sorri para ele.

Mexo-me na cama devagarzinho, para não acordar o Yago que dorme no meu lado na cama. Todos os dias depois que ele me ajuda com o banho da irmã e que jantamos, nos deitamos aqui para ficar brincando antes que ela durma e o Noah chegue da faculdade. Geralmente ele fica assistindo TV, depois que ela dorme de bunda limpa e barriga relativamente cheia, e eu aproveito os minutos de folga para dormir antes da próxima refeição. E hoje, nós dois dormimos.

Como um relógio, muito bem ajustado, ela acorda assim que o Noah chega ao quarto e fica olhando para o enfeite de vaquinhas que a Dinda Elis deu para ela. Se ninguém a pega do berço depois que ele chega, a moça começa a ficar brava e chorar desesperadamente. Então o Noah, já sabendo das manhas dela já a traz para a cama junto com ele. E antes que ela comece a reclamar de fome, a mima tudo o que não mimou nas quatro horas que ele esteve em sala de aula.

Mas não adianta, no momento que ela me enxerga, seu queixinho começa a tremer e ela desata a chorar.

— Já estou indo... — falo para acalmá-la e não acordar o Yago, senão vai ficar ele e o Noah babando em cima dela enquanto ela mama.

Me levanto e caminho em direção do lado do Noah da cama, pego ela no meu colo que ainda está chorando e o Yago se acorda.

— Mãe? — seus olhos se abrem me procurando e suavizam quando ele vê que eu já estou com a faminta no meu colo. — Oi Pai. Posso dormir aqui hoje?

Eu e o Noah trocamos um olhar enquanto eu me sento no seu colo para amamentar a Fofinha, e o Yago se deita no seu travesseiro esperando a resposta com um sorriso esperançoso no rosto. Ele nunca foi de dormir no nosso meio, só quando está com alguma gripe ou muita chuva lá fora. Ele também não tem nenhum pinga de ciúmes da irmã, confesso que no fundo eu pensei que ele iria ficar com um pouco de receio devido as mudança da rotina aqui de casa e um bebê pedindo por atenção o tempo todo, mas o meu Anjo me surpreende cada vez mais.

— Só hoje... — aviso enquanto a Fofinha começa a sugar até a alma de mim, tanto que até dói um pouco.

Ficamos os três em silêncio observando ela se alimentar de mim. Não existe uma ligação mais linda entre mãe e filho do que esse momento único. Noah faz um carinho na sua cabecinha e ela abre os olhos azuis e dá um pequeno sorriso sem me largar, e com isso o meu coração se derrete. Yago se ajoelha ao nosso lado e pega na mãozinha da sua irmã e a beija

delicadamente.

Noah me beija na cabeça quando essa cena de amor escorre pelo quarto que estamos. Somos uma família completa agora. Prontos para enfrentarmos tudo e todos que possam nos atormentar.

Fim.